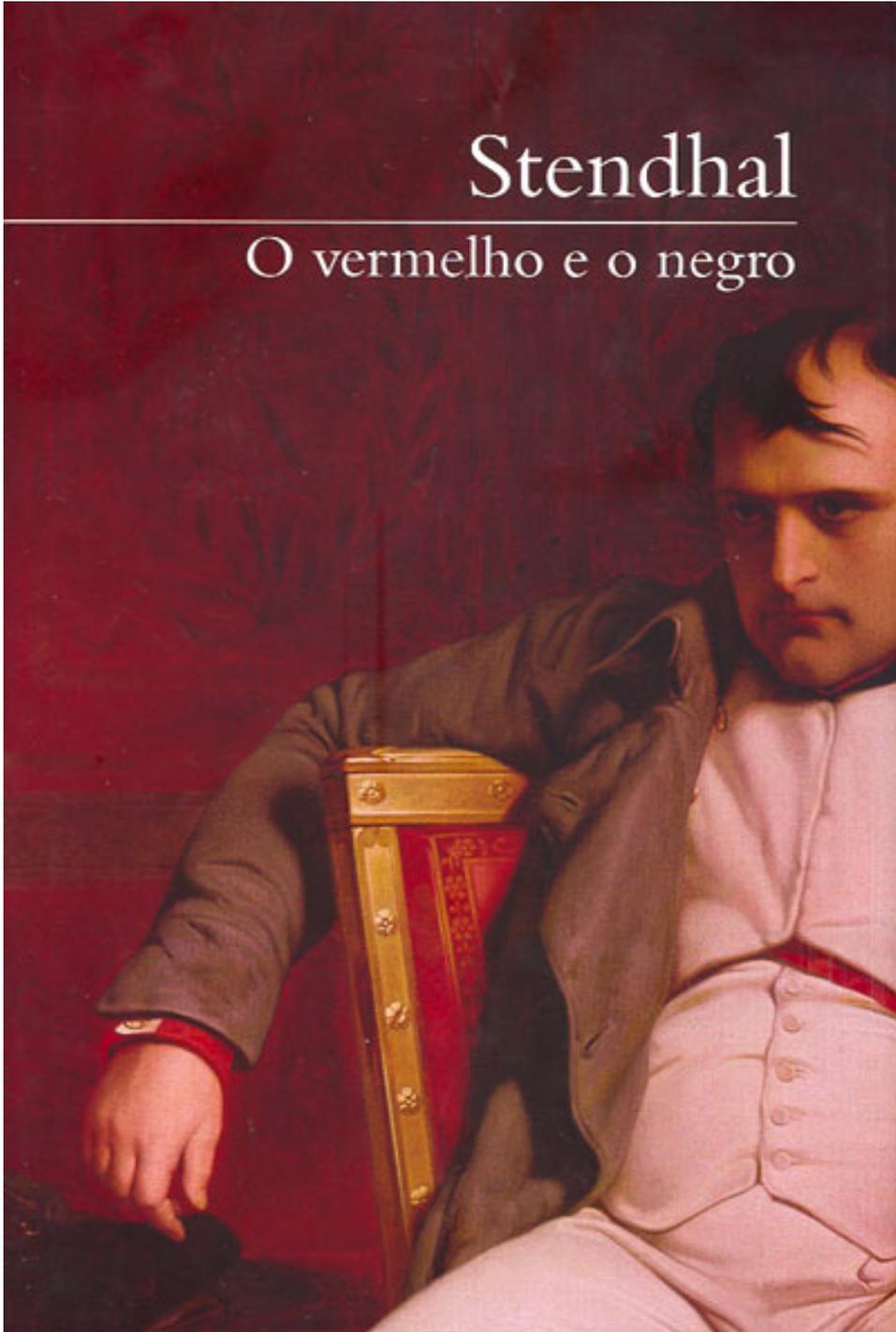


Stendhal

O vermelho e o negro



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

## PRIMEIRA PARTE

## UMA PEQUENA CIDADE

*Put thousands together Less had  
But the cage less gay.*  
Hobbes

Verrières pode ser considerada uma das mais lindas cidades do Franco Condado. As suas casas brancas, com os pontiagudos telhados vermelhos, estendem-se pelo declive de uma colina em que as sinuosidades são marcadas por maciços de vigorosos castanheiros. O Doubs corre a algumas dezenas de metros abaixo das suas fortificações, construídas outrora pelos Espanhóis e hoje em ruínas.

A pequena cidade está abrigada do norte por uma montanha alta, um dos contrafortes do Jura. Os cumes recortados do Verra cobrem-se de neve com os primeiros frios de Outubro. Uma torrente, que se precipita da montanha, atravessa Verrières, antes de se lançar no Doubs, e põe em movimento um grande número de serrações de madeira. É uma indústria simples e que proporciona um certo bem-estar à maior parte dos habitantes, mais campônios que citadinos. Contudo, não foi esta indústria que enriqueceu aquela cidadezita. À fábrica de chitas, chamadas de Mulhouse, se deve a abundância geral que, desde a queda de Napoleão, tornou possível a reconstrução das fachadas de quase todas as casas de Verrières.

Mal se entra na cidade fica-se aturdido pelo estrépito de uma máquina barulhenta e de aparência terrível. Vinte pesados martelos, tombando com um estrondo que faz tremer o pavimento, são erguidos por uma roda movida pela água da torrente. Cada um fabrica por dia não sei quantos milhares de pregos. São lindas e frescas raparigas quem coloca debaixo destes enormes martelos os bocaditos de ferro que são rapidamente transformados em pregos. Este trabalho, de aparência tão rude, é um dos que causam mais admiração ao viajante que vai pela primeira vez às montanhas que separam a França da Helvécia. Se, ao entrar em Verrières, perguntar a quem pertence a bela fábrica de pregos que ensurdece as pessoas que sobem a Grande Rua, responder-lhe-ão com uma entoação arrastada: “Ah! É do senhor presidente da Câmara.”

Mesmo que o viajante se demore pouco nessa Grande Rua de Verrières, que sobe desde as margens do Doubs até ao alto da colina, tem cem probabilidades contra uma de ver surgir um homem alto com ar importante e

atarefado.

O seu aspecto faz tirar rapidamente todos os chapéus. Tem o cabelo grisalho e anda vestido de cinzento. É cavaleiro de várias ordens, tem testa alta, nariz aquilino e o conjunto da sua fisionomia revela certa harmonia; parece até, à primeira vista, que à dignidade de presidente de câmara provinciano reúne a aparência agradável que se pode ter com quarenta e oito a cinquenta anos. Mas depressa o viajante parisiense se sente chocado por um certo ar de contentamento de si próprio, misturado com não sei quê de acanhado e falho de imaginação. Enfim, sente-se que aquele homem se limita a fazer pagar exactamente o que lhe devem e a pagar o mais tarde possível aquilo de que é devedor.

Assim é o presidente da Câmara de Verrières, senhor de Rênal.

Depois de atravessar a rua com passo grave, entra na Câmara e desaparece da vista do viajante. Porém, se este continua o seu passeio, depara-se-lhe, cem passos mais acima, uma casa de bela aparência e, através de um gradeamento de ferro pertencente à dita casa, uns jardins magníficos. Para além é a linha do horizonte formada pelas colinas da Borgonha e que parece feita de propósito para deliciar os olhos. Aquela vista faz esquecer ao viajante a atmosfera empestada da ganância pelo dinheiro que começa a asfixiá-lo.

Contam-lhe que aquela propriedade pertence ao senhor de Rênal.

É aos ganhos que teve na sua grande fábrica de pregos que o presidente deve esta bela residência de pedra talhada, que está agora a ser terminada. Dizem que a sua família é antiga, de origem espanhola, estabelecida no país antes da conquista por Luís XIV.

Desde 1815 envergonha-se de ser industrial: 1815 fê-lo presidente da Câmara de Verrières. Os muros em terraço que sustêm as diversas partes deste magnífico jardim, que, de socalco em socalco, desce até ao Doubs, são também recompensa da ciência do senhor de Rênal como comerciante de ferro.

Não espereis encontrar em França aqueles pitorescos jardins que rodeiam as cidades industriais da Alemanha: Leipzig, Francfort, Nuremberga, etc. No Franco Condado, quanto mais paredes se constróem, quanto mais se erica a propriedade de pedras, umas sobre as outras, mais direitos se adquirem à admiração dos vizinhos. Os jardins do senhor de Rênal, cheios de muros, são também admirados por ele ter comprado a peso de ouro certas parcelas do terreno que ocupam. Por exemplo, esta serração de madeira, cuja singular posição na margem do Doubs vos impressionou ao entrar em Verrières e onde se vê o nome de Sorel escrito em letras agigantadas numa tábuia por cima do telhado, ocupava, há seis anos, o espaço sobre o qual hoje se eleva a parede do quarto terraço dos jardins do senhor de Rênal.

Apesar do seu orgulho, o senhor presidente teve de fazer bastantes diligências junto do velho Sorel, campônio casmurro e persistente; teve de gastar belas moedas de ouro para conseguir que ele transferisse para outro local a sua oficina. Quanto ao ribeiro público que movia a serra, o senhor de Rênal, com a influência que tinha em Paris, conseguiu que fosse desviado. Isto foi-lhe concedido depois das eleições de 1821.

Deu a Sorel dois hectares em troca de meio hectare quinhentos metros mais abaixo, à beira do Doubs. E apesar de esta posição ser muito mais vantajosa para o seu comércio de tábuas de pinho, o pai Sorel, como lhe chamam desde que enriqueceu, conseguiu obter da impaciência e mania de proprietário de que o seu vizinho estava possuído a quantia de seis mil francos. Valha a verdade que esta combinação foi criticada pelas pessoas ajuizadas. Um domingo, há quatro anos, quando o senhor de Rênal voltava da igreja fardado de presidente, viu de longe o velho Sorel, rodeado pelos três filhos, fitá-lo a sorrir. Aquele sorriso escureceu a alma do senhor presidente; desde então pensa para consigo que poderia ter conseguido a troca por preço mais favorável.

Para se obter a consideração pública em Verrières é preciso não adoptar, apesar de ter de se construir muitos muros, qualquer plano trazido de Itália pelos pedreiros que na Primavera atravessam os desfiladeiros do Jura com destino a Paris. Tal inovação acarretaria sobre o imprudente construtor a eterna reputação de má cabeça, ficando perdido para sempre no conceito das pessoas sensatas e moderadas que distribuem a consideração no Franco Condado.

Com efeito, essas pessoas exercem ali o mais aborrecido dos despotismos; e por causa desta feia palavra é que a vida nas cidades pequenas se torna insuportável para quem viveu na grande república que se chama Paris. A tirania da opinião - e que opinião! - é tão estúpida nas pequenas cidades da França como nos Estados Unidos da América.

## UM PRESIDENTE DA CÂMARA

*A importância! Senhor, isto não é nada?  
O respeito dos tolos, o espanto das crianças, a  
inveja dos ricos, o desprezo do sábio.*

Barnave

Felizmente para a reputação do senhor de Rênal como administrador, o passeio público que bordeja a colina, uma centena de pés acima do curso do Doubs, necessitou de uma imensa parede de suporte. Esta admirável posição dá-lhe uma das mais pitorescas paisagens da França. Mas, chegada a Primavera, as águas da chuva enchiam-no de sulcos, escavavam ravinas, tornavam-no impraticável. Este inconveniente, que todos sentiam, levou o senhor de Rênal à feliz necessidade de imortalizar a sua administração com um muro de seis metros de altura e sessenta ou oitenta metros de comprimento. O parapeito desta parede, que obrigou o senhor de Rênal a fazer três viagens a Paris, porque o antepenúltimo ministro do Interior se tinha declarado mortal inimigo do passeio de Verrières, eleva-se agora a um metro e meio acima do solo. E, como que para desafiar todos os ministros passados e presentes, estão neste momento a guarnecê-lo com pedra de cantaria.

Quantas vezes, recordando os bailes de Paris, que na véspera deixara, com o peito encostado a estes grandes blocos de um cinzento-azulado, os meus olhares mergulhavam na planície de Doubs! Ao longe, na margem esquerda, serpenteiam quatro ou cinco vales, no fundo dos quais se distinguem muito bem uns regatozitos. Depois de saltarem de cascata em cascata, vemo-los tombar no Doubs. Nestas montanhas o Sol é muito quente; quando brilha em cheio, o viajante sonhador é abrigado neste terraço por plátanos magníficos. O seu crescimento rápido e bela verdura a cambiar para o azul são devidos à terra para ali trazida e que o senhor presidente mandou pôr atrás do enorme muro de suporte, porque, não fazendo caso da oposição do conselho municipal, alargou o passeio mais de dois metros (apesar de ele ser realista e eu liberal, louvo-o por isso); eis por que, na sua opinião e na do senhor Valenod, o feliz

director do asilo de mendicidade de Verrières, este terraço pode ser comparado com o de Saint-Germain-en-Laye.

Quanto a mim, só tenho uma coisa a dizer da Alameda da Fidelidade; este nome oficial lê-se em quinze ou vinte sítios, em placas de mármore que valeram ao senhor de Rênal mais uma condecoração; o que eu censuraria à Alameda da Fidelidade seria a forma bárbara como a autoridade mandou podar aqueles vigorosos plátanos. Em lugar das copas baixas e redondas, que os assemelham a banais árvores de pomar, bem desejariam eles ter o porte magnífico que se lhes vê em Inglaterra. Mas todas as árvores pertencentes à comuna são impiedosamente amputadas. Os liberais do sítio pretendem, mas exageram, que a mão do jardineiro oficial se tornou mais severa desde que o senhor vigário Maslon tomou o hábito de se apoderar do produto da tosquia.

Este jovem eclesiástico foi enviado de Besançon há alguns anos para vigiar o abade Chélan e alguns prelados dos arredores. Um velho cirurgião-mor do exército de Itália, que se retirara para Verrières e que, enquanto vivo, era, segundo dizia o senhor presidente, jacobino e bonapartista, ousou um dia queixar-se-lhe da mutilação periódica das belas árvores.

- Gosto da sombra - respondeu o senhor de Rênal, com o tom de voz próprio para falar a um cirurgião membro da Legião de Honra -, gosto da sombra e mando cortar as minhas árvores para que dêem sombra; não concebo que uma árvore seja feita para outra coisa quando, ao contrário da útil noqueira, não dá rendimento.

Eis as palavras mágicas que em Verrières tudo decidem: dar rendimento; por si só representam o pensamento habitual de mais de três quartas partes dos habitantes.

Dar rendimento é a finalidade que decide tudo nesta pequena cidade que vos parecia tão bonita. O estrangeiro que chega, seduzido pela beleza dos frescos e profundos vales que a rodeiam, julga, primeiro, que os seus habitantes são sensíveis ao belo; falam continuamente na beleza da sua terra: não se pode negar que não façam caso dela; mas é porque atrai alguns estrangeiros, cujo dinheiro enriquece os hoteleiros, o que, pelo mecanismo dos impostos, dá rendimento à cidade.

Num lindo dia de Outono, o senhor de Rênal passeava na Alameda da Fidelidade, dando o braço a sua mulher. Enquanto ouvia o marido, que falava com ar grave, os olhos da senhora de Rênal seguiam, inquietos, os movimentos de três rapazitos. O mais velho talvez de uns onze anos, aproximava-se com frequência do parapeito, fazendo menção de lá subir. Uma voz doce pronunciava então o nome de Adolfo, e a criança renunciava ao seu ousado projecto. A senhora de Rênal parecia uma mulher de trinta anos, mas era ainda

bonita.

- Esse elegante senhor de Paris ainda pode arrepender-se - dizia o senhor de Rênal, com ar ofendido e com as faces ainda mais pálidas do que habitualmente. Tenho amigos no Palácio... Mas, apesar de vos querer falar da província durante duzentas páginas, não levarei a barbaridade ao ponto de vos fazer sofrer o tamanho e os fins subentendidos de um diálogo de província.

Aquele elegante senhor de Paris, tão odioso para o presidente da Câmara de Verrières, era o senhor Appert, que dois dias antes achara meio de se introduzir não só na prisão e no asilo de mendicidade de Verrières, como também no hospital, administrado gratuitamente pelo presidente e pelos principais proprietários do sítio.

- Mas - dizia, timidamente, a senhora de Rênal - que prejuízo lhe pode causar esse senhor de Paris, se você administra os bens dos pobres com a mais escrupulosa probidade?

- Ele vem só para exercer a censura, e em seguida fará inserir artigos nos jornais do liberalismo.

- Você nunca os lê.

- Mas falam-nos destes artigos jacobinos; tudo isso nos desvia a atenção e nos impede de fazer bem. Quanto a mim, nunca perdoarei ao cura.

## O BEM DOS POBRES

*Um cura virtuoso e não intriguista é  
uma providência para a aldeia.*

Fleury

Deve saber-se que o cura de Verrières, velho de oitenta anos, mas que devia ao ar daquelas montanhas uma saúde e um carácter de ferro, tinha o direito de visitar a qualquer hora a prisão, o hospital e até o asilo de mendicidade. Foi precisamente às seis da manhã que o senhor Appert, que de Paris vinha recomendado ao cura, teve a acertada ideia de chegar a uma cidadezita curiosa. Foi imediatamente ao presbitério.

Ao ler a carta que lhe enviava o senhor marquês de La Mole, par de França e o mais rico proprietário da província, o cura Chélan ficou pensativo.

“Estou velho e aqui gostam de mim”, disse para consigo a meia voz. “Eles não ousariam!” E, voltando-se para o parisiense, com uns olhos onde, apesar da idade, brilhava aquele fogo sagrado que anuncia o contentamento de praticar uma boa acção um pouco perigosa, disse:

- Venha comigo, e, em presença do carcereiro e, sobretudo, dos vigilantes do asilo de mendicidade, não emita opinião alguma sobre as coisas que virmos.

O senhor Appert compreendeu que estava a tratar com um homem de bom coração; seguiu o venerável cura, visitou a prisão, o hospício, o asilo, formulou muitas perguntas, e, apesar da estranheza das respostas, não fez a menor censura.

Aquela visita demorou várias horas. O cura convidou-o para almoçar, mas o senhor Appert alegou que tinha umas cartas para escrever: não queria comprometer mais o seu generoso companheiro. Cerca das três horas foram acabar a inspecção do asilo da mendicidade e voltaram depois à prisão. Na porta encontraram o carcereiro, espécie de gigante de um metro e noventa, com pernas arqueadas; a prática do terror dera-lhe aos traços fisionómicos uma expressão brutal.

- Ah! senhor prior... - disse ele ao cura, mal o viu - é o senhor Appert quem

vem com V. Exa.?

- Que lhe importa? - disse.

- É que desde ontem tenho ordens rigorosas, que o senhor prefeito me mandou por um gendarme que deve ter galopado toda a noite, para não deixar entrar o senhor Appert na prisão.

- Declaro-lhe, senhor Noiroud - respondeu o cura -, que o viajante que está comigo é o senhor Appert. E o senhor não sabe que tenho o direito de entrar na prisão a qualquer hora do dia ou da noite, acompanhado por quem eu quiser?

- Sim, senhor cura - disse o carcereiro em voz baixa, curvando a cabeça como um cão que obedece com medo do pau. - Mas tenho mulher e filhos e, se me acusarem, sou demitido; e eu vivo só do meu lugar.

- Também teria muita pena se perdesse o meu - retorquiu o cura numa voz comovida.

- Que diferença! - respondeu o carcereiro com vivacidade. - Toda a gente sabe que o senhor cura tem oitocentas libras de rendimento, de belos bens ao sol...

Tais são os factos que, comentados, exagerados de vinte formas diferentes, há dois dias agitavam as odiosas paixões da cidadezita de Verrières. Naquele momento serviam de assunto à pequena discussão entre o senhor de Rênal e sua mulher. De manhã, seguido do senhor Valenod, director do asilo de mendicidade, fora a casa do cura para lhe testemunhar o seu vivo descontentamento. O senhor Chélan não era protegido por ninguém; sentiu todo o alcance daquelas palavras.

- Pois bem, senhores, serei o terceiro cura de oitenta anos de idade que demitirão nos arredores. Há cinquenta e seis anos que aqui estou; baptizei quase todos os habitantes da cidade, que era apenas uma vila quando cá cheguei. Caso todos os dias jovens cujos avós também já casei. Verrières é a minha família; mas disse para comigo ao ver o estrangeiro: "Este homem vindo de Paris pode, na verdade, ser um liberal, que é o que não falta; mas que mal pode ele fazer aos nossos pobres e aos nossos presos?"

As censuras do senhor de Rênal e, sobretudo, do senhor Valenod, director do asilo, tornavam-se cada vez mais acerbas.

- Pois bem, façam com que me demitam - exclamou o cura com voz trémula. - Nem por isso deixarei de habitar esta terra. Sabe-se que há quarenta e oito anos herdei uns campos que me rendem oitocentas libras; viverei deste rendimento. No meu lugar não junto economias, e é talvez por isso que me assusta perdê-lo.

O senhor de Rênal vivia muito bem com a mulher; mas, não achando que responder àquela ideia que ela timidamente repetia: "Que mal pode esse senhor

de Paris fazer aos presos?” E estava quase a zangar-se quando ela deu um grito. O seu segundo filho acabava de subir ao parapeito do muro do terraço e corria por cima dele, apesar de esse muro estar a uma altura de mais de seis metros sobre a vinha que havia do outro lado. O receio de assustar o pequeno e de o fazer cair impedia a senhora de Rênal de lhe dirigir a palavra. Por fim, a criança, que ria da sua proeza, olhou para a mãe, viu-lhe a palidez, saltou para o chão e dirigiu-se-lhe. Ralharam-lhe muito. Este incidente fez mudar o rumo da conversa.

- Vou combinar com o Sorel, o filho do serrador, para ir lá para casa - disse o senhor de Rênal. - Tomará conta das crianças, que estão endiabradas de mais para as aturarmos. É um padre jovem, o que quer dizer um bom latinista, que fará adiantar os pequenos, porque tem um carácter firme, segundo diz o cura. Dar-lhe-ei trezentos francos e alimentação. Tinha algumas dúvidas sobre a sua moralidade; era o benjamim do velho cirurgião, membro da Legião de Honra, que, com o pretexto de ser primo dos Sorel, se lhes hospedou em casa. Esse homem podia, afinal, ser um agente secreto dos liberais; dizia que o ar das nossas montanhas lhe fazia bem à asma; mas é o que resta provar. Tinha tomado parte em todas as campanhas de Bonaparte em Itália e dizia-se que assinara Não, em tempos, contra o Império. Este liberal ensinou latim ao filho do Sorel e deixou-lhe a enorme quantidade de livros que trouxera consigo. Por isso eu nunca pensaria em pôr o filho do carpinteiro junto dos nossos filhos, mas o cura, justamente na véspera da cena que nos deixou zangados para sempre, disse-me que o Sorel estuda teologia há três anos com intenção de entrar para o seminário; portanto não é liberal, é latinista.

- Este arranjo convém-nos por mais de uma razão - continuou o senhor de Rênal, olhando para a mulher com ar diplomático. - Valenod está todo ufano com os dois belos normandos que comprou para a caleça. Mas não tem preceptor para os filhos.

- E podia tirar-nos este.

- Então aprova o meu projecto? - retorquiu ele, agradecendo à mulher, com um sorriso, a excelente ideia que ela acabava de ter. - Nesse caso, está decidido.

- Ah! bom Deus!... Como é rápido a tomar uma decisão!

- É porque tenho carácter, e o cura bem o viu. Não tenhamos alusões, estamos aqui rodeados de liberais.

Todos estes negociantes de tecidos me invejam, tenho a certeza; dois ou três estão a ficar uns ricos; pois bem, gosto bastante que vejam os filhos do senhor de Rênal passeando vigiados pelo seu preceptor. É uma coisa que se impõe. Meu avô contava-me que quando era novo tinha um preceptor. Custará

uns escudos; é uma despesa que podemos classificar como necessária à nossa posição.

Esta resolução súbita deixou a senhora de Rênal pensativa. Era uma mulher alta, bem feita, que fora a beleza da terra, como se diz ali nas montanhas. Tinha um certo ar de simplicidade e mocidade no andar, e aos olhos de um parisiense aquela graça ingénuo, cheia de vivacidade e inocência, chegaria a sugerir pensamentos de doce volúpia. Se ela soubesse deste género de sucesso teria ficado bem envergonhada. Nunca aquele coração tinha sido a florado nem pela toleima, nem pela afectação. O rico director do asilo tinha fama de lhe ter feito a corte, mas sem sucesso, o que aumentara o brilho da sua virtude; porque aquele senhor Valenod, homem novo e alto, talhado em linhas de força, de cara corada e grandes bigodes pretos, era desses seres grosseiros, descarados e barulhentos que na província são chamados homens bonitos.

A senhora de Rênal, muito tímida e com um temperamento aparentemente desigual, sentia-se sobretudo chocada pelo movimento contínuo e pelo vozeirão do senhor Valenod. O afastamento em que se mantinha daquilo a que em Verrières chamavam alegria dera-lhe reputação de orgulhosa da sua linhagem. Nem pensava nisso, mas ficara muito contente por ver que os habitantes da cidade frequentavam menos a sua casa. Não ocultaremos que as outras mulheres a consideravam estúpida, porque, sem jeito para lidar com o marido, deixava perder as melhores ocasiões de comprar os lindos chapéus de Paris ou Besançon. Contanto que a deixassem passear sozinha nos seus belos jardins, não se queixava.

Era uma alma inocente que nunca se atrevera a julgar o seu marido e a confessar que ele a aborrecia. Supunha, sem o dizer a si própria, que entre marido e mulher não havia mais doces relações. Amava o senhor de Rênal, sobretudo quando ele fazia projectos a respeito dos filhos, que destinava um à vida militar, o segundo à magistratura e o terceiro à igreja. Em suma, achava o marido menos aborrecido que qualquer outro dos homens que conhecia.

Esta opinião conjugal era razoável. O presidente da Câmara de Verrières devia a reputação de espirituoso e, sobretudo, de homem de bom-tom a meia dúzia de gracejos que herdara de um tio. O velho capitão de Rênal fazia serviço, antes da revolução, no regimento de infantaria do senhor duque de Orleães, e, quando ia a Paris, era recebido nos salões do príncipe. Tinha lá encontrado a senhora de Montesson, a famosa senhora de Genlis, o senhor Ducret, o criador do Palais Royal. Estas personagens apareciam bastas vezes nas anedotas do senhor de Rênal. Mas, pouco a pouco, a recordação de coisas tão difíceis de contar tornara-se num acto trabalhoso para ele e, agora, havia algum tempo já que só nas grandes ocasiões repetia as anedotas relativas à casa de Orleães.

Como também era muito cortês, excepto quando falava de dinheiro, passava, com razão, por ser a personagem mais aristocrática de Verrières.

## UM PAI E UM FILHO

*E sard mia colpa,*

*Se cosi é?*

Machiavelli

“Minha mulher é na verdade inteligente”, dizia no dia seguinte, às seis da manhã, o presidente da Câmara de Verrières, descendo para a serração do pai Sorel. “Embora eu lhe tenha dito alguma coisa, para conservar a superioridade que me pertence, não tinha pensado que, se não tomar o abadezinho Sorel, que, dizem, sabe latim como um anjo, o director do asilo, aquela alma inquieta, poderia ter a mesma ideia e roubar-mo. E com que tom de importância falaria do preceptor de seus filhos!... Este preceptor continuará a usar a sotaina quando estiver ao meu serviço?”

Ia o senhor de Rênal mergulhado nesta dúvida quando viu ao longe um camponês, homem alto, que logo de manhãzinha parecia bastante ocupado a medir os troncos amontoados ao longo do Doubs. Não mostrou ficar satisfeito ao ver aproximar-se o senhor presidente, porque a madeira obstruía o caminho, e isso era contra a lei.

O pai Sorel, porque era ele, ficou muito surpreendido e contente com a singular proposta que o senhor de Rênal lhe fazia para o seu filho Julião. Nem por isso deixou de o ouvir com o ar de tristeza descontente e de desinteresse que os habitantes daquelas montanhas sabem tão bem aparentar. Escravos no tempo da dominação espanhola, conservam ainda aquele traço da fisionomia do felá do Egipto.

A resposta de Sorel não foi, primeiro, senão um longo recitar de fórmulas respeitadas que sabia de cor. Enquanto repetia estas palavras vãs, com um sorriso acanhado que aumentava o ar de falsidade e quase de velhacaria próprio da sua fisionomia, o espírito activo do velho camponês procurava descobrir a razão que induziria um homem tão importante a levar para casa o maroto do seu filho. Estava muito descontente com Julião, e era por ele que o senhor de Rênal lhe vinha oferecer um ordenado inesperado de trezentos

francos por ano, com alimento e até vestuário. Esta última pretensão, que o pai Sorel tivera a habilidade de colocar à frente, subitamente, tinha sido também concedida pelo senhor de Rênal.

O pedido surpreendeu o presidente. “Visto que Sorel não ficou encantado e lisonjeado com a minha proposta, como devia ficar, é claro que já lhe fizeram oferecimentos de outro lado; e donde poderiam ter partido senão do senhor Valenod?” E em vão tentou que o pai Sorel decidisse imediatamente: a astúcia do velho camponês recusou-se com obstinação. Queria, dizia ele, consultar seu filho; como se na província um pai rico consultasse um filho que nada tem, a não ser por formalidade. Uma serração de madeira movida a água compõe-se de um barracão à borda de um ribeiro. O telhado é sustido por um vigamento que assenta sobre quatro grandes pilares de madeira. Erguida a três ou quatro metros de altura, no meio do barracão, vê-se uma serra que sobe e desce, enquanto um mecanismo muito simples empurra contra esta serra uma prancha de madeira. E uma roda posta em movimento pelo ribeiro que faz andar este duplo mecanismo: o da serra, que sobe e desce, e o que empurra devagar a peça de madeira contra a serra, que a corta em tábuas.

Ao aproximar-se da fábrica o pai Sorel chamou Julião com a sua voz forte; ninguém respondeu. Viu apenas os filhos mais velhos, espécie de gigantes que, munidos de pesados machados, esquadriavam os troncos de pinheiro que iam levar à serra. Seguiam com exactidão os traços negros marcados nas peças de madeira e cada golpe dos seus machados cortava pedaços enormes. Não ouviram a voz do pai, que se dirigiu para o barracão. Ao entrar, procurou Julião no lugar que lhe competia, ao lado da serra. Não estava. Descobriu-o um pouco mais acima, a cavalo sobre uma das vigas. Em lugar de vigiar atentamente o trabalho do mecanismo, Julião lia. Para o velho Sorel, nada era mais desagradável; talvez tivesse perdoado àquele filho a sua fraca estatura, pouco própria para os trabalhos de força e tão diferente da dos mais velhos; mas aquela mania da leitura era-lhe odiosa: ele próprio não sabia ler.

Em vão o chamou duas ou três vezes. Tinha a atenção absorvida pelo livro, que, bem mais que o ruído da serra, o impediu de ouvir a terrível voz do pai. Por fim, apesar do peso dos anos, o velho saltou levemente sobre o tronco que estava na serra e dali para a viga transversal que sustinha o telhado. Uma pancada violenta atirou ao ribeiro o livro que o rapaz lia; uma segunda pancada, igualmente violenta, dada na cabeça, fez-lhe perder o equilíbrio. Ia a cair no meio das alavancas da máquina em acção, que o faziam em pedaços, quando o pai o segurou com a mão esquerda:

- Então, preguiçoso! Hás-de sempre ler os teus malditos livros quando estás de guarda à serra? Lê-os à noite, quando vais perder o teu tempo para

casa do cura!

Julião, embora atordoado pela pancada e apesar de estar a escorrer sangue, aproximou-se do seu posto oficial, ao lado da serra. Tinha os olhos cheios de lágrimas, menos pela dor física do que pela perda do livro amado.

- Desce, animal, para eu te falar.

O barulho da máquina não deixou também que Julião ouvisse esta ordem. O pai, que já descera e não queria de novo ter o trabalho de subir, foi buscar uma comprida vara de apanhar as nozes e bateu-lhe com ela no ombro. Mal o rapaz desceu, o velho Sorel empurrou-o com rudeza para dentro de casa.

“Só Deus sabe o que me irá fazer”, dizia para consigo. Ao passar, olhou para o ribeiro onde o livro caíra; era, de todos o que ele mais estimava: o Memorial de Santa Helena.

Tinha as faces vermelhas e os olhos baixos. Era um rapaz de dezoito para dezanove anos, de aparência fraca, feições irregulares, mas delicadas, e nariz aquilino. Nos seus grandes olhos pretos, que nos momentos de tranquilidade denunciavam ardor e reflexão, brilhava agora um ódio feroz. Cabelos castanho-escuros nascidos muito baixo faziam-lhe a testa pequena e, nos momentos de cólera, davam-lhe um ar mau. A estatura esbelta e bem modelada revelava mais ligeireza que vigor. Desde a infância, o seu ar extraordinariamente pensativo e a sua grande palidez tinham incutido ao pai a ideia de que ele não viveria e que, se vivesse, seria um encargo para a família. Em casa todos o desprezavam e por isso ele odiava os irmãos e o pai. Ao domingo, nos jogos da praça pública, era sempre derrotado.

Apenas há um ano a sua cara bonita começava a angariar-lhe vozes amigas por entre as raparigas. Desprezado por todos como um ser fraco, Julião adorara aquele velho cirurgião-mor que um dia ousou falar ao presidente a respeito dos plátanos.

Este cirurgião às vezes pagava ao pai Sorel a jorna de Julião e ensinava-lhe o latim e a história, ou, antes, o que ele sabia de história: a campanha de 1796 em Itália. Ao morrer legara-lhe a sua cruz da Legião de Honra, os atrasados do seu meio soldo e trinta ou quarenta volumes, dos quais o mais precioso dera o salto para o ribeiro público desviado pela influência do senhor presidente.

Mal entrou em casa, Julião sentiu o ombro seguro pela poderosa mão de seu pai; tremia, esperando as pancadas.

- Responde-me sem mentir! - gritou-lhe aos ouvidos a dura voz do velho camponês, enquanto com a mão lhe fazia dar voltas como se fosse a mão de uma criança dando voltas a um soldado de chumbo. Os grandes olhos negros e cheios de lágrimas de Julião encontraram-se com os olhinhos cinzentos do velho carpinteiro, que parecia querer ler até ao fundo da sua alma.

## UMA NEGOCIAÇÃO

*Cunctando restituit rem.*

Ennius

- Responde-me sem mentir, se podes, cão; donde conheces a senhora de Rênal? Quando lhe falaste?

- Nunca lhe falei! - respondeu Julião. - Nunca vi essa senhora senão na igreja.

- Mas olhaste para ela, vilão?

- Nunca! Bem sabe que na igreja só olho para Deus! - acrescentou com um arzinho hipócrita, próprio, na sua opinião, para evitar mais pancada.

- Há coisa, nisto tudo... - replicou o malicioso campónio, e calou-se um momento -; mas de ti não tiro nada, maldito hipócrita. O que é um facto é que me vou ver livre de ti e a minha serra só ganha com isso. Conquistaste o senhor cura ou qualquer outra pessoa que te arranjou um bom lugar. Vai arranjar as tuas coisas, para te levar a casa do senhor de Rênal. Vais ser preceptor dos filhos.

- Quanto ganharei, por isso?

- Comida, fato e trezentos francos.

- Não quero ser criado.

- Animal, quem te fala em ser criado? Julgas que eu queria que o meu filho fosse criado?

- Mas... com quem como?

Esta pergunta atrapalhou o velho Sorel. Sentiu que se falasse mais podia cometer qualquer imprudência e, furioso, insultou Julião, acusando-o de gula. Seguidamente, foi consultar os outros filhos.

Julião encontrou-os pouco depois encostados aos machados em concílio. Olhou-os demoradamente e, por fim, vendo que não podia adivinhar o que estavam a dizer, foi-se pôr do outro lado da serra, para não ser surpreendido. Queria meditar naquela novidade imprevista que ia mudar a sua vida, mas sentia-se incapaz de ser prudente; a sua imaginação estava completamente

absorvida a fantasiar o que iria ver na linda casa do senhor de Rênal.

“Mas antes quero renunciar a tudo isto,” disse para consigo, “do que ter de comer com os criados. Meu pai há-de querer obrigar-me; antes morrer. Tenho quinze francos e oito soldos de economias. Fujo esta noite. Em dois dias, indo por atalhos onde não há guardas a recesso, estarei em Besançon; alisto-me como soldado, e, se for preciso, fujo para a Suíça. Mas então é não progredir mais, deixar a carreira eclesiástica, que é caminho para chegar a tudo.”

Esta repulsa por ter de comer com os criados não era natural em Julião; para conseguir triunfar teria feito coisas bem mais penosas. Viera-lhe aquela repugnância das *Confissões*, de Rousseau. Era com a ajuda só deste livro que a sua imaginação architectava o mundo. A coleção dos boletins do Grande Exército e o Memorial de Santa Helena eram o seu Alcorão. Seria capaz de se deixar matar por qualquer destas três obras.

Nunca acreditou noutras. Seguindo a opinião do velho cirurgião-mor, considerava todos os livros do mundo mentirosos e escritos por farsantes para se destacarem.

Com uma alma de fogo, Julião tinha uma memória extraordinária, destas que tantas vezes andam aliadas à estupidez. Para conquistar o cura Chélan, de quem ele compreendia que estava dependente o seu futuro, aprendera de cor o Novo Testamento em latim; sabia também o livro *Do Papa*, de Maistre, e acreditava tanto num como noutro.

Como se tivessem feito acordo, Sorel e o filho evitaram falar nesse dia. Perto da noite, Julião foi receber a sua lição de teologia a casa do cura, mas não julgou prudente contar-lhe a estranha proposta que tinham feito ao pai. “É capaz de ser uma ratoeira”, dizia para consigo, “devo fingir que a esqueci.”

No dia seguinte, bem cedo, o senhor de Rênal mandou chamar o velho Sorel, que se fez esperar quase duas horas e apareceu apresentando mil desculpas misturadas com reverências. Depois de fazer várias objecções, compreendeu que seu filho comeria com os donos da casa e, nos dias em que houvesse visitas, numa divisão à parte com as crianças. Cada vez mais disposto a criar dificuldades, à medida que ia percebendo o interesse do senhor presidente, e, além disso, cheio de desconfiança, pediu para ver o quarto em que seu filho dormiria. Era uma divisão grande, bem mobilada, para a qual já naquele momento transportavam as camas das três crianças.

Esta circunstância foi um raio de luz para o velho camponês; pediu logo para ver o fato que dariam a seu filho. O senhor de Rênal abriu a secretária e tirou cem francos.

- Com este dinheiro seu filho irá a casa do senhor Durand e comprará um fato completo.

- Então, e se eu o tirar de casa do senhor - disse o campónio, que esquecera momentaneamente a sua linguagem afectada - este fato preto fica para ele?

- Com certeza.

- Então está bem! Resta-nos apenas chegar a um acordo a respeito do ordenado.

- Como! - exclamou o senhor de Rênal, indignado.

- Então não estamos de acordo desde ontem? Dou trezentos francos; acho que é muito, talvez de mais.

- Foi a sua oferta, não o nego - disse o pai de Julião, falando lentamente; e, com uma intuição de génio que só surpreenderá quem não conhece os camponeses do Franco Condado, acrescentou, olhando fixamente o senhor de Rênal: - Temos melhor noutro sítio.

A fisionomia do presidente transtornou-se ao ouvir estas palavras. Contudo, dominou-se e, depois de uma sábia conversa de perto de duas horas, onde palavra alguma foi dita ao acaso, a esperteza do camponês venceu a do homem rico que não necessita dela para viver. As numerosas cláusulas que deviam regular a existência de Julião ficaram estabelecidas. Não só o ordenado fixado com quatrocentos francos, como se assentou que devia ser pago adiantadamente, no dia um de cada mês.

- Está bem! Entregar-lhe-ei trinta e cinco francos.

- Para arredondar a conta, um homem rico e generoso como o senhor presidente - disse o camponês com voz meiga - irá até trinta e seis francos.

- Seja, mas acabemos com isto.

E a cólera deu-lhe um tom de firmeza. O campónio sentiu que não devia ir mais além. Então, por sua vez, o outro avançou a posição. Não quis entregar os trinta e seis francos do primeiro mês ao velho Sorel, bastante apressado em os receber para seu filho. O senhor de Rênal começou a pensar que seria obrigado a contar à mulher o papel que representara naquele negócio.

- Devolva-me os cem francos que lhe entreguei. O senhor Durand deve-me umas coisas. Irei lá com seu filho comprar o corte do fato.

Depois deste acto enérgico, Sorel retomou os seus modos respeitosos. Por fim, vendo que decididamente nada mais tinha a ganhar, retirou-se. A sua última reverência terminou com estas palavras:

- Vou mandar meu filho para o castelo.

Era assim que as pessoas administradas pelo senhor presidente chamavam à sua casa quando queriam agradecer-lhe.

Ao voltar à fábrica, em vão Sorel procurou o filho.

Desconfiado do que poderia vir a suceder, Julião saíra durante a noite, para deixar em segurança os seus livros e a sua cruz da Legião de Honra. Levou

tudo para casa de um jovem negociante de madeira, chamado Fouqué, que era seu amigo e habitava na alta montanha que domina Verrières.

Quando ele voltou a aparecer, o pai disse-lhe:

- Só Deus sabe, maldito preguiçoso, se terás a honestidade suficiente para me pagares o preço da tua alimentação, que há tantos anos te adianto! Pega nos teus trapos e vai-te embora para casa do senhor presidente.

Julião, admirado de não apanhar pancada, apressou-se a partir. Mas, mal o seu terrível pai deixou de o ver, abrandou o passo. Achou que seria útil à sua hipocrisia fazer uma paragem na igreja.

Esta palavra surpreende-vos? Antes de chegar a este feio termo, a alma do jovem camponês tivera de percorrer um longo caminho.

Desde pequeno que delirava ao ver os dragões que voltavam de Itália, com compridos capotes brancos e a cabeça coberta por capacetes de longas crinas negras, e que vinham prender os cavalos às grades da janela da casa de seu pai.

Entusiasmava-se com a ideia de ser militar. Mais tarde escutava com admiração as narrativas das batalhas na ponte de Lodi, de Arcole, de Rivoli, feitas pelo velho cirurgião-mor. Reparava nos olhares inflamados que o velhote lançava à sua cruz.

Mas, quando Julião tinha catorze anos, começou a ser construída em Verrières uma igreja que se podia considerar magnífica para uma cidade tão pequena. Havia, sobretudo, quatro colunas de mármore que impressionaram Julião; tornaram-se célebres em toda a província pelo ódio que suscitaram entre o juiz de paz e o jovem vigário, enviado de Besançon, que tinha fama de ser espião da congregação. O juiz de paz quase perdera o seu lugar; pelo menos era esta a opinião de toda a gente. Não ousara discutir com um prelado que ia a Besançon quase todos os quinze dias e era recebido, dizia-se, pelo bispo?

Entretanto, o juiz de paz, pai de numerosa família, deu várias sentenças que pareceram injustas; todas recaíram sobre os habitantes que liam o Constitucional. O bom partido triunfou.

Tratava-se, é verdade, de importâncias de três a cinco francos; mas uma destas pequenas multas teve de ser paga por um negociante de pregos, padrinho de Julião. Encolerizado, o homem berrava: "Que mudança! E dizer-se que há mais de vinte anos o juiz de paz passava por ser um homem tão honesto!" O cirurgião-mor, amigo de Julião, morrera.

De repente, este deixou de falar de Napoleão, anunciou o seu projecto de se fazer padre e viam-no constantemente na serração de seu pai atarefado a decorar uma Bíblia latina que o cura lhe emprestara. O bom velhote, maravilhado com os seus progressos, passava as noites a ensinar-lhe teologia.

Diante dele Julião só dava mostras de sentimentos piedosos.

Quem diria que aquela cara de rapariga, pálida e doce, escondia a inabalável resolução de preferir expor-se a mil mortes do que a não fazer fortuna?

Para Julião, essa fortuna era, primeiro do que tudo, sair de Verrières; detestava a sua terra. Tudo o que nela via gelava a sua imaginação.

Desde a mais tenra infância tinha crises de exaltação.

Imaginava então, com delícia, ser um dia apresentado às lindas mulheres de Paris; saberia chamar-lhes a atenção com qualquer acção de brilho. Porque não haveria de ser amado por uma delas, como Bonaparte, pobre ainda, fora amado pela brilhante senhora Beauharnais? Há muitos anos que Julião não passava uma única hora da sua vida sem dizer para consigo que Bonaparte, tenente obscuro e sem fortuna, se fizera dono do mundo apenas com a sua espada. Esta ideia consolava-o das suas infelicidades, que considerava grandes, e redobrava a sua alegria, quando a tinha.

A construção da igreja e as sentenças do juiz de paz iluminaram-no de repente; teve uma ideia que durante semanas quase o enlouqueceu e, por fim, se apoderou dele com todo o poder da primeira ideia que um espírito entusiasta julga ter alcançado.

“Quando Bonaparte começou a dar que falar, a França receava a invasão; o mérito militar era necessário e estava na moda. Hoje vêem-se padres de quarenta anos ter cem mil francos de ordenado, quer dizer, três vezes mais que os famosos generais de divisão de Napoleão. Precisam de pessoas que os ajudem. Aí têm esse juiz de paz, com tão boa cabeça, tão honesto até agora, tão velho, que se desonorara para agradar a um jovem vigário de trinta anos. É preciso ser padre.”

Uma vez, no meio da sua nova devoção e quando estudava teologia já há dois anos, foi traído por uma súbita erupção do fogo que devorava a sua alma. Foi em casa do senhor Chélan. Durante um jantar de padres aos quais o bom do cura o apresentara como um prodígio de estudo aconteceu-lhe gabar Napoleão com entusiasmo. Ligou o braço direito contra o peito, pretendeu tê-lo deslocado ao pegar num tronco de pinheiro e trouxe-o dois meses nessa incómoda posição. Depois deste aflitivo castigo, perdoou a si próprio. Aqui está o rapaz de dezoito anos, de aparência fraca, a quem se dariam apenas dezassete, que, levando um embrulhinho debaixo do braço, entrava na magnífica igreja de Verrières.

Achou-a sombria e solitária. Por ocasião de uma festa, todas as janelas do edifício tinham sido cobertas com panos carmesim; com os raios de sol, fazia um efeito de luz deslumbrante, do mais imponente e religioso ambiente. Julião

estremeceu. Sozinho na igreja, sentou-se no banco de melhor aparência. Tinha as armas do senhor de Rênal.

Sobre o genuflexório, Julião reparou num pedacinho de papel impresso, posto ali como se fosse para ser lido. Olhou-o e viu:

Pormenores da execução e dos últimos momentos de Luis Jenrel executado em Besançon, no...

O papel estava rasgado. No verso viam-se as duas primeiras palavras de uma linha; eram: O primeiro passo.

- Quem teria posto aqui este papel? - disse Julião. - Pobre desgraçado! - acrescentou com um suspiro. - O seu nome termina como o meu... - e amarrotou o papel.

Ao sair, julgou ter visto sangue perto da pia da água benta; era a água entornada; o reflexo dos cortinados vermelhos dava-lhe a aparência de sangue.

Por fim Julião teve vergonha do seu secreto terror. "Serei um covarde?" disse para consigo. "às armas!" Estas palavras, tantas vezes repetidas nas narrativas de batalhas do velho cirurgião, eram heróicas para Julião. Ergueu-se e dirigiu-se para casa do senhor de Rênal.

Apesar das suas boas intenções, logo que a viu a vinte passos sentiu-se dominado por uma invencível timidez. O portão de ferro estava aberto; pareceu-lhe magnífico; era preciso transpô-lo.

Julião não era a única pessoa cujo coração estava perturbado pela sua chegada àquela casa. A extrema timidez da senhora de Rênal alvoroçara-se com a ideia daquele estranho que, por causa das suas funções, se ia encontrar entre ela e seus filhos. Estava acostumada a vê-los deitados no seu quarto. Naquela manhã, tinha chorado bastantes lágrimas, quando vira transportar as pequenas camas para o quarto destinado ao preceptor. Em vão pediu a seu marido para que o leito de Estanislau Xavier, o mais novo, voltasse para o pé do seu. A sensibilidade feminina era, na senhora de Rênal, levada a um grau excessivo. Imaginava a mais desagradável das figuras, um ser grosseiro e mal penteado, encarregado somente de ralhar com os pequenos, unicamente porque sabia latim, uma linguagem bárbara, por causa da qual os seus filhos seriam castigados.

## O ABORRECIMENTO

*Non so più cosa son,*

*Cosa faccio.*

Mozart (Figaro)

Com a vivacidade e graça que lhe eram naturais, quando estava longe dos olhares dos homens, a senhora de Rênal saía pela porta envidraçada que dava do salão para o jardim, quando reparou num jovem camponês, extremamente pálido e com ar de quem chorara, que estava em pé, perto da porta da entrada. Trazia camisa branca e debaixo do braço uma blusa de fazenda roxa.

A carnação daquele jovem camponês era tão branca, os seus olhos tão doces que o espírito um pouco romanesco da senhora de Rênal imaginou que seria uma rapariga que vinha disfarçada pedir qualquer favor ao senhor presidente. Teve piedade da pobre criatura parada perto da entrada e que, evidentemente, não ousava levar a mão à campainha. Aproximou-se, distraída, por um momento, do desgosto que lhe causava a chegada do preceptor. Julião, voltado para a porta, não a viu avançar e estremeceu quando uma voz doce lhe disse perto do ouvido:

- Que deseja daqui, meu filho?

Voltou-se rapidamente e, admirado do olhar cheio de graça da senhora de Rênal, perdeu parte da sua timidez. Dali a pouco, espantado pela sua beleza, esqueceu tudo, até o que vinha fazer. Ela repetiu a pergunta.

- Venho para ser preceptor, minha senhora - disse ele por fim, envergonhado das lágrimas que limpava o melhor que podia.

A senhora de Rênal ficou interdita; estavam muito perto, a olhar um para o outro. Julião nunca vira uma pessoa tão bem vestida e, sobretudo, uma mulher com um tom de pele tão perturbador, a falar-lhe com aquela doçura. A senhora de Rênal olhava para as grandes lágrimas que tinham parado nas faces há pouco pálidas e agora tão rosadas do jovem camponês. E desatou a rir, com a alegria despreocupada de uma rapariga; fazia troça de si própria e custava-lhe a acreditar na sua felicidade. Então, era aquele o preceptor que imaginava como

sendo um padre sujo e mal vestido que viria ralar com as crianças e até bater-lhes?

- Mas... - disse ela por fim - o senhor sabe latim?

Aquele tratamento de senhor admirou tanto Julião que o fez reflectir um instante.

- Sim, minha senhora - respondeu timidamente. Ela estava tão feliz que ousou dizer:

- Não ralará muito com as pobres crianças?

- Ralar-lhes, porquê? - respondeu Julião, admirado.

- Não é verdade que o senhor será bom para eles? - E acrescentou depois de um pequeno silêncio, com a voz cada vez mais comovida: - Promete-me?

Ouvir uma senhora tão bem vestida tratando-o por senhor, com seriedade, ultrapassava todas as previsões de Julião: em todos os castelos de Espanha da sua mocidade tinha pensado que uma senhora a valer só se dignaria falar-lhe quando ele tivesse um belo uniforme. Por seu turno, a senhora de Rênal estava admiradíssima da bela carnação dos grandes olhos negros e dos lindos cabelos de Julião, mais frisados do que habitualmente porque, para se refrescar, acabara de mergulhar a cabeça na bacia da fonte pública. Com grande alegria, achava que o preceptor tinha o ar tímido de uma rapariga, o preceptor cuja dureza e ar antipático tanto receara para seus filhos. Para a tão pacífica alma da senhora de Rênal, o contraste dos seus temores com o que via agora foi um grande acontecimento.

Voltou a si da surpresa e ficou espantada de estar à porta de sua casa, com este rapaz quase em camisa e tão perto dele.

- Entre - disse-lhe, com ar embaraçado.

Durante toda a sua vida nunca uma sensação puramente agradável emocionara tanto a senhora de Rênal, nem uma aparição tão agradável sucedera a receios mais inquietantes.

Assim, os seus lindos filhos, de que tanto cuidara, não iriam cair nas mãos de um padre sujo e rabugento. Mal entrou no vestíbulo, voltou-se para Julião, que a seguia timidamente. O ar de admiração com que olhava para aquela linda casa era mais uma virtude aos olhos da senhora de Rênal. Custava-lhe a acreditar; parecia-lhe, sobretudo, que o preceptor devia trazer fato preto.

- Mas é verdade, senhor - disse-lhe, parando mais uma vez e temendo mortalmente enganar-se, de tal forma esta ideia a tornava feliz -, sabe latim?

Estas palavras chocaram o orgulho de Julião e dissiparam o encanto em que vivia há um quarto de hora.

- Sim, minha senhora - disse-lhe, procurando mostrar um ar frio. - Sei tão bem latim como o senhor cura, que às vezes até tem a bondade de dizer que sei

mais do que ele.

A senhora de Rênal achou que Julião tinha um ar mau; parara a dois passos dela. Aproximou-se e disse-lhe a meia voz:

- Não é verdade que nos primeiros dias não baterá nos meus filhos, mesmo que não saibam as lições?

Este tom de doce súplica, vindo de uma senhora tão bela, fez esquecer a Julião o que devia à sua reputação de latinista. O rosto da senhora de Rênal estava perto do seu, e ele sentiu o perfume dos vestidos de Verão de uma mulher, coisa tão extraordinária para um pobre camponês. Corou muito e disse num suspiro e com a voz desfalecida:

- Não tenha receio, minha senhora, hei-de obedecer-lhe em tudo.

Só neste momento, quando a inquietação a respeito de seus filhos se dissipou completamente, só então a senhora de Rênal reparou na grande beleza de Julião. A forma quase feminina das suas feições e o seu ar embaraçado não pareceram ridículos àquela mulher, que também era uma tímida. O ar másculo que é comum achar-se necessário à beleza de um homem ter-lhe-ia causado medo.

- Que idade tem? - perguntou a Julião.

- Faço dezanove anos dentro em pouco.

- Meu filho mais velho tem onze anos - continuou a senhora de Rênal, tranquilizada. - Será quase um camarada, para si, fale-lhe à compreensão. Uma vez o pai quis bater-lhe, a criança esteve doente uma semana, e, contudo, era uma pancadinha de nada.

"Que diferença em comparação comigo!," pensou Julião. "Ainda ontem meu pai me bateu. Como esta gente rica é feliz!"

A senhora de Rênal tentava desde já perceber os mais pequenos indícios do que se passava no espírito do preceptor; tomou aquele movimento de tristeza por timidez, e quis encorajá-lo.

- Como se chama? - disse-lhe com um tom e uma graça de que Julião inconscientemente sentiu todo o encanto.

- Chamam-me Julião Sorel, minha senhora. Tremo ao entrar pela primeira vez na minha vida numa casa estranha; preciso da sua protecção e que me perdoe bastantes coisas nestes primeiros dias. Nunca estive no colégio, era muito pobre. Nunca conversei senão com o meu primo, o cirurgião-mor, membro da Legião de Honra, e com o senhor cura Chélan. Dar-lhe-á boas informações a meu respeito. Meus irmãos sempre me bateram; não acredite neles, se lhe disserem mal de mim; perdoe os meus erros, minha senhora; nunca os cometerei com má intenção.

Julião tranquilizava-se durante este longo discurso: observava a senhora

de Rênal. Era o efeito daquela graciosidade natural que é tanto maior quanto mais involuntária seja.

Julião, que era entendido em belezas femininas, teria jurado naquele momento que ela não tinha mais de vinte anos. Teve a atrevida ideia de lhe beijar a mão. Mas logo teve medo deste pensamento. Pouco depois, disse para consigo: "Serei cobarde em não executar uma acção que me pode ser útil e diminuir o desprezo que esta bela dama provavelmente tem por um pobre operário acabado de arrancar à sua serra." Talvez Julião tivesse sido um pouco encorajado por, desde há seis meses, todos os domingos, ouvir algumas raparigas chamarem-lhe bonito rapaz. Durante estas lutas interiores a senhora de Rênal dirigiu-lhe duas ou três palavras para lhe indicar a forma de iniciar os seus trabalhos com as crianças. O esforço que Julião fazia sobre si próprio tornou-o muito pálido; disse com ar constrangido:

- Nunca baterei nos seus filhos, minha senhora; juro-o diante de Deus.

E, ao dizer estas palavras, ousou pegar na mão da senhora de Rênal e levá-la aos lábios. Ela admirou-se com este gesto e, depois de reflectir, ficou chocada. Como estava muito calor, tinha o braço inteiramente nu debaixo do xaile, e o movimento de Julião, levando a mão aos lábios, descobriu-o completamente. Ao fim de alguns instantes, repreendeu-se a si própria; pareceu-lhe que não se indignara tão subitamente como devia.

O senhor de Rênal, que ouvira falar, saiu do seu gabinete. Com o mesmo ar majestoso e paternal que tomava quando fazia casamentos disse a Julião:

- É essencial que eu fale consigo antes de as crianças o verem.

Mandou-o entrar para uma sala e reteve sua mulher, que queria deixá-los sós. Quando a porta se fechou, sentou-se com gravidade.

- O senhor cura disse-me que você era boa pessoa; toda a gente o tratará aqui com consideração, e, se eu ficar satisfeito, depois ajudá-lo-ei. Quero que não conviva mais nem com parentes nem com amigos; têm umas maneiras que não convêm a meus filhos. Aqui estão os trinta e seis francos do primeiro mês; mas exijo que me prometa que não entregará nem um soldo desse dinheiro a seu pai.

O senhor de Rênal estava aborrecido com o velho, que, naquele negócio, fora mais esperto do que ele.

- Agora, senhor - porque, segundo as minhas ordens, todos aqui o tratarão por senhor, e sentirá vantagem de entrar em casa de gente educada -, agora, senhor, não é conveniente que as crianças o vejam de jaleca. Os criados viram-no? - perguntou o senhor de Rênal a sua mulher.

- Não - respondeu ela, com ar pensativo.

- Melhor. Vista isso - disse ao rapaz surpreendido, dando-lhe uma sobre-

casaca sua. - Vamos agora à loja do senhor Durand, o mercador de fazendas.

Mais de uma hora depois, quando o senhor de Rênal voltou com o novo preceptor todo vestido de preto, encontrou a mulher sentada no mesmo lugar. Ela sentiu-se tranquilizada com a presença de Julião; examinando-o, esquecia-se de ter medo. Julião não pensava nela; apesar de toda a sua desconfiança do destino e dos homens; naquele momento a sua alma era de uma criança; parecia-lhe ter vivido anos desde o instante, há três horas, em que estivera a tremer na igreja. Reparou no ar gelado da senhora de Rênal, e compreendeu que estava zangada por ele ter ousado beijar-lhe a mão. Mas o orgulho que lhe vinha do contacto daquele fato tão diferente dos que costumava trazer perturbava-o de tal maneira e sentia tanta vontade de esconder a sua alegria que todos os seus movimentos tinham alguma coisa de brusco e de louco. A senhora de Rênal fitava-o com olhos admirados.

- Gravidade, senhor - disse-lhe o dono da casa -, se quiser ser respeitado por meus filhos e pelas outras pessoas.

- Senhor - respondeu Julião -, sinto-me acanhado com este fato; sou um pobre camponês que nunca usou senão jalecas; se me der licença, irei fechar-me no meu quarto.

- Que lhe parece esta nova aquisição? - perguntou o senhor de Rênal à mulher.

Por um movimento quase instintivo, no qual certamente nem reparou, a senhora de Rênal disfarçou a verdade diante do marido:

- Não estou assim tão encantada com este jovem camponês; as suas atenções para com ele vão torná-lo um impertinente que terá de mandar embora antes de um mês.

- Pois bem! Mandá-lo-emos embora. Poderá custar-me uma centena de francos e Verrières acostumar-se-á ver um preceptor junto dos filhos do senhor de Rênal. Este fim não seria atingido se eu tivesse deixado Julião com as roupetas de operário. Se o mandar embora, ficarei, já se sabe, com o fato preto completo que mandei fazer. Dou-lhe só este com que o vesti, que encontrei feito, no alfaiate.

A hora que Julião passou no quarto pareceu um instante à senhora de Rênal. As crianças, a quem tinham anunciado o novo preceptor, enchiam-a mãe de perguntas. Por fim, apareceu Julião. Era outro homem. Seria faltar à verdade dizer que vinha com ar grave; era a gravidade personificada. Foi apresentado às crianças e falou-lhes com um ar que espantou o próprio senhor de Rênal.

- Estou aqui para lhes ensinar latim - disse, ao acabar a sua alocução. - Sabem o que é recitar uma lição. Aqui está a Santa Bíblia - disse, mostrando-lhes um volume encadernado a preto. - É, em especial, a história de Nosso Senhor

Jesus Cristo; é a parte que se chama Novo Testamento. Fá-los-ei com frequência recitar lições; façam-me agora recitar a minha.

Adolfo, o mais velho, pegara no livro.

- Abra-a ao acaso - continuou Julião - e diga-me a primeira palavra de uma linha. Recitarei de cor o livro sagrado, regra de conduta de nós todos, até que mandem parar.

Adolfo abriu o livro, leu uma palavra e Julião recitou toda a página com a mesma facilidade com que falaria francês. As crianças, vendo o espanto dos pais, abriram muito os olhos. O senhor de Rênal olhava para a mulher com um ar de triunfo.

Veio um criado à porta do salão; Julião continuou a falar latim. O criado ficou, primeiro, imóvel e, em seguida, desapareceu. Dali a pouco a criada de quarto da senhora e a cozinheira apareceram junto da porta; até essa altura, Adolfo já abrira o livro em oito locais diferentes, e Julião recitava sempre com a mesma facilidade.

- Oh! Meu Deus! Que lindo padrezinho! - disse em voz alta a cozinheira, boa rapariga muito devota.

A vaidade do senhor de Rênal estava inquieta; longe de pensar em examinar o preceptor estava ocupado em procurar na sua memória algumas palavras latinas. Por fim, conseguiu dizer um verso de Horácio. Julião só sabia o latim da Bíblia.

Respondeu, franzindo as sobrancelhas:

- O santo ministério ao qual me destino proibiu-me de ler um poeta tão profano.

O senhor de Rênal citou grande número de pretendidos versos de Horácio; explicou aos filhos quem era Horácio; mas as crianças, cheias de admiração, não faziam caso do que ele dizia. Olhavam para Julião.

Os criados continuavam à porta. Julião achou que devia prolongar a prova:

- O menino Estanislau Xavier tem também de me indicar uma passagem do livro santo - disse ao mais novo dos pequenos.

Estanislau leu como pôde a primeira palavra de uma alínea e Julião disse toda a página. Para nada faltar à vaidade do senhor de Rênal, enquanto Julião recitava, entraram o senhor Valenod, o possuidor de belos cavalos normandos, e o senhor Charcot de Maugiron, subprefeito do distrito. Esta cena valeu a Julião o título de senhor; nem os criados ousaram negar-lho.

À noite, toda a sociedade de Verrières afluíu a casa do senhor de Rênal, para ver a maravilha. Julião respondeu a todos com um ar sombrio que mantinha à distância. A sua glória estendeu-se tão rapidamente pela cidade

que, poucos dias depois, o senhor de Rênal, receando que lho roubassem, propôs-lhe assinar um contrato por dois anos.

- Não, senhor - respondeu friamente -, se quisesse mandar-me embora eu seria obrigado a sair. Um contrato que me prende sem o obrigar a nada não é legal. Recuso-o.

Julião soube manobrar tão bem que, menos de um mês depois da sua chegada àquela casa, até o senhor de Rênal o respeitava.

Como o cura se zangara com os senhores Valenod e de Rênal, ninguém pôde denunciar o seu velho entusiasmo por Napoleão; ele só se lhe referia com horror.

## AS AFINIDADES ELECTIVAS

*Não sabem tocar no coração sem o magoar.*

As crianças adoravam-no, mas ele não gostava delas; o seu pensamento não estava ali. O que estas crianças pudessem fazer nunca o impacientava. Frio, justo, impassível e, contudo, amado, porque a sua chegada tinha, de certo modo, afastado de casa o aborrecimento, ele foi um bom preceptor. Só tinha ódio e horror à alta sociedade, onde era admitido, valha a verdade, bem no extremo da mesa, o que talvez explique o ódio e o horror. Houve certos jantares de cerimónia em que lhe custou a refrear a raiva por tudo o que o rodeava. Num dia de São Luís, o senhor Valenod pontificava em casa do senhor de Rênal e Julião esteve quase a trair-se; fugiu para o jardim, com o pretexto de ir vigiar as crianças. “Que elogios da probidade!”, exclamou. “Dir-se-ia que é a única virtude; e, afinal, que consideração, que baixa lisonja por um homem que evidentemente dobrou e triplicou a sua fortuna desde que administra as coisas dos pobres! Ia apostar que até ganha nos fundos destinados às crianças abandonadas, a esses pobres cuja miséria é ainda mais sagrada que a dos outros! Ah! Monstros! Monstros! E eu também sou uma espécie de criança abandonada odiada pelo pai, pelos irmãos, por toda a família.”

Pouco antes do dia de São Luís, Julião, passeando sozinho e repetindo o seu breviário num bosquezito chamado o Belvedere, que domina a Alameda da Fidelidade, procurava em vão fugir aos seus dois irmãos, que via ao longe por um atalho solitário. A inveja daqueles dois operários grosseiros foi de tal forma excitada pelo belo fato preto, pelo ar muito limpo do irmão, pelo desprezo sincero que tinha por eles, que lhe bateram a ponto de o deixarem desmaiado e todo ensanguentado. A senhora de Rênal, que passeava com o senhor Valenod e o subprefeito, foi por acaso ao bosquezito; viu Julião estendido no chão e julgou que estava morto. A sua aflição foi tão grande que provocou ciúmes ao senhor Valenod.

Alarmava-se antes de tempo. Julião achava a senhora de Rênal muito

bonita, mas detestava-a pela sua beleza; era o primeiro escolho que fizera parar a sua sorte. Falava-lhe o menos possível, para esquecer o impulso que no primeiro dia o levava a beijar-lhe a mão.

Elisa, a criada de quarto da senhora de Rênal, apaixonara-se pelo jovem preceptor; falava dele muitas vezes à patroa. O amor da menina Elisa valera a Julião o ódio de um dos criados. Um dia ouviu esse homem dizer a Elisa: “Você já não me quer falar desde que o nojento do preceptor entrou nesta casa.”

Julião não merecia esta injúria; mas o instinto de rapaz bonito fez que redobrasse de cuidados com a sua pessoa. O ódio do senhor Valenod também redobrou. Disse publicamente que tanta toleima não convinha a um jovem padre. Julião usava um fato que era quase uma sotaina.

A senhora de Rênal reparou que ele falava com mais frequência a Elisa; soube que essas conversas eram motivadas pela penúria do reduzido enxoval de Julião. Tinha tão pouca roupa branca que precisava de a mandar lavar com frequência fora de casa, e era para estes cuidados que Elisa lhe era útil. Esta grande pobreza, de quem nem sequer suspeitava, comoveu a senhora de Rênal; teve vontade de lhe dar presentes, mas não ousou fazê-lo; esta resistência interior foi a primeira sensação penosa que Julião lhe causou. Até ali, o nome de Julião e o sentimento de uma alegria pura e só intelectual eram para ela sinónimos. Atormentada pela ideia da pobreza de Julião, falou a seu marido em lhe fazer um presente de roupa.

- Que engano! - respondeu ele. - O quê? Dar presentes a um homem com quem estamos inteiramente satisfeitos e que nos serve bem? Se acaso se desleixasse é que seria preciso estimular-lhe o zelo.

A senhora de Rênal ficou humilhada com esta maneira de ver; não teria reparado nisso antes da chegada de Julião. Nunca via o ar muito limpo do jovem abade, aliás uma indumentária bem simples, sem dizer para consigo: “Pobre rapaz, como pode ele fazer isto?”

Pouco a pouco foi tendo pena ao saber as coisas que faltavam a Julião, em lugar de se sentir chocada.

A senhora de Rênal era uma destas mulheres da província que podemos muito bem tomar por estúpidas durante os primeiros quinze dias em que as conhecemos. Não tinha experiência alguma da vida e não se importava de falar. De alma delicada e desdenhosa, aquele instinto de felicidade natural a todos os seres fazia com que, a maior parte do tempo, não desse atenção alguma às acções das personagens grosseiras no meio das quais o acaso a lançara.

Ter-se-ia feito notar pela sua naturalidade e vivacidade de espírito se tivesse recebido alguma instrução, mas, na sua qualidade de herdeira, tinha sido educada pelas religiosas adoradoras apaixonadas do Sagrado Coração de

Jesus e cheias de um ódio violento contra os franceses, inimigos dos jesuítas. Fora porém suficientemente sensata para depressa esquecer, como absurdo, tudo o que aprendera no convento; mas não pôs outra coisa em lugar disso; e acabou por nada saber. As lisonjas precoces de que fora objecto como herdeira de uma grande fortuna e a tendência decidida para a devoção apaixonada tinham-lhe dado uma vida toda interior. Aparentando a mais perfeita condescendência e uma abdicação de vontade que os maridos de Verrières citavam como exemplo às suas mulheres, o que fazia o orgulho do senhor de Rênal, a conduta habitual da sua alma era, na realidade, o resultado do temperamento mais altivo. As princesas, célebres pelo seu orgulho, prestavam mais atenção ao que os fidalgos faziam em seu redor que aquela mulher tão doce, tão modesta na aparência, prestava ao que dizia ou fazia o seu marido! Até à chegada de Julião apenas dera atenção a seus filhos. As suas pequenas doenças, as suas dores, as suas alegrias, ocupavam toda a sensibilidade daquela alma, que durante toda a vida só a Deus tinha adorado, quando estava no Sagrado Coração, em Besançon.

Apesar de não se dignar contá-lo a ninguém, um acesso de febre de um dos seus filhos punha-a quase no mesmo estado que se a criança tivesse morrido. Uma gargalhada grosseira, um encolher de ombros acompanhado de alguma máxima trivial sobre a loucura das mulheres tinha sempre acolhido as confidências desse género de desgostos, que a necessidade de desabafar a levava a fazer a seu marido, nos primeiros anos do seu casamento. Esta espécie de brincadeiras, sobretudo quando incidiam sobre as doenças das crianças, enterravam um punhal no coração da senhora de Rênal. Eis o que encontrou em lugar das lisonjas solícitas e melífluas do convento jesuítico onde passara a juventude. A sua educação foi feita pela dor. Orgulhosa de mais para aludir a este género de desgostos, mesmo com a sua amiga senhora Derville, julgou que todos os homens eram como seu marido, como o senhor Valenod e o sub-prefeito Charcot de Maugiron. A grosseria e a mais brutal das insensibilidades para tudo o que não fosse assunto de dinheiro, de hierarquia ou de condecorações, o ódio cego por todo o raciocínio que os contrariasse, pareceram-lhe coisas naturais a esse sexo, tal como usar botas e chapéu de feltro.

Após longos anos, a senhora de Rênal ainda não estava acostumada a essa gente de dinheiro no meio da qual tinha de viver.

Daqui veio o sucesso do jovem camponês Julião. Ela encontrou doces prazeres, a que o encanto da novidade dava mais brilho, na simpatia daquela alma orgulhosa e nobre. Em breve lhe perdoou a sua grande ignorância, que era mais um atractivo, e a rudeza dos seus modos, que conseguiu corrigir. Achou que valia a pena escutá-lo, mesmo quando se falava nas coisas mais banais,

mesmo quando se tratava de um pobre cão esmagado ao atravessar a rua pela carroça de um camponês que seguia a trote. O espectáculo desta dor fazia com que seu marido risse estrondosamente, enquanto se contraíam as belas e bem arqueadas sobrancelhas de Julião. A generosidade, a nobreza de alma, a humanidade, pareceu-lhe, pouco a pouco, que existiam só neste jovem teólogo. Dedicou-lhe toda a simpatia e mesmo a admiração que estas virtudes despertam nas almas bem dotadas.

Em Paris, a posição de Julião perante a senhora de Rênal depressa se teria simplificado; mas em Paris o amor copia os romances. O jovem preceptor e a tímida dama teriam encontrado em três ou quatro romances, e até nas canções do Ginásio, o esclarecimento da sua posição. Os romances ter-lhes-iam traçado o papel a representar, mostrando o modelo a imitar; e, mais cedo ou mais tarde, a vaidade forçaria Julião a seguir este modelo, talvez até sem prazer e contrariado.

Numa pequena cidade de Aveyron ou dos Pirenéus o menor incidente tornar-se-ia decisivo, com o fogo do clima. Sob o nosso céu mais sombrio, um rapaz pobre, e que só é ambicioso porque a delicadeza do seu coração lhe converte em necessidade alguns dos gozos que o dinheiro dá, continua a ver todos os dias uma mulher de trinta anos, sinceramente ajuizada, ocupada com os filhos e que não vai buscar aos romances os exemplos a seguir. Na província tudo anda devagar, tudo se faz pouco a pouco; há mais tranquilidade.

Com frequência, ao pensar na pobreza do jovem preceptor, a senhora de Rênal se comovia até às lágrimas. Julião surpreendeu-a um dia chorando copiosamente.

- Oh! Minha senhora, sucedeu-lhe alguma desgraça?

- Não, meu amigo - respondeu ela. - Chame as crianças, vamos passear.

Deu-lhe o braço e apoiou-se-lhe de uma maneira que Julião achou estranha. Era a primeira vez que lhe chamava "meu amigo". Quase no fim do passeio viu-a corar muito e abrandar o passo. Disse, sem o fitar:

- Devem ter-lhe contado que sou a herdeira de uma tia muito rica que vive em Besançon. Enche-me de presentes... Meus filhos fazem progressos... tão extraordinários... que queria pedir-lhe para aceitar um pequeno presente, como sinal de reconhecimento. Só alguns luíses para mandar fazer roupa. Mas... - acrescentou, corando ainda mais e calou-se.

- O quê, minha senhora? - disse Julião.

- Não é preciso - continuou, baixando a cabeça - falar nisto a meu marido.

- Sou pobre, mas honrado, minha senhora - respondeu Julião, parando, com os olhos brilhantes de cólera e empertigando-se quanto pôde. - Não reflectiu o suficiente acerca disto. Seria menos que um laçoi se me pusesse na

situação de esconder do senhor de Rênal fosse o que fosse relativo ao meu dinheiro.

A senhora de Rênal estava aterrada.

- O senhor presidente - continuou Julião - já por cinco vezes, me entregou trinta e seis francos, desde que estou na sua casa; estou pronto a mostrar o livro das minhas despesas ao senhor de Rênal e a quem quer que seja, mesmo ao senhor Valenod, que me odeia.

Em seguida a esta resposta ela ficou pálida e trémula e o passeio acabou sem que nenhum deles achasse um pretexto para reatar o diálogo. O amor pela senhora de Rênal tornou-se cada vez mais impossível para o orgulho de Julião; quanto a ela, respeitou-o, admirou-o; fora repreendida. Com o pretexto de compensar a humilhação involuntária que lhe causara, começou a dedicar-lhe os mais ternos cuidados. A novidade destas maneiras fez durante oito dias a felicidade da senhora de Rênal. O seu efeito foi apaziguar, em parte, a cólera de Julião; mas estava longe de ver nisso alguma coisa que se parecesse com um gosto pessoal.

- Eis como é esta gente rica; humilham e julgam, em seguida, reparar tudo com algumas macaquices!

A senhora de Rênal era muito inocente para que, apesar das suas resoluções a este respeito, não contasse ao marido o oferecimento que fizera a Julião e o tom da sua recusa.

- Como? - retorquiu o marido muito melindrado. - Como é que tolerou uma recusa de um criado?

E perante a sua surpresa por esta designação acrescentou:

- Eu falo, senhora, como o falecido Senhor Príncipe de Condé, apresentando os camaristas à sua nova esposa: Todos estes homens, disse ele, são nossos criados. Li-vos esta passagem das memórias de Besenval, essencial para as precedências. Todos os que não são fidalgos e vivem em nossa casa, recebendo um salário, são nossos criados. Vou dizer duas palavras a esse senhor Julião e dar-lhe cem francos.

- Que ao menos não seja diante dos criados! - disse, a tremer, a senhora de Rênal.

- Sim, poderiam ter inveja, e com razão - disse o marido afastando-se e pensando no dinheiro que ia dar.

A senhora de Rênal deixou-se cair numa cadeira, sucumbida por um sentimento doloroso. "Vai humilhar Julião e a culpa é minha!" Sentiu horror pelo marido e tapou a boca com as mãos, prometendo a si própria nunca mais fazer confidências. Quando tornou a ver o preceptor estava trémula e sentia tal opressão no peito que não conseguia articular uma única palavra. Embaraçada,

pegou-lhe nas mãos e apertou-lhas.

- Então, meu amigo - perguntou -, está contente com meu marido?

- Como não hei-de estar? - respondeu ele, com um sorriso amargo. - Deu-me cem francos.

- Dê-me o braço! - disse, por fim, com uma entoação tão firme como ele nunca lhe ouvira.

Ousou entrar na livraria de Verrières, apesar da terrível reputação de liberal que ela tinha. Ali escolheu dez luíses de livros que deu a seus filhos. Mas estes livros eram os que ela sabia que Julião desejava. Exigiu que ali mesmo, na loja, cada um dos pequenos escrevesse o seu nome no livro que lhe tinha cabido. Enquanto a senhora de Rênal se sentia feliz com aquela espécie de reparação que tivera a audácia de fazer a Julião, este estava espantado com a quantidade de livros que via na livraria. Nunca ousara entrar em lugar tão profano; o seu coração palpitava. Longe de pensar em decifrar o que se passava no coração da senhora de Rênal, imaginava, absorto, que meio haveria para um jovem estudante de teologia conseguir alguns desses livros. Por fim lembrou-se que seria possível, com habilidade, persuadir o senhor de Rênal de que era necessário dar como tema aos filhos a história dos fidalgos célebres nascidos na província. Após um mês de diligências, conseguiu fazer vingar esta ideia, de tal forma que, tempos depois, arriscou-se, falando ao senhor de Rênal, a propor um acto que seria bem penoso para o nobre presidente: tratava-se de contribuir para a fortuna de um liberal, fazendo uma assinatura na livraria. O senhor de Rênal concordara que era útil dar a seu filho mais velho a ideia de visão de várias obras que ouviria citar nas conversas quando estivesse na Escola Militar; mas Julião via o senhor presidente teimar em não ir mais longe. Suspeitava de qualquer razão secreta, mas não conseguia adivinhá-la.

- Julgava, senhor - disse um dia -, que haveria inconveniente em o nome de um fidalgo como o de Rênal figurar no sujo registo de um livreiro.

A frente do patrão desanuviou-se.

- Também seria mau, para um pobre estudante de teologia - continuou Julião, em tom mais humilde -, que um dia viessem a descobrir que o seu nome estivera no registo de um livreiro que alugava livros. Os liberais podiam acusar-me de ter pedido os livros mais infames; quem sabe mesmo se não chegariam a escrever, adiante do meu nome, os títulos desses livros perversos.

Mas Julião afastava-se do rumo traçado. Via a fisionomia do presidente retomar a expressão de embaraço e mau humor.

Calou-se. "Tenho-o seguro," disse para consigo.

Alguns dias depois, em presença do senhor de Rênal o pequeno mais velho interrogava o preceptor a respeito de um livro anunciado na Quotrdiana.

- A fim de evitar todos os motivos de triunfo para o partido jacobino - disse o jovem preceptor - e, contudo, dar-me os meios de poder responder ao senhor Adolfo, poder-se-ia fazer uma assinatura no livreiro em nome da pessoa mais inferior de entre o vosso pessoal.

- Ora aí está uma ideia que não é má - respondeu o senhor de Rênal, visivelmente satisfeito.

- Todavia, seria preciso especificar - disse Julião com aquele ar grave e quase infeliz que fica tão bem a certas pessoas quando vêm ter êxito as coisas que durante muito tempo desejaram - que o criado não poderia pedir nenhum romance. Uma vez em casa, esses livros perigosos poderiam corromper as criadas da senhora e até mesmo o próprio criado.

- Esqueça os panfletos políticos - acrescentou o senhor de Rênal com ar altivo.

Queria esconder a admiração que lhe causara o meio-termo inventado pelo preceptor dos filhos.

A vida de Julião era assim formada por uma série de pequenas negociações: e o seu sucesso ocupava-o muito mais que o sentimento de marcada preferência que, se quisesse, podia ler no coração da senhora de Rênal.

A posição moral em que toda a vida estivera renovava-se em casa do presidente de Verrières. Ali, como na serração de seu pai, desprezava profundamente as pessoas com quem vivia e era odiado por elas. Todos os dias via nas narrativas do senhor subprefeito, do senhor Valenod, dos outros amigos da casa, feitos a respeito de certas coisas passadas diante dos seus olhos, como as ideias deles se pareciam pouco com a realidade. Se achava admirável uma acção, era precisamente essa que provocava as censuras das pessoas que o rodeavam. A sua réplica interior era sempre: "Que monstros!" ou "Que estúpidos!"

E o curioso era que, apesar de tanto orgulho, com frequência não compreendia absolutamente nada dos assuntos em que falavam.

Em toda a sua vida só falara com sinceridade ao velho cirurgião-mor; as poucas ideias que tinha eram relativas às campanhas de Bonaparte em Itália, ou à cirurgia. A sua jovem coragem agradava a narrativa circunstanciada das operações mais dolorosas; dizia para consigo: "Eu não teria pestanejado.,"

A primeira vez que a senhora de Rênal tentou uma conversa estranha à educação das crianças, ele pôs-se a falar de operações de cirurgia; ela empalideceu e pediu-lhe que parasse.

Fora disto, Julião não sabia nada. E assim, passando a sua vida junto da senhora de Rênal, estabelecia-se entre ambos um estranho silêncio sempre que estavam sozinhos. No salão, embora a sua atitude fosse humilde, ela achava-lhe

nos olhos um ar de superioridade intelectual para com todos os que frequentavam a sua casa. Se ficasse um instante sozinha com ele, via-o evidentemente embaraçado. E inquietava-se com isso, porque o seu instinto de mulher lhe fazia compreender que aquele embaraço não tinha nada de afectuoso.

Sugestionado por não sei que ideia tirada de qualquer narrativa da alta sociedade, tal como a vira o velho cirurgião, desde que as pessoas presentes se calavam, num recinto onde estivesse com uma mulher, Julião sentia-se humilhado como se fosse culpado daquele silêncio. Esta sensação era cem vezes mais penosa quando estavam sós. A sua imaginação, cheia das ideias mais exageradas, mais quixotescas, sobre o que um homem deve dizer quando está sozinho com uma mulher, apenas lhe oferecia, no meio da sua perturbação, ideias inadmissíveis. A sua alma estava nas nuvens, e, contudo, ele não podia sair do silêncio mais humilhante. Por isso, o seu ar severo durante os passeios com a senhora de Rênal e com as crianças era aumentado por um sofrimento cruel. Desprezava-se com repulsa. Se por infelicidade se forçava a falar, apetecia-lhe dizer as coisas mais ridículas. Para agravar a situação, via e exagerava os seus despropósitos: mas o que não via era a expressão dos seus olhos; eram tão belos e revelavam uma alma tão ardente que, como nos bons actores, davam por vezes encanto àquilo que o não tinha. A senhora de Rênal reparou que, quando sozinho com ela, só o ouvia dizer qualquer coisa interessante se ele se distraía com um acontecimento imprevisto e não pensava em compor algum galanteio. Como os amigos da casa não a cortejavam, apresentando-lhe ideias novas e brilhantes, gozava com delícia os lampejos de espírito de Julião.

Desde a queda de Napoleão todas as aparências de galanteria foram severamente banidas dos costumes da província. Receia-se ser demitido. Os patifes procuram apoio na congregação; a hipocrisia fez os maiores progressos, mesmo nas classes liberais. O tédio aumenta. Os únicos prazeres que restam são a leitura e a agricultura.

A senhora de Rênal, rica herdeira de uma tia devota, casada há dezasseis anos com um bom fidalgo, nunca na sua vida sentira nem vira nada que fosse sequer vagamente parecido com o amor. Fora apenas o seu confessor, o bom do cura Chélan, que lhe falara de amor, a propósito das perseguições do senhor Valenod, e tinha-lhe pintado uma imagem tão desagradável que essa palavra só representava para ela a libertinagem mais abjecta. Considerava uma excepção ou, mesmo, uma coisa fora da natureza o amor tal como o encontrara no pequeno número de romances que o acaso pusera debaixo dos seus olhos. Graças a esta ignorância, a senhora de Rênal, perfeitamente feliz, pensando continuamente em Julião, estava longe de fazer a si própria a mais pequena censura.

**PEQUENOS ACONTECIMENTOS**

*Then there were sighs, the deeper for  
suppression, And Stolen glances, sweeter for  
the theft And burning blushes, though for no  
transgression.*

Don Jaan, C.1, est. 74

A angelical doçura que a senhora de Rênal devia ao seu carácter e à sua felicidade actual era apenas um pouco alterada quando se punha a pensar na sua criada de quarto, Elisa. Esta rapariga teve uma herança, foi-se confessar ao cura Chélan e contou-lhe o seu projecto de casar com Julião. O cura sentiu uma verdadeira alegria com a sorte do seu amigo; mas a sua surpresa foi enorme quando Julião lhe disse com ar resolutivo que o oferecimento da menina Elisa não lhe convinha.

- Tome cuidado, meu filho, com o que se passa no seu coração - disse o cura franzindo as sobrancelhas. - Felicito-o pela sua vocação, se é só a ela que deve o desprezo de uma fortuna mais que suficiente. Há cinquenta e seis anos que sou cura de Verrières, mas tudo me faz supor que vou ser destituído. Isso aflige-me, e, contudo, tenho oitocentas libras de rendimento. Conto-lhe este pormenor para que não tenha ilusões sobre o que o espera na vida de padre. Se pensa em fazer a corte aos homens que estão no Poder, a sua perda eterna será assegurada. Poderá fazer fortuna, mas terá de prejudicar os miseráveis, lisonjear o subprefeito, o presidente, os homens importantes, e servir as suas paixões: esta conduta, que no mundo se chama saber viver, pode, para um laico, não ser absolutamente incompatível com a salvação; mas, no nosso estado, há que optar; trata-se de fazer fortuna ou neste mundo ou no outro; não há meio-termo. Vá, meu caro amigo, reflita e volte daqui a três dias para me dar uma resposta definitiva. Entrevejo, com desgosto, no fundo do seu carácter, um ardor sombrio que não me anuncia a moderação e a perfeita abnegação das virtudes terrenas necessárias a um padre; auguro bem do seu espírito; mas permita-me que lhe diga - acrescentou o bom cura com as lágrimas nos olhos -

que no estado de padre receio pela sua salvação.

Julião tinha vergonha da comoção. Pela primeira vez na sua vida sentia que alguém lhe tinha amizade; chorava com um prazer íntimo e foi esconder as suas lágrimas nos grandes bosques que cercam Verrières.

“Porque estou neste estado? Sinto que daria cem vezes a minha vida pelo bom cura Chélan, e, contudo, acaba de me provar que sou um tolo. É a ele, sobretudo, que quero enganar, e ele adivinha-me. Este ardor secreto de que fala é a minha ambição de fazer fortuna. Julga-me indigno de ser padre, e isto precisamente quando eu julgava que o sacrifício de cinquenta luíses de renda lhe ia dar a mais alta ideia da minha devoção e da minha vocação.”

“Para o futuro”, continuou Julião, “apenas confiarei nos aspectos do meu carácter que tiver posto à prova. Quem diria que eu havia de ter prazer em chorar? Que gostaria daquele que me prova que sou apenas um parvo?”

Três dias depois Julião encontrou o pretexto com que desde o primeiro dia se devia ter munido; esse pretexto era uma calúnia, mas que importava? Confessou ao cura, com muita hesitação, que um motivo que não podia explicar, porque prejudicaria um terceiro, o tinha afastado, logo no começo, da projectada união. Era acusar o comportamento de Elisa. O senhor Chélan achou nas suas maneiras um certo ardor mundano, bem diferente do que devia ter um futuro padre.

- Meu amigo, seja um bom burguês provinciano, estimável e instruído, de preferência a ser um padre sem vocação.

Julião respondeu muito bem a estes conselhos, quanto a palavras: achava os termos que teria empregado um jovem e fervoroso seminarista; mas o tom em que eram pronunciados e o fogo mal escondido que brilhava nos seus olhos alarmaram o senhor Chélan.

Não devemos pensar muito mal de Julião; ele inventava correctamente as palavras de uma hipocrisia cautelosa e prudente. Na sua idade não era grande mal. Quanto ao tom e aos gestos, vivia com camponeses; nunca tinha visto os grandes modelos. Com o decorrer do tempo, mal lhe foi dado aproximar-se daqueles senhores, tornou-se admirável, tanto nos gestos como nas palavras.

A senhora de Rênal ficou admirada por ver que a sua criada de quarto não se sentia mais feliz; via-a ir sem cessar a casa do cura e voltar com as lágrimas nos olhos; por fim, Elisa falou-lhe do casamento.

A senhora de Rênal julgou-se doente; uma espécie de febre impedia-a de dormir; só vivia quando tinha diante dos olhos ou a sua criada ou Julião. Só podia pensar neles e na felicidade que encontrariam no seu lar. A pobreza dessa casinha onde teriam de viver com um pequeno rendimento pintava-se-lhe com cores deliciosas. Julião podia muito bem fazer-se advogado em Bray, a

subprefeitura, a duas léguas de Verrières; nesse caso vê-lo-ia algumas vezes.

Julgou, que ia endoidecer; disse-o ao marido e por fim adoeceu.

À noite, quando a criada a servia, reparou que andava a chorar. Estava aborrecida com Elisa, naquele momento, e acabara de lhe ralhar; pediu-lhe desculpa. As lágrimas de Elisa redobram; disse-lhe que, se o permitisse, lhe contaria toda a sua desgraça.

- Diga - respondeu a senhora de Rênal.

- Pois bem, minha senhora, ele não me quer; algumas pessoas lhe devem ter dito mal de mim, e acreditou.

- Quem é que não a quer? - disse a senhora de Rênal, sustendo a respiração.

- Quem havia de ser, minha senhora, senão o senhor Julião - respondeu a criada a soluçar. - O senhor cura não conseguiu vencer a sua resistência; porque o senhor cura acha que ele não deve recusar uma rapariga honesta só por ela ser criada de quarto. Afinal, o pai do senhor Julião é um carpinteiro; e como é que ele próprio ganhava a vida antes de vir para casa da senhora?

A senhora de Rênal já não a ouvia; o excesso de felicidade quase a endoidecera. Fê-la repetir várias vezes que Julião recusara de uma maneira definitiva, que não deixava esperança de uma resolução mais ajuizada.

- Quero tentar um último esforço - disse à sua criada -, eu falarei ao senhor Julião.

No dia seguinte, depois do almoço, a senhora de Rênal deu-se à deliciosa volúpia de defender a causa da sua rival e de ver a mão e a fortuna de Elisa recusadas constantemente durante uma hora.

Pouco a pouco, Julião saiu das suas respostas compassadas e acabou por responder com espírito às ajuizadas contestações da senhora de Rênal, que não pôde resistir à torrente de felicidade que lhe inundava a alma depois de tantos dias de desespero. Sentiu-se mal. Quando melhorou e se achou instalada no seu quarto, mandou embora toda a gente. Estava profundamente admirada.

"Amo Julião?", perguntou por fim a si própria. Esta descoberta, que noutra ocasião a teria mergulhado no remorso e numa agitação profunda, foi apenas para ela uma sensação estranha, mas quase indiferente. A sua alma, esgotada por tudo o que acabava de passar, já não tinha sensibilidade ao serviço das paixões.

Quis trabalhar, e caiu num sono profundo; quando acordou não se alarmou tanto como devia. Estava feliz em demasia para poder levar fosse o que fosse para o lado mau. Ingénua e inocente, nunca esta boa provinciana torturara a alma para tentar arrancar-lhe um pouco de sensibilidade em cada novo cambiante de sentimento ou de desgraça. Inteiramente absorvida, antes da

chegada de Julião, por essa carga de trabalho que, longe de Paris, é o fardo de uma boa mãe de família, a senhora de Rênal pensava nas paixões como nós pensamos na lotaria: engano certo e felicidade procurada pelos loucos.

A sineta chamou para o jantar; a senhora de Rênal corou intensamente quando ouviu a voz de Julião, que trazia as crianças. Um pouco astuta desde que amava, para explicar a sua vermelhidão queixou-se de uma grande dor de cabeça.

- Eis como são todas as mulheres! - respondeu-lhe o senhor de Rênal com uma grande gargalhada. - Há sempre qualquer coisa escangalhada nessas máquinas!

Apesar de acostumada àquele gênero de graças, o tom de voz chocou-a. Para se distrair olhou para a cara de Julião; podia ser o homem mais feio que naquele momento ter-lhe-ia agradado.

Atento a copiar os hábitos das pessoas da corte, desde os primeiros dias da Primavera o senhor de Rênal mudou-se para Vergy; é a aldeia que se tornou célebre com a trágica aventura de Gabriela. A algumas centenas de passos das tão pitorescas ruínas da antiga igreja gótica, o senhor de Rênal possui um velho castelo com quatro torres e um jardim desenhado como o das Tulherias, com grandes cercaduras de buxo e áleas de castanheiros podados duas vezes por ano. Um campo próximo, plantado de macieiras, servia de recreio. No fundo do pomar havia oito ou dez nogueiras magníficas; a sua folhagem imensa elevava-se a mais de vinte metros de altura.

- Cada uma destas malditas nogueiras - dizia o senhor de Rênal quando a mulher se punha a admirá-las - custa-me a colheita de meia jeira; o trigo não se dá à sombra delas.

A paisagem campestre teve para a senhora de Rênal um ar de novidade; a sua admiração ia até ao entusiasmo. O sentimento que a animava dava-lhe engenho e decisão. Dois dias depois da chegada a Vergy, tendo o senhor de Rênal voltado à cidade, para tratar de assuntos do município, a senhora de Rênal mandou chamar operários por sua conta. Julião sugerira-lhe a ideia de um caminhezito ensaibrado, que serpearia através do pomar e debaixo das nogueiras, permitindo às crianças passear logo de manhã sem que os seus sapatos ficassem molhados pelo orvalho.

Esta ideia foi posta em execução menos de vinte e quatro horas depois de ter sido concebida. A senhora de Rênal passou todo o dia alegremente, com Julião, a dirigir os operários.

Quando o presidente de Verrières voltou da cidade ficou muito admirado ao encontrar a rua feita. A sua chegada também surpreendeu a senhora de Rênal; tinha esquecido a sua existência. Durante dois meses ele falou com mau

humor no arrojo de terem feito, sem o consultar, uma reparação tão importante; mas a senhora de Rênal tinha pago do seu bolso, o que o consolava um pouco.

Ela passava os dias a correr com os filhos no pomar e a caçar borboletas. Tinha feito grandes capuzes de gaze clara, com os quais apanhava os pobres lepidópteros. Foi este nome bárbaro que Julião ensinou à senhora de Rênal, que mandara vir de Besançon a bela obra de Godart, e Julião contava-lhe os estranhos costumes destes pobres animais. Espetavam-nos sem piedade num grande cartão arranjado também por Julião.

Houve, enfim, entre a senhora de Rênal e Julião um assunto para conversa; nunca mais se expôs ao terrível suplício que lhe causavam os momentos de silêncio. Falavam um com o outro sem cessar, e com um interesse muito grande, apesar de tratarem de coisas bem inocentes. Esta vida activa, ocupada e alegre, agradava a todos, excepto à menina Elisa, que se via sobrecarregada com trabalho. “Nunca, nem mesmo no Carnaval”, dizia ela, “quando há um baile em Verrières, a senhora tanto se preocupou com a maneira de vestir; muda de fato duas e três vezes por dia.”

Como a nossa intenção é de não lisonjear ninguém, não negaremos que a senhora de Rênal, que tinha uma carnação soberba, tivesse mandado arranjar vestidos que lhe deixavam os braços e o peito bastante descobertos; era muito bem feita, e esta maneira de trajar ficava-lhe admiravelmente.

- Nunca foi tão jovem, minha senhora! - diziam-lhe os amigos de Verrières que vinham jantar a Vergy.

Uma coisa singular, em que pouca gente acreditará: era sem intenção directa que a senhora de Rênal tinha tantos cuidados consigo. Achava prazer nisso; e, sem lhe dar outro sentido, todo o tempo que não passava a caçar borboletas com as crianças e Julião trabalhava com Elisa, a fazer vestidos. A sua única ida a Verrières foi motivada pela vontade de comprar vestidos de Verão, que tinham chegado de Mulhouse.

Trouxe para Vergy uma parenta. Desde o seu casamento, a senhora de Rênal ligara-se insensivelmente com a senhora Derville, que fora sua discípula no Sagrado Coração. A senhora Derville ria muito do que ela chamava as loucas ideias de sua prima. Sozinha, nunca pensaria nisso, dizia.

Estas ideias imprevistas, que em Paris seriam chamadas boas saídas, envergonhavam a senhora de Rênal como se fossem asneiras, quando estava com o marido; mas a presença da senhora Derville encorajava-a. Contava-lhe primeiro os seus pensamentos com voz tímida; quando estavam muito tempo sozinhas, o espírito da senhora de Rênal animava-se e uma longa manhã solitária passava como um instante, deixando as duas amigas muito alegres. Desta vez, a razoável senhora Derville achou a prima menos alegre e muito

mais feliz.

Julião, pelo seu lado, vivia como uma criança desde que estava no campo, tão feliz por correr atrás das borboletas como os alunos. Depois de tanto constrangimento e de hábil política, só, longe do olhar dos homens e, por instinto, não receando a senhora de Rênal, entregava-se ao prazer de existir, tão vivo naquela idade, e no meio das mais belas montanhas do mundo. Desde a chegada da senhora Derville pareceu a Julião que ela era a sua amiga; apressou-se a mostrar-lhe a linda vista que se desfrutava da extremidade da nova álea, debaixo das nogueiras; na verdade era igual, senão superior, ao que a Suíça e os lagos da Itália podem oferecer de mais admirável. Subindo a íngreme encosta que começa a alguns passos dali, depressa se chega a precipícios rodeados por bosques de carvalhos, que avançam quase até ao rio. Foi sobre a crista destes rochedos cortados a pique que Julião, feliz, livre, e mesmo alguma coisa mais rei da casa, conduziu as duas amigas e gozou a sua admiração diante destas paisagens sublimes.

- É para mim como a música de Mozart! - dizia a senhora Derville.

A inveja de seus irmãos e a presença de um pai déspota e cheio de mau humor tinham estragado aos olhos de Julião o panorama dos arredores de Verrières. Em Vergy não tinha destas recordações amargas; pela primeira vez na sua vida não via inimigos. Quando o senhor de Rênal estava na cidade, o que acontecia bastas vezes, ele ousava ler; dentro em pouco, em vez de ler à noite, e tendo o cuidado de esconder a luz dentro de uma jarra voltada ao contrário, pôde dormir; de dia, no intervalo das lições, ia para os rochedos com o livro, única regra da sua conduta e objecto dos seus entusiasmos.

Encontrava nele ao mesmo tempo felicidade, êxtase e consolação nos momentos de falta de coragem.

Certas coisas que Napoleão diz às mulheres, várias discussões sobre o mérito dos romances em voga durante o seu reinado, deram-lhe então, pela primeira vez, algumas ideias que qualquer outro rapaz da sua idade há muito teria tido.

Chegaram os grandes calores. Estabeleceu-se o hábito de passar as noites debaixo de uma grande tília a alguns passos de casa. Ali, a escuridão era profunda. Uma noite, Julião falava animadamente, gozando com delícia o prazer de falar bem e a mulheres jovens; ao gesticular tocou na mão da senhora de Rênal, que estava encostada às costas de uma dessas cadeiras de madeira pintada que se colocam nos jardins.

Aquela mão retirou-se depressa; mas Julião pensou que era seu dever conseguir que a não retirassem quando ele a tocasse. A ideia de um dever a cumprir, e de um ridículo, ou antes, de um sentimento de inferioridade em que

ia incorrer, se o não conseguisse, afastou imediatamente de si todo o prazer.

## UMA NOITE NO CAMPO

*A Didon, de Guérin, um esboço  
encantador.*

Strombeck

Os seus olhares no dia seguinte, quando tornou a ver a senhora de Rênal, eram estranhos; observava-a como um inimigo com o qual tinha de se bater. Estes olhares, tão diferentes dos da véspera, desnortearam a senhora de Rênal; tinha sido boa, e via-o zangado. Não podia afastar os olhos dos dele.

A presença da senhora Derville permitia a Julião falar menos e ocupar-se mais com as coisas em que pensava. A sua única tarefa, durante todo aquele dia, foi fortalecer-se com a leitura do livro inspirado que retemperava a sua alma.

Abreviou bastante as lições das crianças e, em seguida, quando a presença da senhora de Rênal lhe veio lembrar os cuidados que tinha de ter com o seu triunfo, decidiu que era absolutamente preciso que naquela noite ela deixasse ficar a sua mão na dele.

O Sol, baixando no horizonte e aproximando o momento decisivo, fez bater o coração de Julião de uma maneira singular. Veio a noite. Observou, com uma alegria que lhe tirou um peso enorme de cima do peito, que seria muito escura. O céu, carregado de grandes nuvens, levadas por um vento quente, parecia anunciar tempestade. As duas amigas passearam até muito tarde. Tudo o que naquela noite faziam parecia estranho a Julião. Gozavam aquele tempo que, para certas almas delicadas, parece aumentar o prazer de amar.

Sentaram-se, por fim, a senhora de Rênal ao lado de Julião e a senhora Derville junto da sua amiga. Preocupado com o que ia tentar, ele não achava nada para dizer. A conversa descaía. “Estarei assim trémulo e triste no primeiro duelo que tiver?”, disse para consigo Julião; porque ela tinha um excesso de desconfiança de si e dos outros, para não ver o estado da sua alma.

Na sua angústia mortal todos os perigos lhe pareciam preferíveis. Quantas vezes não desejou ver surgir qualquer causa que obrigasse a senhora de Rênal a

voltar para casa e a deixar o jardim! O esforço que Julião tinha de fazer sobre si próprio era demasiado forte para que a sua voz não estivesse profundamente alterada; dentro em pouco a voz da senhora de Rênal também começou a tremer, mas Julião não deu por isso. O terrível combate entre o dever e a timidez era penoso de mais para que ele estivesse em estado de observar alguma coisa fora dele próprio. Soaram os três quartos depois das nove horas no relógio do castelo sem que ele ainda tivesse ousado fosse o que fosse. Indignado com a sua cobardia, disse para consigo:

“No momento exacto em que soarem dez horas executo o que durante todo o dia prometi a mim próprio fazer esta noite, ou subo para o meu quarto e dou um tiro nos miolos!”

Depois de um último momento de espera e de ansiedade, durante o qual o excesso de emoção o punha fora de si, soaram dez horas no relógio que estava por cima da sua cabeça. Cada badalada daquele sino fatal ressoava-lhe no peito, causando-lhe como que um estremeção físico.

Enfim, quando a última badalada vibrava ainda, estendeu a mão e pegou na da senhora de Rênal, que a retirou imediatamente.

Julião, sem saber bem o que fazia, agarrou-a de novo. Apesar de muito comovido, surpreendeu-o a frialdade glacial da mão em que pegava; apertava-a com uma força convulsiva; a senhora de Rênal fez um último esforço para a libertar, mas, por fim, deixou-a ficar.

A sua alma inundou-se de felicidade, não porque amasse a senhora de Rênal, mas porque um atroz suplício tinha acabado. Para que a senhora Derville não desse conta de nada julgou-se na obrigação de falar; a sua voz era vibrante e forte. A da senhora de Rênal, pelo contrário, denunciava tanta emoção que a amiga julgou-a doente e propôs-lhe voltarem para casa.

Julião sentiu o perigo: “Se volta para o salão, vou recair na terrível situação em que passei o dia. Agarrei nesta mão muito pouco tempo para que isto conte como um êxito alcançado.”

No momento em que a senhora Derville renovava a sua proposta de regressarem ao salão, Julião apertou fortemente aquela mão que se entregava.

A senhora de Rênal, que já ia a levantar-se, sentou-se de novo, dizendo, com uma voz desfalecida:

- Sinto-me, na verdade, um pouco doente, mas o ar livre faz-me bem.

Estas palavras confirmaram a felicidade de Julião, que, naquele momento, era enorme; falou, esqueceu-se de fingir, e as duas amigas, que o escutavam, acharam-no o homem mais amável do mundo. Contudo, havia ainda uma certa falta de coragem naquela eloquência que de repente lhe vinha. Temia que a senhora Derville, fatigada com o vento que começava a soprar, e que precedia a

tempestade, quisesse voltar sozinha para o salão. Então ficaria a sós com a senhora de Rênal.

Quase por acaso, tivera a coragem cega necessária para agir, mas sentia-se incapaz de lhe dizer a coisa mais simples que fosse. Por muito leves que fossem as suas censuras, ia ser batido e a vantagem obtida seria aniquilada.

Felizmente para ele, naquela noite os seus discursos enfáticos e comoventes agradaram à senhora Derville, que muitas vezes o achava pouco divertido e desastrado como uma criança. Quanto à senhora de Rênal, com a mão na de Julião, não pensava em nada; deixava-se viver. As horas que passou debaixo da grande tília, que a tradição reza ter sido plantada por Carlos, o Temerário, foram para ela momentos de felicidade. Escutava, deliciada, os gemidos do vento na folhagem espessa da árvore e o ruído das gotas de chuva que começavam a cair nas folhas mais baixas.

Julião não reparou numa circunstância que o teria tranquilizado: a senhora de Rênal, que tivera de retirar a sua mão, por se ter levantado para ajudar a prima a endireitar um vaso de flores que o vento tombara ao pé dela, mal se sentou entregou-lhe a mão quase sem dificuldade, como se fosse já entre eles uma coisa combinada.

A meia-noite soara há muito; tiveram, finalmente, de sair do jardim; separaram-se. A senhora de Rênal, enlevada pela felicidade de amar, estava de tal modo alheia que quase se não censurava. A felicidade não a deixava dormir. Um sono de chumbo apoderara-se de Julião, fatigado pelos combates que a timidez e o orgulho tinham travado durante todo o dia dentro de si.

No dia seguinte acordaram-no às cinco horas; e teria sido cruel para a senhora de Rênal se soubesse que mal pensara nela. Tinha feito o seu dever, e um dever heróico. Este sentimento encheu-o de felicidade: fechou-se à chave no seu quarto e absorveu-se, com um prazer novo, na leitura das façanhas do seu herói.

Quando tocou a sineta chamando para o almoço esquecera-se, a ler os boletins do Grande Exército, de todos os triunfos da véspera. Quando descia para o salão, disse para consigo, num tom despreocupado: “Tenho de dizer àquela mulher que a amo.”

Em vez dos olhares de voluptuosidade que esperava encontrar, deparou-se-lhe a expressão severa do senhor de Rênal, que, tendo chegado há duas horas de Verrières, não escondia o seu descontentamento por Julião passar toda a manhã sem se ocupar com as crianças. Nada era mais desagradável do que aquele homem importante quando de mau humor e julgando poder mostrá-lo.

Cada palavra áspera de seu marido atravessava o coração da senhora de Rênal. Quanto a Julião estava de tal forma mergulhado em êxtase, ainda tão

ocupado com as coisas importantes que durante várias horas tinham passado diante dos seus olhos, que, ao princípio, mal pôde baixar a sua atenção até ouvir as frases duras que o senhor de Rênal lhe dirigia.

Por fim, respondeu-lhe, bastante bruscamente:

- Estive doente.

O tom desta resposta teria ferido um homem muito menos susceptível que o presidente de Verrières; pensou em o pôr imediatamente na rua. Apenas o reteve a regra, que se impusera, de nunca se apressar a resolver qualquer assunto.

“Este jovem parvo”, disse para consigo, pouco depois, “consegui alcançar na minha casa um certo prestígio. O Valenod pode contratá-lo ou então casará com a Elisa, e, nos dois casos, lá no íntimo poderá trocar de mim.”

Apesar do ajuizado das suas reflexões, o descontentamento do senhor de Rênal não deixou de explodir numa série de palavras grosseiras, que pouco a pouco irritaram Julião. A senhora de Rênal estava para começar a chorar. Mal o almoço terminou pediu a Julião que lhe desse o braço para irem passear; apoiou-se nele com amizade. A tudo o que lhe dizia ele só podia responder a meia voz:

- São assim as pessoas ricas!

O senhor de Rênal ia perto deles; a sua presença aumentava a cólera de Julião. Reparou, de repente, que a senhora de Rênal se encostava ao seu braço de uma maneira evidente; esta atitude causou-lhe repulsa, afastou-a com violência e despreendeu o braço.

Felizmente, o senhor de Rênal não viu mais esta impertinência; notou-a apenas a senhora Derville; a sua amiga desfazia-se em lágrimas. Neste momento, o senhor de Rênal pôs-se a perseguir à pedrada uma pequena camponesa que atravessava um canto do pomar por um atalho que abusivamente ali tinham aberto.

- Senhor Julião, por favor modere-se; pense que todos temos momentos de mau humor! - disse a senhora Derville, num tom de voz agreste.

Ele fitou-a friamente, com um olhar que demonstrava o mais soberano desprezo.

Este olhar admirou a senhora Derville e tê-la-ia surpreendido muito mais se tivesse adivinhado o seu verdadeiro significado; teria visto nele uma esperança vaga da mais atroz vingança. Foram com certeza momentos de humilhação como este que fizeram os Robespierre.

- O vosso Julião é muito violento, assusta-me - disse, baixinho, a senhora Derville à sua amiga.

- Tem razão para estar zangado - respondeu-lhe ela. Depois dos extraordi-

nários progressos que as crianças fizeram, que importa que passe uma manhã sem se ocupar delas? Temos de concordar que os homens são muito duros.

Pela primeira vez na sua vida, a senhora de Rênal sentiu desejos de se vingar de seu marido. O ódio violento que Julião tinha aos ricos ia explodir. Felizmente, o senhor de Rênal chamou o jardineiro e ocupou-se a vedar com ramos espinhosos o caminho abusivamente feito através do pomar. Julião não respondeu uma única palavra aos avisos que lhe fizeram durante o resto do passeio. Mal o senhor de Rênal se afastou, as duas amigas, dizendo-se fatigadas, deram-lhe ambas o braço.

Entre aquelas duas mulheres, que uma grande perturbação fazia corar, embaraçadas, a palidez altiva, o ar sombrio e decidido de Julião fazia um estranho contraste. Desprezava-as a ambas e a todos os sentimentos de ternura.

“O quê?”, dizia para consigo. “Nem ao menos quinhentos francos de rendimento para terminar os meus estudos! Ah! Como eu o mandaria passear!”

Absorvido por estas ideias severas, o pouco que se dignava compreender das palavras amáveis das duas desagradava-lhe como vazio de sentido, ingênuo, fraco, numa palavra, feminino.

À força de falar por falar e de procurar manter a conversa viva, aconteceu que a senhora de Rênal disse que o marido voltara de Verrières porque fizera um negócio de palha de milho com um dos caseiros. (Nesta região é com palha de milho que enchem os enxergões das camas.)

- Meu marido não voltará para o pé de nós - acrescentou a senhora de Rênal -; com o jardineiro e o criado de quarto, vai tratar de acabar a renovação da palha dos enxergões da casa. Esta manhã pôs palha de milho em todos os enxergões das camas do primeiro andar; agora, está no segundo.

Julião mudou de cor; olhou para a senhora de Rênal de uma maneira estranha e dali a pouco chamou-a de parte, apressando um pouco o passo. A senhora Derville deixou-os afastar.

- Salve-me a vida - disse à senhora de Rênal -, só a senhora o pode fazer; como sabe, o criado de quarto tem-me um ódio de morte. Devo confessar-lhe, minha senhora, que tenho um retrato escondido na palha do enxergão da minha cama.

Ao ouvir estas palavras a senhora de Rênal empalideceu por sua vez.

- Só a senhora pode, neste momento, entrar no meu quarto; procure disfarçadamente no canto do enxergão que está mais próximo da janela e encontrará lá uma pequena caixa de cartão preto e liso.

- Contém um retrato? - disse a senhora de Rênal mal se podendo sustentar de pé. O seu ar de desânimo foi notado por Julião, que imediatamente se aproveitou.

- Tenho um segundo pedido para lhe fazer, minha senhora. Suplico-lhe que não veja o retrato; é o meu segredo.

- É um segredo? - repetiu ela, com voz apagada. Mas, apesar de ter sido educada entre pessoas orgulhosas da sua fortuna e sensíveis ao dinheiro, o amor já dera generosidade àquela alma. Cruelmente ferida, foi com o ar da dedicação mais simples que a senhora de Rênal fez a Julião as perguntas necessárias para poder cumprir a sua missão.

- É então - perguntou-lhe afastando-se - numa pequena caixa redonda, de cartão preto, liso?

- Sim, minha senhora - respondeu Julião, com aquele ar duro que o perigo dá aos homens.

Ela subiu ao segundo andar do castelo, pálida como se caminhasse para a morte. Sentiu-se mal; mas a necessidade de prestar um serviço a Julião deu-lhe forças. "É preciso que eu consiga essa caixa", pensou, apressando o passo.

Ouviu o marido falar com o criado no próprio quarto de Julião. Felizmente, passaram para o das crianças. Levantou o colchão e meteu a mão no enxergão, com uma tal violência que esfolou os dedos. Mas, apesar de ser muito sensível às pequenas dores, não sentiu esta, não teve consciência dela, porque, ao mesmo tempo, sentiu o polido da caixa de cartão. Agarrou-a e desapareceu.

Mal lhe passou o medo de ser surpreendida pelo marido, o horror que a caixa lhe causava quase a fez desmaiar.

- Julião está então apaixonado, e tenho aqui o retrato da mulher que ama!

Sentada numa cadeira da antecâmara do aposento, a senhora de Rênal lutava com todos os horrores do ciúme. Naquele momento a sua grande ignorância foi-lhe útil: o espanto temperava a dor.

Julião apareceu, pegou na caixa, sem agradecer, sem dizer nada, e caminhou apressado para o seu quarto, onde acendeu o lume, e queimou-a imediatamente. Estava pálido e aniquilado; exagerava as proporções do perigo por que acabava de passar.

"O retrato de Napoleão", dizia para consigo, abanando a cabeça, "escondido em casa de um homem que professa um tão grande ódio pelo usurpador! Encontrado pelo senhor de Rênal, tão realista e tão irritado! E, para cúmulo de imprudência, no cartão branco, atrás do retrato, umas linhas escritas pela minha mão, e que não podem deixar dúvidas sobre o exagero da minha admiração! E cada um destes entusiasmos está datado! Há um de anteontem."

"Toda a minha reputação por terra, aniquilada num momento!", exclamava Julião, para consigo, vendo arder a caixa. "E a minha reputação é toda a minha fortuna, só vivo para ela... e que vida, grande Deus!"

Uma hora depois, a fadiga e a piedade que por si próprio sentia

predispunham-no para o enternecimento. Encontrou a senhora de Rênal e pegou-lhe na mão, que beijou com mais sinceridade do que nunca. Ela corou de felicidade e, quase no mesmo instante, a cólera e o ciúme fizeram-na repelir Julião.

O orgulho ferido de há pouco levou-o, naquela ocasião, a uma atitude tola. Não viu senão uma mulher rica na senhora de Rênal; deixou cair a sua mão desdenhosamente e afastou-se. Foi passear, pensativo, para o jardim; dali a pouco, um sorriso amargo pairava-lhe nos lábios.

“Passeio aqui, tranquilo como um homem que dispõe do seu tempo! Não trato das crianças! Exponho-me às palavras humilhantes do senhor de Rênal e ele terá razão.”

Correu ao quarto dos pequenos.

As carícias do mais novo, de quem muito gostava, acalmaram um pouco a sua cruciante dor.

“Este ainda não me despreza”, pensou Julião. Mas logo se censurou daquela diminuição da dor como de uma nova fraqueza.

“Estas crianças acariciam-me como acariciam o cãozito de caça que ontem compraram.”

## UM GRANDE CORAÇÃO E UMA PEQUENA FORTUNA

*But passion most dissembles, yet  
betrays, Even by its darkness; as the blackest  
sky, Foretells the heaviest tempest.*

Don Juan, C.1, est. 75

O senhor de Rênal, que andava a percorrer todos os quartos do castelo, voltou para o das crianças, com os criados que traziam os enxergões. A súbita entrada deste homem foi para Julião a gota de água que faz transbordar a taça.

Mais pálido e sombrio do que habitualmente, correu para ele. O patrão parou e olhou para os seus criados.

- Senhor, julga que qualquer outro preceptor teria conseguido que as crianças fizessem mais progressos? Se responder que não - continuou, sem lhe deixar tempo para falar -, como ousa dirigir-me a censura de que as abandono?

O senhor de Rênal, mal refeito do susto, concluiu, pelo estranho tom em que ouvia falar aquele camponês, que lhe tinham feito qualquer proposta vantajosa e que ia despedir-se.

A cólera de Julião aumentava à medida que falava:

- Posso viver sem o senhor - acrescentou.

- Lamento vê-lo tão agitado - balbuciou o senhor de Rênal.

Os criados estavam a pouca distância, arranjando as camas.

- Não é de lamentações que necessito, senhor - continuou Julião, fora de si.

- Pense na injustiça das palavras que me dirigiu, e, para mais, diante de mulheres!

O senhor de Rênal compreendia bem de mais o que o outro queria, e um violento combate travava-se no seu íntimo.

Sucedeu então que Julião, na verdade louco de cólera, exclamou:

- Sei para onde hei-de ir ao sair da sua casa.

Ao ouvir estas palavras o senhor de Rênal viu o preceptor instalado em casa de Valenod.

- Pois bem - disse-lhe, por fim, com um suspiro e com o ar com que teria

chamado o cirurgião para a mais dolorosa das operações -, acedo ao seu pedido. A partir de depois de amanhã, que é o dia um, dou-lhe cinquenta francos por mês.

Julião teve vontade de rir e ficou estupefacto; toda a sua cólera desaparecera.

“Eu não desprezava suficientemente este animal”, disse para consigo. “Aqui está, sem dúvida, a melhor compensação que uma alma tão baixa pode oferecer.”,

As crianças, que escutavam esta cena de boca aberta, correram ao jardim a dizer à mãe que o senhor Julião estava muito zangado, mas que agora ia ter cinquenta francos por mês. O preceptor seguiu-as por hábito, sem mesmo olhar para o patrão, que ele deixava profundamente irritado.

“Aqui estão cento e sessenta e oito francos”, dizia, para consigo, o presidente”, que o Valenod me custa. É absolutamente necessário que eu lhe diga duas palavras firmes sobre o seu negócio dos fornecimentos para as crianças abandonadas.”

Um instante depois Julião encontrou-se com o senhor de Rênal.

- Preciso de falar da minha consciência ao cura Chélan; tenho a honra de vos prevenir que estarei ausente algumas horas.

- Meu caro Julião - respondeu o patrão, rindo com ar forçado -, terá todo o dia, se quiser todo o dia de amanhã, meu bom amigo. Leve o cavalo do jardineiro para ir a Verrières. - E, depois, para consigo: “Lá vai ele dar a resposta ao Valenod; nada me prometeu, mas devo deixar esfriar esta cabeça de rapaz novo.”

Julião saiu rapidamente e subiu para os grandes bosques pelos quais se pode ir de Vergy a Verrières. Não queria chegar tão cedo a casa do cura. Longe de desejar submeter-se a nova cena de hipocrisia, tinha necessidade de ver claro na sua alma e de dar atenção à imensidade de sentimentos que o agitavam.

“Ganhei uma batalha”, disse para consigo, mal se viu nos bosques e longe do olhar dos homens, “ganhei, portanto, uma batalha!”

Estas palavras pintavam a situação, mostrando-a bela, e, portanto, tranquilizaram-lhe a alma.

“Eis-me com cinquenta francos por mês de ordenado; é preciso que o senhor de Rênal esteja com medo de qualquer coisa. Mas de quê?”

Esta meditação sobre o que poderia ter causado receio ao homem poderoso e feliz contra o qual ainda há uma hora se sentia fervendo de cólera acabou por serenar o espírito de Julião. Por um instante quase foi sensível à encantadora beleza dos bosques que atravessava. Enormes rochedos tinham outrora caído para a floresta, desprendidos das encostas da montanha.

Grandes faias elevavam-se quase tão alto como essas rochas, cuja sombra dava uma frescura deliciosa perto de locais onde o calor dos raios do Sol não deixaria parar ninguém.

Julião, retomou o fôlego à sombra dos penhascos e recomeçou a subida. Pouco depois, por um atalho de que só se serviam os pastores de cabras, achou-se de pé sobre um enorme rochedo e com a certeza de estar separado de todos os homens. Esta posição fê-lo sorrir; pintava-lhe a situação que moralmente tanto desejava atingir. O ar puro dessas altas montanhas comunicou à sua alma serenidade e até alegria. O presidente de Verrières continuava a ser, a seus olhos, o representante de todos os ricos e insolentes da terra, mas Julião sentia que o ódio que acabava de o agitar, apesar da violência dos seus ímpetos, nada tinha de pessoal. Se deixasse de ver o senhor de Rênal durante oito dias, esquecê-lo-ia e ao seu castelo, cães, filhos e toda a família. E pensava:

“Forcei-o, não sei como, a fazer o maior dos sacrifícios. Mais dinheiro! Uma boa quantia por ano! Um momento antes conseguira livrar-me de um grande perigo. Eis duas vitórias num só dia; a segunda não tem mérito, seria preciso adivinhar a sua causa. Mas deixemos para amanhã estas difíceis investigações.”

Julião, de pé sobre o grande rochedo, olhava o céu abrasado pelo sol de Agosto. As cigarras cantavam no campo abaixo do penhasco; quando se calavam, tudo era silêncio à sua volta.

Via, a seus pés, vinte léguas em redor. De vez em quando, partindo dos ramos que estavam acima da sua cabeça, um gavião descrevia, em silêncio, círculos imensos. O seu olhar seguia maquinalmente a ave de rapina, cujos movimentos tranquilos e poderosos o impressionavam; invejava aquela força, invejava aquele isolamento.

Fora o destino de Napoleão; seria um dia o seu?

## UM SERÃO

*Yet Julia's very coldness still was kind,  
And tremulously gentle her small hand  
Withdrew It self from his, but left behind A  
little pressure, thrilling, and so bland And  
slight, so very slight, that to the mind, 'I was  
but a doubt.*

Don Juan, C.1, est. 71

Mas teve de aparecer em Verrières. Ao sair do presbitério um feliz acaso fê-lo encontrar o senhor Valenod, a quem se apressou a contar o aumento do seu ordenado.

Ao voltar a Vergy, Julião só desceu ao jardim quando era já noite fechada. Tinha a alma fatigada do grande número de emoções fortes que, durante aquele dia, o tinham agitado.

“Que lhes direi?”, interrogava-se cheio de inquietação, pensando nas senhoras. Encontrava-se longe de ver que a sua alma estava precisamente ao nível das pequenas circunstâncias que habitualmente ocupam o interesse das mulheres. Julião era muitas vezes incompreensível para a senhora Derville, e até para a sua amiga, e, por seu turno, só compreendia metade do que elas lhe diziam. Tal era o efeito da força e, se ousou dizer, da grandeza dos movimentos da paixão que transtornavam a alma do jovem apaixonado. Naquele ser singular havia quase todos os dias tempestade.

Naquela noite, ao entrar no jardim, Julião estava disposto a dar atenção às ideias das lindas primas. Esperavam-no com impaciência. Sentou-se no seu lugar habitual, ao lado da senhora de Rênal. Dali a pouco, a escuridão tornou-se profunda. Quis segurar numa branca mão que há muito via perto de si, apoiada nas costas de uma cadeira. A senhora de Rênal hesitou um pouco, mas acabou por lha tirar de uma maneira que significava mau humor. Julião tencionava simular não ter compreendido o gesto e continuar alegremente a conversa, quando ouviu o senhor de Rênal aproximar-se.

Tinha ainda nos ouvidos as grosseiras palavras da manhã.

“Não seria”, disse para consigo, “a melhor forma de trocar daquele indivíduo, cheio de todos os benefícios da fortuna, o apoderar-se da mão da sua mulher e na sua presença? Sim, fá-lo-ei, eu, por quem mostrou tanto desprezo.”

Desde aquele momento a tranquilidade, tão pouco própria do carácter de Julião, depressa se afastou; desejou, com ansiedade e sem conseguir pensar noutra coisa, que a senhora de Rênal quisesse abandonar-lhe a mão.

O presidente falava de política com irritação: dois ou três industriais de Verrières estavam decididamente a tornar-se mais ricos do que ele e queriam contrariá-lo nas eleições. A senhora Derville escutava-o. Julião, aborrecido com aqueles discursos, aproximou a sua cadeira da da senhora de Rênal. A escuridão escondia todos os movimentos. Resolveu pousar a sua mão muito perto do lindo braço que o vestido deixava a descoberto. Perturbou-se e deixou de dominar o seu pensamento; aproximou a face daquele braço e beijou-o.

A senhora de Rênal estremeceu. Seu marido estava perto deles; apressou-se a entregar a mão a Julião e, ao mesmo tempo, a afastá-lo um pouco. Como o senhor de Rênal continuava as suas injúrias contra os insignificantes e jacobinos que enriqueciam, Julião cobriu de beijos apaixonados a mão que lhe entregavam, ou que, pelo menos, assim pareciam à senhora de Rênal. Contudo, a pobre mulher tivera, naquele dia fatal, a prova de que o homem que adorava, sem ousar confessá-lo, amava outra! Durante toda a ausência de Julião sentira-se extremamente infeliz e isso fizera-a reflectir.

“O quê! Será amor”, dizia para consigo. “Estarei apaixonada? Eu, mulher casada? Mas nunca senti por meu marido esta sombria loucura que faz com que não possa deixar de pensar em Julião. No fundo, é apenas uma criança cheia de respeito por mim. Esta loucura será passageira. Que se importa meu marido com os sentimentos que eu possa ter por este rapaz? O senhor de Rênal sentir-se-ia aborrecido com conversas sobre coisas de imaginação. Ele só pensa nos negócios. Nada lhe tiro para dar a Julião.”

Nenhuma hipocrisia vinha alterar a pureza daquela alma ingénua, extraviada por uma paixão que nunca tinha experimentado. Estava enganada, mas sem o saber, e, contudo, num instinto de virtude, sentia-se assustada. Tais eram as preocupações que a agitavam quando Julião apareceu no jardim.

Ouviu-o falar; e quase a seguir ele sentou-se a seu lado. A sua alma sentiu-se transportada por aquela encantadora felicidade que há quinze dias mais a espantava do que a seduzia. Tudo era imprevisito para ela. Contudo, depois de alguns instantes, pensou: “Basta, portanto, a presença de Julião para apagar todas as suas culpas?” Ficou apavorada; foi nesse momento que lhe retirou a mão.

Os beijos cheios de paixão, diferentes de todos os que recebera, fizeram-lhe esquecer, de repente, que ele amava, talvez, outra mulher. Pouco depois, aos seus olhos já não era culpado. O cessar da dor pungente, vinda da suspeita, a presença de uma felicidade que ela nem sequer nunca sonhara deram-lhe exaltações de amor e de alegria louca. Aquela noite foi encantadora para todos, menos para o presidente de Verrières, que não podia esquecer os seus industriais enriquecidos. Julião não pensava já na sua negra ambição, nem nos seus projectos tão difíceis de executar. Pela primeira vez na sua vida era arrastado pelo poder da beleza. Partido num sonho vago e doce, tão estranho ao seu carácter, apertando devagarinho aquela mão que lhe agradava como uma beleza perfeita, escutava o movimento das folhas de tília, agitadas pela leve brisa da noite, e os cães do moleiro do Doubs, que ladravam ao longe. Mas esta emoção era um prazer e não uma paixão. Ao entrar no seu quarto pensou apenas numa felicidade: a de voltar a pegar no seu livro favorito; aos vinte anos a ideia do mundo e do efeito a produzir nele sobrepõe-se a tudo. No entanto, depressa pousou o livro. à força de pensar nas vitórias de Napoleão viu qualquer coisa de novo na sua.

“Sim, ganhei uma batalha”, disse para consigo, “é preciso aproveitá-la; é preciso esmagar a soberba deste orgulhoso fidalgo enquanto está em retirada. Isto é napoleónico. Preciso de pedir três dias de férias para ir visitar o meu amigo Fouqué. Se ele recusar, ponho-o outra vez na alternativa de manter ou romper o nosso contrato; mas cederá.”

A senhora de Rênal não pôde dormir. Parecia-lhe que até àquele momento não tinha vivido. Não podia distrair o seu pensamento de felicidade de sentir Julião cobrir-lhe a mão de beijos inflamados. De repente surgiu-lhe a horrível palavra: adultério. Tudo o que o mais vil deboche pode imprimir de repugnante à ideia do amor dos sentidos apresentou-se à sua imaginação. Estes pensamentos tentavam macular a imagem doce e divina que ela criara de Julião e da felicidade de o amar. O futuro pintou-se-lhe com cores terríveis. Sentia-se desprezível.

Este momento foi pavoroso; a sua alma atingia regiões desconhecidas. Na véspera gozara uma felicidade nunca sentida; agora estava de repente mergulhada num desespero atroz. Não fazia ideia alguma destes sofrimentos, eles turvaram-lhe o espírito. Lembrou-se por um instante de confessar ao marido que receava amar Julião. Seria falar dele. Felizmente, encontrou na sua memória um conselho que a tia lhe dera na véspera do casamento. Tratava-se do perigo das confidências feitas a um marido, que, apesar de tudo, é um dono. No excesso da dor, ela torcia as mãos.

Era arrastada ao acaso por imagens contraditórias e dolorosas. Ora

receava não ser amada, ora a terrível ideia do crime a torturava como se no dia seguinte tivesse de ser exposta no pelourinho, na praça pública de Verrières, com um letreiro explicando o seu adultério à população.

A senhora de Rênal não tinha experiência alguma da vida; mesmo completamente desperta e no domínio das suas faculdades mentais, não teria apercebido diferença alguma entre ser culpada aos olhos de Deus e achar-se acabrunhada em público pelo mais marcado desprezo geral.

Quando a horrível ideia do adultério e de toda a ignomínia que, na sua opinião, este crime arrasta atrás de si lhe deixava algum repouso, e se punha a sonhar a ventura de viver inocentemente com Julião, como no passado, via-se dominada pela ideia horrível de que este amava outra mulher. Via ainda a sua palidez quando receou perder o retrato ou comprometê-la se este fosse visto. Pela primeira vez, surpreendera o receio naquela fisionomia tão tranquila e tão doce. Nunca se mostrara assim tão comovido, nem por ela nem por seus filhos. Este acréscimo de sofrimento chegou à maior intensidade de dor que à alma humana é dado poder suportar. Sem dar conta disso, a senhora de Rênal lançou gritos que acordaram a sua criada de quarto. De súbito viu aparecer perto do leito a claridade de uma luz e reconheceu Elisa.

- É a si que ele ama? - gritou, na sua loucura. A criada, espantada com a terrível perturbação em que via mergulhada a sua ama, não deu, felizmente, atenção alguma àquelas palavras estranhas. A senhora de Rênal reconheceu a sua imprudência.

- Creio que tenho febre - disse-lhe ela - e julgo que estou a delirar; fique ao pé de mim.

Completamente acordada pela necessidade de se dominar, sentiu-se menos desgraçada; o espírito retomou o poder que o estado de meia sonolência lhe tirara. Para escapar ao olhar fixo da criada, mandou-lhe ler o jornal, e foi ao ruído monótono da voz da rapariga, lendo um longo artigo da Quotidiana, que a senhora de Rênal tomou a virtuosa resolução de tratar Julião com uma frieza total quando voltasse a vê-lo.

## UMA VIAGEM

*Encontramos em Paris pessoas elegantes,  
na província pode haver pessoas de carácter.*

Sieyès

No dia seguinte, às cinco horas, antes que a senhora de Rênal aparecesse, Julião obtivera de seu marido umas férias de três dias. Ao contrário do que esperava, Julião sentiu desejo de a tornar a ver e pensava na sua mão tão linda.

Desceu ao jardim; a senhora de Rênal fez-se esperar durante muito tempo. Mas, se Julião a amasse, tê-la-ia descoberto atrás das persianas meio fechadas do primeiro andar, com a testa apoiada contra o vidro. Fitava-o. Por fim, apesar das suas decisões, resolveu-se a aparecer no jardim. A sua palidez habitual transformara-se numa cor viva. Esta mulher tão ingénua estava evidentemente agitada: um sentimento de constrangimento e mesmo de cólera alterava a expressão de serenidade profunda, superior a todos os vulgares interesses da vida, que tantos encantos dava a esta fisionomia celeste.

Julião aproximou-se dela apressadamente; admirava os braços tão belos que um xaile posto à pressa deixava ver. A frescura do ar da manhã parecia aumentar ainda o brilho de uma carnação que a agitação da noite tornava mais sensível a todas as impressões. Esta beleza modesta e comovente e, contudo, cheia de pensamentos, que se não encontra nas classes inferiores, parecia revelar a Julião uma faculdade da sua alma que ele nunca sentira. Completamente entregue à admiração dos encantos que surpreendiam o seu olhar ávido, Julião não pensava no acolhimento amigável com que esperava ser recebido. Por isso ficou ainda mais admirado com a frieza glacial que procuravam mostrar-lhe e através da qual julgou até distinguir a intenção de o fazer voltar ao seu lugar.

O sorriso de prazer extinguiu-se-lhe nos lábios; recordou-se da posição que ocupava na sociedade e sobretudo aos olhos de uma herdeira nobre e rica. Num instante, a sua fisionomia tomou uma expressão só de altivez e cólera contra si próprio. Sentia um despeito violento por ter retardado mais de uma hora a sua partida, para, afinal, receber tão humilhante acolhimento.

“Só um parvo,”, disse para consigo, “se encoleriza contra os outros: uma pedra cai porque é pesada. Serei sempre uma criança? Quando contrairei o bom hábito de dar da minha alma a esta gente apenas o que o seu dinheiro merece? Se quiser ser estimado por eles e por mim próprio, tenho de lhes mostrar que é a minha pobreza que negoceia com a riqueza deles, mas que o meu coração está a mil léguas da sua insolência e colocado numa esfera alta de mais para ser atingido pelas suas pequenas provas de desdém ou de agrado.”

Enquanto estes pensamentos se amontoavam na alma do jovem preceptor, a sua mobilidade fisionómica dava-lhe uma expressão de orgulho sofredor e de ferocidade. A senhora de Rênal perturbou-se. A frieza virtuosa que quisera pôr no seu acolhimento deu lugar a uma expressão de interesse, e de um interesse animado pela surpresa da súbita mudança que acabava de ver. As palavras vãs que de manhã se trocaram sobre a saúde, a beleza do dia, calaram-se ao mesmo tempo na boca de ambos. Julião, cujo raciocínio não estava perturbado pela paixão, acolheu bem depressa o meio de fazer notar à senhora de Rênal quão pouco se julgava com ela em relações de amizade; não lhe disse nada da pequena viagem que ia empreender, cumprimentou-a e partiu.

Enquanto ela o via ir, aterrada pela sombria altivez que lia naquele olhar, ainda na véspera tão amável, seu filho mais velho, que vinha do fundo do jardim, disse-lhe, beijando-a:

- Temos feriado, o senhor Julião vai para uma viagem.

Ao ouvir estas palavras, sentiu-se trespassada por um frio mortal; era infeliz pela sua virtude e mais ainda pela sua fraqueza.

Este novo acontecimento veio ocupar toda a sua imaginação; foi arrastada muito para além das sensatas resoluções vindas da terrível noite que acabara de passar. Já não se tratava de resistir àquele apaixonado tão amável, mas sim de o perder para sempre.

Teve de assistir ao almoço. Para maior sofrimento, o marido e a senhora Derville falaram apenas na partida de Julião. O presidente de Verrières notara alguma coisa de insólito no tom firme com que este pedira umas férias.

- Este camponês teve, com certeza, propostas de alguém. Mas este alguém, mesmo que seja o Valenod, deve perder a coragem diante da quantia de seiscentos francos, a que deve agora subir a despesa anual. Ontem, em Verrières, devem ter-lhe pedido um prazo de três dias para reflectir; e hoje de manhã, para não ter de me dar uma resposta, o cavalleiro parte para a montanha. Ser obrigado a contar com um miserável operário que se tornou insolente, eis ao que chegámos.

“Se meu marido, que ignora como feriu profundamente Julião, julga que este nos deixará, que devo pensar eu própria?”, disse para consigo a senhora de

Rênal. "Ah! Tudo está decidido!"

A fim de poder, ao menos, chorar à vontade e não ter de responder às perguntas da senhora Derville, falou de uma dor de cabeça horrível e meteu-se na cama.

- Aqui está o que são as mulheres! - repetiu o senhor de Rênal. - Há sempre qualquer coisa desarranjada naquelas máquinas complicadas. - E afastou-se resmungando.

Enquanto a senhora de Rênal lutava com o que de mais cruel havia na paixão terrível em que o acaso a lançara, Julião prosseguia seu caminho alegremente no meio das mais belas paisagens da montanha. Tinha de atravessar a cordilheira ao norte de Vergy. O caminho que seguia elevava-se pouco a pouco por entre os grandes bosques de faias, formando ziguezagues sem fim sobre o declive da alta montanha que desenha ao norte o vale de Doubs. Depressa os olhares do viajante, passando por sobre os outeiros menos elevados que ladeiam o curso do rio para o lado do sul, se estenderam até às férteis planícies da Borgonha e do Beaujolais. Por muito insensível que a alma daquele jovem ambicioso fosse a este género de beleza, não podia deixar de parar de tempos a tempos para contemplar um espectáculo tão vasto e imponente.

Por fim, atingiu o cume da grande montanha, perto do qual tinha de passar para chegar, por este atalho, ao vale solitário habitado por Fouqué, o jovem negociante de madeiras que era seu amigo. Julião não tinha pressa de o ver, nem a ele, nem a nenhum outro ser humano. Escondido como uma ave de rapina no meio das rochas nuas que coroam a grande montanha, podia notar bem de longe qualquer homem que dele se aproximasse. Descobriu no meio do declive quase vertical de um dos rochedos uma pequena gruta. Dali a pouco instalava-se naquele refúgio. "Aqui", disse, com os olhos brilhantes de alegria "os homens não poderiam fazer-me mal." Lembrou-se de se entregar ao prazer de escrever os seus pensamentos, em qualquer outra parte tão perigosos para ele. Uma pedra quadrada servia-lhe de secretária. A sua pena voava; não via nada do que o rodeava. Reparou por fim que o Sol se escondia atrás das serras afastadas do Beaujolais.

"Porque não passarei aqui a noite?", disse para consigo. "Tenho pão e sou livre!" Ao som destas grandes palavras a sua alma entusiasmou-se; a hipocrisia fazia com que mesmo em casa de Fouqué se não sentisse em liberdade.

Com a cabeça apoiada nas duas mãos, agitado pelos sonhos e pela alegria da liberdade, sentiu-se mais feliz naquela gruta do que nunca se sentira em toda a sua vida. Sem reparar, viu extinguirem-se, um após outro, todos os raios do crepúsculo. No meio desta escuridão imensa a sua alma perdia-se na contemplação do que imaginava vir a encontrar um dia em Paris. Era, primeiro, uma

mulher muito mais bela e de espírito superior a tudo o que tinha encontrado na província.

Amava com paixão; era amado. Se se separasse dela por alguns instantes, seria para se cobrir de glória e merecer que o amassem ainda mais. Mesmo supondo que tivesse a imaginação de Julião, um rapaz educado no meio das tristes verdades da sociedade de Paris teria sido acordado naquele ponto do seu romance pela fria ironia; as grandes acções teriam desaparecido com a esperança de as atingir, para dar lugar à tão conhecida máxima: “Quem deixar a sua amante arrisca-se a ser enganado duas ou três vezes por dia.” O jovem camponês não via entre si e as mais heróicas acções senão a falta de oportunidade. “

Mas uma noite profunda substituíra o dia, e ele tinha ainda duas léguas para andar até descer ao casal habitado por Fouqué. Antes de deixar a pequena gruta Julião acendeu uma fogueira e queimou tudo o que escrevera.

Espantou o amigo batendo-lhe à porta à uma hora da manhã. Encontrou Fouqué entretido a fazer as suas contas. Era um rapaz alto, mal feito, de feições duras, um nariz enorme e bastante bonomia escondida sob este aspecto rebarbativo.

- Chegas assim tão imprevistamente? Zangaste-te com o teu senhor de Rênal?

Julião contou-lhe, com as reservas necessárias, os acontecimentos da véspera.

- Fica comigo - disse Fouqué. - Vejo que conheces o senhor de Rênal, o senhor de Valenod, o subprefeito Maugiron, o cura Chélan; compreendeste as subtilezas de carácter dessa gente; estás em condições de aparecer nas arrematações. Sabes mais aritmética do que eu, ficarás com o encargo das minhas contas; ganho muito com o meu comércio. A impossibilidade de fazer eu próprio tudo e o receio de me associar com um ladrão impedem-me todos os dias de empreender excelentes negócios.

Ainda não há um mês que fiz ganhar seis mil francos ao Michaud de Saint-Amand, que há seis anos não via e que por acaso encontrei numa venda em Pontalier.

“Porque não ganharias tu esses seis mil francos, ou, pelo menos, três mil? Porque, se nesse dia estivesses comigo, teria coberto o lance a esse corte de madeiras e toda a gente desistiria. Faz-te meu sócio.

Este oferecimento pôs Julião de mau humor; desviava-o das suas loucuras. Durante toda a ceia, que os dois amigos prepararam sozinhos como heróis de Homero, porque Fouqué vivia só, este mostrou as contas a Julião e provou-lhe as vantagens do seu negócio de madeiras. Fouqué fazia excelente ideia da inteligência e do carácter de Julião.

Quando por fim ficou sozinho no seu pequeno quarto de madeira de pinho, disse para consigo:

“É verdade, que posso aqui ganhar alguns milhares de francos, e depois escolher com vantagem a carreira militar ou a de padre, consoante a moda que então reinar em França. O modesto pecúlio que tiver junto afastará as pequenas dificuldades. Solitário nesta montanha, dissiparei um pouco a ignorância que tenho acerca de tantas coisas que preocupam os homens de sociedade. Mas Fouqué, não querendo casar-se, tem-me, no entanto, dito que a solidão o torna infeliz. Evidentemente que, se arranjar um sócio que tenha fundos para empregar no seu comércio, é na esperança de conseguir um companheiro que não mais o deixe.”

“Enganarei o meu amigo?”, exclamou Julião com mau humor. A hipocrisia e falta de qualquer simpatia eram os seus meios habituais de agir, mas desta vez não pôde aceitar a ideia da menor falta de delicadeza para com um homem que o estimava.

Mas de repente sentiu-se feliz; tinha uma razão para recusar.

“O quê? Perderia cobardemente sete ou oito anos! Chegaria assim aos vinte e oito anos; mas nessa idade já Bonaparte tinha feito as suas maiores proezas! Quando eu tiver ganho obscuramente algum dinheiro percorrendo esses mercados de madeira, e merecendo a simpatia de alguns patifes subalternos, quem me diz que terei ainda o fogo sagrado com que se faz um nome?”

Na manhã seguinte, Julião respondeu com grande sangue-frio ao bom Fouqué que considerava terminado o assunto da sociedade. A sua vocação para o santo ministério do sacerdócio não lhe permitia aceitar. Fouqué não compreendia.

- Mas repara - repetiu ele - que te associo, ou, se preferes, que te dou quatro mil francos por ano! E queres voltar para casa do teu senhor de Rênal, que te despreza como à lama dos seus sapatos? Quando tiveres duzentos luíses diante de ti quem te impedirá de entrar para o seminário? Dir-te-ei mais, encarrego-me de te arranjar a melhor igreja da região. Porque - acrescentou Fouqué baixando a voz - forneço lenha ao senhor..., e ao senhor..., e ao senhor... Entrego-lhes carvalho de primeira qualidade que me pagam como se o não fosse, mas nunca dinheiro algum foi mais bem colocado.

Não foi possível demover os propósitos de Julião. Fouqué acabou por julgá-lo meio louco. No terceiro dia, bem cedo, Julião deixou o amigo para passar o dia no meio dos rochedos da grande montanha. Voltou a encontrar a sua pequena gruta, mas já não tinha paz na alma; os oferecimentos do amigo tinham-lha roubado. Como Hércules, achava-se não entre o vício e a virtude,

mas entre a mediocridade seguida de um bem-estar assegurado e todos os sonhos heróicos da sua mocidade. “Não tenho portanto uma verdadeira firmeza”, concluía para consigo.

E era esta a dúvida que mais o fazia sofrer. “Não sou da massa de que são feitos os grandes homens, visto que temo que oito anos passados a ganhar o meu pão me tirem esta energia sublime que leva a fazer coisas extraordinárias.”

**AS MEIAS ARRENDADAS**

*Um romance é um espelho que fazemos  
passar lentamente ao longo de um caminho.*

Saint-Réal

Quando Julião avistou as pitorescas ruínas da antiga igreja de Vergy reparou que desde a antevéspera nem uma só vez pensara na senhora de Rênal. “Há dias, ao partir, essa mulher lembrou-me a distância infinita que nos separa; tratou-me como filho de um operário. Quis marcar, sem dúvida, o seu arrependimento por na véspera me ter abandonado a sua mão... E contudo é bem linda essa mão! Que encanto! Que nobreza nos olhares dessa mulher!”

A possibilidade de fazer fortuna com Fouqué dava uma certa facilidade aos raciocínios de Julião; não eram com tanta frequência perturbados pela irritação e pelo sentimento vivo da sua pobreza e baixeza aos olhos do mundo. Colocado como sobre um promontório elevado, podia julgar, e dominava, por assim dizer, a extrema pobreza e a abastança a que ele ainda chamava riqueza. Estava longe de examinar a sua posição como um filósofo, mas teve clarividência bastante para se sentir diferente depois daquela pequena estada na montanha.

Notou a extrema perturbação com que a senhora de Rênal escutou a narrativa da sua viagem, que ela própria pedira.

Fouqué tivera projectos de casamento, amores infelizes; longas confidências a este respeito tinham sido o assunto das conversas dos dois amigos. Depois de ter sido feliz cedo de mais, Fouqué notara que não era o único a ser amado. Todas estas narrativas tinham admirado Julião; aprendera muitas coisas novas. A sua vida solitária, toda imaginação e desconfiança, afastara-o de tudo o que o poderia ter elucidado.

Durante a sua ausência a vida fora para a senhora de Rênal uma sequência de suplícios diferentes, mas qualquer deles intolerável; estava realmente doente.

- Sobretudo - disse-lhe a senhora Derville, quando viu chegar Julião -,

indisposta como estás, não irás esta noite para o jardim; o ar húmido far-te-ia piorar.

A senhora Derville via com espanto que a sua amiga, a quem o marido sempre tivera de ralhar por causa da excessiva simplicidade do seu trajar, comprara meias arrendadas e sapatinhos encantadores vindos de Paris. Há três dias que o seu único pensamento tinha sido cortar e mandar fazer à pressa, por Elisa, um vestido de Verão, de um lindo tecido muito moderno. O vestido a custo ficou terminado instantes depois da chegada de Julião; a senhora de Rênal vestiu-o imediatamente. A amiga não teve mais dúvidas. “A desgraçada ama-o!”, disse para consigo. E compreendeu todas as singulares aparências daquela doença.

Viu-a falar a Julião. A palidez seguiu-se ao mais vivo rubor.

A ansiedade pintava-se nos seus olhos fitos nos do jovem preceptor. Esperava a todo o momento que ele se explicasse e anunciasse que deixava a casa ou que ficava. Julião não aludia a nada disto e nem sequer em tal pensava. Depois de uma luta terrível, a senhora de Rênal ousou por fim dizer, com uma voz trémula, onde a sua paixão se revelava:

- Deixará os seus alunos para se empregar noutro sítio?

Julião admirou-se da voz incerta e do olhar da senhora de Rênal. “Esta mulher ama-me”, disse para consigo, “mas, depois deste passageiro momento de fraqueza que o seu orgulho reprova e logo que não receie a minha partida, retomará a sua altivez.” Este relance de vista à sua posição foi rápido como um relâmpago; respondeu hesitante:

- Terei muita pena de deixar umas crianças tão amáveis e de tão boa família, mas talvez seja necessário. Também há deveres para com nós próprios.

Ao pronunciar as palavras tão boa família (eram palavras aristocráticas que Julião há pouco aprendera) animou-o um profundo sentimento de despeito.

“Aos olhos desta mulher”, continuava ele, conversando consigo próprio, “eu não sou bem-nascido.”

A senhora de Rênal, ao escutá-lo, admirava o seu valor, a sua beleza, e sentia o coração esmagado, lembrando-se da possibilidade da partida que ele lhe fazia entrever. Todos os seus amigos de Verrières que, durante a ausência de Julião, tinham vindo jantar a Vergy a tinham felicitado, como se a invejassem, pelo homem espantoso que seu marido tivera a sorte de descobrir. Não era porque compreendessem coisa alguma dos progressos das crianças. O facto de saber a Bíblia de cor e, para mais, em latim, tinha causado nos habitantes de Verrières uma admiração que talvez perdue um século.

Como não falava com ninguém, Julião ignorava tudo isto. Se a senhora de Rênal tivesse tido um pouco de sangue-frio, teria gabado a reputação que ele

conquistara e, tranquilizado o orgulho de Julião, ele teria sido para ela meigo e amável, tanto mais que o vestido novo lhe parecia encantador. A senhora de Rênal, que também estava contente com o seu lindo vestido e com a apreciação que o preceptor dele fez, quis dar uma volta pelo jardim; mas dali a pouco confessou que não estava em estado de caminhar. Dera o braço ao viajante, e este contacto, em vez de lhe aumentar as forças, tirava-lhas completamente.

Era noite; mal se sentaram, Julião, gozando o seu antigo privilégio, ousou aproximar os lábios do braço da sua linda companheira e pegar-lhe na mão. Pensava, não na senhora de Rênal, mas no atrevimento de que Fouqué dera provas com as suas amantes; a expressão boafamilia ainda lhe pesava. Ela apertou-lhe a mão, o que não lhe deu prazer nenhum. Longe de se sentir orgulhoso ou, pelo menos, reconhecido pelo sentimento que a senhora de Rênal naquela noite traía por sinais tão evidentes, a beleza, a elegância, a frescura, tudo isto o achou quase insensível. A pureza de alma, a ausência de qualquer espécie de ódio, prolongam, sem dúvida, a duração da mocidade. Na maior parte das mulheres bonitas é a fisionomia que primeiro envelhece.

Julião esteve de mau humor toda a noite; até ali só se encolerizava com o destino e a sociedade; desde que Fouqué lhe oferecera um meio vil de ganhar dinheiro sentia-se mal-humorado consigo próprio. Entregue aos seus pensamentos, apesar de dizer algumas palavras de tempos a tempos às senhoras, acabou, sem dar por isso, por abandonar a mão da senhora de Rênal. Esta acção transtornou a alma da pobre mulher, que viu nela a indicação do seu destino.

Se estivesse certa do afecto de Julião, talvez a sua virtude achasse forças contra ele. Temendo perdê-lo para sempre, a sua paixão transtornou-a ao ponto de pegar ela própria na mão de Julião, que este, na sua distracção, deixara apoiada na cadeira. Este gesto acordou o jovem ambicioso: o seu desejo seria que tivesse tido por testemunhas todos os nobres tão orgulhosos que à mesa, quando ele, a um canto, atendia as crianças, o fitavam com um sorriso protector. “Esta mulher não pode desprezar-me: nesse caso,” disse para consigo, “devo ser sensível à sua beleza; vejo-me na obrigação, perante mim próprio, de ser seu amante.” Esta ideia não lhe teria ocorrido antes das confidências ingénuas do seu amigo.

A determinação súbita que acabava de tomar tornou-se numa agradável distracção. Pensava: “Preciso de possuir uma destas mulheres”; reparou que gostaria muito mais de fazer a corte à senhora Derville; não porque fosse mais agradável, mas vira-o sempre preceptor honrado pela sua sabedoria, e não operário carpinteiro, com uma blusa de i ratina dobrada debaixo do braço, como aparecera à senhora de Rênal.

Era precisamente como jovem operário, corando até ao branco dos olhos,

parado à porta da casa e não ousando bater, que a senhora de Rênal mais gostava de o recordar e mais encantos lhe achava.

Prosseguindo na apreciação da sua posição, Julião viu que não devia pensar na conquista da senhora Derville, que, com certeza, se aperceberia da inclinação que a amiga manifestava por ele. Forçado a regressar à senhora de Rênal, pensava:

“Mas que sei eu do carácter desta mulher? Somente isto: antes da minha viagem, pegava-lhe na mão e ela retirava-a; hoje retiro a minha, ela pega-lhe e aperta-a. Bela ocasião para lhe restituir todos os desprezos que mostrou para comigo. Deus sabe quantos amantes já teve! E talvez se decida a meu favor só pela facilidade que terá para as entrevistas.”

Tal é o inconveniente de uma civilização excessiva. Aos vinte anos, a alma de um rapaz que tenha alguma educação está a mil léguas do à-vontade sem o qual o amor não é, muitas vezes, senão o mais aborrecido dos deveres.

A vaidade de Julião continuou: “Devo conquistar esta mulher, porque, se fizer fortuna e alguém me censurar o reles emprego de preceptor, poderei dar a entender que foi o amor que me lançou para este lugar.”

“ Julião afastou novamente a mão da senhora de Rênal, depois pegou-lhe outra vez, apertando-a. Perto da meia-noite, ao entrar no salão, ela murmurou-lhe:

- Então deixa-nos, vai partir?

Julião respondeu, suspirando:

- Tenho de partir, porque a amo com paixão; é um crime, e que crime para um jovem sacerdote!

A senhora de Rênal apoiou-se-lhe no braço; e com tal abandono que sentiu na sua face o calor da de Julião.

Aquela noite foi diferente para cada um deles. A senhora de Rênal estava exaltada pelo entusiasmo da mais elevada volúpia moral. Uma rapariga presunçosa que ama cedo acostuma-se à perturbação do amor; quando chega à idade da verdadeira paixão, não sente o encanto da novidade. Como a senhora de Rênal nunca lera romances, todos os cambiantes do seu amor eram novos para ela.

Nenhuma triste verdade a assustava, nem sequer o espectro do futuro. Viu-se tão feliz dali a dez anos como naquele momento.

Em vão surgiu a própria ideia da virtude e da fidelidade jurada ao senhor de Rênal, ideia que dias antes a tinha preocupado. Foi mandada embora como hóspede importuno.

“Nunca concederei nada a Julião”, disse, para consigo, a senhora de Rênal. “De futuro havemos de viver como vivemos há um mês. Será um amigo.”

## AS TESOURAS INGLESAS

*Uma jovem de dezasseis anos tinha as  
faces cor-de-rosa e pintava-as de vermelho.*

Polidori

O oferecimento de Fouqué tirara toda a tranquilidade a Julião; não conseguia decidir-se por nenhuma das soluções.

“Ai! Talvez eu tenha pouca força de vontade; teria sido um mau soldado de Napoleão. O meu pequeno namoro com a dona da casa vai, pelo menos, distrair-me um bocado.”

Felizmente para ele, mesmo neste pequeno incidente sem importância, o íntimo da sua alma não correspondia à sua linguagem cavalheiresca. Ao ver a senhora de Rênal com aquele vestido tão bonito sentia uma espécie de receio. Este vestido era, a seus olhos, a guarda avançada de Paris. O seu orgulho nada quis deixar ao acaso e à inspiração de momento. Segundo as confidências de Fouqué e o pouco que na sua Bíblia lera sobre o amor, fez um plano de campanha bastante pormenorizado. Como, apesar de o não confessar a si próprio, estava bastante perturbado, escreveu este plano.

No dia seguinte, no salão, a senhora de Rênal ficou um instante sozinha com ele.

- Não tem outro nome senão o de Julião? - indagou ela. Ao ouvir esta pergunta tão lisonjeira o nosso herói não soube o que havia de responder. Tal circunstância não estava prevista no seu plano. Se não fosse esta tolice de fazer um plano, o espírito vivo de Julião servi-lo-ia bem e a surpresa só aumentaria a vivacidade das suas apreciações. Assim, foi desajeitado e exagerou a sua falta de jeito. A senhora de Rênal depressa lho perdoou. Encarou isso como o resultado de uma candura encantadora. E o que precisamente aos seus olhos faltava a este homem que todos achavam talentoso era o ar de candura.

- O teu preceptorzinho inspira-me grande desconfiança - dizia-lhe, às vezes, a senhora Derville. - Acho-lhe um ar de quem pensa sempre no que faz e só actua com segundo sentido. É um velhaco.

Julião ficara profundamente humilhado por não ter sabido responder à senhora de Rênal.

“Um homem como eu deve reparar este fracasso”, pensou; e, aproveitando a ocasião em que passava de uma divisão para outra, julgou de seu dever beijar a senhora de Rênal.

Nada menos a propósito, nada menos agradável e, tanto para ele como para ela, nada mais imprudente. Quase foram descobertos.

Ela julgou-o louco. Ficou apavorada e, sobretudo, chocada.

Esta loucura fez-lhe lembrar o senhor Valenod.

“Que me sucederia se estivesse sozinha com ele?”, disse para consigo. Voltou-lhe toda a virtude, porque o amor se eclipsava.

Arranjou forma de um dos filhos estar sempre junto dela.

O dia foi aborrecido para Julião; passou-o inteiramente a executar, com jeito, o seu plano de sedução. Nunca olhou para a senhora de Rênal sem que esse olhar tivesse uma intenção; contudo, bem via que lhe era impossível conseguir ser amável e, menos ainda, sedutor.

Ela admirava-se por ver quanto ele era, ao mesmo tempo, acanhado e atrevido. “É a timidez do amor num homem superior!”, dizia, por fim, para consigo com uma alegria inefável. “Será possível que nunca tivesse sido amado pela minha rival?”,

Depois do almoço a senhora de Rênal voltou ao salão para receber a visita do senhor Charcot de Maugiron, o subprefeito de Bray. Ela trabalhava num tapete, num tear muito alto. A senhora Derville estava a seu lado.

Foi numa posição destas, e à claridade do dia que Julião achou conveniente avançar a bota e premir o lindo pé da senhora de Rênal, cuja meia arrendada e o encantador sapatinho de Paris atraíam evidentemente o olhar do galante subprefeito.

Ela assustou-se e deixou cair a tesoura, o novelo de lã e as agulhas e o movimento de Julião pôde passar por uma desastrada tentativa para impedir a queda da tesoura, que vira escorregar. Felizmente, essa tesoura, de aço inglês, quebrou-se e a dona não deixou de lamentar que Julião não estivesse mais perto dela.

- Reparou na queda antes de mim, tê-la-ia impedido, e assim o seu zelo apenas serviu para me dar um pontapé.

Tudo isto enganou o subprefeito, mas não a senhora Derville.

“Este lindo rapaz tem umas maneiras idiotas!”, pensou. “O saber viver de uma capital de província não perdoa este género de disparates.” A senhora de Rênal achou ocasião de dizer a Julião:

- Seja prudente, ordeno-lhe.

Este via a sua falta de jeito; sentia-se mal-humorado. Reflectiu durante bastante tempo para saber se deveria zangar-se por causa daquelas palavras: Ordeno-lhe. Foi suficientemente tolo para pensar: “Poderia ter-me dito: ordeno-o, se se tratasse de qualquer coisa relativa às crianças; mas, se corresponde ao meu amor, admite igualdade. Não se pode amar sem igualdade...”, e o seu espírito perdeu-se acumulando lugares-comuns sobre a igualdade. Repetia para consigo, cheio de cólera, este verso de Corneille, que a senhora Derville há dias lhe ensinara:

*“..... ..... O amor Cria as igualdades mas não as procura.”,*

Obstinando-se a representar o papel de um D. Juan, ele, que nunca tivera nenhuma amante, portou-se como um parvo todo o dia. Só teve uma ideia acertada; aborrecido consigo e com a senhora de Rênal, via com receio aproximar-se a noite, hora a que se sentaria no jardim, ao lado dela e na escuridão. Disse-lhe que ia a Verrières falar com o cura; partiu depois do jantar e só voltou pelo meio da noite.

Em Verrières encontrou o senhor Chélan tratando de se mudar; fora enfim demitido; o vigário Maslon vinha substituí-lo.

Julião ajudou o bom do cura e teve vontade de escrever a Fouqué, dizendo-lhe que a vocação irresistível que sentia para a sagrada profissão o tinha impedido de aceitar logo os seus amáveis oferecimentos, mas que acabava de presenciar um tal exemplo de injustiça que talvez fosse mais vantajoso para a salvação da sua alma não tomar ordens sacras.

Julião ficou satisfeito com esta esperteza de tirar partido da destituição do cura de Verrières, para deixar uma porta aberta e voltar ao negócio, se, no seu espírito, a triste prudência vencesse o heroísmo.

## O CANTO DO GALO

*Amour en latin faict amor;  
Or donc provient d'amour la mort,  
Et, par avant, soulcy qui mord,  
Deuil, pleurs, pièges, forfaits, remords...  
Blason d'Amour*

Se Julião tivesse um pouco da habilidade que ele, tão sem fundamento, supunha ter, poderia, no dia seguinte, regozijar-se pelo efeito que produzira a sua viagem a Verrières. A ausência fizera esquecer a sua falta de tacto. Durante aquele dia esteve ainda mal-humorado; perto da noite, acudiu-lhe uma ideia ridícula e comunicou-a, com rara intrepidez, à senhora de Rênal.

Mal se sentara no jardim e sem esperar que houvesse a escuridão necessária aproximou a boca do ouvido da dona da casa, e arriscando-se a comprometê-la seriamente, disse:

- Minha senhora, esta noite, às duas horas, irei ao seu quarto; preciso de lhe dizer uma coisa.

Receava que o seu pedido não fosse atendido; o papel de sedutor pesava-lhe tanto que, se pudesse seguir a sua verdadeira inclinação, meter-se-ia no seu quarto, onde estaria muitos dias e não tornaria a ver aquelas senhoras. Compreendia que, pela sua sábia conduta da véspera, estragara todas as belas aparências do dia precedente, e não sabia realmente a que santo prestar devoção.

A senhora de Rênal respondeu com uma indignação sincera à impertinente proposta que Julião ousara fazer-lhe. Ele julgou que havia desprezo na sua breve resposta. Tinha a certeza que nessa frase, pronunciada muito baixo, tinham soado as palavras: que vergonha!

Com o pretexto de dizer uma coisa às crianças, Julião foi ao quarto delas, e, na volta, colocou-se ao lado da senhora Derville e bastante longe da senhora de Rênal. Ficou assim sem a possibilidade de lhe pegar na mão. A conversa foi séria e ele saiu-se bem, apesar de alguns momentos de silêncio, durante os quais o cérebro não deixou de trabalhar. "Tenho de inventar uma manobra

qualquer”, dizia de si para consigo, “que force a senhora de Rênal a dar-me as provas de ternura inequívocas que há três dias me faziam crer que ela me pertencia!”

Sentia-se bastante desorientado com a situação quase irremediável a que levara as suas aventuras. E, contudo, nada o teria embaraçado mais do que o triunfo.

Quando à meia-noite se separaram, o seu pessimismo fez-lhe acreditar que a senhora Derville o desprezava e que provavelmente sucedia o mesmo com a amiga.

De mau humor e humilhado, não conseguiu dormir. Estava muito longe de renunciar à simulação, aos seus projectos, e viver dia a dia com a senhora de Rênal contentando-se, como uma criança, com a felicidade que cada dia lhe trouxesse. Fatigou o espírito a inventar sábias manobras: instantes depois achava-as absurdas; numa palavra, sentia-se infeliz quando no relógio do castelo soaram as duas horas.

Este ruído acordou-o como o canto do galo acordou São Pedro.

Viu-se no momento do mais desagradável episódio. Nunca mais pensara na sua proposta impertinente desde o momento em que a fizera; fora tão mal recebida!

“Disse-lhe que iria ao quarto dela às duas horas”, murmurou para consigo, erguendo-se, “posso ser inexperiente e grosseiro, como é natural num filho de camponês. A senhora Derville várias vezes mo deu a entender, mas, pelo menos, não serei fraco.”

Julião tinha razão de se regozijar com a sua coragem; nunca se impusera mais custosa obrigação. Ao abrir a porta tremia tanto que os joelhos dobravam-se-lhe, e teve de encostar-se à parede. Não levava sapatos. Foi escutar à porta do senhor de Rênal, que ouviu rressonar. Ficou angustiado. Já não havia, portanto, nenhum pretexto para não entrar. Mas, poderoso Deus!, que havia de fazer? Não tinha projecto algum e, mesmo que o tivesse, sentia-se de tal forma perturbado que não estava em estado de o seguir.

Por fim, sofrendo mil vezes mais do que se fosse para a morte, entrou no pequeno corredor que conduzia ao quarto da senhora de Rênal. Com a mão a tremer abriu a porta, fazendo um ruído medonho.

Havia luz, uma lamparina acesa no fogão; não esperava esta nova contrariedade. Ao vê-lo entrar a senhora de Rênal saltou da cama num ímpeto.

- Desgraçado! - exclamou.

Houve uma pequena desorientação. Julião esqueceu os seus projectos vãos e retomou a sua atitude natural; não agradar a uma mulher tão encantadora pareceu-lhe a maior das desgraças. às recriminações que ela lhe fez respondeu

apenas lançando-se a seus pés, abraçando-se-lhe aos joelhos. Como ela lhe falava com uma extrema dureza, começou a chorar.

Algumas horas depois, quando Julião saiu do quarto da senhora de Rênal, poder-se-ia dizer, em estilo de romance, que não tinha mais nada a desejar. Na verdade, devia ao amor que tinha inspirado e à impressão inesperada que as graças sedutoras nele tinham produzido uma vitória à qual a sua falta de jeito o não teria conduzido. Mas, nos momentos mais doces, vítima de um orgulho estranho, pretendeu ainda representar o papel de homem acostumado a subjugar mulheres: fez incríveis esforços de atenção para estragar o que em si havia de amável. Em lugar de estar atento aos entusiasmos que motivava e aos remorsos que lhe aumentavam a vivacidade, a ideia do dever nunca deixou de estar presente a seus olhos. Temia um remorso horrível e um ridículo eterno se se afastasse do modelo ideal que se propunha imitar. Numa palavra, o que tornava Julião um ser superior foi precisamente o que o impediu de gozar a felicidade que surgia debaixo dos seus passos. Era como uma rapariga de dezasseis anos que, tendo uma carnação encantadora, comete a loucura de se pintar quando vai a um baile.

Mortalmente assustada pela aparição de Julião, a senhora de Rênal depressa se sentiu agitada pelos mais graves receios. As lágrimas e o desespero de Julião perturbavam-na vivamente. Mesmo quando já não tinha nada a recusar-lhe, afastava-o para longe de si com uma indignação verdadeira e em seguida lançava-se-lhe nos braços. E tudo se passava sem a mais leve premeditação. Julgava-se condenada sem remissão e procurava esconder, a si própria, a imagem do Inferno, enchendo Julião das mais doces carícias. Nada teria faltado à felicidade do nosso herói, nem mesmo uma sensibilidade ardente na mulher que acabava de possuir, se soubesse aproveitá-la. A partida de Julião não fez cessar os entusiasmos que a agitavam contra sua vontade, nem os combates com os remorsos que a dilaceravam.

“Meu Deus! Ser feliz, ser amado, será só isto?”, Tal foi o primeiro pensamento de Julião ao voltar para o seu quarto.

Estava naquele estado de espanto e de turbção inquieta em que cai a alma que acaba de obter o que há muito desejava. Habituada a desejar, já não acha que desejar, e contudo não tem ainda recordações. Como o soldado que volta da parada, Julião ocupou-se atentamente a recordar todos os pormenores da sua conduta. “Não teria faltado a nada do que devo a mim próprio? Representei bem o meu papel?” E que papel? O de um homem acostumado a ser brilhante com as mulheres.

## O DIA SEGUINTE

*He turn'd his lip to hers, and with his hand  
Call's back the tangles of her wandering hair.  
Don Juan, C.1, at.170*

Felizmente para a glória de Julião, a senhora de Rênal tinha estado agitada de mais e admirada em excesso para notar a patetice do homem que num momento se tornara tudo para ela.

Ao ver despontar o dia pediu-lhe para se retirar.

- Oh! Meu Deus, se meu marido ouviu barulho, estou perdida!

Julião, que tinha tempo de preparar frases como esta, perguntou:

- Lamentar-se-á da vida?

- Ah! muito, neste momento! Mas não lamentarei tê-lo conhecido.

Julião achou que a sua dignidade seria diminuída se não saísse dali já de dia e com imprudência.

A atenção contínua com que estudava as suas menores acções, na louca ideia de parecer um homem experiente, só teve uma vantagem: quando ao almoço tornou a ver a senhora de Rênal, o seu comportamento foi uma obra-prima de prudência.

Ela não podia fitá-lo sem corar até aos olhos; e não podia viver um instante sem o olhar; apercebia-se da sua perturbação e os esforços para a esconder redobravam-na. Ele só uma vez a fitou. Primeiro a senhora de Rênal admirou a sua prudência.

Mas, vendo que aquele único olhar se não repetia, alarmou-se:

“Dar-se-á o caso que já me não ame?”, disse para consigo.

“Ai de mim! Sou velha de mais para ele, tenho mais dez anos.”

Ao passar da sala de jantar para o jardim apertou a mão a Julião. Com a surpresa que lhe causou uma prova de amor tão extraordinária, olhou-a com paixão, porque ela parecera-lhe muito bonita durante o almoço; e, embora estivesse de olhos baixos, passara o tempo a pormenorizar os seus encantos. Este olhar consolou a senhora de Rênal; não a livrou de todas as suas

inquietações, mas estas inquietações quase anulavam os remorsos que sentia ao pensar no marido.

Ao almoço, o marido nada notara; mas o mesmo não sucedeu com a senhora Derville; julgou que a senhora de Rênal ia sucumbir.

Durante todo o dia a sua amizade audaz e incisiva não lhe poupou as meias-palavras destinadas a pintar-lhe, com as piores cores, o perigo que corria. A senhora de Rênal ansiava por se achar sozinha com Julião; queria perguntar-lhe se ainda a amava. Apesar da doçura inalterável do seu carácter, por várias vezes esteve quase a dar a entender à amiga quanto era importuna.

À noite, no jardim, a senhora Derville arranhou tão bem as coisas que ficou colocada entre a prima e Julião. Esta, que imaginava com delícia o prazer de apertar e levar aos lábios a mão de Julião, não pôde sequer dirigir-lhe uma palavra.

Este contratempo aumentou a sua agitação. Um remorso devorava-a. Ralhara tanto com Julião pela imprudência que cometera vindo ao seu quarto na noite precedente que receava que naquela ele não voltasse. Cedo abandonou o jardim, para recolher ao quarto. Mas, não contendo a sua impaciência, foi escutar à porta de Julião. Apesar da incerteza e da paixão que a devorava, não ousou entrar. Esta acção pareceu-lhe a última das baixezas, porque está definida num provérbio popular.

Os criados não estavam todos deitados. A prudência fê-la voltar, por fim, para os seus aposentos. Duas horas de espera foram dois séculos de tormento.

Mas Julião era fiel de mais ao que chamava o dever para não executar ponto por ponto o que se tinha imposto.

Ao soar a uma hora saiu cuidadosamente do quarto, depois de se assegurar de que o dono da casa dormia profundamente, e apareceu nos aposentos da senhora de Rênal. Naquele dia sentiu-se mais feliz junto dela, porque pensou menos no papel a representar. Teve olhos para ver e ouvidos para ouvir. O que a senhora de Rênal disse da sua idade contribuiu para lhe dar alguma segurança.

- Ai de mim! Tenho mais dez anos que você! Como pode amar-me? - repetia ela sem intenção, oprimida por esta ideia.

Julião não concebia esta infelicidade, mas viu que era real e esqueceu quase todo o seu medo de ser ridículo.

A tola ideia de ser amado como um amante subalterno, por causa do seu nascimento obscuro, desapareceu também. à medida que os entusiasmos de Julião sossegavam a sua tímida amante, esta recobrava um pouco a felicidade e a faculdade de formar uma opinião a respeito dele.

Felizmente, nesse dia, ele quase que não teve o ar atrapalhado que fizera

da entrevista da véspera uma vitória, mas não um prazer. Se ela reparasse na sua intenção a representar um papel, esta triste descoberta roubar-lhe-ia para sempre a felicidade. Só viu nisso um triste efeito da desproporção das idades.

Apesar de a senhora de Rênal nunca ter pensado nas teorias do amor, a diferença de idade é, depois da fortuna, um dos grandes lugares-comuns da troça da província, sempre que se trate de questões de amor.

Em poucos dias, Julião, todo entregue aos ardores da sua idade, ficou loucamente apaixonado.

“Temos de concordar,” dizia para consigo, “que tem uma alma angélica e não há nenhuma mulher mais bela.”

Perdera quase completamente a ideia do papel a representar.

Num momento de abandono confessou-lhe mesmo todas as suas inquietações. Esta confiança elevou ao cúmulo a paixão que inspirava. “Não tive, portanto, rival feliz”, murmurava para consigo a senhora de Rênal, deliciada! Ousou interrogá-lo acerca do retrato por que tinha tanto interesse; Julião jurou-lhe que era de um homem.

Quando a senhora de Rênal tinha sangue-frio suficiente para reflectir, espantava-se de que existisse uma felicidade assim e que nunca o tivesse suspeitado.

“Ah!”, exclamava para consigo, “se eu tivesse conhecido Julião há dez anos, quando ainda podia passar por bonita!”

Julião estava muito longe destes pensamentos. O seu amor era ainda ambição, era alegria de possuir, ele, pobre ser tão infeliz e desprezado, uma mulher tão nobre e tão bela. A adoração, os entusiasmos ao ver os encantos da sua amante, acabaram por sossegá-la a respeito da diferença de idades. Se possuísse um pouco daquela astúcia de que uma mulher de trinta anos desfruta há muito tempo nos países mais civilizados, teria estremecido ao pensar na duração de um amor que só parecia viver de surpresa e arrebatamento de amor-próprio. Nos momentos de esquecimento das ambições, Julião admirava, com entusiasmo, até os chapéus e os vestidos da senhora de Rênal. Não se saciava do prazer de lhes sentir o perfume. Abria o seu armário de espelhos e ficava horas inteiras admirando a beleza e o arranjo de tudo o que lá estava. Ela encostava-se a Julião e fitava-o; ele olhava aquelas jóias, aqueles vestidos que, na véspera de um casamento, enchem uma corbelha nupcial.

“Poderia ter casado com um homem assim!”, pensava, por vezes, a senhora de Rênal. “Que alma de fogo! Que vida maravilhosa, com ele!”

Quanto a Julião nunca se vira tão perto das terríveis armas femininas. “É impossível”, dizia para consigo, “que em Paris haja coisas mais belas!” E então nenhuma dúvida se antepunha à sua felicidade. Com frequência, a sincera

admiração e os entusiasmos da amante lhe faziam esquecer a teoria vã que o tornara tão afectado e quase tão ridículo nos primeiros momentos daquela ligação. Houve momentos em que, apesar dos seus hábitos de hipocrisia, achava uma doçura imensa em confessar àquela grande dama, que o admirava, a sua ignorância de inúmeros pequenos usos sociais. A classe da amante parecia elevá-lo acima de si próprio. Pelo seu lado, a senhora de Rênal achava que era a mais doce das voluptuosidades morais instruir assim em pequenas coisas aquele rapaz tão cheio de talento, que toda a gente achava que devia ir longe. Mesmo o subprefeito e o senhor Valenod não podiam deixar de o admirar; isto fazia que lhe parecessem menos estúpidos; quanto à senhora Derville, estava bem longe de exprimir os mesmos sentimentos. Desesperada com que o julgava adivinhar e vendo que os ajuizados avisos se tornavam odiosos a uma mulher que perdera a cabeça, saiu de Vergy sem dar qualquer explicação e houve cuidado em não lha pedir. Por causa disto a senhora de Rênal chorou algumas lágrimas, mas depressa lhe pareceu que a sua felicidade redobrava. Depois da partida da prima passou a poder estar quase todo o dia a sós com o seu amante. Julião entregava-se tanto mais ao doce convívio da sua amiga quanto lhe acontecia, nos momentos em que estava só, sentir-se novamente perturbado pela fatal proposta de Fouqué.

Nos primeiros dias desta vida nova houve momentos em que ele, que nunca amara e também nunca fora amado por ninguém, achava um tão delicioso prazer em ser sincero que estava quase a confessar à senhora de Rênal a ambição que até ali tinha sido a própria essência da sua vida.

Teria querido poder consultá-la sobre a estranha tentação que a proposta de Fouqué lhe causava; mas um pequeno acontecimento veio impedir qualquer franqueza.

**O PRIMEIRO-ADJUNTO**

*O, how this spring of loue resembleth  
The uncertain glory ofan April day;  
Which now shows all the beauty of the sun,  
And by and by a cloud takes all away!*  
Two Gentlemen of Verona

Um dia, ao pôr do Sol, sentado perto da sua amante, ao fundo do pomar, longe dos importunos, Julião estava profundamente absorvido pelo seu sonho. “Momentos tão doces”, pensava, “durarão sempre?” A sua alma estava preocupada com a dificuldade de escolher uma profissão; deplorava aquele grande acesso de tristeza com que termina a infância e que estraga os primeiros anos da mocidade de quem não é rico.

“Ah!”, exclamou ele, “como Napoleão era bem o homem enviado por Deus para os jovens franceses! Quem o substituirá? Que farão sem ele os desgraçados, mesmo mais ricos do que eu, que têm apenas os francos necessários para alcançarem uma boa educação e não o dinheiro preciso para, aos vinte anos, abrir caminho em qualquer carreira?”

“Faça-se o que se fizer”, acrescentou, com um profundo suspiro, “esta recordação fatal impedir-nos-á para sempre de ser felizes!”

De repente, viu a senhora de Rênal franzir as sobrancelhas e mostrar um ar frio e desdenhoso; esta maneira de pensar parecia-lhe própria de um criado. Educada na ideia de que era muito rica, parecia-lhe coisa assente que Julião também o era. Amava-o mil vezes mais do que a vida e não fazia caso algum do dinheiro.

Julião estava longe de adivinhar estas ideias. Aquele franzir de sobrancelhas fê-lo descer à terra e teve a presença de espírito suficiente para compor a sua frase e fazer compreender à nobre dama, sentada perto dele no banco de verdura, que as palavras que acabava de repetir as ouvira durante a sua viagem a casa do seu amigo, o negociante de madeiras. Era o raciocínio dos ímpios.

- Pois bem! Não se misture mais com essa gente! - disse a senhora de

Rênal, conservando ainda um pouco daquele ar glacial que, de repente, se seguia à expressão da mais viva ternura.

Aquele franzir de sobrancelhas, ou, antes, o remorso da sua imprudência, foi a primeira derrota sofrida pela ilusão que arrastava Julião. Disse para consigo: “É boa e doce, gosta de mim, mas foi educada no campo inimigo. Devem, sobretudo, ter medo desta classe de homens de coração que, depois de uma boa educação, não têm dinheiro suficiente para ingressar numa profissão. Que seria destes nobres se nos fosse dado combatê-los com armas iguais? Eu, por exemplo, presidente da Câmara de Verrières, bem-intencionado, honesto como no fundo é o senhor de Rênal, como desmascararia o vigário, o senhor Valenod e todas as suas patifarias! Como a justiça triunfaria em Verrières! Não seria a sua esperteza que me levantaria obstáculos. Andam sempre às apalpadelas.”

A felicidade de Julião, naquele dia, esteve quase a tornar-se duradoura. Faltou ao nosso herói a audácia de ser sincero. Era preciso ter a coragem de batalhar, mas imediatamente; a senhora de Rênal admirara-se com as palavras de Julião, porque os homens das suas relações repetiam que a volta de Robespierre era sobretudo, possível por causa dos jovens das classes baixas bem-educados de mais. O ar frio da senhora de Rênal durou bastante tempo e pareceu a Julião que ela o acentuava. É que o receio de lhe ter dito indirectamente uma coisa desagradável sucedeu à sua repugnância pela opinião errada. Este desagrado reflectiu-se nitidamente nos seus traços, tão puros e tão ingénuos quando estava feliz e longe das pessoas importunas.

Julião nunca mais ousou abandonar-se aos sonhos. Mais calmo e menos amoroso, achou que era imprudente encontrar-se com a senhora de Rênal no quarto dela. Era preferível que ela viesse ao dele; se um criado a visse deambular pela casa, vinte pretextos diferentes podiam explicar tal procedimento. Mas esta combinação também tinha os seus inconvenientes.

Julião recebera de Fouqué livros que ele, aluno de teologia, nunca poderia pedir a um livreiro. Só de noite ousava abri-los. Muitas vezes gostaria de não ser interrompido por uma visita cuja espera, na véspera ainda da pequena cena do pomar, o teria posto em condições de não poder ler.

Devia à senhora de Rênal a maneira inteiramente nova como compreendia estes livros. Ousara fazer-lhe perguntas sobre inúmeras pequenas coisas cuja ignorância faz estacar a inteligência de um rapaz nascido fora da sociedade, mesmo supondo-se que tenha um talento natural.

Esta educação do amor, dada por uma mulher extremamente ignorante, foi uma felicidade. Julião chegou directamente a ver a sociedade tal como é hoje. O seu espírito não fora ofuscado pela narrativa do que ela fora antigamente, há dois mil anos, ou somente há sessenta, no tempo de Voltaire e

Luís XV. Com uma alegria inexprimível, um véu caiu de diante dos seus olhos; compreendeu, enfim, as coisas que se passavam em Verrières.

No primeiro plano apareceram intrigas muito complicadas, urdidas, há dois anos, junto do prefeito de Besançon. Eram apoiadas por cartas vindas de Paris e escritas pelas pessoas mais ilustres. Tratava-se de fazer do senhor de Moirod, que era o homem mais devoto da terra, o primeiro e não o segundo-adjunto do presidente de Verrières. Tinha por concorrente um fabricante muito rico que era absolutamente necessário empurrar para o lugar de segundo-adjunto.

Julião compreendeu, enfim, as meias-palavras que surpreendera quando a alta sociedade da cidade vinha jantar a casa do senhor de Rênal.

Esta sociedade privilegiada estava profundamente ocupada com a escolha do primeiro-adjunto, de quem o resto da cidade e, sobretudo, os liberais nem sequer suspeitavam a possibilidade. O que lhe dava a importância era, como todos sabiam, que o lado oriental da Grande Rua de Verrières devia recuar mais de três metros, porque esta rua passou a ser estrada principal. Ora, se o senhor de Moirod conseguisse ser nomeado primeiro-adjunto e em seguida presidente, no caso de o senhor de Rênal ser eleito deputado, como tinha três casas que teriam de recuar, com certeza fecharia os olhos e poder-se-iam fazer pequenas reparações imperceptíveis nas casas que avançam sobre a via pública, as quais assim durariam mais cem anos. Apesar da grande devoção e reconhecida probidade do senhor de Moirod, tinha-se a certeza de que seria maleável, porque tinha muitos filhos. Das casas que deviam recuar nove pertenciam ao que há de mais distinto em Verrières.

Aos olhos de Julião esta intriga era bem mais importante que a história da batalha de Fontenoy, cujo nome vira pela primeira vez num dos livros que Fouqué lhe enviara. Havia coisas que espantavam Julião desde há cinco anos, quando começara a ir a casa do cura.

Mas a discrição e a humildade de espírito, sendo uma das primeiras qualidades de um aluno de teologia, tinham-no sempre impossibilitado de fazer perguntas.

Um dia a senhora de Rênal dava uma ordem ao criado de quarto do marido, o inimigo de Julião.

- Mas, minha senhora, é hoje a última sexta-feira do mês - respondeu o homem com ar estranho.

- Então vá - disse a senhora de Rênal.

- Pois bem! - esclareceu Julião - ele vai àquele armazém de feno, que antigamente era igreja, e foi recentemente aberta de novo ao público: mas fazer o quê? Eis um dos mistérios que nunca consegui desvendar.

- É uma instituição útil, mas bem estranha- respondeu a senhora de Rênal.  
- As mulheres não são lá admitidas; só sei que toda a gente lá dentro se trata por tu. Por exemplo, este criado encontrará lá o senhor de Valenod, e este, tão orgulhoso e tão parvo, não se zangará ao ouvir o João tratá-lo por tu, e responder-lhe-á no mesmo tom. Se gostar de saber o que lá se faz, pedirei pormenores aos senhores de Maugiron e Valenod. Pagamos vinte francos por cada criado para que um dia eles não nos cortem o pescoço. “

O tempo voava. A recordação dos encantos da sua amante distraía Julião da sua sombria ambição. A necessidade de não falar de coisas tristes e razoáveis, visto que eram de partidos contrários, apesar de ele não dar por isso, aumentava a felicidade que lhe devia e o poder que ela já tinha sobre ele.

Nos momentos em que a presença das crianças, muito inteligentes, os obrigava a empregar apenas a linguagem do frio raciocínio, era com uma docilidade perfeita que Julião, fitando-a com os olhos brilhantes de amor, escutava as suas explicações a respeito das coisas do mundo. Com frequência, a meio da narrativa de alguma velhacaria, o espírito da senhora de Rênal desvairava de repente até ao delírio. Julião tinha de lhe ralhar, porque ela permitia-se ter com ele as mesmas maneiras de intimidade que com os filhos. Em certos dias tinha a ilusão de o amar como um filho. Não necessitava ela de responder incessantemente às suas perguntas ingénuas, sobre mil coisas simples, que uma criança de boa família aos quinze anos já não ignora? Um instante depois admirava-o como seu senhor. O seu talento chegava a assustá-la; julgava ver nele cada dia, com mais nitidez, o grande homem que viria a ser.

Via-o papa, via-o primeiro-ministro como Richelieu.

- Viverei o suficiente para te ver no esplendor da glória? - dizia ela. - É preciso que apareça um grande homem; a monarquia, a religião, necessitam dele.

**UM REI EM VERRIÈRES**

*Não há nada a fazer senão deitar-vos fora como um povo morto, sem alma, e de veias sem sangue?*

Disc. de l'Évêque à la chapelle de Saint-Clément

A três de Setembro, às dez horas da noite, um gendarme acordou Verrières inteira, subindo a Grande Rua a galope; trazia a novidade de que Sua Majestade o rei de... chegava no domingo seguinte; e estava-se na terça-feira. O prefeito autorizava, quer dizer, pedia a formação de uma guarda de honra; era necessário exhibir toda a pompa possível. Um estafeta foi mandado a Vergy. O senhor de Rênal chegou durante a noite e encontrou toda a cidade emocionada. Cada um tinha as suas pretensões; os menos atarefados alugavam varandas para ver a entrada do rei.

Quem comandaria a guarda de honra? O senhor de Rênal viu imediatamente a importância que havia no interesse das casas que tinham de recuar, em ser o senhor de Moirod o comandante. Podia dar direitos ao lugar de primeiro-adjunto. Nada havia a dizer da devoção do senhor de Moirod; estava acima de qualquer comparação, mas nunca tinha montado a cavalo. Era um homem de trinta e seis anos, muito tímido e receando igualmente as quedas e o ridículo.

O presidente mandou-o chamar às cinco horas da manhã.

- Como vê, senhor, reclamo as suas opiniões como se já estivesse ocupando o cargo em que toda a gente honesta o quer colocar. Nesta desgraçada cidade as fábricas prosperam, o partido liberal torna-se milionário, aspira ao Poder e saberá aproveitar-se de tudo o que possa beneficiar. Consultemos os interesses do rei, da monarquia e, antes de tudo, o interesse da nossa santa religião. A quem pensa o senhor que se possa confiar o comando da guarda de honra?

Apesar do medo horrível que tinha dos cavalos, o senhor de Moirod acabou por aceitar essa honra como um martírio.

- Saberei apresentar-me convenientemente. Mal havia tempo para mandar arranjar uniformes que, sete anos antes, tinham servido quando da passagem de um príncipe.

Às sete horas a senhora de Rênal chegou a Vergy com Julião e as crianças. Encontrou o seu salão cheio de damas liberais, que pregavam a união dos partidos e lhe vinham suplicar que convencesse o marido a conceder aos delas um lugar na guarda de honra. Uma pretendia que, se o esposo não fosse escolhido, o desgosto levá-lo-ia à falência. A senhora de Rênal depressa despediu toda aquela gente. Parecia muito atarefada.

Julião admirou-se e zangou-se ainda mais por ela fazer mistério do que a preocupava.

- Tinha-o previsto - dizia ele, com amargor. - O seu amor eclipsa-se ante a felicidade de receber um rei em sua casa. Este alvoroço fascina-a. Amar-me-á outra vez quando os preconceitos da sua casta já não lhe perturbarem o espírito.

Coisa para admirar: isto fez com que o seu amor por ela aumentasse.

Os decoradores começaram a encher a casa; em vão esperou a ocasião de lhe dizer umas palavras. Enfim, encontrou-a à saída do quarto, e levando um dos seus fatos. Estavam sós. Quis falar-lhe. Ela fugiu, negando-se a escutá-lo.

"Sou bem parvo," , dizia para consigo, "em amar uma mulher destas; a ambição torna-a tão doida como o marido."

Era ainda mais: um dos seus grandes desejos, que nunca confessara a Julião com receio de o chocar, era de o ver largar, nem que fosse por um dia, o seu triste fato preto. Com um jeito verdadeiramente admirável numa mulher, tão natural, obteve, primeiro do senhor de Moirod, em seguida do subprefeito de Maugiron, que Julião fosse nomeado guarda de honra de preferência a cinco ou seis rapazes filhos de negociantes abastados, e dos quais dois, pelo menos, de uma devoção exemplar. O senhor Valenod, que tencionava emprestar a sua carruagem às mais lindas mulheres da cidade e fazer admirar os seus belos normandos, consentiu em emprestar um dos cavalos a Julião, o indivíduo a quem mais odiava. Mas todos os guardas de honra tinham, seu ou de empréstimo, um daqueles belos fatos azul-celeste, com duas dragonas de coronel, de prata, que tinham brilhado sete anos antes.

A senhora de Rênal queria um fato novo, e só lhe restavam quatro dias para mandar vir de Besançon o uniforme, as armas e o chapéu, etc., tudo o que é necessário para um guarda de honra. O mais engraçado é que ela achava imprudente mandar fazer a farda de Julião em Verrières. Queria fazer surpresa, a ele e à cidade.

Depois de ter tratado dos guardas de honra e da opinião pública, o presidente teve ainda de preparar uma grande cerimónia religiosa: o rei de...

não queria passar por Verrières sem visitar a famosa relíquia de São Clemente, conservada em Bray-le-Haut, a uma légua da cidade. Desejava-se que o clero fosse numeroso e foi a coisa mais difícil de arranjar; o senhor Maslon, o novo cura, queria a todo o custo evitar a presença do senhor Chélan. Em vão o senhor de Rênal lhe mostrava que seria uma imprudência. O senhor marquês de La Mole, cujos antepassados foram, durante tanto tempo, governadores da província, tinha sido designado para acompanhar o rei de... Há trinta anos que conhecia o abade Chélan. Com certeza pediria notícias dele ao chegar a Verrières, e, se o soubesse caído em desagrado, era homem para ir procurá-lo à pequena casa para onde ele se retirara, seguido por todo o acompanhamento de que pudesse dispor. Que bofetada!

- Fico desonrado aqui e em Besançon - respondia o abade Maslon - se ele aparece entre o meu clero. Um jansenista, santo Deus!

- Diga o que disser, meu caro abade - replicava o senhor de Rênal -, não exporei a administração de Verrières a receber uma afronta do senhor de La Mole. Não o conhece. Na corte tem bom senso; mas aqui, na província, tem ironias perigosas, é satírico, escarninho, procurando apenas embaraçar as pessoas. É capaz, unicamente para se divertir, de nos cobrir de ridículo aos olhos dos liberais.

Só na noite de sábado para domingo, depois de três dias de conferências, o orgulho do abade Maslon cedeu ante o medo do presidente, transformado em coragem. Foi preciso escrever uma carta adocicada ao abade Chélan, pedindo-lhe para assistir à cerimônia da relíquia de Bray-le-Haut, se a sua idade e enfermidade o permitissem. O senhor Chélan pediu e obteve uma carta de convite para Julião, que o devia acompanhar como subdiácono. No domingo, logo de manhã, milhares de camponeses chegaram das montanhas próximas e invadiram as ruas de Verrières. Estava um lindo sol. Enfim, pelas três horas, essa multidão agitou-se; divisava-se uma grande fogueira sobre um rochedo a duas léguas de Verrières. Este sinal anunciava que o rei acabava de entrar no território do departamento.

Imediatamente o som de todos os sinos e as descargas repetidas de uma velha peça de artilharia espanhola, pertencente à cidade, marcavam a sua alegria por este acontecimento. Mais de metade da população subiu aos telhados. Todas as mulheres estavam nas varandas. A guarda de honra pôs-se em movimento. Admiravam-se os brilhantes uniformes, reconheciam-se parentes, amigos. Troçava-se do medo do senhor de Moirod, que a todos os instantes tinha prudentemente a mão pronta a agarrar o arção da sela. Mas um reparo fez esquecer todos os outros: o primeiro cavaleiro da nona fila era um lindo rapaz, muito esbelto, que de princípio não foi reconhecido. Dali a pouco uns deram

um grito de indignação, outros calaram-se boquiabertos; isto anunciava um espanto geral. Reconheciam nesse jovem, montado num dos cavalos normandos do senhor Valenod, o pequeno Sorel, filho do carpinteiro. Sobretudo entre os liberais houve um protesto unânime contra o presidente. O quê! Pelo facto de aquele operariozinho disfarçado em padre ser preceptor dos seus filhos tinha a audácia de o nomear guarda de honra, prejudicando os senhores fulanos e sicranos, ricos industriais!

- Esses senhores - dizia a mulher de um banqueiro - deviam fazer uma afronta àquele insolentezinho nascido na lama.

- É velhaco e traz um sabre - respondia o vizinho.

- Seria suficientemente traidor para lhes retalhar a cara.

As opiniões da sociedade nobre eram mais perigosas. As damas perguntavam a si próprias se seria apenas do presidente que provinha aquela grande inconveniência. Em geral fazia-se justiça ao seu desprezo pela falta de pais aristocratas.

Enquanto motivava tantas opiniões, Julião era o mais feliz dos homens. De temperamento ousado, mantinha-se melhor a cavalo que a maior parte dos rapazes daquela cidade montanhosa. Nos olhos das mulheres via que falavam dele.

As suas dragonas eram mais brilhantes por serem novas. O seu cavalo empinava-se constantemente. Julião sentia-se no cúmulo da alegria.

A sua felicidade não teve limites quando, ao passar perto das velhas muralhas, o estrondo da peça de artilharia fez o cavalo sair fora da formação. Por sorte não caiu; desde esse momento sentiu-se herói. Era o oficial de ordenança de Napoleão e carregava uma bateria.

Uma outra pessoa era mais feliz do que ele. Primeiro vira-o passar, de uma das varandas da Câmara; subindo em seguida para a carruagem e dando rapidamente uma grande volta, chegou a tempo para estremecer de medo quando o cavalo de Julião se espantou. Por fim, o seu carro, saindo a galope por uma outra porta da cidade, conseguiu alcançar a estrada onde o rei devia passar, e pôde seguir a guarda de honra a vinte passos de distância, no meio de uma nobre poeira. Dez mil camponeses gritaram: "Viva o rei!" quando o presidente teve a honra de dirigir o discurso a Sua Majestade.

Uma hora mais tarde, depois de escutar todos os discursos, o rei ia entrar na cidade e a pequena peça de artilharia voltou a disparar descargas precipitadas. Seguiu-se um acidente, não com os artilheiros, que tinham dado as suas provas em Leipzig e em Montmirail, mas com o futuro primeiro-adjunto, senhor de Moirod. O seu cavalo atirou-o molemente para o único lamaçal que havia na estrada, o que provocou escândalo, porque foi preciso tirá-lo de lá para

que o carro do rei pudesse passar.

Sua Majestade desceu na bela igreja nova, que naquele dia estava decorada com todos os cortinados carmesins. O rei devia jantar e em seguida subir de novo para o carro para ir venerar a célebre relíquia de São Clemente. Mal Sua Majestade chegou à igreja, Julião galopou para casa do senhor de Rênal. Ali deixou, suspirando, a sua bela farda azul-céu, o seu sabre, as suas dragonas, para tornar a vestir o seu coçado fatito preto.

Montou de novo a cavalo e alguns instantes depois estava em Bray-le-Haut, que ocupa o cimo de uma linda colina. “O entusiasmo multiplica estes camponeses, não nos podemos mexer em Verrières e aqui estão mais dez mil em volta desta antiga abadia.” Meio arruinada pelo vandalismo revolucionário, tinha sido magnificamente reconstruída depois da Restauração, e começava-se a falar em milagres. Julião foi ter com o abade Chélan, que se zangou pelo atraso, e lhe deu uma sotaina e uma sobrepeliz. Vestiu-se rapidamente e seguiu o senhor Chélan, que ia para junto do jovem bispo de Agde. Era um sobrinho do senhor de La Mole, recentemente nomeado, e que fora encarregado de mostrar a relíquia ao rei. Mas não conseguiram encontrar o bispo.

O clero impacientava-se. Esperava pelo chefe no claustro sombrio e gótico da antiga abadia. Tinham reunido vinte e quatro curas para representar o antigo capítulo de Bray-le-Haut, composto antes de 1789 por vinte e quatro cônegos. Depois de durante três quartos de hora terem deplorado a mocidade do bispo, os curas pensaram que era conveniente que o deão fosse para junto de monsenhor para o avisar de que o rei estava a chegar e era altura de ir até ao coro. A idade avançada do senhor Chélan fizera-o deão; apesar do mau humor que testemunhava a Julião, fez-lhe sinal para o seguir. Este vestia muito bem a sua sobrepeliz, recorrendo a não sei que bom gosto no trajar eclesiástico, e conseguira tornar lisos os seus cabelos encaracolados. Mas com um esquecimento redobrou a cólera do senhor Chélan: viam-se debaixo das longas pregas da sotaina as esporas do guarda de honra.

Chegados aos aposentos do bispo, imponentes lacaios bem agaloados dignaram-se apenas responder ao velho cura que monsenhor não estava visível. Troçaram dele quando quis explicar que, na sua qualidade de deão do nobre capítulo de Bray-le-Haut, tinha o privilégio de ser admitido em todas as ocasiões junto do bispo oficiante.

O feitio altivo de Julião chocou-se com a insolência dos lacaios. Pôs-se a percorrer o dormitório da antiga abadia, tentando abrir as portas que encontrava. Uma, bem pequena, cedeu aos seus esforços, e achou-se numa cela no meio dos criados de quarto de monsenhor, vestidos de preto e com um colar ao pescoço. Pelo seu ar apressado julgaram que o bispo o chamara e deixaram-no

passar. Deu alguns passos e encontrou-se numa enorme sala gótica muito escura e toda forrada de carvalho preto; com excepção de uma só, as janelas em ogiva tinham sido tapadas com tijolos. O tosco desta obra de pedreiro não estava disfarçado e fazia triste contraste com a magnificência dos apainelados de madeira. Os dois grandes lados desta sala, célebre entre as antigualhas da Borgonha, e que o duque Carlos, o Temerário, mandara construir em 1470, como expiação de algum pecado, eram guarnecidos com cadeirais de madeira ricamente esculpidos. Neles se viam representados, em madeiras de diferentes cores, todos os mistérios do Apocalipse.

Esta melancólica magnificência, prejudicada pelo aspecto dos tijolos nus e do gesso ainda branco, comoveu Julião. Parou silencioso. Na outra extremidade da sala, perto da única janela por que entrava a claridade do dia, viu um espelho móvel de acaju. Um rapaz, vestido com fato cor de violeta e sobrepeliz de renda, mas de cabeça descoberta, estava parado a pouca distância do espelho. Este móvel parecia estranho em tal lugar e com certeza tinha sido trazido da cidade. Julião achou que o rapaz tinha um ar irritado; com a mão direita, com grande gravidade, fazia gestos de bênção para o lado do espelho. “Que pode significar isto?”, pensou ele. “Será uma cerimónia preparatória que cumpre este jovem padre? É talvez o secretário do bispo e é capaz de ser insolente como os lacaios... Mas que importa! Tentemos.”,

Avançou e percorreu muito lentamente o comprimento da sala, sempre com a vista fixa na direcção da única janela, e fitando o rapaz que continuava a abençoar lentamente, muitas vezes e sem descansar um instante.

À medida que se aproximava distinguia melhor o seu ar carrancudo. A riqueza da sobrepeliz guarnecida de renda fez parar involuntariamente Julião a alguns passos do magnífico espelho.

“O meu dever é falar”, disse por fim para consigo; mas a beleza da sala comovera-o, e antecipadamente sentia-se magoado pelas palavras duras que lhe iam dirigir.

O jovem viu-o no espelho, voltou-se e, abandonando subitamente o ar severo, disse docemente:

- Então, senhor, já está arranjado?

Julião ficou estupefacto. Como se voltasse para ele, viu-lhe a cruz peitoral sobre o peito: era o bispo de Agde. “Tão novo”, pensou Julião, “talvez seis ou oito anos mais do que eu!”

E teve vergonha das suas esporas.

- Monsenhor - respondeu timidamente -, sou enviado pelo deão do capítulo, senhor Chélan.

- Ah!, foi-me muito recomendado - disse o bispo num tom cheio de poli-

dez que redobrou o espanto de Julião. - Mas peço-lhe perdão senhor, tomava-o pela pessoa que me deve trazer a minha mitra. Embalaram-na mal em Paris; o tecido de prata está terrivelmente estragado no alto. Isto fará um mau efeito - acrescentou o jovem bispo com ar triste - e ainda para mais fazem-me esperar!

- Monsenhor, eu vou buscar a mitra, se Vossa Eminência mo permite.

Os belos olhos de Julião fizeram o seu efeito.

- Vá, senhor - respondeu o bispo com uma delicadeza encantadora -, preciso dela imediatamente. Estou desolado por fazer esperar os senhores membros do capítulo.

Quando Julião chegou ao meio da sala voltou-se e viu que ele se pusera outra vez a abençoar. "Para que é aquilo?", perguntou para consigo, "sem dúvida é uma preparação eclesiástica necessária à cerimónia que vai realizar-se."

Quando chegou à cela onde estavam os criados de quarto viu a mitra nas suas mãos. Cedendo contra vontade ao olhar imperioso de Julião, entregaram-lha.

Sentiu-se orgulhoso de a levar: ao atravessar a sala caminhava lentamente, segurando-a com respeito. Encontrou o bispo sentado em frente do espelho; de tempos a tempos a sua mão direita, apesar de fatigada, dava ainda a bênção. Julião ajudou-o a colocar a mitra. O bispo sacudiu a cabeça.

- Ah! Segurar-se-á - disse com ar contente a Julião. - Quer afastar-se um pouco?

Então foi muito depressa para o meio da sala e depois, aproximando-se do espelho a passos lentos, retomou o ar severo e abençoou com gravidade.

Julião estava imóvel de espanto; sentia-se tentado a compreender, mas não ousava. O bispo parou, fitando-o com um ar que de repente perdia a sua gravidade:

- Que diz da minha mitra, senhor, fica-me bem?

- Muito bem, monsenhor.

- Não está muito para trás? Assim dar-me-ia um ar um pouco pateta; mas também não devo usá-la inclinada sobre os olhos, como um quépi de oficial.

- Parece-me estar muito bem.

- O rei de... está acostumado a um clero venerável e com certeza muito solene. Eu não queria, sobretudo por causa da minha pouca idade, ter um ar frívolo.

E o bispo pôs-se de novo a caminhar, lançando bênçãos.

"É claro", pensou Julião ousando enfim compreender, "exercita-se a dar a bênção."

- Estou pronto - disse o bispo depois de alguns instantes. - Vá, senhor,

prevenir o deão e os do capítulo.

Dali a pouco, o senhor Chélan, seguido pelos dois curas mais velhos, entrou por uma grande porta magnificamente esculpida, em que Julião não reparara. Mas desta vez ficou no seu lugar, atrás de todos, e só pôde ver o bispo por cima dos ombros dos eclesiásticos que se apinhavam no limiar. O bispo atravessava lentamente a sala; quando chegou à entrada, os curas formaram em procissão. Depois de um pequeno momento de confusão, começaram a marchar entoando um salmo.

O bispo avançava atrás entre o senhor Chélan e um outro cura bastante idoso. Julião deslizou para junto dele como acólito do abade Chélan. Seguiram pelos longos corredores da abadia de Bray-le-Haut; apesar do sol resplandecente, estavam sombrios e húmidos. Chegaram, por fim, ao pórtico do claustro. Julião estava estupefacto ante uma tão bela cerimónia. A ambição despertada pela pouca idade do bispo, a sensibilidade e a rara polidez deste prelado debatiam-se no seu íntimo. Esta polidez era bem diferente da do senhor de Rênal, mesmo nos seus melhores dias. “Quanto mais nos elevamos para a primeira fila da sociedade”, disse para consigo Julião, “mais os nossos modos se tornam encantadores.”

Entrava-se na igreja por uma porta lateral; de repente, um ruído espantoso fez ressoar as antigas abóbadas; Julião julgou que se iam desmoronar. Era outra vez a peça de artilharia; acabava de chegar, arrastada por oito cavalos a galope; imediatamente assestada pelos artilheiros de Leipzig, disparava cinco tiros por minuto como se os Prussianos estivessem na sua frente.

Mas este barulho admirável não produziu efeito algum sobre Julião; já não sonhava com Napoleão, nem com a glória militar.

“Tão novo”, pensava, “ser bispo de Agde! Mas onde é Agde? E quanto rende? Duzentos ou trezentos mil francos, talvez.”

Os lacaios de monsenhor apareceram com um pálio magnífico; o senhor Chélan pegou numa das varas, mas de facto foi Julião quem a levou. O bispo colocou-se debaixo. Realmente, conseguira ter um ar de mais velho a admiração do nosso herói não teve limites. “O que se faz com habilidade!” pensou.

O rei entrou. Julião teve a felicidade de o ver de muito perto. O bispo dirigiu-lhe uma prédica plena de unção, sem esquecer uma leve perturbação cheia de delicadeza para com Sua Majestade.

Não repetiremos a descrição das cerimónias de Bray-le-Haut; durante quinze dias encheram as colunas de todos os jornais do departamento. Julião soube, pelo discurso do bispo, que o rei descendia de Carlos, o Temerário.

Mais tarde entrou nas funções de Julião verificar as contas daquela cerimónia; o senhor de La Mole, que fizera com que o sobrinho tivesse um bispado

tivera também a galantaria de se encarregar de todas as despesas. Só a cerimônia de Bray-le-Haut custou três mil e oitocentos francos.

Depois do discurso do bispo e da resposta do rei, Sua Majestade colocou-se debaixo do púlpito. Em seguida ajoelhou-se muito devotamente numa almofada perto do altar. Em volta do coro o cadeiral estava dois degraus acima do pavimento. Foi no último destes degraus que Julião se sentou aos pés do senhor Chélan, pouco mais ou menos como um caudatário perto do seu cardeal, na Capela Sistina, em Roma. Houve um *Te Deum*, nuvens de incenso, infinitas descargas dos mosqueteiros e da artilharia; os camponeses estavam ébrios de felicidade e devoção. Um dia assim desfaz o trabalho de cem números de jornais jacobinos.

Julião encontrava-se a pouca distância do rei, que na realidade rezava alheado. Reparou pela primeira vez num homem baixo de olhar espiritual e que trazia um fato quase sem bordados. Mas tinha um cordão azul-celeste sobre este hábito tão simples. Estava mais perto do rei do que muitos outros senhores cujos fatos eram de tal forma bordados a ouro que, segundo a expressão de Julião, não se via a fazenda. Alguns momentos depois soube que era o senhor de La Mole. Achou-lhe um ar altivo e quase insolente.

“Este marquês não deve ser bem-educado como o meu simpático bispo”, pensou. “Ah! o estado eclesiástico torna as pessoas doces e ajuizadas. Mas o rei veio para venerar a relíquia e eu não vejo nenhuma relíquia. Onde estará São Clemente?”

Um clérigo seu vizinho disse-lhe que a venerável relíquia estava no alto do edifício numa capela ardente. “Que é uma capela ardente?”, indagou para consigo Julião. Mas não queria pedir a explicação destas palavras. A sua atenção redobrou.

No caso de visita de um príncipe soberano a etiqueta manda que os cônegos não acompanhem o bispo. Mas ao pôr-se em marcha para a capela ardente monsenhor de Agde chamou o abade Chélan; Julião resolveu segui-lo.

Depois de terem subido uma grande escada, chegaram a uma porta muito pequena, mas cuja ombreira gótica era magnificamente doirada. Este trabalho tinha o ar de ter sido feito na véspera.

Diante da porta estavam reunidas, de joelhos, vinte e quatro raparigas, pertencentes às famílias mais distintas de Verrières. Antes de abrir a porta o bispo ajoelhou-se entre aquelas raparigas bonitas. Enquanto rezava em voz alta, elas pareciam não poder deixar de admirar as suas belas rendas, a sua afabilidade, a sua fisionomia tão jovem e tão doce. Este espectáculo fez perder ao nosso herói o senso que lhe restava.

Neste instante, ter-se-ia batido pela Inquisição, com sinceridade. A porta

abriu-se de repente. A capelinha apareceu como que abrasada de luz. Viam-se sobre o altar mais de mil velas divididas em oito filas separadas entre si por ramos de flores. O aroma suave do mais puro incenso saía em turbilhão pela porta do santuário. A capela, doirada de novo, era muito pequena mas alta. Julião reparou que no altar havia velas com mais de cinco metros de altura. As raparigas não conseguiram conter uma exclamação de espanto. Só elas tinham sido admitidas no pequeno vestíbulo da capela, com os dois curas e Julião.

Dali a pouco chegou o rei, seguido apenas pelo senhor de La Mole e pelo seu camarista-mor. Os próprios guari das, depois de apresentarem armas, ficaram ajoelhados da parte de fora.

Sua Majestade não se ajoelhou, precipitou-se sobre o genuflexório. Foi só então que Julião, colado contra a porta doirada, divisou, por sobre o braço nu de uma rapariga, a encantadora estátua de São Clemente. Estava escondida debaixo do altar, trajando de jovem soldado romano. Tinha no pescoço uma grande ferida de onde o sangue parecia correr. O artista tinha-se excedido; os seus olhos moribundos, mas cheios de graça, estavam meio fechados. Um bigode a despontar ornava aquela boca encantadora, que, assim meio cerrada, parecia rezar. Ao ver isto, a rapariga que estava perto de Julião começou a chorar; uma das suas lágrimas caiu sobre a mão dele.

Depois de um instante de oração, no mais profundo silêncio, perturbado somente pelo som longínquo dos sinos de todas as aldeias de dez léguas em redor, o bispo de Agde pediu ao rei licença para falar. Fez um pequeno discurso comovedor pelas suas palavras simples, o que mais aumentava o seu efeito.

- Não esqueçais nunca, jovens cristãs, que vistes um dos maiores reis da terra de joelhos diante dos servos deste Deus todo-poderoso e terrível. Estes servos fracos, perseguidos, assassinados na terra, como vedes pelo ferimento ainda a sangrar em São Clemente, triunfam no céu. Não é verdade, jovens cristãs, que vos lembrareis para sempre deste dia e detestareis o ímpio? Que para sempre sereis fiéis a este Deus tão grande, tão terrível, mas tão bom?

Ao terminar estas palavras o bispo ergueu-se com autoridade.

- Prometeis-mo? - disse ele avançando o braço com ar inspirado.

- Prometemos - disseram as raparigas, começando a chorar.

- Recebo a vossa promessa em nome do Deus terrível! - acrescentou o bispo com voz trovejante. E a cerimónia terminou.

Até o rei chorava. Só muito tempo depois Julião teve o sangue-frio suficiente para perguntar onde estavam os ossos do santo, enviados de Roma a Filipe, o Bom, duque de Borgonha.

Disseram-lhe que estavam escondidos no encantador rosto de cera.

Sua Majestade dignou-se permitir que as meninas que o tinham

acompanhado à capela usassem uma fita vermelha na qual estavam bordadas estas palavras: ÓDIO AO ÍMPIO, ADORAÇÃO PERPÉTUA.

O senhor de La Mole mandou distribuir aos camponeses dez mil garrafas de vinho. à noite, em Verrières, os liberais tiveram motivos para iluminar cem vezes mais do que os realistas.

Antes de partir, o rei visitou o senhor de Moirod.

**PENSAR FAZ SOFRER**

*O grotesco dos acontecimentos de todos os dias  
esconde a verdadeira desgraça das paixões.*

Barnave

Ao repor nos sítios habituais os móveis do quarto que ocupara o senhor de La Mole, Julião encontrou uma folha de papel muito grosso, dobrada em quatro. Leu na parte de baixo da primeira página:

A S. E. o senhor marquês de La Mole, par de França, cavaleiro das ordens do rei, etc.

Era uma petição com uma tosca caligrafia de cozinheira.

“Senhor Marquês

Toda a vida tive princípios religiosos. Estive em Lião, exposto às bombas, quando do cerco, em 93, de execrável memória. Comungo, vou todos os domingos à missa à igreja paroquial. Nunca faltei ao dever pascal, mesmo em 93, de execrável memória. A minha cozinheira, pois antes da revolução eu tinha criados, a minha cozinheira fazia comida de jejum à sexta-feira. Gozo em Verrières uma consideração geral e, ousou dizê-lo, merecida. Vou debaixo do pódio nas procissões, ao lado do senhor cura e do senhor presidente. Nas festas solenes levo um círio grosso comprado por mim. De tudo isto há certificados em Paris, no Ministério das Finanças. Peço ao senhor marquês a repartição da lotaria de Verrières, que não pode deixar de vagar dentro em pouco, de uma maneira ou de outra, estando o titular muito doente, e, além disso, votando mal nas eleições, etc.

De Cholin.,”

À margem desta petição estava uma apostila assinada De Moirod, e que começava por esta frase:

Tive ontem a honra de falar do fiel súbdito que faz este pedido, etc.

“Assim, mesmo este imbecil De Cholin me mostra o caminho que devo seguir”, disse para consigo Julião.

Oito dias depois da passagem do rei de... em Verrières o que restava dentre as inúmeras mentiras, falsas interpretações, discussões ridículas, etc., de que tinham sido objecto, sucessivamente, o rei, o bispo de Agde, o marquês de La Mole, as dez mil garrafas de vinho, a queda do pobre Moirod, que, na esperança de ser condecorado, só um mês depois do trambolhão saiu de casa, era o escândalo de terem misturado na guarda de honra Julião Sorel, filho de um carpinteiro. Devia-se ouvir, falando neste assunto, os ricos fabricantes de tecidos pintados, que, noite e dia, enrouqueciam num café pregando a igualdade. Aquela mulher altiva, senhora de Rênal, fora a autora desta abominação. A razão? Os belos olhos e as faces tão frescas do abadezinho de Sorel diziam-no de sobra.

Pouco depois da volta para Vergy, Estanislau Xavier, o filho mais novo, adoeceu; de repente, a senhora de Rênal começou a sentir remorsos terríveis. Pela primeira vez censurou o seu amor, de uma maneira condigna; pareceu compreender, como por milagre, para que falta enorme se deixara arrastar. Apesar de ter um carácter profundamente religioso, até àquele momento nunca pensara na enormidade do seu crime aos olhos de Deus.

Antigamente, no Convento do Sagrado Coração, amara Deus com paixão; temeu-o da mesma forma nesta ocasião. As lutas que dilaceravam a sua alma eram tanto mais terríveis quanto nada de calculado havia no seu medo. Julião sentiu que a menor observação a irritava, em vez de acalmá-la; via nisso a linguagem do Inferno. Contudo, como Julião também gostava muito de Estanislau, era mais bem aceite falando-lhe da sua doença, que tinha tomado um carácter grave. Então, o remorso permanente tirou à senhora de Rênal até a faculdade de dormir; não saía de um silêncio feroz: se abrisse a boca, teria sido para confessar o seu crime a Deus e aos homens.

- Suplico-lhe - dizia Julião, logo que ficaram sozinhos -, não fale nisto a ninguém; que seja eu o único confidente das suas penas. Se ainda me tem amor, não fale. As suas palavras não podem tirar a febre ao nosso Estanislau.

Mas as suas consolações não produziam efeito algum; ele não sabia que a senhora de Rênal se convencera de que, para apaziguar a cólera de Deus ciumento, era preciso odiar Julião ou ver morrer o filho. E era a convicção de que não podia odiá-lo que fazia sentir-se tão desgraçada.

- Fuja de mim - disse um dia a Julião. - Em nome de Deus abandone esta casa: é a sua presença aqui que mata o meu filho. Deus castiga-me - acrescentou

em voz baixa - é justo; adoro a sua justiça; o meu crime é horrível e eu vivia sem remorsos! Foi o primeiro sinal de que Deus me abandonou; devo ser duplamente castigada.

Julião ficou profundamente comovido. Não podia ver nisto nem hipocrisia, nem exagero. “Ela julga que amando-me mata o filho, e contudo a desgraçada ama-me mais do que a ele. Não posso duvidar de que é este remorso que a mata; eis o que é grandeza de sentimentos. Mas como inspirei eu um tal amor, eu, tão pobre, tão ignorante, algumas vezes tão grosseiro nas minhas maneiras?”

Uma noite, a criança esteve muito mal. Pelas duas horas da manhã o senhor de Rênal veio vê-la. O pequeno, devorado pela febre, estava muito vermelho e não reconheceu o pai. De repente, a senhora de Rênal lançou-se aos pés do marido: Julião viu que ela ia confessar tudo e perder-se para sempre.

Por felicidade este movimento estranho aborreceu o senhor de Rênal.

- Adeus! Adeus! - disse, saindo.

- Não, escute-me - exclamou sua mulher, de joelhos diante dele, procurando retê-lo. - Escute toda a verdade. Sou eu que mato o meu filho. Dei-lhe a vida e roubo-lha. O Céu castiga-me; aos olhos de Deus sou culpada de assassinio. Devo perder-me e humilhar-me eu própria, talvez este sacrifício apazigue o Senhor.

Se o senhor de Rênal fosse um homem de imaginação teria compreendido tudo.

- Ideias romanescas - exclamou, afastando a mulher, que procurava agarrar-lhe os joelhos. - Ideias romanescas, tudo isso! Julião, quando o dia despontar, mande chamar o médico.

E foi deitar-se outra vez. A senhora de Rênal caiu de joelhos meio desmaiada, afastando com um movimento convulsivo Julião, que queria socorrê-la.

Este ficou admirado.

“Aqui está o que é o adultério!”, comentou para consigo... “Será possível que os padres, tão mentirosos... tenham razão? Eles, que tantos pecados cometem, teriam o privilégio de reconhecer a verdadeira teoria do pecado? Que estranha coisa!...”

O senhor de Rênal retirara-se há vinte minutos e Julião via a mulher que amava, com a cabeça encostada à caminha da criança, imóvel, quase sem dar acordo de si. Pensava para consigo:

“Aqui está uma mulher de espírito superior caída na maior desgraça por me ter conhecido. “

“As horas correm rapidamente. Que posso fazer por ela? É preciso decidir-me. Não se trata só de mim agora. Que me importam os homens e as suas

mentiras idiotas? Que posso fazer por ela?... Deixá-la? Mas deixo-a sozinha a braços com a mais horrível das dores. Este marido insensível é-lhe mais prejudicial que útil. Dir-lhe-á qualquer palavra dura porque é muito grosseiro; ela pode enlouquecer, atirar-se da janela abaixo.”

“Se a abandono, se deixo de velar por ela, confessar-lhe-á tudo. E, quem sabe?, apesar da herança que lhe trará, talvez ela seja capaz de fazer escândalo. Ela pode dizer tudo, santo Deus, a esse... abade de Maslon, que arranja o pretexto da doença de uma criança de seis anos para se não afastar desta casa, com segundo sentido. Na sua dor e como temor a Deus, ela esquece tudo o que sabe do homem para ver apenas o padre.”

- Vai-te - disse-lhe de repente a senhora de Rênal abrindo os olhos.

- Daria mil vezes a minha vida para saber o que te pode ser mais útil - respondeu Julião. - Nunca te amei tanto, meu querido anjo, ou antes, deste instante em diante é que começo a adorar-te como mereces ser adorada. Que será de mim longe de ti e ainda com a consciência de que causei a tua infelicidade? Mas não se trata dos meus sofrimentos. Partirei, sim, meu amor. Mas, se te deixo, se cesso de velar por ti, de estar continuamente entre ti e teu marido, dir-lhe-ás tudo, perder-te-ás. Pensa que será com ignomínia que te expulsará da sua casa; toda Verrières, toda Besançon, falarão deste escândalo. Vão lançar todas as culpas para cima de ti; nunca mais te verás livre dessa vergonha...

- É o que peço - exclamou ela levantando-se. - Sofrerei, tanto melhor.

- Mas com esse abominável escândalo também farás a infelicidade dele!

- Mas humilho-me, lanço-me na lama; e com isso talvez salve o meu filho. Essa humilhação aos olhos de todos é talvez uma penitência pública. Tanto quanto a minha fraqueza pode avaliar, não será o maior sacrifício que posso fazer a Deus?... Talvez Ele se digne levar em conta o meu sacrifício e deixar-me o meu filho! Indica-me um sacrifício mais difícil e correrei a fazê-lo.

- Deixa-me castigar-me a mim próprio. Também sou culpado. Queres que me retire para a Cartuxa? A austeridade dessa vida pode apaziguar Deus... Ah! céus! Porque não posso eu tomar sobre mim a doença de Estanislau...

- Ah! tu ama-lo! - disse a senhora de Rênal erguendo-se e lançando-se-lhe nos braços.

No mesmo instante afastou-o com horror.

- Acredito-te, acredito-te - continuou ela depois de se ajoelhar. meu único amigo! Porque não és tu o pai de Estanislau? Então não seria um grande pecado amar-te mais que o meu filho.

- Permites-me que fique e que daqui em diante te ame como um irmão? É a única expiação razoável; pode apaziguar a cólera do Todo-Poderoso.

- E eu - exclamou ela, erguendo-se e pegando na cabeça de Julião entre as suas duas mãos e mantendo-a diante dos olhos a certa distância - e eu, amar-te-ei como um irmão? Terei forças para poder amar-te como um irmão?

Julião começou a chorar.

- Obedecer-te-ei - disse, caindo-lhe aos pés -; obedecer-te-ei, seja o que for que me ordenes; é tudo o que me resta fazer. O meu espírito foi atacado de cegueira; não sei o que hei-de fazer. Se te deixo, contas tudo a teu marido; perdes-te e a ele também. Nunca mais, depois deste ridículo, será nomeado deputado. Se fico, julgas-me a causa da morte de teu filho, e morres de dor. Queres experimentar o efeito da minha partida? Se queres, vou-me castigar do nosso pecado deixando-te por uns dias. Irei passá-los num retiro, onde quiseres. Na abadia de Bray-le-Haut, por exemplo. Mas jura-me que, durante a minha ausência, nada dirás a teu marido. Pensa que, se falares, não poderei voltar.

A senhora de Rênal prometeu; Julião partiu, mas, passados dois dias, foi chamado.

- Sem ti é-me impossível manter o meu juramento. Confessarei a meu marido, se não estiveres aqui constantemente, ordenando-me, com o teu olhar, que me cale. Cada hora desta vida abominável parece-me durar um dia.

Por fim o céu teve piedade desta mãe infeliz. Pouco a pouco Estanislau melhorou e o perigo desapareceu. Mas o gelo quebrara-se; o seu espírito conhecera a enormidade do pecado, não pôde retomar o equilíbrio. Os remorsos ficaram, e foram o que deviam ser num coração tão sincero. A sua vida foi céu e inferno; o inferno quando não via Julião, o céu quando o tinha a seus pés. "Já não tenho ilusões", dizia ela, mesmo nos momentos em que ousava entregar-se a todo o seu amor. "Estou amaldiçoada, irremediavelmente amaldiçoada. Tu és novo, cedeste às minhas seduções, o céu pode perdoar-te; mas eu; quem não teria medo ante a perspectiva do inferno? Mas, no fundo, não me arrependo. Cometeria outra vez o meu pecado, se fosse caso disso. Ao menos que o céu não me castigue, e aos meus filhos, neste mundo, e terei mais do que mereço. Mas tu, pelo menos, meu Julião", exclamava ela noutros momentos, "és feliz, achas que te amo bastante?"

A desconfiança e o orgulho dorido de Julião que tinham sobretudo necessidade de um amor feito de sacrifícios, não se contiveram ante aquele, tão grande, tão indubitável e contínuo. Ele que adorava a senhora de Rênal. "Embora seja nobre e eu filho de um operário, ama-me... Não sou para ela um criado que exerce as funções de amante.," Quando este receio se afastou, Julião caiu em todas as loucuras do amor e em todas as suas incertezas mortais.

- Pelo menos - exclamou ela, vendo as suas dúvidas sobre o seu amor - que eu te torne bem feliz durante os poucos dias que temos para passar juntos!

Apressemos-nos; talvez amanhã já não seja tua. Se o céu me castiga nos meus filhos, será em vão que procurarei viver para te amar e não ver que é o meu crime que os mata. Não poderei sobreviver a este golpe. Mesmo que quisesse, não poderia. Enlouquecia.

“Ah! se pudesse tomar sobre mim o teu pecado, como tu me oferecias tão generosamente de tomar sobre ti a febre ardente de Estanislau!...”

Esta grande crise moral mudou a natureza do sentimento que unia Julião à sua amante. O seu amor não foi somente admiração pela beleza, mas também orgulho por a possuir.

A sua felicidade era dali em diante de natureza bem superior, a chama que os devorava foi mais intensa. Tinham entusiasmos cheios de loucura. A sua felicidade teria parecido maior aos olhos do mundo. Mas não tiveram mais serenidade deliciosa, a felicidade sem nuvens, a ventura fácil das primeiras épocas do seu amor, quando o único receio da senhora de Rênal era não ser suficientemente amada por Julião. A sua felicidade tinha algumas vezes o aspecto do crime.

Nos momentos mais felizes e aparentemente mais tranquilos ela exclamava de repente, apertando a mão de Julião com um movimento convulsivo:

- Ah! bom Deus! Vejo o Inferno! Que suplícios horríveis! Mas mereci-os bem.

Apertava-o, agarrando-se a ele como a hera às paredes. Julião tentava em vão acalmar aquela alma agitada. Ela pegava-lhe na mão e cobria-a de beijos. Depois voltava a cair numa meditação sombria: “O inferno, dizia, o inferno seria para mim uma mercê; teria ainda na terra alguns dias para passar contigo, mas o inferno já neste mundo, a morte dos meus filhos... Contudo talvez que, por este preço, os meus crimes fossem perdoados... Ah! bom Deus! não me concedeis assim tal mercê. Aquelas pobres crianças não vos ofenderam, eu, eu sou a única culpada: amo um homem que não é o meu marido.”

Julião em seguida via a senhora de Rênal ter momentos aparentemente tranquilos, em que procurava chamar tudo sobre si e não envenenar a vida daquele que amava. No meio destas alternativas de amor, remorsos e prazer, os dias passavam por eles com a rapidez do relâmpago. Julião perdeu o hábito de reflectir.

A criada Elisa foi tratar de um pequeno processo que tinha em Verrières. Encontrou o senhor Valenod muito zangado com Julião. Ela odiava o preceptor.

- O senhor perder-me-ia, se eu dissesse a verdade!... - dizia ela um dia a Valenod. - Os patrões estão todos de acordo entre si para as coisas importantes. Aos pobres criados nunca se perdoam certas confissões.

Depois destas frases usuais, que a impaciente curiosidade do senhor Valenod teve a arte de abreviar, foi informado de coisas bem mortificantes para o seu amor-próprio.

Aquela mulher, a mais distinta daqueles sítios, que durante seis anos rodeara de tantas atenções, e infelizmente vistas e sabidas de toda a gente, aquela mulher tão altiva, cujos desdêns tantas vezes o tinham feito corar, acabara de tomar como amante o pequeno operário disfarsado de preceptor. E a fim de que nada faltasse ao despeito do senhor director do asilo a senhora de Rênal adorava aquele amante.

- E - acrescentava a criada de quarto com um suspiro - o senhor Julião não teve trabalho de fazer esta conquista, não saiu da sua frieza habitual para com a senhora.

Elisa só tivera a certeza depois de estarem no campo, mas julgava que aquela intriga datava de há muito mais tempo.

- Foi sem dúvida por isso - acrescentava com despeito - que em tempos ele se recusou a casar comigo. E eu, tão imbecil, que ia consultar a minha senhora pedindo-lhe para falar ao preceptor!

Logo naquela noite o senhor de Rênal recebeu da cidade, com o seu jornal, uma longa carta anónima que lhe contava minuciosamente tudo o que se passava em sua casa. Julião viu-o empalidecer ao ler aquela carta escrita em papel azulado e fitá-lo com um olhar agressivo. Durante toda a noite o presidente não deixou de se mostrar perturbado; e foi em vão que Julião o lisonjeou pedindo-lhe explicações sobre as genealogias das melhores famílias da Borgonha.

## AS CARTAS ANÓNIMAS

*Do not give dalliance  
Too much the rein: the strongest oaths  
are straw To thejire i' the blood.  
Tempest*

Ao sair da sala, perto da meia-noite, Julião teve tempo de dizer à amante:

- Esta noite não nos devemos encontrar. O teu marido tem suspeitas; ia jurar que aquela grande carta que lia, a suspirar, é uma carta anónima.

Por felicidade, Julião fechava-se à chave no quarto. A senhora de Rênal teve a louca ideia de que aquele aviso era apenas um pretexto para não se encontrar com ela. Perdeu completamente a cabeça e à hora habitual veio até à porta do quarto dele.

Julião, que ouviu barulho no corredor, apagou a luz no mesmo momento. Faziam esforços para abrir a porta; seria ela ou o marido ciumento?

No dia seguinte muito cedo, a cozinheira, que protegia Julião, trouxe-lhe um livro na capa do qual leu estas palavras escritas em italiano: *Guardatte alla pagina 130.*

Julião estremeceu com aquela imprudência; procurou a página 130 e encontrou lá a seguinte carta escrita à pressa, molhada de lágrimas e com péssima ortografia. Habitualmente a senhora de Rênal escrevia bem. Comoveu-se com este pormenor, e desculpou um pouco aquela espantosa imprudência.

“Não quiseste receber-me esta noite? Há momentos em que julgo nunca ter lido até ao fundo da tua alma. Os teus olhares assustam-me. Tenho medo de ti. Bom Deus! Nunca me terás amado? Nesse caso, que meu marido descubra o nosso amor e me feche numa prisão eterna, desterrada, longe dos meus filhos. Talvez Deus o queira assim. Dentro em pouco morrerei; mas tu serás um monstro.

“Não me amas? Estás cansado das minhas loucuras; dos meus remorsos? Queres-me perder? Indico-te um meio fácil. Vai, mostra esta carta a toda a gente de Verrières, ou antes mostra-a ao senhor Valenod. Diz-lhe que te amo; mas

não, não pronuncies uma tal blasfêmia; diz-lhe que te adoro, que a vida só começou para mim no dia em que te vi; que nos momentos mais loucos da minha mocidade nunca sonhara, sequer, a felicidade que te devo; que te sacrifiquei a minha vida, que te sacrifico a minha alma! Tu sabes que te sacrifico bem mais.

“Mas esse homem sabe o que são sacrifícios? Diz-lhe, diz-lhe para o irritar, que desafio todas as pessoas más e que no mundo para mim só existe uma desgraça, a de assistir à transformação do único homem que me prende à vida. Que felicidade perdê-la, oferecê-la em sacrifício, e de nada mais rezear pelos meus filhos!

“Não duvides, meu amor, se há alguma carta anónima, vem com certeza daquele ser odioso que durante seis anos me perseguiu com a sua voz desagradável, com a narrativa dos seus saltos a cavalo, com a sua fatuidade, com a infinita enumeração de todas as suas superioridades.

“Há uma carta anónima? Meu ingrato, eis o que eu queria discutir contigo; mas não, fizeste bem. Apertando-te nos meus braços, quem sabe se pela última vez, nunca poderia discutir friamente, como faço estando sozinha. A partir deste momento a nossa felicidade tornar-se-á mais difícil. Será uma contrariedade para ti? Sim, nos dias em que não tiveres recebido do senhor Fouqué qualquer livro que te interesse. O sacrifício está feito; amanhã, tenha ou não tenha havido carta anónima, eu também direi ao meu marido que recebi uma carta idêntica, e que é preciso imediatamente recompensar-te, achar qualquer pretexto honesto, e enviar-te sem demora a teus pais.

“Ai! querido amigo, vamos estar separados quinze dias, talvez um mês! Vai, faço-te justiça, sofrerás tanto como eu. Mas, enfim, é este o único meio de nos acautelarmos contra esta carta anónima; não é a primeira que o meu marido recebe a falar de mim. Ai! como eu ria delas!

“Toda a minha intenção é fazer com que meu marido pense que a carta vem do senhor Valenod; não duvido que seja ele o autor. Se deixares esta casa não hesites em ir instalar-te em Verrières. Farei com que meu marido tenha a ideia de lá ir passar quinze dias, para provar aos parvos que não há entre ele e eu frieza alguma. Uma vez em Verrières, faz-te amigo de toda a gente, mesmo dos liberais. Sei que todas as damas te procurarão.

“Não te vás zangar com o senhor Valenod, nem cortar-lhe as orelhas, como disseste um dia; pelo contrário, mostra-te amável com ele. O essencial é que se diga em Verrières que vais entrar para casa do Valenod ou de qualquer outro, para educar as crianças.

“Eis o que meu marido não suportará nunca. Até que se resolva, ao menos estarás em Verrières e ver-te-ei algumas vezes; os meus filhos, que tanto gostam

de ti, irão visitar-te. Santo Deus! Sinto que gosto mais dos meus filhos por eles gostarem de ti. Que remorso! Como é que tudo isto acabará?... Deliro... Enfim, compreendes o que deves fazer; sê calmo, bem-educado, não desprezes essas personagens grosseiras, peço-te de joelhos: vão ser os árbitros do nosso destino. Não duvides um instante que meu marido se conformará, a teu respeito, com o que a opinião pública lhe prescrever.

“És tu que me vais fornecer a carta anónima, arma-te com paciência e com uma tesoura. Corta num livro as palavras que vais ver, em seguida cola-as na folha de papel azulado que te envio; essa folha veio da mão do senhor Valenod. Conta com uma busca no teu quarto; queima as páginas do livro que tiveres mutilado. Se não encontrares todas as palavras, tem paciência e forma-as letra a letra. Para te poupar trabalho fiz a carta bastante curta. Ai! se já me não amas, como receio, como a minha te deve parecer longa!”

## CARTA ANÓNIMA

“Minha senhora:

Todas as suas pequenas manobras são conhecidas; mas as pessoas que têm interesse em as reprimir estão avisadas. Por um resto de amizade por si, convido-a a separar-se totalmente do campónio. Se o seu bom senso a levar a isso, seu marido julgará que o aviso que recebeu era falso, e deixá-lo-emos laborar nesse erro. Pense que sei o seu segredo; trema, desgraçada; tem de ir pelo caminho que eu mandar.”

“Quando acabares de colar as palavras que compõem esta carta (reconheceste o modo de falar do director?) sai de casa e encontrar-nos-emos.

“Irei à aldeia e voltarei com uma expressão transtornada; com efeito está-lo-ei bastante. Bom Deus! Quanto arrisco, e isto tudo porque julgaste adivinhar uma carta anónima. Por fim, com um rosto perturbado, darei ao meu marido esta carta que um desconhecido me entregou. Tu, vais passear com as crianças para o bosque grande, e não voltes senão à hora do jantar.

“Do alto dos rochedos podes ver a torre do pombal. Se tudo correr bem, colocarei lá um lenço branco; caso contrário, não o farei.

“O teu coração, ingrato, não te fará encontrar o meio de me dizeres que me amas, antes de partir para esse passeio? Suceda o que suceder, tem a certeza de uma coisa: não sobreviverei um único dia à nossa separação definitiva. Ah! mãe desnaturada, são duas palavras vãs que acabo de escrever aqui, querido Julião. Não as sinto. Neste momento só posso pensar em ti, só as escrevi para que não me censure. Agora que me vejo perto de te perder, para quê dissimular? Sim!

que a minha alma te pareça atroz, mas que eu não minta diante do homem que adoro! Durante a minha vida já enganei de mais. Vai, perdoo-te se já me não amas. Não tenho tempo para reler esta carta. Aos meus olhos é pouco pagar com a vida os dias felizes que acabo de passar nos teus braços. Sabes que pagarei mais do que isso.”

## DIÁLOGO COM UM SENHOR

*Alas, our frailty in the cause, not we;  
For such as we are made of, such we be.*  
Twelfth Night

Foi com um prazer de criança que, durante uma hora, Julião esteve a juntar as palavras. Ao sair do quarto encontrou os pequenos com a mãe; esta pegou na carta com uma simplicidade e uma coragem cuja calma o assustou.

- A cola estará bem seca? - perguntou.

“Seria o remorso que enlouquecia esta mulher?”, pensava ele.

“Quais são neste momento os seus projectos?”, Era orgulhoso de mais para lho perguntar, mas nunca, talvez, ela lhe agradara tanto.

- Se isto correr mal - acrescentou ela com o mesmo sangue-frio - tirar-me-ão tudo. Enterre este embrulho em qualquer sítio da montanha; talvez um dia venha a ser o meu único recurso.

E entregou-lhe o estojo de um copo, de marroquim vermelho, cheio de ouro e de alguns diamantes.

- Parta imediatamente - recomendou.

Beijou os filhos. Duas vezes o mais novo. Julião estava imóvel. Afastou-se com passo rápido sem o olhar.

A partir do momento em que abrisse a carta anónima a existência do senhor de Rênal tinha sido terrível! Desde que estivera quase a bater-se em duelo em 1816 nunca se sentiu tão agitado, e, deve fazer-se-lhe justiça, então a perspectiva de ser atingido por uma bala tornara-o menos infeliz. Examinava a carta em todos os aspectos. “Não seria uma caligrafia de mulher?”, dizia para consigo. “Nesse caso que mulher a teria escrito?”, Pensava em todas as que conhecia em Verrières, sem poder fixar as suas suspeitas. Fora um homem quem ditara a carta? Que homem seria? Aqui incerteza igual; era invejado e sem dúvida detestado pela maior parte dos que conhecia. “É preciso consultar a minha mulher”, disse para consigo, por hábito, levantando-se da poltrona em que se deixara cair. Mal se ergueu murmurou, batendo na cabeça: “Santo Deus! É dela sobretudo que devo desconfiar; neste momento é minha inimiga.” E a

cólera fez-lhe chegar as lágrimas aos olhos. Por uma justa compensação da secura do seu coração, de que se compõe toda a prudência provinciana, os dois homens que, naquela altura, o senhor de Rênal temia mais eram os seus dois amigos mais íntimos.

“Depois destes, tenho talvez mais dez amigos...”, e pensou em todos, avaliando o grau de consolo que poderia tirar de cada um. “A todos! A todos!”, exclamou enraivecido, “a minha horrível aventura dará o maior prazer.” Por felicidade julgava-se muito invejado, e tinha razão. Não falando na casa magnífica da cidade, que o rei de... acabava de honrar para sempre pernoitando lá, também tinha tornado confortável o seu castelo de Vergy. A fachada fora pintada de branco e as janelas guarnecidas com belas portas verdes. Durante um instante sentiu-se consolado com a ideia desta magnificência. Na verdade, o castelo via-se a três ou quatro léguas de distância, com grande prejuízo de todas as casas de campo ou pseudocastelos da vizinhança, que continuavam com a humilde cor cinzenta dada pelo tempo.

O senhor de Rênal podia contar com as lágrimas e a piedade de um dos seus amigos: o administrador dos bens da paróquia; mas era um imbecil que chorava por tudo. Este homem era, contudo, o seu único recurso.

“Que infelicidade será comparável à minha?”, exclamava com raiva. “Que isolamento!”

“Será possível”, murmurava para consigo este homem, na verdade para lamentar, “será possível que no meu infortúnio não tenha um amigo a quem peça conselho? Porque o meu juízo perturba-se, sinto-o!”, “Ah! Falcoz! Ah! Ducros!”, exclamou com amargura. Eram os nomes de dois amigos de infância que afastara com a sua altivez em 1814. Não eram fidalgos e quisera mudar o tom de igualdade em que viviam desde a infância.

Um deles, Falcoz, homem de espírito e coração, comerciante de papel em Verrières, comprara uma tipografia na sede do departamento e fundara um jornal. A congregação resolvera arruiná-lo: o jornal fora condenado, o seu diploma de impressor confiscado. Nestas tristes circunstâncias, experimentou escrever ao senhor de Rênal, o que não fazia há dez anos. O presidente de Verrières julgou de seu dever responder como um velho romano: “Se o ministro do rei me desse a honra de me insultar, dir-lhe-ia: Arruine sem piedade todos os impressores da província efaça da imprensa um monopólio, como o tabaco.”

Desta carta a um amigo íntimo, que na altura foi admirada por toda a gente de Verrières, o senhor de Rênal recordava os termos com horror. “Quem me diria que na minha posição, com a minha fortuna, as minhas condecorações, eu lhe sentiria a falta?” Foi nestes acessos de cólera, tão depressa contra si próprio como contra toda a gente que o rodeava, que passou aquela noite

terrível; mas, por felicidade, não se lembrou de espiar a mulher.

“Estou acostumado à Luísa”, dizia ele. “Conhece todos os meus negócios; poderei casar-me amanhã, mas não encontrarei quem a substitua.” Então comprazia-se com a ideia de que a mulher estava inocente; esta maneira de ver não o obrigava a mostrar-se enérgico e arranjava tudo bem melhor. Não se tem visto tanta mulher caluniada!

“Mas quê!”, exclamou ele de repente, caminhando com passo agitado. “Admitirei eu como se fosse um João-ninguém, um pé-descalço, que ela troce de mim com o amante? Será necessário que toda Verrières faça chacota da minha tolerância? O que não disseram de Charmier? (era um marido ali da região notoriamente enganado). Quando falam dele não se ri toda a gente? É bom advogado, mas quem se lembra de gabar o seu talento oratório! Ah! Charmier! Chamam-lhe o Charmier de Bernardo: o nome do homem que faz o seu opróbrio.”

“Graças ao céu”, dizia o senhor de Rênal noutros momentos, “não tenho filhas, e a forma por que vou castigar a mãe não será nociva ao futuro dos meus filhos; posso surpreender esse camponês com a minha mulher e matá-los a ambos; nesse caso, o trágico da aventura talvez apague o seu ridículo.” Esta ideia sorriu-lhe: seguiu-a em todos os seus pormenores. “O Código Penal é a meu favor, e, suceda o que suceder, a nossa congregação e os meus amigos do júri salvar-me-ão.”, Verificou se a sua faca de caça estava bem afiada; mas a ideia do sangue fez-lhe medo.

“Posso quebrar os ossos a esse preceptor insolente e pô-lo na rua; mas que escândalo em Verrières e mesmo em toda a província! Depois da condenação do jornal de Falcoz, quando o seu redactor-chefe saiu da prisão, contribuí para lhe fazer perder o seu lugar de seiscentos francos. Dizem que este escrevinhador ousa voltar a mostrar-se em Besançon; pode difamar-me com habilidade, e de forma que seja impossível levá-lo ao tribunal. Levá-lo ao tribunal!... O insolente insinuará de mil formas que falou verdade. Um homem bem-nascido que sabe manter-se na posição como eu é odiado por todos os plebeus. Ver-me-ei ridicularizado nesses horríveis jornais de Paris. Oh, meu Deus! Que abismo ver o nome antigo “de Rênal, mergulhado na lama do ridículo... Se algum dia viajar, terei de mudar de nome. O quê! Deixar este que faz a minha glória e a minha força? Que vergonha!”, “Se não mato minha mulher, mas a expulso com ignomínia, tem a tia em Besançon, que lhe deixará toda a sua fortuna. Ela irá viver para Paris com Julião, saber-se-á em Verrières e ainda por cima me considerarão tolo.”, Este homem infeliz reparou, então, pela palidez da lâmpada que o alumia, que o dia começava a despontar. “Vou respirar um pouco de ar fresco para o jardim.” Neste momento estava quase

resolvido a não fazer escândalo, sobretudo porque isto encheria de alegria os seus bons amigos de Verrières.

O passeio no jardim acalmou-o um pouco. “Não”, exclamou, “me privarei de minha mulher, é-me muito útil.” Imaginou com horror o que seria a casa sem a mulher; a única parente era a marquesa de R... velha, imbecil e má.

Surgiu-lhe uma ideia feliz, mas a execução exigia uma força de carácter bem superior à pouca que o pobre homem possuía. “Se deixo ficar minha mulher”, conheço-me bem, “um dia, num momento de irritação, lanço-lhe à cara a sua falta. É orgulhosa, zangar-nos-emos e tudo isto acontecerá antes que ela tenha herdado da tia. Então como se rirão de mim! Minha mulher gosta dos filhos, e acabarão por herdar a fortuna toda. Mas eu seria o tema de troça de Verrières. O quê, dirão, nem ao menos soube vingar-se da mulher! Não valerá mais ficar com as suspeitas e não verificar nada? Mas assim fico com as mãos atadas, e nada poderei censurar-lhe.”

Um instante depois, o senhor de Rênal, novamente dominado pela vaidade ferida, recordava-se laboriosamente de todas as frases ditas no bilhar do Casino ou do Clube dos Nobres de Verrières quando algum engraçado interrompe o jogo para se rir à custa de um marido enganado. Como naquele momento estas brincadeiras lhe pareciam cruéis!

“Meu Deus! Porque é que a minha mulher não morreu! Então o ridículo não me poderia atacar. Porque não sou viúvo? Poderia passar seis meses em Paris na melhor sociedade.” Depois deste momento de felicidade que a ideia da viuvez lhe deu, a sua imaginação voltou a pensar na forma de se assegurar da verdade. Espalharia à meia-noite, depois de todos estarem deitados, uma ligeira camada de farelos diante da porta do quarto de Julião! No dia seguinte de manhã, ao nascer do dia, veria pegadas.

“Mas este meio nada vale”, exclamou ele de súbito, raivosamente. “A atrevida da Elisa perceberia, e daqui a pouco já todos em casa saberiam que tenho ciúmes.”

Numa outra história contada no Casino, um marido tinha tido a certeza da sua pouca sorte prendendo, com um pouco de cera, um cabelo, que fechava como um selo as portas dos quartos da mulher e do galã.

Depois de tantas horas de incertezas, esta forma de esclarecer a sua situação parecia-lhe na verdade a melhor, e pensava em se servir dela, quando, ao voltar de uma rua do parque, encontrou aquela que desejava ver morta.

Voltava da aldeia. Fora ouvir missa à igreja de Vergy. Uma tradição bastante incerta aos olhos do frio filósofo, mas na qual ela acreditava, pretende que a pequena igreja de que hoje se servem era a capela do castelo do senhor de Vergy. Esta ideia perseguia a senhora de Rênal durante todo o tempo que

contava passar nessa igreja. Imaginava sem cessar o marido matando Julião na caça, como acidente, e, em seguida, à noite, fazendo-lhe comer o seu coração.

“A minha sorte,”, dizia para consigo, “depende do que vai pensar ao ouvir-me. Depois desse quarto de hora fatal talvez eu não tenha mais ocasião de lhe falar. Não é uma pessoa calma e dirigida pelo raciocínio. Poderia então, ajudada pelos meus fracos argumentos, prever o que fará ou dirá. Decidirá a nossa sorte comum; tem esse poder. Mas essa sorte está na minha habilidade, na arte de dirigir as ideias desse maníaco, que a cólera cega impede de ver metade das coisas. Santo Deus! Preciso de talento e de sangue-frio. Como hei-de consegui-los?”

Como por encanto voltara a encontrar a calma ao entrar no jardim e ao ver ao longe o marido. Os seus cabelos, o fato em desordem, mostravam que não dormira.

Entregou-lhe então uma carta aberta, mas dobrada. Ele, sem a abrir, fitava a mulher com os olhos de louco.

- Aí tem uma infâmia- disse ela - que um homem de mau aspecto que pretende conhecer-vos e dever-vos reconhecimento me entregou quando eu passava atrás do jardim do notário. Exijo-vos uma coisa: é que, sem demora, mandeis para casa do pai esse senhor Julião.

A senhora de Rênal apressou-se a dizer estas palavras talvez um pouco antes do momento em que deviam ser ditas, para se desembaraçar da horrível perspectiva de ter de as dizer.

Ficou cheia de alegria ao ver a que causava ao marido. Pela fixidez do olhar que punha sobre ela compreendeu que Julião adivinhara a verdade. Em lugar de se afligir com esta infelicidade bastante real, pensou: “Que talento, que tacto perfeito! E num homem novo, ainda sem experiência! Ao que chegará no futuro? Ai! Então os seus sucessos farão com que me esqueça.”,

Este pequeno acto de admiração pelo homem que adorava tornou-a completamente senhora de si.

Aplaudiu-se pela sua manobra. “Não fui indigna de Julião”, murmurou para consigo, com uma íntima e doce voluptuosidade. Sem dizer uma palavra, com receio de se comprometer, o senhor de Rênal examinava a segunda carta anónima, composta, como o leitor se deve recordar, por palavras impressas coladas sobre um papel azulado. “Troçam de mim por todas as formas”, dizia para consigo fatigadíssimo.

“Mais insultos para examinar, e sempre por causa da minha mulher!” Sentiu ímpetos de a injuriar; mas a perspectiva da herança de Besançon susteve-o, embora com grande dificuldade. Devorado pela necessidade de se vingar em qualquer coisa, amarrotou o papel da segunda carta anónima, e pôs-se a passear

a passos largos. E afastou-se dali. Alguns instantes depois voltou para o pé dela, mais tranquilo.

- Temos de o mandar embora - disse ela imediatamente. - Afinal de contas é apenas o filho de um operário. Indemnizá-lo-eis com alguns escudos e, como é instruído, depressa encontrará onde se colocar, por exemplo em casa do senhor Valenod ou do subprefeito de Maugiron, que têm filhos. Não o prejudicareis...

- Está a falar como uma pateta que é - exclamou o senhor de Rênal, com uma voz terrível. - Que bom senso se pode esperar de uma mulher? Nunca prestais atenção ao que é razoável; como saberíeis fosse o que fosse? O vosso desleixo, a vossa preguiça, só vos dão actividade para caçar borboletas. Seres fracos que temos a infelicidade de ter nas nossas famílias!...

A senhora de Rênal deixava-o falar, e ele falou durante muito tempo; dava largas à sua cólera, como diziam ali na terra.

- Senhor - respondeu ela por fim -, falo como uma mulher ultrajada na sua honra, quer dizer, no que tem de mais precioso.

A senhora de Rênal manteve uma grande calma durante toda aquela difícil conversa, da qual dependia a possibilidade de viver ainda debaixo do mesmo tecto em que vivia Julião.

Procurava as ideias que julgava mais propícias para guiar a cólera cega do marido. Fora insensível a todas as reflexões injuriosas que este lhe dirigira. Não as escutava e pensava em Julião. "Ficará contente comigo?"

- Esse campónio, que tratámos tão bem e enchemos de presentes, está inocente - disse-lhe ela por fim -, mas não deixa de ser a origem da primeira afronta que recebo... li esse abominável papel e prometi a mim própria que um de nós tem de sair de vossa casa.

- Quer fazer um escândalo para me desonrar e ficar desonrada também? Bastantes pessoas têm inveja de nós em Verrières.

- Isso é verdade, todos invejam a prosperidade a que a vossa administração o elevou a si, à vossa família e à cidade... Bem! Vou obrigar Julião a pedir-vos umas férias para ir passar um mês em casa daquele negociante de madeiras, na montanha, digno amigo desse operariozinho.

- Faça o possível para estar quieta - continuou o marido com tranquilidade. - O que exijo de vós, antes de mais nada, é que lhe não faleis; havíeis de vos encolerizar e eu zangar-me-ia com ele. Sabeis bem como esse senhor é exaltado.

- Esse rapaz não tem nenhum tacto - continuou a senhora de Rênal -, talvez seja instruído, sabeis reconhecer isso, mas no fundo é apenas um verdadeiro campónio. Quanto a mim, nunca mais fiz boa ideia a seu respeito desde que se recusou a casar com Elisa. Era uma fortuna assegurada. Recusou

com o pretexto de que algumas vezes, às escondidas, ela fazia visitas ao senhor Valenod.

- Ah! - disse o senhor de Rênal, franzindo as sobrancelhas desmedidamente. - O quê, Julião disse-lhe isso?

- Não, não foi bem isso; falou-me sempre da sua vocação para a vida eclesiástica; mas creia-me, a primeira vocação de toda essa gentinha é ter pão. Dava-me suficientemente a entender que não ignorava essas visitas secretas.

- E eu ignorava-as! - exclamou o senhor de Rênal, enfurecendo-se de novo e martelando as palavras. - Passam-se na minha casa coisas que ignoro... Como, houve alguma coisa entre Elisa e Valenod?

- É uma história já velha, meu querido amigo - disse a senhora de Rênal, rindo -, e talvez não se tenha passado nada de mau.

Era no tempo em que o seu bom amigo Valenod gostava que se pensasse em Verrières que entre ele e eu havia um amor platónico.

- Pensei nisso uma vez - exclamou o senhor de Rênal, batendo na cabeça e caminhando de descoberta em descoberta. - Porque não me disse nada?

- Valeria a pena zangar dois amigos por causa de uma pequena bafurada de vaidade do nosso caro director? Qual será a mulher de sociedade a quem não tenha dirigido algumas cartas extremamente espirituais e mesmo um pouco galantes?

- Escreveu-lhe?

- Escreve com frequência.

- Mostre-me imediatamente essas cartas!

- Deus me livre disso - respondeu-lhe com uma doçura que era quase inércia -, mostrar-lhas-ei um dia, quando estiver mais senhor de si.

- Imediatamente - exclamou o senhor de Rênal, alucinado pela cólera e, contudo, mais feliz do que se sentira nas últimas doze horas.

- Jura-me - disse a senhora de Rênal com gravidade - que nunca terá nenhuma discussão com o director do asilo por causa dessas cartas?

- Discussão ou não, posso tirar-lhe as crianças abandonadas; mas - continuou, enfurecido - quero essas cartas imediatamente. Onde estão?

- Numa gaveta da minha secretária, mas não lhe darei a chave.

- Saberei arrombá-la! - exclamou, correndo para o quarto da mulher.

Quebrou efectivamente, com uma barra de ferro, a preciosa secretária de acaju, vinda de Paris, que habitualmente e com frequência esfregava com a aba do casaco, quando julgava ver-lhe qualquer nódoa.

A senhora de Rênal subira a correr os cento e vinte degraus do pombal: atou o canto de um lenço branco a um dos varões de ferro da janelita. Sentia-se a mais feliz das mulheres. Com as lágrimas nos olhos, contemplava os grandes

bosques da montanha. “Sem dúvida”, dizia para consigo, “debaixo de uma dessas copadas faias Julião aguarda este feliz sinal.” Durante muito tempo pôs-se a escutar; e em seguida amaldiçoou o ruído monótono das cigarras e o canto dos pássaros; se não fossem estes sons importunos poderia ter chegado até ali um grito de alegria que partira dos rochedos. O seu olhar ávido devorava aquele declive de verdura sombria e unida formado pela copa das árvores.

“Como é que ele não se lembra”, disse para consigo comovida, “de inventar qualquer sinal para me dizer que a sua felicidade é igual à minha?” Só desceu do pombal quando teve medo que o marido ali a viesse procurar. Foi encontrá-lo furioso. Percorria as frases insignificantes do senhor Valenod, que nunca supôs que elas viriam a ser lidas com tanto nervosismo.

Procurando o momento em que as exclamações do marido lhe davam a possibilidade de se fazer ouvir, disse:

- Volto à minha ideia. Convém que Julião faça uma viagem. Por muito talento que tenha para o latim, afinal de contas é apenas um camponês muitas vezes grosseiro e com falta de tacto; todos os dias, julgando ser bem-educado, dirige-me cumprimentos exagerados e de mau gosto, que aprende de cor nalgum romance...

- Ele nunca lê romances - exclamou o senhor de Rênal. - Certifiquei-me disso. julga que sou um chefe de família cego e que ignora o que se passa em sua casa?

- Pois bem, se não lê em parte nenhuma esses cumprimentos ridículos, então inventa-os, e tanto pior para ele. Deve ter falado de mim, nesse tom, em Verrières; e, sem ir mais longe - disse a senhora de Rênal com ar de quem faz uma descoberta -, deve ter falado assim diante de Elisa, e é quase a mesma coisa que ter falado diante do senhor Valenod.

- Ah! - exclamou o senhor de Rênal, fazendo abanar a mesa e toda a divisão com um formidável murro. - A carta anónima impressa e as cartas de Valenod são escritas no mesmo papel!

“Enfim!...”, pensou ela. E mostrou-se aterrada com aquela descoberta. Sem ter a coragem para acrescentar uma única palavra foi sentar-se ao longe, no fundo da sala!

A batalha estava ganha; foi-lhe difícil impedir que o marido fosse imediatamente falar ao suposto autor da carta.

- Não compreende que fazer uma cena ao senhor Valenod sem ter provas suficientes é a maior das tolices? Vós sois invejado, mas de quem é a culpa? Dos vossos talentos: a vossa boa administração, os vossos prédios de bom gosto, o dote que eu vos trouxe, e sobretudo a herança considerável que podemos esperar da minha boa tia, herança cuja importância é bastante exagerada e fará

de si a primeira personagem de Verrières.

- Esquece o nascimento - disse ele sorrindo.

- Sim, é um dos fidalgos mais distintos da província - continuou ela com precipitação. - Se o rei fosse livre e pudesse fazer justiça ao nascimento, o senhor com certeza figuraria na Câmara dos Pares. E é nesta posição magnífica que quer dar aos invejosos um pretexto para comentários!

"Falar ao senhor de Valenod na carta anónima é proclamar em todo Verrières - que digo eu? -, em todo Besançon, em toda a província, que esse pequeno-burguês, talvez imprudentemente admitido na intimidade de um Rênal, achou meio de o ofender. Mesmo que essas cartas, que acaba de surpreender, provassem que eu tinha correspondido ao amor do senhor Valenod, deveria matar-me, tê-lo-ia merecido cem vezes, mas nunca devia mostrar-lhe a sua cólera. Pense que todos os seus vizinhos só esperam um pretexto para se vingarem da sua superioridade, pense que em 1816 contribuiu para certas pnsões. Aquele homem refugiado sob o seu telhado...

- Penso que não tem nem atenções nem amizade por mim - exclamou o marido com todo o amargor que acordava nele tal recordação. - E não fui nomeado par do reino!...

- Penso, meu amigo - continuou ela sorrindo -, que sou mais rica do que o senhor, que sou sua companheira há doze anos e que todos estes títulos me conferem o direito de dar a minha opinião em qualquer altura, e sobretudo no assunto que hoje se trata. Se a mim prefere esse senhor Julião - acrescentou ela com um despeito mal disfarçado -, estou pronta a ir passar o Inverno em casa da minha tia.

Estas palavras foram ditas com satisfação. Havia nelas uma mistura de firmeza e de polidez que decidiram o senhor de Rênal. Mas, segundo os hábitos provincianos, falou ainda durante muito tempo, repisando todos os argumentos; a senhora de Rênal deixava-o falar, embora a sua entoação ainda revelasse cólera. Por fim, duas horas de conversa inútil esgotaram as forças daquele homem que durante toda a noite sofrera um ataque de cólera. Fixou a linha de conduta que ia seguir com o senhor Valenod, Julião e até com Elisa.

Uma ou duas vezes durante aquela cena a senhora de Rênal esteve quase a sentir simpatia pela infelicidade daquele homem que durante doze anos fora seu amigo. Mas as verdadeiras paixões são egoístas. Tanto mais que a todos os instantes esperava que ele confessasse ter recebido a carta anónima na véspera e essa confissão não veio. à segurança da senhora de Rênal fazia falta o companheiro das ideias que tinha podido sugerir ao homem de que dependia a sua sorte. Porque na província os maridos impõem a sua opinião. Um marido que se queixa cobre-se de ridículo, coisa dia-a-dia menos perigosa em França;

mas a mulher, se ele lhe não dá dinheiro, vê-se reduzida a ser operária a quinze soldos por dia, e mesmo assim as almas boas têm um certo escrúpulo em lhe aceitar os serviços.

Uma odalisca do serralho pode ser forçada a amar o sultão; é muito poderoso, e ela não tem esperança alguma de lhe roubar a sua autoridade com algumas pequenas habilidades e intrigas. A vingança do dono é terrível, sangrenta, mas ao mesmo tempo generosa: uma punhalada acaba com tudo. É com a arma do desprezo público que um marido mata a mulher no século XIX; é fechando-lhe as portas das relações sociais.

O sentimento do perigo foi vivamente acordado na senhora de Rênal quando voltou para os seus aposentos; ficou chocada com a desordem em que encontrou o seu quarto. As fechaduras de todos os seus lindos cofrezinhos tinham sido arrombadas; várias tábuas do soalho estavam levantadas. “Não teria tido piedade de mim!”, murmurou para consigo. “Estragar assim este soalho de madeira tão boa, de que tanto gosta; quando um dos filhos aqui entra com os sapatos húmidos fica vermelho de cólera, e agora está estragado para sempre!”, Ao notar esta violência, afastou imediatamente da sua ideia as últimas censuras que a si própria fazia pela sua tão rápida vitória.

Um pouco antes de a sineta tocar para o jantar, Julião voltou com as crianças. à sobremesa, depois de todos os criados se terem retirado, a senhora de Rênal disse-lhe com uma grande securra:

- Mostrou desejos de ir passar quinze dias em Verrières; o senhor de Rênal concede-lhe essas férias. Pode partir quando quiser. Mas para que as crianças não percam o tempo, todos os dias lhes serão enviados os seus temas para corrigir.

- Evidentemente - acrescentou o senhor de Rênal em tom azedo -, não lhe concederei mais de uma semana.

Julião achou-lhe na fisionomia a inquietação de um homem profundamente atormentado.

- Ainda não decidiu o que há-de fazer - disse ele num instante em que ficaram sozinhos na sala.

A senhora de Rênal contou-lhe rapidamente tudo o que fizera desde manhã.

- Os pormenores ficam para esta noite - acrescentou ela rindo.

“Perversidade de mulher!”, pensou Julião. “Que prazer, que instinto as leva a enganar-nos!”

- Acho-te ao mesmo tempo esclarecida e cega pelo teu amor - disse-lhe ele, com certa frieza. - O teu comportamento de hoje foi admirável; mas será prudente encontrarmo-nos esta noite?

Esta casa está cheia de inimigos; pensa no ódio apaixonado que Elisa tem por mim.

- Esse ódio parece-se bastante com a indiferença apaixonada que tens por mim.

- Mesmo indiferente, devo salvar-te de um perigo em que te meti. Se o acaso quiser que o senhor de Rênal fale a Elisa, com uma palavra ela pode contar-lhe tudo. Porque não se esconderia ele, armado, perto do meu quarto...

- O quê! Nem sequer tens coragem?! - exclamou ela com a altivez de uma fidalga.

- Nunca me rebaixarei a falar da minha coragem - disse sabiamente Julião.  
- É uma baixeza. Que os outros julguem os factos. Mas - acrescentou, pegando-lhe na mão - não podes calcular como te sou dedicado e quanto gostaria de despedir-me de ti antes desta cruel ausência.

**MODOS DE AGIR EM 1830**

*A palavra foi dada ao homem para ele esconder o seu pensamento.*

Padre Malagrida

Mal chegou a Verrières, Julião censurou-se pela sua atitude para com a senhora de Rênal.

“Tê-la-ia desprezado como uma mulher qualquer se cedendo ao receio, a cena que teve com o senhor de Rênal não fosse bem sucedida! Ela saiu-se como um diplomata e eu simpatizo com o vencido que é meu inimigo. Há neste facto uma pequenez burguesa; a minha vaidade sente-se chocada porque o senhor de Rênal é um homem ilustre e vasto o meio a que tenho a honra de pertencer. Não sou mais que um parvo.”

O senhor Chélan recusara os alojamentos que os mais consideráveis liberais lhe tinham oferecido à porfia quando a destituição o obrigou a sair do presbitério. Os dois quartos que alugara estavam cheios com os seus livros. Julião, querendo mostrar a Verrières o que era um padre, foi a casa do pai buscar doze pranchas de pinho, que ele próprio transportou às costas ao longo de toda a Grande Rua. Pediu as ferramentas emprestadas a um antigo camarada, e dali a pouco tinha construído uma espécie de estante, na qual arrumou os livros do senhor Chélan.

- Julgava-te corrompido pela vaidade do mundo - disse o velho, chorando de alegria. - Isto resgata bem a criança daquele uniforme de guarda de honra que te criou tantos inimigos.

O senhor de Rênal ordenara a Julião que se instalasse na sua casa. Ninguém suspeitou o que se passara. No terceiro dia depois da sua chegada, Julião viu subir ao seu quarto uma importante personagem: o senhor subprefeito e Maugiron. Só depois de duas longas horas de conversa insípida e de grandes lamentações sobre a maldade dos homens, a falta de honestidade das pessoas encarregadas da administração dos dinheiros públicos, os perigos que corre aquela França, etc., etc., é que Julião compreendeu, enfim, o motivo da visita. Já estavam no patamar da escada e o pobre meio caído em desagrado

acompanhava com o respeito que lhe era devido o futuro perfeito de qualquer feliz departamento, quando este se lembrou de falar do destino de Julião, de gabar a sua moderação em questões de interesse, etc., etc. Por fim, o senhor de Maugiron, apertando-o nos braços com ar paternal, propôs-lhe deixar o senhor de Rênal e entrar para casa de um funcionário que tinha filhos para educar, e que, tal qual o rei Filipe, agradecia ao céu não tanto o ter-lhos dado, como tê-los feito nascer perto do senhor Julião. O seu preceptor receberia oitocentos francos de ordenado, pagáveis não mês a mês, o que não é nobre - disse o senhor de Maugiron -, mas de quatro em quatro meses e sempre adiantadamente.

Chegara a vez de Julião, que há hora e meia esperava por esta ocasião. A sua resposta foi correcta, e sobretudo longa como um mandamento; dava tudo a entender, e contudo nada dizia claramente. Nela se poderia encontrar respeito pelo senhor de Rênal, veneração pelo público de Verrières e reconhecimento pelo ilustre subprefeito. Este subprefeito, admirado por alguém mais astucioso do que ele, tentou em vão obter uma resposta exacta. Julião, encantado, aproveitou a ocasião para se exercitar, e recomeçou a sua resposta noutros termos. Nunca ministro eloquente que quisesse preencher o fim de uma dessas sessões em que o Parlamento parece despertar do sono em que caíra disse menos em mais palavras. Mal o senhor de Maugiron saiu Julião começou a rir como um louco. Para aproveitar a sua astuciosa eloquência escreveu uma carta de nove páginas ao senhor de Rênal, na qual lhe comunicava tudo o que lhe tinham proposto e lhe pedia humildemente conselho. “Aquele maroto afinal não me disse o nome da pessoa que faz o oferecimento! É capaz de ser o senhor Valenod, que no meu exílio em Vernères vê o efeito da sua carta anónima.”

Depois de enviar a sua carta, Julião, contente como um caçador que, às seis horas da manhã de um belo dia de Outono, desemboca numa planície onde há abundância de caça, saiu para ir pedir conselho ao senhor Chélan. Mas antes de chegar a casa do bom cura, o céu, que lhe queria proporcionar alegria, colocou-lhe no caminho o senhor Valenod, ao qual não escondeu que o seu coração estava dilacerado; um pobre rapaz como ele devia entregar-se inteiramente à vocação que Deus pusera no seu espírito, mas a vocação não era tudo neste mundo cheio de baixezas. Para trabalhar dignamente na vinha do Senhor, e não ser completamente indigno de tantos colaboradores sábios, a instrução era necessária; era preciso passar dois anos bem dispendiosos no seminário de Besançon; tornava-se portanto indispensável fazer economias, que eram bem mais fáceis de realizar com um ordenado de oitocentos francos, pagos de quatro em quatro meses, do que com seiscentos, que eram gastos mês a mês. Por outro lado, o céu colocando-o perto dos jovens de Rênal, e sobretudo inspirando-lhe por eles uma dedicação especial não parecia indicar-lhe que não vinha a

propósito abandonar a sua educação para começar outra qualquer?...

Julião atingiu um tal grau de perfeição neste género de eloquência substituta de rapidez da acção napoleónica que acabou por se aborrecer com o som das suas próprias palavras.

Ao voltar para casa encontrou um criado do senhor Valenod, de libré de gala, que o procurara por toda a cidade, com um convite para almoçar nesse próprio dia.

Julião nunca fora a casa daquele homem; ainda há poucos dias só pensava na forma de lhe dar uma sova sem, em troca, ter de prestar contas à polícia. Apesar de a refeição estar marcada para a uma hora, achou mais respeitoso apresentar-se ao meio-dia e trinta no gabinete de trabalho do director do asilo. Encontrou-o exibindo a sua importância no meio de numerosas pastas. As suas grandes suíças negras, a sua vasta cabeleira, o gorro colocado desajeitadamente no alto da cabeça, o cachimbo enorme, as pantufas bordadas, as grossas correntes de ouro cruzadas no peito e todos os adornos de um financeiro de província que se julga um homem irresistível, não faziam com que o nosso herói o achasse imponente, antes o levavam a pensar no correctivo que gostaria de lhe aplicar. Pediu para ter a honra de ser apresentado à senhora Valenod; mas esta estava a fazer a toilette e não o podia receber. Como compensação foi-lhe permitido assistir à do director do asilo. Em seguida foram para os aposentos da senhora Valenod, que, com as lágrimas nos olhos, lhe apresentou os filhos. Esta dama, uma das mais consideradas de Verrières, tinha uma autêntica figura de homem e preparara-se especialmente para esta cerimónia, em que empregou todo o encanto maternal.

Julião pensava na senhora de Rênal. A sua desconfiança só o deixava ser susceptível àquele género de recordações despertadas pelos contrastes, mas então apoderavam-se dele de tal forma que chegava a ficar comovido. Esta disposição foi aumentada pelo aspecto da casa do director do asilo.

Mostraram-lha. Tudo ali era magnífico e novo, e diziam-lhe o preço de todos os móveis. Julião achava ali qualquer coisa de ignóbil que cheirava a dinheiro roubado. Todos, incluindo os criados, tinham o ar de estar disfarçando o desprezo que sentiam.

O recebedor das contribuições, o homem dos impostos directos, o oficial da polícia e mais dois ou três funcionários públicos vieram com as respectivas mulheres. Chegaram também alguns liberais ricos. Anunciaram o almoço. Julião, já bastante mal disposto, começou a pensar que do outro lado da parede da casa de jantar estavam os pobres asilados, cuja ração de carne talvez tivesse sido roubada para comprar todo aquele luxo de mau gosto com que o queriam deslumbrar.

“Talvez neste momento tenham fome”, dizia para consigo.

Sentiu a garganta apertar-se-lhe, e foi-lhe impossível comer e até quase falar. Dali a um quarto de hora foi bem pior; ouvia-se de longe em longe a toada de uma canção popular, e, devemos confessá-lo, um pouco ignóbil, cantada por um dos asilados. O senhor Valenod olhou para um dos criados de libré de gala, que desapareceu, e dentro em pouco a canção deixou de se ouvir. Neste momento um criado oferecia a Julião vinho do Reno num copo verde e a senhora Valenod tinha o cuidado de lhe chamar a atenção para o facto de aquele vinho custar nove francos cada garrafa, comprado ao produtor. Julião, que segurava o seu copo, disse ao senhor Valenod:

- Já não cantam aquela feia canção.

- Pudera - respondeu o director triunfantemente.- Mandei calar aquele canalha!

Esta palavra soou forte de mais para Julião; tinha os modos, mas ainda não possuía o coração próprio do seu estado. Apesar de toda a sua hipocrisia com tanta frequência exercitada, sentiu uma grande lágrima descer-lhe pela face.

Tentou escondê-la com o seu copo, mas foi-lhe impossível fazer honra ao vinho do Reno. “Impedi-lo de cantar!”, exclamou para consigo. “Oh, meu Deus! E Tu consente-lo!”

Por felicidade ninguém reparou na sua comoção. O recebedor das contribuições entoara uma canção realista, cujo estribilho era cantado em coro. “Aqui está”, dizia para consigo a consciência de Julião, “a fortuna reles a que chegarás, e só gozarás dela com esta condição e em igual companhia! Talvez tenhas um lugar de vinte mil francos, mas será preciso que enquanto te fartas de carne, im peças de cantar o pobre prisioneiro; darás de jantar com o dinheiro que tenhas roubado à sua miserável ração, e durante o teu jantar ele ainda será mais desgraçado! Oh! Napoleão! Como no teu tempo era agradável subir e enriquecer nos perigos das batalhas! Mas sem aumentar cobardemente a dor dos desgraçados!”

Confesso que a fraqueza de que Julião dá provas neste monólogo leva-me a formar dele uma triste opinião. Seria digno de ser colega desses conspiradores de luvas amarelas que pretendem mudar toda a maneira de ser de um grande país e não querem sofrer a mais pequena beliscadura.

Julião foi bruscamente chamado ao seu papel. Não fora para sonhar e estar calado que o tinham convidado para jantar em tão boa companhia. Um fabricante de chitas, aposentado, membro correspondente da Academia de Besançon e da de Uzès, dirigiu-lhe a palavra, do outro lado da mesa, para lhe perguntar se era verdade o que diziam dos seus progressos espantosos no estudo do Novo

Testamento.

De repente fez-se um silêncio profundo; um Novo Testamento em latim apareceu como por encanto nas mãos do sábio membro das duas academias. Quando Julião lhe respondeu, uma meia frase latina foi lida ao acaso. Recitou. A sua memória foi-lhe fiel, este prodígio foi admirado com toda a barulhenta energia de um fim de refeição. Julião olhava para os rostos iluminados das senhoras; algumas não eram feias. A mulher do recebedor, que tinha cantado, chamava-lhe a atenção.

- Na verdade, tenho vergonha de falar tanto tempo latim diante destas senhoras - disse ele, fitando-a. - Se o senhor Rubiganu (era o membro das duas academias) tem a bondade de ler ao acaso uma frase latina, em lugar de responder seguindo o texto latino, tentarei traduzi-la de repente.

Esta segunda prova elevou a sua glória ao cúmulo. Havia ali vários liberais ricos, mas, como felizes pais de crianças susceptíveis de obter bolsas de estudo, tinham-se convertido subitamente desde a última campanha de propaganda. Apesar desta manobra de hábil política, nunca o senhor de Rênal quisera recebê-los em sua casa. Estas pessoas, que conheciam Julião apenas de nome e por o terem visto a cavalo no dia da entrada do rei de eram os mais entusiastas dos seus admiradores. "Quando é que estes parvos se fartarão de ouvir o estilo bíblico do qual nada compreendem?" pensava ele. Mas, pelo contrário, este estilo divertia-os pela sua estranheza; riam-se. Entretanto, Julião cansou-se de os ouvir.

Ao ouvir bater as seis horas ergueu-se e falou de um capítulo da nova teologia de Ligório que tinha de aprender para no dia seguinte o recitar ao cura Chélan. "Porque a minha profissão", acrescentou ele amavelmente, "é fazer recitar lições e recitá-las eu próprio."

Riram-se muito, admiraram-no. É assim o espírito geral em Verrières. Como Julião estava já em pé, toda a gente se levantou; tal é o poder do talento. A senhora Valenod ainda o reteve durante um quarto de hora; era necessário que ele ouvisse os filhos recitar o catecismo; fizeram as mais cómicas confusões, de que só ele se apercebeu. Mas absteve-se de os emendar. "Que ignorância dos princípios elementares da religião!", pensava. Por fim cumprimentou todos os presentes e julgou poder escapar-se; mas teve de ouvir ainda uma fábula de La Fontaine.

- Este autor é bastante imoral - disse Julião à senhora Valenod. - Certa fábula sobre mestre João Couart ousa lançar o ridículo sobre o que há de mais venerável. É vivamente censurado pelos melhores comentadores.

Julião recebeu, antes de sair, quatro ou cinco convites para jantar. "Este rapaz honra a nossa terra" exclamavam os convivas bastante alegres. Chegaram

a falar numa pensão saída dos fundos da comuna para lhe permitir continuar os estudos em Paris.

Enquanto esta ideia imprudente ressoava na sala de jantar, Julião chegara depressa até à porta. “Ah! canalha, canalha!”, exclamou em voz baixa, três ou quatro vezes de seguida, sentindo prazer em respirar o ar fresco.

Neste momento sentia-se aristocrata, ele que durante tanto tempo se vira humilhado pelo sorriso desdenhoso e pela superioridade altiva que descobria no fundo de todas as delicadezas que lhe dirigiam em casa do senhor de Rênal. Não pode deixar de sentir a extraordinária diferença. “Esqueçamos mesmo,”, murmurava ao partir “que se trata de dinheiro roubado aos pobres, a quem ainda impedem de cantar! Quando é que o senhor de Rênal disse aos seus hóspedes o preço da garrafa de vinho que lhes oferece? E este senhor Valenod, que sem cessar enumera as suas propriedades, não pode falar da sua casa, da sua propriedade quando a mulher está presente, sem dizer a tua casa, a tua quinta.”

Esta dama, aparentemente tão sensível ao prazer da propriedade, acaba de, durante a refeição, fazer uma cena abominável a um criado que partira um cálice, e desirmanara uma das suas dúzias, e esse criado respondera com a maior das insolências.

“Que conjunto!”, comentava Julião. “Nem que me dessem metade de tudo o que roubam eu queria viver com eles. Um belo dia era capaz de me trair. Não poderia conter a expressão do desdém que me inspiram.”

Contudo, para seguir as ordens da senhora de Rênal, teve de assistir a vários jantares desse género; estava em moda; perdoavam-lhe o seu fato de guarda de honra ou, antes, esta imprudência era a verdadeira causa dos seus sucessos. Dentro em pouco não se tratou em Verrières senão de ver quem levaria a melhor neste despique para conquistar o talentoso rapaz: se o senhor de Rênal se o director do asilo.

Estes senhores formavam com o senhor de Maslon um triunvirato que, há bastantes anos, tiranizava a cidade. Invejavam o presidente, os liberais tinham razão para se queixarem dele; mas afinal de contas era nobre e nascido para uma posição de superioridade, enquanto o pai do senhor Valenod não lhe deixara nem seiscentas libras de rendimento. Quanto a este, haviam passado da piedade pela sua feia sobrecasaca verde-maçã, com que todos o tinham conhecido na sua mocidade, à inveja pelos seus cavalos normandos, pelas suas correntes de ouro, e pelos seus fatos vindos de Paris, por toda a sua actual prosperidade.

Na onda deste mundo novo para ele, Julião julgou descobrir um homem honesto; era géometra, chamava-se Gros e tinha fama de jacobino. Julião, tendo-

se proposto dizer só as coisas que lhe pareciam falsas a si próprio, foi obrigado a ficar apenas com a suspeita a respeito do senhor Gros. Recebia de Vergy grandes maços de exercícios. Aconselhavam-lhe a visitar seu pai com frequência, e conformava-se com esta triste necessidade. Numa palavra, recompunha sofrivelmente a sua reputação, quando uma manhã ficou bastante surpreendido ao sentir-se acordado por duas mãos que lhe fechavam os olhos.

Era a senhora de Rênal que fizera uma viagem até à cidade e que, subindo os degraus quatro a quatro e deixando as crianças entretidas com um coelho favorito, que também fizera a viagem, chegara ao quarto do preceptor um instante antes delas. Este momento foi delicioso, mas bem curto; ela afastou-se quando os filhos entraram com o coelho, que queriam mostrar ao seu amigo. Julião acolheu todos bem, mesmo o coelho. Parecia-lhe voltar a encontrar a sua família; sentiu que amava aquelas crianças, que gostava de conversar com elas. Admirava-se da doçura da sua voz, da simplicidade e nobreza dos seus modos; tinha necessidade de expurgar a sua imaginação de todas as maneiras vulgares e de todos os pensamentos desagradáveis no meio dos quais respirava em Verrières. Era sempre o receio de fracassar, era sempre o luxo e a miséria puxando os cabelos um ao outro. As pessoas em casa de quem almoçava faziam, a propósito do assado, confidências humilhantes para eles e nojentas para quem as ouvia.

- Vocês, nobres, tendes razão para ser orgulhosos - dizia ele à senhora de Rênal. - E contava-lhe todos os jantares que tivera de suportar.

- Está então na moda! - E ela ria com vontade ao pensar na pintura que a senhora Valenod se julgara obrigada a pôr no rosto sempre que esperava Julião. - Creio que ela tem projectos a seu respeito... - acrescentava.

O almoço foi delicioso. A presença das crianças, aparentemente incómoda, aumentava de facto a felicidade de ambos. Os pobres pequenos não sabiam como demonstrar a alegria que sentiam por tornar a ver Julião. Os criados não deixaram de lhes contar que tinham oferecido ao preceptor duzentos francos a mais para ensinar os filhos de Valenod.

No meio do almoço, Estanislau Xavier, ainda pálido da doença, perguntou de repente à mãe quanto valiam os seus pratos e o copo de prata por onde bebia.

- Porque queres saber isso?

- Quero vendê-los e dar o dinheiro ao senhor Julião para que não passe por tolo ficando connosco.

Julião beijou-o com lágrimas nos olhos. A mãe chorava, enquanto Julião, pegando em Estanislau ao colo, lhe explicava que não se devia servir da palavra tolo, que empregada naquele sentido, era uma maneira ordinária de falar.

Vendo o prazer que dava à senhora de Rênal, procurou explicar o que era ser tolo, dando-lhe exemplos pitorescos, que divertiam as crianças.

- Compreendo - disse Estanislau -, é o corvo que faz a parvoíce de deixar cair o seu queijo, que a raposa lisonjeadora apanha.

A senhora de Rênal, louca de alegria, cobria os filhos de beijos, o que não podia fazer sem se encostar um pouco a Julião.

De repente, a porta abriu-se: era o senhor de Rênal. A sua fisionomia severa e descontente fazia um estranho contraste com a doce alegria que a sua presença expulsava. A mulher empalideceu; não estava em estado de poder negar coisa alguma.

Julião tomou a palavra e, falando muito alto, pôs-se a contar ao senhor presidente a saída que Estanislau tivera a propósito do copo de prata que se propunha vender. Tinha a certeza de que aquela história seria mal acolhida. Primeiro o senhor de Rênal franziu as sobranceiras, como era seu costume, ao ouvir a palavra “prata”. A menção deste metal, dizia ele, era sempre uma preparação para qualquer assalto à sua bolsa.

Mas aqui havia mais do que interesse pelo dinheiro; havia aumento de suspeitas. O ar de felicidade que a família tinha na sua ausência não era de molde a melhorar a disposição de um homem dominado por uma vaidade tão susceptível. Como a mulher lhe gabava a maneira cheia de graça e de espírito com que Julião dava ideias novas aos alunos exclamou:

- Sim, sim! Eu sei, torna-me odioso aos olhos dos meus filhos; é fácil ser para eles cem vezes mais amável do que eu, que, no fundo, sou o patrão. Tudo tende, neste século, a lançar o odioso sobre a autoridade legítima. Pobre França!

A senhora de Rênal não ficou a pensar no acolhimento que lhe fazia o marido. Acabava de ver a possibilidade de passar umas horas com Julião. Tinha muitas compras para fazer na cidade, e declarou que queria ir jantar ao restaurante; apesar do que pudesse dizer ou fazer o marido, não abandonou esta ideia. As crianças estavam encantadas com a palavra restaurante que com tanto prazer era pronunciada pela afectação moderna.

O senhor presidente deixou a mulher na primeira loja de novidades em que entrou, para ir fazer algumas visitas. Voltou mais melancólico que de manhã; estava convencido de que toda a cidade falava dele e de Julião. Na verdade, ninguém lhe dera a entender que havia qualquer coisa de ofensivo nas conversas do público. O que lhe tinham dito relacionava-se apenas com o problema de saber se Julião ficaria em sua casa por seiscentos francos, ou se aceitaria os oitocentos oferecidos pelo director do asilo. Este, quando encontrou o senhor de Rênal, tratou-o com frieza. Era uma conduta hábil; há pouco estouvamento na província, as sensações ali são tão raras que as aproveitam o

melhor que podem.

O senhor Valenod era o que se chama a cem léguas de Paris um janota; é um género de homem descarado e grosseiro. A série dos seus triunfos, desde 1815, reforçara a sua posição. Reinava, por assim dizer, em Verrières, sob as ordens do senhor de Rênal; mas muito mais activo, não hesitando perante coisa alguma, intrometendo-se em tudo, não parando de andar, escrever e falar, acabara por abalar o crédito do seu presidente aos olhos do poder eclesiástico. O senhor Valenod em determinada ocasião pediu aos merceeiros da terra que lhe indicassem de entre eles os dois mais estúpidos; aos advogados os dois mais ignaros; e aos médicos os dois mais charlatães. Quando os viu todos reunidos, disse-lhes: “Reinemos juntos.” Os modos desta gente feriam o senhor de Rênal. A grosseria de Valenod a ninguém ofendia, nem sequer os desmentidos que o abadezinho de Maslon lhe não poupava em público.

Mas, no meio desta prosperidade, o senhor Valenod sentia necessidade de se tranquilizar com insolenciazinhas de pormenor atiradas contra as grandes verdades que toda a gente tinha, na realidade, o direito de lhe dizer. A sua actividade redobrava desde os receios que a viagem do senhor Appert lhe causara. Fizera três viagens a Besançon; enviara várias cartas pelo mesmo correio, mandava outras por desconhecidos que passavam por sua casa ao cair da noite.

Talvez tivesse feito mal em destituir o velho cura Chélan; porque esta acção vingativa fez com que várias devotas de bom nascimento o considerassem um homem profundamente mau. Depois, esse favor que lhe tinham feito colocara-o na dependência absoluta do senhor vigário-mor de Frilair, e recebia deste ordens para estranhas missões. A sua política estava nesse ponto quando se deu ao prazer de escrever uma carta anónima.

Para aumentar o seu embaraço, a mulher declarou-lhe que queria ter Julião em casa; a sua vaidade precisava disto. Nesta posição, o senhor Valenod previa uma cena decisiva com o seu antigo aliado senhor de Rênal. Este dirigia-lhe palavras duras, o que em nada o perturbava; mas podia escrever para Besançon e até para Paris. Um primo de qualquer ministro podia cair de repente em Verrières e tomar conta do asilo de mendicidade. Valenod pensou em se aproximar dos liberais: foi por isso que convidou alguns para almoçar no dia em que Julião recitou. Ficaria poderosamente protegido em relação ao presidente. Mas podiam realizar-se as eleições e era evidente que o asilo e uma má votação eram incompatíveis. A narrativa desta política, bem adivinhada pela senhora de Rênal, fora feita a Julião enquanto este lhe dava o braço para ir de uma loja para a outra, e pouco a pouco arrastara-os para a Alameda da Fidelidade, onde passaram várias horas quase tão tranquilos como em Vergy.

Durante este tempo o senhor Valenod tentava evitar uma cena decisiva com o seu antigo patrão, tomando para com ele um ar audacioso. Naquele dia este sistema produziu efeito, mas aumentou o mau humor do presidente.

Nunca a vaidade, lutando com o que o amor ao dinheiro pode ter de mais áspero e mesquinho, colocou um homem em estado tão lamentável como aquele em que o senhor de Rênal se achava ao entrar no restaurante. Nunca, ao contrário, seus filhos tinham estado mais satisfeitos e alegres. Este contraste acabou por o irritar.

- Pelo que vejo, sou de mais na minha família! - disse, ao entrar, num tom que queria tornar majestoso.

Como resposta, a mulher chamou-o de parte e mostrou-lhe a necessidade de afastar Julião. As horas de felicidade tinham voltado a dar-lhe o à-vontade e a firmeza necessários para seguir o plano de comportamento no qual há quinze dias meditava. O que acabava de perturbar o pobre presidente de Verrières era o saber que gracejavam publicamente, na cidade, acerca do seu apego à massa. O senhor Valenod era generoso como um ladrão e conduzira-se de forma brilhante nas cinco ou seis últimas subscrições para a Confraria de São José, para a Congregação da Virgem, para a Congregação do Santíssimo Sacramento, etc., etc.

Entre os nomes das pessoas importantes de Verrières e dos arredores, cuidadosamente classificados no registo dos irmãos subscritos segundo o montante das suas dádivas, mais de uma vez se vira o nome do senhor de Rênal ocupar a última linha. Em vão dizia para consigo que não ganhava nada. O clero não brinca com este assunto.

**DESGOSTOS DE UM FUNCIONÁRIO**

*El piacere di alzar la testa tutto l'anno é ben pagato da certi quarti d'ora che bisogna passar.*

Casti

Mas deixemos este mesquinho homem entregue aos seus receios; porque trouxe para casa um homem de carácter, quando necessitava de uma alma de laçao? Porque não sabia escolher o seu pessoal? O procedimento habitual do século XIX é: quando um ser poderoso e nobre encontra um homem de carácter, mata-o, exila-o, prende-o ou humilha-o de tal forma que o outro comete a parvoíce de morrer de dor. Neste caso não é ainda o homem de carácter que sofre. A grande desgraça das pequenas cidades da França e dos governos por eleições, como o de Nova Iorque, é não poder esquecer que existem no mundo seres como o senhor de Rênal. No meio de uma cidade de ' vinte mil habitantes estes homens formam a opinião pública, e a opinião pública é terrível num Estado constitucional. O homem dotado com uma alma nobre, generosa, que tenha sido vosso amigo mas que habite a cem léguas, julga-vos pela opinião pública da vossa cidade, a qual é feita pelos parvos que o acaso fez nascer fidalgos, ricos e moderados. Infeliz daquele que se se distinguir!

Imediatamente depois de jantar partiram para Vergy; mas dois dias depois Julião viu voltar toda a família para Verrières.

Não se passara uma hora quando descobriu, com espanto, que a senhora de Rênal lhe escondia qualquer coisa. Interrompia a conversa com o marido mal Julião aparecia e mostrava quase desejar que ele se afastasse. Julião não necessitou que lhe fizessem duas vezes esse aviso. Tornou-se frio e reservado; ela reparou mas não procurou a explicação. "Irà arranjar-me um sucessor?", pensou Julião. "Ainda ontem tão íntima comigo!

Mas dizem que é assim que procedem as grandes damas. São como os reis, nunca se mostram mais amáveis para os ministros do que quando já lhes mandaram para casa a carta que os demite."

Julião reparou que naquelas conversas, que cessavam bruscamente à sua aproximação, se falava muitas vezes numa grande casa pertencente à comuna de Verrières, velha mas vasta e cómoda, situada em frente da igreja, no melhor local para o negócio da cidade. “Que pode haver de comum entre esta casa e um novo amante?”, pensava ele. No seu desgosto repetia os lindos versos de Francisco I, que lhe pareciam novos porque fora a senhora de Rênal que há perto de um mês lhos ensinara.

Então, com quantas juras, com quantas carícias, não era desmentido cada um destes versos!

*Souvent femme varie,  
Bienfol est qui s'yfie!*

O senhor de Rênal partiu na mala-posta de Besançon. Aquela viagem decidiu-se em duas horas, e ele parecia bastante preocupado. À volta, atirou com um grande embrulho de papel pardo para cima da mesa e disse para a mulher:

- Aí está essa tolice.

Uma hora depois Julião viu o homem que afixava os cartazes levar o grande embrulho; seguiu-o apressadamente. “Vou saber o segredo na primeira esquina.”

Esperava impaciente atrás do homem, que com um grande pincel espalhava cola nas costas do cartaz. Mal este ficou colado a curiosidade de Julião ficou satisfeita com o anúncio minucioso do aluguer em lanço público dessa grande e velha casa cujo nome vinha tantas vezes à conversa do senhor de Rênal com a mulher. A adjudicação do aluguer era anunciada para o dia seguinte às duas horas, na sala da comuna, ao apagar da terceira vela. Julião ficou muito desapontado; achava o prazo um pouco curto: como é que todos os concorrentes teriam tempo de ser avisados? Mas, de resto, aquele edital, que era datado de quinze dias antes e que releu de ponta a ponta, em três locais diferentes, não lhe contava nada de novo.

Foi visitar a casa para alugar. O porteiro, que o não vira aproximar-se, dizia misteriosamente a um vizinho:

- Ora, ora! Trabalho perdido. O senhor Maslon prometeu-lhe que a terá por trezentos francos; e como o presidente refilava, foi chamado ao bispado pelo senhor vigário-mor de Frilair.

A chegada de Julião pareceu incomodar bastante os dois amigos, que não disseram nem mais uma palavra. O preceptor não faltou ao acto do aluguer. Havia muita gente numa sala mal iluminada; mas todos se fitavam de maneira

estranha. Todos os olhos estavam fixos numa mesa onde Julião viu, num prato de estanho, três cotos de vela acesos. O oficial de justiça gritava: Trezentos francos, senhores!

- Trezentos francos! É forte - disse um homem em voz baixa ao vizinho.

Julião estava entre eles dois.

- Vale mais de oitocentos; quero cobrir este lance.

- É cuspir para o ar. Que ganharás em pôr contra ti o senhor Maslon, o senhor Valenod, o bispo, o seu terrível vigário-mor de Frilair, e toda a liga?

- Animal! Até ali está um espião do presidente - acrescentou, apontando para Julião.

Este voltou-se de repente, para castigar estas palavras; mas os dois homens já lhe não prestavam atenção. O sangue-frio deles fez com que ele também o tivesse. Neste momento o último coto de vela apagou-se e a voz arrastada do leiloeiro adjudicava a casa, por nove anos, ao senhor de Saint-Giraud, chefe da secretaria da prefeitura de..., por trezentos e trinta francos. Mal o presidente saiu da sala os comentários começaram.

- Aqui estão trinta francos que a imprudência de Grogeot deve à comuna - dizia um.

- Mas o senhor de Saint-Giraud - respondiam - vingar-se-á de Grogeot, há-de amargá-la.

- Que infâmia - dizia um homem gordo, à esquerda de Julião -, uma casa por que eu daria oitocentos francos para a minha fábrica, e fazia um bom negócio.

- Ora! - respondia-lhe um jovem fabricante liberal. O senhor de Saint-Giraud não é da congregação? Não têm os seus quatro filhos bolsas de estudo? Pobre homem! A comuna de Verrières deve dar-lhe aumento de ordenado de quinhentos francos. Ora aí está.

- E dizer que o presidente não o pôde impedir - fez notar o terceiro. - Porque ele é realista; mas não rouba.

- Não rouba? - retorquiu o outro. - Deixa que roubem. Tudo isto entra numa grande bolsa comum, e tudo se divide no fim do ano. Mas lá vem o Sorelzinho; vamo-nos embora.

Julião voltou para casa de muito mau humor; encontrou a senhora de Rênal muito triste.

- Vem da adjudicação? - perguntou ela.

- Sim, minha senhora, e tive a honra de passar por espião do senhor presidente.

- Se ele acreditasse em mim, devia ter ido fazer uma viagem.

Neste momento apareceu o senhor de Rênal; vinha com uma expressão

sombria. O almoço passou-se sem dizer palavra. Mandou Julião seguir com as crianças para Vergy. A viagem foi triste. A senhora de Rênal animava o marido.

- Já devia estar acostumado, meu amigo.

À noite juntaram-se em silêncio à volta do fogão. Os estalidos da faia a arder eram a única distração. Era um daqueles momentos de tristeza que se encontram nas famílias mais unidas. Uma das crianças exclamou alegremente:

- Estão a bater à porta, estão a bater à porta!

- Uf! - exclamou o presidente. - Se é o senhor de Saint-Giraud que vem importunar-me com o pretexto dos agradecimentos, eu lhe direi; é de mais. É ao Valenod que ele deve este favor, e sou eu que fico comprometido. Que hei-de dizer a esses malditos jornais jacobinos se agarram nesta anedota para me ridicularizar?

Um homem elegante, com grandes suíças pretas, entrava neste momento, seguido pelo criado.

- Senhor presidente, sou il signor Geronimo. Aqui está uma carta que o cavaleiro de Beauvoisis, adido à embaixada de Nápoles, me entregou para si antes da minha partida; há apenas nove dias - acrescentou ele com ar alegre, olhando para a senhora de Rênal. - O signor de Beauvaisis, vosso primo e meu amigo, minha senhora, disse-me que sabíeis italiano.

O bom humor do napolitano transformou aquele serão triste numa noite bastante alegre. A senhora de Rênal quis por força que ele jantasse. Pôs a casa toda em movimento; queria a todo o custo distrair Julião do qualificativo de espião que, duas vezes durante aquele dia, ouvira soar aos seus ouvidos. O signor Geronimo era um cantor célebre, homem distinto, e contudo bastante alegre, qualidades que, em França, não são compatíveis. Depois da ceia cantou um dueto com a senhora de Rênal. Contou histórias encantadoras.

à uma da manhã as crianças protestaram quando Julião lhes disse para se irem deitar.

- Outra vez essa história - disse o mais velho.

- É a minha, signorino - retorquiu il signor Geronimo. - Há oito anos era como vós um jovem aluno do Conservatório de Nápoles, devia ter a vossa idade; mas não tinha a honra de ser filho do ilustre presidente da linda cidade de Verrières.

Estas palavras fizeram suspirar o senhor de Rênal, que olhou para a mulher.

- O signor Zingarelli - continuou o jovem cantor, exagerando um pouco a pronúncia, o que fazia com que as crianças estalassem de riso -, o signor Zingarelli era um professor excessivamente severo. Ninguém gostava dele no Conservatório; mas queria que se procedesse como se se gostasse dele. Eu saía

sempre que podia; ia ao teatrinho de San Carlino, onde ouvia música de deuses: mas - oh, céus! - que havia de fazer para reunir os oito soldos que custava a entrada na plateia? Quantia enorme - disse, fitando as crianças, e estas desataram a rir. - O signor Giovannone, director do San Carlino, ouviu-me cantar. Eu tinha dezasseis anos: "Esta criança é um tesouro", disse ele.

- Queres que eu te contrate, meu caro amigo? - perguntou-me.

- E quanto me dá?

- "Quarenta ducados por mês.," Senhores, são cento e sessenta francos.

Julguei ver o céu aberto!

- Como hei-de conseguir que o severo Zingarelli me deixe sair? - disse a Giovannone.

- Lascia fare a me.

- Deixa-me tratar disso - exclamou o mais velho dos pequenos.

- Justamente, meu jovem senhor. O signor Giovannone disse-me: "Meu caro, primeiro um pequeno contrato." Assino: e ele dá-me três ducados. Nunca eu vira tanto dinheiro. Em seguida disse-me o que havia de fazer.

No dia seguinte peço uma audiência ao terrível senhor Zingarelli. O seu velho criado de quarto manda-me entrar.

- Que queres, maroto? - indagou.

- Maestro - disse eu -, arrependo-me de todas as minhas faltas; nunca mais sairei do Conservatório saltando por cima da grade de ferro. Vou estudar mais do que nunca.

- Se eu não tivesse medo de estragar a mais bela voz de baixo que até hoje ouvi, meter-te-ia na prisão, a pão e água, durante quinze dias, patife.

- Maestro - continuei -, vou ser o modelo de toda a escola, acredite. Mas peço-lhe um favor: se alguém vier pedir-lhe para eu cantar lá fora, recuse. Por amor de Deus, diga que não pode.

- E quem diabo queres tu que deseje um maroto como tu és? Alguma vez daria licença para deixares o Conservatório? Queres troçar de mim? Gira, gira... ou cuidado com o pão seco e a prisão - disse ele, procurando dar-me um pontapé no cu.

Uma hora depois o senhor Giovannone chegava a casa do director.

- Venho pedir-lhe para fazer a minha fortuna - disse-lhe ele.

- Ceda-me o Geronimo. Se ele cantar no meu teatro, este Inverno poderei casar a minha filha.

- Que queres tu fazer daquele maroto? Não to cedo; não o terás; de resto, mesmo que eu consentisse, ele não quererá sair do Conservatório; acaba de mo jurar.

- Se se trata apenas da sua vontade - disse gravemente Giovannone,

tirando da algibeira o meu contratocantar canta! Aqui está a sua assinatura.

Imediatamente Zingarelli, furioso, agarra-se à campainha:

- Expulsem Geronimo do Conservatório - gritou ele, fervendo de cólera.

Então expulsaram-me, e eu a rir às gargalhadas. Na mesma noite cantei a ária del Moltiplico. Polichinelo quer casar e conta pelos dedos os objectos de que necessitará na sua casa, mas engana-se a todos os instantes nesse cálculo.

- Ah, senhor, cante-nos essa ária! - disse a senhora de Rênal.

Geronimo cantou e toda a gente acabou por chorar, de tanto rir.

O senhor Geronimo só se foi deitar às duas da manhã, deixando aquela família encantada com os seus modos, a sua afabilidade e alegria. No dia seguinte, o senhor e a senhora de Rênal deram-lhe as cartas que precisava para a corte de França.

- Afinal por toda a parte há falsidade - disse Julião. - Aqui está o senhor Geronimo que vai para Paris com sessenta mil francos de ordenado. Se não fosse a habilidade do director de San Carlino para saber viver, a sua voz divina talvez só tivesse sido conhecida e admirada dez anos mais tarde. Juro que gostaria mais de ser um Geronimo que um de Rênal. Não tem tantas honras na sociedade, mas não tem o desgosto de fazer adjudicações como a de hoje e a sua vida é alegre.

Havia uma coisa de que Julião se admirava: as semanas solitárias passadas em Verrières, na casa do senhor de Rênal, tinham sido para ele uma época de felicidade. Só encontrara o aborrecimento e os pensamentos tristes nas refeições que lhe tinham oferecido; naquela casa solitária não podia ler, escrever, reflectir sem ser perturbado? Não era arrancado aos seus sonhos brilhantes a todo o momento pela necessidade cruel de estudar as manobras de uma alma baixa e ainda de a enganar com o comportamento ou palavras hipócritas?

“A felicidade estará tão perto de mim?... Viver uma vida assim é pouca coisa; posso escolher entre casar com a menina Elisa ou fazer-me sócio de Fouqué... mas o viajante que acaba de atravessar uma montanha abrupta senta-se no cimo e acha um prazer completo em repousar. Mas seria feliz se o deixassem a repousar sempre?”

O espírito da senhora de Rênal chegara a pensamentos fatais.

Apesar das suas resoluções, confessava a Julião o caso da adjudicação. “Vai fazer-me esquecer todos os meus juramentos!”, pensava ela.

Teria sem hesitar sacrificado a vida para salvar a do marido, se o visse em perigo. Era uma destas almas nobres e românticas para quem divisar a possibilidade de uma acção generosa e não a realizar é causa de um remorso quase igual ao de um crime cometido. Contudo, havia dias tristes em que não podia expulsar a imagem da grande felicidade que gozaria se, enviuvando de

repente, pudesse casar com Julião.

Ele amava mais os seus filhos do que o próprio pai; apesar da sua justiça severa, os pequenos adoravam-no. Sentia que, se desposasse Julião, teria de abandonar esta Vergy cujas sombras lhe eram tão queridas. Via-se vivendo em Paris, continuando a dar aos filhos uma educação que admirava toda a gente. As crianças, ela, Julião, todos seriam perfeitamente felizes.

Estranho efeito do casamento tal como o fez o século XIX! Com certeza que o aborrecimento da vida matrimonial faz morrer o amor, quando este precedeu o casamento. E, contudo, dizia um filósofo, traz dentro em pouco a todas as pessoas suficientemente ricas, que não necessitam de trabalhar, o aborrecimento profundo de todos os gozos tranquilos. Entre as mulheres só não dispõe para o amor as almas secas.

A reflexão do filósofo faz-me desculpar a senhora de Rênal, mas em Verrières não lhe perdoavam. Toda a cidade, sem que o suspeitasse, andava ocupada com o escândalo dos seus amores. Por causa deste caso importante, naquele Outono não se aborreciam tanto como de costume.

O Outono e uma parte do Inverno passaram bem rapidamente. Foi preciso deixar os bosques de Vergy. A boa sociedade de Verrières começava a indignar-se por os seus anátemas fazerem tão pouca impressão no senhor de Rênal. Em menos de oito dias, pessoas graves que se desforram da sua serenidade habitual pelo prazer de cumprir esta espécie de missões forneceram-lhe as suspeitas mais cruéis, mas servindo-se de termos bem comedidos.

O senhor Valenod, que jogava pelo seguro, colocara Elisa em casa de uma família nobre e muito considerada onde havia cinco mulheres. Elisa, temendo, dizia ela, não encontrar lugar durante o Inverno, só pedira à família pouco mais ou menos dois terços do que recebia em casa do senhor presidente. Ela própria tivera a excelente ideia de se ir confessar ao antigo cura Chélan e ao mesmo tempo ao novo, a fim de contar a ambos minuciosamente os amores de Julião.

No dia seguinte à sua chegada, às seis horas da manhã, o abade Chélan mandou chamar Julião.

- Não lhe pergunto nada - disse-lhe ele - e, se for preciso, ordeno-lhe que nada diga, mas exijo que dentro de três dias parta para o seminário de Besançon, ou para casa do seu amigo Fouqué que continua disposto a ajudá-lo. Previ tudo, arranjei tudo, mas é preciso partir e durante um ano não voltar a Verrières.

Julião nada respondeu. Pensava se a sua honra devia sentir-se ofendida com os cuidados que o senhor Chélan tivera com ele, visto que, afinal de contas, não era seu pai.

- Amanhã, à mesma hora, terei a honra de lhe tornar a falar - disse por fim

ao cura.

Este, que julgava lutar com facilidade com um rapaz tão novo, falou muito. Com uma fisionomia e uma atitude humildes, Julião não abriu a boca.

Por fim, saiu e correu a prevenir a senhora de Rênal, que encontrou desesperada. O marido acabara de lhe falar com uma certa sinceridade. A fraqueza natural do seu carácter, apoiando-se na perspectiva da herança de Besançon, decidira-o a considerá-la perfeitamente inocente. Acabava de lhe comunicar o estranho estado em que achava a opinião pública de Verrières. Mas teriam razão? Era sugestionada pelos invejosos? Mas que fazer?

A senhora de Rênal, durante um instante, teve a ilusão de que Julião poderia aceitar os oferecimentos do senhor Valenod e ficar em Verrières. Mas já não era aquela mulher simples e tímida do ano passado; a sua paixão fatal e os remorsos tinham-na esclarecido. Em breve sentiu a dor de justificar a si própria, enquanto escutava o marido, que uma separação pelo menos momentânea se tornava indispensável. "Longe de mim, Julião cairá de novo nos seus projectos de ambição, tão naturais, quando nada se tem. E eu - santo Deus! - sou tão rica!... E tão inutilmente para a minha felicidade!

Esquecer-me-á. Simpático como é, será amado e amará. Ah, desgraçada, de que me posso queixar?! O céu é justo, não tive o mérito de fazer evitar o crime, agora rouba-me o bom senso.

Estava na minha mão conquistar Elisa à força de dinheiro. Nada mais fácil. Não me dei ao trabalho de reflectir nem um instante, a loucura do amor absorvia-me todo o tempo. Estou perdida."

Julião reparou numa coisa ao dar à senhora de Rênal a terrível notícia da sua partida: é que ela não fez nenhuma objecção egoísta. Evidentemente que fazia esforços para não chorar.

- Necessitamos de firmeza, meu amigo.

Cortou uma mecha dos seus cabelos.

- Não sei o que farei - disse-lhe -, mas, se morrer, promete-me nunca esquecer os meus filhos. Quer estejas perto, quer longe, tenta fazer deles homens honestos. Se houver uma nova revolução, todos os nobres decapitados, o pai talvez tenha de emigrar por causa daquele camponês morto sobre um telhado. Vela pela família... dá-me a tua mão, adeus! São estes os últimos momentos. Depois de fazer tão grande sacrifício hei-de ter coragem para pensar na minha reputação em público?

Julião esperava uma cena de desespero. A simplicidade deste adeus comoveu-o.

- Não, não receberei assim as suas despedidas. Eles assim o querem, partirei; vós própria o quereis. Mas três dias depois da minha partida voltarei

para vos visitar durante a noite.

A existência da senhora de Rênal transformou-se. Afinal Julião amava-a muito, visto que ele próprio tivera a ideia de voltar a vê-la! A sua dor terrível transformou-se num dos maiores momentos de alegria que tivera durante toda a vida. Tudo se lhe tornou fácil. A certeza de tornar a ver o amante roubava a estes momentos aquilo que eles tinham de cruel. A partir daquele instante, tanto o comportamento como a fisionomia da senhora de Rênal tornaram-se nobres, firmes e perfeitamente dignos.

O senhor de Rênal voltou para casa dali a pouco; estava fora de si. Falou enfim à mulher na carta anónima que recebera dois meses antes.

- Quero levá-la ao Casino, mostrar a todos que é daquele infame Valenod que levantei do nada para fazer dele um dos burgueses mais ricos de Verrières. Envergonhá-lo-ei publicamente e depois bater-me-ei com ele. Isto é forte de mais.

“Poderei vir a ser viúva, bom Deus!”, pensou a senhora de Rênal, mas, quase no mesmo instante, disse para consigo: “Se não impeço este duelo, como com certeza posso fazer, serei a assassina do meu marido.”

Nunca tão habilmente manejava a sua vaidade. Em menos de duas horas fez-lhe ver, e sempre com razões por ele próprio apresentadas, que era preciso, mais do que nunca, mostrar amizade ao senhor Valenod, e até fazer com que Elisa volte novamente para casa. A senhora de Rênal teve necessidade de muita coragem para se decidir a tornar a ver aquela rapariga, causa de todas as suas infelicidades. Mas esta ideia vinha de Julião.

Por fim, depois de o ter posto três ou quatro vezes no bom caminho, o senhor de Rênal chegou, sozinho, à ideia, financeiramente bem penosa, de que mais desagradável para ele seria que Julião ficasse como preceptor dos filhos de Valenod, no meio da efervescência e dos ditos de toda Vernères. O interesse evidente de Julião era aceitar os oferecimentos do director do asilo. Ao contrário, importava à glória do senhor de Rênal que Julião deixasse Verrières para entrar no seminário de Besançon ou de Dijon. Mas como haviam de o decidir a isso e como viveria lá?

O senhor de Rênal, vendo a iminência do sacrifício de dinheiro, estava mais desesperado que a mulher. Quanto a ela, depois desta conversa, achava-se na posição de um homem de coração que, farto da vida, tomou uma dose de soporífero; só actua como uma máquina e não tem interesse por nada. Foi assim que Luís XIV, moribundo, disse: Quando eu era rei. Palavras admiráveis.

No dia seguinte, muito cedo, o senhor de Rênal recebeu uma carta anónima. Esta era do estilo mais insultuoso. As palavras mais grosseiras aplicadas à sua situação liam-se em todas as linhas. Era obra de qualquer invejoso

subalterno. Esta carta fê-lo voltar à ideia de se bater com o senhor Valenod. Dentro em pouco a sua coragem foi até às ideias de execução imediata.

Saiu só, e foi ao armeiro comprar pistolas, que mandou carregar.

“De facto”, pensou para consigo, “se a administração severa de Napoleão voltasse a governar o mundo, não havia ninguém que me pudesse acusar de ter roubado um cêntimo que fosse. Quando muito, fechei os olhos em certas ocasiões; mas tenho na minha secretária boas cartas que me autorizavam a isso.”

A senhora de Rênal assustou-se com a cólera fria do marido; fazia-lhe lembrar a fatal ideia de viuvez que tanta dificuldade tivera em repelir. Fechou-se com ele na sala.

Durante várias horas falou-lhe em vão: a nova carta anónima decidira-o. Por fim, ela conseguiu transformar a coragem de dar uma bofetada no senhor Valenod na de oferecer seiscentos francos a Julião para um ano de pensão no seminário. O senhor de Rênal, maldizendo mil vezes o dia em que tivera a ideia fatal de tomar um preceptor para sua casa, esqueceu a carta anónima.

Consolou-se um pouco com um pensamento que não disse à mulher: com jeito, aproveitando as ideias romanescas do rapaz, tinha esperança em o decidir a recusar o oferecimento de Valenod por uma quantia menos importante.

A senhora de Rênal teve mais dificuldade em provar a Julião que, fazendo o sacrifício de um lugar de oitocentos francos às conveniências do marido, podia aceitar, sem vergonha, uma compensação.

- Mas - respondia sempre Julião - nunca tive, nem um instante sequer, o projecto de aceitar esse oferecimento. Acostumaste-me de mais à vida elegante. A grosseria dessa gente matar-me-ia.

A cruel necessidade, com a sua mão-de-ferro, dobrou a vontade de Julião. O seu orgulho dava-lhe a ilusão de aceitar unicamente como um empréstimo a quantia oferecida pelo presidente de Verrières e de lhe passar uma letra a vencer dentro de cinco anos, com juros.

A senhora de Rênal continuava a ter alguns milhares de francos escondidos na pequena gruta da montanha.

Ofereceu-lhos a tremer, prevendo logo que seriam recusados com altivez.

- Quer tornar abominável a recordação do nosso amor?

Por fim, o preceptor saiu de Verrières. O senhor de Rênal sentiu-se feliz. No momento de aceitar o dinheiro, o sacrifício foi forte de mais para Julião. Recusou. O senhor de Rênal abraçou-o com as lágrimas nos olhos. Como o rapaz lhe pedisse um certificado de bom comportamento, no seu entusiasmo não encontrou termos suficientemente magníficos para exaltar a sua conduta. O nosso herói tinha cinco luíses de economias e tencionava pedir igual soma a

Fouqué.

Estava muito comovido. Mas a uma légua de Verrières, onde o prendiam tantas recordações de amor, só pensava na felicidade de ver uma capital, uma grande praça de guerra como Besançon.

Durante aquela curta ausência de três dias a senhora de Rênal foi enganada por uma das mais cruéis decepções do amor. A sua vida era suportável, havia entre ela e a desgraça aquela última entrevista que devia ter com Julião. Contava as horas e os minutos que faltavam. Por fim, durante a noite do terceiro dia, ouviu de longe o sinal combinado. Depois de ter atravessado inúmeros perigos, Julião apareceu na sua frente.

Desde aquele momento só teve um pensamento: “É a última vez que o vejo.” Longe de corresponder às expansões do amante, foi apenas como um cadáver animado. Se se forçava a dizer-lhe que o amava, fazia-o com um ar tão constrangido que quase provava o contrário. Nada pôde distraí-la da cruel ideia de eterna separação. O desconfiado Julião julgou por um instante estar já esquecido. As palavras sentidas que pronunciou a esse respeito só foram acolhidas por grandes lágrimas caídas em silêncio e apertos de mão quase convulsivos.

- Mas, bom Deus! Como quer que a acredite? - respondia ele aos frios protestos da amante. - Mostraria cem vezes mais amizade sincera à senhora Derville, ou a uma simples conhecida.

Petrificada, ela não sabia que responder.

- É impossível ser-se mais desgraçada... tenho esperança de morrer... sinto o meu coração gelar...

Tais foram as únicas respostas que obtive.

Quando a aproximação do dia tornou necessária a partida, as lágrimas da senhora de Rênal pararam completamente. Viu-o atar uma corda à janela sem dizer palavra e sem corresponder aos seus beijos. Em vão Julião lhe dizia:

- Eis-nos chegados ao estado que tanto desejastes. Daqui em diante vivereis sem remorsos. A menor indisposição dos vossos filhos não os vereis logo no túmulo.

- Tenho pena que não possa beijar Estanislau - disse ela friamente.

Julião acabou por sentir-se profundamente impressionado com os abraços sem calor daquele cadáver vivo; durante vários quilómetros não pôde pensar noutra coisa. A sua alma estava desolada e, antes de atravessar a montanha, enquanto pôde ver o campanário de Verrières, voltou-se frequentes vezes.

## UMA CAPITAL

*Tanto barulho, tanta gente atarefada! Tantas ideias para o futuro, numa cabeça de vinte anos! Que desatenção para o amor!*

Barnave

Por fim, distinguiu, sobre a montanha longínqua, umas muralhas negras: era a cidadela de Besançon. “Que diferença para mim”, disse, suspirando, “se eu chegasse a essa nobre praça de guerra para ser alferes num dos regimentos encarregados de a defender!”

Besançon não é somente uma das mais belas cidades da França; abundam lá pessoas de carácter e de espírito. Mas Julião era apenas um camponês e não teve ocasião de se aproximar dos homens distintos.

Vestira em casa de Fouqué um fato de burguês, e foi assim que atravessou as pontes levadiças. Recordando a história do cerco de 1674, quis ver, antes de entrar no seminário, as muralhas da cidadela. Por duas ou três vezes as sentinelas estiveram quase a prendê-lo; penetrava nos locais cujo acesso estava interdito ao público, a fim de todos os anos venderem doze ou quinze francos de feno.

A altura das muralhas, a profundidade dos fossos, o aspecto impressionante dos canhões, tinham-no entretido durante bastantes horas. Quando passou diante do grande café, na Avenida, ficou imóvel de admiração; apesar de ter lido a palavra “café” escrita em grandes letras por cima das duas enormes portas, não podia crer no que via. Forçou a sua timidez; ousou entrar e achou-se numa sala com nove ou dez metros de comprimento, e cujo tecto tinha seis metros de altura, pelo menos. Naquele dia tudo para ele era um encantamento.

Estavam a jogar-se duas partidas de bilhar. Os criados anunciavam os pontos; os jogadores movimentavam-se em torno das mesas rodeadas de espectadores. Nuvens de fumo de tabaco, escapando-se-lhes das bocas, envolviam-nos numa nuvem azul. A alta estatura desses homens, os seus

ombros arredondados, o seu andar pesado, as suas enormes suíças, as longas sobrecasacas, tudo chamava a atenção de Julião. Aqueles nobres filhos da antiga Bisontium só falavam aos gritos; tomavam terríveis ares de guerreiros.

Julião, imóvel, admirava; pensava na imensidade e magnificência de uma grande capital como Besançon. Não sentia, de forma alguma, coragem para pedir uma chávena de café a um daqueles senhores de olhar altivo que anunciavam os pontos do bilhar.

Mas a empregada do balcão reparara na encantadora cara daquele jovem provinciano que, parado perto do fogão, com o seu embrulhinho debaixo do braço, olhava para o busto do rei, feito de gesso branco. Aquela rapariga, natural do Franco Condado, alta, muito bem feita, e vestida por forma a valorizar um café, já por duas vezes dissera com uma vozinha que procurava ser ouvida por Julião: "Senhor! Senhor!" Julião voltou-se e encontrou dois olhos azuis muito ternos e viu que era a si que ela se dirigia.

Aproximou-se modestamente do balcão e da linda rapariga, como se marchasse contra o inimigo. Com este movimento rápido o embrulho caiu-lhe.

Que piedade o nosso provinciano não iria inspirar aos alunos do liceu de Paris, que aos quinze anos já sabem entrar num café com um perfeito à-vontade? Mas estas crianças, que aos quinze anos já têm uma linha assim, aos dezoito tornam-se banais. A timidez dos provincianos às vezes domina-se, e então dá força de vontade. Ao aproximar-se daquela bonita rapariga que se dignava dirigir-lhe a palavra, Julião, que à força de vencer a timidez se tornava corajoso, pensou: "Devo dizer-lhe a verdade."

- Minha senhora, é a primeira vez que venho a Besançon. Queria pão e uma chávena de café.

A rapariga sorriu e depois corou; receava que aquele bonito rapaz provocasse a ironia e a troça dos jogadores de bilhar.

Ficaria assustado e não voltaria mais.

- Sente-se aqui perto de mim - disse, mostrando-lhe uma mesa de mármore quase escondida pelo grande balcão de acaju que avançava pela sala dentro.

A rapariga curvou-se para fora do balcão, o que lhe permitiu mostrar um belo busto. Julião notou-o; todas as suas ideias mudaram. Ela colocara diante dele uma chávena, açúcar e um pãozinho. Hesitava em chamar um criado para lhe trazer café, compreendendo bem que a chegada deste acabaria com a sua conversa a sós com Julião.

Este, pensativo, comparava aquela beleza loira e alegre com certas recordações que com frequência o agitavam. A lembrança da paixão de que fora objecto tirou-lhe quase toda a timidez. A linda rapariga tinha de aproveitar aquele instante; leu-o nos olhares de Julião.

- Este fumo de cachimbo fá-lo tossir, venha almoçar amanhã antes das oito horas; então estarei quase sozinha.

- Como se chama? - perguntou ele, com um sorriso acariciador de timidez feliz.

- Amanda Binet.

- Permite-me que lhe mande, daqui a uma hora, um embrulhinho do tamanho deste?

A bela Amanda reflectiu um pouco.

- Sou vigiada: o que me pede pode comprometer-me; contudo, vou escrever a minha direcção num cartão, que colocará sobre o seu embrulho. Mande-mo afoitamente.

- Chamo-me Julião Sorel - disse o rapaz -; não tenho nem parentes nem conhecidos em Besançon.

- Ah! compreendo - exclamou com alegria. - Vem para a escola de Direito?

- Infelizmente, não! - respondeu-lhe. - Mandaram-me para o seminário.

A mais completa expressão de desânimo apareceu no rosto de Amanda; chamou um criado; agora já tinha coragem. O criado deitou café a Julião sem o fitar.

A rapariga recebia o dinheiro no balcão; Julião sentia-se orgulhoso por ter ousado falar; num dos bilhares questionavam.

Os gritos e discussões dos jogadores vibravam naquela sala enorme, fazendo um barulho que o espantava. Amanda tinha um ar sonhador e baixava os olhos.

- Se quiser, menina, direi que sou seu primo - disse-lhe ele, de repente, com intrepidez.

Este arzinho de autoridade agradou à caixeira. "Não é um rapaz qualquer", pensou para consigo. Sem o fitar, disse-lhe muito depressa, porque os seus olhos estavam ocupados a ver se alguém se aproximava do balcão:

- Eu sou de Genlis, perto de Dijon; diga que também é de Genlis e primo da minha mãe. Não me esquecerei. Todas as quintas-feiras, às cinco horas, no Verão, os senhores seminaristas passam aqui diante do café.

- Se pensar em mim, quando eu passar tenha um ramo de violetas na mão.

Amanda fitou-o com um ar admirado; este olhar transformou em temeridade a coragem de Julião; contudo corou muito ao dizer-lhe:

- Sinto que a amo com o mais intenso amor.

- Fale mais baixo - disse-lhe ela, assustada. Julião tentava recordar-se das frases de um volume desirmanado da Nova Heloisa que encontrara em Vergy.

A sua memória ajudou-o. Recitava a Nova Heloisa à menina Amanda, encantada; sentia-se feliz com a sua atitude, quando, de repente, a bela caixeira

tomou um ar glacial. Um dos seus admiradores aparecia à porta do café.

Aproximou-se do balcão, assobiando e bamboleando-se; olhou para Julião. Naquele instante, a imaginação deste, sempre exagerada, só pensou num duelo. Empalideceu muito, afastou a chávena, tomou um ar importante e olhou o seu rival, com atenção. Como este baixava a cabeça, enchendo com familiaridade um copo de aguardente, em cima do balcão, um olhar de Amanda intimou Julião a baixar os olhos. Obedeceu, e durante uns momentos conservou-se imóvel no seu lugar, pálido, resoluto, pensando apenas no que ia acontecer; naquele instante fazia na verdade boa figura. O outro ficara admirado com os olhos de Julião; depois de engolir de um trago a aguardente, disse umas palavras a Amanda, meteu as mãos nas algibeiras da grossa sobrecasaca e aproximou-se de um bilhar assobiando e fitando Julião. Este ergueu-se, cheio de cólera, mas não sabia que fazer para se mostrar insolente. Poisou o embrulho e, com o ar mais atrevido que conseguiu tomar, dirigiu-se para o bilhar. Em vão a prudência lhe dizia: “Com um duelo logo à chegada a Besançon perdes a carreira eclesiástica.”

“Que me importa, não poderão dizer que não castigo um insolente.”

Amanda viu a sua coragem; fazia um perfeito contraste com a ingenuidade dos seus modos; num instante, preferiu-o ao rapaz alto, de sobrecasaca. Levantou-se e, fingindo que seguia com a vista alguém que passava na rua, veio colocar-se rapidamente entre ele e o bilhar:

- Livre-se de olhar de revés para aquele senhor, é meu cunhado.

- Que me importa isso? Ele olhou para mim.

- Quer tornar-me infeliz? Sem dúvida olhou para si, e talvez até venha falar-lhe. Disse-lhe que era um parente da minha mãe que acabara de chegar de Genlis. Ele é do Franco Condado e nunca foi além de Dôle, na estrada da Borgonha; por isso diga o que quiser, nada receie.

Julião hesitava ainda; ela acrescentou muito depressa (a sua imaginação de mulher de balcão fornecia-lhe mentiras em abundância):

- Sem dúvida que olhou para si, mas foi no momento em que me perguntava quem era; é um homem grosseiro com toda a gente, não quis insultá-lo.

Os olhos de Julião seguiam o pretense cunhado; viu-o comprar um número de entrada no jogo do mais afastado dos dois bilhares. Ouviu a sua voz grossa gritar em tom ameaçador: “Agora eu!” Passou depressa diante da menina Amanda e deu um passo para o bilhar. Ela pegou-lhe no braço:

- Venha pagar-me primeiro.

“É justo,” pensou Julião, “tem medo que eu saia sem lhe pagar.” Amanda estava tão agitada como ele e muito vermelha.

Deu-lhe o troco o mais devagar que pôde, repetindo em voz baixa:

- Saia imediatamente do café ou deixo de gostar de si; mas gosto muito.

Julião saiu, na verdade, mas lentamente. “Não será meu dever”, repetia para consigo, “ir por meu turno desafiar tão grosseira personagem?”, Esta incerteza manteve-o durante uma hora, na Avenida, diante do café; estava a ver se o homem saía. Não apareceu e Julião afastou-se.

Encontrava-se em Besançon apenas há algumas horas e já tinha um remorso.

O velho cirurgião-mor dera-lhe, em tempos, apesar da sua gota, algumas lições de esgrima; tal era a ciência que Julião tinha ao serviço da sua cólera. Mas este embaraço nada teria sido se soubesse como o havia de insultar de outra forma que não fosse uma bofetada; e, se tivesse chegado a dar murros, o seu rival, homem enorme, tê-lo-ia batido e depois posto dali para fora.

“Para um pobre diabo como eu”, dizia para si, “sem protectores e sem dinheiro, não haverá grande diferença entre o seminário e uma prisão; tenho de deixar os meus fatos de burguês em qualquer estalagem onde tornarei a vestir o meu fato preto. Se alguma vez conseguir sair do seminário por algumas horas, poderei muito bem, com estes fatos, tornar a ver a menina Amanda.” Esta maneira de raciocinar era boa, mas, passando diante de todas as estalagens não ousara entrar em nenhuma.

Por fim, quando tornava a passar diante do Hotel dos Embaixadores, os seus olhos inquietos encontraram os de uma mulher gorda, ainda nova, corada, com ar alegre e feliz.

Aproximou-se dela e contou-lhe a sua história.

- Com certeza, meu lindo abadezinho - disse-lhe a hoteleira dos Embaixadores -, guardarei os seus fatos e até os mandarei escovar de vez em quando. Neste momento não é bom deixar um fato sem lhe mexer.

Pegou numa chave e levou-o a um quarto, recomendando-lhe que fizesse uma lista do que deixava.

- Bom Deus! Como parece bem, assim, abade Sorel - disse a mulher gorda quando ele desceu à cozinha. - Vou-lhe mandar servir um bom jantar; e - acrescentou em voz baixa - só lhe custará vinte soldos, em lugar de cinquenta, que é o que toda a gente paga, porque é preciso poupar a sua bolsinha.

- Tenho dez luíses - replicou Julião, com certa vaidade.

- Ah! Bom Deus! - respondeu a hoteleira, alarmada.

- Não fale tão alto; não faltam gatunos em Besançon.

Roubá-lo-ão enquanto o diabo esfrega um olho. Sobretudo, não entre nunca nos cafés, estão cheios de malandros.

- Sim! - disse Julião, a quem aquelas palavras deram que pensar.

- Venha só a minha casa, far-lhe-ei café. Lembre-se de que achará sempre

aqui uma amiga e um bom jantar por vinte soldos; está entendido? Sente-se à mesa, vou eu própria servi-lo.

- Não poderia comer - disse-lhe Julião. - Estou preocupado de mais. Vou entrar para o seminário mal saia da sua casa.

A boa mulher só o deixou partir depois de lhe encher os bolsos de provisões. Por fim, Julião dirigiu-se para o detestado lugar; a hoteleira, da soleira da porta, indicava-lhe o caminho.

## O SEMINÁRIO

*Trezentos e trinta e seis jantares a 83  
cêntimos, trezentos e trinta e seis ceias a 38  
cêntimos, chocolate a quem competir; qual o  
lucro da submissão?*

Valenod de Besançon

De longe viu a cruz de ferro doirado sobre a porta; aproximou-se lentamente; parecia que as pernas lhe fraquejavam. “Ali está, pois, aquele inferno na terra, de que não poderei sair!”, Por fim, decidiu-se a bater. O sino soou como num lugar solitário. Ao cabo de uns minutos, um homem pálido, vestido de preto, veio abrir. Julião fitou-o e imediatamente baixou os olhos. Aquele porteiro tinha uma fisionomia estranha. A pupila dos seus olhos, dilatada e verde, arredondava-se como a de um gato; os contornos imóveis das suas pálpebras anunciavam a impossibilidade de qualquer simpatia; os lábios finos desenvolviam-se em semicírculo sobre os dentes que avançavam. Contudo, tal fisionomia não denunciava um criminoso, mas antes aquela insensibilidade completa que inspira bem mais terror à gente nova. O único sentimento que o olhar rápido de Julião conseguiu adivinhar naquela comprida face de devoto foi um desprezo profundo por tudo aquilo de que quisessem falar-lhe e que não fosse relacionado com a religião.

Julião ergueu os olhos com esforço e, com uma voz que o bater do coração tornava trémula, explicou que desejava falar ao senhor Pirard, director do seminário. Sem dizer qualquer palavra, o homem sombrio fez-lhe sinal para que o seguisse.

Subiram dois andares por uma escada larga com grade de madeira, cujos degraus descaídos se inclinavam completamente para o lado oposto à parede e pareciam prestes a cair. Uma pequena porta que tinha a encimá-la uma grande cruz de madeira pintada de preto foi aberta com dificuldade e o porteiro mandou-o entrar para um quarto escuro e baixo, cujas paredes caiadas eram guarnecidas com dois grandes quadros que o tempo escurecera.

Ali, Julião ficou sozinho; estava aterrado, o coração batia-lhe violentamente, ter-se-ia sentido feliz se pudesse chorar. Um silêncio de morte reinava em toda a casa. Ao fim de um quarto de hora, que lhe pareceu um século, o porteiro de cara sinistra apareceu na soleira de uma porta na outra extremidade da divisão e, sem se dignar falar, fez-lhe sinal para avançar. Entrou noutra sala ainda maior do que a primeira e muito mal iluminada. As paredes também eram caiadas e não havia móveis. Somente, num canto perto da porta, Julião viu, ao passar, uma cama de madeira, duas cadeiras de palha e uma poltrona de tábuas de pinho, sem almofadas. Na outra extremidade da divisão, perto de uma pequena janela de vidros amarelados, guarnecida com vasos de flores muito mal tratadas, distinguiu um homem, sentado diante de uma mesa, vestido com uma sotaina muito coçada; parecia zangado e pegava, um após outro, numa quantidade de pequenos quadrados de papel que arrumava sobre a mesa depois de neles ter escrito algumas palavras. Não dava pela presença de Julião. Este estava imóvel, em pé no meio do quarto, onde o porteiro o deixara depois de sair e fechar a porta.

Passaram-se assim dez minutos; o homem mal vestido continuava a escrever. A comoção e o terror de Julião eram tais que estava quase a cair. Um filósofo teria dito, talvez enganando-se: "É a violenta impressão da fealdade sobre uma alma feita para amar o que é belo."

O homem que escrevia ergueu a cabeça; Julião só reparou nisto ao fim de um momento, e, mesmo assim, continuava imóvel como se tivesse sido mortalmente atravessado por aquele terrível olhar.

Os olhos perturbados de Julião mal distinguiam uma face comprida e toda coberta com manchas vermelhas, excepto a testa, que era de uma palidez mortal. Entre aquela face vermelha e a fronte branca brilhavam dois olhinhos pretos feitos para amedrontar o mais corajoso. Os vastos contornos da fronte eram marcados por cabelos espessos, lisos e de um negro de azeviche.

- Quer aproximar-se ou não? - disse por fim, com impaciência.

O rapaz avançou com um passo mal seguro e, pálido e quase cambaleante, como nunca na sua vida estivera, parou a três passos da pequena mesa de madeira coberta de quadrados de papel.

- Mais perto - disse o homem.

Julião avançou ainda, estendendo a mão como para se apoiar em qualquer coisa.

- O seu nome.

- Julião Sorel.

- Tardou bastante - disse-lhe, fitando-o novamente com um olhar terrível.

Não o pôde suportar; tentando em vão segurar-se a qualquer coisa, caiu ao

comprido no soalho.

O homem tocou. Julião não via e perdera a força para se mover; ouviu passos que se aproximavam.

Ergueram-no e sentaram-no na poltrona de madeira. Ouviu o homem dizer ao porteiro:

- Deu uma queda má, parece-me; só faltava mais isto.

Quando Julião pôde abrir os olhos, o homem de cara vermelha continuava a escrever; o porteiro desaparecera. “É preciso ter coragem”, disse para consigo, “e sobretudo esconder o que sinto.” Estava quase a desmaiar. “Se me sucede um acidente, Deus sabe o que pensarão de mim.”, Por fim, o homem parou de escrever e, fitando Julião, perguntou:

- Está em estado de me responder?

- Sim, senhor - respondeu, com voz enfraquecida.

- Ah! felizmente.

O homem de preto erguera-se um pouco e procurava com impaciência uma carta numa gaveta da sua mesa de pinho, que rangera ao abrir. Encontrou-a, sentou-se lentamente e, fitando de novo Julião, com ar de quem queria tirar-lhe a pouca vida que lhe restava, disse:

- É-me recomendado pelo senhor Chélan; era o melhor cura da diocese, homem virtuoso e meu amigo há trinta anos.

- Ah! É ao senhor Pirard que tenho a honra de estar falando - disse Julião, com voz desfalecida.

- Parece-me - replicou o director do seminário, fitando-o de mau humor.

Houve um aumento de brilho nos seus olhinhos, seguido de um movimento involuntário dos músculos dos cantos da boca. Era a expressão de um tigre gozando antecipadamente o prazer de devorar a presa

- A carta do senhor Chélan é breve - disse ele, como se falasse para si próprio. - Inteligente e parca; nos tempos em que estamos não se pode escrever menos. Leu alto:

“Envio-lhe Julião Sorel, desta paróquia, que baptizei há quase vinte anos; filho de um carpinteiro rico, mas que nada lhe dá, Julião será um obreiro notável na vinha do Senhor. Memória e inteligência não lhe faltam, e tem reflexão. A sua vocação será duradoira? É sincera?”

- Sincera! - repetiu o abade Pirard, fitando Julião com olhos admirados; mas já o olhar do abade não era tão desumano -; sincera! - repetiu, baixando a voz e continuando a sua leitura:

“Peço-lhe para Julião Sorel uma bolsa de estudo; merecê-la-á depois de fazer os exames necessários. Ensinei-lhe um pouco de teologia, da antiga e boa teologia dos Bossuet, dos Arnault, dos Fleury. Se o rapaz lhe não convier,

devolva-mo; o director do asilo de mendicidade, que conheceis bem, oferece-lhe oitocentos francos para ser preceptor dos filhos. A minha alma está tranquila, graças a Deus. Acostumei-me ao terrível desgosto. Vale et me ama.”

O abade Pirard demorava a voz ao ler a assinatura e pronunciou o nome de Chélan com um suspiro.

- Está tranquilo - disse ele. - Com efeito a sua virtude merecia esta recompensa. Que Deus possa conceder-ma se algum dia me for precisa!

Olhou para o céu e fez o sinal da Cruz. Ao ver este sinal sagrado Julião sentiu diminuir o horror profundo que, desde que entrara naquela casa, o tinha gelado.

- Tenho aqui trezentos e vinte e um candidatos ao mais santo dos estados - disse, por fim, o abade Pirard num tom de voz severo, mas não mau - e só sete ou oito me são recomendados por homens como o abate Chélan; portanto, entre os trezentos e vinte um você vai ser o nono. Mas a minha protecção não é nem favor nem fraqueza, é um redobrar de cuidados e de severidade contra os vícios. Vá fechar aquela porta à chave.

Julião fez um esforço para andar e conseguiu não cair. Reparou que uma pequena janela, perto da porta da entrada, dava para o campo. Olhou para as árvores; a sua vista fez-lhe bem, como se tivesse olhado para amigos velhos.

- Loquerisne linguam latinam? (Fala latim?) - disse o abade Pirard, quando ele voltou.

- Ita, pater optime! (Sim, meu excelente pai!) - respondeu Julião, voltando um pouco a si. Certamente nenhum homem no mundo lhe tinha parecido menos excelente que há meia hora lhe parecera o abade Pirard.

A conversa continuou em latim. A expressão dos olhos do padre adoçava-se. Julião retomava algum sangue-frio. “Como sou fraco”, comentava para si, “em deixar que estas aparências de virtude se me imponham! Este homem é capaz de ser simplesmente um velhaco como o senhor Maslon.” E Julião alegrava-se por ter escondido quase todo o seu dinheiro dentro das botas.

O abade Pirard fez-lhe um exame de teologia; ficou surpreendido com a extensão do seu saber. O seu pasmo aumentou ainda ao interrogá-lo em especial sobre as Santas Escrituras. Mas, quando chegou às perguntas sobre a doutrina dos santos, notou que Julião ignorava até os nomes de São Jerónimo, Santo Agostinho, São Boaventura, são Basílio, etc.

“De facto”, pensou o abade Pirard, “aqui está a tendência fatal para o protestantismo, que sempre censurei a Chélan. Um conhecimento profundo demais das Santas Escrituras.”

Julião acabava de lhe falar, sem ser interrogado sobre esse assunto, do tempo verdadeiro em que tinham sido escritos o Génesis, o Pentateuco, etc.

“A que leva este infinito arrazoado sobre as Santas Escrituras”, pensou o abade Pirard, “se não ao livre-exame, quer dizer, ao mais terrível dos protestantismos? E, ao lado desta imprudente ciência, nada sobre os santos que possa compensar tal tendência.”

Mas o espanto do director do seminário não teve limites quando, interrogando Julião sobre a autoridade do papa e esperando ouvir as máximas da antiga Igreja Galicana, o rapaz lhe recitou o livro completo do senhor de Maistre.

“Que homem tão estranho aquele Chélan”, pensou o abade Pirard; “ter-lhe-ia mostrado este livro para lhe ensinar a troçar dele?” Foi em vão que interrogou Julião para tentar adivinhar se ele acreditava seriamente na doutrina do senhor de Maistre. Só lhe respondia com a sua memória. Daquele momento em diante Julião esteve realmente muito bem, sentia-se senhor de si. Depois de um exame bastante longo, pareceu-lhe que a severidade que o senhor Pirard lhe demonstrava já era só afectação. Com efeito, se não seguisse os princípios de gravidade austera que, há quinze anos, impusera a si próprio para com os seus alunos de teologia, o director do seminário teria abraçado Julião em nome da lógica, tal clareza e precisão achava nas suas respostas.

“Aqui está um espírito audaz e são”, dizia para consigo, “mas corpus debile”, (o corpo é fraco).

- Sucede-lhe com frequência cair assim? - perguntou a Julião, apontando para o sobrado.

- É a primeira vez; a cara do porteiro tinha-me gelado - acrescentou Julião, corando como uma criança.

O abade Pirard quase que sorriu.

- Aqui está o efeito das vãs pompas do mundo; você está acostumado a fisionomias aparentemente risonhas, verdadeiras máscaras de mentira. A verdade é austera, senhor. Mas a nossa missão cá em baixo não será também austera? É preciso velar para que a sua consciência se mantenha em guarda contra essa fraqueza: Sensibilidade de mais para as aparências vãs.

- Se não me fosse recomendado - continuou ele, voltando a falar a língua latina com um prazer evidente -, se não me fosse recomendado pelo abade Chélan, falar-lhe-ia da vã linguagem deste mundo, à qual parece que está habituado em demasia. A bolsa de estudo que solicita, já lhe digo, é a coisa mais difícil de obter. Mas o abade Chélan teria merecido bem pouco, pelos seus cinquenta e seis anos de trabalhos apostólicos, se não pudesse dispor de uma bolsa no seminário.

Depois destas palavras, o abade recomendou a Julião que não entrasse em nenhuma associação ou congregação secreta sem o seu consentimento.

- Dou-vos a minha palavra de honra - respondeu Julião, com o desafogo de coração de um homem honesto.

O director do seminário sorriu pela primeira vez.

- Essas palavras não são próprias para aqui - disse ele. - Lembram de mais a honra vã das gentes do mundo que as conduz a tantas faltas e por vezes a crimes. Deve-me obediência em virtude do parágrafo dezassete da bula Llam Ecclesiam, do Santo Pio V. Sou vosso superior eclesiástico. Nesta casa, ouvir, meu muito querido filho, é obedecer. Que dinheiro tendes?

“Ora cá está”, disse para consigo Julião, “foi para isto que me chamou meu querido filho.”

- Trinta e cinco francos, meu pai.

- Assente cuidadosamente o emprego desse dinheiro. Terá de me dar contas dele.

Essa penosa conversa durara três horas. O abade Pirard chamou o porteiro e disse-lhe:

- Vá instalar Julião Sorel na cela número cento e treze. Por grande distinção, concedia a Julião um alojamento separado.

Julião baixou os olhos e reconheceu a mala colocada precisamente na sua frente; há três horas que olhava para ela e não vira que era a sua.

Ao chegar ao número 103, que era um pequeno quarto, com dois metros quadrados, no último andar do edifício, Julião reparou que dava para as muralhas, para além das quais se distinguia a linda planície que o Doubs separa da cidade.

- Que vista encantadora! - exclamou Julião. Ao dizer isto não sentia o que aquelas palavras exprimiam. As sensações tão violentas que experimentara desde que estava em Besançon tinham esgotado inteiramente as suas forças. Sentou-se perto da janela na única cadeira que havia no quarto, e caiu imediatamente num sono profundo. Não ouviu o sino tocar para a ceia nem para as vésperas; tinham-se esquecido dele.

Quando os primeiros raios de Sol o acordaram, na manhã seguinte, achou-se deitado no chão.

## O MUNDO, OU O QUE FALTA AO RICO

*Estou sozinho no mundo, ninguém se digna pensar em mim. Todos os que vejo enriquecer têm uma brutalidade e uma dureza de coração que eu não sinto. Odeiam-me por causa da minha bondade fácil. Ah! morrerei em breve, ou de fome ou de dor por ver como os homens são duros.*

Young

Apressou-se a escovar o fato e a descer. Estava atrasado. Um prefeito ralhou-lhe severamente; em lugar de procurar justificar-se, Julião cruzou os braços sobre o peito.

- Preccavi, pater optimo (pequei, confesso o meu erro, ó meu padre) - disse, com ar contrito.

Este começo teve um grande sucesso. Os hábeis seminaristas viram que estavam na presença de um homem que não desconhecia os princípios da profissão. Chegou a hora do recreio, e Julião sentiu-se objecto da curiosidade geral. Mas só encontraram reserva e silêncio. Seguindo as máximas que se tinha proposto seguir, considerou os seus trezentos e vinte e um camaradas como inimigos; aos seus olhos, o mais perigoso de todos era o abade Pirard.

Poucos dias depois teve de escolher um confessor.

Apresentaram-lhe uma lista.

“Oh! Bom Deus! Por quem me tomam?”, disse para consigo; “julgam que não os entendo?” Escolheu o abade Pirard.

Sem que o suspeitasse, este proceder era decisivo. Um pequeno seminarista muito novo, natural de Verrières, e que, desde o primeiro dia, se declarara seu amigo, explicou-lhe que, se tivesse escolhido o senhor Castanède, vice-reitor do seminário, talvez tivesse agido com mais prudência.

- O abade Castanède é inimigo do senhor Pirard, que tem fama de ser jansenista - acrescentou o seminarista, falando-lhe ao ouvido.

Os primeiros passos do nosso herói, que se julgava tão prudente, foram, como a escolha do confessor, coisas feitas no ar. Desviado pela presunção de ser um homem de imaginação, tomava as suas intenções por factos, e julgava-se um hipócrita consumado. A sua loucura ia até censurar a si próprio os seus sucessos nessa arte da fraqueza.

“Ai! é a minha única arma! Noutra época,” comentava para consigo, “seria, com acções que dessem que falar, em frente do inimigo que eu ganharia o meu pão.”

Satisfeito com o seu comportamento, olhava em volta de si; em tudo encontrava a aparência da mais pura das virtudes.

Oito ou dez seminaristas viviam em cheiro de santidade e tinham visões como Santa Teresa e são Francisco quando recebeu os estigmas no monte Vernia, nos Apeninos. Mas era um grande segredo, os amigos escondiam-no. Esses pobres rapazes das visões estavam quase sempre na enfermaria. Uma centena dos outros reunia a uma fé robusta uma aplicação infatigável.

Trabalhavam até ao ponto de ficar doentes, mas sem aprender grande coisa. Dois ou três distinguiram-se por um talento real, e, entre outros, um chamado Chazel; mas Julião sentia-se afastado deles e eles de Julião.

O resto dos trezentos e vinte e um seminaristas compunha-se apenas de seres grosseiros, que não tinham bem a certeza de compreender as palavras latinas que repetiam durante todo o dia. Quase todos eram filhos de camponeses e preferiam ganhar o pão recitando algumas palavras latinas do que cavar a terra.

Logo nos primeiros dias Julião fez esta observação e prometeu a si próprio rápidos sucessos. “Em todas as profissões são necessárias pessoas inteligentes, porque, enfim, sempre há um trabalho para fazer”, dizia para consigo. “No tempo de Napoleão eu seria sargento; entre estes futuros abades serei vigário-geral.”

“Todos estes pobres diabos”, acrescentou, “filhos de trabalhadores, viveram, até à sua chegada aqui, de coalhada e pão escuro. Nas suas choupanas só comiam carne cinco ou seis vezes por ano. Tal como os soldados romanos, que achavam que a guerra era um tempo de repouso, estes campónios grosseiros estão encantados com as delícias do seminário.”

Nos seus olhos sem vida lia apenas a satisfação da necessidade física depois do jantar e a expectativa antes da refeição. Tal era a gente no meio da qual tinha de se distinguir. Mas o que Julião não sabia, e que tinham o cuidado de lhe não dizer, era que ser o primeiro nos diferentes cursos de dogma, história eclesiástica, etc., etc., que se seguem no seminário, era a seus olhos apenas um pecado magnífico. Desde Voltaire, desde o governo das duas câmaras, que

no fundo é apenas desconfiança e exame pessoal e dá ao espírito dos povos o mau hábito de desconfiar, a Igreja de França parece ter compreendido que os livros são os seus verdadeiros inimigos. É a submissão do coração, que é tudo, aos seus olhos. Vencer nos estudos, mesmo superior, é-lhe suspeito, e com razão. Quem impedirá o homem superior de passar para o outro lado, como Sièyes, ou Gregório! A Igreja, vacilante, agarra-se ao papa como única esperança de salvação.

Só o papa pode tentar paralisar o exame pessoal e, pelas piedosas pompas das cerimónias da sua corte, impressionar o espírito desgostoso e doente dos mundanos.

Julião, penetrando um pouco nestas diversas verdades, que, contudo, tendem a ser desmentidas por todas as palavras pronunciadas num seminário, caía numa melancolia profunda.

Trabalhava intensamente, conseguia aprender com rapidez coisas muito úteis a um padre, muito falsas a seus olhos, e pelas quais não tinha interesse algum. Julgava que nada mais tinha para fazer.

“Estarei esquecido por todos?” Ignorava que o senhor Pirard recebera e deitara para o lume algumas cartas carimbadas de Dijon, e onde, apesar do mais apropriado dos estilos, transparecia a mais viva das paixões. Grandes remorsos pareciam combater aquele amor. “Tanto melhor”, tinha pensado o abade Pirard, “pelo menos não foi uma mulher ímpia que este rapaz amou.”

Um dia o abade Pirard viu uma carta que parecia meio apagada pelas lágrimas: era um adeus eterno. “Enfim”, dizia a Julião, “o céu concedeu-me a fama de odiar, não o culpado da minha falta, pois ele será sempre o que de mais querido terei no mundo, mas o seu próprio erro. O sacrifício está feito, meu amigo. Não é sem lágrimas, como vedes. A salvação dos seres aos quais pertenco e que tanto amastes prevalece. Um Deus justo, mas terrível, já não se poderá vingar neles dos crimes da sua mãe. Adeus, Julião, sede justo para com os homens.”

Este fim da carta era quase completamente ilegível. Davam uma direcção em Dijon e, contudo, tinham esperança em que ele não responderia ou, pelo menos, se serviria de palavras que uma mulher que regressara à vida virtuosa poderia ouvir sem corar.

A melancolia de Julião, ajudada pela medíocre alimentação fornecida ao seminário pelo empreiteiro dos jantares a oitenta e três cêntimos, começava a influir sobre a sua saúde, quando uma manhã Fouqué apareceu de repente no seu quarto.

- Enfim, consegui entrar. Vim cinco vezes a Besançon para te ver. Sempre caras de pau. Pus uma pessoa de guarda à porta do seminário. Por que diabo

não saís tu nunca?

- É um sacrifício que impus a mim próprio.

- Acho-te bastante mudado, mas, enfim, torno a ver-te. Duas belas moedas de cinco francos acabam de me ensinar que fui um parvo por não as ter oferecido logo na primeira viagem.

A conversa entre os dois amigos nunca mais tinha fim. O seminarista mudou de cor quando Fouqué lhe disse:

- A propósito, sabes? A mãe dos teus alunos tornou-se uma grande devota.

E falava com aquele ar desprendido que causa uma tão grande impressão sobre a alma apaixonada, perturbando-lhe, sem suspeitar, os seus mais íntimos interesses.

- Sim, meu amigo, na mais exaltada das devoções. Dizem que faz peregrinações. Mas, para eterna vergonha do abade Maslon, que espiou durante tanto tempo o pobre senhor Chélan, a senhora de Rênal não o quis, vai-se confessar a Dijon ou a Besançon.

- Ela vem a Besançon? - disse Julião, tornando-se vermelho.

- Com frequência - respondeu Fouqué.

- Tens contigo alguns números do Constitucional ?

- Que dizes? - retorquiu Fouqué.

- Pergunto-te se tens números do Constitucional - continuou Julião, com um tom de voz muito tranquilo. - Vendem-se aqui a trinta soldos cada número.

- O quê! Até no seminário há liberais! - exclamou Fouqué.

Pobre França! - acrescentou, imitando a voz hipócrita e o tom melífluo do abade Maslon.

Esta visita teria causado uma profunda impressão ao nosso herói se, logo no dia seguinte, umas palavras que lhe dirigiu o pequeno seminarista de Verrières, que julgava tão criança, lhe não tivessem permitido fazer uma descoberta importante.

Desde que estava no seminário o comportamento de Julião tinha sido uma série de falsas manobras. Troçou de si próprio com amargor.

A verdade é que as acções importantes da sua vida eram sabiamente conduzidas; mas não cuidava das minúcias, e os mais hábeis do seminário só repavam nos pormenores. Por isso, entre os discípulos já tinha fama de espírito forte. Tinha-se traído por pequenas acções.

Aos olhos deles estava convencido deste enorme vício: pensava e julgava por ele próprio, em lugar de seguir cegamente a autoridade e o exemplo. O abade Pirard não lhe dera a mínima ajuda, nunca lhe dirigira uma única vez a palavra fora do tribunal da penitência, onde ouvia ainda mais do que falava. O

caso teria sido outro se tivesse escolhido o abade Castanède.

Desde o momento em que Julião compreendeu o seu erro não se aborreceu mais. Quis conhecer toda a extensão do mal e, para este efeito, saiu um pouco daquele silêncio altivo e o obstinado com que afastava os camaradas. Foi então que se vingaram dele.

As suas avançadas foram acolhidas com um desprezo que foi até ao escárnio. Reconheceu que, desde a sua entrada no seminário, não tinha havido uma hora, sobretudo durante os recreios, que não tivesse tido consequências pró ou contra ele, que não tivesse aumentado o número dos seus inimigos, ou lhe não tivesse granjeado a benevolência de algum seminarista sinceramente virtuoso ou um pouco menos grosseiro do que os outros. O mal que havia a reparar era imenso, a tarefa muito difícil. Dali em diante a atenção de Julião esteve sempre apostos. Tratava-se de dar ao seu carácter uma forma completamente nova.

Os movimentos dos seus olhos, por exemplo, deram-lhe muito trabalho. Não é sem razão que naqueles lugares se trazem sempre baixos. “Que presunção a minha em Verrières,” dizia para consigo Julião, “julgava viver; preparava-me somente para a vida: eis-me enfim no mundo, tal como o encontrarei até ao fim, rodeado de verdadeiros inimigos. Como é difícil”, acrescentou, “esta hipocrisia de todos os minutos; faz empalidecer os trabalhos de Hércules. O Hércules dos tempos modernos é Sisto V, enganando quinze anos seguidos com a sua modéstia quarenta cardeais que o tinham conhecido vivo e altivo durante toda a sua mocidade.”

“Portanto a ciência não é nada aqui!”, dizia para si com despeito; “os progressos do dogma da história sagrada, etc., não contam senão em aparência. Tudo o que se diz a esse respeito é destinado a fazer cair na ratoeira os loucos tais como eu. Ai! o meu único mérito consistia nos meus progressos rápidos, na minha forma de penetrar nessas ninharias. No fundo avaliá-las-ão pelo seu verdadeiro valor? Avaliá-las-ão como eu? E cometia eu a estupidez de ser orgulhoso! Estes primeiros lugares que obtenho sempre só serviram para me arranjar inimigos encarniçados. Chazel, que possui mais ciência do que eu, lança sempre nas suas composições qualquer asneira que as faz recuar para o quinquagésimo lugar; quando obtém o primeiro é por distracção. Ah! como uma palavra, uma única palavra do senhor Pirard me teria sido útil!”

Desde o momento em que Julião foi desenganando os longos exercícios de piedade ascética, tais como o rosário cinco vezes por semana, os cânticos ao Sagrado Coração, etc., etc., que lhe pareciam terrivelmente maçadores, tornaram-se os seus mais interessantes momentos de acção.

Reflectindo sinceramente sobre si próprio e procurando sobretudo não

exagerar os seus meios, Julião não aspirou de improviso, como os seminaristas que serviam de modelo aos outros, a fazer a cada instante acções significativas, quer dizer, demonstrativas de um certo grau de perfeição cristã. No seminário há uma maneira de comer um ovo quente que anuncia os progressos feitos na vida devota.

O leitor, que talvez sorria, dignar-se-á recordar todos os erros que fez, ao comer um ovo, o abade Delille, convidado para almoçar em casa de uma grande dama da corte de Luís XVI.

Julião procurou primeiro chegar ao non culpa, que é o estado do jovem seminarista cuja maneira de agir, de mexer os braços, os olhos, etc., não indica na verdade nada de mundano, mas não mostra ainda a pessoa absorvida pela ideia da outra vida e o nada total desta.

Julião encontrava sem cessar escritas a carvão, nas paredes dos corredores, frases como esta: “Que são sessenta anos de provações comparados com uma eternidade de delícias ou uma eternidade de azeite a ferver no inferno!” Já não as desprezava; compreendeu que era necessário tê-las sem cessar diante dos olhos. “Que farei eu durante toda a minha vida?”, dizia para consigo, “venderei aos fiéis um lugar no céu. Como é que este lugar lhes será tornado visível? Pela diferença entre o meu exterior e o de um laico.”

Depois de vários meses de aplicação de todos os instantes, Julião tinha ainda o ar de quem pensa. A sua maneira de mexer os olhos e a boca não anunciavam a fé implícita e pronta a acreditar em tudo e tudo manter, mesmo sofrendo martírios. Era com cólera que se via ultrapassado nestas coisas pelos mais grosseiros camponeses. Havia boas razões para que não tivessem o ar pensativo.

Que trabalho não tinha para chegar àquela expressão de fé cega e ardente, pronta a tudo acreditar e tudo sofrer, que se encontra tão frequentemente nos conventos de Itália, e da qual Guercinol deixou aos laicos tão perfeitos modelos nos seus quadros religiosos.

Nos dias de grande festa davam aos seminaristas salsichas com choucroute. Os vizinhos de mesa de Julião observaram que era insensível a esta felicidade. Foi um dos seus primeiros crimes. Os seus camaradas viram nele um aspecto odioso da mais tola hipocrisia; coisa alguma lhe criou mais inimigos. “Vejam este burguês, vejam este desdenhoso”, diziam eles, “que finge desprezar o melhor petisco, salsichas com choucroute! Parvo! Orgulhoso! Excomungado!...”

“Ai! a ignorância destes jovens camponeses meus camaradas é para eles uma vantagem imensa!”, exclamava Julião nos seus momentos de desânimo. “Quando chegam ao seminário, o professor não tem de os livrar do número

extraordinário de ideias mundanas que eu trago, e que lêem na minha cara, faça eu o que fizer.”

Estudava, com uma atenção parecida com a inveja, os mais grosseiros e mesquinhos camponeses que chegavam ao seminário.

Na ocasião em que os despojavam do fato de ratina para lhes vestirem o fato preto, a sua educação limitava-se a um respeito enorme e sem limites pelo dinheiro seco e líquido, como se diz no Franco Condado.

É a maneira sacramental e heróica de exprimir a ideia sublime do metal sonante. A felicidade para estes seminaristas, como para os heróis dos romances de Voltaire, consiste sobretudo em jantar bem. Julião descobria em quase todos um respeito inato pelo homem que usa fato de pano fino. Este sentimento leva a apreciar a justiça distributiva, tal como os tribunais a fazem, pelo seu valor e até abaixo do seu valor. Que se pode ganhar, diziam muitas vezes entre si, em questionar com um graúdo?

É a palavra empregada no vale do jura para designar um homem rico. Por aqui se avalia o respeito que têm pelo ser mais rico de todos: o Governo!

Não sorrir respeitosamente ao ouvir apenas o nome do senhor prefeito é, aos olhos dos camponeses do Franco Condado, uma imprudência; ora, a imprudência no pobre é prontamente castigada com a falta de pão.

Depois de se ter sentido como que sufocado durante os primeiros tempos pelo sentimento do desprezo, Julião acabou por sentir piedade: acontecera com frequência aos pais da maior parte dos seus camaradas voltarem à noite, no Inverno, para a sua choupana e não encontrarem nem pão, nem castanhas, nem batatas. “Que admiração,” comentava para consigo Julião, “que, aos seus olhos, o homem feliz seja em primeiro lugar o que janta bem e, em seguida, o que tem um bom fato! Os meus condiscípulos têm uma vocação firme; quer dizer, que vêm no estado eclesiástico uma longa continuação desta felicidade: jantar bem, ter um fato quente no Inverno.”

Aconteceu a Julião ouvir um jovem seminarista, dotado de imaginação, dizer a um companheiro:

- Porque não poderá vir a ser papa, como Sisto V, que guardava porcos?

- Só os Italianos é que são eleitos papas - respondeu o amigo -, mas com certeza hão-de tirar à sorte entre nós para os lugares de vigários-mores, de cônegos e talvez de bispos. O senhor P..., bispo de Chalons, é filho de um tanoeiro; é a profissão do meu pai.

Um dia, no meio da lição de dogma, o abade Pirard mandou chamar Julião. O pobre rapaz ficou encantado por sair da atmosfera física e moral em que estava mergulhado. Julião achou no director o acolhimento que tanto o assustara no dia da sua entrada para o seminário.

- Explique-me o que está escrito nesta carta de jogar - disse-lhe, fitando-o de uma forma que lhe dava vontade de se sumir pela terra abaixo.

Julião leu.

“Amanda Binet, no Café da Girafa, antes das oito horas. Dizer que é de Genlis e primo de minha mãe.”

Julião viu a imensidade do perigo; a polícia do abade Castanède tinha-lhe roubado aquela direcção.

- No dia em que entrei aqui - respondeu fitando a frente do abade Pirard, porque não podia suportar os seus olhos terríveis - eu estava com medo; o senhor Chélan dissera-me que era um lugar de traições e de maldades de todos os géneros; encorajam a espionagem e a denúncia entre camaradas. O céu quer que seja assim, para mostrar a vida tal como ela é aos jovens padres, e inspirar-lhes o desgosto pelo mundo e pelas suas pompas.

- E é a mim que diz essas frases - disse o abade Pirard, furioso.

- Em Verrières - continuou Julião friamente - os meus irmãos batiam-me quando tinham razão para ter inveja de mim...

- Não fuja do assunto! - exclamou o senhor Pirard quase fora de si.

Sem se intimidar, Julião continuou a sua narrativa.

- No dia da minha chegada a Besançon, à roda do meio-dia, tinha fome e entrei num café. O meu coração estava cheio de repugnância por um lugar tão profano; mas pensei que o almoço ali me custaria menos caro do que num hotel. Uma senhora, que parecia dona do estabelecimento, teve piedade do meu ar inexperiente. “Besançon está cheio de patifes”, disse-me ela, “receio por si, senhor. Se lhe acontecer alguma coisa má, recorra a mim, mande à minha casa antes das oito horas. Se os porteiros do seminário se negarem a fazer o seu recado, diga-lhes que é meu primo e natural de Genlis.”

- Todo esse palavreado vai ser verificado - exclamou o abade Pirard, que, não podendo estar quieto, passeava para cá e para lá. - Vá para a sua cela!

O abade seguiu Julião e fechou-o à chave. Este pôs-se imediatamente a revistar a mala, no fundo da qual estava reciosamente escondida a carta fatal. Nada ali faltava, mas havia várias coisas fora dos lugares; contudo, a chave nunca o abandonara. “Que felicidade, dizia para consigo” - “que durante o tempo da minha cegueira nunca tenha aceite a licença para sair que o senhor Castanède tantas vezes me oferecia com uma bondade que agora compreendo. Talvez eu tivesse tido a fraqueza de mudar de fato e de ir ver a bela Amanda e estava perdido. Quando deixaram de ter esperança em tirar, por essa forma, partido da informação, para não a perderem fizeram uma denúncia.”

Duas horas depois o director mandou-o chamar.

- Você não mentiu - disse-lhe com um olhar menos severo -, mas guardar

uma direcção destas é uma imprudência de que não concebe a gravidade. Pobre criança! Talvez daqui a dez anos ela ainda vos seja prejudicial.

## PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE VIDA

*A época actual, santo Deus!, é a arca do Senhor. Ai de quem lhe tocar.*

Diderot

O leitor há-de permitir-nos que mencionemos poucos factos claros e precisos sobre esta época da vida de Julião. Não porque eles nos faltem, pelo contrário; mas talvez o que viu no seminário seja um quadro negro de mais para o colorido moderado que se procurou conservar nestas páginas. Os contemporâneos que sofrem certas coisas não podem recordá-las senão com um horror que paralisa qualquer prazer, mesmo o de ler um conto.

Julião conseguia pouco nos seus ensaios de hipocrisia de gestos; teve momentos de aborrecimento e até de desânimo completo. Não obtinha êxitos, e ainda para mais numa tão nobre carreira. O menor socorro exterior teria bastado para lhe dar ânimo; a dificuldade a vencer não era grande; mas estava sozinho como uma barca abandonada no meio do oceano. “Mesmo que eu obtivesse êxito”, dizia para consigo, “ter de passar uma vida inteira sempre em tão má companhia! Glutões que só pensam na omeleta com toucinho que devorarão ao jantar, ou abades Castanède, para quem crime algum é negro de mais! Chegarão até ao Poder; mas por que preço, santo Deus!

A vontade do homem é poderosa, leio-o em tudo; mas bastará ela para vencer uma tal repugnância? A tarefa dos grandes homens foi fácil; por mais terrível que fosse o perigo, achavam-no belo; e quem poderá compreender, excepto eu, a fealdade do que me rodeia?”

Este momento foi o mais comovente da sua vida. Era-lhe tão fácil alistar-se num dos regimentos da guarnição de Besançon! Podia fazer-se professor de latim; era-lhe preciso tão pouco para se manter! Mas então desistia de uma carreira brilhante, de um futuro que satisfizesse a sua imaginação: era morrer.

Eis, em pormenor, um dos seus tristes dias.

“A minha vaidade aplaudiu-se tantas vezes por eu ser diferente dos outros jovens camponeses! Pois bem, já vivi o suficiente para ver que diferença

gera ódio”, dizia para consigo uma manhã. Esta grande verdade acabava de lhe ser demonstrada por um dos seus mais curiosos insucessos. Durante oito dias trabalhara para agradar a um aluno que vivia em fama de santidade. Passeava com ele no pátio, escutando com submissão parvoíces de fazer adormecer em pé. De repente desencadeou-se uma tempestade, soou um trovão e o santo aluno gritou, empurrando-o grosseiramente:

- Escute. Cada um trate de si, neste mundo. Não quero ser fulminado por um raio: Deus pode fulminá-lo como um ímpio, como um Voltaire.

Com os dentes cerrados de raiva e os olhos abertos para o céu rasgado pelo raio murmurou: “Eu mereço ser submergido, se adormecer durante a tempestade”, exclamou Julião. “Tentemos a conquista de qualquer outro palerma.”

Tocaram para o curso de história sagrada, do abade Castanède.

Aos pobres camponeses tão assustados pelo trabalho difícil e pela pobreza dos seus pais o abade ensinava nesse dia que aquele ser tão terrível a seus olhos, o Governo, só tinha poder real e legítimo por delegação do vigário de Deus na terra.

- Tornem-se dignos das bondades do papa pela santidade da vossa vida, pela vossa obediência, sede como um pau entre as suas mãos - acrescentou ele - e obtereis um lugar soberbo onde comandareis como um chefe, longe de qualquer fiscalização; um lugar inamovível, de que o Governo paga um terço dos vencimentos e os fiéis, instruídos pelas vossas prédicas, os dois outros terços.

Ao sair da sua aula o senhor Castanède parou no pátio.

- Ah! de um cura é que com verdade se pode dizer: “o homem vale o que valer o lugar,” - falava para os alunos que faziam círculo à sua roda. - Digo-vos eu, que o sei; há paróquias nas montanhas cuja renda é maior que a de muitas freguesias da cidade. Recebem o mesmo dinheiro, sem contar os gordos capões, os ovos, a manteiga fresca, etc. E ali o cura é o primeiro, sem contestação: não há jantar bom para que não seja convidado, festejado, etc.

Mal o senhor Castanède subiu para o quarto, os alunos dividiram-se em grupos. Julião não pertencia a nenhum; abandonavam-no como uma ovelha gafada. Em todos os grupos viu um aluno deitar uma moeda ao ar e, se acertava no jogo de cunhos ou cruces, os seus camaradas concluía por aí que teria dentro em pouco uma dessas paróquias de bom rendimento. Em seguida vieram as anedotas. Certo jovem padre, ordenado há apenas um ano, tendo oferecido um coelho à criada de um velho cura, conseguira ser requisitado como vigário, e, poucos meses depois, porque o cura morrera depressa, substituíra-o naquela boa paróquia. Um outro conseguira fazer-se designar para

sucessor na abadia de um grande burgo bastante rico assistindo a todas as refeições de um velho cura paralítico a quem trinchava habilmente os seus frangos.

Estes factos extraordinários excitavam a imaginação dos seminaristas, que, como toda a gente nova, lhes exageravam os possíveis efeitos.

“É preciso”, dizia para consigo Julião, “que me habitue a estas conversas.” Quando não falavam de salsichas ou de boas paróquias, discutiam a parte temporal das doutrinas eclesiásticas; as questões entre os bispos e os prefeitos, os presidentes e os curas. Julião via aparecer a ideia de um segundo Deus, mas de um Deus bem mais para temer e bem mais poderoso que o outro; este segundo Deus era o papa. Diziam, mas baixando a voz e quando tinham a certeza de não ser ouvidos pelo senhor Pirard, que se o papa não se dá ao trabalho de nomear todos os prefeitos e todos os presidentes da França, é porque entregou este cuidado ao rei da França, nomeando-o filho primogénito da Igreja.

Foi por este tempo que Julião julgou poder tirar partido, para a sua consideração, do livro *Do Papa*, por J. de Maistre. Para falar verdade, espantou os camaradas; mas foi mais uma desgraça. Desagradou-lhes expondo melhor que eles as suas próprias opiniões. O senhor Chélan fora imprudente em relação a Julião, como o era para ele próprio. Depois de o ter habituado a raciocinar com exactidão e não se iludir com palavras vãs, esquecera-se de dizer que, nas pessoas pouco importantes, este hábito é um crime; porque todo o bom raciocínio ofende.

O bem-falar de Julião foi para ele, portanto, como um novo crime. Os seus condiscípulos, à força de pensar nele, conseguiram exprimir com uma só palavra todo o horror que lhes inspirava: alcunharam-no de Martinho Lutero, sobretudo, diziam eles, por causa daquela infernal lógica de que tanto se orgulha.

Vários jovens seminaristas tinham cores mais frescas e podiam passar por rapazes mais bonitos que Julião; mas este tinha as mãos brancas e não podia esconder hábitos de higiene minuciosa. Isto não era uma vantagem na triste casa para onde a sorte o lançara. Os camponeses porcos no meio dos quais vivia declararam que tinha hábitos corruptos. Receamos fatigar o leitor contando-lhes os mil infortúnios de Julião. Por exemplo, os mais vigorosos dos seus camaradas pretendiam, com frequência, bater-lhe; teve de se armar com um compasso de ferro e avisar, por sinais, que se serviria dele. Os sinais não podem figurar nos relatórios dos espões tão vantajosamente como as palavras.

## UMA PROCISSÃO

*Todos estavam convencidos. A presença de Deus parecia revelar-se naquelas ruas estreitas e góticas, engalanadas e bem cobertas de areia pelos dedicados fiéis.*

Young

Por mais que Julião se fizesse insignificante e tolo, não podia agradar, era indiferente de mais. “Contudo”, dizia para consigo, “todos estes professores são pessoas inteligentes e escolhidas entre mil; porque não gostarão da minha humildade?” Um único lhe parecia não abusar da sua complacência, em tudo acreditar e ser enganado por todos. Era o abade Chas Bernard, director das cerimónias da catedral, onde, há quinze anos, o faziam esperar por um lugar de cónego; enquanto esperava ensinava a eloquência sagrada no seminário.

Nos primeiros tempos, este curso era um daqueles em que Julião era habitualmente o primeiro. A partir daí o abade Chas começou a testemunhar-lhe uma certa amizade e, à saída da aula, pegava-lhe no braço para dar algumas voltas pelo jardim.

“Onde quererá ele chegar?”, dizia, para consigo, Julião. Via com espanto que, durante horas inteiras, o abade lhe falava dos ornamentos que a catedral possuía. Havia dezassete casulas agaloadas, não falando nos paramentos de luto. Tinham grandes esperanças na velha presidente de Rubempré; esta senhora, de noventa anos, conservava há setenta anos, pelo menos, os seus fatos de noiva em soberbos tecidos de Lião bordados a ouro.

“Calcule, meu amigo”, dizia o abade Chas Bernard, parando de repente e abrindo uns grandes olhos, “que estes tecidos se mantêm direitos, tanto ouro têm. Em Besançon julga-se geralmente que, pelo testamento da presidente, o tesouro da catedral será aumentado com mais dez casulas, sem contar quatro ou cinco capas para as festas grandes. Eu vou mais longe”, acrescentava ele, baixando a voz, “tenho razões para pensar que a presidente nos deixará oito magníficos tocheiros de prata dourada que se supõe terem sido comprados em Itália, pelo duque de Borgonha, Carlos, o Temerário, de quem foi ministro

favorito um dos seus antepassados.”

“Mas onde é que este homem quer chegar com todos estes trapos velhos? Ao tempo que anda com esta preparação, e nada! É preciso que desconfie bastante de mim! É mais hábil que todos os outros, cujos fins secretos se adivinham ao fim de quinze dias. Compreendo. Há quinze anos que a sua ambição sofre.”

Um dia, no meio da lição de esgrima, Julião foi chamado ao escritório do abade Pirard, que lhe disse:

- É amanhã a festa do Corpus Domini. O senhor abade Chas Bernard necessita de si para o ajudar a ornamentar a catedral.

Parta e obedeça.

O abade Pirard voltou a chamá-lo para lhe dizer com ar de comiseração:

- É consigo, se quiser aproveitar a ocasião para vaguear pela cidade.

- Incedo per ignes (tenho inimigos escondidos) - respondeu Julião.

No dia seguinte de manhã muito cedo, Julião dirigiu-se, de olhos baixos, para a catedral. O aspecto das ruas e da actividade que começava a haver na cidade fez-lhe bem. Por todos os lados ornamentavam as frontarias das casas para a procissão. O tempo todo que passara no seminário pareceu-lhe apenas um instante. O seu pensamento estava em Vergy e naquela linda Amanda Binet, que podia encontrar porque o seu café não era muito afastado. Viu de longe o abade Chas à porta da sua querida catedral. Era um homem gordo, de cara alegre e ar franco. Naquele dia estava triunfante:

- Esperava-o, meu querido filho - exclamou ele logo que viu Julião -, seja bem-vindo. A tarefa deste dia será comprida e rude, fortifiquemo-nos com um primeiro almoço; o segundo virá às dez horas, depois da missa de festa.

- Desejo, senhor - disse-lhe o seminarista, com ar grave -, não ficar sozinho um único instante; queira notar - disse mostrando o relógio por cima das suas cabeças - que chego às cinco horas menos um minuto.

- Ah! esses marotos do seminário fazem-lhe medo! Não pense neles - disse o abade. - Um caminho será menos belo porque tem espinhos nas sebes que o orlam? Os viajantes seguem o seu caminho e deixam os espinhos onde estão. Portanto, ao trabalho, meu amigo, ao trabalho!

O abade Chas tivera razão em dizer que a tarefa seria rude.

Tinha havido na véspera uma grande cerimónia fúnebre na catedral; não tinham podido preparar nada; era preciso, pois, numa só manhã, forrar todos os pilares góticos que formavam as três naves com um revestimento de damasco vermelho que subia a dez metros de altura. O senhor bispo mandara vir, pela mala-posta, quatro estofadores de Paris, mas estes não podiam chegar para tudo e, longe de encorajar a falta de jeito dos seus camaradas de Besançon,

ainda a aumentavam troçando deles.

Julião viu que tinha de subir escadas. A sua agilidade ajudou-o. Encarregou-se de dirigir os estofadores da cidade. O abade, encantado, via-o saltitar de escada para escada. Quando os pilares ficaram todos revestidos, teve de se pensar em ir colocar cinco enormes ramos de plumas no grande baldaquino por cima do altar-mor. Um rico pináculo de madeira doirada era sustido por oito grandes colunas torcidas, de mármore de Itália. Mas para chegar ao centro do baldaquino, por cima do sacrário, era preciso passar sobre uma velha cornija de madeira, talvez carunchosa e a quinze metros de altura.

Esta perspectiva difícil tinha apagado a alegria, até aqui tão brilhante, dos estofadores parisienses. Olhavam de baixo, discutiam muito e não subiam. Julião pegou nos ramos de plumas e subiu a escada a correr. Colocou-os muito bem sobre o ornamento em forma de coroa, ao centro do baldaquino. Quando desceu a escada, o abade Chas apertou-o nos braços:

- Ótimo - exclamou o bom do padre -, contarei isto a monsenhor.

O almoço das dez horas foi muito alegre. Nunca o abade Chas vira a sua igreja tão bonita.

- Querido discípulo - dizia a Julião -, minha mãe alugava cadeiras nesta venerável basílica, de maneira que fui criado neste grande edifício. O Terror de Robespierre arruinou-nos, mas, apesar de ter então só oito anos, já ajudava à missa em casas particulares e nesse dia davam-me de comer. Ninguém sabia dobrar uma casula melhor do que eu; nunca os galões se cortavam. Quando o culto se restabeleceu no tempo de Napoleão, tive a felicidade de dirigir tudo nesta venerável metrópole.

Cinco vezes por ano os meus olhos vêm-na paramentada com estes tão belos ornamentos. Mas nunca estive tão resplandecente, nunca os panos de damasco estiveram tão bem-postos como hoje, tão ajustados aos pilares.

“Enfim, vai dizer-me o seu segredo,”, pensou Julião, “está a falar de si; vai desabafar.” Mas nada de importante foi dito por aquele homem evidentemente exaltado. “Contudo, trabalhou bastante; está feliz”, disse para consigo Julião, “o bom vinho não foi regateado. Que homem! Que exemplo para mim! Merece o pompon.” (Era uma maneira de dizer que ouvira ao velho cirurgião.)

Quando tocou a Santos, na missa de festa, Julião quis vestir uma sobrepeliz para seguir o bispo na soberba procissão.

- E os ladrões, meu amigo, e os ladrões - exclamou o abade Chas -, não pensa nisso? A procissão vai sair; eu e você velaremos. Seremos bem felizes se nos faltarem apenas dois metros daquele belo galão que rodeia a parte de baixo dos pilares. É também donativo da senhora de Rubempré; provém de um famoso conde, seu bisavô; é ouro puro, meu caro amigo - acrescentou o abade

segredando-lhe ao ouvido, e com ar evidentemente exaltado -, autêntico! Encarrego-o da inspecção da nave do norte. Não saia de lá. Deixo para mim a nave do sul e a nave central. Atenção aos confessorários; é ali que as espias dos ladrões espreitam o momento em que estamos de costas voltadas.

Davam onze horas e três quartos quando acabou de falar; ouviu-se o sino grande. Tocava com todas as escalas. Estes sons tão cheios e tão solenes comoveram Julião. A sua imaginação já não estava na terra.

O cheiro do incenso e das folhas de rosa deitadas diante do Santíssimo Sacramento pelas criancinhas vestidas de são João, acabou de o exaltar.

Os sons graves daqueles sinos deviam apenas ter despertado nele a ideia do trabalho de homens pagos a cinquenta cêntimos e ajudados talvez por quinze ou vinte fiéis. Devia ter pensado no gasto das cordas, no do vigamento, no perigo do próprio sino, que cai de dois em dois séculos, e reflectir no meio de diminuir o salário dos sineiros ou de lhes pagar com qualquer indulgência ou outra mercê que fosse tirada dos tesouros da igreja e que não prejudicasse a sua bolsa.

Em lugar destas ajuizadas reflexões, a alma de Julião, exaltada por aqueles sons tão fortes e tão cheios, errava nos espaços imaginários. Nunca seria nem um padre nem um bom administrador. As almas que se comovem assim são boas, quando muito, para um artista. E aqui se revela completamente a vaidade de Julião. Cinquenta, talvez, dos seminaristas seus condiscípulos, tornados atentos à realidade da vida pelo ódio público e jacobinismo que lhes mostram emboscados atrás de todas as sebes, ao ouvirem o sino grande da catedral teriam pensado apenas no salário dos sineiros. Teriam examinado com o talento de Barème se o grau de comoção do público valia o dinheiro que davam aos sineiros. Se Julião tivesse querido pensar nos interesses materiais da catedral, a sua imaginação, lançando-se para além da finalidade em vista, teria pensado em economizar quarenta francos à igreja e deixaria perder a ocasião de evitar uma despesa de vinte e cinco cêntimos.

Enquanto a procissão, sob o mais lindo do dia do mundo, percorria lentamente Besançon e parava nos belos altares levantados, ao despique, pelas autoridades, a igreja ficara mergulhada num silêncio profundo. Havia nela uma semiobscuridade e uma agradável frescura; estava ainda perfumada pelo cheiro das flores e do incenso.

O silêncio, a solidão profunda, a fresquidão das compridas naves tornavam mais doce o sonho de Julião. Não receava ser perturbado pelo abade Chas, ocupado numa outra parte do edifício. A sua alma quase que abandonara o invólucro mortal que passeava a passos lentos na nave norte confiada à sua vigilância. Estava bastante tranquilo porque se assegurara de que nos confessor-

nários estavam apenas algumas devotas; os seus olhos olhavam sem ver.

Contudo, a sua distração foi meio vencida pelo aspecto de duas mulheres muito bem vestidas que estavam de joelhos, uma num confessionário e a outra perto desta, numa cadeira. Ele continuava a olhar sem ver; contudo, fosse sentimento vago dos seus deveres, ou admiração pelo trajar nobre e simples daquelas damas, reparou que não havia padre naquele confessionário. “É estranho”, pensou, “que estas belas damas não estejam de joelhos diante de qualquer altar, se são devotas; ou debruçadas comodamente na primeira fila de qualquer varanda, se são da alta roda. Como aquele vestido é bonito! Que graciosidade!” E demorou o passo para as ver melhor.

A que estava de joelhos no confessionário voltou um pouco a cabeça ao ouvir o ruído dos passos de Julião, no meio daquele grande silêncio. De repente deu um grande grito e desmaiou, caindo para trás; a amiga que estava perto dela correu a socorrê-la. Ao mesmo tempo, Julião viu os ombros da dama que caíra. Um colar de grandes pérolas enfiadas em espiral, que ele tão bem conhecia despertou-lhe a atenção. Como ficou ao reconhecer a cabeleira da senhora de Rênal! Era ela. A dama que tentava amparar-lhe a cabeça, para que não lhe caísse completamente, era a senhora Derville. Fora de si, Julião correu; a queda da senhora de Rênal talvez tivesse arrastado a amiga se Julião não as tivesse amparado a ambas. Viu a cabeça da senhora de Rênal, pálida, sem sentidos, oscilar-lhe sobre os ombros. Ajudou a senhora Derville a apoiar aquela cabeça encantadora no encosto de uma cadeira de palha; ela estava de joelhos.

A senhora Derville voltou-se e reconheceu-o.

- Fuja, senhor, fuja! - disse-lhe, com grande irritação. - Sobretudo que ela o não torne a ver. Vê-lo deve, na verdade, horrorizá-la. Era tão feliz antes de o conhecer. O seu procedimento é atroz. Fuja; se lhe resta algum pudor, afaste-se.

Estas palavras foram ditas com tal autoridade que Julião, tão fraco naquele momento, obedeceu. “Ela sempre me detestou”, disse para consigo, pensando na senhora Derville.

No mesmo instante, o canto nasalado dos padres que vinham à frente soou na igreja; a procissão voltava. O abade Chas Bernard chamou várias vezes Julião, que primeiro o não ouviu: por fim veio pegar-lhe num braço atrás de uma coluna, onde se refugiara meio morto. Queria apresentá-lo ao bispo.

- Sente-se mal, meu filho? - disse-lhe o abade, vendo-o tão pálido e quase sem poder andar. - Trabalhou de mais. - Deu-lhe o braço. - Venha, sente-se no banquinho do homem que dá a água benta, atrás de mim, encobri-lo-ei. - Estavam então ao lado da porta principal. - Tranquelize-se, temos ainda uns bons vinte minutos antes que monsenhor apareça. Tente melhorar; quando ele passar eu ajudo-o a levantar-se, porque apesar da minha idade sou forte e

vigoroso.

Mas quando o bispo passou, o seminarista tremia de tal forma que o abade Chas renunciou à ideia de o apresentar.

- Não se aflija - disse-lhe ele -, há-de haver outra ocasião.

Nessa noite, mandou levar para a capela do seminário cinco quilos de círios que os cuidados de Julião tinham economizado, dizia ele, com a prontidão com que os mandara apagar. Nada menos verdadeiro. O pobre rapaz estava aniquilado. Desde que vira a senhora de Rênal tinha ficado vazio de ideias.

## O PRIMEIRO AVANÇO

*Compreendeu a sua época, compreendeu a sua  
província, e está rico.*

O Precursor

Julião não voltara ainda a si do sonho profundo em que o acontecimento da catedral o mergulhara, quando uma manhã o severo abade Pirard o mandou chamar.

- O abade Chas Bernard escreveu-me pedindo por si. Estou contente com o seu comportamento geral. É extremamente imprudente e distraído, sem que o pareça; e, contudo, até aqui, o coração tem sido bom e generoso; o espírito é superior. No conjunto, vejo em si uma centelha que é preciso não perder. Depois de quinze anos de trabalhos estou para sair desta casa; o meu crime é ter deixado os seminaristas entregues ao seu livre arbítrio, e não ter nem protegido nem prejudicado essa sociedade secreta de que me falou no tribunal da penitência. Antes de partir quero fazer qualquer coisa por si; teria agido dois meses mais cedo, porque você o merecia, se não fosse a denúncia fundamentada sobre a direcção de Amanda Binet, encontrada no seu quarto. Nomeio-o repetidor para o Novo e Velho Testamento.

Julião, cheio de reconhecimento, lembrou-se de ajoelhar e de agradecer a Deus; mas cedeu a um movimento mais verdadeiro. Aproximou-se do abade Pirard, pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios.

- Que é isso? - exclamou o director com ar zangado; mas os olhos de Julião diziam mais ainda do que a sua acção.

O abade fitou-o com espanto, tal como um homem que, há muitos anos, perdeu o hábito de encontrar emoções delicadas. Esta atenção traiu-o; a sua voz alterou-se.

- Pois bem! sim, meu filho, tenho-te amizade. O céu bem sabe que é contra minha vontade. Devia ser justo, e não ter nem amor, nem ódio a ninguém. A tua carreira será difícil. Vejo em ti qualquer coisa que ofende a vulgaridade. A inveja e a calúnia perseguir-te-ão. Em qualquer lugar que a Providência te coloque, os teus companheiros nunca te verão sem te odiar; e se fingirem amar-

te, será para te atraíçoarem com mais segurança. Para isso só há um remédio: recorre a Deus, que te deu, para te castigar da tua presunção, esta necessidade de ser odiado; que a tua conduta seja pura; é o único recurso que vejo para ti. Se tiveres um amor invencível pela verdade, cedo ou tarde os teus inimigos serão vencidos.

Há tanto tempo que Julião não ouvia uma voz amiga, que é preciso perdoar-lhe a fraqueza: começou a chorar. O abade Pirard abriu-lhe os braços; este momento foi muito agradável para os dois.

Julião estava louco de alegria; era o primeiro sucesso que obtinha; as vantagens eram imensas. Para as conceber é preciso estar condenado a passar meses inteiros sem um instante de solidão e num contacto permanente com camaradas pelo menos importunos, e na maior parte intoleráveis. Só os seus gritos teriam bastado para perturbar um temperamento delicado. A alegria barulhenta daqueles camponeses bem vestidos e bem alimentados não sabia viver de si própria, não se julgava completa senão quando se expandia com toda a força dos seus pulmões.

Agora Julião jantava sozinho, ou quase, uma hora mais tarde que os outros seminaristas. Tinha uma chave do jardim, e podia lá passear nas horas em que estava deserto.

Com grande espanto se apercebeu-se que o odiavam menos; esperava, pelo contrário, um redobrar de ódio. Este desejo secreto de que lhe não dirigissem a palavra, que era evidente de mais e lhe valia tantos inimigos, deixou de ser um sinal de altivez ridícula. Aos olhos dos seres grosseiros que o rodeavam isto foi um sentimento justo da sua dignidade. O ódio diminuiu sensivelmente, sobretudo entre os mais novos dos seus camaradas, tornados seus alunos, e que tratava com muita delicadeza. Pouco a pouco até teve partidários; tornou-se de mau tom chamar-lhe Martinho Lutero.

Mas para quê nomear os seus amigos e os seus inimigos? Tudo isto é feio, e tanto mais feio quanto mais verdadeiro.

Contudo, são estes os únicos professores de moral que o povo tem, e sem eles que seria do povo? O jornal poderá algum dia substituir o cura?

Desde que Julião subira de categoria, o director do seminário nunca mais lhe falou sem testemunhas; nesta conduta havia tanta prudência para o professor como para o discípulo; mas havia sobretudo experiência. O invariável princípio do severo jansenista Pirard era: um homem tem mérito aos vossos olhos, ponha-se obstáculos a tudo que ele deseja, a tudo o que empreende. Se o mérito é real, saberá derrubar ou ladear os obstáculos.

Estava-se na época da caça. Fouqué teve a ideia de mandar para o seminário um veado e um javali em nome dos pais de Julião. Os animais mortos

foram colocados na passagem entre a cozinha e o refeitório. Foi ali que todos os seminaristas os viram quando passaram para jantar. Foram objecto de grande curiosidade. O javali, apesar de morto, fazia medo aos mais novos; tocavam-lhe nos dentes. Não se falou noutra coisa durante oito dias.

Este donativo, que colocava a família de Julião na parte da sociedade que é preciso respeitar, deu um golpe mortal na inveja. Era uma superioridade consagrada pela fortuna. Chazel e os mais distintos seminaristas dirigiram-se-lhe e quase se queixaram por os não ter prevenido da fortuna de seus pais, expondo-os assim a faltarem ao respeito ao dinheiro.

Houve um recrutamento, do qual Julião foi isento na sua qualidade de seminarista. Esta circunstância comoveu-o profundamente. “Eis, portanto, passado para sempre o instante em que, vinte anos mais cedo, uma vida heróica tinha começado para mim!”

Passeava sozinho no jardim do seminário e ouviu falar dois pedreiros que trabalhavam no muro da cerca.

- Então! temos de partir, há um novo recrutamento.

- No tempo do outro - bons tempos! - um pedreiro tornava-se oficial e até general. Viu-se disso.

- Vais vê-lo agora! Só os pobres é que partem. O que tem qualquer coisa fica na terra.

- Quem nasceu miserável fica miserável, e pronto.

- Olha lá, será verdade o que dizem, que o outro morreu? - continuou o terceiro pedreiro.

- Os grandalhões é que dizem isso. Não vês? O outro metia-lhes medo.

- Que diferença! Como as coisas corriam no seu tempo. E foi traído pelos seus marechais! Já é preciso ser traidor!

Esta conversa consolou um pouco Julião. Ao afastar-se repetia com um suspiro:

*O único rei de que o povo se lembra!*

Chegou o tempo dos exames. Julião respondeu de forma brilhante; viu que o próprio Chazel procurava mostrar toda a sua sabedoria.

No primeiro dia, os examinadores, nomeados pelo vigário-mor de Frilair, ficaram muito contrariados por terem de colocar sempre em primeiro lugar esse Julião Sorel, que lhes era mostrado como o preferido do abade Pirard. Fizeram-se apostas no seminário em como, nas listas gerais dos exames, Julião seria o número um, o que implicava a honra de jantar com o senhor bispo. Mas no fim de uma sessão, onde se tratara do assunto dos santos da Igreja, um hábil

examinador, depois de ter interrogado Julião acerca de São Jerônimo e da sua paixão por Cícero, veio a falar de Horácio, de Virgílio e de outros profanos. Às escondidas dos discípulos, Julião aprendera de cor um grande número de passagens destes autores. Arrastado pelos seus êxitos esqueceu o lugar onde estava, e, como o examinador lho pedisse com insistência, recitou e parafraseou com entusiasmo várias odes de Horácio. Depois de o ter deixado enterrar-se durante vinte minutos, de repente o examinador mudou de fisionomia, e censurou-o asperamente por ter perdido tempo com esses estudos profanos e por ter metido na cabeça ideias inúteis ou criminosas.

- Sou um pateta, senhor, e tendes razão - disse Julião com ar modesto, reconhecendo o hábil estratagem de que fora vítima.

Esta manhã do examinador foi censurada mesmo no seminário, o que não impediu o abade de Frilair, o hábil homem que soube organizar tão sabiamente a rede da congregação de Besançon, e cujos telegramas para Paris faziam tremer juizes, prefeitos, e até oficiais da guarnição, de colocar, com a sua poderosa mão, o número 198 ao lado do nome de Julião. Sentia alegria em mortificar assim o seu inimigo, o jansenista Pirard.

Há dez anos que o seu fito era arrancar-lhe a direcção do seminário. Mas o abade, seguindo ele próprio o plano de conduta que indicara a Julião, era sincero, piedoso, não era intriguista, cumpria as suas obrigações. Porém, o céu, na sua cólera, tinha-lhe dado aquele temperamento bilioso, feito para sentir profundamente as injúrias e o ódio. Nenhum dos ultrajes que lhe dirigiam ficava perdido para aquela alma ardente.

Teria preferido pedir cem vezes a sua demissão, mas julgava-se útil no posto em que a Providência o colocara. "Impeço os progressos do jesuitismo e da idolatria", dizia para consigo.

Na época dos exames havia talvez dois meses que não falava a Julião e, contudo, ficou doente durante oito dias quando recebeu a comunicação oficial anunciando o resultado do concurso e viu o número 198 colocado ao lado do nome daquele aluno que considerava a glória da sua escola. A única consolação para aquele carácter severo era concentrar sobre o seminarista todos os seus meios de vigilância. Foi com alegria que descobriu que nele não havia nem cólera, nem intenções de vingança, nem desânimo.

Algumas semanas depois Julião estremeceu ao receber uma carta; tinha o carimbo de Paris. "Enfim", pensou, "a senhora de Rênal lembrou-se das suas promessas." Uma pessoa que assinava Paulo Sorel e se dizia seu parente enviava-lhe um cheque de quinhentos francos. Acrescentava que, se Julião continuasse a estudar com sucesso os bons autores latinos, igual soma lhe seria entregue todos os anos.

“É ela, é a sua bondade!”, pensou comovido, “quer-me consolar, mas porque é que me não dirige uma única palavra de amizade?”

Enganava-se. A senhora de Rênal, dirigida pela sua amiga a senhora Derville, estava completamente entregue aos seus remorsos profundos. Bem contra sua vontade, pensava com frequência naquele ser estranho cujo encontro transtornara a sua existência, mas absteve-se de lhe escrever.

Se falássemos a linguagem do seminário, poderíamos reconhecer um milagre naquele envio de quinhentos francos e dizer que era do próprio senhor de Frilair que o céu se servia para fazer aquele donativo a Julião.

Doze anos antes, o abade de Frilair chegara a Besançon com uma mala bem pequena, que, segundo a crónica, continha todos os seus haveres. E agora era um dos mais ricos proprietários da província. Durante o desenvolver da sua prosperidade comprara metade de uma terra da qual a outra metade coubera em herança ao senhor de La Mole. Daí resultou um grande processo entre estas personagens; apesar da sua brilhante vida em Paris e dos cargos que tinha na corte, o senhor marquês de La Mole sentiu que era perigoso lutar em Besançon contra um vigário-mor que tinha fama de nomear e destituir os prefeitos. Em lugar de solicitar uma gratificação de cinquenta mil francos, mascarada sob um nome qualquer admitido pelo orçamento, e de abandonar ao abade de Frilair aquele mesquinho processo de cinquenta mil francos, o marquês irritou-se. Julgava ter razão: bela razão! Ora, com a devida vénia, diremos: qual é o juiz que não tem um filho ou, pelo menos, um primo que é preciso ajudar? Para fazer ver aos mais cegos, oito dias depois da primeira sentença que obteve, o senhor abade de Frilair meteu-se no coche de monsenhor e foi ele próprio levar a cruz da Legião de Honra ao seu advogado. O senhor de La Mole, um pouco atordoado pelo poder da parte contrária, e sentindo fraquejar os seus advogados, pediu conselhos ao abade Chélan, que o relacionou com o senhor Pirard.

Estas relações duravam há vários anos quando começou a nossa história.

O abade Pirard mostrou neste caso o seu carácter apaixonado.

Conversando sem cessar com os advogados do marquês, estudava a sua causa e, achando-a justa, tornou-se abertamente solicitador do marquês de La Mole contra o todo-poderoso vigário-mor. Este ficou furioso com a insolência, sobretudo vinda da parte de um jansenistazinho !

- Vejam o que é esta nobreza na corte, que se pretende tão poderosa! - dizia aos seus íntimos o abade de Frilair. - O senhor de La Mole nem sequer mandou uma reles condecoração ao seu agente em Besançon, e, ainda para mais, vai deixá-lo destituir. E, contudo, dizem-no, este nobre par não deixa passar uma semana sem ir ostentar o seu cordão azul no salão do guarda dos selos, seja ele quem for.

Apesar de toda a actividade do abade Pirard e embora o marquês continuasse nas melhores relações com o ministro da Justiça, e, sobretudo, com os seus subordinados, tudo o que conseguira, depois de seis anos de cuidados, fora não perder completamente o processo.

Constantemente em correspondência com o abade Pirard por causa daquele caso, que os dois seguiam com tanta paixão, o marquês acabou por apreciar o género de mentalidade do abade. Pouco a pouco, apesar da enorme distância das respectivas posições sociais, a sua correspondência tomou um tom de amizade. O director do seminário dizia ao marquês que queriam obrigá-lo a pedir a demissão à força de insultos. Indignado com o infame estratagema que, na sua opinião, tinham empregado contra Julião, contou a história deste ao marquês.

Apesar de muito rico, o grande senhor não era avarento. Nunca conseguira fazer aceitar ao abade Pirard nem sequer o reembolso das despesas do correio causadas pelo processo. Teve então a ideia de enviar quinhentos francos ao seu aluno favorito.

O senhor de La Mole deu-se ao trabalho de escrever ele próprio o vale do envio. Isto fê-lo pensar no abade.

Um dia o abade Pirard recebeu um bilhete convidando-o a ir sem demora, por causa de um assunto urgente, a uma estalagem da Avenida de Besançon. Encontrou lá o intendente do senhor de La Mole.

- O senhor marquês encarregou-me de lhe trazer a sua carruagem - disse-lhe o homem. - Julga que depois de ler esta carta convirá ao senhor abade partir para Paris dentro de quatro ou cinco dias. Vou, entretanto, empregar os dias que me quiser indicar percorrendo as terras do senhor marquês no Franco Condado. Depois do que, no dia em que lhe convenha, partiremos para Paris.

A carta era breve:

“Desembarace-se, meu caro senhor, de todas as intrigas da província e venha respirar o ar tranquilo de Paris. Envio-lhe o meu carro, que esperará as suas ordens, durante quatro dias.

Aguardá-lo-ei eu próprio em Paris até terça-feira. Bastará apenas um sim da sua parte, senhor, para aceitar em seu nome uma das melhores abadias dos arredores de Paris. O mais rico dos vossos paroquianos nunca vos viu, mas é vos mais dedicado do que imaginais; é o marquês de La Mole. “

Sem que o suspeitasse, o severo abade Pirard amava aquele seminário, povoado pelos seus inimigos, e ao qual há quinze anos consagrava todos os seus pensamentos. A carta do senhor de La Mole foi para ele como que a

aparição do cirurgião encarregado de fazer uma operação cruel e necessária. A sua destituição era certa. Marcou audiência ao intendente para dali a três dias.

Durante quarenta e oito horas sofreu a febre da incerteza. Por fim, escreveu ao marquês e compôs, para o senhor bispo, uma carta, obra-prima de estilo eclesiástico, mas um pouco longa.

Seria difícil encontrar frases mais irrepreensíveis e reveladoras de um respeito mais sincero. E, contudo, esta carta, destinada a dar uma hora difícil ao senhor de Frilair, diante do seu superior, contava todos os motivos graves de queixas e descia até às pequenas partidas mesquinhas que, depois de terem sido suportadas com resignação durante seis anos, forçavam o abade Pirard a deixar a diocese.

Roubavam-lhe a lenha, envenenaram-lhe o cão, etc., etc.

Depois de acabar a carta mandou acordar Julião, que, às oito horas da noite, dormia já, bem como todos os outros seminaristas.

- Sabe onde é o paço do bispo? - disse-lhe, em belo estilo latino. - Leve esta carta a monsenhor. Não vos dissimularei que vos envio para o meio dos lobos. Seja todo-olhos e todo-ouvidos. Nada de mentiras nas suas respostas, mas pense que os que o interrogarem talvez sintam uma alegria verdadeira em poder prejudicá-lo. Sinto-me contente, meu filho, por lhe dar oportunidade para esta experiência antes de o deixar, pois não lhe escondo que a carta que leva é a minha demissão.

Julião ficou imóvel. Estimava o abade Pirard. A prudência bem lhe dizia:

“Depois da partida deste homem honesto o partido do Sagrado Coração vai desagradar-me e talvez expulsar-me.”

Mas não podia pensar em si. O que o embaraçava era uma frase que queria arranjar, de forma delicada, e realmente lhe não acudia ao espírito.

- Então, meu amigo, não parte?

- É que dizem, senhor- respondeu Julião, timidamente -, que durante a vossa longa administração nada conseguistes amealhar. Tenho seiscentos francos.

As lágrimas impediram-no de continuar.

- Isso também será assinalado - disse, friamente, o ex-reitor do seminário. - Vá ao paço; faz-se tarde. O acaso quis que nessa noite o abade de Frilair estivesse de serviço no salão do bispado; monsenhor jantava na prefeitura. Foi, portanto, ao próprio senhor de Frilair que Julião entregou a carta, mas não o conhecia.

Viu, com espanto, aquele sacerdote abrir audazmente a carta dirigida ao bispo. A bela fisionomia do vigário-mor exprimiu, em breve, surpresa misturada com grande prazer, e redobrou de gravidade. Enquanto ele lia,

Julião, notando a sua boa aparência, teve tempo para o examinar. O seu rosto mostraria maior gravidade sem a finura extrema de certos traços, que teria ido até denotar falsidade se o dono daquela bela máscara tivesse cessado um instante sequer de se ocupar com ela. O nariz muito avançado formava uma linha recta, e dava, por infelicidade, a um perfil, de resto bastante distinto, uma irremediável parecença com um focinho de raposa. Aliás, aquele abade, que parecia tão ocupado com a demissão do senhor Pirard, estava vestido com uma elegância que agradou muito ao rapaz, que nunca a vira em padre algum.

Julião só muito mais tarde veio a saber qual era o talento especial do abade de Frilair. Sabia divertir o seu bispo, velho amável feito para viver em Paris, e que considerava Besançon um exílio. O senhor bispo via mal e gostava muito de peixe. O abade de Frilair tirava as espinhas ao peixe que serviam a monsenhor.

Julião fitava, em silêncio, o padre, que relia a carta, quando a porta se abriu com estrondo. Um lacaios vestido luxuosamente passou rapidamente. Julião só teve tempo de se voltar para a porta; viu um velhinho que trazia uma cruz peitoral.

Ajoelhou-se: o bispo dirigiu-lhe um sorriso de bondade e passou. O elegante abade seguiu-o e o rapaz ficou sozinho no salão, cuja magnificência devota pôde admirar à vontade.

O bispo de Besançon, homem de espírito experimentado, mas que as longas misérias de emigração não haviam apagado, tinha mais de setenta e cinco anos, e inquietava-se muitíssimo pouco com o que viria a suceder dentro de dez.

- Quem é este seminarista, de olhar fino, que creio ter visto quando passei?  
- interrogou o bispo. - Segundo o meu regulamento, não deviam estar todos deitados a esta hora?

- Este está bem acordado, juro-lhe, monsenhor, e traz uma grande novidade: é a demissão do único jansenista que resta na vossa diocese.

- Pois bem - disse o bispo rindo -, desafio-o a substituí-lo por um homem que o valha. E, para nos mostrar o valor desse homem, convido-o para jantar comigo amanhã.

O vigário-mor quis ainda dar algumas sugestões sobre a escolha do sucessor. Mas o prelado, pouco disposto a falar de negócios, disse-lhe:

- Antes de esse outro entrar tentemos saber a razão por que este se vai embora. Mande entrar o seminarista; a verdade anda na boca das crianças.

Julião foi chamado: "Vou ver-me no meio de dois inquisidores", pensou. Nunca se sentira com tanta coragem.

No momento em que entrou, dois criados de quarto, mais bem vestidos do que o próprio senhor Valenod, despiam monsenhor.

Este, antes de chegar ao assunto do abade Pirard, julgou dever interrogar Julião sobre os seus estudos. Falou um pouco de dogma, e ficou admirado. Dentro em breve chegou às humanidades, a Virgílio, a Horácio, a Cícero. “Estes nomes”, pensou Julião, “valeram-me o meu número 198. Nada tenho a perder, tentemos brilhar.” E conseguiu-o; o prelado, que era um excelente humanista, ficou encantado.

No jantar da prefeitura, uma rapariga, justamente célebre, recitara o poema da Madeleine. Gostava de falar de literatura, e depressa esqueceu o abade Pirard e todas as questões para discutir com o seminarista se Horácio era rico ou pobre. O bispo citou odes, mas, às vezes, a sua memória era preguiçosa, e imediatamente Julião recitava a ode inteira, com ar modesto; o que impressionou o prelado foi que o rapaz não saía do tom de conversa; dizia vinte ou trinta versos latinos, como se falasse do que se passava no seu seminário. Falaram durante muito tempo de Virgílio e de Cícero. Por fim, o prelado não pôde deixar de felicitar o jovem seminarista.

- É impossível ter feito melhores estudos!

- Monsenhor - respondeu-lhe o rapaz -, o vosso seminário pode oferecer-vos cento e noventa e sete alunos bem menos indignos da vossa alta aprovação.

- Como? - perguntou o bispo, admirado com aquele número.

- Posso provar com um documento o que tenho a honra de dizer a monsenhor. No exame anual do seminário, respondendo precisamente sobre as matérias que neste momento me valem a aprovação de monsenhor, obtive o número cento e noventa e oito.

- Ah! É o preferido do abade Pirard - disse o bispo rindo, e fitando o senhor de Frilair -; devíamos esperá-lo; mas é boa tática; não é verdade, meu amigo - acrescentou, dirigindo-se ao rapaz -, que o foram acordar para o mandar aqui?

- Sim, monsenhor, só saí sozinho do seminário uma única vez na minha vida, para ir ajudar o senhor abade Chas Bernard a ornamentar a catedral no dia da Festa do Corpo de Deus.

- Ótimo! O quê? Fostes vós que destes prova de tanta coragem colocando os ramos de plumas sobre o baldaquino? Todos os anos me fazem estremecer; receio sempre que me custem a vida de um homem. Meu amigo, ireis longe; não quero terminar a vossa carreira, que será brilhante, fazendo-vos morrer de fome.

E mandou vir biscoitos e vinho de Málaga, aos quais Julião fez honra, e ainda mais o abade de Frilair, que sabia que o seu bispo gostava de ver comer com alegria e bom apetite.

O prelado, cada vez mais contente com o fim do seu serão, falou um

pouco de história eclesiástica. Viu que Julião não compreendia. Passou depois ao estado moral do Império Romano sob os imperadores do século de Constantino. O fim do paganismo era acompanhado por aquele estado de inquietação e de dúvida que, no século XIX, desola os espíritos tristes e desgostosos. Monsenhor notou que Julião ignorava quase que até o nome de Tácito.

O seminarista respondeu candidamente, com espanto do prelado, que não havia aquele autor na biblioteca do seminário.

- Fico bem contente com isso - disse o bispo, alegremente. - Tira-me de embarços; há dez minutos que procuro o meio de vos agradecer o agradável serão que me proporcionastes de tão imprevista maneira. Não esperava encontrar um doutor num aluno do meu seminário. Apesar de a dádiva não ser muito canónica, quero oferecer-vos um Tácito.

O prelado mandou trazer oito volumes magnificamente encadernados, e quis ele próprio escrever, sobre o título do primeiro, uma saudação em latim para Julião Sorel. O bispo prezava-se de boa latinidade; acabou por lhe dizer com um tom sério que contrastava com o resto da conversa:

- Rapaz, se tiverdes juízo tereis um dia a melhor abadia da minha diocese, e não a cem léguas do meu palácio episcopal; mas é preciso ter juízo.

Julião, cheio de admiração, e carregado com os seus volumes, saiu do bispado ao soar da meia-noite.

Monsenhor não dissera uma palavra a respeito do abade Pirard. Julião estava sobretudo espantado com a extrema delicadeza do bispo. Nunca vira uma tal sensibilidade de modos reunida a um ar de dignidade tão natural. Notou sobretudo o contraste ao tornar a ver o sombrio abade Pirard, que o esperava cheio de impaciência.

- Quid tibi dixerunt? (Que vos disseram?) - gritou-lhe, com voz forte, mal o viu ao longe.

Custava-lhe um pouco a traduzir em latim o discurso do bispo.

- Fale francês e repita as próprias palavras de monsenhor, sem acrescentar nada, nem nada tirar - disse o ex-reitor do seminário, com o seu tom duro e as suas maneiras deselegantes.

- Que presente extraordinário da parte de um bispo para um jovem seminarista! - dizia, folheando o soberbo Tácito, cuja lombada dourada parecia causar-lhe horror.

Batiam duas horas quando, depois de uma narrativa bem pormenorizada, deu licença ao aluno favorito para ir para o quarto.

- Deixe-me o primeiro volume do seu Tácito, onde estão as palavras de louvor que o bispo escreveu a seu respeito - disse-lhe. - Essa frase latina será o

seu pára-raios nesta casa depois da minha partida.

*Erit tibi, mi, successor meus tanquam leo quoderens quem devoret.* (Porque para ti, meu filho, o meu sucessor será como um leão furioso, procurando alguém para devorar.)

Na manhã seguinte, Julião notou alguma coisa de estranho na forma como os seus condiscípulos lhe falavam. Encheu-se ainda mais de reserva. “Aqui está”, pensou, “o efeito da demissão do senhor Pirard. Já é conhecida em toda esta casa e eu tenho fama de ser seu favorito. Estes modos devem ser uma espécie de insulto.” Mas não conseguia descobrir onde este estava. Havia, pelo contrário, ausência de ódio nos olhos de todos os que encontrava nos dormitórios: “Que quererá isto dizer? E, com certeza, uma ratoeira. Joguemos forte.” Por fim, o seminaristazinho de Verrières disse-lhe, rindo:

- *Cornelii Taciti opera omnia.* (Obras completas de Tácito.)

Ao ouvirem estas palavras, todos, como que ao despique, cumprimentaram Julião, não somente pelo magnífico presente que recebera de monsenhor, mas também pela conversa de duas horas com que fora honrado. Conheciam até os mínimos pormenores. Daquele momento em diante não houve mais inveja; fizeram-lhe a corte com baixeza. O abade Castanède, que ainda na véspera o tratava com a maior das insolências, pegou-lhe no braço e convidou-o para almoçar.

Por uma fatalidade do carácter de Julião, a insolência desses seres grosseiros causou-lhe muito desgosto; a sua baixeza fez-lhe nojo sem lhe dar prazer algum.

Perto do meio-dia, o abade Pirard despediu-se dos alunos, não sem lhes dirigir uma severa alocução.

- Quereis as honras no mundo, todas as vantagens sociais, o prazer de comandar, o de troçar das leis e ser impunemente insolentes para todos? Ou então quereis a vossa salvação eterna? Os menos avançados de entre vós só têm de abrir os olhos para distinguir os dois caminhos.

Mal saiu, os devotos do Sagrado Coração de Jesus foram entoar um Te Deum na capela. Ninguém no seminário tomou a sério a alocução do ex-reitor. “Está furioso com a sua destituição”, diziam de todos os lados. Nem um único seminarista teve a ingenuidade de acreditar na demissão voluntária de um lugar que proporcionava tão boas relações com os grandes fornecedores.

O abade Pirard foi instalar-se na melhor hospedaria de Besançon; e, com o pretexto de negócios que não tinha, quis ali passar dois dias.

O bispo convidara-o para jantar, e, para troçar do vigário-mor de Frilair, procurava fazê-lo brilhar. Estavam na sobremesa quando chegou de Paris a estranha novidade de que o abade Pirard estava nomeado para a magnífica

paróquia de..., a vinte quilômetros da capital. O bom prelado felicitou-o sinceramente. Viu em todo este negócio uma partida bem feita que o pôs de bom humor e lhe fez ter ainda melhor opinião acerca dos talentos do abade. Deu-lhe um certificado magnífico em latim e impôs silêncio ao abade de Frilair, que lhe fazia algumas observações.

À noite, monsenhor levou a sua admiração até casa da senhora marquesa de Rubempré. Foi uma grande novidade para a alta sociedade de Besançon; perdiam-se em conjecturas a propósito desta extraordinária mercê. Já viam o abade Pirard bispo. Os mais espertos julgavam o senhor de La Mole ministro, e nesse dia atreveram-se a sorrir dos ares majestosos que o abade de Frilair mostrava na sociedade.

No dia seguinte de manhã quase que seguiam pelas ruas o abade Pirard, e os comerciantes vinham à porta dos seus estabelecimentos quando ele foi falar aos juízes do marquês; pela primeira vez estes o receberam com delicadeza. O severo jansenista, indignado com tudo o que via, teve uma longa conferência com os advogados que escolhera para o senhor de La Mole, e partiu para Paris. Teve a fraqueza de dizer a dois ou três amigos do colégio, que o acompanharam até à carruagem, cujo brasão admiraram, que, depois de ter administrado o seminário durante quinze anos, deixava Besançon com quinhentos e vinte francos de economias. Estes amigos abraçaram-no a chorar e disseram entre si: "O bom do abade podia evitar esta mentira; é de um ridículo absurdo."

A gente vulgar, cega pelo amor do dinheiro não era capaz de compreender que fora na sua sinceridade que o abade Pirard achara a força necessária para lutar durante seis anos contra Maria Alacoque, o Sagrado Coração de Jesus, os jesuítas e o seu bispo.

## UM AMBICIOSO

*Existe só um título de nobreza: duque;  
marquês é ridículo.*

*À palavra duque toda a gente volta a cabeça.*

Edinburgh Review

O marquês de La Mole recebeu o abade Pirard sem nenhuma daquelas atitudes de grande senhor, tão delicadas mas tão impertinentes para quem as compreende. Teria sido tempo perdido, e estava suficientemente inteirado dos assuntos para não ter tempo a perder.

Há seis meses que intrigava para fazer aceitar ao mesmo tempo ao rei e à nação um certo ministério, que, por reconhecimento, o faria duque. Pedia em vão, há longos anos, ao seu advogado de Besançon um trabalho claro e preciso sobre os seus processos do Franco Condado. Como é que um advogado célebre lhos teria explicado, se ele próprio os não compreendia? O pequeno quadrado de papel que o abade lhe entregou esclarecia tudo.

- Meu caro abade - disse o marquês, depois de ter despachado em menos de cinco minutos todas as formas de polidez e todas as perguntas acerca de assuntos pessoais. - Meu caro abade, no meio da minha suposta prosperidade falta-me tempo para me ocupar seriamente com duas pequenas coisas, contudo, bastante importantes: a minha família e os meus negócios. Trato por alto dos bens da minha casa; posso levá-los longe; cuido dos meus prazeres, que é o que deve ser colocado adiante de tudo, pelo menos a meus olhos - acrescentou, surpreendendo um certo espanto nos do abade Pirard. Apesar de ser homem de bom senso, o ex-reitor do seminário estava maravilhado por ver um velho falar tão francamente dos seus prazeres.

- Não há dúvida de que o trabalho existe em Paris - continuou o fidalgo -, mas empoleirado no quinto andar; e, mal me aproximo de um homem, este aluga aposentos no segundo, e a mulher marca um dia para a recepção; a consequência disto é que o trabalho acabou e os únicos esforços são para parecer um homem de sociedade. É esta a sua única preocupação logo que tem

pão. Para os meus processos, ou, falando com exactidão, para cada processo separadamente, tenho advogados que se matam. Anteontem morreu-me um, doente do peito. Mas para os meus negócios em geral poderá o senhor acreditar que há três anos renunciei a achar um homem que, enquanto escreve para mim, se digne pensar um pouco a sério no que faz? Mas afinal tudo isto é apenas um prefácio.

“Estimo-vos, e ousarei acrescentar, apesar de vos ver pela primeira vez, que sou vosso amigo. Quereis ser meu secretário, com oito mil francos de ordenado ou então com o dobro? Ainda ganharei com isso, juro-vos, e comprometo-me a conservar-vos a vossa bela abadia no dia em que deixarmos de convir um ao outro.

O abade recusou; mas, no fim da conversa, o embaraço verdadeiro em que via o marquês sugeriu-lhe uma ideia.

- Deixei no fundo do meu seminário um pobre rapaz, que, se me não engano, vai ser bastante perseguido. Se fosse um simples religioso já estaria *in pace*.

“Até aqui este rapaz só sabe o latim e a Santa Escritura; mas não é impossível que um dia demonstre grandes talentos, seja para a prédica seja para a direcção das almas. Ignoro o que fará; mas tem o fogo sagrado, pode ir longe. Tencionava dá-lo ao nosso bispo se algum dia nos viesse algum que tivesse um pouco a vossa maneira de ver os homens e os negócios.

- De onde veio esse rapaz? - indagou o marquês.

- Dizem que é filho de um carpinteiro das nossas montanhas, mas julgá-lo-ia antes filho natural de algum homem rico. Vi-lhe receber uma carta anónima ou pseudónima com um cheque de quinhentos francos.

- Ah! É Julião Sorel- disse o marquês.

- Como soubeste o seu nome? - disse o abade admirado e enquanto corava por ter feito aquela pergunta

- Não vo-lo direi - respondeu o senhor de La Mole.

- Pois bem! poderíeis tentar fazê-lo vosso secretário. Tem energia, juízo; numa palavra: é uma experiência a tentar.

- Porque não? Mas será homem para deixar que as mãos lhe sejam untadas pelo prefeito da polícia ou por qualquer outro que o faça espião em minha casa? Eis a minha única objecção.

Depois de ouvir as informações favoráveis do abade Pirard, o marquês pegou numa nota de mil francos:

- Mande este dinheiro a Julião Sord; mande-mo vir.

- Bem se vê que habitais Paris. Não conheceis a tirania que pesa sobre nós, pobres provincianos, e em especial sobre os padres que não são amigos dos

jesuítas. Não quererão deixar partir Julião Sorel, saberão desculpar-se com os mais hábeis pretextos. Responder-me-ão que está doente, que o correio perdeu as cartas, etc., etc.

- Um destes dias pedirei a um ministro uma carta para o bispo - disse o marquês.

- Esquecia-me de uma precaução: este rapaz, apesar de ser de origem humilde, tem o coração altivo; não será recomendável ferir o seu orgulho; torná-lo-eis estúpido.

- Isso agrada-me - disse o marquês -, farei dele o camarada do meu filho, creio que bastará.

Algum tempo depois, Julião recebeu uma carta de letra desconhecida e com o carimbo de Chalon, com uma ordem de pagamento sobre um comerciante de Besançon e o aviso para ir a Paris sem demora. A carta era assinada com um nome suposto, mas ao abri-la, Julião estremeceu: uma folha de árvore caíra a seus pés; era o sinal que convencionara com o abade Pirard.

Menos de uma hora depois Julião foi chamado ao bispado, onde se viu acolhido com uma bondade paternal. Citando Horácio, monsenhor fez-lhe, sobre os altos destinos que o esperavam em Paris, cumprimentos bastante hábeis e que, para agradecimento, pediam explicações. Julião nada pôde dizer, primeiro porque nada sabia, e monsenhor ficou a considerá-lo bastante. Um dos padres do bispado escreveu ao presidente, que se apressou a trazer ele próprio um passaporte assinado, mas em que tinha deixado em branco o nome do viajante.

Antes da meia-noite Julião estava em casa de Fouqué, cujo espírito sensato ficou mais surpreendido do que encantado com o futuro que parecia esperar o seu amigo.

- Isso acabará para ti - disse aquele eleitor liberal - num lugar do governo, que te obrigará a actos que serão vilipendiados nos jornais. Terei notícias tuas pelas coisas que te envergonhem. Lembra-te que, mesmo financeiramente falando, vale mais ganhar cem luíses num bom negócio de madeira, de que se é patrão, do que receber quatro mil francos de um governo, nem que fosse o de um rei Salomão.

Julião viu apenas em tudo isto a pequenez de um burguês provinciano. Ia enfim aparecer no tablado dos grandes acontecimentos. A felicidade de ir para Paris, que julgava povoado de gente de espírito bastante intrigante, bastante hipócrita, mas tão delicados como o bispo de Besançon e o de Adge, tudo eclipsava a seus olhos. Apresentou-se ao amigo como que privado do seu livre arbítrio pela carta do abade Pirard.

No dia seguinte, ao meio-dia, chegou a Verrières, sentindo-se o mais feliz

dos homens.

Contava ver a senhora de Rênal. Foi primeiro a casa do seu protector, o bom abade Chélan. Este fez-lhe um acolhimento severo.

- Julga dever-me alguma obrigação - disse-lhe, sem corresponder ao seu cumprimento. - Vá almoçar comigo e entretanto irão alugar-lhe um outro cavalo, e deixará Verrières sem ver mais ninguém.

- Ouvir é obedecer - respondeu Julião com o ar humilde de seminarista. Depois disto só se falou de teologia e da boa latinidade.

Montou a cavalo, andou uma légua, depois do que, vendo um bosque e verificando que ninguém o veria lá entrar, embrenhou-se nele. Ao sol posto mandou o cavalo embora. Mais tarde entrou em casa de um camponês, que concordou em vender-lhe uma escada e em segui-lo, levando-o até ao pequeno bosque que domina a Alameda da Fidelidade, em Verrières.

- Sou um pobre refractário... ou um contrabandista - disse o camponês, despedindo-se dele -, mas que importa! A minha escada está bem paga, e eu próprio também já tenho andado por caminhos tortos algumas vezes.

A noite estava muito escura. Perto da uma hora da manhã Julião, carregado com a escada, entrou em Verrières. Desceu, logo que pôde, para o leito da torrente que atravessa os magníficos jardins do senhor de Rênal a uma profundidade de três metros, contida entre dois muros. Julião subiu facilmente à escada. "Que acolhimento me farão os cães de guarda", pensou. "A dificuldade está nisso." Os cães ladraram e correram sobre ele; mas assobiou devagarinho e vieram acariciá-lo.

Subindo então de terraço para terraço, apesar de todos os portões estarem fechados, foi-lhe fácil chegar até debaixo da janela do quarto da senhora de Rênal, que, do lado do jardim, ficava apenas a três ou quatro metros acima do solo.

Havia nas portadas das janelas uma pequena abertura em forma de coração, que Julião conhecia bem. Com grande desgosto seu essa pequena abertura não estava iluminada pela luz interior de uma lamparina.

"Santo Deus!", disse para consigo, "o quarto não está esta noite ocupado pela senhora de Rênal! Onde estará ela deitada?"

A família está em Verrières, visto que encontrei os cães; mas posso encontrar neste quarto sem lamparina o próprio senhor de Rênal ou um estranho, e então que escândalo!"

O mais prudente era retirar-se; mas isto contrariava Julião.

"Se é um estranho, fugirei a correr, abandonando a minha escada; mas se é ela que recepção me espera? Caiu no arrependimento e na maior devoção; não

posso duvidar disso; mas, enfim, com certeza que ainda se lembra de mim, pois acaba de me escrever.” Esta razão decidiu-o.

Com o coração a tremer, mas contudo decidido a morrer ou a vê-la, começou a deitar pedrinhas contra a portada; não obteve resposta. Encostou a escada ao lado da janela e bateu ele próprio na madeira, primeiro devagarinho, depois com mais força. “Por mais escuro que esteja, podem disparar contra mim um tiro de espingarda”, pensou, e esta ideia reduziu o louco empreendimento a uma questão de bravura.

“O quarto esta noite está desabitado, ou então, seja quem for que aqui dorme, agora está acordado. Portanto nada de meias-medidas; é preciso somente tentar não ser ouvido pelas pessoas que dormem nos outros quartos.”

Desceu, colocou a escada encostada a uma das portadas, tornou a subir e passando a mão pela abertura em forma de coração teve a felicidade de encontrar depressa o fio de ferro preso ao fecho que segurava a portada. Puxou aquele fio; foi com uma alegria inexprimível que notou que a porta já não estava presa e cedia ao seu esforço. “É preciso abrir pouco a pouco e fazer com que reconheçam a minha voz.” Abriu o suficiente para passar a cabeça, repetindo em voz baixa: “É um amigo.”

Escutou para se certificar de que nada perturbava o silêncio do quarto; mas, na verdade, não havia lamparina sobre o fogão.

Era mau sinal.

“Cuidado com o tiro!”, reflectiu um pouco; depois, com o dedo usou bater no vidro: não obteve resposta alguma; bateu com mais força. “Mesmo que tenha de partir o vidro preciso de acabar com isto.” Ao bater com muita força julgou distinguir no meio da escuridão uma sombra branca atravessando o quarto.

Por fim, não teve dúvidas, notou uma sombra que parecia avançar com extrema lentidão. De repente viu uma face junto ao vidro contra o qual encostava a sua.

Estremeceu e afastou-se um pouco. Mas a noite estava tão escura que, mesmo a essa distância, não pôde distinguir se era a senhora de Rênal. Receava um primeiro grito de alarme; ouvia os cães rondar e rosnar à volta da escada. “Sou eu”, repetia quase em voz alta, “um amigo.” Não obteve resposta; o fantasma branco desaparecera. “Abra, por favor, preciso de lhe falar, sou infeliz!” E batia de tal maneira que quase quebrava o vidro.

Ouviu-se um ruídozinho seco; a aldraba da janela cedia; empurrou a vidraça e saltou com ligeireza para o quarto.

O fantasma branco afastava-se; agarrou-lhe nos braços; era uma mulher. Todas as suas ideias de coragem se desvaneceram. Se é ela, que irá dizer? Reconheceu por um pequeno grito que era a senhora de Rênal.

Apertou-a nos braços. Ela tremia e mal tinha força para o afastar.

- Desgraçado, que faz?!

A sua voz convulsiva mal podia articular estas palavras.

Julião viu nelas a maior indignação.

- Venho vê-la depois de catorze meses de uma cruel separação.

- Saia! Deixe-me imediatamente! Ah! senhor Chélan, porque me não deixou escrever-lhe! Teria evitado este horror. - Ela afastou-o com uma força verdadeiramente extraordinária. - Arrendo-me do meu crime; o céu dignou-se iluminar-me - respondeu numa voz entrecortada - Saia! Fuja!

- Depois de catorze meses de sofrimento, com certeza que a não deixarei sem lhe falar. Quero saber tudo o que me tem feito. Ah! Amei-a bastante para merecer esta confiança... Quero saber tudo.

Bem contra sua vontade, este tom de autoridade tinha poder sobre o coração da senhora de Rênal.

Julião, que a abraçava com paixão e dominava os esforços que ela empregava para se libertar, deixou de a apertar nos braços. Este movimento sossegou-a um pouco.

- Vou retirar a escada - disse ele - para que não a comprometa se algum criado, acordado com o ruído, fizer uma ronda.

- Ah, saia, saia, pelo contrário - disse-lhe com indignação. - Que me importam os homens? É Deus que vê esta horrível cena e me castigará. Abusa cobardemente dos sentimentos que tive por si, mas que morreram. Ouve, senhor Julião?

Este retirava a escada muito lentamente para não fazer barulho.

- O teu marido está na cidade? - disse-lhe, não para a provocar, mas levado pelo antigo hábito.

- Por favor não me fale assim, ou chamo o meu marido. Já sou bem culpada por não o ter expulso, sucedesse o que sucedesse. Tenho piedade de si - disse-lhe ela procurando ferir-lhe o orgulho, que sabia tão irritável.

Esta negação do tratamento por tu e a maneira brusca de quebrar um tão terno laço com o qual contava ainda levaram até ao delírio o ardor amoroso de Julião.

- O quê, será possível que já me não ame? - disse-lhe com uma daquelas expressões vindas do coração, tão difíceis de ouvir a sangue-frio.

Ela não respondeu; quanto a ele, chorava lágrimas amargas.

Na realidade nem tinha forças para falar.

- Fui completamente esquecido pelo único ser que algum dia me teve amor! Para que me serve viver?

Toda a coragem o abandonara desde que não tinha a recluir o encontro

com um homem; tudo desaparecera do seu coração, salvo o amor.

Durante muito tempo chorou em silêncio. Pegou-lhe na mão e ela quis retirá-la; e, contudo, depois de alguns movimentos quase convulsivos, abandonou-lha. A escuridão era completa; estavam ambos sentados sobre a cama da senhora de Rênal.

“Que diferença para o que sucedia há catorze meses!”, pensou Julião, e as suas lágrimas redobram. “Assim a ausência destrói implacavelmente todos os sentimentos humanos!”

- Peço-lhe que me diga o que é que lhe aconteceu - disse ele, por fim, embaraçado com o seu silêncio e com a voz entrecortada pelas lágrimas.

- Sem dúvida - respondeu a senhora de Rênal com voz dura e cuja entoação tinha qualquer coisa de seco e de censura para Julião -, os meus desvairios eram conhecidos na cidade quando partiu. Tinha havido tanta imprudência na sua maneira de agir!

Algum tempo depois, quando eu estava cheia de desespero, o respeitável abade Chélan veio visitar-me. Foi em vão que durante muito tempo tentou obter uma confissão. Um dia, lembrou-se de me levar à igreja de Dijon, onde eu fizera a primeira comunhão. Ali ousou ser ele o primeiro a falar-me...

- A senhora de Rênal foi interrompida pelas suas lágrimas. - Que momento de vergonha! Confessei tudo. Aquele homem tão bom teve a caridade de não me acabrunhar com o peso da sua indignação. Sofreu comigo. Nesse tempo eu escrevia-lhe todos os dias cartas que não ousava enviar-lhe; escondia-as cuidadosamente e, quando me sentia muito infeliz, fechava-me no meu quarto e relia essas cartas.

Por fim, o senhor Chélan conseguiu que eu lhas entregasse... Algumas, escritas com um pouco mais de prudência, tinha-as eu enviado para si; não me respondeu.

- Nunca, juro-te que nunca recebi carta alguma tua no seminário.

- Santo Deus! Quem as terá interceptado?

- Avalia a minha dor antes daquele dia que te vi na catedral; nem sabia se tu ainda vivias.

- Deus fez-me a mercê de compreender quanto receava para com ele, para com meus filhos, para com meu marido - continuou ela. - Ele nunca me teve amor como eu julgava que o senhor me tinha...

Julião correu para os seus braços, realmente sem intenção e fora de si. Mas a senhora de Rênal afastou-o e continuou com firmeza:

- O meu respeitável amigo senhor Chélan fez-me compreender que casando com o senhor de Rênal lhe tinha votado todas as minhas afeições, mesmo as que não conhecia ainda e as que nunca sentira antes de uma ligação fatal...

Desde o grande sacrifício daquelas cartas, que me eram tão queridas, a minha vida decorreu, se não com felicidade, pelo menos com alguma tranquilidade. Não a perturbe; seja para mim um amigo, o melhor dos meus amigos.

Julião cobriu de beijos as suas mãos; ela sentiu que ele ainda chorava.

- Não chore mais... Faz-me pena... Agora diga-me também o que tem feito.

- Julião não podia falar. - Quero saber como era a sua vida no seminário - repetia ela - e depois ir-se-á embora.

Sem pensar no que dizia, Julião falou das intrigas e das invejas sem número que encontrara primeiro, depois da sua vida mais tranquila desde que fora nomeado explicador.

- Foi então - acrescentou - que, depois de um longo silêncio, que com certeza era destinado a fazer-me compreender o que hoje vejo bem de mais, que já me não tinha amor e me tornara para si um indiferente... - a senhora de Rênal apertou-lhe as mãos - foi então que me enviou os quinhentos francos.

- Nunca - disse a senhora de Rênal.

- Era uma carta com o carimbo de Paris e assinada Paulo Sorel, para despistar todas as suspeitas.

Seguiu-se uma pequena discussão sobre a possível origem daquela carta. A situação mudou. Sem o saberem, a senhora de Rênal e Julião tinham abandonado o tom solene; tinham voltado ao de uma terna amizade. Não se viam, tal era a escuridão, mas o som da voz dizia tudo. Julião passou-lhe o braço à roda da cintura; era um gesto perigoso. Ela tentou afastar o braço de Julião, que, com bastante habilidade, chamou a sua atenção nesse momento para uma circunstância interessante da sua narrativa. Esse braço foi como que esquecido e ficou na posição que ocupava.

Depois de várias conjecturas sobre a origem da carta dos quinhentos francos, Julião continuava; tornava-se um pouco mais senhor de si falando da sua vida passada, que, em comparação com o que sucedia naquele instante, o interessava bem pouco. A sua atenção fixou-se inteiramente sobre a forma como iria acabar a sua visita. De tempos a tempos ela continuava a dizer-lhe: "Tens de sair", com uma entoação seca.

"Que vergonha para mim se sou posto fora! Será um desgosto que envenenará toda a minha vida", dizia para consigo, "ela nunca mais voltará a escrever-me. Sabe Deus quando voltarei a esta terra!" A partir daquele momento tudo o que havia de elevado na posição de Julião desapareceu rapidamente do seu coração. Estava ao lado de uma mulher que adorava, apertando-a quase nos braços, naquele quarto onde tinha sido tão feliz, no meio de uma escuridão profunda, compreendendo muito bem que desde há momentos ela chorava, sentindo, pelo movimento do peito, que soluçava; teve a desgraça de se tornar

um calculista frio, quase tão frio como quando, no pátio do seminário, se via alvo de qualquer brincadeira da parte de algum camarada mais forte do que ele. Julião alongava a sua narrativa e falava da vida desgraçada que levava desde a sua partida de Verrières. “Assim”, dizia para consigo a senhora de Rênal, “depois de um ano de ausência, privado quase inteiramente de provas de que eu me recordava dele, enquanto eu o esquecia, ele só pensava nos dias felizes que tivera em Vergy.” Os seus soluços redobram. Julião viu o êxito da sua narrativa. Compreendeu que era preciso tentar o último recurso: falou bruscamente da carta que acabava de receber de Paris.

- Despedi-me do senhor bispo.

- O quê, não volta para Besançon?! Deixa-nos para sempre?

- Sim - respondeu Julião em tom resolutivo -, sim, abandono uma terra onde sou esquecido até de quem mais amei na vida, e deixo-a para nunca mais a tornar a ver. Vou para Paris...

- Vais para Paris! - exclamou quase em voz alta a senhora de Rênal.

A sua voz, quase abafada pelas lágrimas, provava a sua grande perturbação. Julião tinha necessidade de assim ser encorajado; ia fazer uma tentativa que podia resultar contra ele; e antes desta exclamação ignorava o efeito que poderia produzir. Não hesitou mais; o receio do remorso dava-lhe completo domínio sobre si; acrescentou, friamente, erguendo-se:

- Sim, minha senhora, deixo-a para sempre. Seja feliz, adeus.

Deu alguns passos para a janela; já a abria. A senhora de Rênal correu para ele e precipitou-se-lhe nos braços.

Assim, depois de um diálogo de três horas, Julião obteve o que desejava com tanta paixão durante as duas primeiras. Se a volta aos sentimentos ternos e o eclipse dos remorsos na senhora de Rênal tivessem chegado um pouco mais cedo, teriam sido para ele uma felicidade divina; assim, obtidos com arte, foram apenas um prazer. Apesar de ela lhe pedir com insistência que não acendesse a lamparina, quis absolutamente fazê-lo.

- Então queres - dizia-lhe ele - que não me fique recordação alguma de te ter visto? O amor que está nos teus olhos encantadores ficará então perdido para mim? Não poderei ver a brancura desta linda mão? Pensa que te deixo por muito tempo talvez!

A senhora de Rênal não podia negar coisa alguma a esta ideia que a fazia chorar, mas a madrugada começava a desenhar os contornos dos pinheiros da montanha a oriente de Verrières. Em lugar de se ir embora, Julião, embriagado pela volúpia, pediu à senhora de Rênal para passar todo o dia escondido no seu quarto e só partir na noite seguinte.

- E porque não? - respondeu ela. - Esta fatal recaída tira-me toda a estima

que tenho por mim e faz a minha desgraça para sempre - dizia, apertando-o contra o coração. - O meu marido já não é o mesmo, tem suspeitas; julga que o enganei em tudo isto e mostra-se bastante ressentido contra mim. Se ouvir o menor barulho estou perdida, expulsar-me-á como uma desgraçada que sou.

- Ah! Aí está uma frase do senhor Chélan - disse Julião -; não me falarias assim antes da cruel partida para o seminário: é que então amavas-me!

Julião foi recompensado do sangue-frio que pusera nestas palavras: viu a sua amante esquecer subitamente o perigo que o marido representava, para pensar no perigo ainda maior de ver Julião duvidar do seu amor. O dia nascia rapidamente e iluminava o quarto; Julião voltou a encontrar todas as voluptuosidades do orgulho quando pôde tornar a ver nos seus braços e quase a seus pés aquela mulher encantadora, a única que amara e que, poucas horas antes, estava toda entregue ao receio de um Deus terrível e ao respeito dos seus deveres.

Resoluções fortificadas por um ano de constância não tinham resistido ante a sua coragem.

Pouco depois ouviu-se ruído na casa, e uma coisa em que não pensara veio perturbar a senhora de Rênal.

- A maldosa da Elisa vai entrar no quarto; que se há-de fazer a esta enorme escada? - dizia ao amante.- Onde a hei-de esconder? Vou levá-la para o sótão - exclamou, de repente, com uma espécie de jovialidade.

- Mas é preciso passar pelo quarto do criado - disse Julião, admirado.

- Deixarei a escada no corredor, chamarei o criado e mandá-lo-ei fazer um recado.

- Pensa numa explicação, se por acaso o criado vir a escada.

- Sim, meu anjo - respondeu, dando-lhe um beijo. - Tu pensa em te esconderes depressa debaixo da cama se durante a minha ausência Elisa entrar aqui.

Julião ficou admirado com aquela alegria súbita. "Assim", pensou, "a proximidade de um perigo material, longe de a perturbar, dá-lhe alegria, porque esquece os seus remorsos! Mulher verdadeiramente superior! Ah!, é um coração no qual dá glória reinar!" Julião estava encantado.

A senhora de Rênal pegou na escada; evidentemente era muito pesada para ela. Julião ia ajudá-la; admirava aquele corpo elegante que estava longe de revelar força, quando, de repente, ela, sem ajuda, pegou na escada e a levou como se fosse uma cadeira. Levou-a rapidamente para o corredor do terceiro andar e deitou-a ao longo da parede. Chamou o criado e, para lhe dar tempo de se vestir, subiu ao pombal. Cinco minutos depois, quando voltou ao corredor, já não achou a escada. Que teria sido feito dela? Se Julião estivesse fora de casa aquele perigo não a preocuparia. Mas naquela ocasião, se o marido via a

escada? Este incidente podia ser terrível. A senhora de Rênal correu por toda a parte. Por fim, descobriu-a debaixo do telhado para onde o criado a levava e aí a escondera. Esta circunstância era estranha; noutra ocasião tê-la ia alarmado. “Que me importa”, pensou, “o que pode vir a acontecer dentro de vinte e quatro horas, quando Julião tiver partido? Não será então tudo para mim apenas remorso e horror?”

Tinha como que uma vaga ideia de que devia morrer, mas que importa! Depois da separação que julgara eterna, recuperara-o, tornara a vê-lo, e o que ele fizera para chegar até ela mostrava tanto amor!

Ao contar a Julião o que acontecera com a escada disse-lhe:

- Que responderei a meu marido se o criado lhe conta que encontrou aquela escada? - Reflectiu um instante. - Ser-lhe-ão necessárias vinte e quatro horas para descobrir o camponês que ta vendeu. - Lançando-se nos braços de Julião e apertando-o num movimento convulsivo. - Ah! morrer, morrer assim! - exclamava ela, cobrindo-o de beijos. - Mas é preciso que não morras de fome - disse rindo. - “Vem; primeiro vou-te esconder no quarto da senhora Derville, que está sempre fechado à chave. - Foi espreitar ao fundo do corredor, e Julião passou a correr. - Livra-te de abrir se baterem - disse, fechando-o à chave -; poderia ser apenas uma partida das crianças, brincando umas com as outras.

- Faz com que venham ao jardim, debaixo da janela - disse Julião -, para que eu tenha o prazer de as ver, e faz com que falem.

- Sim, sim - gritou-lhe a senhora de Rênal, afastando-se.

Voltou pouco depois, com laranjas, biscoitos e uma garrafa de vinho de Málaga; fora impossível trazer pão.

- Que faz o teu marido? - indagou ele.

- Toma notas sobre os negócios com os camponeses.

Mas tinham batido oito horas e faziam muito barulho na casa. Se não vissem a senhora de Rênal, procurá-la-iam por toda a parte; teve de o deixar. Dali a pouco tornou a vir, contra a prudência, trazendo-lhe uma chávena de café. Temia que morresse de fome. Depois do almoço conseguiu levar as crianças para debaixo da janela do quarto da senhora Derville. Julião achou-as muito crescidas, mas tinham tomado um ar vulgar ou então as suas ideias haviam mudado. A senhora de Rênal falou-lhes do antigo preceptor. O mais velho respondeu com amizade e saudoso dele; quanto aos mais novos, quase o haviam esquecido.

O senhor de Rênal não saiu naquela manhã; subia e descia sem descanso, ocupado em tratar de negócios com uns camponeses, a quem vendia a colheita das batatas. Até ao jantar a senhora de Rênal não teve um instante disponível para o seu prisioneiro. Depois lembrou-se de tirar para ele um prato de sopa

quente.

Quando se aproximava sem ruído da porta do quarto onde o metera, levando o prato com precaução, achou-se frente a frente com o criado que escondera a escada naquela manhã.

Avançava também sem ruído pelo corredor e como que escutando.

Provavelmente, Julião caminhara com imprudência. O homem afastou-se um pouco envergonhado. A patroa entrou audazmente na divisão onde estava o amante; a descrição daquele encontro fê-lo estremecer.

- Tens medo - disse-lhe ela -; eu enfrentaria todos os perigos do mundo sem pestanejar. Só receio uma coisa: o momento em que me vir sozinha depois da tua partida. - E saiu a correr.

- Ah! - exclamou Julião exaltado - o único perigo que esta alma sublime receia é o remorso!

Enfim, chegou a noite, e o senhor de Rênal foi ao Casino.

A mulher dissera que estava com uma enxaqueca horrível; retirou-se para o quarto, apressou-se a mandar embora Elisa e levantou-se bem depressa para ir abrir a porta a Julião.

Agora é que realmente este morria de fome. A senhora de Rênal foi à copa procurar pão. Julião ouviu um grande grito. Ao voltar contou-lhe que ao entrar às escuras na copa, aproximando-se de um armário onde guardavam o pão e ao estender a mão tocara num braço de mu her. Fora Elisa que dera o grito ouvido por Julião.

- Que fazia ela ali?

- Ou roubava algum doce, ou então espiava-nos - respondeu com uma indiferença completa. - Mas felizmente encontrei uma empada e um grande pão.

- Que trazes aí? - perguntou ele, apontando para as algibeiras do seu avental.

Esquecera-se que desde o jantar as trazia cheias de pão.

Julião apertou-a nos braços, apaixonadamente; nunca lhe parecera tão linda. "Mesmo em Paris", dizia confusamente para consigo, "não poderei encontrar carácter assim." Ela tinha a falta de jeito de uma mulher pouco acostumada àquela espécie de cuidados e ao mesmo tempo a verdadeira coragem de um ser que não receia senão os perigos de outra espécie e bem mais terríveis.

Enquanto Julião ceava com belo apetite e ela gracejava a respeito da frugalidade daquela refeição, porque tinha horror a falar com seriedade, a porta do quarto foi de repente abanada com força. Era o senhor de Rênal.

- Porque é que se fechou? - berrou ele.

Julião só teve tempo de se esconder debaixo do canapé.

- O quê? Ainda está vestida - disse-lhe o marido ao entrar. E fechou a porta à chave.

Em qualquer outro dia aquela pergunta, feita com toda a segura conjugal, teria perturbado a senhora de Rênal, mas agora não; via que bastava o marido baixar-se um pouco para descobrir Julião; porque o senhor de Rênal atirara-se para a cadeira que este ocupava um pouco antes, em frente do canapé.

A enxaqueca serviu de desculpa para tudo. Enquanto por sua vez o marido lhe contava longamente os incidentes da partida que ganhara no bilhar do Casino - "uma partida de dezanove francos não é lá qualquer coisa", dizia ele - ela descobriu numa cadeira, três passos à frente deles, o chapéu de Julião.

O seu sangue-frio redobrou; começou a despir-se e, num dado momento, passando rapidamente por detrás do marido, deitou o vestido sobre a cadeira onde estava o chapéu.

O senhor de Rênal por fim foi-se embora. Ela então pediu a Julião que recomeçasse a contar a sua vida no seminário.

- Ontem não te ouvi; enquanto falavas só pensava em conseguir de mim própria coragem para te mandar embora.

Aquela mulher era a imprudência personificada. Falavam muito alto; seriam duas da manhã quando foram interrompidos por uma violenta pancada na porta. Era outra vez o senhor de Rênal.

- Abra depressa, estão ladrões cá em casa! - exclamava. - O João encontrou a escada de que se serviram esta manhã.

- É o fim de tudo - exclamou lançando-se nos braços de Julião.

- Vai-nos matar a ambos, não acredita em ladrões; vou morrer nos teus braços, mais feliz na hora da morte do que o fui durante toda a minha vida. - Não respondia ao marido, que se irritava, e beijava Julião com paixão.

- Salva a mãe de Estanislau! - disse-lhe ele com um olhar imperioso. - Vou saltar para o pátio pela janela do gabinete e fugir pelo jardim; os cães reconheceram-me. Faz um embrulho com o meu fato e deita-o para o jardim logo que possas.

Entretanto, deixa arrombar a porta. Sobretudo nada de confissões, proíbe-te; vale mais que tenha suspeitas do que uma certeza.

- Vais matar-te ao saltar! - foi a sua única resposta e a sua única inquietação.

Foi com ele até à janela do gabinete; em seguida, levou algum tempo a esconder o seu fato. Revistou o quarto, o gabinete, sem dizer palavra, e desapareceu. O fato de Julião foi-lhe atirado; ele pegou-lhe e correu rapidamente para a parte baixa do jardim, do lado do Doubs.

Quando corria ouviu o ruído de um tiro de espingarda e logo a seguir assobiar uma bala.

“Não é o senhor de Rênal”, pensou, “é pontaria boa de mais para ser ele.” Os cães corriam silenciosamente a seu lado. Um segundo tiro pareceu-lhe ter quebrado a pata de um deles, que se pôs a ganir tristemente. O rapaz saltou a parede de um terraço, andou encoberto cerca de trinta metros e pôs-se novamente a fugir noutra direcção. Ouviu vozes que se chamavam e viu distintamente o criado seu inimigo dar um tiro. Um caseiro veio também atirar doutro lado do jardim, mas Julião chegara já à margem do Doubs e vestia o fato.

Uma hora depois estava a uma légua de Verrières, a caminho de Genebra. “Se tiverem suspeitas”, pensou, “procurarão na estrada de Paris.”

## **Segunda Parte**

# 1

## OS PRAZERES DO CAMPO

*O rus quando ego te aspiciam!*

Horácio

- O senhor vem esperar a diligência de Paris? - perguntou o dono de uma estalagem onde parou para almoçar.

- A de hoje ou de amanhã, pouco me importa - respondeu Julião.

A mala-posta chegou no momento em que fingia esta indiferença.

Havia dois lugares vagos.

- O quê! És tu, meu pobre Falcoz - exclamou um viajante, que chegava do lado de Genebra, dirigindo-se ao que subia para o carro ao mesmo tempo que Julião.

- Julgava-te estabelecido nos arredores de Lião - disse Falcoz -, num delicioso vale perto do Ródano.

- Lindamente estabelecido... Mas fujo de lá...

- Como! Foges? Tu, São Giraud! Com essa cara ajuizada, cometeste algum crime? - disse Falcoz, rindo.

- Olha que mais valia. Fujo da abominável vida que se leva na província. Gosto da frescura dos bosques e da tranquilidade campestre, como sabes; tens-me acusado várias vezes de ser romântico. Durante toda a minha vida não quis ouvir falar de política, e a política expulsa-me.

- Mas de que partido és?

- De nenhum, e é o que me perde. Aqui está toda a minha vida política: gosto de música, de pintura; um bom livro é um acontecimento para mim; vou fazer quarenta e quatro anos. Que me resta para viver? Quinze, vinte, trinta anos quando muito? Pois bem, aposto que dentro de trinta anos os ministros serão um pouco mais hábeis, mas pessoas tão honestas como os de hoje. A história de Inglaterra serve-nos de espelho para o nosso futuro. Há-de haver sempre um rei que queira aumentar os seus privilégios; haverá sempre a ambição de ser deputado, a glória e as centenas de milhares de francos ganhos por Mirabeau impedirão de dormir a gente rica da província: chamarão a isso

ser liberal e amar o povo. O desejo de se tornar par do reino ou fidalgo da câmara real dominará sempre os realistas.

Na nau do Estado toda a gente se quererá ocupar com a manobra, porque é bem paga. Não haverá portanto nunca um pobre lugarzinho para o simples passageiro?

- Toca a ir aos factos, que devem ser bastante engraçados, com o teu carácter pacífico. Foram as últimas eleições que te expulsaram da província?

- O meu mal vem de mais longe. Há quatro anos eu tinha quarenta anos e quinhentos mil francos; hoje tenho quatro anos a mais e provavelmente cinquenta mil francos a menos, que vou perder na venda do meu castelo de Monfleury, perto do Ródano, num local soberbo.

“Em Paris, estava farto dessa eterna comédia, à qual nos obriga o que chamais a civilização do século XIX. Tinha sede de bonomia e de simplicidade. Compro uma propriedade nas montanhas perto do Ródano. Nada mais belo debaixo da abóbada celeste.

“O vigário da aldeia e os fidalgos da vizinhança fazem-me a corte durante seis meses; ofereço-lhes jantares; deixei Paris, disse-lhes, para nunca mais ouvir falar de política. Como vêem não assínei nenhum jornal. Quanto menos cartas me traz o correio mais contente estou.

“Isto não agradava ao vigário; dali a pouco estava a braços com mil pedidos indiscretos, maçadas, etc. Queria dar duzentos ou trezentos francos aos pobres, pedem-mos para associações piedosas: a de São José, a da Virgem, etc.; recuso; então insultam-me. Faço a asneira de me zangar. Já não posso sair de manhã para ir gozar as belezas das nossas montanhas sem encontrar qualquer aborrecimento que me desperte dos sonhos e me lembre desagradavelmente os homens e a sua maldade. Nas procissões das preces, por exemplo, cujo canto me agrada (provavelmente é uma melodia grega), já não abençoam os meus campos porque, diz o vigário, pertencem a um ímpio. A vaca de uma velha camponesa devota morre, e esta diz que foi por causa da proximidade de um pântano que me pertence, a mim, ímpio filósofo vindo de Paris, e oito dias depois encontro os meus peixes de barriga para o ar envenenados com cal. As intrigas rodeiam-me sob todas as formas. O juiz de paz, homem honesto, mas que receia perder o seu lugar nunca me dá razão. A paz dos campos é para mim um inferno. Logo que me viram abandonado pelo vigário, chefe da congregação da aldeia, e não apoiado pelo capitão aposentado, chefe dos liberais, todos me caem em cima, até o pedreiro, a quem dava dinheiro a ganhar há um ano, até o ferreiro, que queria enganar-me impunemente ao consertar as minhas charruas. Depois de conseguir um apoio e de ganhar alguns dos meus processos faço-me liberal; mas, como dizes, chegam o diabo das eleições, pedem-me o meu voto...

- Para um desconhecido?

- De maneira nenhuma, para um homem que conheço bem de mais. Recuso. Terrível imprudência! A partir deste momento também os liberais estão contra mim, e a minha situação torna-se intolerável. Parece-me que se o vigário se lembrasse de dizer que eu assassinara a minha criada teriam aparecido vinte testemunhas dos dois partidos que jurariam ter visto cometer o crime.

- Queres viver na aldeia sem servir as paixões dos teus vizinhos, sem ouvir o que eles dizem... Querro!...

- Enfim, está tudo arranjado. Monfleury está para vender, perco cinquenta mil francos, se preciso for, mas estou alegre, deixo este inferno de hipocrisias e de intrigas. Vou procurar a solidão e a paz campestre no único lugar onde existem em França, num quarto andar dando para os Campos Elísios. E ainda estou para decidir se não começarei a minha carreira política no Bairro do Roule, distribuindo pão bento na paróquia.

- Isto tudo não aconteceria se reinasse Bonaparte - disse Falcoz com os olhos brilhantes de pena e de furor.

- Até que enfim, mas porque é que ele não soube conservar-se no seu lugar, o teu Bonaparte? Foi ele que fez tudo o que hoje me faz sofrer.

Nesta altura a atenção de Julião redobrou. Logo às primeiras palavras Julião compreendeu que o bonapartista Falcoz era o amigo de infância do senhor de Rênal, por ele repudiado em 1816, e o filósofo São Giraud devia ser irmão do chefe de secretaria da prefeitura de..., que sabia fazer adjudicar por baixo preço as casas das comunas.

- E tudo isto foi o teu Bonaparte que o fez - continuava São Giraud -; um homem honesto, inofensivo, com quarenta anos e quinhentos mil francos não pode viver na província e ter paz; os padres e os fidalgos expulsam-no de lá.

- Ah! não digas mal dele! - exclamou Falcoz. Nunca a França foi tão considerada pelos outros povos como durante os treze anos em que reinou. Então havia grandeza em tudo o que se fazia.

- O teu imperador, que o diabo leve - continuou o homem de quarenta anos -, só foi grande nos campos de batalha e quando restabeleceu as finanças em 1802. Que quer dizer todo o seu comportamento depois? Com os seus camareiros e as suas recepções nas Tulherias deu-nos uma nova edição de todas as parvoíces monárquicas. Tinha sido corrigida e podia durar ainda um século ou dois. Os padres e os nobres quiseram voltar à maneira antiga, mas não têm a mão-de-ferro que é necessária para a espalhar em público.

- Isso é linguagem de um antigo impressor!

- Quem me expulsa da minha propriedade? - continuou o outro muito irritado. - Os padres que Napoleão chamou com a sua concordata em lugar de

os tratar como o Estado trata os médicos, os advogados, os astrónomos, não vendo neles senão cidadãos e sem se inquietar com a profissão com que procuram ganhar a sua vida. Continuará a haver fidalgos insolentes se o teu Bonaparte não tivesse feito barões e condes? Não, a moda passou. Depois dos padres são os pequenos fidalgos do campo quem mais me irrita e forçaram a fazer-me liberal.

A conversa não tinha fim. Este assunto ocupará ainda a França durante meio século. Como São Giraud continuava a repetir que era impossível viver na província, Julião apresentou timidamente o exemplo do senhor de Rênal.

- Parabéns, rapaz, essa é boa! - exclamou Falcoz -; fez-se martelo para não ser bigorna, e um martelo terrível! Mas Valenod ultrapassou-o. Conhece esse maroto? Um verdadeiro malandro. Que dirá o seu senhor de Rênal quando se vir destituído uma bela manhã e Valenod colocado no seu lugar?

- Ficaré frente a frente com os seus crimes - disse São Giraud. - Então conhece Verrières, meu rapaz? Pois bem! Bonaparte, que o céu confunda, a ele e aos seus esbanjamentos monárquicos, tornou possível o reino dos Rênal e dos Chélan, que trouxe o reino dos Valenod e dos Maslon.

Esta conversa de política sombria admirava Julião e distraía-o dos seus sonhos voluptuosos.

Foi pouco sensível ao primeiro aspecto de Paris, visto de longe. Os castelos no ar sobre o seu destino tinham que lutar com a recordação ainda presente das vinte e quatro horas que acabava de passar em Verrières. Jurava para consigo nunca mais abandonar os filhos da sua amante e largar tudo para os proteger se as impertinências dos padres fizessem vir a república e as perseguições contra os nobres.

Que teria acontecido se na noite da sua chegada a Verrières, no momento em que encostava a escada contra a janela do quarto de dormir da senhora de Rênal, tivesse encontrado esse quarto ocupado por um estranho ou pelo senhor de Rênal?

Mas também que delícias nas duas primeiras horas, quando a sua amiga queria sinceramente mandá-lo embora e ele se defendia, estando perto dela na escuridão! Uma alma como a de Julião é perseguida por recordações como esta durante toda a vida. O resto da entrevista confundia-se já com as primeiras épocas do seu amor, catorze meses antes.

Foi arrancado a este sonho profundo quando a carruagem parou.

Acabavam de entrar no pátio dos correios, na Rua Jean-Jacques Rousseau.

- Quero ir para Malmaison - disse ao cocheiro de um carro que se aproximou.

- A esta hora, senhor, fazer o quê?

- Que lhe importa? Siga.

Todas as verdadeiras paixões só pensam em si. Eis porque, me parece, as paixões são ridículas em Paris, onde o vizinho pretende sempre que se pensa de mais nele. Não contarei os entusiasmos de Julião em Malmaison. Chorou. O quê? Apesar dos feios muros brancos construídos este ano e que cortam o parque em talhões? Sim, senhor; tanto para Julião como para a posteridade nada havia entre Arcole, Santa Helena e Malmaison.

Naquela noite hesitou muito antes de entrar num teatro. Tinha ideias estranhas a respeito desse lugar de perdição.

Uma desconfiança profunda impediu-o de admirar Paris vivo. Só estava comovido pelos monumentos deixados pelo seu herói.

“Estou portanto no centro da intriga e da hipocrisia! Aqui reinam os protectores do abade de Frilair.”

Na noite do terceiro dia a curiosidade venceu o projecto de ver tudo antes de se apresentar ao abade Pirard. Este explicou-lhe, em tom frio, o género de vida que iria ter em casa do senhor de La Mole.

- Se no fim de alguns meses se não tiver tornado útil, voltará para o seminário mas entrará por boa porta. Agora irá morar para casa do marquês, um dos maiores fidalgos da França. Usará fato preto, não como um eclesiástico, mas como um homem que ande de luto. Exijo que três vezes na semana continue os seus estudos de teologia num seminário onde o apresentarei. Todos os dias, ao meio-dia, instalar-se-á na biblioteca do marquês, que conta empregá-lo na sua correspondência e noutros assuntos. O marquês escreverá, em duas palavras, na margem de cada carta que receba, o género de resposta que é preciso dar. Promete-lhe que ao fim de três meses o senhor estará em condições de redigir estas respostas de maneira que todas as vezes que apresentar à assinatura do marquês ele possa assinar oito ou nove de entre elas. As oito da noite porá em ordem o seu escritório e às dez estará livre. Pode acontecer - continuou o abade - que alguma senhora respeitável ou algum homem de falas doces lhe faça entrever vantagens extraordinárias ou até lhe ofereçam dinheiro, grosseiramente, para lhe mostrar as cartas recebidas pelo marquês...

- Ah! senhor! - exclamou corando.

- É estranho - disse o abade com um sorriso amargo - que, pobre como é, e depois de um ano de seminário, ainda tenha dessas indignações virtuosas. É preciso que fosse bem cego?

“Será a força do sangue? - disse a meia voz e como que falando consigo próprio. - O que é estranho - acrescentou, fitando o rapaz - é o marquês conhecê-lo... não sei como. Para começar dá-lhe cem luíses de ordenado. É um homem que tem o defeito de agir por capricho; lutará consigo como uma

criança. Se souber contentá-lo, o seu ordenado poderá elevar-se até oito mil francos. Mas com certeza que compreende – continuou num tom azedo -, não dá este dinheiro todo pelos seus lindos olhos. Trata-se de ser útil. Se estivesse no seu lugar falaria muito pouco e, sobretudo, nunca falaria do que ignorasse. Ah! - disse o abade - tirei informações para si; esquecia-me da família do senhor de La Mole. Tem dois filhos: uma rapariga e um rapaz de dezanove anos, alto, elegante, espécie de louco, que nunca sabe ao meio-dia o que fará às duas horas. Tem bravura e espírito; esteve na guerra de Espanha. Não sei porquê, o marquês tem esperança que se torne amigo do jovem conde Norberto. Como eu lhe disse que era um grande latinista, talvez ele conte consigo para ensinar ao filho algumas frases feitas acerca de Cícero e de Virgílio.

“No seu lugar, nunca me deixaria trocar por este belo rapaz; e antes de ceder às suas avançadas perfeitamente delicadas, mas levemente irónicas, faria com que tivesse de as repetir mais de uma vez.

“Não lhe ocultarei que o jovem conde de La Mole primeiro deve desprezá-lo, porque é apenas um burguês. Um dos seus antepassados era da corte e teve a honra de lhe cortarem a cabeça na Praça da Grève, no dia 30 de Abril de 1574, por causa de uma intriga política.

“Quanto a si, é filho de um carpinteiro de Verrières e ainda para mais está a soldo de seu pai. Pese bem estas diferenças e estude a história desta família no livro de Moreri; todos os lisonjeadores que de tempos a tempos jantam em casa dos marqueses fazem sobre esse assunto o que chamam alusões delicadas.

“Tome cuidado com a maneira como responde às graças do senhor conde Norberto de La Mole, comandante do esquadrão de hussardos e futuro par de França, e depois não venha queixar-se.

- Parece-me - disse Julião, corando muito - que nem sequer deveria responder a um homem que me despreza.

- Não faz bem ideia desse desprezo; revelar-se-á apenas por cumprimentos exagerados; se fosse um parvo, poderia deixar-se enganar; se quiser fazer fortuna, terá de se deixar ir ao engano.

- No dia em que tudo isso me não convenha - perguntou o rapaz - serei considerado ingrato se voltar para a minha pequenina cela número cento e três?

- Sem dúvida - respondeu o abade - todos os simpatizantes da casa o caluniarão, mas então aparecerei eu. Adsum qui feci.

Direi que essa resolução foi minha.

O seminarista estava desgostoso com o tom amargo e quase mau que notava no abade Pirard; esse tom estragava completamente a sua última resposta.

O facto é que tinha um escrúpulo de consciência por amar aquele aluno, e

era com uma espécie de terror religioso que se intrometia assim directamente no destino de outra pessoa.

- Conhecerá ainda - acrescentou com o mesmo tom forçado e como que cumprindo um difícil dever -, conhecerá a senhora marquesa de La Mole. É uma mulher alta e loura, devota e altiva, muito delicada e ainda mais insignificante. É filha do velho duque de Chaulnes, tão conhecido pelos seus preconceitos de nobreza. Esta grande dama é uma espécie de resumo, em alto-relevo, do que é no fundo o carácter das mulheres da sua classe. Não dissimula que ter tido antepassados que tenham tomado parte nas cruzadas é a única coisa que acha apreciável. O dinheiro só vem muito depois. Isso admira-o? Já não estamos na província, meu amigo. Ouvirá no seu salão vários senhores falar dos nossos príncipes com um tom de leviandade estranha. Quanto à senhora de La Mole, baixa a voz respeitosa todas as vezes que fala de um príncipe e sobretudo de uma princesa. Não lhe aconselho a dizer diante dela que Filipe II ou Henrique VIII foram monstros. Foram reis, o que lhes dá direitos imprescritíveis ao respeito dos seres sem nascimento, tais como o meu amigo e eu; contudo - acrescentou o senhor Pirard - somos padres; repare que o tomará como tal; a este título considera-nos como criados de quarto necessários à sua salvação.

- Senhor - disse Julião -, parece-me que não estarei muito tempo em Paris.

- Embora; mas note que os homens como nós só podem fazer fortuna ajudados pelos grandes senhores. Com aquele não sei quê indefinível, pelo menos para mim, que há no seu carácter, se não fizer fortuna será perseguido; para si não há meio-termo. Não abuse. Os homens vêem que não lhes dão prazer quando lhe dirigem a palavra; num país social como este, se não conseguir fazer-se respeitar estará destinado à desgraça.

“Que seria de si em Besançon se não fosse este capricho do senhor de La Mole? Um dia compreenderá toda a estranheza do que ele faz por si, e se não for um monstro terá para com ele e a sua família um eterno reconhecimento. Quantos pobres abades, muito mais instruídos do que o meu amigo, viveram anos em Paris com os quinze soldos da sua missa e os dez dos seus argumentos na Sorbonne!... Recorde-se do que lhe contei o Inverno passado a respeito dos primeiros anos daquela má pessoa que é o cardeal Dubois. Por acaso o seu orgulho fará com que se considere mais talentoso do que ele?

“Eu, por exemplo, homem pacífico e medíocre, tencionava morrer no meu seminário; fiz a crâncice de me prender a ele. Pois bem! Ia ser destituído quando pedi a minha demissão. Sabe qual era a minha fortuna? Tinha quinhentos francos de capital, nem mais nem menos; nem um amigo, apenas dois ou três conhecimentos; o senhor de La Mole, que eu nunca vira, tirou-me deste embaraço; uma palavra sua fez com que me dessem uma abadia cujos

paroquianos são pessoas abastadas, acima dos vícios grosseiros, e o seu rendimento envergonha-me, tal é a desproporção entre ele e o meu trabalho. Falei-lhe durante tanto tempo apenas para tornar a sua cabeça um pouco menos leve.

“Ainda uma palavra: tenho a infelicidade de ser irascível. É possível que deixemos de nos falar. Se a altivez da marquesa ou as graças do filho lhe tornarem esta casa insuportável, aconselho-o a acabar os seus estudos em qualquer seminário a trinta léguas de Paris, mais ao norte do que ao sul. Ao norte há mais civilização - e acrescentou, baixando a voz - e devo confessar-lhe que a vizinhança dos jornais de Paris mete medo aos pequenos tiranos.

“Se continuarmos a ter prazer em nos vermos, e que a casa do marquês não vos convenha, ofereço-lhe o lugar de meu vigário, e dividirei consigo metade do que dá aquela paróquia. Devo-lhe isto e ainda mais - acrescentou, interrompendo os agradecimentos de Julião - pelo estranho oferecimento que me fez em Besançon. Se em lugar de quinhentos francos eu nada tivesse, ter-me-ia salvo.

O abade perdera o tom de voz desagradável. Julião, muito envergonhado, sentiu lágrimas nos olhos; tinha imensa vontade de se lançar nos braços do seu amigo e não pôde deixar de lhe dizer com o ar mais firme que conseguiu:

- Desde o berço fui detestado pelo meu pai. Foi uma das minhas grandes desgraças; mas não me queixarei mais da sorte, visto que achei em vós um outro pai, senhor.

- Está bem, está bem - disse o abade embaraçado; depois, lembrando-se, a propósito, de uma frase de director do seminário: - Nunca se deve dizer sorte, meu filho, diga sempre Providência.

O carro parou, o cocheiro levantou o martelo de bronze de uma porta enorme: era o palácio de La Mole; e, para que não pudesse haver dúvida, estas palavras estavam gravadas no mármore preto, por cima da porta.

O pretensioso desagradou a Julião. Têm tanto medo dos jacobinos! Vêm um Robespierre e o seu carro atrás de cada sebe; dão vontade de rir; marcam assim a sua casa para que a canalha a reconheça e a pilhe em caso de desordem. Contou o seu pensamento ao abade Pirard.

- Ah! pobre criança, dentro em pouco será meu vigário. Que tremenda ideia teve!

- Acho que não há nada mais simples - respondeu. A gravidade do porteiro e sobretudo a limpeza do pátio encheram-no de admiração. Estava um belo sol.

- Que arquitectura magnífica! - disse ao seu amigo. Tratava-se de um desses palácios com fachada de tão mau gosto da Avenida de São Germano, construídos ao tempo da morte de Voltaire.

Nunca a moda e a beleza estiveram tão longe uma da outra.

## ENTRADA NO MUNDO

*Recordação ridícula e comovente a do primeiro salão onde se foi aos dezoito anos só e sem apoio! O olhar de uma mulher bastava para me intimidar! Quanto mais queria agradar, mais desajeitado me tornava. Tinha a respeito de tudo as mais falsas ideias; ou confiava sem fundamento, ou via num homem qualquer um inimigo, por ele me ter olhado com ar grave. Mas nesse tempo, no meio das grandes infelicidades da minha timidez, como um dia belo era belo!*

Kant

Julião parara pasmado no meio do pátio.

- Mostre um ar razoável - disse o abade Pirard -; tem ideias horríveis, e depois é apenas uma criança! Onde está o *nil admirari*, de Horácio? Nunca entusiasmo. Pense que este povo de lacaios, vendo-o aqui instalado, vai troçá-lo; verão em si um igual injustamente colocado acima deles. Fingindo bonomia, bons conselhos e desejo de o guiar, vão tentar fazê-lo cair nalguma grande asneira.

- Desafio-os a isso - disse Julião, mordendo os lábios; e voltou à sua desconfiança.

Os salões que atravessaram no primeiro andar, antes de chegar ao gabinete do marquês, ter-vos-iam parecido, leitor, tão tristes como magníficos. Se vo-los dessem tais como são, recusaríeis habitá-los; são a pátria do abrir de boca e da melancolia. Mas redobram o encantamento de Julião. "Como é que se pode ser infeliz", pensava, "quando se habita uma tão magnífica casa!" Por fim, chegaram à mais feia das divisões daquela habitação: mal se via ali dentro; estava lá um homenzinho magro, de olhos vivos e cabeleira loura. O abade voltou-se para o discípulo.

Era o marquês, e apresentou-o. Julião reconheceu-o dificilmente, tão delicado achou o seu ar. Já não era o grande fidalgo altivo da abadia de Bray-le-Haut.

Pareceu a Julião que a sua cabeleira estava descuidada. Esta sensação ajudou-o a não se intimidar. O descendente do amigo de Henrique III até lhe pareceu ter um ar mesquinho. Era muito magro e mexia-se bastante. Mas dali a pouco reparou que o marquês tinha uma delicadeza ainda mais agradável do que a do bispo de Besançon. A audiência nem três minutos durou. Ao sair o abade disse a Julião:

- Olhou para o marquês como se estivesse a pintar-lhe o retrato. Não sou um grande sábio no que esta gente chama delicadeza. Dentro em pouco sabereis mais do que eu; mas, enfim, a audácia do seu olhar pareceu-me pouco delicada.

Tinham voltado a subir para o carro; o cocheiro parou perto da avenida; o abade introduziu Julião através de uma série de grandes salões. Este reparou que não havia móveis. Olhava para um magnífico relógio dourado, que representava um assunto, na sua opinião, bastante indecente quando um homem muito elegante se aproximou com ar risonho. Julião fez uma pequena reverência.

O homem sorriu e pôs-lhe a mão no ombro. Julião estremeceu e deu um salto para trás. Corou de cólera. O abade Pirard, apesar da sua gravidade, riu tanto que lhe vieram as lágrimas aos olhos. Aquele senhor era um alfaiate.

- Dou-lhe liberdade por dois dias - disse-lhe, ao sair, o ex-reitor do seminário -, só então poderá ser apresentado à senhora de La Mole. Qualquer outro guardá-lo-ia como uma menina nestes primeiros momentos da vossa estada nesta nova Babilónia. Perca-se imediatamente se tiver de se perder e ficarei livre da fraqueza de pensar em si. Depois de amanhã de manhã este alfaiate levar-lhe-á dois fatos. Dará cinco francos ao rapaz que lhos provar. De resto, fale o menos possível com estes parisienses. Em cada palavra acharão um pretexto para fazerem troça de si. Têm esse talento. Depois de amanhã esteja em minha casa ao meio-dia... Vá, perca-se... Já me esquecia, terá de ir encomendar botas, camisas, um chapéu, nas direcções que aqui estão.

Julião olhava para a caligrafia em que aquelas direcções estavam escritas.

- Foi a mão do marquês - explicou o abade -; é um homem activo, que tudo prevê, e gosta mais de fazer do que de mandar. Toma-o para junto dele para que lhe poupe este trabalho. Tereis cabeça suficiente para executar as coisas que esse homem activo vos indicará por meias-palavras? É o que o futuro mostrará: cuidado consigo. Sem dizer palavra, Julião entrou nas lojas de todos os comerciantes indicados naquelas direcções; reparou que era recebido com respeito, e o

sapateiro, ao escrever o seu nome nos assentos, pôs Sr. Julião de Sorel.

No cemitério de Père-Lachaise, um senhor muito amável e ainda mais liberal nas suas opiniões ofereceu-se para lhe indicar onde era o túmulo do marechal Ney, que uma política sábia priva da honra de um epitáfio. Mas ao separar-se desse liberal, que, de lágrimas nos olhos, quase o apertava nos braços, Julião já não tinha relógio. Enriquecido por esta experiência, apresentou-se dali a dois dias, à hora combinada, diante do abade Pirard, que o fitou muito.

- Vai, talvez, tornar-se um vaidoso - disse-lhe, com ar severo.

Julião aparentava agora ser um rapaz muito novo, de luto pesado; tinha na verdade uma bela aparência, mas o bom do abade era provinciano de mais para ver que ainda conservava aquele jeito de ombros que na província era ao mesmo tempo elegância e ar importante. Ao ver Julião o marquês avaliou os seus dotes de uma maneira tão diferente da do abade que lhe disse:

- Fareis qualquer objecção a que o senhor Sorel tome lições de dança?

O abade ficou petrificado.

- Não - respondeu-lhe, por fim -, Julião não é sacerdote.

O marquês, subindo dois a dois os degraus de uma pequena escada escondida, foi ele próprio instalar o nosso herói numa linda mansarda que dava para o enorme jardim do palácio.

Perguntou-lhe quantas camisas comprara no fanqueiro.

- Duas - respondeu o rapaz, admirado por ver um tão grande senhor descer a tais minudências.

- Muito bem- continuou com ar sério e com certo tom rápido e de comando que deu que pensar a Julião -, muito bem! Compre mais vinte e duas. Aqui está o primeiro trimestre do seu ordenado.

Ao descer da mansarda o marquês chamou um homem de idade:

"Arsênio", disse, "servirá o senhor Sorel." Poucos minutos depois o rapaz achou-se sozinho numa biblioteca magnífica; este momento foi delicioso. Para não surpreender a sua comoção foi esconder-se num cantinho escuro; contemplava dali, com encanto, as brilhantes lombadas dos livros: "Poderei ler tudo isto", dizia para consigo. "Como é que não hei-de gostar de estar aqui? O senhor de Rênal julgar-se-ia desonrado se fizesse por mim a centésima parte do que o marquês acaba de fazer. Mas vejamos as cópias que tenho para fazer."

Quando acabou aquele trabalho, ousou aproximar-se dos livros; quase ficou louco de alegria ao pegar numa edição de Voltaire.

Correu a abrir a porta da biblioteca para não ser surpreendido. Em seguida deu a si próprio o prazer de pegar em todos os oitenta volumes. Estavam magnificamente encadernados, uma obra-prima do melhor encadernador de Londres. Não era preciso tanto para levar ao cúmulo a admiração de Julião.

Uma hora depois o marquês entrou, olhou para as cópias e reparou, com espanto, que Julião escrevia cela com dois éles - cella. “Será uma história tudo o que o abade me contou da sua ciência?” O marquês, muito desanimado, disse-lhe com doçura:

- Não é forte em ortografia?

- Não - respondeu Julião, sem pensar no que esta resposta o prejudicava; estava comovido com as bondades do marquês, que lhe recordavam o tom arrogante do senhor de Rênal.

“Esta experiência com o abadezinho do Franco Condado é tempo perdido...”, pensou o senhor de La Mole, “mas eu tinha uma tão grande necessidade de um homem seguro!”

- Cela escreve-se só com um! - disse-lhe o marquês. - Quando as suas cópias estiverem prontas procure no dicionário as palavras de cuja ortografia não esteja certo.

Às seis horas o marquês mandou-o chamar, olhou com desgosto evidente para as botas de Julião:

- Esqueci-me de lhe dizer que todos os dias, às cinco horas e meia, tem de se vestir.

O rapaz fitava-o sem compreender.

- Quer dizer, vestir calções e meias. Arsénio lembrar-lho-á; por hoje pedirei desculpa em seu nome.

Ao terminar estas palavras o senhor de La Mole fez passar Julião para um salão resplandecente de dourados. Em ocasiões como estas o senhor de Rênal não se esquecia de apressar o passo para ser o primeiro a passar pela porta. A pequena vaidade do seu antigo patrão fez com que Julião pisasse os pés do marquês, o que o magoou imenso por causa da sua gota. “Ah! ainda para mais é pesadão” disse este para consigo.

Apresentou-o a uma mulher alta e com aspecto imponente. Era a marquesa. Julião achou-lhe um ar impertinente, um pouco como a senhora de Maugiron, a subprefeita do distrito de Verrières, quando assistia ao jantar no dia de são Carlos.

Um pouco perturbado pela magnificência do salão, Julião não ouviu o que dizia o senhor de La Mole. A marquesa mal olhou para ele. Havia vários homens, entre os quais reconheceu com grande prazer o jovem bispo de Agde, que se dignara falar-lhe alguns meses antes na cerimónia de Bray-le-Haut. O jovem prelado estranhou, com certeza, os olhos ternos que sobre ele fixou a timidez de Julião, e nem tentou reconhecer aquele provinciano.

Os homens reunidos naquela sala pareceram-lhe ter qualquer coisa de triste e de constrangido; em Paris fala-se baixo e não se exageram as pequenas

coisas. Um jovem bonito, com bigode, muito pálido e elegante, entrou às seis e meia; tinha uma cabeça muito pequena.

- Há-de sempre fazer-nos esperar - disse a marquesa, a quem ele beijava a mão.

Julião compreendeu que era o conde de La Mole. À primeira vista logo o achou encantador.

"Será possível", pensou, "que seja este o homem cujas brincadeiras me ofenderão a ponto de ter de deixar esta casa?", Examinando o conde Norberto, reparou que ele trazia botas e esporas. "E eu devo estar de sapatos, aparentemente como um inferior.," Foram para a mesa; Julião ouviu a marquesa elevar um pouco a voz e dizer umas palavras severas. Quase ao mesmo tempo viu uma rapariga extremamente loura e muito bem feita que veio sentar-se em frente dele. E, contudo, não lhe agradou; fitando-a atentamente, pensou que nunca vira olhos tão bonitos; mas denunciavam uma grande frieza de alma. Em seguida Julião achou que tinha a expressão do aborrecimento que tudo examina, mas que sabe que tem a obrigação de ser imponente. "E, no entanto, a senhora de Rênal tinha bem lindos olhos", pensava ele, "todos os gabavam; mas não eram parecidos com estes.," Julião não tinha suficiente experiência para distinguir que os olhos da menina Matilde, foi assim que lhe ouviu chamar, tinham uma agudeza extraordinária e por isso brilhavam tanto. Quando os olhos da senhora de Rênal se animavam era sob o efeito do fogo da paixão ou de qualquer indignação generosa ao ouvir contar uma má acção. No fim da refeição achou uma palavra que exprimia o género de beleza dos olhos da menina de La Mole: "São cintilantes", disse para consigo. De resto, parecia-se cruelmente com a mãe, que cada vez lhe desagradava mais, e deixou de olhar para ela. Pelo contrário, o conde Norberto parecia-lhe admirável de todos os pontos de vista. Julião sentia-se tão seduzido que não se lembrou de ter inveja dele nem de o odiar porque era mais rico e nobre do que ele.

Pareceu-lhe que o marquês se aborrecia.

Quando chegou o segundo prato disse ao filho:

- Norberto, peço-te que tenhas a bondade de olhar pelo senhor Julião Sorel, que acabo de tomar para o meu serviço e do qual pretendo fazer um homem, se possível. - E, voltando-se para um vizinho, continuou: - É meu secretário, e escreve celeridade com dois éles.

Toda a gente olhou para Julião, que fez uma vénia um bocadinho exagerada ao conde Norberto; mas, em geral, o seu olhar agradou.

Com certeza que o marquês falara do género de educação que ele recebera, porque um dos convivas atacou-o a respeito de Horácio. "Foi precisamente falando de Horácio que consegui brilhar junto do bispo de Besançon;

parece-me que só conhecem este autor”, pensou Julião. A partir deste instante ficou senhor de si. Isto tornou-se fácil, porque acabava de decidir que a menina de La Mole, aos seus olhos, nunca seria uma mulher. Desde o seminário considerava os homens o pior possível e dificilmente deixava que o intimidassem. Estaria com todo o seu sangue-frio se a sala de jantar não estivesse mobilada com tanta magnificência. Eram sobretudo dois grandes espelhos, de dois metros de altura, e nos quais olhava o seu interlocutor ao falar de Horácio, que mais imponentes lhe pareciam. As suas frases não eram muito compridas para um provinciano. Tinha lindos olhos, a que a timidez trémula ou feliz que sentia, quando respondia acertadamente, aumentava o fulgor. Acharam-no agradável. Esta espécie de exame dava àquele jantar majestoso um certo interesse. O marquês fez um sinal ao interlocutor de Julião para o puxar, pensando se seria possível que soubesse alguma coisa.

Julião respondeu, inventando as suas ideias e perdendo bastante da sua timidez, mostrando-se não espirituoso, coisa impossível para quem não conhece a maneira de falar dos Parisienses, mas expondo ideias novas, apesar de serem apresentadas sem graça nem a-propósito, e viram que conhecia perfeitamente o latim.

O seu adversário era um académico das Inscrições, que, por acaso, sabia latim; achou o rapaz muito bom humanista, já não teve receio de o fazer corar e procurou realmente embaraçá-lo. Com o calor do combate, o nosso herói esqueceu os móveis magníficos da casa de jantar e começou a expor, sobre os poetas latinos, ideias que o interlocutor nunca lera em parte alguma. Como era um homem honesto, deu as honras devidas ao jovem secretário. Por felicidade começaram uma discussão para chegar à conclusão se Horácio era pobre ou rico: um homem amável, voluptuoso e descuidado, fazendo versos para se distrair, como Chapelle, o amigo de Molière e de La Fontaine: ou um pobre diabo, poeta laureado, seguindo a corte e fazendo odes no dia do nascimento do rei, como Southey, o acusador de Lord Byron. Falou-se do estado da sociedade sob Augusto e sob Jorge IV; nestas duas épocas a aristocracia era poderosa. Mas em Roma o seu poder foi arrancado por Mecenas, que era um simples cavaleiro; e em Inglaterra reduzira Jorge IV pouco mais ou menos ao estado de um doge de Veneza. Esta discussão pareceu tirar o marquês do estado de torpor em que o aborrecimento o mergulhara desde o começo do jantar.

O jovem secretário nada compreendia daqueles nomes modernos, como Southey, Lord Byron e Jorge IV, que pela primeira vez ouvia pronunciar. Mas não escapou a ninguém que todas as vezes que se tratava de factos passados em Roma e cujo conhecimento podia deduzir-se das obras de Horácio, de Marcial, Tácito, etc., a sua superioridade era incontestável. Julião apoderou-se, sem

rebuço, de várias ideias que ouvira ao bispo de Besançon na famosa discussão que tivera com o prelado; e não foram as menos apreciadas.

Quando se cansaram de falar de poetas, a marquesa para quem era lei admirar tudo que distraía o marido, dignou-se olhar para Julião.

- Os modos acanhados do jovem padre talvez escondam um homem instruído - disse-lhe o académico que estava perto dela; e Julião ouviu isto.

As frases feitas agradavam bastante ao espírito da dona da casa; adoptou esta sobre Julião; e ficou contente por ter convidado o académico para jantar. "Divertiu o senhor de La Mole", pensou para consigo.

## OS PRIMEIROS PASSOS

*Este imenso vale cheio de luzes cintilantes e de  
tantos milhares de homens ofusca-me a vista.  
Nenhum me conhece; todos me são superiores.  
Sinto-me desorientado.  
Poemi dell' av. Reina*

No dia seguinte, muito cedo, Julião fazia as cópias das cartas na biblioteca quando a menina Matilde lá entrou, por uma pequena porta de serviço que as lombadas dos livros disfarçavam muito bem. Enquanto Julião admirava esta invenção, a menina Matilde parecia bastante surpreendida, e também contrariada, por o encontrar ali; ele achou que, com os papelotes, tinha um ar muito duro, altivo e quase masculino. A menina de La Mole tinha o segredo de tirar livros da biblioteca do pai sem que se desse por isso. A presença do secretário tornava inútil a sua vinda naquela manhã, o que a contrariou ainda mais porque vinha buscar o segundo volume da Princesa da Babilónia, de Voltaire, digno complemento de uma educação fundamentalmente monárquica e religiosa, obra-prima do Sacré-Coeur! Com dezanove anos aquela pobre rapariga já só podia interessar-se pelos romances de espírito picante.

Pelas três horas apareceu na biblioteca o conde Norberto; vinha a ler um jornal, para à noite poder falar de política, e gostou de ter encontrado Julião, de cuja existência se esquecera. Foi para ele irrepreensível; perguntou-lhe se queria montar a cavalo.

- Meu pai deu-nos feriado até ao jantar.

Julião compreendeu aquele nós e achou-o encantador.

- Meu Deus, senhor conde - respondeu. - Se se tratasse de cortar uma árvore de vinte e cinco metros de altura e de a fazer em tábuas seria fácil para mim, ousou afirmá-lo; mas montar a cavalo foi coisa que fiz apenas umas cinco ou seis vezes durante toda a minha vida

- Pois bem, será a sétima - respondeu Norberto. No fundo,

Julião recordava-se da entrada do rei de... em Verrières, e julgava que

montava muitíssimo bem a cavalo.

Mas, ao voltar do Bosque de Bolonha no meio da Rua do Bac, caiu, ao querer desviar-se bruscamente de um carro, e ficou todo sujo de lama. O que lhe valeu foi ter dois fatos. Ao jantar, o marquês, querendo dirigir-lhe a palavra, perguntou como decorrera o passeio; Norberto apressou-se a responder em termos banais.

- O senhor conde é muito amável para mim. Agradeço-lhe muito.

Dignou-se ceder-me o cavalo mais manso e mais bonito, mas, enfim, não podia pregar-me a ele, e caí no meio daquela rua comprida, perto da ponte.

A menina Matilde tentou, em vão, dissimular uma gargalhada, e, em seguida à sua indiscrição, pediu pormenores. O rapaz conseguiu responder com grande simplicidade e, sem o saber, até teve graça.

- Auguro bem deste padrezinho - disse o marquês ao académico.

- Um provinciano nestes apuros é o que nunca se viu nem se verá mais! E, ainda por cima, conta a sua desgraça diante de nós!

Julião pôs de tal forma os ouvintes à vontade a respeito da sua pouca sorte que, no fim do jantar, quando a conversa geral tomou outro rumo, a menina Matilde fazia perguntas ao irmão a respeito dos pormenores daquele aborrecido acontecimento. Como estas perguntas se prolongassem e Julião encontrasse os seus olhos várias vezes ousou responder-lhe directamente, apesar de não ter sido interrogado, e acabaram todos três por se rir como teriam feito três jovens habitantes de uma aldeia no fundo de um bosque.

No dia seguinte, o jovem secretário assistiu a duas aulas de teologia e veio depois transcrever umas vinte cartas.

Encontrou instalado, perto dele, na biblioteca, um rapaz vestido com muito apuro, mas com ar mesquinho e fisionomia de invejoso.

O marquês entrou.

- Que faz aqui, senhor Tanbeau? - disse, em tom severo.

- Julgava... - respondeu o rapaz, sorrindo com lisonja.

- Não, senhor, não julgava. Isto é uma tentativa, mas infeliz.

O jovem Tanbeau levantou-se furioso e desapareceu. Era um sobrinho do académico, conhecido da senhora de La Mole, e destinava-se às letras. O tio conseguira que o marquês o tomasse como secretário. Tanbeau, que trabalhava numa divisão afastada tendo sabido da regalia que Julião gozava, quis partilhar dela, e de manhã veio instalar a sua secretária na biblioteca.

Às quatro horas, depois de uma certa hesitação, Julião ousou aparecer nos aposentos do conde Norberto. Este ia montar a cavalo, e ficou embaraçado, porque era bastante delicado.

- Julgo - disse a Julião - que dentro em pouco irá ao picadeiro e daqui a

algumas semanas terá muito prazer em montar a cavalo comigo.

- Queria ter a honra de lhe agradecer a bondade que me manifestou. Acredite, senhor - acrescentou, com grande seriedade -, que sinto quanto lhe devo. Se o seu cavalo não estiver ferido por causa da minha asneira de ontem, e se está livre, gostaria de o montar agora.

- Como quiser, meu caro Sorel, mas os riscos e perigos ficarão à sua responsabilidade. Suponho que lhe fiz todas as objecções que a prudência reclama; o facto é que são quatro horas e não temos tempo a perder.

- Que é preciso fazer para não cair? - perguntou Julião ao jovem conde, depois de montar.

- Bastantes coisas - respondeu Norberto, rindo às gargalhadas -, por exemplo, manter o corpo para trás.

Julião lançou-se a trote. Estavam na Praça Luís XVI.

- Ah! jovem temerário - exclamou Norberto -, há aqui muitos carros, e ainda para mais, conduzidos por imprudentes! Se cair, as rodas passarão por cima de si, porque não se arriscarão a estragar a boca dos seus cavalos, fazendo-os parar de repente.

Vinte vezes Norberto viu Julião quase a cair; mas, afinal, o passeio acabou sem incidentes. Ao voltar para casa o jovem conde disse à irmã:

- Apresento-lhe um destemido cavaleiro.

Ao jantar, falando com o pai, de um lado para o outro da mesa, fez justiça à temeridade de Julião; era a única coisa que se podia gabar da sua maneira de montar a cavalo. O jovem conde ouvira, de manhã, os criados que tratavam dos cavalos no pátio falar a respeito da queda de Julião e troçarem dele injuriosamente.

Apesar de tanta bondade, o nosso herói, dali a pouco, sentia-se completamente isolado no meio daquela família. Os usos pareciam-lhe estranhos e eram-lhe desconhecidos. Os seus erros de etiqueta divertiam os criados. O abade Pirard partira para a sua paróquia. "Se Julião é um arbusto fraco, que morra; se é um homem forte, que se tire de apuros sozinho", pensava.

## O PALÁCIO DE LA MOLE

*Que faz ele aqui? É-lhe agradável? Julga que ele próprio agradará?*

Ronsard

Se tudo parecia estranho a Julião, no nobre salão do palácio de La Mole, aquele rapaz, pálido e vestido de preto, era por seu turno bastante estranho para as pessoas que se dignavam reparar nele. A senhora de La Mole propôs ao marido encarregá-lo de qualquer missão nos dias em que tinham ao jantar certas personagens.

- Tenho vontade de levar a experiência até ao fim - respondeu o marquês. - O abade Pirard pretende que fazemos mal em destruir o amor-próprio das pessoas que admitamos junto de nós. Só nos devemos apoiar sobre quem resiste, etc. Este tem apenas o inconveniente da sua cara desconhecida, pois, quanto ao resto, é um surdo-mudo.

“Para que possa entender-me nisto tudo”, disse Julião para consigo, “devo escrever os nomes das pessoas e uma palavra sobre o carácter das personagens, que encontro neste salão.”

Colocou na primeira linha cinco ou seis amigos da casa que o lisonjeavam, julgando-o protegido por um capricho do marquês.

Eram pobres criaturas mais ou menos triviais; mas devemos louvar essa classe de homens tal como hoje se encontram nos salões da aristocracia. Não se rebaixam assim diante de toda a gente. Alguns deixam-se tratar mal pelo marquês, mas revoltam-se contra qualquer palavra dura que a senhora de La Mole lhes dirigisse.

No fundo do carácter dos donos da casa havia muito orgulho e muito tédio. Estavam acostumados a ultrajar para se desenfatiarem, e, assim, não podiam ter bons amigos. Mas, excepto nos dias de chuva e de aborrecimento feroz, que eram raros, eram sempre de uma delicadeza perfeita.

Se as cinco ou seis pessoas que testemunhavam a Julião uma amizade tão paternal tivessem desertado do palácio de La Mole, a marquesa ficaria exposta

a uma grande solidão; e, aos olhos das mulheres desta classe, a solidão é horrível: é o sinal da decadência.

O marquês era amável para a mulher; tinha o cuidado de manter o seu salão sempre bem guarnecido; não por pares do reino, pois achava que os seus novos colegas não eram suficientemente fidalgos para virem a sua casa como amigos nem suficientemente divertidos para serem admitidos como subalternos.

Só muito mais tarde é que Julião penetrou nestes segredos. A política dirigente que mantém as casas burguesas não é abordada nas da classe do marquês senão no momento de crise. Tal é ainda, mesmo neste aborrecido século, o poder da necessidade de divertimento que, mesmo nos dias de jantares, mal o marquês saía do salão toda a gente fugia. Contanto que se não brincasse com Deus, nem com os padres, com o rei, ou com as pessoas presentes, nem com os artistas protegidos pela corte, nem com qualquer coisa do que está estabelecido; contanto que se não dissesse bem de Béranger, nem dos jornais da oposição, nem de Voltaire, nem de Rousseau, nem do que parecesse liberdade de opinião; contanto que, sobretudo, nunca se falasse de política, podia-se livremente discorrer a respeito de tudo.

Não há cem mil escudos de rendimento nem condecoração que possam lutar contra uma tal etiqueta. Qualquer ideia mais entusiástica parecia uma grosseria. Apesar do bom-tom, da polidez perfeita, da vontade de agradar, o aborrecimento lia-se em todos os rostos. A gente nova que vinha apresentar os seus cumprimentos, receando falar de qualquer coisa que deixasse adivinhar um pensamento ou trair alguma leitura proibida, calava-se depois de algumas palavras elegantes sobre Rossini e sobre o tempo que estava.

Julião reparou que a animação da conversa era mantida por dois viscondes e cinco barões que o senhor de La Mole conhecera durante a emigração. Estes senhores gozavam de seis a oito mil libras de rendimento; quatro eram partidários da Quotidiana e três da Gazeta de França. Um deles todos os dias tinha uma anedota para contar a respeito do Castelo, onde nunca faltava a palavra admirável. Julião reparou que usava cinco condecorações, enquanto os outros geralmente só tinham três. Como desforra, viam-se na antecâmara dez lacaios com libré, e durante a noite serviam gelados ou chá, de quarto em quarto de hora, e cerca da meia-noite uma ceia com champanhe. Era esta a razão por que Julião ficava muitas vezes até ao fim; de resto, quase não compreendia que se pudesse escutar seriamente a conversa habitual daquele salão tão magnificamente dourado. Algumas vezes fitava os interlocutores, para ver se eles próprios não escarneciam do que diziam. “O meu senhor de Maistre, que sei de cor, falou cem vezes melhor”, comentava para consigo, “e ainda

assim é bem aborrecido.”

O jovem secretário não era o único a aperceber-se da asfixia moral. Alguns consolavam-se tomando muitos sorvetes; outros com o prazer de dizer todo o resto da noite: “Acabo de sair do palácio de La Mole, onde tive conhecimento de que a Rússia, etc...”, Julião soube, por um dos frequentadores, que ainda não havia seis meses que a senhora de La Mole recompensara uma assiduidade de mais de vinte anos fazendo nomear prefeito o pobre barão Le Bourguignon, que não passava de subprefeito desde a Restauração.

Esse grande acontecimento retemperara o zelo de todos aqueles senhores; pouco tempo antes ter-se-iam zangado por qualquer ninharia, e agora ficavam indiferentes. Raramente havia uma falta de atenção directa, mas Julião já surpreendera à mesa dois ou três pequenos diálogos breves entre o marquês e a mulher, por sinal bem cruéis para as pessoas que estavam colocadas perto deles. Estas nobres personagens não dissimulavam o desprezo sincero por tudo o que não vinha da parte de pessoas que tivessem andado nos coches do rei. Julião observou que a palavra cruzada era a única que dava às suas fisionomias uma expressão de respeitosa seriedade. O respeito habitual tinha sempre uma mistura de complacência.

No meio desta magnificência e deste aborrecimento Julião só se interessava pelo senhor de La Mole; um dia ouviu-o com prazer protestar que nada fizera para a melhoria da situação daquele pobre Bourguignon. Era uma atenção para com a marquesa: Julião sabia a verdade pelo abade Pirard.

Uma manhã em que este trabalhava com Julião, na biblioteca do marquês, no eterno processo de Frilair, interrogou-o de repente:

- Senhor, jantar todos os dias com a senhora marquesa é um dos meus deveres ou uma bondade que querem ter para comigo?

- É uma honra insigne! - respondeu o abade, escandalizado. - Nunca o senhor N..., o académico, que há quinze anos lhe faz uma corte assídua, conseguiu obter isso para o seu sobrinho, senhor Tanbeau.

- Para mim é a parte mais difícil de cumprir do meu emprego. Aborrecia-me menos no seminário. Às vezes até vejo a menina Matilde bocejar, e, contudo, deve estar habituada às amabilidades dos amigos da casa. Tenho receio de adormecer; por favor, consiga-me licença para ir jantar por quarenta soldos em qualquer estalagem obscura.

O abade, verdadeira pessoa de condição humilde, era muito sensível à honra de jantar com um grande fidalgo.

Enquanto se esforçava por que Julião compreendesse este sentimento, um ruído leve fez-lhe voltar a cabeça. Julião viu a menina de La Mole a escutá-los. Corou. Viera buscar um livro e ouvira tudo; ficou com alguma consideração por

Julião.

“Este não nasceu de joelhos, como o velho abade”, pensou. “Meu Deus! Que feio que o velho é!”

Ao jantar o jovem secretário não ousava fitar a rapariga, mas esta teve a bondade de lhe dirigir a palavra. Naquele dia esperavam muitos comensais e ela convidou-o a ficar. As raparigas de Paris não gostam das pessoas de certa idade, sobretudo quando vestem com desleixo. Julião não tinha tido a necessidade de ser muito sagaz para se aperceber de que os colegas do senhor Le Bourguignon, que ficavam no salão, tinham a honra de ser o assunto habitual das troças da menina de La Mole. Naquele dia, houvesse ou não afectação da sua parte, foi cruel para aquela gente maçadora.

A menina Matilde era o centro de um pequeno grupo que se formava quase todas as noites atrás da enorme poltrona da marquesa. Ali estavam o marquês de Croisenois, o conde de Caylus, o visconde de Luz e dois ou três jovens oficiais, amigos de Norberto ou da irmã. Estes senhores sentavam-se num grande canapé azul. Na extremidade do dito canapé, oposta à que ocupava a brilhante Matilde, Julião estava sentado, calado, numa cadeirinha de palha bastante baixa. Este posto modesto era invejado por todos os frequentadores do salão; Norberto mantinha ali decentemente o jovem secretário de seu pai, dirigindo-lhe a palavra ou aludindo a ele uma ou duas vezes por noite. Naquele dia a menina de La Mole perguntou-lhe qual poderia ser a altura da montanha sobre que estava colocada a cidadela de Besançon. Nunca o rapaz conseguiu dizer se aquela montanha era mais ou menos alta do que Montmartre.

Muitas vezes ria francamente do que diziam naquele pequeno grupo; mas sentia-se incapaz de inventar coisa parecida. Era como se fosse uma língua estranha que ele compreendesse mas não conseguisse falar.

Os amigos de Matilde, nesse dia, estavam em hostilidade contínua com as pessoas que chegavam ao grande salão. Os amigos da casa tiveram primeiro a preferência, por serem mais conhecidos. Calcule-se como Julião estava atento; tudo o interessava, desde o fundo das coisas até à maneira de gracejar.

- Ah! Lá vem o senhor Descoulis - disse Matilde. - já não tem cabeleira; quererá chegar até à prefeitura com o seu talento? Por isso alardeia aquela testa calva, que diz estar cheia de altos pensamentos.

- É um homem que conhece toda a terra - disse o marquês de Croisenois -; também vai a casa do meu tio cardeal. É capaz de cultivar uma mentira junto de cada amigo durante anos seguidos, e tem duzentos ou trezentos amigos. Sabe alimentar a amizade, é o talento que tem. Tal como o vedes, às sete da manhã já está à porta de um dos amigos, no Inverno, todo enlameado.

“De tempos a tempos zanga-se e escreve sete ou oito cartas a propósito da zanga. Depois reconcilia-se, e são sete ou oito cartas para os entusiasmos de amizade. Mas é nesta expansão sincera do homem honesto, que nada guarda no coração, que ele brilha mais. Esta manobra aparece quando tem qualquer favor para pedir. Um vigário-mor de meu tio é admirável quando conta a vida do senhor Descoulis desde a Restauração. Hei-de trazê-lo cá.

- Ora! Não acredito nisso; é inveja de oficiais do mesmo ofício entre gente mesquinha - disse o conde de Caylus.

- O senhor Descoulis terá um nome na história - continuou o marquês -; passou a Restauração com o abade de Pradt e os senhores de Talleyrand e Pozzo di Borgo.

- Esse homem manejou milhões - acrescentou Norberto -, e não acredito que venha aqui para ouvir os epigramas de meu pai tantas vezes detestáveis. “Quantas vezes traiu os seus amigos, meu caro Descoulis?”, gritava-lhe ele outro dia, de um para outro lado da mesa.

- Mas será verdade que atraçouou? - disse a menina de La Mole.

- Quem não traiu?

- O quê? - disse o conde de Caylus a Norberto. - Recebe em sua casa o senhor Sainclair, o famoso liberal? Que diabo vem cá fazer? Tenho de me aproximar dele para lhe falar e para o fazer falar; dizem que é muito espirituoso.

- Mas como é que a sua mãe o vai receber? - disse o senhor de Croisenois. - Ele tem ideias tão extravagantes, tão generosas tão independentes...

- Ora vejam - exclamou a menina Matilde -, ali está o homem independente cortejando quase até ao chão o senhor Descoulis.

Pegou-lhe na mão de uma maneira que julguei que ia beijar-lha.

- Com certeza que Descoulis está em melhores relações com o Poder do que julgamos - continuou o senhor de Croisenois.

- Sainclair vem aqui para ser da Academia - começou Norberto.

- Croisenois, repare como ele cumprimenta o barão L...

- Seria menos vil pôr-se de joelhos - retorquiou o senhor de Luz.

- Meu caro Sorel - disse o conde de La Mole -, você, que tem espírito, mas que acaba de chegar das montanhas, tome cuidado em nunca cumprimentar como agora cumprimentou aquele grande poeta, nem que seja o Pai do Céu.

- Ah! ali vem o maior dos homens de espírito, o senhor barão Bâton - disse a menina de La Mole, imitando a voz do laçao que acabava de o anunciar.

- Parece-me que até os vossos criados troçam dele. Que nome! Barão Bâton! - exclamou o senhor de Caylus.

- “Que faz o nome”, dizia-nos ele outro dia - continuou Matilde. - Imaginem o duque de Bouillonl anunciado pela primeira vez; na minha

opinião, é uma questão de hábito...

Julião afastou-se do canapé. Ainda era pouco sensível às encantadoras finuras de uma ironia leve; para que risse de uma graça era necessário que ela tivesse um certo fundo de razão. Nas conversas daquela gente nova via apenas um tom de descrédito geral, e isto chocava-o. A sua affectação provinciana ou inglesa ia até ao ponto de ver nisso inveja, no que com certeza se enganava.

“O conde Norberto”, comentava para consigo, “a quem vi fazer três rascunhos para uma carta de vinte linhas dirigida ao seu coronel, seria bem feliz se na sua vida escrevesse uma página como as do senhor Sainclair.”

Passando despercebido, por causa da sua pouca importância, Julião aproximou-se sucessivamente de vários grupos; seguia de longe o barão Bâton e queria ouvi-lo falar. Esse homem de tanto espírito tinha um ar inquieto, e Julião só o via acalmar-se um pouco depois de ter conseguido dizer duas ou três frases espirituosas. Julião achou que este género de espírito tinha necessidade de espaço. O barão não podia dizer poucas palavras; precisava, pelo menos, de quatro frases de seis linhas cada uma para ser brilhante.

- Este homem discorre, não conversa - dizia alguém atrás de Julião. Voltou-se e corou de prazer ao ouvir nomear o conde Chalvet. É o homem mais subtil deste século.

Tinha muitas vezes encontrado o seu nome no Memorial de Santa Helena e nos trechos de história ditados por Napoleão. O conde Chalvet tinha uma maneira de falar rápida; as suas expressões eram relâmpagos, exactas, vivas, profundas. Se falava de qualquer assunto imediatamente se via a discussão dar um passo. Citava factos, dava prazer ouvi-lo. De resto, na política era um cínico descarado.

- Eu sou independente - dizia a um senhor que trazia três condecorações e de quem aparentemente troçava.

- Porque querem que seja hoje da mesma opinião que há seis semanas? Nesse caso, a minha opinião seria o meu tirano.

Quatro rapazes novos que o rodeavam fizeram uma careta; não gostavam do género brincalhão. O conde viu que tinha ido longe de mais. Felizmente, descobriu nessa altura o honesto senhor Balland, tartufo da honestidade. O conde pôs-se a falar com ele. Aproximaram-se, e compreenderam que o pobre Balland ia ser imolado. à força de moral e de moralidade, apesar de terrivelmente feio e depois de os seus primeiros passos no mundo serem difíceis de contar, o senhor Balland casou com uma mulher muito rica e que morreu; em seguida casou novamente com uma segunda mulher igualmente rica e que ninguém vê na sociedade. Goza com toda a humildade de sessenta mil libras de rendimento e tem quem o lisonjeie. O conde Chalvet falou-lhe de tudo isto, sem

piedade. Dali a pouco, à roda deles, havia um círculo de trinta pessoas. Toda a gente sorria, mesmo os rapazes novos e sérios, a esperança do século.

“Porque virá ele a casa do senhor de La Mole, onde, evidentemente, é o bobo de todos?”, pensou Julião.

Aproximou-se do abade Pirard para Lho perguntar.

O senhor Balland esquivou-se.

- Bom! - comentou Norberto. - Um dos espões de meu pai já se foi embora; agora só fica o Napier coxo.

“Estaria aqui a chave do enigma?”, pensou Julião. “Mas nesse caso, porque é que o marquês receberá o senhor Balland?”

O severo abade Pirard fazia caretas num canto do salão ao ouvir os lacaios anunciar quem entrava.

- Isto é um covil - dizia ele, como Basílio. - Só vejo chegar pessoas taradas.

É que o severo abade não sabia o que a alta sociedade reúne. Mas, pelos seus amigos jansenistas, tinha noções bastante exactas sobre os homens que só chegam aos salões pela sua extrema esperteza ao serviço de todos ou pela sua fortuna escandalosa. Durante alguns minutos, naquela noite, respondeu com o coração aberto às perguntas de Julião. Depois parou de repente, desolado por ter sempre de dizer mal de toda a gente, censurando isto a si próprio como um pecado. Bilioso, jansenista e acreditando no dever da caridade cristã, a sua vida na sociedade era um combate.

- Que cara que tem aquele abade Pirard! - dizia a menina de La Mole quando Julião se aproximou do canapé.

Ele sentiu-se irritado, mas ela tinha razão. O abade era, sem dúvida, o homem mais honesto que estava naquela sala, porém, o seu rosto cheio de borbulhas, agitado pelas sensações dolorosas que a sua consciência lhe causava, tornava-o medonho naquele momento. “Depois disto, acreditem nas fisionomias!”, pensava Julião. “É no momento em que a delicadeza do abade Pirard lhe está censurando qualquer peccadinho que ele tem um ar medonho, enquanto na cara daquele Napier, espão conhecido por todos, se lê uma felicidade pura e tranquila.” O abade Pirard, pela sua parte, fizera, contudo, grandes concessões, tomara um criado e andava mais bem vestido.

O jovem secretário notou qualquer coisa estranha no salão: era um movimento de todos os olhos para a porta e um meio silêncio súbito. O lacaios anunciava o famoso barão de Tolly, para o qual as eleições tinham chamado a atenção geral. Avançou e viu-o muito bem. O barão, que presidia a um colégio eleitoral, tivera a ideia luminosa de escamotear os pequenos quadrados de papel que representavam os votos de um dos partidos. Mas, para que houvesse compensação, substituía-os pouco a pouco por outros bocados de papel onde

estava o nome que lhe era agradável. Esta manobra decisiva foi notada por alguns eleitores, que se apressaram a cumprimentar, por esse facto, o barão de Tolly. O homem ainda estava pálido por causa deste caso. Espíritos mal-intencionados tinham pronunciado as palavras: “trabalhos forçados.” O senhor de La Mole recebeu-o friamente. O pobre barão foi-se embora.

- Ele que nos deixa tão depressa é para ir a casa do senhor Comte - disse o conde de Chalvet; riram-se.

No meio de alguns grandes senhores silenciosos e dos intriguistas, a maior parte dos quais eram tarados, mas todos pessoas de espírito, que naquela noite passavam sucessivamente pelo salão do senhor de La Mole (falavam dele para ministro) o pequeno Tanbeau experimentava as suas primeiras armas. Se ainda não tinha uma visão afinada, desforrava-se, como se vai ver, com palavras enérgicas.

- Porque é que não se condena aquele homem a dez anos de prisão? - dizia ele no momento em que Julião se aproximou do grupo. - É para o fundo de uma enxovia que é preciso desterrar os répteis; devem fazer-se morrer à sombra; de outra forma, o seu veneno aumenta e torna-se mais perigoso. Para que serve condená-los a uma multa de mil francos? É pobre? O seu partido pagará por ele. Seria necessário menos francos de multa e dez anos de prisão.

“Mas, santo Deus!, quem será então o monstro de que ele fala?”, pensou Julião que admirava o tom veemente e os gestos sacudidos do seu colega. A carinha magra e contraída do sobrinho do académico era horrível naquele momento. Julião soube dali a pouco que se tratava do maior poeta daquele tempo.

“Ah, monstro”, exclamou quase em voz alta, e lágrimas generosas vieram-lhe aos olhos. “Ah! tratante!”, pensou, “hei-de fazer-te pagar essas palavras. Aqui estão, portanto, as crianças abandonadas do partido de que o marquês é um dos chefes! E este homem ilustre que ele calunia, quantas condecorações, quantas sinecuras, não acumularia se se vendesse, não digo ao vulgar ministério do senhor de Nerval, mas a algum desses ministros sofrivelmente honestos que vimos sucederem-se uns aos outros?”

O abade Pirard fez de longe sinal a Julião. O senhor de La Mole acabava de lhe dizer qualquer coisa. Mas quando ele, que naquele momento escutava de olhos baixos as lamentações de um bispo, conseguiu ver-se livre deste e pôde aproximar-se do seu amigo, encontrou-o monopolizado pelo abominável Tanbeau. O monstrozinho detestava-o, como fonte do valimento de Julião e vinha fazer-lhe a corte.

Quando é que a morte nos livrará desta velha podridão? Era nestes termos de energia bíblica que o escritorzinho naquele momento falava do respeitável

Lord Holland. O seu mérito era saber muito bem a biografia dos homens vivos, e acabava de fazer uma rápida revisão a todos os que podiam aspirar a alguma influência sob o reinado do novo rei de Inglaterra.

O abade Pirard passou para um salão próximo e o seu protegido seguiu-o.

- O marquês não gosta dos escrevinhadores, previno-o disso; é a sua única antipatia. Saiba o latim, o grego, se puder a história dos Egípcios, dos Persas, etc. Ele há-de honrá-lo e protegê-lo, como um sábio. Mas não vá escrever uma página em francês, e, sobretudo, acerca de assuntos graves e acima da sua posição na sociedade; chamar-lhe-ia escrevinhador e tomá-lo-ia de ponta. Como é que, habitando no palácio de um grande fidalgo, não conhece ainda as palavras do duque de Castries sobre d'Alembert e Rousseau: "Queriam falar de tudo e nem sequer tinham mil francos de rendimento?"

"Tudo se sabe", pensou Julião, "tanto aqui como no seminário!" Tinha escrito oito ou dez páginas bastante enfáticas: era uma espécie de elogio histórico do velho cirurgião-mor, que fora quem o fizera homem. "E esse caderninho", disse para consigo Julião, "esteve sempre fechado à chave!" Subiu ao quarto, queimou o seu manuscrito e voltou para a sala. As pessoas brilhantes tinham saído, tendo ficado apenas os homens representativos.

À roda da mesa, já posta, que os criados acabavam de trazer, estavam sete ou oito damas muito nobres, muito devotas, muito afectadas, de trinta a trinta e cinco anos de idade. A brilhante marechala de Frevaques entrou, desculpando-se de chegar tão tarde. Era mais de meia-noite; foi sentar-se perto da marquesa. Julião ficou profundamente comovido; ela tinha os olhos e o olhar da senhora de Rênal.

O grupo da menina de La Mole, que ainda era numeroso, entretinha-se a fazer troça do infeliz conde de Thaler. Era filho único daquele famoso judeu que enriquecera emprestando dinheiro aos reis para fazerem guerra aos povos. O judeu tinha morrido há pouco, deixando ao filho um rendimento mensal de cem mil francos e um nome infelizmente célebre em demasia!

Esta posição estranha teria exigido simplicidade de carácter, ou muito de força de vontade.

Infelizmente, o conde não passava de um homem cheio de toda a espécie de pretensões, inspiradas pelos seus lisonjeadores.

O senhor de Caylus pretendia que lhe tinham incutido o desejo de pedir em casamento a menina de La Mole, a quem o marquês de Croisenois, que viria a ser duque, com cem mil libras de renda, fazia a corte.

- Ah! Não o acusem de ter vontade - dizia Norberto.

O que na realidade fazia mais falta ao pobre conde de Thaler era a faculdade de querer. Esta faceta do seu carácter tornava-o digno de ser rei.

Pedindo conselhos a todos, estava até ao fim sem ter coragem de seguir nenhum deles.

“A sua fisionomia bastaria para lhe inspirar uma eterna alegria”, comentava a menina de La Mole. Era uma mistura estranha de inquietação e de desapontamento; mas, de tempos a tempos, distinguia-se nele um ar de importância e aquele tom cortante próprio do homem mais rico de França, sobretudo quando essa pessoa é elegante e não tem ainda trinta e seis anos. O senhor de Croisenois dizia que ele era timidamente insolente. O conde de Caylus, Norberto e mais dois ou três rapazes de bigode, zombaram dele quanto quiseram, sem que desse por isso, e, por fim, ao soar a uma hora, mandaram-no embora.

- Serão os seus famosos cavalos árabes que estarão ali à porta à sua espera?  
- indagou Norberto.

- Não; é uma parelha nova bem menos cara - respondeu o senhor de Thaler. - O cavalo da esquerda custou-me cinco mil francos e o da direita só vale cem luíses. Mas peço-lhe que acredite que só de noite é atrelada. É que o seu trote é exactamente igual ao da outra.

A observação de Norberto fez pensar ao conde que ficava bem a um homem como ele a paixão pelos cavalos e que não devia deixar molhar os seus. Saiu, e os outros saíram um instante depois, troçando dele.

“Assim”, dizia para consigo Julião, ouvindo-os rir na escada, “foi-me dado ver o outro extremo da minha situação! Não tenho vinte luíses de rendimento e estive ao lado de um homem que tem este mesmo rendimento por hora, e troçavam dele... Ver isto cura-me da inveja.”

## A SENSIBILIDADE É UMA FIDALGA DEVOTA

*Ali, uma ideia original parece uma grosseria, de tal maneira estão habituados a palavras sem relevo. Infeliz de quem, quando fala, vai criando.*

Faublas

Depois de muitos meses de experiências, eis em que ponto estava Julião quando o intendente da casa lhe entregou pela terceira vez a quarta parte do seu ordenado. O senhor de La Mole encarregara-o de vigiar a administração das suas terras na Bretanha e na Normandia. O jovem secretário ia com frequência a estas províncias. Era o encarregado-chefe da correspondência relativa ao famoso processo com o abade de Frilair. O senhor Pirard elucidara-o.

Baseando-se nas curtas notas que o marquês rabiscava na margem dos papéis de toda a espécie que lhe eram dirigidos, Julião compunha cartas, que eram quase todas aproveitadas.

Na escola de teologia os seus professores queixavam-se da sua falta de assiduidade, mas nem por isso deixavam de o considerar um dos alunos mais distintos. Estes diferentes trabalhos, feitos com todo o ardor da ambição contida, depressa lhe fizeram perder as belas cores que trouxera da província. A sua palidez era um mérito aos olhos dos jovens seminaristas seus condiscípulos; achava-os muito menos maus, muito menos interesseiros, que os de Besançon. Quanto a estes, julgavam-no doente do peito.

O marquês dera-lhe um cavalo. Receando ser encontrado nos seus passeios a cavalo, dissera-lhes que o médico lhe aconselhara aquele exercício. O abade Pirard levava-o a várias sociedades jansenistas. Julião ficou admirado; a ideia da religião estava no seu espírito invencivelmente ligada à da hipocrisia e da esperança de ganhar dinheiro. Admirou aqueles homens piedosos e severos que não pensam no orçamento. Vários deles tinham-se tornado seus amigos e davam-lhe conselhos. Um mundo novo abria-se na sua frente. Naquele meio de jansenistas conheceu um tal conde Altamira, que tinha quase um metro e

noventa de altura, liberal condenado à morte no seu país e devoto. Este contraste estranho, a devoção e o amor da liberdade, espantou-o.

Julião estava um pouco frio com o jovem conde. Norberto achava que ele respondia com demasiada vivacidade às brincadeiras de alguns dos seus amigos. Julião, como por uma ou duas vezes fora inconveniente, prescrevera a si próprio nunca mais dirigir a palavra à menina Matilde. No palácio de La Mole todos continuavam a ser delicados para com ele. Mas sentia que perdera um pouco do seu prestígio. O bom senso provinciano explicava isto com o vulgar provérbio: “Tudo o que é novo é belo.”

Talvez fosse um pouco mais clarividente nos primeiros dias, ou então o primeiro encanto produzido pela urbanidade parisiense passara.

Mal acabava de trabalhar sentia-se muito aborrecido; é o efeito insensibilizante da delicadeza admirável, mas tão comedida, tão perfeitamente graduada consoante as posições, que distingue a alta sociedade. Um espírito que seja um pouco sensível vê o artifício.

Sem dúvida pode censurar-se à província um tom vulgar ou pouco delicado; mas todos os assuntos são tratados com paixão. No palácio de La Mole o amor-próprio de Julião nunca fora ferido; mas, frequentemente, no fim do dia, sentia vontade de chorar.

Na província um criado de café interessa-se por nós se, ao entrar, suceder qualquer acidente; mas se este acidente for desagradável para o amor-próprio, ao lamentar-vos repetirá dez vezes a palavra que vos tortura. Em Paris têm a atenção de se esconder para rirem de vós, mas sois sempre um estranho.

Não falaremos de algumas pequenas aventuras que teriam sido ridículas para Julião se ele não tivesse estado, de certo modo, fora do ridículo. Uma sensibilidade exagerada fazia-o praticar muitos actos desagradáveis. Todos os seus prazeres eram precauções: atirava à pistola todos os dias, era um dos bons alunos dos mais famosos mestres de armas. Quando podia dispor de um instante, em lugar de o empregar a ler, como antigamente, corria ao picadeiro para montar os cavalos mais difíceis. Nos passeios com o professor de equitação era atirado a terra quase com regularidade.

O marquês considerava-o um servidor excelente, por causa do seu trabalho obstinado, do seu silêncio, da sua inteligência e pouco a pouco confiou-lhe todos os assuntos difíceis. Nos momentos em que a sua grande ambição lhe dava algum repouso o marquês fazia negócios, sagazmente. Jogava nos papéis da Bolsa e tinha sorte. Comprava casas, bosques, mas com facilidade ficava de mau humor. Dava centenas de luíses, mas questionava por alguns francos. Os homens ricos que não têm o espírito mesquinho procuram nos negócios um certo divertimento, e não resultados. Por isso, o marquês tinha

necessidade de um chefe de estado-maior que pusesse uma ordem clara e fácil de abranger em todos os assuntos de dinheiro.

A senhora de La Mole, apesar de ter um carácter circunspecto, às vezes, troçava de Julião. O imprevisto, produzido pela sensibilidade, horroriza as grandes damas; é o antípoda das conveniências. Duas ou três vezes o marquês tomou o seu partido: se é ridículo no vosso salão, triunfa no meu escritório. Pelo seu lado, o jovem secretário julgou adivinhar o segredo da marquesa. Dignava interessar-se por tudo sempre que anunciavam o barão de La Jomate. Era um ser frio, de fisionomia impassível. Alto, delgado, feio, muito bem vestido, passava a vida no castelo, e, em geral, não dizia nada a respeito de coisa alguma. Tal era a sua maneira de pensar. A marquesa de La Mole sentir-se-ia muito feliz, pela primeira vez na sua vida, se pudesse fazer dele marido da sua filha.

## MANEIRA DE PRONUNCIAR

*A sua alta missão é avaliar com calma os pequenos acontecimentos da vida quotidiana dos povos. A sua sabedoria deve prever as grandes cóleras por pequenas causas ou por acontecimentos que a voz da fama transfigura atravessando as distâncias.*

Gratius

Para um recém-chegado que, por altivez, nunca fazia perguntas, Julião não cometeu grandes asneiras. Um dia, tendo entrado num café da Rua Santo Honorato para se abrigar de uma chuvada, de súbito, um homem alto, de casaca de castorina, admirado com o seu olhar sombrio, fitou-o por seu turno exactamente como o fitara em tempos em Besançon o namorado da menina Amanda.

Julião censurara a si próprio, com frequência, o ter deixado passar aquele primeiro insulto para agora suportar tal olhar. Pediu explicações. O homem de casaca dirigiu-lhe imediatamente as maiores injúrias: toda a gente que estava no café os rodeou; os que passavam paravam diante da porta. Com uma precaução de provinciano, Julião trazia sempre consigo umas pistolas; as suas mãos apertavam-nas na algibeira com um movimento convulsivo. Contudo, manteve-se calmo e limitou-se a repetir ao homem de momento a momento: Senhor, a sua morada?

Desprezo-o!

A constância com que se agarrava a estas palavras acabou por admirar a multidão.

Essa agora! O outro que está a falar não tem remédio senão dar-lhe a direcção. O homem de casaca, ouvindo aquela pergunta repetida com frequência, atirou à cara de Julião cinco ou seis cartões. Felizmente nenhum o atingiu; prometera a si próprio só se servir das pistolas se o outro lhe tocasse. O homem foi-se embora, não sem de vez em quando se voltar, para o ameaçar com o

punho fechado e dirigir-lhe algumas injúrias.

Julião ficou encharcado em suor. “Afinal está nas possibilidades de qualquer homem ofender-me a este ponto!”, dizia para consigo cheio de raiva. “Como hei-de matar esta sensibilidade tão humilhante?”

Onde arranjar uma testemunha? Nem sequer tinha um amigo.

Tivera vários conhecimentos; mas todos, infalivelmente, ao fim de seis semanas de relações se afastavam dele. “Sou insociável e agora estou cruelmente castigado”, pensou. Por fim, lembrou-se de procurar o antigo tenente do Regimento 96, chamado Liéven, pobre diabo com quem frequentemente esgrimia.

Foi sincero com ele.

- Serei sua testemunha - disse Liéven -, mas com uma condição: se não ferir o seu adversário, bater-se-á comigo imediatamente.

- Combinado - respondeu Julião, encantado; e foram procurar o senhor C. de Beauvoisis na direcção indicada nos seus bilhetes, ao fundo da Avenida de São Germano.

Eram sete da manhã. Só quando se fez anunciar em casa dele é que Julião pensou que podia tratar-se do jovem parente da senhora de Rênal, empregado em tempos na embaixada de Roma ou de Nápoles e que dera uma carta de apresentação ao cantor Geronimo.

Julião entregara a um criado de quarto um dos cartões que o outro na véspera lhe atirara e outro seu.

Fizeram-no esperar, e à sua testemunha, três grandes quartos de hora; por fim, foram introduzidos nuns aposentos de elegância admirável. Encontraram um rapaz alto, vestido como uma boneca; as suas feições tinham a perfeição e a insignificância da beleza grega. A cabeça, extraordinariamente estreita, tinha cabelos de um lindo louro. Estavam cuidadosa e impecavelmente frisados. “Foi para se fazer frisar assim”, pensou o tenente do 96, “que este tolo nos fez esperar.” O roupão de diversas cores, as calças próprias para de manhã, tudo, até as pantufas bordadas, era correcto e maravilhosamente cuidado. A sua fisionomia, vazia e nobre, denunciava poucas ideias, mas aceitáveis: o ideal do diplomata à Metternich. Napoleão também não queria rodear-se de oficiais pensadores. Julião, a quem o seu tenente explicara que fazê-lo esperar tanto tempo, depois de lhe ter atirado grosseiramente à cara com os cartões, era mais uma ofensa, entrou bruscamente nos aposentos do senhor de Beauvoisis. Tinha intenção de ser insolente.

Ficou tão admirado com a doçura dos modos do senhor de Beauvoisis, com o seu ar calmo e ao mesmo tempo importante e satisfeito consigo próprio, com a elegância admirável de tudo o que o rodeava que perdeu de repente toda

a ideia de ser insolente. Não era o homem da véspera. O seu espanto foi tão grande por encontrar uma pessoa tão distinta em lugar da personagem grosseira que procurava que não conseguiu dizer uma palavra. Apresentou um dos cartões que o outro lhe tinha atirado à cara.

- É o meu nome - disse o jovem diplomata, ao qual o fato preto de Julião, logo às sete da manhã, inspirava bem pouca consideração -, mas não compreendo a honra...

A maneira como pronunciou estas últimas palavras fez com que o nosso jovem secretário ficasse outra vez mal-humorado.

- Venho para me bater consigo, senhor - e explicou rapidamente todo o caso.

O senhor Carlos de Beauvoisis, depois de ter maduramente pensado, ficara suficientemente satisfeito com o corte do fato preto de Julião. "Não há dúvida de que é feito por Staub", dizia para consigo, ao ouvi-lo falar, "aquele colete é de bom gosto, aquelas botas são bem feitas; mas, por outro lado, este fato preto logo de manhã!... Talvez seja para melhor escapar à bala", pensou o cavaleiro de Beauvoisis.

Mal deu a si próprio esta explicação voltou a uma delicadeza perfeita, falando com Julião quase como de igual para igual. O colóquio foi bastante longo, o caso era delicado; mas, por fim, Julião teve de se render à evidência: o jovem de tom de voz perfeito que estava diante de si não tinha aparência alguma com a personagem grosseira que na véspera o insultara.

Julião sentia uma repugnância invencível em ir-se embora; fazia durar a explicação. Observava a arrogância do cavaleiro de Beauvoisis. Fora assim que se nomeara ao falar de si, chocado por Julião lhe chamar simplesmente senhor.

Admirava a sua gravidade, misturada com certa presunção modesta que nem um instante o abandonava. Espantava-se com a maneira estranha como mexia a língua ao pronunciar as palavras... mas, enfim, em tudo isto não havia a mais pequena razão para um duelo.

O jovem diplomata, com grande amabilidade, ofereceu-se para se bater, mas o tenente do 96, sentado há uma hora com as pernas afastadas, as mãos nas ancas e os cotovelos para fora, decidiu que o seu amigo senhor Sorel não viera ali procurar uma questão com um homem porque tinham roubado a esse homem os seus cartões-de-visita.

Julião saiu de muito mau humor. A carruagem do cavaleiro de Beauvoisis esperava-o no pátio, diante da escada; por acaso, o nosso herói levantou os olhos e reconheceu no cocheiro o homem da véspera.

Vê-lo, puxá-lo pelo grande casaco, fazê-lo cair da boleia e enchê-lo de chicotadas com o seu chicotezinho de cavaleiro foi obra de um segundo. Dois

lacaio quisera defender o seu camarada, e o rapaz recebeu uns socos; no mesmo instante, armou uma das suas pistolas e disparou sobre eles. Fugiram.

Isto tudo não durou mais de um minuto.

O cavaleiro de Beauvoisis descia a escada com a sua gravidade habitual, repetindo, com a pronúncia de fidalgo:

- Que é isso? Que é isso?

Era evidente que sentia grande curiosidade, mas a sua categoria de diplomata não lhe permitia mostrar mais interesse. Quando soube do que se tratava, a altivez lutou ainda nas suas feições com o sangue-frio ligeiramente irónico que nunca deve abandonar um rosto de diplomata.

O tenente do 96 compreendeu que o senhor de Beauvoisis tinha vontade de se bater; quis, por isso, conservar diplomaticamente ao seu amigo as vantagens da iniciativa.

- Agora, sim, já há razão para um duelo!

- Suponho que sim - respondeu o diplomata.

- Ponham fora este maroto - disse ele aos seus lacaios, referindo-se ao cocheiro -; outro que suba. - Abriram a portinhola do carro: o cavaleiro quis por força fazer as honras a Julião e à sua testemunha. Foram buscar um amigo do senhor de Beauvoisis, que indicou um lugar sossegado. Durante o caminho a conversa decorreu normal. A única coisa estranha que ali havia era o diplomata de roupão.

“Apesar de nobres, estes senhores não são aborrecidos como as pessoas que vão jantar a casa do senhor de La Mole”, pensava Julião, “e vejo por que se permitem ser indecentes.”, Falavam das dançarinas que o público distinguira num bailado exibido na véspera. Os dois fidalgos aludiam a anedotas frescas, que tanto Julião como a sua testemunha ignoravam completamente. Mas o jovem secretário não cometeu a asneira de pretender sabê-las, confessou com boa vontade a sua ignorância. Esta franqueza agradou ao amigo do cavaleiro; contou-lhe as anedotas muito bem e com todas as minúcias.

Houve uma coisa que admirou imenso Julião. A carruagem parou por causa de um altar para a procissão da festa do Corpo de Deus que estavam construindo na rua. Aqueles senhores disseram várias graças. Segundo diziam, o cura era filho de um bispo.

Nunca o marquês de La Mole, que queria ser duque, ousaria pronunciar estas palavras.

O duelo resolveu-se num instante: Julião foi atingido por uma bala num braço; ligaram-no com lenços, molharam estes com aguardente e o cavaleiro de Beauvoisis pediu muito delicadamente a Julião que lhe permitisse levá-lo a sua casa no mesmo carro em que o trouxera. Quando ouviu indicar o palácio de La

Mole, o diplomata e o amigo trocaram olhares. O carro de Julião estava ali mas este achava a conversa daqueles senhores muitíssimo mais divertida do que a do bom tenente do 96.

“Meu Deus! Um duelo será só isto?”, pensava ele. “Que contente estou por ter encontrado aquele cocheiro! Que infeliz me sentiria se tivesse de suportar outra vez aquela injúria num café!” A divertida conversa quase se não interrompera.

Compreendeu então que a affectação diplomática para alguma coisa serve.

“O aborrecimento não é, portanto, parte integrante de uma conversa de gente fidalga!”, comentava para consigo. “Estes troçam com a procissão da festa do Corpo de Deus, ousam contar com pormenores pitorescos anedotas muito escabrosas. Só lhes falta o raciocínio sobre as coisas políticas, e esta falta é mais que compensada pela graça do seu tom e exactidão perfeita das suas expressões.” Julião sentia por eles uma grande atracção. “Como eu seria feliz se estivesse com eles de vez em quando!”

Mal se separaram, o cavaleiro de Beauvoisis correu a informar-se: as indicações não foram brilhantes. Sentia grande curiosidade em conhecer o seu homem: poderia decentemente fazer-lhe uma visita? O pouco que dele soubera não era de natureza a encorajá-lo.

- Tudo isto é horrível! - disse à sua testemunha. - É impossível eu confessar ter-me batido com um simples secretário do senhor de La Mole, e, ainda para mais, por causa de o meu cocheiro me ter roubado os cartões-de-visita.

- Com certeza que tudo isto poderá cair no ridículo. Nessa mesma noite, o cavaleiro de Beauvoisis e o seu amigo disseram por toda a parte que aquele senhor Sorel, que, de resto, era um rapaz de quem nada havia a dizer, era filho natural de um amigo íntimo do marquês de La Mole. Isto foi acreditado sem dificuldade. Uma vez que isto ficou estabelecido, o jovem diplomata e o seu amigo dignaram-se fazer algumas visitas a Julião durante os quinze dias que este passou no quarto.

Julião confessou-lhes que durante toda a sua vida só uma vez fora à pera.

- Isso é espantoso! - disseram-lhe. - Mas não se faz outra coisa senão ir à pera! É preciso que a sua primeira saída seja para o Conde Ory.

Na ópera o cavaleiro de Beauvoisis apresentou-o ao famoso cantor Geronimo, que fazia então um grande sucesso.

Julião quase fazia a corte ao cavaleiro. Aquela mistura de amor-próprio, de importância misteriosa e de presunção encantava-o. Por exemplo, gaguejava um pouco porque tinha a honra de conversar frequentes vezes com um grande senhor que tinha esse defeito. Nunca Julião encontrara reunidos num só ser o

ridículo que diverte e a perfeição de maneiras que um pobre provinciano deve procurar imitar.

Viam-no na pera com o cavaleiro de Beauvoisis; esta ligação fez pronunciar o seu nome.

- Então! - disse-lhe um dia o senhor de La Mole. - Ei-lo filho natural de um rico fidalgo do Franco Condado, meu amigo íntimo.

O marquês cortou a palavra a Julião, que queria protestar, explicando que em nada contribuía para este boato.

- O senhor de Beauvoisis apenas não quis dizer que se tinha batido com o filho de um carpinteiro.

- Eu sei, eu sei - respondeu o senhor de La Mole -, e agora devo eu dar consistência a essa versão que lhe convém. Mas tenho um favor para lhe pedir, e que lhe custará só meia hora do seu tempo; todos os dias de ópera, às onze e meia vá assistir no vestíbulo à saída do público. Note que, de vez em quando, tem ainda maneiras de provinciano; será preciso acabar com elas. De resto, não é mau conhecer, pelo menos de vista, as grandes personagens junto das quais posso um belo dia encarregá-lo de qualquer missão. Passe pela bilheteira para lhe darem as entradas.

## UM ATAQUE DE GOTA

*E fui promovido, não pelos meus méritos, mas porque o meu patrão sofria de gota.*

Bertolotti

O leitor está talvez surpreendido com este tom livre e quase amigável; esquecemo-nos de dizer que o marquês estava há seis semanas retido em casa com um ataque de gota. A menina de La Mole e a mãe estavam em Hyères, junto da mãe da marquesa. O conde Norberto visitava o pai apenas durante uns instantes; davam-se muito bem, mas não tinham nada a dizer um ao outro. O senhor de La Mole, reduzido a Julião, ficou muito admirado ao notar que ele tinha ideias. Mandava-lhe ler os jornais. E breve o jovem secretário começou a saber escolher as passagens interessantes. Havia um jornal novo que o marquês detestava; jurara nunca o ler, e todos os dias falava nisso. Julião ria.

O senhor de La Mole, irritado contra o tempo presente, quis que lhe lesse Tito Lívio; divertia-o a tradução improvisada do texto latino.

Um dia disse-lhe, com aquele tom de delicadeza excessiva que tanta vez irritava Julião:

- Permita, meu caro Sorel, que lhe faça presente de uma casaca azul; quando lhe apetercer vesti-la e vir até aos meus aposentos será, a meus olhos, o irmão mais novo do conde de Chaulnes, quer dizer, o filho do velho duque meu amigo.

Julião não compreendia muito bem do que se tratava; nessa mesma noite experimentou fazer uma visita de casaca azul. O marquês tratou-o como um igual. Julião era capaz de sentir a verdadeira delicadeza, mas não fazia ideia dos matizes que esta podia tomar. Antes daquela fantasia do marquês juraria que era impossível ser por ele recebido com mais consideração.

“Que admirável talento!”, disse para consigo. E quando se levantou para sair, o senhor de La Mole pediu-lhe desculpa de não poder acompanhá-lo por causa da sua gota.

Esta ideia estranha preocupou Julião. “Zombará ele de mim?”, pensou. Foi

pedir conselho ao abade Pirard, que, menos delicado do que o marquês, lhe respondeu assobiando e falando de outra coisa. Na manhã seguinte, o jovem secretário apresentou-se ao patrão, de fato preto, com a sua pasta e as cartas para assinar. Recebeu-o da forma antiga. À noite, de fato azul, o tom foi diferente e exactamente tão delicado como na véspera.

- Visto que não se aborrece muito com as visitas que tem a bondade de fazer a um pobre velho doente - disse-lhe o senhor de La Mole -, deverá contar-lhe todos os pequenos acidentes da sua vida, mas com franqueza e pensando apenas em contar com clareza e de maneira divertida. Porque devemos divertir-nos - continuou -; na vida só isso é uma realidade. Um homem não pode salvar-me a vida na guerra todos os dias, ou fazer-me todos os dias presentes de um milhão; mas se eu tivesse Rivarol aqui perto da minha poltrona todos os dias tirar-me-ia uma hora de dor e de aborrecimento. Conheci-o muito em Hamburgo durante a emigração. E contou a Julião as anedotas de Rivarol com os Hamburgueses, que tinham de se juntar aos quatro para interpretarem um bom dito de espírito.

O senhor de La Mole, tendo apenas para conviver aquele seminarista-zinho, quis incitá-lo à alegria e ao bom humor.

Quis estimular o orgulho de Julião. Visto que lhe pediam a verdade, este resolveu dizer tudo; mas calando duas coisas: a sua admiração fanática por um nome que punha o marquês de mau humor e a incredulidade completa, que não ficava bem a um futuro padre. O seu caso com o cavaleiro de Beauvois veio a propósito. O marquês riu até às lágrimas da cena do café da Rua Santo Honorato com o cocheiro que o encheu de baixas injúrias. Foi uma época de franqueza completa nas relações entre o patrão e o protegido.

O senhor de La Mole interessou-se por aquele carácter estranho. No começo lisonjeava os ridículos de Julião, para se divertir com eles; mas dentro em pouco achou mais interesse em corrigir suavemente as suas falsas maneiras de ver. "Os outros provincianos que chegam a Paris admiram tudo", pensava o marquês, "este odeia tudo. Aqueles têm affectação de mais e este nem sequer tem a necessária, e os parvos tomam-no por parvo."

O ataque de gota, prolongado pelos grandes frios do Inverno, durou muitos meses. "Tomamos amizade a um cão", dizia para consigo o marquês, "porque terei vergonha de me dedicar a este seminaristazinho. É original. Trato-o como um filho. Pois bem! Onde está o inconveniente? Esta fantasia, se for duradoura, custar-me-á um diamante de quinhentos luíses no meu testamento." Desde que o senhor de La Mole compreendera o carácter firme do seu protegido cada dia lhe dava um novo encargo.

Julião notou, com espanto, que acontecia àquele grande senhor dar-lhe

ordens contraditórias sobre o mesmo assunto.

Isto podia comprometê-lo gravemente. Nunca mais trabalhou com ele sem trazer um registo no qual escrevia as ordens e o marquês rubricava. Julião tomou para o seu serviço um empregado, que transcrevia as notas relativas a cada assunto num registo especial. Este registo recebia também a cópia de todas as cartas.

Esta ideia pareceu, primeiro, ridícula e maçadora. Mas, em menos de dois meses, o marquês notou-lhe as vantagens. Julião propôs-lhe contratar um empregado saído de casa de um banqueiro e que manteria um duplicado da conta de todas as receitas e de todas as despesas das terras que Julião estava encarregado de administrar.

Estas medidas esclareciam de tal forma aos olhos do marquês os seus próprios negócios que pôde dar-se ao prazer de empreender duas ou três novas especulações sem a ajuda do homem que assinava as coisas em que ele não queria figurar, e que o roubava sempre que podia.

- Tire três mil francos para si - disse um dia ao seu jovem ajudante.

- Senhor, a minha conduta pode ser caluniada.

- Que quer então? - continuou o marquês, de mau humor.

- Que queira escrever isso pela sua própria mão no registo; essa nota dar-me-á uma soma de três mil francos. De resto, foi o abade Pirard quem se lembrou de toda esta contabilidade.

O marquês, com a cara aborrecida do marquês de Moncade ouvindo as contas do senhor Poisson, seu intendente, escreveu o que lhe era pedido.

À noite, quando Julião aparecia de fato azul, nunca se falava de negócios. As bondades do senhor de La Mole eram tão lisonjeadoras para o tão susceptível amor-próprio do nosso herói que dentro em pouco, contra sua vontade, começou a sentir uma espécie de amizade por aquele velho amável. Não é que Julião fosse sensível tal como isso é considerado em Paris; mas não era um monstro, e ninguém, desde a morte do velho cirurgião-mor, lhe falara com tanta bondade. Notava, com espanto, que o marquês tinha para com o seu amor-próprio cuidados de delicadeza que o velho cirurgião nunca tivera.

Compreendeu, por fim, que este tinha mais orgulho na sua cruz do que o marquês no seu cordão azul. O pai do senhor de La Mole era um grande fidalgo.

Um dia, no fim de uma audiência da manhã, estando com a casaca preta de serviço, Julião divertiu o marquês, que o reteve duas horas, e quis absolutamente dar-lhe algumas notas de banco que o seu testa-de-ferro acabava de lhe trazer da Bolsa.

- Espero, senhor marquês, não me afastar do profundo respeito que lhe

devo suplicando-lhe que me permita dizer umas palavras.

- Fale, meu amigo.

- Permita, senhor marquês, que eu recuse esse donativo. Não é ao homem de casaca preta que ele é dirigido; estragaria completamente as maneiras que tem a bondade de tolerar no homem de casaca azul.

Cumprimentou com muito respeito e saiu, sem olhar. Isto divertiu o marquês, que o contou à noite ao abade Pirard.

- Devo confessar-lhe, enfim, uma coisa, meu caro abade. Conheço o nascimento de Julião e autorizo-o a não guardar segredo sobre esta confidência.

“O seu procedimento desta manhã é próprio de um nobre”, pensou o marquês, “e eu enobreço-o.”

Alguns meses depois, o velho fidalgo pôde enfim sair.

- Vá passar dois meses a Londres - disse ao seu jovem secretário. - Os correios extraordinários e outras pessoas lhe levarão as cartas recebidas por mim com as minhas notas. Fará as respostas e enviar-mas-á, pondo em cada carta a sua resposta. Calculei que o atraso não ultrapassará cinco dias.

Correndo na diligência pela estrada de Calais, Julião admirava-se dos pretensos negócios por causa dos quais o senhor de La Mole o mandava para Londres.

Não falaremos do sentimento de ódio e quase de horror que se apossou dele ao pisar o solo inglês. Conhecemos a sua louca paixão por Bonaparte. Em cada oficial via um Sir Hudson Lowe, em cada fidalgo um Lord Bathurst, ordenando as infâmias de Santa Helena e recebendo como recompensa dez anos de ministério.

Em Londres, conheceu, enfim, a grande fatuidade. Conhecera alguns jovens fidalgos russos que o iniciaram.

- Você é predestinado, meu caro Sorel - diziam eles -, por natureza; tem aquele semblante frio, a mil léguas da sensação presente, que tanto queremos ter.

- Você ainda não compreendeu o seu século - dizia-lhe o príncipe Korasov. - Faça sempre o contrário do que esperam de si. É esta a única religião da época. Não seja nem louco nem afectado, porque então esperaríamos de si loucuras e afectações e o preceito não seria cumprido.

Julião encheu-se de glória um dia no salão do duque de Fitz-Folke, que o convidara para jantar, assim como ao príncipe Korasov. Esperaram durante uma hora. A forma como Julião se comportou no meio de vinte pessoas que esperavam ainda hoje é citada entre os jovens secretários da embaixada em Londres.

Contra vontade dos elegantes seus amigos, quis visitar o célebre Filipe

Vane, o único filósofo que a Inglaterra teve depois de Locke. Encontrou-o acabando o seu sétimo ano de prisão. "Com a aristocracia não se brinca neste país", pensou o rapaz, "e, ainda para mais, Vane está desonrado, vilipendiado, etc.",

Achou-o alegre; a raiva da aristocracia divertia-o. E, ao sair da prisão, o nosso herói comentava para consigo: "É o único homem alegre que vi em Inglaterra."

A ideia mais útil aos tiranos é a de Deus, dissera-lhe o filósofo.

Suprimimos o resto da doutrina por ser cínica. Quando regressou, o senhor de La Mole, perguntou-lhe:

- Que ideia divertida me traz de Inglaterra? - O secretário calou-se. - Que ideia traz, divertida ou não? - continuou o marquês com vivacidade.

- Primeiro - disse Julião -, mesmo o mais ajuizado dos ingleses é louco uma hora por dia; o demónio do suicídio, que é o Deus do país, visita-o.

"Segundo, o espírito e o talento perdem vinte e cinco por cento do seu valor ao desembarcar em Inglaterra.

"Terceiro, nada no mundo é mais belo, mais admirável e enternecedor do que as paisagens inglesas.

- Agora é a minha vez - disse o marquês.

"Primeiro, porque é que disse, no baile em casa do embaixador da Rússia, que há em França trezentos mil rapazes de vinte e cinco anos que desejam apaixonadamente a guerra? Julga que isto é agradável para os reis?

- Não se sabe o que se há-de fazer quando se fala aos nossos grandes diplomatas - respondeu Julião. - Têm a mania de abrir discussões sérias. Se acreditamos nos lugares-comuns dos jornais, passamos por parvos. Se manifestamos uma opinião verdadeira e nova, ficam admirados, não sabem como responder e, no dia seguinte, às sete horas, mandam-nos dizer, pelo primeiro-secretário da embaixada, que fomos inconvenientes.

- Nada mal - disse o marquês, rindo. - De resto, aposto, senhor homem profundo, que não adivinhou o que foi fazer a Inglaterra.

- Perdoe-me - retorquiu o jovem secretário -, fui para jantar uma vez por semana em casa do embaixador do rei, que é o mais delicado dos homens.

- Foi buscar esta condecoração - disse o marquês. - Não quero fazê-lo abandonar a sua casaca preta, e estou acostumado ao tom mais divertido com que converso com o homem da casaca azul. Até nova ordem, ouça bem isto: quando eu vir esta condecoração, será o filho mais novo do meu amigo duque de Chaulnes, que, sem o suspeitar, há seis meses que está empregado na diplomacia. Repare - acrescentou o marquês com ar muito sério e cortando cerce os agradecimentos - que não quero tirá-lo da sua condição. E sempre um erro e uma desgraça, tanto para o protector como para o protegido. Quando os

meus processos o aborrecerem, ou que não me convenha, pedirei para si uma boa paróquia como a do abade Pirard; e nada mais - acrescentou o marquês em tom muito seco.

Aquela condecoração pôs à vontade o orgulho de Julião; falou muito mais, julgou-se muito menos vezes ofendido e tomado como ponto de mira por aquelas opiniões susceptíveis de qualquer explicação pouco delicada, e que, numa conversa animada, podem escapar a toda a gente.

Aquela cruz fez com que tivesse uma estranha visita: a do senhor barão de Valenod, que vinha a Paris agradecer ao ministério a sua baronia e entender-se com ele. Ia ser nomeado presidente de Verrières, em substituição do senhor de Rênal.

Julião riu no seu interior quando o senhor Valenod lhe deu a entender que acabavam de descobrir que o senhor de Rênal era um jacobino. O facto é que, numa reeleição que se preparava, o novo barão era o candidato do ministério e o senhor de Rênal o candidato dos liberais.

Em vão tentou saber qualquer coisa da senhora de Rênal; o barão pareceu recordar-se da antiga rivalidade e foi impenetrável. Acabou por pedir o voto do pai de Julião para as eleições que iam realizar-se. Julião prometeu escrever.

- Devia, senhor cavaleiro, apresentar-me ao senhor marquês de La Mole.

“Com efeito, devia”, pensou Julião, “mas um patife destes...”

- Na verdade - respondeu -, tenho tão pouca importância no palácio de La Mole que não posso apresentar ninguém.

E, como contava tudo ao marquês, à noite comunicou-lhe a pretensão de Valenod, assim como os seus feitos e atitudes desde 1814.

- Não somente - retorquiu o senhor de La Mole com ar muito sério - me apresentará amanhã o novo barão, mas também o convido para jantar depois de amanhã. Será um dos nossos novos prefeitos.

- Nesse caso - continuou Julião friamente -, peço o lugar de director do asilo de mendicidade para meu pai.

- Muito bem - exclamou o marquês com ar alegre -; concedido.

Estava à espera de ouvir pregar moral. Mas vejo que vai entrando no bom caminho.

O senhor Valenod contou a Julião que o titular da repartição de lotaria de Verrières morrera há pouco. Julião achou engraçado dar aquele lugar ao senhor de Cholin, o velho imbecil cuja petição apanhara no quarto do senhor de La Mole.

O marquês riu com vontade quando o secretário Lha repetiu, na ocasião em que lhe dava para assinar a carta em que pedia o lugar ao ministro das Finanças.

Mal o senhor de Cholin foi nomeado Julião soube que aquele lugar fora pedido pela deputação do departamento para o senhor Gros, célebre geômetra: aquele homem generoso só tinha mil e quatrocentos francos de rendimento, e todos os anos emprestava seiscentos francos ao titular que morrera para o ajudar a manter a família.

Julião ficou admirado com o que fizera. “Não é nada,” dizia para consigo, “terei de fazer bem mais injustiças, se quiser vencer, e, ainda para mais, escondê-las à sombra de belas palavras sentimentais; pobre senhor Gros! Ele é que mercia a condecoração, e sou eu que a tenho, e devo agir conforme o interesse do Governo que ma deu.”

## QUAL É A CONDECORAÇÃO MAIS DISTINTA?

*A tua água não me mata a sede, diz o génio sequioso. Contudo, é o poço mais fresco de todo o Diar-Bekir.*

Pellico

Um dia, Julião voltava da propriedade de Villequier, nas margens do Sena, pela qual o senhor de La Mole tinha muito interesse, por ter sido a única que pertencera ao célebre Bonifácio de La Mole. Encontrou no palácio a marquesa e a filha, que tinham regressado de Hyères.

Julião, agora era um elegante e compreendia a arte de viver em Paris. Foi de uma frieza perfeita para com a menina de La Mole. Parecia não guardar recordação alguma do tempo em que ela alegremente lhe perguntara pormenores a respeito da forma como caíra do cavalo. Ela achou-o mais alto e pálido. A sua figura e a sua maneira de ser já nada tinham de provinciano; já o mesmo se não dava com a sua conversa; era ainda demasiadamente séria e positiva.

Apesar destas qualidades razoáveis, graças ao seu orgulho, nada tinha de subalterno; notava-se apenas que era ainda de mais o número de coisas que considerava importantes. Mas via-se que era homem capaz de sustentar o que dizia.

- Falta-lhe leveza, mas tem espírito - disse a menina Matilde ao pai, gracejando com ele a respeito da condecoração que dera a Julião. - Meu irmão pediu-lha durante dezoito meses, e é um La Mole!...

- Sim; mas Julião tem imprevisto, o que nunca sucedeu ao La Mole de que fala.

Anunciaram o senhor duque de Retz.

Matilde bocejou; recordava-se dos velhos dourados e dos antigos frequentadores do salão paterno. Imaginava a vida aborrecida que ia tornar a fazer em Paris. E, contudo, em Hyères tinha saudades da capital.

"No entanto tenho só dezanove anos", pensava ela. "É a idade da felicidade, dizem todos esses parvos enfeitados." Olhava para oito ou dez

volumes de poesias novas que se tinham acumulado sobre um móvel da sala durante a viagem à Provença. Tinha a infelicidade de ter mais espírito do que os senhores de Croisenois, de Caylus, de Luz e outros seus amigos. Sabia já tudo o que lhe iriam dizer sobre o belo céu da Provença, a poesia, a beleza das regiões do Sul, etc.

Os seus olhos tão lindos, onde se lia um aborrecimento profundo e, pior ainda, o desespero de não encontrar o prazer, fitaram Julião. Ao menos, aquele não era como qualquer outro.

- Senhor Sorel - disse ela, com aquela voz rápida e sacudida, que nada tem de feminino, usada por todas as mulheres novas da alta sociedade -, vai hoje ao baile do senhor de Retz?

- Minha senhora, ainda não tive a honra de ser apresentado ao senhor duque. (Parecia que aquelas palavras e aquele título feriam a boca do provinciano orgulhoso.)

- Ele encarregou meu irmão de o convidar em seu nome; se lá fosse, dar-me-ia pormenores a respeito da propriedade de Villequier. Estão com ideia de irmos lá passar a Primavera. Queria saber se o castelo é habitável e se os arredores são tão lindos como dizem. Há tantas reputações falsas!

Julião não respondeu.

- Vá ao baile com o meu irmão - acrescentou ela com secura.

Cumprimentou-a respeitosamente. "Assim, até no meio do baile tenho de dar contas a todos os membros da família? Mas não sou eu pago como empregado?" O seu mau humor acrescentou: "Só Deus sabe ainda se o que eu vou dizer à filha não contrariará os projectos do pai, do irmão, da mãe! É uma verdadeira corte de príncipe soberano. Seria preciso ser nela de uma nulidade completa e, contudo, não dar a ninguém o direito de se queixar. Como esta rapariga me desagrada!", pensou, vendo afastar-se a menina de La Mole, que a mãe chamara para a apresentar a várias senhoras suas amigas. "Exagera todas as modas; o vestido cai-lhe dos ombros... Está ainda mais pálida do que antes da viagem... Que cabelos sem cor, à força de serem louros! Parece que a claridade passa através deles!... Que altivez naquela maneira de cumprimentar, naquele olhar! Que gestos de rainha!" A menina de La Mole acabava de chamar o irmão na ocasião em que ele ia a sair da sala.

O conde Norberto aproximou-se de Julião.

- Meu caro Sorel, onde quer que o vá buscar à meia-noite, para ir ao baile do senhor de Retz? Ele encarregou-me expressamente de o levar.

- Sei bem a quem devo tantas bondades - respondeu Julião, fazendo uma grande vénia.

O seu mau humor, nada podendo encontrar no tom de delicadeza e até de

interesse com que Norberto lhe falara, pôs-se a analisar a resposta que ele, Julião, dera àquelas palavras amáveis. Achava que tinham uma certa baixeza.

Quando, à noite, chegou ao baile ficou admirado com a magnificência do palácio de Retz. O pátio da entrada estava coberto com um enorme dossel carmesim, com estrelas douradas: nada mais elegante. Debaixo daquele dossel, o pátio estava transformado num bosque de laranjeiras e loureiros-rosa em flor. Como tinham tido o cuidado de enterrar bastante os vasos, as árvores pareciam sair da terra. O caminho que as carruagens seguiam era ensaibrado.

Aquele conjunto pareceu extraordinário ao nosso provinciano.

Não fazia ideia de tal magnificência; por um instante, a sua imaginação comovida esteve a mil léguas do mau humor. No carro, na vinda para o baile, Norberto sentia-se feliz e ele via tudo negro; mas mal entraram no pátio, inverteram-se os papéis.

O conde só era sensível a alguns pormenores, que, no meio de tanto luxo, não tinham podido ser cuidados. Avaliava a despesa de cada coisa e, à medida que chegava a um total elevado, Julião notou que se mostrava quase invejoso e mal-humorado.

Deslumbrado, cheio de admiração e quase tímido, tanta era a sua comoção, chegou ao primeiro dos salões onde dançavam. Comprimiam-se à porta do segundo, e a multidão era tão densa que lhe foi impossível avançar. A decoração deste segundo salão representava o Alhambra, de Granada.

- É a rainha do baile, temos de concordar - dizia um rapaz de bigode, cujo ombro tocava no peito de Julião.

- A menina Fourmont, que todo o Inverno foi a mais linda - respondia-lhe o vizinho -, nota que desce para o segundo lugar; repara no seu ar estranho.

- Realmente, emprega todos os meios para agradar. Olha para aquele sorriso gracioso no momento em que fica sozinha na contradança. É impagável!

- A menina de La Mole tem ar de ser senhora do prazer que lhe causa o seu triunfo, de que ela muito bem se apercebe. Parece que receia agradar a quem lhe fala.

- Muito bem! Aquilo é que é arte de seduzir!

O nosso herói fazia esforços vãos para ver aquela mulher sedutora; sete ou oito homens mais altos do que ele impediam-no disso.

- E, contudo, há garridice naquela tão nobre reserva - continuou o rapaz de bigode.

- E aqueles grandes olhos azuis, que se baixam tão lentamente no momento em que parecem estar prestes a trair-se - acrescentou o vizinho. - Não conheço nada mais hábil.

- Repara como ao pé dela a bela Fourmont tem um ar vulgar - disse um

terceiro.

- Aquele ar de reserva quer dizer: "Como seria amável para si se fosse homem digno de mim!"

- E quem é que será digno da sublime Matilde? - exclamou o primeiro. - Algum príncipe soberano, belo, espirituoso, elegante, um herói na guerra, e tendo, quando muito, vinte anos.

- O filho natural do imperador da Rússia... ao qual, atendendo a este casamento, dariam um reino, ou simplesmente o conde de Thaler, com o seu ar de campónio bem vestido...

A passagem ficou enfim livre. Julião pôde entrar. "Visto que é tão notável aos olhos destes bonecos, merece a pena que eu a estude", pensou. "Compreenderei o que é para esta gente uma perfeição."

Enquanto a procurava com os olhos, Matilde olhou para ele. "O meu dever chama-me", disse para consigo. Mas já não havia mau humor na sua expressão. A curiosidade fazia-o avançar com um prazer que o vestido muito decotado de Matilde depressa aumentou, na verdade, de uma maneira pouco lisonjeira para o seu amor-próprio. "A sua beleza tem mocidade", pensou. Cinco ou seis rapazes, entre os quais reconheceu os que ouvira falar à porta, estavam entre ela e ele.

- O senhor, que esteve aqui todo o Inverno - disse-lhe ela -, não acha que este baile é o mais lindo da estação? - Julião não respondia.

- Acho admirável esta quadrilha Coulon; e aquelas senhoras dançam-na muito bem. - Os rapazes voltaram-se para ver quem era aquele homem feliz de quem a rapariga queria absolutamente ter uma resposta. Esta não foi para encorajar.

- Não poderei ser bom juiz, minha senhora; passo a minha vida a escrever. Este é o primeiro baile magnífico que vejo.

Os rapazes de bigode ficaram escandalizados.

- O senhor é um homem sensato, Sorel - continuou, com um interesse mais marcado -, vê todos os bailes, todas as festas como um filósofo, como Rousseau. Estas loucuras espantam-no sem o seduzirem.

Uma palavra acabava de atingir a imaginação de Julião, expulsando do seu coração todas as ilusões. A sua boca tomou uma expressão de desdém, talvez um pouco exagerada.

- Rousseau é, aos meus olhos, apenas um parvo quando trata de julgar a alta sociedade; não a compreendia e avaliava-a como um laçao feito nobre.

- Mas que escreveu o Contrato Social - disse Matilde com um tom de veneração.

- Ao mesmo tempo que pregava fazendo a apologia da república e o

desabamento das dignidades monásticas, esse parvenu fica cheio de felicidade se um duque muda a direcção do seu passeio depois do jantar para acompanhar um dos seus amigos.

- Ah, sim, o duque de Luxemburgo, em Montmorency, acompanha um tal senhor Coindet para o lado de Paris... - continuou a menina de La Mole, com o prazer e o abandono do primeiro gozo de pedanteria. Embriagava-se com a sua sabedoria, pouco mais ou menos como o académico que descobriu a existência do rei Feretrius.

O olhar de Julião continuava penetrante e severo.

Matilde tivera um momento de entusiasmo; a frieza do seu interlocutor desconcertou-a profundamente. Ficou tanto mais admirada quanto era costume ser ela quem produzia aquele efeito sobre os outros.

Neste momento, o marquês de Croisenois avançava, apressado, para a menina de La Mole. Ficou um momento imóvel, a três passos dela, sem conseguir passar, por causa de toda aquela gente que a rodeava. A sorrir, fitava o obstáculo. A jovem marquesa de Rouvray, que estava perto dele, era uma prima de Matilde. Dava o braço ao marido, com quem casara há quinze dias. O marquês de Rouvray, também muito novo, tinha todo o ar lorpa de um homem que, fazendo um casamento de conveniência, arranjado unicamente pelos notários, encontra uma mulher de beleza perfeita. O senhor de Rouvray viria a ser duque por morte de um tio já bastante idoso.

Enquanto o marquês de Croisenois, não podendo atravessar a multidão, fitava Matilde com ar risonho, ela pousava os seus grandes olhos, de um azul-celeste, nele e nos seus vizinhos.

“Haverá coisa mais desinteressante do que todo este grupo?”, pensava. “Ali está Croisenois, que quer casar comigo; é gentil, delicado, tem uns modos perfeitos, como o senhor de Rouvray. Se não causassem tanto aborrecimento, estes senhores seriam amáveis. Também ele me seguirá no baile com aquele ar apagado e contente. Um ano depois do casamento, a minha carruagem, os meus cavalos, os meus vestidos, o meu castelo a vinte léguas de Paris, tudo isso será o melhor possível, o necessário para fazer morrer de inveja uma aventureira, uma condessa de Roiville, por exemplo; e depois?...”

Só imaginar isto aborrecia a bela Matilde. O marquês de Croisenois conseguiu aproximar-se e falou-lhe, mas ela sonhava, não o ouvia. Nos seus ouvidos o ruído das palavras confundia-se com o zumbido do baile. Com os olhos seguia maquinalmente Julião, que se afastara com ar respeitoso, mas orgulhoso e descontente. Ela descobriu num canto, longe da multidão que circulava, o conde Altamira, condenado à morte no seu país, que o leitor já conhece. No reinado de Luís XIV uma das suas parentes casara com um príncipe de Cont;

esta recordação protegia-o um pouco contra a polícia da congregação.

“Acho que a condenação à morte distingue um homem. É a única coisa que se não compra”, pensou Matilde.

“Ah! É uma boa descoberta que acabo de fazer! Teria sido uma frase brilhante em conversa.”, Matilde tinha o suficiente bom gosto para não aproveitar um bom dito que lhe ocorrera com antecedência; mas também tinha vaidade de mais para não ficar encantada consigo própria. Um ar de felicidade substituiu no seu rosto aquela expressão enfastiada. O marquês de Croisenois, que continuava a falar, julgou ver nessa mudança o seu êxito e redobrou de eloquência.

“Se qualquer pessoa maldosa fizesse uma objecção à minha frase”, disse, para consigo, Matilde, “eu responderia ao crítico: um título de barão, de visconde, compra-se; uma condecoração, dá-se; o meu irmão acaba de receber uma. Que fez para isso? Uma promoção obtém-se: dez anos numa guarnição ou um parente que é feito ministro da Guerra e sobe-se a comandante de esquadrão, como Norberto. Uma grande fortuna!... É ainda o mais difícil, e portanto mais meritório. Isto é engraçado! É o contrário de tudo o que os livros dizem... Pois bem, para fazer fortuna casa-se com a filha do senhor Rothschild. Realmente, a minha observação é profunda. A condenação à morte é ainda a única coisa que ninguém se lembra de solicitar.”

- Conhece o conde Altamira? - perguntou ao senhor de Croisenois.

Tinha um ar de voltar de tão longe e aquela pergunta relacionava-se tão pouco com tudo o que o pobre marquês lhe dizia desde há cinco minutos que a sua amabilidade ficou desconcertada, e, contudo, tinha fama de ser um homem de espírito.

“Matilde tem originalidade”, pensou. “É um inconveniente, mas dará uma bela posição social ao marido! Não sei como é que aquele marquês de La Mole faz; está ligado ao que há de melhor em todos os partidos, é um homem que não pode soçobrar e, de resto, esta originalidade de Matilde pode passar por talento.

Com um bom nascimento e uma grande fortuna, o talento não é um ridículo e dá distinção! E, afinal, quando quer, tem aquela mistura de espírito, de carácter, de propósito que fazem a amabilidade perfeita...”, Como é difícil fazer bem duas coisas ao mesmo tempo, o marquês respondia a Matilde com o ar vazio de quem recita uma lição:

- Quem não conhece aquele pobre Altamira? - E contou-lhe a história da sua conspiração frustrada, ridícula e absurda.

- Muito absurda! - disse Matilde, como se falasse consigo própria -, mas a verdade é que agiu. Quero ver um homem; traga-mo - disse ela ao marquês, muito chocado.

O conde Altamira era um dos admiradores mais declarados do ar.

- Como seria linda num trono! - disse ao senhor de Croisenois; e deixou-se levar sem dificuldade.

Não falta gente no mundo que gostaria de estabelecer que nada é de pior tom do que uma conspiração no século XIX; cheira a jacobino. E que haverá mais feio do que um jacobino sem sucesso?

O olhar de Matilde troçava um pouco de Altamira com o senhor de Croisenois, mas ouvia-o com prazer. "Um conspirador num baile é um lindo contraste", pensou. Achava que este, com o seu bigode preto, tinha um ar de leão em repouso; mas depressa reparou que o seu espírito só tinha uma atitude: utilidade, a admiração pela utilidade.

Excepto o que podia dar ao seu país o governo das duas câmaras, o jovem conde achava que nada era digno da sua atenção. Deixou Matilde com prazer, apesar de ser a mais linda rapariga do baile, porque viu entrar um general peruano.

Perdendo a esperança na Europa, tal como o senhor de Metternich a arranjou, o pobre Altamira ficara reduzido a pensar que quando os Estados da América Meridional fossem fortes e poderosos poderiam tornar a dar à Europa a liberdade que Mirabeau lhes outorgou.

Um turbilhão de rapazes de bigode tinha-se aproximado de Matilde. Esta vira bem que não seduzira Altamira, e ficara irritada com a sua partida; vira os seus olhos negros brilhar enquanto conversava com o general peruano. A menina de La Mole fitava os jovens franceses com aquela seriedade profunda que nenhuma das suas rivais conseguia imitar. "Qual de entre eles", pensava, "poderia fazer-se condenar à morte, mesmo supondo-se que todas as circunstâncias lhe fossem favoráveis?"

Este olhar estranho lisonjeava os que tinham pouco espírito, mas inquietava os outros. Temiam a explosão de qualquer palavra irritante de difícil resposta.

"O nascimento fidalgo dá qualidades cuja ausência me ofenderia, vejo-o pelo exemplo de Julião", pensava Matilde, "mas estiola as qualidades da alma que fazem condenar à morte."

Naquele momento alguém dizia perto dela: "Este conde Altamira é o segundo filho do príncipe de São Nizaro-Pimentel; foi um Pimentel que tentou salvar Conrado, decapitado em 1268. É uma das mais nobres famílias de Nápoles."

"Aqui está o que prova lindamente a minha máxima: o nascimento fidalgo tira a força de carácter, sem a qual ninguém se faz condenar à morte! Esta noite estou predestinada a arquitectar disparates. Visto que sou uma mulher como

qualquer outra, tenho de dançar.”, Cedeu aos pedidos do marquês de Croisenois, que há uma hora lhe pedia para dançar um galope. Para se distrair do seu fracasso em filosofia, Matilde quis ser sedutora. O senhor de Croisenois ficou encantado.

Mas nem a dança, nem o desejo de agradar a um dos mais belos homens da corte, nada pôde distrair Matilde. Era impossível ter mais sucesso. Via bem, mas com frieza, que era a rainha do baile.

“Que vida apagada vou passar com uma pessoa tal como Croisenois”, dizia para consigo, quando ele a acompanhava ao seu lugar, uma hora depois. “Onde está o meu prazer”, acrescentou tristemente, “se, depois de seis meses de ausência, não o tenho no meio de um baile que faz inveja a todas as mulheres de Paris? E, ainda para mais, estou rodeada das homenagens de uma sociedade que não se pode imaginar mais bem composta. Quanto a burgueses, estarão aqui apenas alguns pares e um ou dois como Julião. E, no entanto”, acrescentava, com uma tristeza cada vez maior, “que vantagens a sorte me deu: ilustração, fortuna, mocidade, ai!..., tudo excepto a felicidade.”

“As minhas vantagens mais duvidosas são ainda as de que me falaram durante toda a noite. No espírito acredito, porque é evidente que a todos causo medo. Se ousam abordar um assunto sério, ao fim de cinco minutos de conversa ficam sem fôlego, como que fazendo uma grande descoberta de uma coisa que há uma hora lhes estou a repetir. Sou bonita, tenho essa vantagem pela qual a senhora de Staël tudo sacrificaria, e, contudo, o facto é que morro de aborrecimento. Haverá qualquer razão para que me aborreça menos quando mudar o meu nome pelo do senhor de Croisenois?”

“Mas meu Deus!”, acrescentou, quase com vontade de chorar, “não será um homem perfeito? É uma obra-prima da educação deste século; não se pode olhar para ele sem que ache uma coisa amável e até espirituosa para nos dizer, é corajoso... mas aquele Sorel é estranho”, disse para consigo, e os seus olhos perdiam o ar de lassidão para se mostrarem zangados.

“Preveni-o de que precisava de lhe falar e não se digna aparecer!”

## O BAILE

*O luxo dos vestuários, o resplendor das velas,  
os perfumes; tantos braços bonitos, tantos  
ombros belos; flores, árias de Rossini que  
encantam, pinturas de Cicéris!*

*Estou entusiasmado!*

Viagens, d'Uzeri

- Está de mau humor - disse-lhe a marquesa de La Mole -; previno-a de que num baile isso não é de bom-tom.

- Só tenho dores de cabeça - respondeu Matilde, com ar desdenhoso. - Está aqui calor de mais.

Nesse momento, como para justificar a menina de La Mole, o velho barão de Tolly sentiu-se mal e caiu; tiveram de o levar.

Falaram de apoplexia; foi um acontecimento desagradável.

Matilde não pensou nisso. Costumava não olhar para os velhos nem para as pessoas conhecidas por dizerem coisas tristes. Para escapar à conversa sobre a apoplexia, que, afinal, não o era, porque dali a dois dias o barão tornou a aparecer, decidiu ir dançar.

“Mas o senhor Sorel não vem”, disse, mais uma vez, para consigo, depois de dançar. Quase o procurava com os olhos quando o descobriu noutra sala. Coisa extraordinária, parecia ter perdido aquele tom de frieza impassível que lhe era habitual: já não tinha ar inglês.

“Está a conversar com o conde Altamira, o meu condenado à morte!”, disse, para consigo, Matilde. “Os meus olhos estão cheios de um fogo sombrio; parece um príncipe disfarçado; o seu olhar redobrou de orgulho.”

Julião aproximava-se do lugar onde ela estava, conversando sempre com Altamira; ela olhava-o fixamente, estudando aquelas feições, a fim de lhes achar as altas qualidades que podem fazer com que um homem seja condenado à morte.

Ao passar perto dela Julião dirigia-se ao conde Altamira:

- Sim, Danton era um homem.

"Oh! céus!", disse Matilde para consigo. "Será um Danton; mas tem uma fisionomia tão nobre, e esse Danton era tão horrivelmente feio, um carnicheiro, julgo eu." Julião estava ainda bastante perto e não hesitou em o chamar; tinha a consciência e o orgulho de fazer uma pergunta extraordinária para uma rapariga.

- Danton não era um facínora? - perguntou.

- Sim, aos olhos de certas pessoas - respondeu-lhe Julião, com uma expressão de desprezo mal disfarçado e o olhar ainda inflamado da conversa com Altamira -; mas, infelizmente para as pessoas fidalgas, era advogado em Méry-sobre-o-Sena; quer dizer, minha senhora - acrescentou ele com ar perverso -, que começou como algumas das ilustres pessoas que aqui vejo. É verdade que Danton tinha uma enorme desvantagem aos olhos de quem é belo: era muito feio.

Estas últimas palavras foram ditas rapidamente, com um ar estranho e muito pouco delicado. Julião esperou um instante com o busto ligeiramente inclinado e um ar orgulhosamente humilde. Parecia dizer: "Pagam-me para vos responder e vivo do que me pagam." Não se dignara pousar os olhos em Matilde. Quanto a esta, com os seus lindos olhos extraordinariamente abertos e fixos nele, tinha ar de sua escrava. Por fim, como o silêncio continuava, fitou-a tal como um criado fita o seu amo quando espera as suas ordens. Apesar de o seu olhar encontrar em cheio o de Matilde, estranhamente fixo, afastou-se com uma pressa evidente.

"Ele, que na realidade é tão belo", pensou por fim Matilde para consigo, saindo da sua abstracção, "fazer um tal elogio da fealdade! Nunca fala de si! Não é como Caylus ou Croisenois. Este Sorel tem qualquer coisa do ar que meu pai toma quando no baile faz de Napoleão." Esquecera completamente Danton. "Não há dúvida de que esta noite me aborreço." Pegou no braço do irmão e, apesar do desgosto deste, obrigou-o a dar uma volta pela sala. Lembrou-se de seguir a conversa entre o condenado à morte e Julião.

A multidão era enorme, mas conseguiu aproximar-se deles no momento em que Altamira, dois passos adiante, se aproximava de uma bandeja para pegar num gelado. Falava com Sorel com o corpo meio voltado. Viu um braço de casaca bordada que pegava num refresco ao lado do seu. O bordado pareceu chamar a sua atenção; voltou-se completamente para ver a quem pertencia o braço. Neste instante, os seus olhos tão nobres e tão ingénuos tomaram uma ligeira expressão de desdém.

- Vê este homem? - perguntou em voz baixa a Julião. - É o príncipe de Araceli, embaixador de... Esta manhã pediu a minha extradição ao vosso

ministro dos Negócios Estrangeiros, o senhor de Nerval. Olhe, lá está ele ali em baixo a jogar o whist. O senhor de Nerval está quase disposto a entregar-me, porque nós também vos entregámos dois ou três conspiradores em 1816. Se me entregam ao meu rei, sou enforcado dentro de vinte e quatro horas, e será um daqueles lindos senhores de bigode que me deitará a mão.

- Que infames! - exclamou Julião quase em voz alta. Matilde não perdia uma única sílaba daquela conversa.

O aborrecimento desaparecera.

- Não são tão infames como isso - continuou o conde Altamira.

- Falei-lhe de mim para lhe dar uma imagem viva. Olhe para o príncipe Araceli; de cinco em cinco minutos remira o seu Tosão de Ouro; não se cansa de ver aquele penduricalho sobre o peito. Aquele pobre homem, no fundo, é apenas um anacronismo. Há cem anos o Tosão de Ouro era uma honra enorme, mas então não estava ao alcance dele. Hoje, entre a fidalguia, é preciso ser um Araceli para ficar encantado com aquilo. Era capaz de mandar enforcar uma cidade inteira para o obter.

- Foi esse o preço que lhe custou? - perguntou Julião com ansiedade.

- Não - respondeu o outro friamente -, naturalmente mandou deitar ao rio uns trinta ricos proprietários da sua terra que tinham fama de liberais.

- Que monstro!

A menina de La Mole, inclinando a cabeça com grande interesse, estava tão perto que os seus lindos cabelos quase lhe tocavam no ombro.

- Você é muito novo! - retorquiu Altamira. - Já lhe disse que tenho uma irmã casada na Provença; ainda é bonita, boa e meiga; é uma excelente mãe de família, fiel a todos os seus deveres, piedosa, mas não devota.

"Onde quererá ele chegar?", pensava Matilde.

- É feliz - continuou Altamira -; era-o em 1815. Nessa altura estava eu escondido em casa dela, uma propriedade perto de Antibes; pois bem: na ocasião em que soube que o marechal Ney tinha sido executado pôs-se a dançar!

- Será possível? - disse Julião, aterrado.

- É o espírito do partido - continuou o conde. - Já não há verdadeiras paixões no século XIX: é por isso que se aborrecem tanto em França. Cometem-se as maiores crueldades, mas sem crueldade.

- Tanto pior! Pelo menos, quando se cometem crimes, devem fazer-se com prazer: só isso têm de bom, e a pouca justificação que podem ter é por essa razão.

Matilde, esquecendo completamente o que devia a si própria, colocara-se quase entre Altamira e Julião. O irmão, que lhe dava o braço, acostumado a

obedecer-lhe, olhava para a sala e, para disfarçar, fingia que a multidão não o deixava avançar.

- Tem razão - exclamava Altamira -, faz-se tudo sem prazer e quase sem pensarmos, até os crimes. Posso mostrar-lhe, neste baile, dez homens, talvez, que serão amaldiçoados assassinos. Porém, esqueceram os seus crimes e a sociedade também.

"Vários deles ficam comovidos até às lágrimas se o seu cão parte uma pata. No Père Lachaise, quando deitam flores sobre um túmulo, como dizem com tanta graça em Paris, explicam-nos que ele tinha todas as virtude dos cavaleiros antigos e falam-nos das grandes acções do seu bisavô, que viveu no reinado de Henrique IV. Se apesar dos bons ofícios do príncipe de Araceli, eu não for enforcado e gozar da minha fortuna em Paris, hei-de convidá-lo para jantar com oito ou dez assassinos honrados e sem remorsos.

"Nesse jantar só você e eu teremos o sangue puro; mas eu serei desprezado e quase odiado como um monstro sanguinário e jacobino e você desprezado simplesmente por ser homem do povo, um intruso na boa sociedade.

- Nada mais verdadeiro - disse a menina de La Mole.

Altamira fitou-a, espantado; Julião nem se dignou olhá-la.

- Note que a revolução que chefieei - continuou o conde - não vingou unicamente porque não quis sacrificar três ou quatro cabeças e distribuir aos nossos partidários sete ou oito milhões que estavam numa caixa de que eu tinha a chave. O meu rei, que hoje anseia por me mandar enforcar e que antes da revolta me tratava por tu, ter-me-ia condecorado se eu tivesse feito cair essas três cabeças e distribuído o dinheiro da caixa: porque teria obtido, pelo menos, um meio sucesso e o meu país teria tido uma constituição tal como... O mundo é assim; é uma partida de xadrez.

- Nesse tempo - exclamou Julião com os olhos brilhantes - não sabia o jogo; agora...

- Sacrificaria as cabeças, é o que quer dizer, não é assim? E não seria um girondino, como outro dia me deu a entender?...

Responder-lhe-ei - disse o conde com ar triste - quando tiver morto um homem em duelo, o que é menos feio do que mandá-lo executar por um carrasco.

- Quanto a mim - exclamou Julião -, quem quer os fins quer os meios; se, em lugar de ser um elemento sem importância, eu tivesse algum poder faria enforcar três homens para salvar a vida de quatro.

Os seus olhos exprimiam o fogo da consciência e o desprezo da vã opinião dos homens: encontraram-se de muito perto com os da menina de La Mole, e aquele desprezo, longe de se transformar num ar gracioso e delicado pareceu

redobrar.

Ela sentiu-se profundamente chocada, mas já não estava em seu poder desdenhar Julião. Afastou-se, desapontada, puxando pelo irmão.

“Preciso de tomar um ponche e de dançar muito”, disse para consigo, “quero escolher o que houver de melhor e dar nas vistas a todo o custo. Bom, ali está aquele famoso maçador, o conde de Fervaques.” Aceitou o seu convite: dançaram.

“Trata-se de ver”, pensou ela, “qual dos dois será mais impertinente, mas, para troçar dele, tenho de o fazer falar.”

Dentro em pouco, todos os pares que dançavam faziam esforços para não perder nenhuma das respostas espirituosas de Matilde.

O senhor de Fervaques perturbava-se e, só encontrando palavras elegantes em lugar de ideias, fazia caretas; Matilde, que tinha espírito, foi cruel para ele até ao ponto de o tornar seu inimigo. Dançou até despontar o dia, e, por fim, retirou-se fatigadíssima. Mas, na carruagem, a pouca força que lhe restava era ainda empregada para a tornar triste e infeliz. Fora desprezada por Julião e não pudera desprezá-lo.

Este estava no cúmulo da felicidade. Encantado, sem dar por isso, pela música, pelas flores, pelas lindas mulheres, pela elegância geral, mais que tudo pela sua imaginação, que sonhava com distinções para ele e liberdade para todos, disse ao conde:

- Que belo baile! Não falta aqui nada.

- Falta-lhe o pensamento - respondeu-lhe o outro.

E a sua fisionomia traía aquele desprezo que ainda é mais mordaz por se notar que a delicadeza impõe o dever de o esconder.

- Tem razão, senhor conde. Não será o pensamento também um conspirador?

- Estou aqui por causa do meu nome, mas nos vossos salões detesta-se o pensamento. É preciso que este se não eleve acima do espírito de um verso de opereta: então é recompensado. Mas ao homem que pensa, se tem energia e originalidade, chamam-lhe cínico. Não foi assim que um dos vossos juízes chamou a Courier? Meteram-no na prisão, bem como a Béranger. Tudo o que vale alguma coisa, pelo espírito, no vosso país a congregação entrega-o à polícia correccional, e a boa sociedade aplaude.

“É porque a vossa sociedade envelhecida aprecia, acima de tudo, as conveniências... Vocês nunca se elevarão acima da bravura militar, terão homens como Murat, mas nunca como Washington. Em França só vejo vaidade. Um homem que inventa fala com originalidade, chega com toda a felicidade a uma frase imprudente, e o dono da casa julga-se desonrado. Nesta altura, o

carro do conde, que ia levar Julião, parou em frente do palácio de La Mole. Sentia-se interessado pelo seu conspirador. Altamira fizera-lhe este belo elogio, originado, evidentemente, numa profunda convicção: “Você não tem a superficialidade francesa e compreende o princípio da utilidade.” Sucedera que, justamente na antevéspera, Julião vira representar Marino Faliero, tragédia do senhor Casimiro Delavigne.

“Israel Bertuccio não terá mais carácter do que todos os nobres venezianos?”, dizia para consigo o nosso plebeu revoltado, “e, contudo, são pessoas cuja nobreza provada data do ano de 700, um século antes de Carlos Magno, enquanto tudo o que de mais nobre havia esta noite no baile do senhor de Retz data apenas do século XIX. Pois bem, no meio destes nobres de Veneza, tão grandes pelo nascimento, só nos lembramos da Israel Bertuccio.

“Uma conspiração aniquila todos os títulos dados pelos caprichos sociais. Nela um homem toma de repente o lugar que lhe compete pela sua maneira de enfrentar a morte. Até o próprio espírito perde o seu poder...

“Que seria hoje Danton, neste século dos Valenod e dos Rênal? Nem mesmo um substituto do procurador do rei...

“Que digo eu? Ter-se-ia vendido à congregação; seria ministro porque, enfim, o grande Danton roubou. Mirabeau também se vendeu. Napoleão tinha roubado milhões em Itália, e, se não fosse isso, a pobreza teria feito parar a sua carreira, como Pichegru. Só La Fayette não roubou. Será preciso roubar, será preciso vender-se?”, pensou Julião. Esta pergunta fê-lo parar de repente. Passou o resto da noite a ler a história da Revolução.

No dia seguinte, ao escrever as cartas na biblioteca, só pensava ainda na conversa com o conde Altamira.

“De facto”, dizia para consigo, depois de uma longa reflexão, “se esses espanhóis liberais tivessem comprometido o povo com os seus crimes não os teriam varrido com aquela facilidade. Foram crianças orgulhosas e tagarelas... como eu!”, exclamou ele de repente, como que despertando, sobressaltado.

“Que teria eu feito de valioso para ter o direito de julgar pobres diabos que, enfim, uma vez na vida, foram ousados, começaram a agir? Sou como um homem que ao levantar-se da mesa exclama: Amanhã não jantarei; o que não me impedirá de estar forte e alegre como estou hoje. Quem sabe o que se sente a meio caminho de uma grande acção?...”

Estes pensamentos elevados foram interrompidos pela chegada imprevista da menina de La Mole, que entrava na biblioteca. Ele estava de tal forma absorto na sua admiração pelas grandes qualidades de Danton, Mirabeau e Carnot, que tinham sabido vencer, que o seu olhar fitou a menina de La Mole, mas sem pensar nela, sem a cumprimentar, sem quase a ver. Quando, enfim, os

seus grandes olhos tão abertos deram conta dessa presença, o seu olhar apagou-se. Matilde notou-o com amargura.

Em vão lhe pediu um volume da História de França, de Vély, colocado na prateleira mais alta, o que obrigava Julião a ir buscar a maior das duas escadas. Aproximara-se dela; procurara o volume, entregara-lho, sem conseguir ainda pensar nela. E, ao arrumar a escada na sua precipitação, deu uma cotovelada num dos espelhos da biblioteca; os estilhaços, ao caírem no chão, chamaram-no à realidade. Apressou-se a pedir desculpa à menina de La Mole; quis ser delicado, não conseguiu mais do que isso. Matilde viu com evidência que o perturbara e que ele teria preferido pensar naquilo que o ocupava antes da sua chegada do que falar-lhe. Depois de ter olhado muito para ele, saiu lentamente. Julião, ao vê-la afastar-se, apreciava o contraste entre a simplicidade do seu traje de agora e a magnificência do da véspera. A diferença entre as duas fisionomias também era muito grande. Aquela rapariga tão altiva do baile do duque de Retz tinha naquele momento um olhar suplicante. “Realmente”, pensou Julião, “este vestido preto faz brilhar ainda mais a beleza do seu corpo. Tem um porte de rainha; mas por que está ela de luto? Se pergunto a alguém a causa desse luto, sou capaz de cometer uma inconveniência.” Julião emergira completamente da profundidade do seu entusiasmo. “Tenho de reler todas as cartas que escrevi esta manhã; só Deus sabe quantas palavras saltei e as asneiras que vou encontrar.” E, enquanto lia com uma atenção forçada a primeira dessas cartas, ouviu perto dele o ranger de um vestido de seda; voltou-se de repente. A menina de La Mole estava a dois passos da sua mesa e ria-se. Esta segunda interrupção pô-lo de mau humor.

Quanto a Matilde, acabava de sentir que não era nada para aquele rapaz; o riso fora para esconder o seu embaraço; conseguiu-o.

- Evidentemente, está a pensar qualquer coisa muito interessante, senhor Sorel. Não será qualquer anedota curiosa sobre a conspiração que nos trouxe para Paris o senhor conde Altamira? Diga-me do que se trata; estou impaciente por saber; juro-lhe que serei discreta!

Ficou admirada ao dizer aquela palavra. “O que fazia? Uma súplica a um subalterno!” Como o seu embaraço aumentara, disse, com um tom superficial:

- O que teria conseguido fazer de si, habitualmente tão frio, um ser inspirado, uma espécie de profeta de Miguel Ângelo?

Esta viva e indiscreta pergunta, ferindo profundamente Julião, provocou-lhe um dos seus arrebatamentos:

- Danton fez bem em roubar? - disse-lhe ele bruscamente e com um ar cada vez mais intratável. - Os revolucionários do Piemonte e de Espanha deviam comprometer o povo com os seus crimes e dar às pessoas mesmo sem

mérito todos os lugares do exército, todas as condecorações? Os que as usassem não receariam a volta do rei? Seria necessário pilhar o tesouro de Turim? Numa palavra, minha senhora - disse, aproximando-se dela com um ar assustador -, o homem que quer expulsar da terra a ignorância e o crime deve passar como uma tempestade e fazer o que for necessário?

Matilde teve medo, não sustentou o seu olhar e recuou dois passos. Fitou-o um instante; depois, envergonhada com o seu receio, saiu da biblioteca num passo ágil.

**A RAINHA MARGARIDA**

*Amor! Em que loucura não consegues que encontremos prazer?*

Cartas de Uma Religiosa Portuguesa

Julião releu as suas cartas. Quando ouviu a sineta do jantar pensou: “Como devo ter parecido ridículo aos olhos desta boneca parisiense! Que loucura dizer-lhe realmente aquilo em que pensava! Mas talvez a loucura não fosse assim tão grande.

Naquela ocasião a verdade era digna de mim.

Porquê, também, vir interrogar-me sobre coisas íntimas? Aquela pergunta era indiscreta da sua parte. Procedeu mal. Os meus pensamentos a respeito de Danton não fazem parte do serviço pelo qual o pai me paga.”

Ao chegar à sala de jantar Julião foi distraído do seu mau humor pelo luto pesado da menina de La Mole, que ainda mais o admirou por ninguém da família estar vestido de preto.

Depois de jantar ficou completamente liberto do acesso de entusiasmo que o obcecara durante todo o dia. Por felicidade, o académico que sabia latim estava naquele jantar. “Aqui está o homem que menos troçará de mim”, pensou Julião, “se, como presumo, a minha pergunta a respeito do luto da menina de La Mole for um disparate.”

Matilde fitava-o com uma expressão estranha. “Eis a sedução das mulheres desta terra, tal como a senhora de Rênal as descreveu. Não fui amável para ela hoje de manhã, não cedi à fantasia que teve de conversar comigo. Aos seus olhos aumentei de valor. Com certeza que o diabo não perde nada com isso.

Mais tarde, a sua altivez saberá vingar-se. Faça com que proceda pior. Que diferença do que perdi! Que encantadora simplicidade! Que ingenuidade! Sabia os seus pensamentos antes dela; via-os nascer. No seu coração o meu único antagonista era o receio da morte dos filhos; esse affecto era razoável e natural, agradável, até, para mim, que sofria por causa dela.

Fui um parvo. A ideia que eu fazia de Paris impediu-me de apreciar aquela mulher sublime.

Que diferença, santo Deus! E que encontro eu aqui? Vaidade seca e altiva, todos os cambiantes do amor-próprio e nada mais.”

Levantaram-se da mesa. “Não deixemos que tomem conta do meu académico”, disse para consigo Julião. Aproximou-se dele quando iam para o jardim, tomou um ar doce e submisso e partilhou do seu furor contra o sucesso de Hernâni.

- Se estivéssemos ainda no tempo das cartas de prego... - disse.

- Se assim fosse, não se teria ele atrevido a tanto - exclamou o académico com um gesto à maneira de Talma.

A propósito de uma flor, Julião citou algumas palavras das Geórgicas, de Virgílio, e concluiu que nada igualava os versos do abade de Delille. Lisonjeou o académico de todos os modos.

Depois do que, com o ar mais indiferente, disse:

- Suponho que a menina de La Mole herdou de algum tio, por quem está de luto.

- O quê? Você é da casa - respondeu o académico, parando de repente - e não conhece a sua loucura? De facto, é estranho que a mãe lhe permita tais coisas; mas, aqui para nós, não é precisamente pela força de carácter que nesta casa se brilha. A menina Matilde tem-na por todos e arrasta-os. É hoje o dia 30 de Abril! - E o académico calou-se, fitando Julião com ar significativo. Este sorriu da maneira mais espirituosa que pôde.

“Que relação pode haver entre dominar todas as pessoas de uma casa, trazer um vestido preto e o dia 30 de Abril?”, pensava. “Sou ainda menos hábil do que julgava.”

- Confesso-lhe... - disse ele ao académico, e os seus olhos continuavam a interrogar.

- Vamos dar uma volta pelo jardim - respondeu-lhe o latinista, entrevendo a ocasião de fazer uma longa narrativa elegante. - O quê! Será possível que você não saiba o que se passou no dia 30 de Abril de 1574?!

- Mas onde? - indagou Julião, admirado.

- Na Praça de Grève.

Julião estava admirado por aquelas palavras não o elucidarem.

A expectativa de um interesse trágico, que tão bem condizia com o seu carácter, dava-lhe aos olhos aquele brilho que um narrador tanto gosta de ver na pessoa que o escuta. O académico, encantado de achar uns ouvidos virgens, contou longamente a Julião como, no dia 30 de Abril de 1574, o mais belo rapaz do seu século, Bonifácio de La Mole, e Aníbal de Coconasso, fidalgo piemontês,

seu amigo, tinham sido degolados na Praça de Grève. La Mole era o amante adorado da rainha Margarida de Navarra; e note que a menina de La Mole se chama Matilde Margarida. La Mole era, ao mesmo tempo, o favorito do duque de Alençon e íntimo amigo do rei de Navarra, marido da sua amante, depois Henrique IV. Na Terça-Feira Gorda do ano de 1574 a corte estava em São Germano com o pobre rei Carlos IX, que transportaram moribundo. La Mole quis raptar os príncipes seus amigos, que a rainha Catarina de Médicis retinha prisioneiros na corte. Mandou avançar duzentos cavalos até debaixo dos muros de São Germano; o duque de Alençon teve medo e La Mole foi entregue ao carrasco.

“Mas o que comoveu a menina Matilde, segundo o que ela própria me confessou, há sete ou oito anos, quando tinha doze, porque é uma cabeça, uma cabeça!.. - e o acadêmico ergueu os olhos para o céu -, o que a feriu nessa catástrofe política foi que a rainha Margarida de Navarra, escondida numa casa na Praça de Grève, ousou mandar pedir ao carrasco a cabeça do amante. Na noite seguinte, à meia-noite, levou a cabeça na sua carruagem e foi ela própria enterrá-la numa capela situada na base da colina de Montmartre.

- Será possível? - exclamou, comovido.

- A menina Matilde despreza o irmão porque, como vê, nem sequer pensa nessa história antiga. E não põe luto no dia 30 de Abril. É desde esse famoso suplício, e para lembrar a amizade íntima de La Mole com Coconasso, o qual Coconasso, como italiano que era, se chamava Aníbal, que todos os homens desta família usam esse nome. E - acrescentou o acadêmico, baixando a voz - esse Coconasso foi, na opinião do próprio Carlos IX, um dos mais cruéis assassinos do dia 24 de Agosto de 1572. Mas como é possível, meu caro Sorel, que você ignore estas coisas, você, íntimo desta casa?

- Aí está à razão por que duas vezes durante o jantar a menina de La Mole tratou o irmão por Anbal. Julguei que tinha ouvido mal.

- Era uma censura. O que é estranho é a marquesa suportar tais loucuras... O marido desta rapariga há-de aturar boas coisas.

- Estas palavras foram seguidas por cinco ou seis frases satíricas. A alegria e a inimizade que brilhavam nos olhos daquele homem chocaram Julião.

“Somos como dois criados a dizer mal dos patrões”, pensou, “mas nada me deve admirar vindo deste membro da Academia.”

Um dia Julião surpreendera-o de joelhos diante da marquesa de La Mole; suplicava-lhe para um sobrinho da província uma comissão no tabaco. À noite uma criadinha de quarto da menina de La Mole, que fazia a corte a Julião, como noutros tempos Elisa, sugeriu-lhe a ideia de que o luto da ama não era para dar nas vistas. Aquele capricho vinha-lhe da alma. Amava realmente aquele La

Mole, amante adorado da rainha mais espirituosa do seu século, e que morreu por ter querido libertar os seus amigos. E que amigos! O primeiro príncipe de sangue e Henrique IV.

Acostumado à naturalidade completa da maneira de ser da senhora de Rênal, Julião só via afectação em todas as parisienses, e, mesmo que estivesse bem-disposto, não achava nada para lhes dizer. A menina de La Mole fez excepção.

Ele começava a não tomar por segura do coração o género de beleza que é próprio à nobreza do porte. Conversou longamente com a menina Matilde, que, às vezes, depois do jantar, passeava com ele no jardim em frente das janelas abertas do salão. Um dia disse-lhe que estava a ler a história de d'Aubigné e Brantôme. "Estranha leitura," pensou Julião, "e a marquesa não lhe permite ler romances de Walter Scott!"

Ela contou-lhe, com os olhos brilhantes do prazer que prova a sinceridade da admiração, o gesto de uma jovem mulher do reinado de Henrique III que acabava de ler nas Memórias, de l'Étoile: surpreendendo o marido a ser-lhe infiel, apunhalou-o.

O amor-próprio de Julião sentia-se lisonjeado. Uma pessoa rodeada de tanto respeito e que, na opinião do académico, mandava em toda a casa dignava-se falar-lhe com um ar parecido com o da amizade.

"Tinha-me enganado", pensava dentro em pouco Julião, "não é familiaridade. Sou apenas um confidente, é a necessidade de falar. Tenho fama de sábio nesta família. Vou ler Brantôme, d'Aubigné, l'Étoile. Poderei contestar algumas das anedotas de que ela me fala; quero sair deste papel de confidente passivo."

Pouco a pouco, as conversas com aquela rapariga de porte tão imponente e, ao mesmo tempo, tão natural tornaram-se mais interessantes; esquecia o seu triste papel de plebeu revoltado. Achava-a instruída e até razoável. As suas feições no jardim eram bem diferentes das que confessava no salão.

Algumas vezes tinha com ele um entusiasmo e uma franqueza que faziam contraste completo com a sua maneira de ser habitual, tão ativa e fria.

- As guerras da Liga foram os tempos heróicos da França - dizia-lhe ela um dia, com os olhos brilhantes de entusiasmo. - Então, cada um batia-se para obter as coisas que desejava para fazer triunfar o seu partido, e não para ganhar, banalmente, uma condecoração, como no tempo do vosso imperador. Concorde que havia menos egoísmo e mesquinhez. Gosto daquele século.

- Bonifácio de La Mole foi o herói dele - disse Julião.

- Pelo menos foi amado como é, talvez, agradável sê-lo. Que mulher actualmente viva não teria horror em tocar na cabeça do seu amante decapitado?

A senhora de La Mole chamou a filha. A hipocrisia, para ser útil, deve esconder-se; e Julião, como se vê, fizera à menina de La Mole certas confidências a respeito da sua admiração por Napoleão.

“Aqui está a enorme vantagem que têm sobre nós”, pensou Julião ao ficar só no jardim. “A história dos seus antepassados eleva-os acima dos seus sentimentos vulgares e não têm de estar sempre a pensar no ganha-pão! Que miséria!”, acrescentou com amargura. “Sou indigno de dar opinião a respeito destes assuntos elevados. A minha vida é apenas um seguimento de hipocrisia, porque não tenho mil francos de rendimento para comprar pão.”

- Em que pensa, senhor? - disse-lhe Matilde, que voltava a correr.

O jovem secretário estava cansado de se desprezar. Por orgulho, confessou francamente o seu pensamento. Corou muito ao falar na sua pobreza a uma pessoa tão rica. Procurou exprimir bem, com o seu tom orgulhoso, que nunca pedia nada.

Nunca Matilde o achara tão belo; descobriu-lhe uma expressão de sensibilidade e uma franqueza que muitas vezes lhe faltavam.

Dali a menos de um mês Julião passeava pensativo no jardim do palácio de La Mole; mas a sua fisionomia já não tinha a dureza e a arrogância filosófica que lhe imprimia o sentimento contínuo da sua inferioridade. Acabava de conduzir até à porta do salão a menina de La Mole, que dizia ter-se magoado num pé ao correr com o irmão.

“Apoiou-se no meu braço de uma maneira estranha!”, notava para consigo Julião. “Serei um vaidoso ou será verdade que ela gosta de mim? Ouve-me com um ar tão doce, até mesmo quando lhe confesso todos os sofrimentos do meu orgulho! Ela, que o tem em tão grande grau com toda a gente! Ficariam bem admirados na sala se lhe vissem aquela expressão. Com certeza não tem com ninguém aquele ar bom e doce.”

Procurava não exagerar aquela estranha amizade. Ele próprio a comparava a um negócio organizado. Todos os dias, quando a encontrava, antes de retomar o tom quase íntimo da véspera, perguntava: “Seremos hoje amigos ou inimigos?” Julião compreendera que estaria perdido se se deixasse ofender impunemente por aquela rapariga tão altiva. “Se devo zangar-me, não valerá mais que seja ao defender os justos direitos do meu orgulho do que repelindo os sinais de desprezo de que dali a pouco será seguido o menor abandono do que levo à minha dignidade pessoal?”

Várias vezes, nos dias em que estava de mau humor, Matilde tentou falar-lhe com o tom de voz de uma grande dama; punha grande subtileza nestas tentativas, mas Julião repelia-as com rudeza. Um dia, interrompeu-a bruscamente, perguntando-lhe:

- A menina de La Mole tem alguma ordem a dar ao secretário do seu pai? Ele tem obrigação de ouvir as suas ordens e de as executar com respeito; mas, quanto ao resto, não tem palavra alguma a dirigir-lhe. Não é pago para lhe comunicar os seus pensamentos.

Estas maneiras de ser e as estranhas dúvidas que Julião tinha fizeram desaparecer o aborrecimento que regularmente o atacava naquele salão magnífico, mas onde se tinha medo de tudo e onde não era próprio gracejar com coisa alguma.

“Teria graça que ela me tivesse amor! Ame-me ou não me ame”, continuava ele, “tenho como confidente íntima uma rapariga espirituosa ante a qual vejo tremer toda a casa e, mais do que todos os outros, o marquês de Croisenois. Este rapaz, tão delicado, tão calmo, tão corajoso, e que reúne as vantagens do nascimento e da fortuna, das quais uma única tanto alegraria o meu coração, ama-a loucamente e deve desposá-la. Quantas cartas para os dois notários o senhor de La Mole me mandou escrever para arranjar o contrato! E eu, que me vejo tão subalterno de pena na mão, duas horas depois, aqui no jardim, suplanto aquele rapaz tão amável; porque, enfim, as preferências são chocantes, evidentes. Talvez ela deteste nele o futuro marido. É suficientemente altiva para isso. E as gentilezas que tem para comigo obtenho-as a título de confidente subalterno!

“Mas não, ou estou doido ou ela me faz a corte; quanto mais frio e respeitoso me mostro para com ela mais me procura. Isto poderia ser cálculo, afectação; mas vejo os seus olhos animarem-se quando apareço de improviso. As mulheres de Paris saberão fingir a este ponto? Que me importa? Tenho as aparências por mim, gozemos das aparências. Meu Deus, que linda é! Como os seus grandes olhos azuis me agradam vistos de perto e fitando-me como me fitam tantas vezes! Que diferença entre esta Primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz e me aguentava, à força de carácter, no meio de trezentos hipócritas maus e vis. Era quase tão mau como eles.”

Nos dias de desconfiança: “Esta rapariga troça de mim”, pensava. “Está de acordo com o irmão para me mistificar. Mas parece desprezar tanto a falta de energia desse irmão! É corajoso, e mais nada, disse-me ela. Não tem um pensamento que ouse afastar-se da moda. Sou sempre eu que sou obrigado a defendê-lo. Uma rapariga de dezanove anos! Nesta idade poder-se-á ser fiel, em todos os instantes do dia, à hipocrisia planeada?

“Por outro lado, quando a menina de La Mole fixa em mim os seus olhos azuis, com uma expressão estranha, o conde Norberto afasta-se sempre. Isto é-me suspeito. Não deveria indignar-se ao ver a irmã dar esta atenção a um criado da casa? Pois ouviu o duque de Chaulnes falar de mim nestes termos.”

Esta recordação fazia que a cólera substituísse qualquer outro sentimento. “Terá esse duque maníaco amor à linguagem antiga?”

“Na verdade, é muito linda!”, continuou Julião, lançando olhares de tigre. “Hei-de possuí-la e depois vou-me embora, e desgraçado daquele que dificultar a minha fuga!”

Isto tornou-se a ideia fixa de Julião; não podia pensar noutra coisa. Os seus dias passavam como horas.

A cada instante tentava ocupar-se com qualquer assunto sério; o seu pensamento tudo abandonava e voltava a si, um quarto de hora depois, com o coração palpitante, a cabeça perturbada e sonhando com esta ideia: “Ama-me?”

## O PODER DE UMA RAPARIGA

*Admiro a sua beleza, mas temo-lhe a ironia.*

Mérimée

Se Julião pensasse em examinar o que se passava no salão durante o tempo que empregava em exagerar para consigo a beleza de Matilde, ou a irritar-se contra a altivez natural da família, que ela esquecia por causa dele, compreenderia em que consistia o seu poder sobre tudo o que a rodeava. Logo que desagradavam à menina de La Mole, esta sabia castigar com um dito tão bem calculado, tão bem escolhido, aparentemente tão adequado e tão a-propósito, que, quanto mais nele se reflectia, mais a ferida aumentava. Pouco a pouco tornava-se atroz para o amor-próprio ofendido. Como não ligava importância alguma a muitas coisas que eram objecto de sérios desejos para o resto da família, mostrava-se sempre cheia de sangue-frio aos olhos de todos. Os salões da aristocracia são agradáveis para se falar deles quando se sai, e eis tudo; a delicadeza, só por si, não vai além dos primeiros dias. Julião sentia-o; depois do primeiro encantamento, o primeiro espanto.

“A delicadeza”, dizia para consigo, “é apenas a ausência da cólera que dariam os maus modos.” Matilde aborrecia-se muitas vezes, e talvez se aborrecesse em toda a parte. Então, acerar um epigrama era para ela uma distração e um verdadeiro prazer.

Talvez fosse para ter vítimas mais divertidas que os avós, o académico e os cinco ou seis outros subalternos que lhe faziam a corte que dera esperanças ao marquês de Croisenois, ao conde de Caylus e a dois ou três outros rapazes de grande distinção. Para ela eram apenas novos assuntos de epigrama.

Confessaremos com desgosto, porque gostamos de Matilde, que recebera cartas de vários deles e que por vezes lhes respondera. Apressamo-nos a acrescentar que esta personagem era excepção nos costumes do século. Em geral, não é a falta de prudência que se pode censurar a alunas do Sagrado Coração.

Um dia, o marquês de Croisenois entregou a Matilde uma carta bastante

comprometedora que ela na véspera lhe escrevera. Julgava que esta prova de alta prudência faria com que a sua posição avançasse bastante, mas era precisamente a imprudência que Matilde mais apreciava nas suas correspondências. Tinha prazer em jogar o seu destino. Durante seis semanas ela não lhe dirigiu a palavra.

Divertia-se com as cartas daqueles rapazes, mas, na sua opinião, pareciam-se todas umas com as outras. Era sempre a mais profunda e melancólica das paixões.

- São todos o mesmo homem perfeito, pronto a partir para a Palestina - dizia ela à prima. - Conhece alguma coisa mais insípida? São estas, portanto, as cartas que vou receber durante toda a vida! Só devem mudar de vinte em vinte anos, consoante o género de ocupações que estiver em moda. No tempo do Império deviam ser menos desbotadas. Nessa altura todos os rapazes da sociedade tinham visto ou feito acções que na realidade tinham grandeza. O duque de N... meu tio, esteve em Wagram.

- Que dotes de espírito são precisos para dar uma espadeirada? E, quando acontece, falam nisso tantas vezes! - disse a menina de Sainte-Hérédité, prima de Matilde.

- Pois bem, essas narrativas dão-me prazer. Estar numa verdadeira batalha, uma batalha de Napoleão, onde matavam dez mil soldados, isso prova coragem. Expor-se ao perigo eleva a alma e salva-a do aborrecimento em que os meus pobres admiradores parecem mergulhados" e esse aborrecimento é contagioso. Qual, de entre eles, se lembra de fazer algo de extraordinário? Procuram obter a minha mão: que belo negócio? Sou rica e meu pai ajudará o genro. Ah! Se ele, ao menos, pudesse encontrar algum que tivesse um pouco de interesse!

A maneira de ver, viva, clara e pitoresca de Matilde perturbava, como se vê, a sua linguagem. Muitas vezes uma palavra sua escandalizava os seus amigos, tão delicados. Quase teriam confessado, se ela não estivesse tanto em voga, que a sua maneira de falar tinha cor de mais para a delicadeza feminina.

Por seu lado, Matilde era bem injusta para os elegantes cavaleiros que povoavam o Bosque de Bolonha. Encarava o futuro, não com medo, seria um sentimento vivo, mas com um desinteresse bem raro na sua idade.

Que podia desejar? A fortuna, a fidalguia, a beleza, segundo diziam e ela acreditava, tudo nela fora acumulado pelas mãos do destino.

Eram estes os pensamentos da herdeira tão invejada da Avenida de São Germano quando começou a achar prazer em passear com Julião. Surpreendia-se com o seu orgulho; admirava a habilidade daquele pequeno-burguês. "Saberá fazer-se bispo, como o abade Maury", pensou ela.

Dentro em pouco, aquela resistência sincera e não calculada com que o

nosso herói acolhia várias das suas ideias preocupou-a; pensava nisso; contava à sua amiga os menores pormenores dessas conversas e achava que nunca conseguia reproduzi-las fielmente.

De repente, uma ideia iluminou-a: “Tenho a felicidade de amar”, exclamou para consigo, com uma alegria incrível. “Amo, amo, é claro! Na minha idade, uma rapariga nova, bela, espirituosa, onde poderá encontrar sensações senão no amor? Faça o que quiser, nunca amarei Croisenois, Caylus e *tutti quanti*. São perfeitos, perfeitos de mais talvez; enfim, aborrecem-me.”

Recordou todas as descrições de paixão que lera na Manon Lescaut, na Nova Heloisa, nas Cartas de uma Religiosa Portuguesa, etc. Tratava-se, bem entendido, de uma grande paixão; o amor superficial era indigno de uma rapariga da sua idade e do seu nascimento. Dava apenas o nome de amor ao sentimento heróico que se encontrava em França no tempo de Henrique III e Bassompierre. Este amor não cedia com baixeza aos obstáculos; mas, ao contrário, levava a fazer grandes coisas. “Que desgraça para mim não haver uma corte verdadeira como a de Catarina de Médicis ou de Luís XIII! Sinto-me ao nível de tudo o que há de maior e de mais ousado. Que faria eu de um rei que fosse homem de coração, como Luís XIII, suspirando a meus pés? Levá-lo-ia para a Vendeia, como tantas vezes diz o barão de Tolly, e ali ele reconquistaria o seu reino; então, adeus Carta Constitucional... e Julião ajudar-me-ia. Que lhe falta? Um nome e fortuna. Faria um nome e faria fortuna.

“Nada falta a Croisenois, e toda a vida será apenas um duque meio avançado, meio liberal, um ser indeciso, sempre afastado dos extremos, e, por consequência, sendo sempre o segundo em toda a parte.

“Qual é a acção grandiosa que não é um extremo no momento em que é empreendida? Quando já se realizou é que parece fácil às outras pessoas. Sim, é o amor, com todos os seus milagres, que vai reinar no meu coração; sinto-o pelo fogo que me anima. O céu devia-me esta mercê. Não foi em vão que acumulou numa única pessoa todas as vantagens. A minha felicidade será digna de mim. Cada um dos meus dias não se parecerá friamente com o da véspera. Já há grandeza e audácia na ousadia de amar um homem de que estou tão longe pela posição social. Vejamos: continuará ele a merecer-me? Abandono-o logo que lhe reconheça a primeira fraqueza. Uma rapariga com o meu nascimento, com o carácter cavalheiresco que querem conceder-me (eram palavras de seu pai), não deve proceder como uma tola.

“Não seria este o papel que eu representaria se amasse o marquês de Croisenois? Teria uma nova edição da felicidade das minhas primas, que eu desprezo tanto. Sei com antecedência tudo o que me diria o pobre marquês, tudo o que teria de lhe responder. O que é o amor que faz bocejar? Mais valia

ser beata. Eu teria uma escritura de combinação, como a da minha prima mais nova, em que os avós se comoveriam, se não estivessem de mau humor por causa de uma última condição introduzida na véspera no contrato pelo notário da parte contrária.”

**SERÁ UM DANTON?**

*A necessidade de inquietação constituía o carácter da bela Margarida de Valois, minha tia, que pouco depois casou com o rei de Navarra, que vemos actualmente reinar em França com o nome de Henrique IV. A necessidade de se arriscar formava todo o segredo do carácter desta princesa amável. Daí vêm as suas zangas e as pazes sucessivas com os irmãos desde a idade de dezasseis anos. Ora, que pode arriscar uma rapariga? O que tem de mais precioso: a sua reputação, todo o seu bom nome.*

Memórias do duque de Angoulême, filho natural de Carlos IX

“Entre Julião e eu não há assinatura de contrato nem notário; tudo é heróico, tudo será filho do acaso. Se não fosse faltar-lhe a nobreza, era o amor de Margarida Valois pelo jovem La Mole, o homem mais distinto do seu tempo. Terei culpa de os rapazes da corte serem tão fiéis às conveniências e empalidecerem à ideia da menor aventura um pouco estranha? Uma viagensinha à Grécia e à África é para eles o cúmulo da audácia e, ainda para mais, só sabem andar em grupo. Mal se vêem sós têm medo, não da lança do beduíno, mas do ridículo, e este receio enlouquece-os. O meu Juliãozinho, ao contrário, só gosta de andar sozinho. Nunca há naquele ser privilegiado a menor mania de procurar o apoio ou socorro dos outros! Despreza-os, e é por isso que eu não o desprezo.

“Se, com a sua beleza, ele fosse fidalgo, o meu amor seria apenas uma tolice vulgar, um tolo casamento desigual; não o quereria; não teria o que caracteriza as grandes paixões: a imensa dificuldade em vencer e a negra incerteza do que virá a acontecer.”

A menina de La Mole estava tão preocupada com estas belas divagações que, no dia seguinte, sem dar por isso, gabava Julião ao marquês de Croisenois e ao irmão. A sua eloquência foi tão longe que os feriu.

- Tome bastante cuidado com esse rapaz que tão enérgico é - exclamou o irmão. - Se a Revolução recomeçar, mandar-nos-á guilhotinar a todos.

Ela não respondeu e apressou-se a gracejar com o irmão e com o marquês a respeito do medo que a energia lhes causava. No fundo é apenas o receio de encontrar o imprevisto, o medo de não estarem à altura do imprevisto...

- Sempre, sempre, senhores, o receio do ridículo monstro que, por infelicidade, morreu em 1816.

- Já não há ridículo - dizia o senhor de La Mole - num país onde há dois partidos.

A filha compreendera esta ideia.

- Então, senhores - dizia ela aos inimigos de Julião -, tereis bastante medo durante toda a vossa vida e depois dir-vos-ão: Não era um lobo, era apenas a sua sombra

Dali a pouco Matilde deixou-os. As palavras de seu irmão causavam-lhe horror; inquietaram-na muito; mas, a partir do dia seguinte, viu nelas o melhor dos louvores.

"Nesse século, em que toda a energia morreu, a sua energia faz-lhes medo; contar-lhe-ei o que meu irmão disse. Quero ver a resposta que dá, mas escolherei um daqueles momentos em que os seus olhos brilham, porque nessa altura não poderá mentir-me. Seria um Danton!", acrescentou ela, depois de um longo e indistinto sonho. "Pois bem! Seria uma nova Revolução. Que papéis desempenhariam então Croisenois e meu irmão? Está escrito com antecedência: a sublime resignação. Seriam cordeiros heróicos, deixando-se degolar sem dizer palavra. O seu único desejo ao morrer seria apenas serem de mau gosto. O meu Juliãozinho faria saltar os miolos ao jacobino que viesse prendê-lo, mesmo que fosse pequena a esperança que tivesse em se salvar. Não receia ser de mau gosto."

Estas últimas palavras tornaram-na pensativa: acordavam penosas recordações e tiraram-lhe toda a sua habitual ousadia. Recordavam-lhe os gracejos dos senhores de Caylus, de Croisenois, de Luz e de seu irmão. Censuravam unanimemente a Julião o ar de padre: humilde e hipócrita

"Mas", continuou ela de repente, com os olhos brilhantes de alegria, "a amargura e a frequência dos seus gracejos provam, contra sua vontade, que é o homem mais espirituoso que vimos este Inverno. Que importam os seus defeitos, os seus ridículos? Tem grandeza e eles sentem-se chocados, apesar de

serem bons e tão indulgentes. É certo que é pobre, estudou para ser padre; eles são chefes de esquadrão e não precisaram de estudos; é mais cómodo.

“Apesar de todas as desvantagens do seu eterno fato preto e da sua fisionomia de padre, que o pobre rapaz necessita de ter para não morrer de fome, o seu mérito faz-lhe medo, nada mais evidente. E essa cara de padre deixa porém de existir logo que estamos sozinhos uns instantes. Quando esses senhores dizem qualquer palavra que julgam fina e imprevista, não olham sempre para Julião? Tenho reparado nisso. E, contudo, bem sabem que ele nunca lhes fala sem que o interroguem. Só a mim dirige a palavra, porque julga o meu espírito superior ao deles. Só responde às suas objecções o suficiente para ser delicado. Torna-se imediatamente cerimonioso. Comigo discute horas inteiras: mas não se sente seguro das suas opiniões quando eu lhe faço qualquer objecção. Enfim, todo este Inverno não houve escaramuças; tratou-se apenas de chamar a atenção por palavras. Pois bem, meu pai, homem superior e que levará longe a fortuna da nossa casa, respeita Julião. Os outros detestam-no e só as beatas amigas da minha mãe é que o desprezam. O conde de Caylus tinha ou fingia ter uma grande paixão pelos cavalos; passava a sua vida na cocheira e muitas vezes almoçava lá. Esta grande paixão, junta ao hábito de nunca rir, fazia com que os seus amigos tivessem por ele grande consideração: era a águia daquele circulozinho.”

Mal no dia seguinte se reuniu atrás da poltrona da senhora de La Mole, e como Julião não estivesse presente, o senhor de Caylus, apoiado por Croisenois e por Norberto, atacou com vivacidade a boa opinião que Matilde tinha a respeito de Julião, e isto sem vir a propósito e quase no momento em que viu a menina de La Mole. Esta compreendeu aquela esperteza e ficou encantada.

“Ei-los todos unidos”, disse para consigo, “contra um homem de valor que nem sequer tem dez luíses de rendimento e que lhes não pode responder senão quando é interrogado. Têm medo dele, mesmo vestido com aquele fato preto. Que fariam se tivesse dragonas?”

Nunca ela fora tão brilhante. Logo aos primeiros ataques, gracejando, cobriu de sarcasmos Caylus e os seus aliados. E, quando se apagou o fogo dos gracejos daqueles brilhantes oficiais, concluiu:

- Se amanhã qualquer morgado das montanhas do Franco Condado descobrir que Julião é seu filho natural e lhe der um nome e alguns milhares de francos, dentro de seis semanas ele terá bigode, como vós tendes, senhores; dentro de seis meses será oficial de hussardos, como vós, senhores, e então a grandeza do seu carácter já não será um ridículo. Vejo-vos reduzido, senhor futuro duque, a esta antiga e má razão: a superioridade da nobreza da corte sobre a da nobreza da província. Mas que vos restará se eu vos quiser levar à

ponta da espada e tiver a malícia de dar um pai a Julião, um duque espanhol, prisioneiro de guerra em Besançon no tempo de Napoleão, e que, por escrúpulos de consciência, o reconhecer como tal no seu leito de morte?

Todas estas suposições de nascimento ilegítimo foram achadas de mau gosto pelos senhores de Caylus e Croisenois. Eis tudo o que viram no que Matilde acabara de expor.

Por muito dominado que Norberto estivesse, as palavras da irmã eram tão claras que tomou um ar grave, que ficava mal, devemos confessá-lo, à sua fisionomia sorridente e boa. Tentou proferir algumas palavras.

- Está doente, meu amigo? - respondeu-lhe Matilde, com um arzinho sério.  
- É preciso que esteja bem mal para, a uns gracejos, responder com preceitos de moral. Vós com moral! Quereis solicitar um lugar de prefeito?

A menina de La Mole esqueceu depressa o ar irritado do conde de Caylus, o mau humor de Norberto e o desespero silencioso do senhor de Croisenois. Tinha de tomar um partido sobre uma ideia dominante que acabava de subjugar a sua alma.

"Julião é bastante sincero comigo", disse para consigo, "na sua idade, numa posição inferior, infeliz como é, por causa da sua ambição extraordinária, tem-se necessidade de uma amiga; mas não lhe vejo amor. Com a audácia do seu carácter, ter-me-ia falado desse amor."

Esta incerteza, esta discussão consigo própria, que a partir daquele momento ocupou todos os instantes de Matilde, e para a qual achava novos argumentos todas as vezes que Julião lhe falava, banuiu completamente todas as horas de aborrecimento a que ela era tão atreita.

Filha de um homem de espírito, que podia ser ministro e tornar a dar ao clero os seus bens, a menina de La Mole fora no Convento do Sagrado Coração objecto das maiores lisonjas. Esta desgraça nunca é compensada. Tinham-na persuadido de que devia ser mais feliz do que qualquer outra, por causa de todos os seus privilégios de nascimento, fortuna, etc. É esta a causa do aborrecimento e de todas as loucuras dos príncipes.

Matilde não escapara à funesta influência desta ideia. Por muito inteligente que se seja, não se está de prevenção aos dez anos contra as lisonjas de todo o convento, de mais a mais tão bem fundadas, na aparência.

Desde o momento que decidiu que amava Julião deixou de se aborrecer, todos os dias se regozijava com a solução que tomara de se entregar a uma grande paixão. "Este divertimento tem bastantes perigos", pensava. "Tanto melhor! Mil vezes melhor!"

Sem a grande paixão vivera cheia de aborrecimento na mais bela época da sua vida, dos dezasseis aos vinte anos. "Já perdi os meus mais belos anos;

obrigada a ter por único prazer o ouvir as amigas da minha mãe, que, em 1792, em Coblença, não eram, segundo dizem, tão severas como as suas palavras de hoje.”

Era enquanto estas grandes incertezas agitavam Matilde que Julião não compreendia os seus longos olhares parados sobre ele. Notava os modos de frieza do conde Norberto e um novo acesso de altivez nos dos senhores de Caylus, de Luz e de Croisenois. Já estava acostumado a isso. Tal acontecia, às vezes, depois de um serão onde brilhara mais do que convinha à sua posição. Se não fosse o acolhimento especial que Matilde lhe fazia e a curiosidade que lhe inspirava todo aquele conjunto, evitaria seguir até ao jardim aqueles tão brilhantes rapazes de bigode que, depois do jantar, acompanhavam até lá a menina de La Mole.

“Sim, é impossível dissimular a mim próprio”, pensava Julião, “que a menina Matilde olha para mim de forma estranha. Mesmo quando os seus belos olhos azuis me fitam com um grande abandono, leio neles qualquer coisa de exame, de sangue-frio e de maldade. Será possível que isto seja amor? Que diferença dos olhares da senhora de Rênal!”

Um dia, depois do jantar, quando voltava do gabinete, onde fora com o senhor de La Mole, dirigiu-se rapidamente ao jardim. Ao aproximar-se, sem precaução, do grupo de Matilde surpreendeu algumas palavras pronunciadas muito alto. Ela atormentava o irmão. Julião ouviu duas vezes o seu nome pronunciado distintamente. Apareceu; fez-se de repente silêncio profundo. Fizeram esforços vãos para o quebrar. Tanto a menina de La Mole como o irmão estavam excitados de mais para poderem achar, naquele momento, outro assunto de conversa. Os senhores de Caylus, de Croisenois, de Luz e um dos seus amigos pareceram a Julião frios como gelo.

Afastou-se.

## UMA CONSPIRAÇÃO

*Frases sem ligação, encontros casuais, transformam-se em provas da maior evidência para o homem de imaginação se ele tem algum fogo na alma.*

Schiller

No dia seguinte, surpreendeu outra vez Norberto e a irmã a falarem dele. Quando chegou fez-se, como na véspera, um silêncio de morte. Começou a ter grandes suspeitas. Aqueles jovens queriam troçar dele? Há que confessar que isto era muito mais provável, muito mais natural, que uma paixão da menina de La Mole pelo pobre diabo de um secretário. “Esta gente terá paixões? Mistificar é o seu forte. Têm inveja da minha pobre superioridade na palavra. Ser invejoso é mais um dos seus fracos. Tudo se explica neste caso. A menina de La Mole quer persuadir-me de que me distingue simplesmente para me oferecer como espectáculo ao seu pretendente.”

Esta suspeita cruel modificou toda a posição moral de Julião.

A ideia achou no seu coração um começo de amor que não lhe custou destruir. Este amor não tinha fundamento senão na beleza rara de Matilde, ou, antes, nos seus modos de rainha e na sua admirável maneira de vestir. Nisto, Julião mostrava também a sua ingenuidade. Uma linda mulher de sociedade, segundo dizem, o que mais admira é um camponês homem de espírito que chega às mais altas camadas sociais. Não era o carácter de Matilde que preocupava Julião nos dias precedentes. Tinha suficiente bom senso para compreender que não conhecia aquele carácter. Tudo o que ele via podia ser apenas uma aparência.

Por exemplo: nada no mundo faria com que Matilde faltasse à missa do domingo; quase todos os dias acompanhava sua mãe à igreja. Se no salão do palácio de La Mole algum imprudente esquecia o lugar onde estava e se permitia qualquer alusão, mesmo disfarçada, a uma brincadeira contra os interesses verdadeiros ou supostos do trono ou do altar, Matilde, de repente,

tornava-se glacial. O seu olhar tão vivo retomava toda a impassível altivez de um velho retrato de família.

Mas Julião sabia que ela tinha sempre no quarto um ou dois dos volumes mais filosóficos de Voltaire. Ele próprio ia buscar frequentes vezes alguns volumes da bela edição tão magnificamente encadernada. Afastando um pouco os volumes que estavam próximos, disfarçava a ausência do que levava; mas depressa se apercebeu de que outra pessoa lia Voltaire.

Recorreu a uma manha do seminário: colocou alguns bocados de crina sobre os volumes que supunha poderem interessar à menina de La Mole. Desapareciam durante semanas inteiras.

O senhor de La Mole, aborrecido com o livreiro, que lhe enviava obras sem interesse, encarregou Julião de comprar todas as novidades de mais sensação. Mas, para que o veneno se não espalhasse pela casa, o secretário tinha ordem de colocar os livros numa pequena biblioteca situada perto do quarto do marquês. Dentro em pouco certificou-se de que, apesar de esses livros novos serem hostis aos interesses do trono e do altar, não tardavam a desaparecer. Com certeza não era Norberto quem os lia.

Julião, exagerando esta experiência, imputava à menina de La Mole a duplicidade de Maquiavel. Esta pretensa perversidade era um encanto para os seus olhos, quase o único encanto moral que ela tinha. O aborrecimento que lhe causavam a hipocrisia e as opiniões virtuosas faziam-no chegar a esse excesso. Excitava mais a sua imaginação do que era arrastado pelo seu amor.

Era depois de ter sonhado com a elegância da menina de La Mole, com o excelente gosto da sua maneira de vestir, com a brancura das suas mãos, com a beleza dos seus braços, com a desenvoltura de todos os seus movimentos, que se sentia apaixonado. Então, para completar o encanto, imaginava-a uma Catarina de Médicis. Nada era profundo de mais ou perverso em demasia para o carácter que lhe supunha. Era o ideal dos Maslon, dos Frilair e dos Castanède, que admirara na sua mocidade. Numa palavra, era para ele o ideal de Paris. Haveria alguma coisa mais agradável do que julgar que havia profundidade ou perversidade no carácter parisiense?

“É impossível que este trio troce de mim”, pensava o jovem secretário. Conhecem tão pouco do seu carácter se não estão já a ver a expressão sombria e fria que o seu olhar tomou ao responder ao de Matilde. Uma amarga ironia repudiou os protestos de amizade que a menina de La Mole, admirada, ousou formular duas ou três vezes.

Despeitado por este capricho súbito, o coração desta rapariga, naturalmente frio, aborrecido, sensível ao espírito, tornou-se tão apaixonado quanto a sua natureza lhe permitia ser. Mas no carácter de Matilde havia também muito

orgulho, e o despontar de um sentimento que fazia depender de outrem toda a sua felicidade foi acompanhado por uma tristeza sombria.

Julião fizera bastantes progressos desde a sua chegada a Paris para já distinguir que aquilo não era a tristeza do tédio. Em lugar de estar, como antigamente, ávida de serões, de espectáculos e distrações de todos os géneros, fugia deles.

A música cantada por franceses causava a Matilde um aborrecimento de morte, e, contudo, Julião, que considerava um dever assistir à saída da ópera, notou que ela ia lá sempre que podia. Julgou perceber que ela perdera um pouco do perfeito domínio que transparecia em todas as suas acções. Às vezes respondia aos amigos com brincadeiras ultrajantes à força de energia mordaz. Pareceu-lhe que tomava aborrecimento ao marquês de Croisenois. “É necessário que este rapaz goste loucamente do dinheiro para não desprezar esta rapariga, por mais rica que seja!”, pensava Julião. Quanto a si, indignado pelos ultrajes feitos à dignidade masculina, redobrava de frieza para com ela. Frequentes vezes teve respostas pouco delicadas. Apesar de estar resolvido a não ser juguete das provas de interesse de Matilde, estas eram tão evidentes, em certos dias, e Julião, cujos olhos começavam a abrir-se, achava-a tão bonita, que às vezes ficava embaraçado.

“A astúcia destes jovens de sociedade acabaria por triunfar da minha pouca experiência”, disse para consigo, “tenho de partir e pôr termo a tudo isto.” O marquês acabava de lhe confiar a administração de umas pequenas casas e terras que possuía no Baixo Languedoque. Tinha de fazer uma viagem: o senhor de La Mole consentiu com dificuldade. Excepto para os assuntos de alta ambição, Julião tornara-se para si próprio um outro homem.

“No fim de contas, não me apanharam”, dizia Julião para consigo, preparando-se para a partida. “Mesmo que as ironias da menina de La Mole para aqueles senhores sejam reais ou apenas destinadas a inspirar-me confiança, divertiram-me.

“Se não há conspiração contra o filho do carpinteiro, a menina Matilde é inexplicável, mas também o é para o marquês de Croisenois, pelo menos tanto como para mim. Ontem, por exemplo, o seu mau humor era evidente, e tive o gosto de prevalecer sobre um jovem tão nobre e tão rico quanto sou pobre e plebeu. Aqui está o mais belo dos meus triunfos; alegrar-me-á no meu lugar da mala-posta deslizando pelas planícies do Languedoque.”

Fizera segredo da sua partida, mas Matilde sabia melhor do que ele que ia sair no dia seguinte de Paris, e por muito tempo. Recorreu a uma dor de cabeça enorme, que o ar abafado do salão ainda aumentava. Passeou durante bastante tempo no jardim e perseguiu de tal forma com brincadeiras mordazes,

Norberto, o marquês de Croisenois, Caylus, Luz e outros rapazes que tinham jantado no palácio de La Mole que os obrigou a partir. Fitava Julião de forma estranha.

“Naturalmente este olhar é uma comédia”, pensou ele. “Mas a respiração apressada, mas toda esta perturbação!? Ora! Quem sou eu para julgar todas estas coisas? Trata-se do que há de mais sublime e de mais subtil entre as mulheres de Paris. Aquela respiração apressada quase me comoveu. Naturalmente aprendeu-a com a Leontina Fay, de quem tanto gosta.” Tinham ficado sozinhos; a conversa esmorecia. “Não! Julião nada sente por mim”, dizia para consigo Matilde, verdadeiramente infeliz. “

Quando ele se despediu ela apertou-lhe o braço com força:

- Esta noite receberá uma carta minha - disse-lhe ela com uma voz de tal forma alterada que estava quase irreconhecível.

Esta circunstância comoveu imediatamente Julião.

- Meu pai - continuou ela - tem uma justa estima pelos serviços que lhe presta. Tem de adiar a partida; arranje um pretexto. - E afastou-se a correr.

O seu porte era encantador. Era impossível ter uns pés mais bonitos; corria com uma graça que encantou Julião. Mas serão capazes de adivinhar qual foi o seu segundo pensamento depois de ela ter desaparecido completamente? Ofendeu-se com o tom imperativo, com o tom com que dissera: tem de. Luís XV também, no momento de morrer, ficou escandalizado com a expressão tem de, desastrosamente empregada pelo seu médico assistente; e Luís XV, contudo, não era arrivista.

Uma hora depois um criado entregou uma carta ao jovem secretário; era simplesmente uma declaração de amor.

“Não há muita afectação no estilo”, disse ele para consigo, procurando com os seus reparos literários conter a alegria que contraía as suas faces e o forçava a rir contra sua vontade.

“Enfim”, exclamou de repente, porque a paixão era forte de mais para ser contida, “eu, pobre camponês, tenho, no entanto, uma declaração de amor de uma grande dama!”

“Quanto a mim, isto não vai mal”, acrescentou, dominando a alegria. “Tenho sabido conservar a dignidade do meu carácter. Não lhe disse que a amava.” E pôs-se a estudar a caligrafia.

A menina de La Mole tinha uma bonita letra inglesa. Julião tinha necessidade de uma ocupação física para se distinguir daquela alegria, que ia até ao delírio.

“A sua partida obriga-me a falar... Seria superior às minhas forças não o ver mais...”

Acudiu a Julião um pensamento que foi para ele como que uma descoberta, interrompendo o exame que fazia à carta de Matilde e redobrando a sua alegria. “Venci o marquês de Croisenois!”, exclamou. “Eu, que só digo coisas sérias! Ele, que é tão elegante, usa bigode, um belo uniforme e tem sempre uma frase espirituosa e fina para dizer no momento próprio.”

Foram então momentos deliciosos; errava ao acaso pelo jardim, louco de felicidade.

Mais tarde subiu ao seu escritório e fez-se anunciar ao marquês de La Mole, que felizmente não saíra. Provou-lhe facilmente, mostrando-lhe alguns papéis selados chegados da Normandia, que o ter de tratar desses processos normandos o obrigava a transferir a sua partida para o Languedoque.

- Estou contente por você não partir - disse-lhe o marquês quando acabaram de falar de negócios. - Gosto de o ver.

Julião saiu; estas palavras constrangiam-no. “E eu vou seduzir-lhe a filha! Tornar impossível, talvez, o casamento com o senhor de Croisenois, que faz o encanto do seu futuro: se não é duque, pelo menos a filha teria um banco.” Julião lembrou-se de partir para o Languedoque, apesar da carta de Matilde e da explicação dada ao marquês. Este relâmpago de virtude desapareceu bem depressa.

“Como sou ingénuo”, pensou. “Eu, um plebeu, ter piedade de uma família desta classe! Eu, a quem o duque de Chaulnes chama criado! Como é que o marquês aumenta a sua fortuna imensa? Fazendo negócio quando no seu castelo sabe que no dia seguinte vai haver golpe de Estado. E eu, a quem a providência madrasta lançou para a última fila, eu, a quem ela deu um coração nobre e nem sequer mil francos de rendimento, quer dizer, a quem não deu pão, falando com exactidão, não deu pão, eu, recusar um prazer que se me oferece! Uma límpida nascente que vem matar a minha sede no deserto escaldante da mediocridade que tão dificilmente atravesso! Palavra, não devo ser tão parvo; cada um deve tratar de si neste deserto de egoísmo que se chama vida.”

E recordou-se de alguns olhares cheios de desdém que a senhora de La Mole lhe dirigia, e sobretudo as damas suas amigas.

O prazer de triunfar do marquês de Croisenois acabou de derrotar aquela ideia de virtude.

“Como eu gostava que ele se zangasse!”, disse Julião. “Com que segurança eu lhe daria uma espadeirada.”, E fazia o gesto.

“Antes disto eu era um pedante, abusando de um pouco de coragem. Depois desta carta sou seu igual.”

“Sim”, acrescentava com uma voluptuosidade infinita e falando lentamente, “os nossos méritos, meus e do marquês, foram pesados, e o pobre

carpinteiro do Jura ganhou. “

“Bom”, exclamou ele, “achei a minha resposta. Não vá julgar, menina de La Mole, que esqueço a minha condição. Far-lhe-ei compreender e sentir bem que é pelo filho de um carpinteiro que trai o descendente do famoso Guy de Croisenois, que foi companheiro de São Luís na Cruzada.”

Julião não podia conter a sua alegria. Teve de descer ao jardim. O seu quarto, onde se fechara à chave, parecia-lhe acanhado para respirar.

“Eu, pobre camponês do jura”, repetia sem cessar, “eu, condenado a usar sempre este triste fato preto! Ai! Se estivéssemos vinte anos atrás usaria um uniforme como eles! Então um homem como eu ou morria em combate ou era general aos trinta e seis anos!” Aquela carta que tinha apertada nas mãos dava-lhe a envergadura e a atitude de um herói. “Agora, na verdade, com este fato preto, aos quarenta anos também se podem ter cem mil francos de ordenado e o cordão azul, como o senhor bispo de Beauvais.”

“Pois bem”, disse para consigo, rindo como um Mefistófeles, “tenho mais cabeça do que eles; sei escolher o uniforme do meu século.” E sentiu redobrar a sua ambição e o seu apego ao hábito eclesiástico. Quantos cardeais nascidos mais baixo do que eu não chegaram a governar! O meu compatriota Granvelle, por exemplo.”

Pouco a pouco, a sua agitação acalmou-se; a prudência manteve-se. Disse para consigo, como o seu mestre Tartufo, cujo papel sabia de cor:

*Posso acreditar nestas palavras, artificio honesto*

*Não mefiarei nestas tão doces palavras.*

*Um pouco dos seus favores, com os quais eu sonho,*

*Não venha assegurar-me tudo o que puderam dizer.*

Tartufo, acto IV, cena V

“Tartufo também se perdeu por uma mulher e valia tanto como qualquer outro; mas a minha resposta pode ser mostrada... para o que vamos achar este remédio”, acrescentou ele, pronunciando lentamente e com um tom de ferocidade contida: “Começá-la-emos com as frases mais ardentes da sublime Matilde. Mas quatro lacaios do senhor de Croisenois precipitam-se sobre mim e arrancam-me o original.

“Não, porque estou bem armado e estou habituado, como se sabe, a fazer fogo sobre lacaios. Pois bem! Um deles tem coragem, precipita-se sobre mim, prometeram-lhe cem napoleões. Mato-o ou firo-o, e é isto que desejam. Lançam-me muito legalmente numa prisão; respondo na polícia de correcção e enviam-me, com toda a justiça e equidade da parte dos juizes, a fazer companhia em

Poissy aos senhores Fontan e Magalon. Ali deito-me misturado com quatrocentos pobres... E hei-de ter piedade desta gente!", exclamou ele, levantando-se voluptuosamente. "E têm-na eles das pessoas do povo que têm na mão?!" Esta palavra foi o último suspiro da sua gratidão pelo senhor de La Mole, que, contra sua vontade, ainda o atormentava.

"Devagarinho, senhores fidalgos, compreendo essa manobra de maquiavelismo; o abade Maslon ou o senhor Castanède do seminário não teriam feito melhor. Tirar-me-ão a carta provocadora e serei uma segunda edição, correcta e aumentada, do coronel Caron em Colmar.

"Esperem um pouco, meus senhores, vou enviar a carta fatal num pacote bem lacrado, ao abade Pirard, para que a guarde em depósito. É um homem honesto, jansenista, e, nesta qualidade, ao abrigo das seduções do dinheiro. Sim, mas abre as cartas... É a Fouqué que eu mandarei esta. "

Temos de concordar que o olhar de Julião era atroz, a sua fisionomia medonha; respirava crime puro. Era o homem infeliz em guerra com toda a sociedade.

"Às armas!", exclamou. E desceu de um salto os degraus da entrada do palácio. Entrou na loja do escriturário da rua; fez-lhe medo.

- Copie - disse, dando-lhe a carta da menina de La Mole. Enquanto o escrivão trabalhava, escreveu ele próprio a Fouqué; pedia que lhe guardasse um depósito precioso. "Mas", disse para consigo, parando, "a censura dos correios abrirá a minha carta... Não, senhores." Foi comprar uma enorme Bíblia a uma livraria protestante, escondeu habilmente na capa a carta de Matilde, mandou embrulhar tudo, e o pacote partiu pela diligência, dirigido a um dos operários de Fouqué cujo nome não era conhecido de ninguém em Paris.

Depois disto feito, voltou alegre e lesto para o palácio de La Mole. "A nós, agora!", exclamou ele, fechando-se à chave no quarto e tirando o casaco.

"Pois quê, menina!", escreveu ele a Matilde. "É a menina de La Mole que, pelas mãos de Arsénio, criado de seu pai, manda entregar uma carta sedutora a um pobre carpinteiro do Jura, sem dúvida para zombar da sua simplicidade..." E transcreveu as mais claras frases da carta que acabava de receber.

A sua teria feito honra à prudência diplomática do senhor cavaleiro de Beauvoisis. Eram apenas dez horas; Julião, embriagado pela felicidade e pelo sentimento do seu poder, tão novo para um pobre diabo, entrou na ópera Italiana. Ouviu cantar o seu amigo Geronimo. Nunca a música o exaltara àquele ponto. Sentia-se um deus.

## PENSAMENTOS DE UMA RAPARIGA

*Quantas perplexidades! Quantas noites  
passadas sem dormir! Meu Deus, vou tornar-  
me desprezível? Ele próprio me desprezará.*

*Mas parte, afasta-se.*

Alfred de Musset

Não fora sem uma luta interior que Matilde se decidira a escrever. Qualquer que tivesse sido o começo do seu interesse por Julião, depressa ela dominou o orgulho que desde que se conhecia reinava no seu coração. Aquela alma altiva e fria era arrebatada pela primeira vez por um sentimento apaixonado. Mas, se dominava o orgulho, era ainda fiel aos hábitos desse orgulho. Dois meses de combates e de sensações novas renovaram, por assim dizer, o seu moral.

Matilde julgava divisar a felicidade. Esta visão tão poderosa nas almas corajosas ligadas a um espírito superior teve de lutar longamente contra a dignidade e todos os sentimentos de deveres vulgares. Um dia, às sete da manhã, entrou nos aposentos de sua mãe, pedindo-lhe que a deixasse refugiar-se em Villequier. A marquesa nem se dignou responder-lhe e aconselhou-a a ir meter-se outra vez na cama. Foi o último esforço da sensatez e deferência pelas ideias recebidas.

O receio de proceder mal e de chocar as ideias que os Caylus, Luz e Croisenois consideravam sagradas tinha pouco poder na sua alma; tais seres não lhe pareciam feitos para a compreender; tê-los-ia consultado se se tratasse de comprar uma carruagem ou uma terra. O seu verdadeiro terror era que Julião ficasse descontente com ela.

“Talvez ele tenha apenas as aparências de um homem superior.” Detestava a falta de carácter, era a única objecção contra os belos rapazes que a rodeavam. Quanto mais troçavam, com graça, de tudo o que se afasta da moda ou a segue mal, julgando segui-la, tanto mais se diminuía aos seus olhos. Eram corajosos, eis tudo. “E, mesmo corajosos, como?”, dizia para consigo. “Em

duelo; mas o duelo é apenas uma cerimónia.

Tudo se sabe com antecedência, mesmo o que se deve fazer ao cair. Estendido na relva, com a mão sobre o coração, é preciso um perdão generoso para o adversário e uma palavra para uma amada, muitas vezes imaginária, ou então que vai ao baile no dia da sua morte, com receio de excitar suspeitas.”

“Defronta-se o perigo à frente de um esquadrão rebrilhante de aço, mas o perigo solitário, imprevisto, verdadeiramente feio!”

“Ai!”, dizia para consigo Matilde. “Era na corte de Henrique III que se achavam homens tão grandes pelo carácter como pelo nascimento! Ah! Se Julião tivesse combatido em Jarnac ou em Moncontour eu já não teria dúvidas. Nesses tempos de vigor e força os Franceses não eram bonecos. O dia da batalha era quase o das menores perplexidades.” A sua vida não estava encerrada, como uma múmia no Egito, sob um invólucro sempre igual a todos, sempre o mesmo. “Sim”, acrescentava ela, “havia mais verdadeira coragem em sair sozinho às onze da noite do palácio de Soissons, habitado por Catarina de Médicis, do que hoje viajar na Argélia. A vida de um homem era um seguimento de acasos. Agora a civilização expulsou o acaso, já não há imprevisto. Se aparece nas ideias, não há epigramas que cheguem para ele; se aparece nos acontecimentos, cobardia alguma está acima dos nossos receios. Qualquer que seja a loucura que o medo nos faça cometer, arranja-se sempre uma desculpa. Século degenerado e tedioso! Que teria dito Bonifácio de La Mole se, levantando para fora do túmulo a sua cabeça decepada, visse, em 1793, dezassete dos seus descendentes deixarem-se prender como carneiros para serem guilhotinados dois dias depois? A morte era certa, mas teria sido de mau tom defender-se e matar, pelo menos, um jacobino ou dois. Ah! Nos tempos heróicos da França, no século de Bonifácio de La Mole, Julião teria sido chefe de esquadrão e meu irmão um jovem sacerdote de costumes decentes, com a prudência nos olhos e a sensatez nas palavras.”

Alguns meses antes, Matilde tinha perdido a esperança de encontrar um ser um pouco diferente do padrão vulgar. Sentira uma certa felicidade permitindo-se a si própria escrever a alguns rapazes da sociedade. Esta astúcia, tão pouco conveniente e tão imprudente numa rapariga, podia desonrá-la aos olhos do senhor de Croisenois, do duque de Chaulnes seu pai e de todo o palácio de Chaulnes, que, vendo desfazer-se o casamento projectado, queria saber porquê. Nesse tempo, nos dias em que escrevia uma dessas cartas, Matilde não podia dormir. Mas essas cartas eram apenas respostas.

Agora ousava dizer que amava. E era ela que o dizia primeiro (que palavra terrível!) a um homem das mais baixas classes da sociedade.

Esta circunstância assegurava, em caso de descoberta, uma eterna desonra.

Qual das mulheres que vinham a casa de sua mãe ousaria tomar o seu partido? Que frase poderia sugerir-se-lhes para amortecer o golpe do terrível desprezo dos salões? E ainda falar era horrível, mas escrever! Há coisas que não se escrevem, exclamava Napoleão, ao saber da capitulação de Baylen. E fora Julião que lhe contara estas palavras, como que dando-lhe antecipadamente uma lição.

Mas tudo isto ainda não era nada. A angústia de Matilde tinha outras causas. Esquecendo o efeito terrível que isto faria na sociedade, a nódoa indelével e cheia de desprezo, porque ultrajava a sua casa, Matilde ia escrever a uma pessoa bem diferente dos Croisenois, de Luz e Caylus.

Mesmo para ter com ele vulgares relações, a profundidade e o desconhecido do carácter de Julião teriam assustado. E ela ia fazer dele seu amante, talvez seu dono!

“Quais serão as suas pretensões, se um dia tiver todo o poder sobre mim? Pois bem! Direi para comigo, como Medeia: No meio de tantos perigos, resta-me EU.”

Julião não tinha veneração alguma pela nobreza de sangue, julgava ela. E, bem mais, talvez lhe não tivesse amor algum!

Nesses últimos momentos de dúvidas atrozes surgiram as ideias de orgulho feminino. “Tudo deve ser estranho na sorte de uma rapariga como eu”, exclamou Matilde, impaciente. Então o orgulho que lhe haviam inspirado desde o berço mantinha-se como uma virtude. Foi neste instante que a partida de Julião veio precipitar tudo.

(Tais caracteres são felizmente bastante raros.) A noite, já tarde, Julião teve a malícia de mandar descer uma mala muito pesada para casa do porteiro; chamou para a transportar o escudeiro que fazia a corte à criada de quarto da menina de La Mole. “Esta manobra pode não resultar nada”, disse para consigo, “mas, se der resultado, ela julga que eu parti.”

Adormeceu, alegre com esta ideia. Matilde não pregou olho.

No dia seguinte, muito cedo, Julião saiu do palácio sem ser vista por ninguém, mas voltou antes das oito horas.

Mal entrou na biblioteca, a menina de La Mole apareceu à porta. Ele entregou-lhe a resposta. Pensava que era seu dever falar-lhe; nada era mais cómodo, pelo menos, mas a menina de La Mole não quis ouvi-lo e desapareceu. Julião ficou encantado, pois não sabia o que havia de lhe dizer.

“Se tudo isto não é um jogo combinado com o conde Norberto, é claro que foram os meus olhares cheios de frieza que acenderam o amor exagerado que esta rapariga tão fidalga se lembra de ter por mim. Seria um pouco mais parvo do que convém se me deixasse ir até ao ponto de gostar desta boneca loura.”

Este raciocínio deixou-o mais frio e calculista do que nunca.

“Na batalha que se prepara”, acrescentou, “o orgulho do nascimento será como uma colina elevada formando uma fortificação militar entre mim e ela. É sobre isso que é preciso manobrar. Fiz muito mal em ficar em Paris; este adiamento da minha partida envilece-me e expõe-me, se isto for uma brincadeira. Que perigo havia em partir? Ria-me deles como eles se riem de mim. Se o seu interesse por mim tem alguma realidade, eu centuplicava esse interesse.”

A carta da menina de La Mole dera a Julião um profundo motivo de vaidade tão grande que, enquanto ria do que lhe acontecia, se esquecera de pensar seriamente na conveniência da partida.

Era uma fatalidade do seu carácter ser extremamente sensível aos seus erros. Estava muito contrariado com este e não pensava já na vitória incrível que precedera aquele pequeno choque quando, pelas nove horas, a menina de La Mole aparecendo à porta da biblioteca, lhe atirou uma carta e fugiu. “Está a parecer-me que isto vai ser um romance por cartas”, comentou para consigo ao pegar naquela. “O inimigo faz um movimento falso, eu vou fazer valer a frieza e a virtude.”

Pedia-lhe uma resposta decisiva com uma dor que aumentava a sua alegria interior. Deu-se ao prazer de mistificar, durante duas páginas, as pessoas que quisessem troçar dele; foi ainda por brincadeira que anunciou no fim da sua resposta a sua decisão de partir na manhã seguinte.

Ao terminar a carta, pensou: “O jardim vai-me servir para lha entregar.” E foi para lá. E olhava para a janela do quarto da menina de La Mole.

Era no primeiro andar, ao lado dos aposentos da mãe, mas havia uma grande sobreloja.

O andar era de tal forma alto que, passeando debaixo da avenida das tílias, com a carta na mão, não podia ser visto pela menina de La Mole. A abóbada formada pelas árvores, muito bem podadas, tapava a vista. “Mas o quê!”, disse Julião de mau humor. “Mais uma imprudência! Se querem troçar de mim, verem-me com uma carta na mão é servir os meus inimigos.”

O quarto de Norberto era precisamente por cima do da irmã, e, se Julião saísse da abóbada formada pelos ramos das tílias, o conde e os seus amigos poderiam seguir todos os seus movimentos.

A menina de La Mole apareceu atrás da vidraça: ele mostrou-lhe um pouco da carta; ela baixou a cabeça. Imediatamente o rapaz subiu para o quarto, a correr, e encontrou por acaso, na escada principal, a bela Matilde, que pegou na carta com grande à-vontade e olhos risonhos.

“Que paixão havia nos olhos daquela pobre senhora de Rênal”, disse para consigo Julião, “quando, mesmo depois de seis meses de relações íntimas,

ousava receber uma carta minha! Durante toda a sua vida julgo que nunca me olhou com olhos risonhos.”

Não exprimiu para consigo tão claramente o resto da sua resposta: teria vergonha da futilidade das razões? Mas também pensou na diferença, na elegância do traje matinal, na elegância do porte! Divisando a menina de La Mole a trinta passos de distância, um homem de gosto adivinharia a posição que ela ocupava na sociedade. Eis o que pode chamar-se merecimento explícito.

Gracejando, Julião não confessava a si próprio ainda todo o seu pensamento: a senhora de Rênal não tinha nenhum marquês de Croisenois para lhe sacrificar. Por rival tinha apenas aquele ignóbil subprefeito senhor Charcot, que se fazia chamar de Maurigon, porque já não havia de Maugirons.

às cinco horas recebeu uma terceira carta: foi-lhe atirada da porta da biblioteca pela menina de La Mole, que fugiu mais uma vez. “Que mania de escrever”, disse ele para consigo, rindo,

“quando se pode falar tão comodamente! O inimigo quer ter cartas minhas e várias!” Não se apressava a abrir esta. “Mais frases elegantes”, pensava; mas, ao lê-la, empalideceu. Eram oito linhas apenas.

“Tenho necessidade de lhe falar esta noite; preciso de lhe falar. No momento em que soar a uma hora depois da meia-noite esteja no jardim. Pegue na escada grande do jardineiro, que está perto do poço; encoste-a à minha janela e suba ao meu quarto. Está luar: não faz mal.”

**SERÁ UMA CONSPIRAÇÃO?**

*Ah! Como é cruel o intervalo entre um projecto concebido e a sua execução! Que terrores em vão! Que hesitações! É a vida que está em jogo! É muito mais do que isso: é a honra!*

Schiller

“Isto começa a tornar-se sério...”, pensou Julião, “e um pouco claro de mais”, acrescentou, depois de ter pensado.

“Pois quê! Esta bela rapariga pode falar-me na biblioteca com uma liberdade que, graças a Deus, é completa, visto que o marquês, com receio que eu lhe mostre contas, nunca vem aqui! Pois quê! O senhor de La Mole e o conde Norberto, as únicas pessoas que aqui entram, estão ausentes quase todo o dia, pode-se facilmente observar o momento da sua entrada no palácio, e a sublime Matilde, para cuja mão um príncipe soberano não seria nobre em demasia, quer que eu cometa uma imprudência abominável!

“É claro, querem perder-me ou trocar de mim, pelo menos. Primeiro quiseram perder-me com as minhas cartas; mas são prudentes. Por isso precisam de uma acção mais clara que o dia. Estes lindos rapazinhos julgam-me ou muito parvo ou muito vaidoso. Diabo! Sob o mais lindo luar do mundo subir assim por uma escada a um primeiro andar de oito metros de altura! Terão tempo de me ver mesmo dos palácios vizinhos. Mas será belo estar no cimo dessa escada!”, Julião subiu ao seu quarto e começou a fazer a mala e a assobiar. Estava resolvido a partir e nem mesmo responder.

Mas esta ajuizada resolução não lhe dava a paz do coração.

“Se, por acaso”, disse para consigo de repente, depois de fechada a mala, “Matilde estivesse de boa-fé! Então eu desempenharia a seus olhos um papel de cobarde completo. Não sou fidalgo, preciso de grandes qualidades, dinheiro à vista, sem suposições complacentes, bem provadas por acções notórias.”

Esteve um quarto de hora a reflectir. “Para que negar?”, disse para

consigo, por fim. “Serei um cobarde a seus olhos. Perco não somente a rapariga mais brilhante da alta sociedade, como diziam todos no baile do senhor duque de Retz, mas ainda o divino prazer de ver sacrificar por mim o marquês de Croisenois, filho de um duque e que também será duque. Um rapaz encantador, que tem todas as qualidades que me faltam: espírito, nobreza, fortuna...”

“Este remorso perseguir-me-á toda a vida; não por ela...  
Amantes há tantas!

*... Mas só há uma honra!*

disse o velho D. Diogo, e aqui, clara e nitidamente, recuo diante do primeiro perigo que se me oferece; porque o duelo com o senhor de Beauvoisis era um brincadeira. Isto é completamente diferente. Posso ser morto à queimadura por um criado, mas isto ainda é o menor dos perigos; posso ser desonrado.”

“A coisa está séria, meu rapaz”, acrescentou com alegria e numa pronúncia de gascão. “Nunca um pobre diabo lançado tão baixo pelo acaso como eu achará uma ocasião melhor; terei boas ocasiões, mas nunca como esta...”

Reflectiu durante muito tempo, passeando em passos precipitados e parando de repente, de vez em quando. Tinham guardado no seu quarto um magnífico busto do cardeal Richelieu, que, contra sua vontade, lhe chamava a atenção. Este busto parecia fitá-lo severamente, como censurando-lhe a falta daquela audácia que deve ser tão natural no carácter francês. “Se fosse no teu tempo, grande homem, hesitaria eu?”

“Suponho o pior”, disse por fim Julião, “suponhamos que tudo isto seja uma ratoeira; isto é bem feio e comprometedor para uma rapariga. Sabem que não sou homem para me calar. Terão, portanto, de me matar. Isto era bom em 1574, no tempo de Bonifácio de La Mole, mas nunca nos tempos de hoje. Estas gentes já não são as mesmas. A menina de La Mole é tão invejada! Quatrocentos salões fariam amanhã da sua vergonha, e com que prazer!

“Os criados comentariam entre si as preferências notórias de que sou objecto, sei-o, ouvi-os...”

“Por outro lado, as suas cartas!... Podem julgar que as tenho comigo. Surpreendido no quarto dela, roubam-mas. Terei de lutar com dois, três, quatro homens, sei lá? Mas onde irão buscar esses homens? Onde é que se encontram em Paris subalternos discretos? A justiça faz-lhes medo... Assim Deus me salve! Aos Caylus, aos Croisenois, aos de Luz até. Este momento e a figura de parvo que farei no meio deles foi com certeza o que os seduziu. Cuidado com a sorte

de Abelardo, senhor secretário!

“Pois bem, se assim acontecer, ficareis com as minhas marcas; agredirei na cara, como os soldados de César em Farsália... Quanto às cartas, posso pô-las em lugar seguro. “, Fez cópias das duas últimas, escondeu-as num volume do belo Voltaire da biblioteca e levou ele próprio os originais ao correio.

“Em que loucura me vou meter!”, pensou, para consigo, ao regressar, com surpresa e terror. Tinha estado um quarto de hora sem encarar de frente a sua acção da noite próxima.

“Mas, se recuso, terei de me desprezar a mim próprio daqui em diante. Toda a vida esta acção será uma grande causa de dúvida, e, para mim, uma tal dúvida é a pior das desgraças. Não experimentei isso com o caso do amante de Amanda? Creio que com mais facilidade perdoaria a mim próprio um crime claro; uma vez confessado, deixaria de pensar nele.

“O quê? Estaria em rivalidade com um homem que usa um dos mais belos nomes da França e seria eu próprio que, de coração alegre, me declararia seu inferior? No fundo, será cobardia não ir. Esta palavra decide tudo!”, exclamou, erguendo-se.

“De resto, ela é muito bela!”

“Se isto não é uma traição, que loucura faz por mim!... Se é uma mistificação, assim Deus me salve! Senhores, está na minha mão tornar a brincadeira séria, e assim farei.

“Mas se me atarem os braços no momento de entrar no quarto? Podem ter colocado lá qualquer máquina infernal!”

“É como um duelo”, comentou, rindo, “há defesa para todos os golpes, lá diz o mestre-de-armas, mas o bom Deus quer que se acabe com aquilo e faz com que um dos dois se esqueça de parar. Mas aqui está com que lhe responder!” Tirava as pistolas da algibeira; e, apesar de estarem bem preparadas, carregou-as de novo.

Tinha ainda muitas horas de espera; para fazer qualquer coisa, Julião escreveu a Fouqué: “Meu amigo, não abras a carta que vai junta senão no caso de se dar um acidente, se ouvires dizer que alguma coisa estranha me aconteceu. Então apaga os nomes próprios do manuscrito que te envio e faz dele oito cópias, que enviarás aos jornais de Marselha, Bordéus, Lião, Bruxelas, etc.; dez dias mais tarde manda imprimir um manuscrito, envia o primeiro exemplar ao senhor marquês de La Mole; e quinze dias depois espalha os outros exemplares, de noite, nas ruas de Verrières.”

Aquela pequena memória justificativa, arranjada em forma de conto, que Fouqué não devia abrir senão em caso de acidente, fê-la Julião o mais comprometedor possível para a menina de La Mole, mas, apesar disso,

descrevia exactamente a sua posição.

Acabava de fechar o pacote quando se ouviu a sineta para o jantar; fez-lhe bater o coração. A sua imaginação, preocupada com a narraiva que acabava de compor, estava propícia a pressentimentos trágicos. Via-se agarrado pelos criados, garrotado, conduzido para um subterrâneo com uma mordança na boca. Ali, um criado guardava-o à vista, e, se a honra da nobre família exigisse que a aventura tivesse um fim trágico, era fácil acabar com tudo com qualquer veneno dos que não deixam vestígios; então diriam que tinha morrido de doença e transportá-lo-iam morto para o seu quarto.

Tal como um autor dramático que se comove com o seu próprio conto, sentiu realmente medo ao entrar na sala de jantar.

Olhava para todos os criados com libré de gala. Estudava a sua fisionomia. “Quais serão os que foram escolhidos para a expedição desta noite?”, dizia para consigo. “Nesta família as recordações da corte de Henrique III estão tão presentes, recordadas com tanta frequência, que, julgando-se ultrajados, terão mais decisão que outras pessoas da sua classe.” Olhou para a menina de La Mole, para ler nos seus olhos os projectos da família; estava pálida e tinha exactamente uma fisionomia da Idade Média. Nunca lhe tinha achado um ar de tanta grandeza, estava verdadeiramente bela e majestosa. Sentiu-se quase apaixonado. Pallida morte futura. “A sua palidez anuncia grandes desígnios”, disse para consigo.

Em vão, depois do jantar, fingiu passear durante muito tempo no jardim. A menina de La Mole não apareceu. Se naquele momento lhe falasse, o seu coração ficaria aliviado de um grande peso.

Por que não havia de confessar? Tinha medo. Como estava resolvido a agir, abandonava-se sem vergonha a esse sentimento. “Conquanto no momento da acção eu tenha a coragem necessária”, dizia para consigo, “que importa o que sinto neste momento?” Foi estudar o local e depois verificar o peso da escada.

“É um instrumento”, comentou, rindo, “de que está no meu destino servir-me! Aqui e em Verrières. Que diferença! Então”, acrescentou, suspirando, “não era obrigado a desconfiar da pessoa por quem me expunha. Que diferença também no perigo!”

“Se eu tivesse sido morto nos jardins do senhor de Rênal, não haveria desonra para mim. Facilmente teriam explicado a minha morte. Aqui, que narrativas abomináveis não irão fazer nos salões do palácio de Chaulnes, de Caylus, de Retz, etc.; enfim, por toda a parte. Para a posteridade serei um monstro.”

“Durante dois ou três anos”, continuou, rindo e troçando de si próprio.

Mas esta ideia aniquilava-o. “E a mim poderão justificar-me? Supondo que Fouqué imprime o meu panfleto póstumo, isso será mais uma infâmia. O quê? Sou recebido numa casa e, para pagar a hospitalidade que me oferecem, as bondades com que me tratam, imprimo um panfleto sobre o que lá se passa! Ataco a honra das mulheres! Ah! É mil vezes preferível que me julguem um parvo!”

Aquela noite foi horrível.

## UMA HORA DA MANHÃ

*Era um grande jardim, desenhado há poucos anos com muito bom gosto, mas as árvores tinham mais de um século. Havia no conjunto qualquer coisa de campestre.*

Massinger

La escrever uma contra-ordem para Fouqué quando bateram onze horas. Fazendo barulho, deu a volta à fechadura da porta do quarto, como se lá se fechasse. Foi observar, com passos cautelosos, o que se passava em toda a casa, sobretudo no quarto andar, habitado pelos criados. Nada havia de extraordinário. Uma das criadas de quarto da senhora de La Mole organizara um serão; os criados bebiam alegremente. “Os que riem assim”, pensou Julião, “não devem fazer parte da expedição nocturna; estariam mais sérios.”

Por fim foi colocar-se num canto escuro do jardim. “Se o plano deles é esconderem-se dos criados da casa, com certeza que os homens encarregados de me surpreender saltarão pelos muros do jardim.

“Se o senhor de Croisenois manobra isto com algum sangue-frio, deve achar menos comprometedor para a jovem que quer desposar fazer-me surpreender antes do momento de ter entrado no seu quarto.”

Fez um reconhecimento à maneira militar e bastante exacto.

“Trata-se da minha honra”, pensou, “se caio nalgum descuido, não será uma desculpa aos meus próprios olhos o dizer: não tinha pensado nisso.”

O tempo estava de uma serenidade que causava desespero. Pelas onze horas a Lua ergueu-se; à meia-noite e meia hora iluminava em cheio a fachada do palácio que dava para o jardim.

“Ela está doida”, dizia Julião para consigo; ao soar da uma hora ainda havia luz na janela do conde Norberto. O jovem secretário nunca na sua vida tivera tanto medo; só via os perigos daquele empreendimento e não tinha entusiasmo algum.

Foi buscar a enorme escada, esperou cinco minutos, para dar tempo a uma

contra-ordem, e à uma hora e cinco encostou-a à janela de Matilde. Subiu devagarinho, de pistola na mão, admirado de não ser atacado. Ao aproximar-se da vidraça, esta abriu-se sem ruído.

- Enfim, senhor - disse-lhe Matilde com uma grande emoção -, há uma hora que sigo os seus movimentos.

Julião sentia-se deveras embaraçado, não sabia a atitude que devia tomar, não sentiu o menor sentimento amoroso. No seu embaraço pensou que devia ser ousado e tentou beijar Matilde.

- Que feio! - disse-lhe ela, afastando-o.

Muito contente por se ver repellido, apressou-se a deitar um golpe de vista em redor: o luar era tão brilhante que as sombras que se formavam no quarto da menina de La Mole eram negras. "Pode muito bem haver aqui homens escondidos sem que os veja", pensou.

- Que traz no bolso do casaco? - indagou Matilde, encantada por achar um assunto de conversa. Sentia um sofrimento estranho; todos os sentimentos de moderação e timidez, tão naturais numa rapariga de boa família, tinham retomado o seu poder, pondo-a num suplício.

- Trago toda a espécie de armas e pistolas - respondeu ele, não menos contente por ter alguma coisa que dizer.

- É preciso retirar a escada - disse Matilde.

- É muito grande e poderá partir os vidros do salão de baixo ou da sobreloja.

- Não é preciso partir os vidros - continuou Matilde, tentando tornar o tom da conversa habitual -; parece-me que poderia baixar a escada com a ajuda de uma corda que se ataria ao primeiro degrau. Tenho sempre nos meus aposentos uma grande provisão de cordas.

"E é isto uma mulher apaixonada!", pensou Julião. "E ousa dizer que ama! Tanto sangue-frio, tanto juízo nas precauções, indicam-me suficientemente que não triunfo do senhor Croisenois, como parvamente julgava, mas, simplesmente, que sou seu sucessor; de facto, que me importa! Acaso a amo? Triunfo do marquês neste sentido de que ficará muito zangado por ter um sucessor, e mais ainda por esse sucessor ser eu. Com que altivez me fitava ontem no Café Portoni, fingindo não me conhecer! Com que ar de maldade me cumprimentou em seguida, quando não pôde deixar de o fazer!"

Atara a corda ao primeiro degrau e fazia descer a escada lentamente, debruçando-se muito para fora da janela para evitar que tocasse nos vidros. "Belo momento para me matarem", pensou, "se alguém está escondido no quarto de Matilde." Mas continuava a haver por toda a parte um silêncio profundo.

A escada ficou no chão. Julião conseguiu deitá-la no canteiro de flores exóticas, ao longo da parede.

- Que dirá minha mãe - disse Matilde - quando vir as suas belas plantas todas pisadas!?!... É preciso deitar a corda fora - acrescentou com grande sangue-frio. - Se a vissem subindo até à janela, seria uma circunstância difícil de explicar.

- E como hei-de ir-me embora? - disse Julião em tom de graça e imitando a língua crioula. (Uma das criadas de quarto da casa nascera em São Domingos.)

- Por onde? Pela porta - disse Matilde, encantada com aquela ideia.

“Ah! Como este homem é digno de todo o meu amor!”, pensou ela. Julião acabava de deixar cair a corda no jardim; Matilde apertou-lhe o braço. Julgou que fora um mimigo que o agarrara e voltou-se de repente, desembainhando um punhal. Ela julgara ouvir abrir uma janela. Ficaram imóveis e sem respirar. A Lua iluminava-os em cheio. Como o ruído não se repetisse, sossegaram.

Então recomeçou o embaraço; era grande nos dois lados. Julião certificou-se de que a porta estava bem fechada; lembrava-se de espreitar debaixo da cama, mas não ousava; podiam ter lá escondidos dois ou três criados. Por fim, receou uma futura acusação da sua prudência e olhou.

Matilde recaía em todas as angústias da maior timidez. Tinha horror à sua posição.

- Que fez das minhas cartas? - disse por fim. “Que boa ocasião para desconcertar estes senhores, se estão a escutar, e de evitar a batalha!”, pensou Julião.

- A primeira está escondida numa grande Bíblia protestante que a diligência de ontem leva para bem longe daqui.

Falava muito distintamente, contando estes pormenores, e de forma a ser ouvido pelas pessoas que pudessem estar escondidas nos grandes armários de acaju que não tinha ousado inspeccionar.

- As outras duas estão no correio e seguem o mesmo caminho da primeira.

- Santo Deus! Para quê tantas precauções? - disse a rapariga, assustada.

“A que propósito é que eu mentiria?”, pensou Julião; e confessou-lhe todas as suas suspeitas.

- É essa então a causa da frieza das tuas cartas!- exclamou Matilde com uma entoação mais de loucura do que de ternura.

Ele não notou isto. Aquele tratamento por tu fez-lhe perder a cabeça, ou, pelo menos, as suspeitas desvaneceram-se; ousou apertar nos braços aquela rapariga tão bela e que tanto respeito lhe inspirava. Mal tentou afastá-lo.

Julião recorreu à sua memória, como em tempos, em Besançon, junto de Amanda Binet, e recitou várias das mais belas frases da Nova Heloisa.

- Tens a coragem digna de um homem - respondeu ela, sem dar grande atenção às suas frases. - Quis experimentar a tua bravura, confesso-o. As tuas primeiras suspeitas e a tua resolução mostram que és mais intrépido do que eu julgava.

Matilde esforçava-se por tratá-lo por tu; evidentemente dava mais atenção a esta maneira de falar estranha do que às coisas que dizia. Esse tratar por tu desprovido do tom de ternura não dava prazer algum a Julião; admirava-se de não sentir felicidade; e, para a sentir, teve de recorrer ao raciocínio.

Via-se estimado por aquela rapariga tão ativa e que nunca concedia louvores sem restrições; com este raciocínio conseguiu a satisfação do seu amor-próprio.

Na verdade, não era aquela voluptuosidade de alma que gozara algumas vezes junto da senhora de Rênal. Não havia ternura alguma nos sentimentos daquele primeiro momento. Era a maior das felicidades da ambição, e Julião era essencialmente um ambicioso.

Tornou a falar das pessoas de quem suspeitava e das precauções que tomara. Ao falar pensava na forma de aproveitar a sua vitória.

Matilde, ainda bastante embaraçada, e que tinha todo o ar de estar aterrada com o que fizera, pareceu encantada por encontrar um assunto de conversa. Falaram das maneiras de se tornarem a ver. Julião gozou com delícia o espírito e a bravura de que deu novamente provas durante aquela discussão.

Tinham de lidar com pessoas muito clarividentes, e o tal Tanbeau era com certeza um espião, mas Matilde e ele também não eram desprovidos de astúcia.

Nada mais fácil do que encontrarem-se na biblioteca para combinar tudo.

- Eu posso ir, sem levantar suspeitas, a todas as partes do palácio - dizia Julião - e quase até ao quarto da senhora de La Mole. - Era absolutamente necessário atravessá-lo para entrar no da filha. Se Matilde achasse melhor que ele se servisse sempre da escada, seria com alegria que se exporia a esse pequeno perigo.

Ao ouvi-lo falar Matilde sentia-se chocada com aquele ar de triunfo. "É, então, o meu senhor!", disse para consigo, e já se sentia presa do remorso. A sua razão tinha horror pela loucura enorme que acabava de cometer. Se pudesse, teria aniquilado Julião e aniquilar-se-ia a si própria.

Quando, por instantes, a força da sua vontade fazia calar os remorsos, os sentimentos de pudor e de timidez sofredora tornavam-na infeliz. Não previra o estado horrível em que se encontrava.

"Contudo, tenho de lhe falar", disse para consigo, "é uso confessar tudo ao homem amado." E então, para cumprir um dever, e com uma ternura que estava bem mais nas palavras de que se servia do que no tom da voz, contou as

diversas resoluções que tomara a seu respeito durante estes últimos dias.

Decidira que, se ele ousasse chegar ao seu quarto com a ajuda da escada do jardineiro, tal como lhe prescrevera, pertencer-lhe-ia completamente. Mas nunca tinham dito um ao outro coisas tão ternas. Até ali aquela entrevista fora de gelo. Bastava para fazer odiar o amor. Que lição de moral para uma jovem imprudente! Valeria a pena perder o seu futuro por um momento daqueles? ' Depois de longas incertezas, que a um observador superficial poderiam parecer o efeito do ódio mais decidido, de tal forma os sentimentos que uma mulher deve a si própria custavam a ceder a uma vontade tão firme como aquela, Matilde acabou por mostrar-se uma amorosa amável.

Na verdade, esses transportes eram um pouco voluntários. O amor apaixonado era mais um modelo que se imitava do que uma realidade.

A menina de La Mole julgava cumprir um dever para com ela própria e para com o seu amado. "O pobre rapaz", dizia para consigo, "foi de uma bravura extraordinária, e deve ser feliz, ou então sou eu que não tenho dignidade." Mas a verdade é que queria poder resgatar com uma eternidade de sofrimento a situação cruel em que se achava.

Apesar do terrível esforço que sobre si fazia, foi perfeitamente senhora das suas palavras.

Nenhum arrependimento, nenhuma censura, veio estragar aquela noite, que pareceu a Julião mais estranha do que feliz. "Que diferença, santo Deus!, comparado com a última estada de vinte e quatro horas em Verrières! As belas maneiras de Paris têm o segredo de tudo estragar, até o amor!", dizia Julião para consigo com a sua grande injustiça.

Entregava-se a estas reflexões, em pé, num dos grandes armários de acaju onde ela o tinha feito entrar mal se ouviram os primeiros ruídos no aposento próximo, que era o da marquesa de La Mole. Matilde foi com a mãe à missa, as criadas em breve saíram dos quartos e Julião escapou-se facilmente, antes que elas viessem acabar os seus trabalhos.

Montou a cavalo e procurou os sítios solitários de uma das florestas próximas de Paris. Estava mais atônito do que feliz.

A felicidade que de tempos a tempos enchia a sua alma era como a de um jovem alferes que em seguida a uma façanha sensacional acaba de ser nomeado, de repente, coronel pelo general-comandante. Sentia-se elevado a grande altura. Tudo o que estava acima dele na véspera estava agora a seu lado ou bem abaixo. Pouco a pouco, a sua felicidade aumentou à medida que se afastava.

Se não havia nada de terno na sua alma, é que, por mais estranho que estas palavras possam parecer, Matilde, na maneira como para com ele se comportara, tinha cumprido um dever. Para ela nada houve de imprevisto em

todos os acontecimentos daquela noite senão a desgraça e a vergonha que encontrara em lugar daquela felicidade completa de que falam os romances.

“Ter-me-ei enganado? Não lhe terei amor?”, dizia para consigo.

**UMA VELHA ESPADA**

*I now mean to be serious; it is time  
Since laughter now-a-days is deem 'd too serious.  
A jest at vice by virtue's call'd a crime.  
Don Juan, c. X111*

Ao jantar ela não apareceu. à noite veio um instante ao salão, mas nem olhou para Julião. Esta conduta pareceu-lhe estranha; mas pensou que não conhecia os seus usos. “Com certeza me dará qualquer razão.” Contudo, agitado por uma grande curiosidade, estudava a expressão das feições de Matilde; não conseguiu dissimular a si próprio que ela tinha um ar frio e maldoso. Evidentemente, não era a mesma mulher que a noite passada tinha ou fingia ter entusiasmos de felicidade, excessivos em demasia para serem verdadeiros.

No dia seguinte, e no outro, a mesma frieza da sua parte; não o fitava nem se apercebia da sua existência. Julião, devorado pela maior das inquietações, estava a mil léguas dos sentimentos de triunfo que no primeiro dia o tinham animado.

“Será, por acaso, um regresso à virtude?” Mas esta palavra era burguesa de mais para a altiva Matilde.

“Nas situações habituais da vida não acredita na religião”, pensava ele, “interessa-lhe como uma coisa muito útil aos interesses da sua casta.”,

“Mas, nem que fosse por simples delicadeza, não poderá censurar a si própria o erro que cometeu?” Julião julgava ser o primeiro homem por quem ela se interessara.

Mas noutros momentos pensava: “Tenho de confessar que nada há de ingénuo, simples e terno em toda a sua maneira de ser; nunca a vi tão altiva. Desprezar-me-á? Seria digno dela censurar-se o que por mim fez só por causa do meu nascimento humilde.”

Enquanto Julião, cheio dos preconceitos que os livros e as recordações de Verrières lhe tinham dado, perseguia a quimera de uma amante terna e que já

não pensa na sua própria existência desde que fez a felicidade do seu amante, a vaidade de Matilde erguia-se furiosa contra ele. i Como há dois meses se não aborrecia, já não temia o aborrecimento; assim, sem a menor suspeita, Julião perdera a sua maior vantagem.

“Arranjei um senhor”, dizia ela para consigo, presa do mais negro desgosto. “Ele sente-se honrado” mas, se eu ferir a sua vaidade, vingar-se-á dando a conhecer a natureza das nossas relações.” Nunca Matilde tivera amores, e, nesta circunstância da vida, que dá algumas ilusões ternas, mesmo às almas mais secas, estava nas garras das mais amargas reflexões.

“Tem sobre mim um enorme poder, visto reinar pelo terror, e pode castigar-me com um desgosto atroz se eu o afastar.”

Bastava esta ideia para que o ultrajasse. A coragem era a primeira qualidade do seu carácter. Nada podia melhor excitá-la e curá-la de um fundo aborrecimento que sem cessar reaparecia do que a ideia de que jogava, a cruces ou cunhos, a sua existência inteira.

No terceiro dia, como se obstinasse em não o fitar, Julião, depois de jantar, seguiu-a, claramente contra a vontade dela, até à sala de bilhar.

- Então, senhor, julga ter adquirido direitos bem poderosos sobre mim - disse-lhe com uma malcontida cólera - visto que pretende falar-me, apesar da oposição bem clara que tenho feito a isso? Sabe que nunca houve ninguém no mundo que ousasse tanto?

Nada mais interessante do que o diálogo daqueles dois amantes; sem suspeitarem tinham um pelo outro o maior dos ódios. Como nenhum deles tinha um carácter transigente, apesar de terem hábitos de boa camaradagem, dali a pouco declaravam claramente que se zangavam para sempre.

- Juro-lhe segredo eterno - disse Julião -, acrescentaria mesmo que nunca mais lhe dirigiria a palavra, se a sua reputação não viesse a sofrer com esta mudança notória. - Cumprimentou cerimoniosamente e partiu.

Cumpria sem grande desgosto o que julgava um dever; estava longe de se julgar apaixonado pela menina de La Mole. Sem dúvida que três dias antes a não amava, quando se tinha escondido no grande armário de acaju. Mas na sua alma tudo se transformou rapidamente desde o momento em que se viu enredado com ela para sempre.

A sua memória cruel pôs-se a recordar-lhe as menores circunstâncias daquela noite, que, na realidade, tão frio o deixara.

Na noite que se seguiu à declaração da zanga eterna Julião quase enlouqueceu ao ser obrigado a confessar a si próprio que amava a menina de La Mole.

A esta descoberta seguiram-se terríveis lutas interiores, que lhe deixavam

todos os seus sentimentos perturbados.

Dois dias depois, em lugar de ser orgulhoso com o senhor de Croisenois, tê-lo-ia beijado com lágrimas nos olhos.

O hábito da infelicidade deu-lhe uma luz de bom senso: decidiu-se a partir para o Languedoque; fez a mala e dirigiu-se à diligência.

Sentiu-se desfalecer quando, ao chegar ao escritório da mala-posta, lhe disseram que, por um acaso singular, havia no dia seguinte um lugar na diligência de Toulouse. Marcou-o e voltou ao palácio de La Mole para anunciar a sua partida ao marquês.

Este saíra. Mais morto do que vivo, Julião foi esperá-lo na biblioteca. Como teria ficado ao encontrar lá a menina de La Mole? Ao vê-lo aparecer, ela tomou um ar de maldade com o qual não foi possível enganar-se. Arrastado pela sua infelicidade, confundido pela surpresa, Julião teve a fraqueza de lhe dizer, com um tom muito terno, que vinha da alma:

- Na verdade já me não ama?

- Sinto-me horrorizada por me ter entregue ao primeiro que chegou - disse Matilde, chorando, enraivecida consigo própria.

- Ao primeiro que chegou ! - exclamou Julião, correndo para uma velha espada da Idade Média, conservada na biblioteca como curiosidade.

A sua dor, que julgava extrema no momento em que tinha dirigido a palavra à menina de La Mole, acabava de ser centuplicada pelas lágrimas de vergonha que lhe via derramar. Se pudesse matá-la, teria sido o mais feliz dos homens.

“ No momento em que ele arrancava com dificuldade a espada da sua bainha antiga, Matilde, feliz por ter uma sensação tão nova, avançou orgulhosamente para ele; as lágrimas tinham-se-lhe secado.

Evocou o marquês de La Mole, seu benfeitor. “Matar-lhe a filha!”, disse para consigo. “Que horror!” Fez um movimento para deitar fora a espada. “Com certeza”, pensou, “ela vai desatar a rir ao ver este gesto de melodrama.” Isto fez-lhe retomar o sangue-frio. Fitou a lâmina da velha espada com curiosidade, como se procurasse qualquer nódoa de ferrugem, depois meteu-a novamente na bainha e, com a maior tranquilidade, voltou a colocá-la no prego de bronze dourado que a sustinha.

Todos estes movimentos, no fim bastante lentos, duraram um minuto; a menina de La Mole fitava-o, admirada.

“Estive quase a ser morta pelo meu amante!”, exclamava para consigo.

Esta ideia transportava-a ao mais belo tempo de Carlos IX e Henrique III.

Estava imóvel diante de Julião, que acabava de arrumar a arma, fitando-o com olhos em que já não havia ódio. Temos de concordar que naquele momento

estava bastante sedutora; nunca mulher alguma se parecera menos com uma boneca parisiense (estas palavras eram a grande objecção de Julião contra as mulheres desta terra).

“Vou cair outra vez nalguma fraqueza por ele”, pensou Matilde, “depois desta recaída e no momento em que acabo de lhe falar com tanta firmeza, então é que ficava a julgar-se meu dono e senhor.” E fugiu.

“Meu Deus! Que linda é!”, disse Julião vendo-a correr. “E era esta pessoa que com tanto entusiasmo se precipitava nos meus braços ainda não há oito dias... E estes momentos não voltarão mais! Por minha culpa! E, no momento dessa acção tão extraordinária, tão interessante para mim, não era sensível a ela!... Tenho de confessar que nasci com um carácter muito vulgar e desgraçado.”

O marquês apareceu; o secretário apressou-se a anunciar-lhe a partida.

- Para onde? - indagou o senhor de La Mole.

- Para o Languedoque.

- Não, se faz favor, está reservado para mais altos destinos. Se partir, será para o Norte... mesmo, falando em termos militares, fique de prevenção no palácio. Far-me-á o favor de não estar ausente mais de duas ou três horas; posso precisar de si de um momento para o outro.

Julião cumprimentou e retirou-se, sem dizer nada, deixando o marquês bastante admirado; não estava em estado de falar e fechou-se no quarto. Ali pôde exagerar em liberdade o que havia de dramático na sua sorte.

“Assim, nem sequer posso afastar-me! Sabe Deus quantos dias o marquês me reterá em Paris. Santo Deus, que será de mim? E nem tenho um amigo a quem possa consultar: o abade Pirard nem me deixaria acabar a primeira frase, o conde Altamira aconselhar-me-ia a tomar parte numa conspiração.

“E, contudo, estou louco, sinto-o; estou louco! “Quem poderá guiar-me? Que vai ser de mim?”

**MOMENTOS CRUÉIS**

*E ela confessa-mo! Pormenoriza até às  
menores circunstâncias!*

*O seu olhar tão belo, fixo sobre o meu reflecte o  
amor que ela sente por um outro!*

Schiller

A menina de La Mole, encantada, pensava apenas na felicidade de ter estado quase a ser morta. Chegava a dizer:

“É digno de ser o meu senhor, visto que estive quase a matar-me. Quantos belos rapazes da sociedade seria preciso fundir juntos para chegar a um tal movimento de paixão?

“Devo confessar que estava muito belo no momento em que subiu acima da cadeira para pendurar a espada, precisamente na posição pitoresca que o decorador lhe dera! Afinal não fui muito louca em o amar.”

Naquele instante, se se tivesse apresentado qualquer meio razoável de restabelecer as relações, tê-lo-ia aproveitado com prazer. Julião, fechado no quarto, com duas voltas à chave, era presa do mais violento desespero. Com as suas ideias loucas, pensava em lançar-se-lhe aos pés. Se, em lugar de se manter escondido num lugar afastado, vagueasse pelo jardim ou pelo palácio, ao acaso dos encontros, talvez num instante tivesse transformado na mais viva felicidade a sua horrível desgraça.

Mas o tacto, cuja ausência lhe censuramos, teria excluído o movimento sublime de pegar na espada, gesto que, nesse momento, o tornara tão belo aos olhos da menina de La Mole. Este capricho favorável a Julião durou todo o dia; Matilde recordava com encanto os curtos instantes durante os quais o tinha amado, e sentia saudades. “De facto”, dizia para consigo, “a minha paixão pelo pobre rapaz, a seus olhos, apenas durou desde a uma hora da madrugada, quando o vi subir pela escada com todas as suas pistolas na algibeira do casaco, até às oito da manhã. Foi um quarto de hora depois, ao ouvir missa em são Valério, que comecei a pensar que ele poderia tentar fazer-me obedecer pelo

terror.”,

Depois do jantar a menina de La Mole, em lugar de fugir de Julião, falou-lhe e deu-lhe a entender que o convidava para a seguir ao jardim. Obedeceu. Faltava-lhe aquela prova. Cedia sem suspeitar do amor que nela renascia. Sentiu um grande prazer em passear a seu lado e era com curiosidade que olhava para aquelas mãos, que de manhã tinham pegado na espada para a matar.

Depois de uma tal acção e de tudo o que se passara, já se não podia tratar da sua antiga conversa.

Pouco a pouco, Matilde começou a falar-lhe, com intimidade, dos seus sentimentos. Sentia uma estranha voluptuosidade naquele género de conversa; veio a contar-lhe os movimentos de entusiasmo passageiro que sentira pelos senhores de Croisenois, de Caylus...

- O quê! Também pelo senhor de Caylus! - exclamou Julião; e todo o amargo ciúme de um amante abandonado explodia nestas palavras. Matilde compreendeu-o e não se sentiu ofendida.

Continuou a torturá-lo, detalhando-lhe os seus sentimentos de outro tempo da forma mais pitoresca e com uma entonação de verdade íntima. Ele via que ela estava a descrever recordações que conservava bem nítidas e sofria a dor de notar que, ao falar, a rapariga fazia descobertas no seu próprio coração.

O sofrimento do ciúme não pode ir mais longe. Suspeitar que um rival é amado é já bem cruel, mas ouvir a mulher que se adora confessar detalhadamente o amor que ele lhe inspira é, sem dúvida, o cúmulo da dor.

Oh! como eram castigados naquele momento os movimentos de orgulho que tinham levado Julião a achar-se superior aos Caylus e aos Croisenois! Com que sofrimento íntimo sofria e exagerava as suas menores vantagens! Com que fé ardente se desprezava a si próprio!

Matilde parecia-lhe adorável. Todas as palavras são fracas para exprimir o excesso da sua admiração. Ao passear ao lado dela, olhava de soslaio para as suas mãos, para os seus braços, para o seu porte de rainha. Esteve a ponto de cair a seus pés, aniquilado pelo amor e pela desgraça, gritando: “Piedade!”

Não podia duvidar da sua sinceridade; o tom de sinceridade era evidente em tudo o que dizia. Para que absolutamente nada faltasse à sua desgraça, momentos houve em que, à força de falar dos sentimentos que sentira pelo senhor de Caylus, Matilde falou dele como se o amasse actualmente. Havia com certeza amor na sua maneira de falar, Julião via-o claramente.

Se lhe tivesse vertido dentro do peito chumbo derretido teria sofrido menos. Como é que depois de ter chegado àquele excesso de infelicidade, o pobre rapaz poderia adivinhar que era por estar falando com ele que a menina

de La Mole tinha tanto prazer em recordar as veleidades de amor que sentira em tempos pelos senhores de Caylus ou de Luz?

Não podia prever as angústias do jovem secretário. Ouvia as confidências detalhadas do amor sentido por outros naquela mesma rua de tílias onde tão poucos dias antes esperava que batesse a uma hora para entrar no quarto de Matilde. Um ser humano não pode suportar a desgraça em mais alto grau.

Este género de intimidade cruel durou oito dias intermináveis.

Matilde tão depressa parecia procurar como evitar as ocasiões de lhe falar; e o assunto da conversa, ao qual os dois pareciam regressar com uma espécie de voluptuosidade cruel, era a narrativa dos sentimentos que ela sentia por outros: contava-lhe as cartas que escrevera, recordando até as palavras, recitando frases inteiras. Nos últimos dias parecia fitar Julião com uma espécie de alegria maldosa. As suas dores eram para ela um vivo prazer.

Vê-se que Julião não tinha experiência alguma da vida, nem sequer lera romances; se fosse um pouco menos desastrado e dissesse, com sangue-frio, àquela rapariga por ele tão adorada e que lhe fazia confidências tão estranhas: “Concorde que, apesar de eu não valer tanto como todos esses senhores, contudo é a mim que ama...”, talvez ela se tivesse sentido feliz por ser adivinhada; pelo menos, o êxito teria dependido da graça com que Julião previsse aquela ideia e do momento que escolhesse para a manifestar. Em todos os casos, sair-se-ia bem, e com vantagem para ele, de uma situação que se ia tornar monótona aos olhos de Matilde.

- E já me não ama, a mim, que a adoro! - disse-lhe ele um dia, louco de amor e de infelicidade. Esta tolice era a maior que podia cometer.

Tais palavras destruíram num momento todo o prazer que a menina de La Mole sentia em lhe falar do estado do seu coração. Começava a admirar-se de que, depois do que se passara, ele se não ofendesse com as suas narrativas; chegava a pensar, na ocasião em que ele disse aquelas tolas palavras, que talvez já não a amasse. “Foi com certeza o orgulho que apagou o seu amor”, dizia para consigo. “Não é homem para se ver impunemente preterido por pessoas como Caylus, de Luz, Croisenois, que confessa serem-lhe tão superiores. Não, nunca mais o verei a meus pés!”

Nos dias anteriores, na ingenuidade da sua desgraça! Julião fazia-lhe muitas vezes o elogio sincero das brilhantes qualidades desses senhores; chegava a exagerá-las. Isto não escapara à menina de La Mole. Admirava-se com isso, mas não descobria a causa. A alma frenética de Julião louvava um rival que julgava amado, gostando que ele fosse feliz.

As suas palavras tão francas, mas tão estúpidas, mudaram tudo num momento: Matilde, certa de ser amada, desprezou-o completamente.

Passeava com ele no momento em que Julião disse estas palavras inábeis. Deixou-o; e o seu último olhar exprimia o mais fundo desprezo. De volta ao salão, toda a noite não voltou a fitá-lo. No dia seguinte, o desprezo invadira-a completamente; não se tratava das razões que durante oito dias lhe tinham feito sentir tanto prazer em tratar Julião como um amigo mais íntimo. Vê-lo era-lhe desagradável. Esta sensação de Matilde foi até à repugnância. Nada poderia exprimir o excessivo desprezo que sentia ao vê-lo.

Julião nada compreendera do que há oito dias se passava no coração da rapariga, mas percebeu o desprezo. Teve o bom senso de aparecer diante dela o mais raramente possível, e nunca a fitou.

Mas não foi sem um mortal desgosto que assim se privou da sua presença. Julgou sentir que a sua infelicidade ainda aumentava. “A coragem de um coração de homem não pode ir mais longe”, dizia para consigo. Passava a vida numa pequena janela das águas-furtadas do palácio; a persiana estava cuidadosamente fechada, e, ao menos, dali podia ver a menina de La Mole quando aparecia no jardim.

Como sofria quando depois do jantar a via passar com os senhores de Caylus, de Luz, ou qualquer outro por quem lhe tinha confessado alguma veleidade de amor em tempos sentida!

Julião não sabia que se pudesse sofrer tanto. Teve vontade de gritar; aquela alma tão firme estava, enfim, completamente transtornada.

Qualquer pensamento que se não referisse à menina de La Mole tornara-se-lhe odioso; era incapaz de escrever cartas, mesmo simples.

- Você está doido - disse o marquês.

Então, receando que ele adivinhasse o que se passava, falou de doença e conseguiu fazer-se acreditar. Felizmente, o senhor de La Mole, ao jantar, gracejou a respeito da sua próxima viagem: Matilde compreendeu que esta podia ser bastante longa. Há muitos dias já que Julião a evitava, e os rapazes tão brilhantes que tinham tudo o que faltava àquela criatura pálida e sombria, que em tempos amara, não tinham o poder de a arrancar ao seu devaneio.

“Uma rapariga vulgar,”, dizia ela para consigo, “teria escolhido o homem que preferisse entre os jovens que nos salões atraem todos os olhares; mas um dos caracteres do espírito superior é não arrastar o seu pensamento na rotina traçada pela vulgaridade.

“Companheira de um homem como Julião, ao qual falta apenas a fortuna que eu tenho, chamarei continuamente a atenção e não passarei despercebida na vida. Em lugar de recear sempre uma revolução, como acontece com as minhas primas, que com medo do povo não ousam ralhar com o cocheiro, estaria segura de representar um papel, e um grande papel, porque o homem

que escolhi tem carácter e uma ambição sem limites. Que lhe falta? Amigos, dinheiro? Dou-lhos.”

Mas o seu pensamento considerava Julião como um ser inferior de quem nos fazemos amar quando queremos.

## A ÓPERA CÓMICA

*O how this spring of love resembleth  
The uncertain glory of an April day;  
Which now show all the beauty of the sun  
And by, and by a cloud takes all away!*  
Shakespeare

Preocupada com o futuro e com o papel estranho que esperava desempenhar, Matilde, em breve, chegou a ter saudades das discussões secas e metafísicas que tantas vezes tinha com Julião. Fatigada de tão altos pensamentos, muitas vezes sentia saudade dos momentos de felicidade que sentira junto dele.

Estas últimas recordações não apareciam sem remorsos, e em certas ocasiões sentia-se aniquilada.

“Quando uma rapariga como eu tem uma fraqueza”, dizia consigo, “não deve esquecer os seus deveres, a não ser por um homem de mérito; não dirão que foi o seu lindo bigode ou a sua graça no montar a cavalo que me seduziram, mas as suas discussões profundas sobre o futuro que espera a França, as suas ideias sobre a parecença que os acontecimentos que vão desabar sobre nós podem ter com a revolução de 1688 em Inglaterra. Fui seduzida”, respondia ela aos seus remorsos, “sou uma fraca mulher, mas, pelo menos, não fui deslumbrada como uma boneca pelas coisas exteriores.

“Se houver uma revolução, porque é que Julião Sorel não desempenhará o papel de Rolando e eu o da mulher deste? Gosto mais deste papel que do da senhora de Stal: a imoralidade da conduta, no nosso século, será um obstáculo. Com certeza que não me censurarão uma segunda fraqueza; morreria de vergonha.”

As divagações de Matilde nem todas eram tão sérias como os pensamentos que acabamos de transcrever.

Olhava para Julião e achava uma graça encantadora às suas menores acções.

“Sem dúvida”, comentava para consigo, “consegui destruir nele todas as

ideias que fazia dos seus direitos.

“O ar de infelicidade e de paixão profunda com que o pobre rapaz me disse há oito dias aquelas palavras de amor provam-no bem; tenho de concordar que fui absurda em me zangar por frases em que havia tanto respeito e tanta paixão. Não sou sua mulher? Essas palavras eram bem naturais, e devo confessar que era muito amável. Amava-me ainda depois das conversas sem fim nas quais eu só falara, e com que crueldade, concordo, das veleidades de amor que o aborrecimento da vida que levo me inspirara pelos jovens da sociedade, dos quais tantos ciúmes tem. Ah! Se soubesse como são pouco perigosos para mim! Como perto dele me parecem ocos e todos copiados uns pelos outros!”

Enquanto fazia estas reflexões Matilde traçava, ao acaso, riscos de lápis sobre uma folha do seu álbum. Um dos perfis que acabava de traçar admirou-a, encantou-a, tinha uma parecença extraordinária com Julião. “É a voz do céu! Aqui está um dos milagres do amor”, exclamou com entusiasmo. “Sem dar por isso, fiz o seu retrato.”

Fugiu para o quarto, fechou-se, esforçou-se e procurou seriamente fazer o retrato de Julião, mas não o conseguiu; o perfil traçado ao acaso era sempre o mais parecido; ficou encantada e viu nisso uma prova evidente de grande paixão. Só muito tarde abandonou o álbum, quando a marquesa a mandou chamar para ir à ópera Italiana. E teve uma ideia: com o olhar procurara Julião, para fazer que sua mãe o convidasse a acompanhá-las. Mas ele não apareceu. As damas tiveram apenas no camarote pessoas vulgares. Durante o primeiro acto da ópera Matilde sonhara com o homem que amava, com entusiasmos da mais viva paixão; mas durante o segundo acto, uma máxima de amor, cantada, devemos confessá-lo, com uma melodia digna de Cimarosa, tocou-lhe o coração. A heroína da ópera dizia: “Devo castigar-me do excesso de amor que sinto por ele; amo-o demais! “

Desde o momento em que ouviu este canto sublime tudo o que no mundo havia desapareceu para Matilde; não respondia: a mãe ralhava-lhe e mal podia olhá-la. O seu êxtase chegou a um estado de exaltação e de paixão comparável aos impulsos mais violentos que há alguns dias Julião sentia por ela. A harmonia cheia de uma graça divina com a qual era cantada a máxima que lhe parecia fazer uma alusão tão surpreendente à sua posição ocupava todos os instantes em que não pensava directamente nele. Graças ao seu amor pela música, esteve naquela noite tal como costumava estar a senhora de Rênal quando pensava em Julião. O amor feito de raciocínio tem realmente mais espírito do que o amor verdadeiro, mas é feito apenas de instantes de entusiasmo; conhece-se excessivamente, julga-se sem cessar; longe de desencaminhar o pensamento, é

construído à força de pensamentos.

Quando voltou para casa apesar de tudo o que disse a senhora de La Mole, Matilde pretendeu ter febre e passou uma parte da noite a repetir o canto da ópera no seu piano. Cantava as palavras da ária célebre que a encantara:

*Devo punirmi, devo punirmi,  
Se troppo amai, etc.*

O resultado desta noite de loucura foi julgar ter triunfado do seu amor. (Esta página prejudicará por mais de uma forma o desgraçado autor. As almas geladas acusá-lo-ão de inconveniente. Não faz às jovens pessoas que brilham nos salões de Paris a injúria de supor que uma única de entre elas seja susceptível dos movimentos de loucura que degradam o carácter de Matilde. Esta personagem é completamente criada pela imaginação, e, mesmo, imaginada bem fora dos hábitos sociais que, entre todos os séculos, assegurarão um lugar tão distinto à civilização do século XIX.

Não é a prudência que falta às raparigas que deram graça aos bailes deste Inverno.

Também não penso que se possa acusá-las de desprezar demasiadamente uma fortuna brilhante, cavalos, belas propriedades e tudo o que assegura uma agradável posição no mundo. Longe de verem apenas aborrecimentos nestas vantagens são, em geral, objecto dos desejos mais constantes, e, se nos corações há paixão, é por elas.

Também não é amor que se encarrega da fortuna dos jovens dotados de talento como Julião; prendem-se com um abraço invencível a um grupo e, quando este triunfa, tudo o que há de bom na sociedade chove sobre ele. Desgraçado do homem de estudo que não pertence a grupo algum; censurar-lhe-ão até os pequenos êxitos bastante incertos, e a alta virtude triunfará roubando-o. Eh! Senhor, um romance é um espelho que se passeia ao longo de uma estrada. Tão depressa reflecte aos nossos olhos o azul dos céus como a lama dos lamaçais da estrada. E o homem que leva o espelho no seu alforge será por vós acusado de ser imoral! O seu espelho reflecte a lama, e vós acusais o espelho. Acusai antes o caminho onde está o lamaçal, e mais ainda o inspector das estradas que deixa empoçar a água e formar o lamaçal.

Agora, que está bem assente que o carácter de Matilde é impossível no nosso século, não menos prudente que virtuoso, julgo irritar-vos menos continuando as narrativas das loucuras desta amável rapariga.

Durante todo o dia seguinte procurou as ocasiões em que pudesse assegurar-se da sua louca paixão. A sua intenção principal foi desagradar em

tudo a Julião; mas nenhum dos seus movimentos lhe escapou.

Ele sentia-se muito infeliz e, sobretudo, agitado em demasia para adivinhar uma manobra de paixão tão complicada. Ainda menos pôde ver tudo em que ela era favorável: foi vítima dela.

Nunca, talvez, a sua infelicidade tinha sido tão grande. As suas acções eram tão pouco dirigidas pelo seu espírito que, se qualquer filósofo do desgosto lhe dissesse: "Pense em aproveitar rapidamente as disposições que lhe vão ser favoráveis; nesse género de amor raciocinado, que se vê em Paris, a mesma maneira de ser não pode durar mais de dois dias", não o teria compreendido. Mas por muito exaltado que estivesse, Julião tinha honra. O seu primeiro dever era ser discreto; compreendeu-o. Pedir conselho, contar o seu suplício à primeira pessoa que lhe aparecesse, teria sido uma felicidade comparada à do desgraçado que, atravessando um deserto ardente, recebe do céu uma gota de água gelada.

Conheceu o perigo, receou responder com uma torrente de lágrimas ao indiscreto que o interrogasse; fechou-se nos seus aposentos.

Viu Matilde passear muito tempo no jardim; quando, por fim, se foi embora, desceu; aproximou-se de uma roseira onde ela colhera uma flor.

A noite estava sombria, pôde abandonar-se à sua desgraça sem receio de ser visto. Era evidente para ele que a menina de La Mole gostava de um daqueles jovens oficiais com quem tão alegremente tinha falado. Amara-o, é verdade, mas reconhecera o seu pouco mérito.

"E, com efeito, tenho bem pouco", dizia para consigo, cheio de convicção, "no fim de tudo, sou um ser bem trivial, bem vulgar, bem aborrecido para os outros, bem insuportável para mim próprio.", Estava mortalmente desgostoso com todas as suas boas qualidades e com as coisas que amara com entusiasmo; e neste estado de imaginação invertida queria julgar a vida com a sua imaginação. É um erro de homem superior.

Várias vezes lhe ocorreu a ideia do suicídio. Esta imagem era cheia de encantos, era como um repouso delicioso; era o copo de água dado ao miserável que no deserto morre de sede e de calor.

"A minha morte aumentará o desprezo que ela tem por mim", exclamou... "Que recordação lhe deixarei!"

Caído neste último abismo de dor, um ser humano só tem o recurso da coragem. Julião não teve talento suficiente para dizer para consigo: "É preciso ser ousado!", Mas, ao olhar para a janela do quarto de Matilde viu, através das persianas, que ela apagava a luz; recordava aquele quarto encantador que, ai dele!, só vira uma vez na vida. A sua imaginação não ia mais longe.

Bateu a uma hora. Ouvir o som da sineta e dizer para consigo: "Vou subir

pela escada”, foi apenas um instante.

Depois deste relâmpago de génio as boas razões chegaram todas juntas. “Poderei outra vez ser feliz!”, dizia para consigo.

Correu para a escada: o jardineiro tinha-a prendido com uma corrente. Com a ajuda do cão de uma das suas pistolas, que quebrou, Julião, naquele momento animado por uma força sobre-humana, torceu um dos anéis ' da corrente que prendia a escada, em poucos minutos conseguiu soltá-la e colocou-a encostada à janela de Matilde! “Ela vai zangar-se, lançar-me todo o seu desprezo. Que importa? Dou-lhe um beijo, o último beijo, subo para o meu quarto e mato-me... Os meus lábios tocarão as suas faces antes de morrer!”

Subiu a escada como se voasse; bateu na persiana; depois de alguns instantes, Matilde ouviu-o querer abrir a persiana, mas a escada não deixa; Julião agarra-se ao gancho de ferro destinado a seguir a persiana aberta e com risco de cair, dá uma violenta sacudidela à escada e desloca-a um pouco. Matilde pôde abrir a persiana.

Julião atira-se para dentro do quarto, mais morto do que vivo.

- És então tu! - exclama ela, precipitando-se-lhe nos braços...

Quem poderá descrever a grande felicidade de Julião? A de Matilde foi quase igual. Falava-lhe acusando-se, denunciando-se-lhe.

- Castiga-me pelo meu atroz orgulho - dizia-lhe ela apertando-o tanto nos braços que quase o sufocava. - És o meu senhor, sou tua escrava, tenho de te pedir perdão de joelhos por me ter querido revoltar. - E soltava-se-lhe dos braços para se lhe ajoelhar aos pés. - Sim, és o meu senhor! - dizia, embriagada de felicidade e de amor. Reina para sempre sobre mim, castiga severamente a tua escrava quando ela quiser revoltar-se.

A seguir arranca-se-lhe dos braços, acende a vela, e Julião dificilmente consegue impedi-la de cortar uma trança dos seus cabelos.

- Quero lembrar-me sempre - dizia - de que sou tua serva: se algum dia um orgulho odioso vier desencaminhar-me, mostra-me estes cabelos e diz: “Já se não trata de amor, já se não trata da emoção que a vossa alma possa sentir neste momento; jurou obedecer, a sua honra manda-a obedecer.”

Mas é mais sensato suprimir a descrição de um tão grande desvairo e felicidade.

A prudência de Julião foi igual à sua felicidade.

- Tenho de descer pela escada - disse a Matilde, quando viu a manhã a despontar por detrás dos jardins.

- O sacrifício que me impõe é digno de si, privo-me de algumas horas da mais espantosa felicidade que uma alma humana pode gozar; é um sacrifício

que faço à sua reputação; se conhecesse o meu coração, compreenderia a violência a que o obrigo. Será sempre para mim o que é neste momento? Mas a honra fala, é o suficiente. Saiba que, por ocasião da nossa primeira entrevista, nem todas as suspeitas recaíram sobre os gatunos. O senhor de La Mole mandou colocar guardas no jardim. O senhor de Croisenois está rodeado de espíões, sabe-se o que ele faz todas as noites...

Ao ouvir isto, Matilde riu às gargalhadas. A mãe e uma das criadas acordaram; de repente dirigiram-lhe a palavra através da porta. Julião fitou-a, viu-a empalidecer ao ralhar com a criada, e nem se dignou dirigir a palavra à mãe.

- Mas, se se lembram de abrir a janela, vêm a escada! - disse Julião. Apertou-a mais uma vez nos braços, lançou-se sobre os degraus e deixou-se escorregar mais do que desceu. Num momento chegou ao chão.

Três segundos depois a escada estava debaixo da avenida das tílias e a honra de Matilde salva. Ao voltar a si, Julião achou-se cheio de sangue e quase nu: não tomara precaução alguma e ferira-se ao escorregar.

O excesso de felicidade voltara a dar-lhe toda a energia do seu carácter: se vinte homens aparecessem, atacá-los-ia sozinho naquele instante; teria sido mais um prazer.

Felizmente as suas virtudes guerreiras não foram postas à prova: deitou a escada no sítio habitual; colocou outra vez a corrente que a prendia; não se esqueceu de apagar o sulco que a escada tinha deixado no canteiro de flores exóticas debaixo da janela de Matilde. Como na escuridão passeasse a mão sobre a terra mole, para se certificar de que os sinais que deixara estavam completamente apagados, sentiu cair qualquer coisa sobre os dedos; era um bocado dos cabelos de Matilde, que esta cortara e deitara para baixo.

Estava à janela.

- Aí vai o que te manda a tua serva - disse-lhe quase em voz alta -, é o testemunho de um eterno reconhecimento. Renuncio ao exercício do meu raciocínio, sê o meu senhor!

Julião, vencido, esteve quase decidido a ir outra vez buscar a escada e a subir de novo para o quarto. Mas a razão venceu.

Passar do jardim para o palácio não era coisa fácil. Conseguiu forçar a porta de uma cave; quando entrou em casa foi obrigado a arrombar a porta do seu quarto o mais silenciosamente que pôde. Na sua perturbação, deixara no quartinho que acabara de abandonar tão rapidamente até a chave que estava na algibeira do casaco. "Oxalá que ela pense em esconder aqueles objectos comprometedores."

Enfim, a fadiga venceu a felicidade e quando o Sol nascia caiu num sono

profundo.

A sineta do almoço teve dificuldade em o acordar. Pouco depois de aparecer na sala de jantar entrou Matilde. O orgulho de Julião teve um momento feliz ao ver o amor que brilhava nos olhos daquela rapariga tão bela e rodeada de tantas homenagens; mas dentro em pouco a sua prudência teve razão para se assustar.

Com o pretexto do pouco tempo que tivera para tratar do penteado, Matilde arranjava os cabelos de forma a que o amante pudesse notar ao primeiro golpe de vista o grande sacrifício que fizera por ele cortando-os na noite antecedente. Se aquele rosto tão belo pudesse ser prejudicado por qualquer coisa, Matilde tê-lo-ia conseguido; uma das suas belas tranças, de um louro esbatido, estava cortada a meia polegada da cabeça. Ao almoço a maneira de ser de Matilde coincidiu com esta primeira imprudência. Parecia que queria dar a conhecer a toda a gente a louca paixão que tinha por Julião. Felizmente, naquele dia o senhor de La Mole e a marquesa estavam muito ocupados a discutir umas condecorações que iam ser concedidas e nas quais o senhor de Chaulnes não tinha sido incluído. Para o fim da refeição a menina de La Mole, ao falar a Julião, chamou-lhe meu senhor. Ele corou até ao branco dos olhos. Ou fosse o acaso ou fosse de propósito da parte da senhora de La Mole, Matilde, naquele dia, não esteve sozinha um único momento.

À noite, ao passar da sala de jantar para o salão, achou ocasião de dizer a Julião:

- Poderá julgar que seja um pretexto da minha parte: minha mãe acaba de decidir que uma das minhas criadas de quarto começará a dormir nos meus aposentos.

Aquele dia passou como um relâmpago. O ex-seminarista estava no cúmulo da felicidade. No dia seguinte, logo às sete da manhã, instalou-se na biblioteca; tinha esperança de que a menina de La Mole se dignasse aparecer lá; escrevera-lhe uma carta enorme.

Só muitas horas depois do almoço conseguiu vê-la. Estava penteada com o maior cuidado; com uma arte maravilhosa conseguira esconder o lugar dos cabelos cortados. Fitou uma ou duas vezes Julião, mas com os olhos calmos; não pensou em lhe chamar meu senhor.

O espanto impedia Julião de respirar... Matilde quase censurava a si própria tudo o que por ele fizera.

Pensando nisso maduramente, decidira que ele era uma pessoa, se não completamente vulgar, pelo menos não saindo da vulgaridade o bastante para merecer todas as estranhas loucuras que ela ousara fazer por ele. No fim de tudo, não pensava no amor; naquele dia estava fatigada de amar.

Para Julião os movimentos do seu coração foram os de um jovem de dezasseis anos. A horrível dúvida, o espanto, o desespero, ocuparam-no sucessivamente durante o almoço, que lhe parecia de duração eterna.

Logo que pôde levantar-se da mesa com decência correu à cavaliariça, selou ele próprio o seu cavalo e partiu a galope; receava desonrar-se com qualquer fraqueza. “Tenho de matar o coração com a fadiga física”, dizia para consigo, galopando nos bosques de Meudon. “Que fiz eu? Que disse eu, para merecer um tal desagrado?”

“É preciso não fazer nada, nada dizer hoje”, pensou, ao voltar para o palácio, “estar morto no físico como estou no moral.”, Julião já não vive, é o seu cadáver que ainda se agita.

## A JARRA DO JAPÃO

*O seu coração não compreende, ao princípio, todo o sofrimento que tem dentro de si; está mais perturbado do que comovido. Mas conforme regressa à razão, sente a profundidade do seu infortúnio. Todos os prazeres da vida estão aniquilados para ele. Só pode sentir os golpes do desespero que o dilacera. Mas para que serve falar de dor física? Qual é a dor sentida só pelo corpo que possa comparar-se a esta?*

Jean Paul

Tocavam para o jantar. Mal teve tempo de se vestir. Encontrou Matilde instando com o irmão e com o senhor de Croisenois para não irem passar o serão em Suresnes, a casa da senhora marechala de Fervaques.

Teria sido difícil ser mais sedutora e mais amável para eles. Depois do jantar apareceram os senhores de Luz, de Caylus e vários amigos. Dir-se-ia que a menina de La Mole retomara, com o culto da amizade fraterna, o das conveniências. Apesar de estar uma noite agradável, insistiu em não ir ao jardim, quis que se não afastassem da poltrona onde a senhora de La Mole estava sentada. Tal como no Inverno, o canapé azul foi o centro do grupo.

Matilde estava aborrecida do jardim, ou, pelo menos, parecia-lhe bem fastidioso: estava ligado à recordação de Julião.

A desgraça diminui o espírito. O nosso herói cometeu a tolice de parar perto daquela cadeirinha de palha que em tempos fora testemunha de tão brilhantes triunfos. Naquele dia ninguém lhe dirigiu palavra; pareciam não notar a sua presença, ou pior ainda. Os amigos da menina de La Mole que estavam perto dele, no canapé, fingiam voltar-lhe as costas. Pelo menos, foi o que lhe pareceu.

“Sou como um cortesão posto à margem”, pensou. Resolveu estudar as

peessoas que pretendiam acabrunhá-lo com o seu desdém.

O tio do senhor de Luz tinha um cargo importante junto do rei, de forma que o belo oficial colocava no começo da sua conversa, com cada interlocutor que surgia, aquela particularidade espirituosa: o tio pusera-se a caminho às sete horas para Saint-Cloud e contava dormir lá nessa noite. Este pormenor era dito com toda a aparência da bonomia, mas vinha sempre.

Ao observar o senhor de Croisenois com os severos olhos da desgraça, Julião notou a estranha influência que aquele amável e bom rapaz atribuía às coisas ocultas. E a tal ponto que entristecia e ficava de mau humor se via atribuir um acontecimento um pouco importante a uma causa simples e natural. “Há nisto uma certa loucura”, comentou para si o jovem secretário. “Este carácter tem uma relação extraordinária com o do imperador Alexandre, tal como o descreveu o príncipe Korasov.” Durante o primeiro ano da sua estada em Paris o pobre Julião, saído do seminário, deslumbrado pelos dotes, para ele tão novos, de todos aqueles amáveis rapazes, pudera apenas admirá-los. O seu verdadeiro carácter só agora começava a desenhar-se a seus olhos.

“Desempenho aqui um papel indigno”, pensou de repente. Tinha de deixar a sua cadeirinha de palha de forma que não fosse muito ridícula. Quis inventar e pedia à sua imaginação, ocupada em assuntos diferentes, alguma coisa nova. Tinha de recorrer à memória, e, a sua era, temos de confessar, pouco rica em recursos daquele género. O pobre rapaz tinha uma fraca “xperiência, por isso foi de um ridículo completo e notado por todos quando se levantou para sair da sala. A infelicidade era muito evidente em toda a sua maneira de ser. Há três quartos de hora que representava um papel de subalterno importuno, pelo qual ninguém se dá ao trabalho de esconder o que dele se pensa.

As observações críticas que acabava de fazer aos seus rivais impediram-no, contudo, de tomar a sua desgraça muito ao trágico. Para manter o seu orgulho tinha a recordação do que na antevéspera se passara. “Quaisquer que sejam as suas vantagens sobre mim”, pensava, ao ir sozinho para o jardim, “Matilde não foi para nenhum deles o que duas vezes na vida se dignou ser para mim.”

A sua reflexão não foi mais longe. Não havia meio de compreender o carácter da estranha rapariga que o acaso acabava de tornar senhora absoluta de toda a sua felicidade.

No dia seguinte contentou-se em se fatigar tanto a si como ao seu cavalo. à noite não tentou aproximar-se do canapé azul ao qual a menina de La Mole era fiel. Notou que o conde Norberto, ao encontrá-lo em casa, nem sequer se dignava olhá-lo. “Deve fazer sobre si uma violência extraordinária, ele que é

por natureza delicado”, pensou.

Para o pobre rapaz o sono teria sido a felicidade. Apesar da sua fadiga física, recordações sedutoras em demasia começavam a invadir-lhe a imaginação. Não teve o talento de ver que, com os seus grandes passeios a cavalo nos bosques de Paris, não agindo senão sobre si próprio e de forma alguma sobre o coração ou sobre o espírito de Matilde, deixava a sorte entregue ao acaso.

Parecia-lhe que uma coisa traria à sua dor uma infinita consolação: seria falar com Matilde. Mas que ousaria dizer-lhe?

Era nisto que pensava, certa manhã, às sete horas, quando, de repente, a viu entrar na biblioteca.

- Senhor, sei que deseja falar-me.

- Santo Deus! Quem lho disse?

- Sei-o; que lhe importa? Se não tiver grande honra, pode perder-me ou, pelo menos, tentá-lo; mas esse perigo, que não julgo real, com certeza me não impedirá de ser sincera. Já não o amo, senhor, a minha louca imaginação enganou-me...

Sob este golpe terrível, louco de amor e de infelicidade, Julião tentou justificar-se. Nada mais absurdo. Justificamo-nos de desagradar? Mas o raciocínio já não dominava as suas acções. Parecia-lhe que, enquanto falasse, não estava tudo acabado. Matilde não ouvia as suas palavras, o seu som irritava-a, não concebia que ele tivesse a audácia de a interromper.

Os remorsos de virtude e de orgulho tornavam-na naquela manhã igualmente infeliz; de certa forma, estava aniquilada pela horrível ideia de ter dado direitos sobre si a um sacerdotezinho filho de um camponês. “É pouco mais ou menos”, dizia ela, nos momentos em que exagerava a sua infelicidade, “como se eu tivesse de me censurar uma fraqueza com um dos criados.”

Nos caracteres orgulhosos e ousados, da cólera contra si próprio ao arrebatamento contra os outros vai apenas um passo: os excessos de furor são, neste caso, um vivo prazer.

Num momento, a menina de La Mole lançou sobre Julião as maiores provas de desprezo. Tinha muito espírito, e esse espírito triunfava na arte de torturar o amor-próprio e de lhe infligir feridas cruéis.

Pela primeira vez na sua vida, Julião achava-se submetido à acção de um espírito superior animado contra ele pelo mais violento dos ódios. Naquele instante, longe de pensar em se defender de qualquer maneira, chegou a desprezar-se a si próprio. Ao sentir-se esmagar com tão cruéis provas de desprezo, e calculadas com tanto espírito para destruir toda a boa opinião que podia ter de si, parecia-lhe que Matilde tinha razão e que não dizia ainda

bastante.

Quanto a ela, achava um prazer de orgulho delicioso em se castigar tanto a si própria como a ele pela adoração que sentira dias antes. Não tinha necessidade de inventar e de pensar pela primeira vez as palavras cruéis que lhe dirigia com tanta complacência. Repetia apenas o que há oito dias dizia no seu coração o advogado da parte contrária ao amor.

Cada palavra centuplicava a infelicidade horrível de Julião. Quis fugir, mas a menina de La Mole segurou-o autoritariamente por um braço.

- Queira notar - disse-lhe ele - que fala muito alto; ouvi-la-ão na divisão contígua.

- Que me importa! - respondeu orgulhosamente. Quem ousará dizer que me ouve? Quero curar para sempre o seu amor-próprio das ideias que fantasiou a meu respeito.

Quando Julião pôde sair da biblioteca, estava de tal forma atônito que sentia menos a sua infelicidade. "Pois bem! Ela já me não ama", repetia, falando alto, como para tomar conhecimento da sua posição. "Parece que me amou oito ou dez dias, e eu amá-la-ei toda a vida. Será possível? Não era nada, nada, para o meu coração ainda há tão poucos dias!"

Os prazeres do orgulho inundavam o coração de Matilde; pudera romper para sempre! Triunfar tão completamente de uma tão poderosa inclinação tornava-a completamente feliz. "Assim, aquele senhor compreenderá, de uma vez para sempre, que não tem nem terá nunca poder algum sobre mim." Estava tão feliz que, realmente, naquele momento, não sentia o menor indício de amor.

Depois de uma cena tão atroz, tão brilhante, num ser menos apaixonado do que Julião, o amor ter-se-ia tornado impossível. Sem se afastar um único instante do que devia a si própria, a menina de La Mole dirigira-lhe aquelas palavras desagradáveis, tão bem calculadas que podiam parecer justas, mesmo quando recordadas a sangue-frio.

No primeiro momento a conclusão que Julião tirou daquela tão espantosa cena foi que Matilde tinha um orgulho infinito. Estava firmemente convencido de que tudo acabara entre eles para sempre, e, contudo, no dia seguinte, ao almoço, sentiu-se intimidado diante dela. Era um defeito que até ali não lhe tinham podido censurar. Tanto nas pequenas como nas grandes coisas, sabia claramente o que devia e queria fazer, e executava-o.

Naquele dia, depois do almoço, como a senhora de La Mole lhe pedisse uma brochura sediciosa, e contudo, bastante rara, que de manhã o seu cura lhe trouxera em segredo Julião, ao tirá-la de cima de um móvel, fez cair ' uma velha jarra de porcelana azul muitíssimo feia. A marquesa levantou-se e, dando um grito, veio contemplar de perto os bocados da sua jarra querida. "Era Japão

velho”, dizia ela, “deixou-me a minha tia-avó abadessa de Chelles; era um presente dos Holandeses ao duque de Orleães, regente, que o dera depois à filha...”

Matilde seguira o movimento da mãe, encantada por ver quebrada aquela jarra azul que achava horrivelmente feia. Julião, silencioso, mas não perturbado, viu-a muito perto de si.

- Esta jarra - disse-lhe - está destruída para sempre; assim sucede com um sentimento que foi em tempos senhor do meu coração; peço-lhe que aceite as minhas desculpas por todas as loucuras que ele me fez cometer! e saiu.

- Dir-se-ia, na verdade - comentou a marquesa ' quando ele saiu -, que este senhor Sorel está orgulhoso e contente pelo que acaba de fazer.

Estas palavras foram direitas ao coração de Matilde. “É verdade”, disse para consigo, “minha mãe adivinhou, é, esse o sentimento que o anima.”

Só então teve fim a alegria causada pela cena que na véspera lhe fizera.

“Pois bem, tudo acabou”, disse para consigo, com uma calma aparente, “resta-me um grande exemplo; este meu desvario é horrível, humilhante! Há-de dar-me sensatez para o resto da vida.”,

“Porque não é verdade o que eu disse?”, pensava Julião. “Porque é que o amor que tinha por aquela doida me atormenta ainda?”

“Este amor, longe de se extinguir, como ele esperava, fez rápidos progressos.

“É louca, é verdade”, pensava. “Mas será menos adorável por isso? E será possível ser-se mais linda? Tudo quanto a civilização mais requintada pode apresentar de prazeres vivos não está reunido na menina de La Mole?”

Estas recordações de felicidade passada apoderaram-se de Julião e destruíram rapidamente a obra da razão.

Este lutar baldadamente contra as recordações deste género, as suas tentativas severas, só lhes aumentam o encanto.

“Vinte e quatro horas depois de se ter quebrado a jarra do Japão, Julião sentia-se o homem mais infeliz desta vida.

## A NOTA SECRETA

*Porque tudo o que eu conto, vi-o; e, se me enganei ao vê-lo, certamente que não o engano a si, contando-Lho.*

Carta ao autor

O marquês mandou-o chamar; parecia rejuvenescido, tinha os olhos brilhantes.

- Falemos a respeito da sua memória - disse ele a Julião -; dizem que é prodigiosa! Poderia aprender de cor quatro páginas e ir recitá-las a Londres? Mas sem trocar uma única palavra?

O marquês amarfanhava com mau humor um exemplar da Quotidiana daquele dia e procurava em vão dissimular um ar bastante sério e que Julião nunca lhe vira, mesmo quando se tratava do processo Frilair.

Julião já tinha a prática suficiente para sentir que devia parecer acreditar no tom ligeiro que o patrão aparentava.

- Este número da Quotidiana talvez não seja muito divertido; mas, se o senhor marquês mo permitir, amanhã de manhã terei a honra de lho recitar todo.

- O quê! Até os anúncios?

- Exactamente, e sem que lhe falte uma palavra.

- Palavra de honra? - retorquiu o marquês com uma gravidade súbita.

- Sim, senhor, o receio de faltar a ela seria a única coisa que perturbaria a minha memória.

- Esqueci-me ontem de lhe fazer esta pergunta: não lhe peço que jure que nunca mais repetirá o que vai ouvir; conheço-o o suficiente para lhe não fazer essa injúria. Responsabilizei-me por si e vou levá-lo a um salão onde se reunirão doze pessoas; tomará nota do que cada um disser.

“Não esteja inquieto, não será uma conversa confusa, cada um falará por sua vez, não quero dizer com ordem - acrescentou o marquês, retomando o ar fino e ligeiro que lhe era tão natural. - Enquanto falarmos, escreverá umas vinte

páginas; voltará para aqui comigo e reduziremos essas vinte páginas a quatro. São essas quatro páginas que me recitará amanhã de manhã em lugar do número inteiro da Quotidiana. Partirá em seguida; terá de ir na mala-posta como um rapaz que viaja por prazer. O seu fim será não ser notado por ninguém. Chegará junto de uma personagem importante. Aí será necessária mais habilidade. Trata-se de enganar tudo o que o rodeia; porque, entre os seus secretários, entre os seus criados, há gente vendida aos nossos inimigos que espia a passagem dos nossos agentes para os interceptar.

“Terá uma carta de apresentação insignificante. “No momento em que Sua Excelência o fitar, tirará do bolso este meu relógio, que lhe empresto para a viagem. Guarde-o consigo e dê-me o seu.

“O duque dignar-se-á ele próprio escrever as quatro páginas que você tiver aprendido de cor e que lhe ditará. “Depois disto feito, mas não antes, note bem, poderá, se Sua Excelência o interrogar, contar-lhe a sessão à qual vai assistir.

“O que o impedirá de se aborrecer durante a viagem é que, entre Paris e a residência do ministro, há pessoas que desejariam bastante disparar um tiro de espingarda contra o senhor abade Sorel. Então a sua missão acabaria e vejo nisso um grande atraso; porque, meu caro, como saberíamos da sua morte? O seu zelo não podia chegar até nos dar parte dela.

“Vá depressa comprar um fato completo - continuou o marquês com ar sério. - Vista-se à moda de há dois anos. Esta noite deve ter um ar pouco cuidado. Pelo contrário, em viagem será como habitualmente. Isto surpreende-o; a sua desconfiança adivinha? Sim, meu amigo, uma das veneráveis personagens que vai ouvir discorrer é muito capaz de enviar informações, por causa das quais poderão dar-lhes pelo menos, ópio, à noite, em qualquer boa estalagem em que tiver encomendado ceia.

- É preferível - disse Julião - andar mais trinta léguas e não tomar a estrada directa. Trata-se de Roma, suponho...

O marquês tomou um ar altivo e descontente, que Julião lhe não vira.

- Sabê-lo-eis, senhor, quando eu julgar a propósito dizer-vo-lo. Não gosto de perguntas.

- Isto não é uma pergunta - retorquiu Julião efusivamente -; juro-lhe, senhor, que pensava alto, procurava no meu espírito o caminho mais seguro.

- Sim, parece que o seu espírito estava bem longe. Não esqueça nunca que um embaixador, e, para mais, da sua idade, não deve ter o ar de quem força a confiança.

O rapaz sentiu-se mortificado, andara mal, o seu amor-próprio procurava uma desculpa, mas não a encontrava.

- Repare - acrescentou o senhor de La Mole - que se invocam sempre os bons sentimentos quando se fez qualquer asneira.

Uma hora depois Julião estava na antecâmara do marquês com ar humilde, fato antigo, uma gravata de um branco duvidoso e qualquer coisa de pretensioso em toda a sua aparência.

Ao vê-lo, o marquês desatou a rir, e só então a justificação de Julião foi completa

“Se este rapaz me trair”, dizia para consigo o senhor de La Mole, “em quem havemos de nos fiar? E, contudo, quando se entra em acção, temos de confiar em alguém. Meu filho e os seus brilhantes amigos do mesmo quilate têm coração e fidelidade por cem mil; se fosse necessário baterem-se, morreriam sobre os degraus do trono; sabem tudo... Excepto o que é preciso de momento. Diabo me leve se vejo entre eles algum que possa aprender de cor quatro grandes páginas e andar cem léguas sem ser despistado. Norberto saberia fazer-se matar como os seus antepassados. É este também o mérito de um recruta...”

O marquês entregou-se a uma profunda meditação. “E ainda fazer-se matar”, disse com um suspiro, “talvez este Sorel soubesse tão bem como ele...”

- Subamos para o carro - disse, como para afastar uma ideia importuna.

- Senhor - disse Julião -, enquanto me arranjavam este fato aprendi de cor a primeira página da Quotidiana de hoje.

O senhor de La Mole pegou no jornal e o rapaz recitou sem se enganar numa única palavra.

- Bom! - disse o marquês, bastante diplomata naquela noite. “Entretanto,”, pensou, “não nota as ruas por onde passamos.”

Entraram num grande salão de triste aparência, forrado, em parte, com veludo verde. No meio, um criado carrancudo acabava de armar uma grande mesa de jantar, que transformou dali a pouco em casa de trabalho, com a ajuda de um grande pano verde, todo cheio de nódoas de tinta, despojo de qualquer ministério.

O dono da casa era um homem enorme, cujo nome não foi pronunciado; Julião achou que tinha a fisionomia e a eloquência de um homem que está a digerir.

A um sinal do marquês, Julião deixara-se ficar no fim da mesa. Para disfarçar, pôs-se a aguçar penas. Pelo canto do olho contou sete interlocutores, mas só os via de costas. Pareceu-lhe que dois dirigiam a palavra ao senhor de La Mole em tom de igualdade, os outros pareciam mais ou menos respeitosos.

Uma nova personagem entrou sem ser anunciada. “Isto é estranho”, pensou Julião, “neste salão não anunciam. Será esta precaução tomada em minha honra?” Toda a gente se ergueu para receber o recém-chegado. Vinha

vestido com a mesma distinção que três das outras personagens que já se encontravam na sala. Falavam baixo. Para avaliar o recém-chegado Julião teve apenas de cingir-se às referências que lhe podiam fornecer as suas feições e o seu aspecto. Era baixo e atarracado, corado, com os olhos brilhantes e sem outra expressão que não fosse a da maldade de um javali.

A atenção de Julião foi logo desviada pela chegada de uma pessoa completamente diferente. Era um homem alto, muito magro, e que usava três ou quatro coletes.

O seu olhar era acariciador e os seus gestos delicados.

“É exactamente a fisionomia do velho bispo de Besançon”, pensou Julião. Era evidente que aquele homem pertencia à Igreja. Não aparentava ter mais de cinquenta a cinquenta e cinco anos e não podia ter um ar mais paternal.

O jovem bispo de Agde apareceu e teve um ar admirado quando, ao dar uma vista de olhos pelos presentes, os seus olhos chegaram a Julião. Não lhe dirigira a palavra desde a cerimónia de Bray-le-Haut. O seu olhar surpreendido embaraçou e irritou o ex-seminarista. “O quê!”, dizia para consigo. “Conhecer um homem dar-me-á sempre infelicidade? Todos estes grandes senhores, que nunca vi, não me intimidam, e o olhar deste jovem bispo gela-me. Há que concordar que sou um ser bem estranho e desgraçado.”

Um homenzinho escuro entrou dali a pouco fazendo muito barulho e pôs-se logo a falar; tinha uma carnação amarelada e um certo ar de louco. Mal chegou aquele falador impenitente, formaram-se grupos dispersos, evidentemente para evitar o aborrecimento de o ouvir.

Ao afastarem-se do fogão aproximaram-se do topo da mesa ocupada por Julião. O ar deste tornava-se cada vez mais embaraçado; porque, enfim, por muitos esforços que fizesse, não podia deixar de ouvir, e, por pouca que fosse a sua experiência, compreendia a importância das coisas de que falavam sem disfarce. E quanto àquelas personagens importantes, que aparentemente tinha sob o olhar, desejariam que ficassem secretas!

Com a maior lentidão, já aguçara vinte penas; aquele recurso ia faltar-lhe. Procurava em vão uma ordem nos olhos do senhor de La Mole; o marquês esquecera-o.

“O que eu faço é ridículo”, dizia para consigo, aguçando as suas penas, “mas pessoas com fisionomias tão medíocres e encarregadas por outros ou por elas próprias de tão grandes interesses devem ser muito susceptíveis. O meu infeliz olhar tem algo de interrogativo e pouco respeitoso, que, sem dúvida, os irritaria. Se baixo completamente os olhos, parecerei fazer colecção das suas palavras.”

O seu embaraço era extraordinário, ouvia coisas estranhas.

## A DISCUSSÃO

*A República! Por um que hoje sacrificasse tudo ao bem público há milhares e milhões que só se preocupam com os prazeres e vaidades. E em Paris apreciam-se os homens conforme a sua carruagem, e não segundo as suas virtudes.*  
Napoleão (Meniorial)

O criado entrou precipitadamente, dizendo:

- O senhor duque de...

- Cale-se! Você é um tolo - disse o duque, entrando.

Disse tão bem estas palavras e com tanta majestade que, contra sua vontade, Julião pensou que saber zangar-se com um lacaios era toda a ciência daquela grande personagem. Ergueu os olhos e baixou-os logo. Adivinhara tão bem a importância do recém-chegado que temeu que o seu olhar fosse uma indiscrição.

Aquele duque era um homem de cinquenta anos, vestido com grande elegância e andando como por molas. Tinha a cabeça estreita, um grande nariz e um rosto como que apertado e todo para a frente; seria difícil ter um ar mais nobre e mais insignificante. A sua chegada motivou a abertura da sessão.

Julião foi, de repente, interrompido nas suas observações fisionômicas pela voz do senhor de La Mole:

- Apresento-lhes o senhor abade Sorel; é dotado de uma memória espantosa; há apenas uma hora que lhe falei da missão com que podia ser honrado e, a fim de dar uma prova da sua memória, aprendeu de cor a primeira página da Quotidiana.

- Ah! As notícias estranhas daquele pobre N... - disse o dono da casa. Pegou apressadamente no jornal e fitando Julião com ar cómico, por muito querer ser importante, disse: - Fale, senhor.

O silêncio era profundo, todos os olhares estavam fixos em Julião. Recitou tão bem que, ao fim de vinte linhas, o duque disse-lhe: "Basta!," O homenzinho

de olhar de javali era o presidente, porque, mal tomou o lugar, mostrou a Julião uma mesa de jogo e fez sinal para a trazer para perto dele. O ex-seminarista sentou-se com tudo que era necessário para escrever. Contou doze pessoas sentadas à roda do pano verde.

- Senhor Sorel - disse o duque -, retire-se para a divisão contígua; mandá-lo-ei chamar.

O dono da casa tomou um ar inquieto.

- As portas das janelas não estão fechadas - disse ao vizinho a meia voz.

- É inútil olhar pela janela - gritou ele para Julião.

“Estou metido numa conspiração, pelo menos”, pensou este. “Felizmente, não é daquelas que levam à Praça de Grève. Mesmo que haja perigo, devo ao marquês isso e muito mais. Serei feliz se me for dado reparar todo o desgosto que as minhas loucuras lhe podem causar um dia.”

Pensando nas suas loucuras e nas suas infelicidades, fitava aqueles lugares para nunca mais os esquecer. Só então se lembrou de que não ouvira o marquês dizer ao criado o nome da rua e que mandara buscar um carro de aluguer, o que nunca acontecia.

Durante muito tempo pôde estar entregue às suas reflexões. Estava num salão forrado de veludo vermelho com largos galões dourados. Em cima de um móvel havia um grande crucifixo de marfim e sobre o fogão o Livro do Papa, do senhor de Maistre, com lombada dourada e magnificamente encadernado. Abriu-o para não ter o ar de quem está a escutar. De quando em quando, falavam muito alto na divisão ao lado. Por fim, a porta abriu-se; chamaram-no.

- Notem, senhores - dizia o presidente -, que a partir deste momento falamos diante do duque de... Este senhor - disse, apontando para Julião - é um jovem levita, dedicado à nossa causa, e que repetirá com facilidade, ajudado pela sua memória espantosa, mesmo os nossos mais pequenos discursos. Tem a palavra aquele senhor - disse, indicando a personagem de ar paternal e que usava três ou quatro coletes. Julião achou que teria sido mais natural que ele tivesse dito o nome do dito senhor dos coletes. Pegou num papel e escreveu muito.

(Aqui o autor queria colocar uma página de pontos. Isto seria de mau gosto, disse o editor, e, para um manuscrito tão frívolo, uma falta de gosto é a morte.

- A política - continuou o autor - é uma pedra atada ao pescoço da literatura e que, em menos de seis meses, a submerge. A política no meio dos interesses da imaginação é um tiro de pistola no meio de um concerto. É um ruído discordante, sem ser enérgico. Não condiz com o som de nenhum instrumento. Esta política vai ofender mortalmente uma metade dos leitores e

aborrecer a outra, que lhe achou um interesse especial e enérgico no jornal da manhã...

- Se as suas personagens não falam de política - continua o editor -, não são franceses de 1830 e o seu livro não é um espelho, tal como pretende...)

O processo verbal de Julião tinha vinte e seis páginas; e era um extracto bem pálido; porque foi necessário, como sempre, suprimir os ridículos, cujo excesso teria parecido odioso ou pouco verosímil (ver a Gazeta dos Tribunais).

O homem dos coletes e ar paternal (era um bispo, talvez) sorria com frequência, e então os seus olhos, rodeados por pálpebras flutuantes, tomavam um brilho estranho e uma expressão menos indecisa do que habitualmente. Esta personagem, a quem concediam a palavra à frente do duque ("mas quem será este duque?", dizia para consigo Julião), aparentemente para expor as suas opiniões e ' fazer as suas funções de promotor, pareceu a Julião cair na incerteza e ausência de conclusões decididas que com frequência se censuram a estes magistrados. No decorrer da discussão o duque chegou mesmo a censurá-lo.

Depois de várias frases de moral e de indulgente filosofia, o homem dos coletes disse:

- A nobre Inglaterra, guiada por um grande homem, o imortal Pitt, despendeu quarenta biliões de francos para contrariar a revolução. Se esta assembleia permite abordar com alguma franqueza uma triste ideia, a Inglaterra não compreendeu suficientemente que com um homem como Bonaparte só os meios pessoais eram decisivos, quando, sobretudo não tinham senão uma colecção de boas intenções para lhe opor.

- Ah! Outra vez o elogio do assassinato! - disse o dono da casa com ar inquieto.

- Poupe-nos as suas homilias sentimentais - exclamou o presidente, mal-humorado. Os seus olhos de javali brilhavam com ferocidade. - Continue - disse ao homem dos coletes. As faces e testa do presidente tornaram-se cor de púrpura. - A nobre Inglaterra - continuou o relator - está hoje esmagada; porque cada inglês, antes de pagar o seu pão, é obrigado a pagar o juro dos quarenta biliões de francos que foram empregados contra os jacobinos. E já não tem Pitt.

- Tem o duque de Wellington - disse uma personagem militar, tomando um ar muito importante.

- Por favor, silêncio, senhores! - exclamou o presidente. - Se discutirmos mais, terá sido inútil mandar entrar o senhor Sorel.

- Sabe-se que o senhor tem muitas ideias - disse o duque com um ar melindrado, fitando o interruptor, antigo general de Napoleão. Julião viu que estas palavras faziam alusão a qualquer coisa pessoal e muito ofensiva. Toda a gente sorriu; o general trânsfuga ficou rubro de cólera.

- Já não há Pitt, senhores! - continuou o relator, com o ar desalentado de um homem que não tem esperança de tornar razoáveis os que o escutam. - Mesmo que houvesse um novo Pitt em Inglaterra, não se mistifica duas vezes uma nação com os mesmos meios...

- Eis porque um general vencedor, um Bonaparte, é doravante impossível em França - exclamou o interlocutor militar.

Desta vez, nem o presidente nem o duque ousaram zangar-se, apesar de Julião ter lido nos seus olhares que tinham vontade disso. Baixaram os olhos e o duque contentou-se em suspirar de forma a ser ouvido por todos.

Mas o relator ficara de mau humor.

- Têm pressa de me ver acabar - disse fogosamente e abandonando aquela delicadeza sorridente e linguagem calculada que Julião julgava ser a expressão do seu carácter -; têm pressa de me ver acabar, não levam em conta os esforços que faço para não ofender os ouvidos de ninguém, sejam eles de que tamanho forem. Pois, senhores, serei breve.

“E dir-vos-ei palavras bem vulgares: a Inglaterra já não tem um soldo ao serviço da boa causa. Mesmo que Pitt voltasse, todo o seu talento não conseguiria mistificar os pequenos proprietários ingleses, porque sabem que a curta campanha de Waterloo lhes custou, só por si, um bilião de francos. E, visto que querem frases claras - acrescentou, animando-se cada vez mais -, dir-vos-ei: Ajudem-se vós próprios, porque a Inglaterra nem um guinéu tem ao vosso serviço, e, quando a Inglaterra não paga, a àustria, a Rússia e a Prússia, que só têm coragem, e não dinheiro, não podem fazer contra a França mais de uma ou duas campanhas.

“Pode-se ter esperança de que os jovens soldados que o jacobinismo reuniu serão batidos na primeira campanha, talvez na segunda, mas na terceira nem que eu tenha de passar por revolucionário aos vossos olhos desconfiados, na terceira tereis os soldados de 1794, que não eram os camponeses arregimentados de 1792.

Nesta altura a interrupção partiu de três ou quatro pontos ao mesmo tempo.

- Senhor - disse o presidente a Julião -, vá para a divisão contígua passar a limpo o começo do processo verbal que escreveu.

Com grande pena, Julião saiu. O relator acabava de abordar probabilidades que eram o assunto das suas habituais meditações.

“Tem receio de que eu troce deles”, pensou.

Quando o tornaram a chamar, o senhor de La Mole dizia, com uma seriedade que, para Julião, que o conhecia, chegava a ser cómica:

- Sim, senhores, é sobretudo deste infeliz povo que se pode dizer:

*Será Deus, mesa ou bacia?*

- Será Deus! - exclamou o comentador. - É a vós senhores que parecem pertencer estas palavras tão nobres e tão profundas. Actuem por vós próprios, e a nobre França reaparecerá quase como os nossos antepassados a tinham feito e que os nossos olhares ainda viram antes da morte de Luís XVI. A Inglaterra, pelo menos os seus lordes, detesta tanto como nós o ignóbil jacobinismo: sem o ouro inglês a àustria, a Rússia e a Prússia podem apenas travar três ou quatro batalhas. Será isto suficiente para trazer uma oportunidade feliz, como a que o senhor de Richelieu estragou tão estupidamente em 1817? Não o creio.

Aqui houve uma interrupção, mas abafada pelo chut de toda a gente. Vinha mais uma vez do antigo general imperial, que ambicionava cordão azul e queria marcar entre os redactores da nota secreta.

- Eu não o creio - continuou o senhor de La Mole depois do tumulto. Acentuou o "eu", com uma insolência que encantou o seu secretário. "Bem metido", dizia este para consigo, fazendo voar a pena quase tão depressa como a palavra do marquês. Com umas frases bem ditas o senhor de La Mole aniquilou as vinte campanhas daquele desertor.

- Não é só do estrangeiro - continuou o marquês calmamente - que podemos esperar uma nova ocupação militar. Toda esta mocidade que faz artigos incendiários no Globo dar-vos-á mais três ou quatro mil jovens capitães, entre os quais pode estar um Kléber, um Hoche, um Jourdan, um Pichegru, mas menos bem-intencionados.

- Não soubemos dar-lhe glória - disse o presidente -, era necessário mantê-lo imortal.

- Enfim, é preciso que haja em França dois partidos, mas dois partidos não somente no nome, dois partidos bem claros, bem destacados. Saibamos quem é necessário esmagar. De um lado os jornalistas, os eleitores, numa palavra: a opinião, a mocidade e tudo o que a admira. Enquanto se aturde com o ruído das suas vãs palavras, nós temos a vantagem certa de dispor do orçamento.

Aqui outra interrupção.

- Vós, senhor - continuou o senhor de La Mole, dirigindo-se ao interruptor, com uma altivez e um à-vontade admiráveis -, vós não consumis, se a palavra vos choca, vós devorais quarenta mil francos tirados do orçamento do Estado e oitenta mil que recebeis da lista civil.

"Pois bem, senhor, visto que me força a isto, tomo-o ousadamente para exemplo. Como os vossos nobres antepassados que seguiram são Luís na Cruzada, deveríeis, com estes cento e vinte mil francos, mostrar-nos, pelo

menos, um regimento, uma companhia, que digo!, uma meia companhia, nem que fosse composta por cinquenta homens prontos para combater, dedicados à boa causa para a vida e para a morte. E tendes apenas lacaios que, em caso de revolta, meteriam medo a vós próprio.

“O trono, o altar, a nobreza, amanhã podem desaparecer, senhores, enquanto vós não tiverdes criado em cada departamento uma força de quinhentos homens dedicados; mas digo dedicados não somente com toda a bravura francesa, mas também com a constância espanhola.

“A metade desta tropa deve ser composta pelos nossos filhos, sobrinhos, enfim, verdadeiros fidalgos. Cada um deles terá ao seu lado não um burguesinho tagarela, pronto a arvorar o laço tricolor, se 1815 surgir outra vez, mas o bom camponês simples e franco como Chathelineau; o nosso fidalgo tê-lo-á impregnado com a sua doutrina, será seu irmão de leite, se possível for. Que cada um de nós sacrifique o quinto do seu rendimento para formar esta pequena tropa dedicada de quinhentos homens por departamento. Então podereis contar com uma ocupação estrangeira. Nunca um soldado estrangeiro penetrará nem até Dijon se não tiver a certeza de encontrar quinhentos soldados amigos em cada departamento.

“Os reis estrangeiros não vos escutarão quando lhes anunciardes vinte mil fidalgos prontos a pegar em armas para lhes abrir as portas da França. Esse serviço é difícil, direi. Senhores, a nossa cabeça está por esse preço. Entre a liberdade de imprensa e a nossa existência como fidalgos há a guerra de morte. Tornai-vos proprietários de uma fábrica, camponeses, ou pegai na vossa espingarda. Sede tímidos, se quiserdes, mas não estúpidos; abri os olhos.

“Formai os vossos batalhões, dir-vos-ei como a canção dos jacobinos; então haverá qualquer nobre Gustavo Adolfo, que, penalizado com o perigo iminente dos princípios monárquicos, se lançará a trezentas léguas do seu país e fará por vós o que esse Gustavo fez pelos príncipes protestantes. Quereis continuar a falar sem agir? Dentro de cinquenta anos já não haverá na Europa senão presidentes da República, e nem sequer um rei. E com essas três letras, R E I, vão-se os padres e os fidalgos. Vejo apenas candidatos fazendo a corte às maiorias enlameadas.

“De nada vos servirá dizer que a França neste momento não tem um general afamado, conhecido e amado por todos, que o exército não está organizado senão no interesse do trono e do altar, que lhe roubaram todos os velhos soldados, enquanto cada um dos regimentos prussianos e austríacos conta cinquenta oficiais inferiores que já tiveram o seu baptismo de fogo.

“Duzentos mil rapazes pertencentes à pequena-burguesia estão apaixonados pela guerra...

- Tréguas na verdade desagradáveis - disse, com um tom importante, uma personagem grave, aparentemente forte nas dignidades eclesiásticas, porque o senhor de La Mole sorriu agradavelmente, em lugar de se zangar, o que para Julião foi um grande sinal.

- Tréguas na verdade desagradáveis; resumamos, senhores: o homem a quem é necessário cortar uma perna gangrenada faria mal em dizer ao seu cirurgião: "Esta perna doente está muito sã"; perdoem-me a expressão, senhores, o nobre duque... é o nosso cirurgião.

"Ora até que enfim foram pronunciadas as grandes palavras", pensou Julião, "é para o... que esta noite galoparei".

## O CLERO, OS BOSQUES, A LIBERDADE

*A primeira lei de todo o ser é conservar-se, é viver. Vós semeais cicuta e pretendeis ver amadurecer espigas!*

Maquiavel

A personagem grave continuava; via-se que sabia, com uma eloquência doce e moderada, que agradou a Julião, expor estas grandes verdades:

1.º A Inglaterra não tem um guinéu ao nosso serviço; a economia e Hume estão lá na moda. Os próprios Santos não nos darão dinheiro e o senhor Brougham trocará de nós.

2.º Sem o ouro inglês é impossível obter dos reis da Europa mais de duas campanhas; e duas campanhas não serão suficientes contra a pequena-burguesia.

3.º Necessidade de formar um partido armado em França, sem o qual o príncipe monárquico da Europa nem essas duas campanhas arriscará.

- O quarto ponto que ousou propor-vos como evidente é este:

“Impossibilidade de formar, sem o clero, um partido armado em França.,Digo-vo-lo afoitamente, porque o vou provar, senhores. É preciso dar tudo ao clero.

“1.º Porque ocupando-se do seu caso dia e noite e guiado por homens de alta capacidade estabelecidos longe das tempestades, a trezentas léguas das vossas fronteiras...

- Ah! Roma, Roma! - exclamou o dono da casa...

- Sim, senhor, Roma! - continuou o cardeal com orgulho. - Sejam quais forem as brincadeiras mais ou menos engenhosas que estiveram em moda quando éreis novos, direi alto, em 1830, que o clero, guiado por Roma, é o único que fala ao povinho.

“Cinquenta mil padres, no mesmo dia, repetem a palavra indicada pelos chefes, e o povo, que, afinal, é quem fornece os soldados, ficará mais comovido com a voz dos seus padres do que com todos os versozinhos do mundo...(Esta

personalidade excitou murmúrios.) O clero tem um talento superior ao vosso - continuou o cardeal, levantando a voz -; todos estes passos que fizestes para este ponto capital, ter em França um partido armado, foram feitos por nós. Aqui apareceram factos... Quem empregou oitenta mil espingardas na Vendéia? . . . etc.

“Enquanto o clero não tiver os seus bosques, não possui nada. Na primeira guerra o ministro das Finanças escreve aos seus agentes dizendo que só há dinheiro para o cura. No fundo, a França não crê e gosta da guerra. Seja quem for que lha dê, será duplamente popular porque fazer a guerra é reduzir os jesuítas à fome, como diz o vulgo; fazer a guerra é livrar esses monstros de orgulho que são os Franceses da ameaça da intervenção estrangeira.

O cardeal era escutado com deferência...

- Seria necessário - disse - que o senhor de Nerval abandonasse o ministério; o seu nome irrita inutilmente.

Ao ouvir estas palavras toda a gente se levantou e falou ao mesmo tempo. “Vão-me mandar embora outra vez”, pensou Julião; mas o próprio ajuizado presidente esquecera a sua presença. Todos os olhares procuraram um homem, que Julião reconheceu. Era o senhor de Nerval, o primeiro-ministro, que vira no baile do senhor duque de Retz.

A desordem chegou ao cúmulo, como dizem os jornais ao falar da Câmara. Ao fim de um grande quarto de hora o silêncio restabeleceu-se um pouco.

Então o senhor de Nerval ergueu-se, tomando um tom de apóstolo:

- Não vos afirmarei - disse, com voz estranha - que não tenha apego ao ministério. É-me demonstrado, senhores, que o meu nome duplica a força dos jacobinos, lançando contra nós muitos moderados. Retirar-me-ia portanto voluntariamente; mas os desígnios do Senhor são visíveis só a um pequeno número de pessoas; contudoacrescentou, fitando fixamente o cardeal - tenho uma missão; o céu disse-me: “Levarás a tua cabeça a um cadafalso ou restabelecerás a monarquia em França e reduzirás as Câmaras àquilo que o Parlamento era no reinado de Luís XV”; e isto, senhores, hei-defazê-lo.

Calou-se, tornou a sentar-se e houve um grande silêncio. “Aqui está um bom actor”, pensou Julião. Enganava-se, como sempre sucedia, supondo que os outros tinham grandes qualidades. Animado pelos debates de um serão tão agitado e, sobretudo, pela sinceridade da discussão, naquele momento o senhor de Nerval acreditava na sua missão. Aquele homem tinha uma grande coragem, mas não tinha bom senso.

Soou meia-noite durante o silêncio que se seguiu àquelas belas palavras: “hei-de fazê-lo”. Julião achou que o som da pêndula tinha qualquer coisa de

imponente e de fúnebre. Estava comovido.

A discussão continuou dali a pouco com uma energia crescente e, sobretudo, uma incrível ingenuidade. “Esta noite mandar-me-á envenenar”, pensava Julião em certos momentos. “Como é que se dizem tais coisas diante de um plebeu?”

Bateram duas horas e ainda falavam. O dono da casa dormia há muito tempo; o senhor de La Mole foi obrigado a chamar um criado para renovar as velas. O senhor de Nerval, o ministro, saíra à uma e três quartos, não sem ter muitas vezes estudado a fisionomia de Julião num espelho que tinha a seu lado. A sua partida parecera pôr toda a gente à vontade.

Enquanto renovavam as velas o homem dos coletes disse baixinho ao vizinho:

- Deus sabe o que este homem vai dizer ao rei! Pode tornar-nos ridículos e estragar o nosso futuro. Temos de concordar que há nele uma arrogância bem rara e, mesmo, desfaçatez em se apresentar aqui. Vinha cá antes de ser ministro; mas a pasta tudo muda, afoga todos os interesses de um homem. Ele deve tê-lo sentido.

Mal o ministro saiu o general de Bonaparte fechara os olhos. Naquele momento falou da sua saúde, das suas feridas, consultou o relógio e foi-se embora.

- Ia apostar - disse o homem dos coletes - que o general vai atrás do ministro; vai pedir desculpa de estar aqui e fazer-lhe acreditar que é ele quem nos dirige.

Quando os criados, meio adormecidos, acabaram de renovar as velas, o presidente disse:

- Deliberemos, enfim, senhores; não tentemos mais persuadir-nos uns aos outros. Pensemos no teor da nota que dentro de quarenta e oito horas estará sob os olhos amigos dos nossos amigos lá de fora. Falou-se de ministros. Agora, que o senhor de Nerval nos deixou, podemos dizer: “Que nos importam os ministros?”, Faremos com que aceitem o que nós quisermos.

O cardeal aprovou com um sorriso fino.

- Nada mais fácil, parece-me, que resumir a nossa posição - disse o nobre bispo de Agde, com o ardor concentrado e constrangido do mais exaltado fanatismo.

Até ali estivera calado; o seu olhar, que Julião observava, de princípio doce e calmo, inflamara-se nas primeiras horas da discussão. Agora a sua alma transbordava como a lava do Vesúvio.

- De 1806 a 1814 a Inglaterra só foi culpada de uma coisa - disse ele: - foi de não agir directa e pessoalmente sobre Napoleão. Logo que este homem fez

duques e camaristas, logo que restabeleceu o trono, a missão que Deus lhe confiara acabou; só servia para imolar. As Santas Escrituras ensinam-nos mais de uma vez a maneira de acabar com os tiranos. (Aqui houve várias citações latinas.) Hoje, senhores, já não é um homem que é preciso imolar, é Paris. Toda a França copia Paris. De que vale armar os vossos quinhentos homens por departamento? Empresa arriscada e que nunca mais terá fim. Para que serve misturar a França com uma coisa que é unicamente de Paris? Só Paris, com os seus jornais e os seus salões, causou o mal. Que a nova Babilónia morra!

“Entre o altar e Paris há que escolher. Esta catástrofe implica até com os interesses mundanos do trono. Porque é que Paris não ousou protestar sob Bonaparte? Pergunte-o ao canhão de Saint-Roch...

Só às três da manhã Julião saiu com o senhor de La Mole.

O marquês estava envergonhado e cheio de fadiga. Ao falar a Julião houve pela primeira vez súplica na sua voz. Pedia-lhe a palavra de honra de nunca revelar os excessos de zelo, foi o seu termo, de que o acaso o tornara testemunha. “Só fale nisso ao nosso amigo estrangeiro se ele insistir seriamente em conhecer os nossos jovens exaltados. Que lhes importa que o Estado seja derrubado? São cardeais e refugiar-se-ão em Roma. Enquanto nós, nos nossos castelos, seremos massacrados pelos camponeses.”,

A nota secreta que o marquês redigiu segundo o grande processo verbal de vinte e seis páginas escritas por Julião só ficou pronta às quatro horas e três quartos.

- Estou quase morto de fadiga - disse o marquês -, o que se vê bem nesta nota, que, para o fim, não tem clareza; estou mais descontente com ela do que com qualquer outra coisa que tenha feito durante toda a minha vida.

Olhe, meu amigo - acrescentou -, vá repousar algumas horas; com receio que o raptem, vou fechar à chave o seu quarto.

No dia seguinte, o marquês levou Julião a um castelo isolado, bastante afastado de Paris. Estavam lá uns hóspedes estranhos que o nosso herói julgou serem padres. Entregaram-lhe um passaporte passado num nome suposto, mas indicando o grande fim da viagem que sempre fingira ignorar. Subiu sozinho para uma carruagem.

O marquês não estava nada inquieto por causa da memória do rapaz; Julião recitara-lhe várias vezes a nota secreta; o que receava era que fosse interceptado.

- Sobretudo, não tenha o ar de um tolo que viaja para matar o tempo - disse-lhe, com amizade, no momento em que saía do salão. - Na nossa reunião de ontem era capaz de haver mais de um falso conjurado.

A viagem foi rápida e bastante triste. Mal Julião deixou de ser visto pelo marquês, logo se esqueceu da nota secreta e da missão, para pensar apenas no desprezo de Matilde.

Numa aldeia a algumas léguas para além de Metz o postilhão veio dizer-lhe que não havia cavalos. Eram dez da noite. Julião, muito contrariado, pediu de cear. Passou diante da porta e, insensivelmente, sem que se desse por isso, passou para o pátio das cavalariças. Não viu cavalos.

“O ar daquele homem era estranho”, pensava ele, “o seu olhar grosseiro examinava-me.”

Começava, já se vê, a não acreditar exactamente em tudo o que lhe diziam. Pensava em escapar-se depois da ceia, e, para saber qualquer coisa a respeito da terra, saiu do quarto, para ir aquecer-se ao lume da cozinha. Qual não foi a sua alegria ao encontrar ali signor Geronimo, o célebre cantor!

Instalado numa poltrona que mandara trazer para perto do lume, o napolitano gemia alto e falava ainda mais sozinho do que os vinte camponeses alemães que o rodeavam, pasmados.

- Esta gente arruína-me - gritou ele a Julião -; este postilhão é um ladrão. Prometi cantar amanhã em Mayence. Sete príncipes soberanos acorreram para me ouvir. Mas vamos tomar ar - acrescentou, com um ar significativo.

Depois de ter andado cem passos na estrada, e quando não havia possibilidade de ser ouvido, disse:

- Sabe do que se trata? Este postilhão é um patife. Ao passear, dei vinte soldos a um garotito que me contou tudo. Há doze cavalos numa cavalariça na outra extremidade da aldeia. Querem retardar qualquer correio.

- Sim? - exclamou Julião com ar inocente. Descobrir a fraude não era tudo, era preciso partir: o que Geronimo e o amigo não puderam conseguir.

- Esperemos pelo dia - disse, enfim, o cantor -, desconfiam de nós. É talvez a si ou a mim que querem mal. Amanhã de manhã encomendamos um bom almoço e, enquanto o preparam, vamos passear, fugimos, alugamos cavalos e chegamos à mala-posta próxima.

- E as suas bagagens? - indagou Julião, que pensava que até talvez o próprio Geronimo fosse enviado para o interceptar. Era preciso cear e deitarem-se. Estava Julião ' no primeiro sono quando foi acordado em sobressalto pela voz de duas pessoas que falavam no seu quarto sem constrangimento algum.

Reconheceu o postilhão, que trazia uma lanterna de furta-fogo. A luz era dirigida para o cofre da carruagem, que Julião mandara trazer para o seu quarto. Ao lado do postilhão estava um homem, que passava tranquilamente uma busca ao cofre aberto. Julião só distinguia as mangas do seu fato, que eram pretas e muito apertadas. “É uma sotaina,” disse para consigo, pegando

devagarinho nas pequenas pistolas que colocara debaixo do travesseiro.

- Não receie que ele acorde, senhor cura - dizia o postilhão. - O vinho que lhes deram era o que o senhor preparou.

- Não acho vestígio algum de papéis - respondeu o cura. - Muita roupa, essências, pomadas, futilidades; é um rapaz do século, ocupado com os seus prazeres. O emissário talvez seja antes o outro, que finge falar com pronúncia italiana.

Aproximaram-se de Julião para passar revista às algibeiras do seu fato de viagem. Este sentia-se tentado a matá-los como ladrões. Nada menos perigoso quanto às consequências. Sentiu uma grande vontade disso... "Seria apenas um parvo" disse para consigo, "comprometeria a minha missão." Depois de passarem a busca ao fato, o padre disse:

- Isto não é um diplomata. - Afastou-se, e fez bem. "Se viesse mexer na minha cama, desgraçado dele!", dizia Julião para consigo. "É capaz de querer apunhalar-me."

O cura voltou a cabeça quando Julião abriu um pouco os olhos; qual não foi o seu espanto! Era o abade Castanède! Com efeito, apesar de as duas pessoas falarem um pouco baixo, pareceu-lhe logo de começo reconhecer uma das vozes. Teve uma vontade enorme de livrar a terra de um dos mais cobardes marotos...

"Mas a minha missão!", exclamou.

O cura e o seu acólito saíram. Um quarto de hora depois Julião fingiu acordar. Chamou e acordou toda a casa.

- Estou envenenado - exclamou ele -, sofro horrivelmente!

" Queria um pretexto para ir socorrer Geronimo. Encontrou-o meio asfixiado pelo láudano contido no vinho. Julião, temendo qualquer graça deste género, tinha ceado chocolate trazido de Paris. Não conseguiu acordar Geronimo o suficiente para o decidir a partir.

- Nem que me dessem todo o reino de Nápoles, eu, nesta altura, renunciaria à voluptuosidade de dormir - respondeu o cantor.

- Mas os sete príncipes soberanos?

- Que esperem.

Julião partiu, pois, sozinho e chegou sem outro incidente junto da grande personagem. Perdeu toda a manhã a solicitar em vão uma audiência. Pelas quatro horas o duque veio tomar ar. Julião viu-o sair a pé e não hesitou em pedir-lhe esmola. Ao chegar a dois passos dele tirou o relógio do marquês de La Mole e mostrou-o com afectação.

- Siga-me de longe - disse-lhe o duque sem o olhar.

A um quarto de légua dali o duque entrou bruscamente num café. Foi

num quarto dessa estalagem, bem reles, por sinal, que Julião teve a honra de recitar ao duque as suas quatro páginas. Quando acabou, ele disse-lhe:

- Recomece, e um pouco mais devagar.

O duque tomou notas.

- Vá a pé até à estação da mala-posta mais próxima. Deixe-me aqui as suas bagagens e a sua carruagem. Vá a Estrasburgo como puder e no dia vinte e dois deste mês (estava-se a dez) esteja ao meio-dia e meia hora neste mesmo café. Agora não saia senão daqui a meia hora. Silêncio.

Foram estas as únicas palavras que Julião ouviu. Chegaram para o encher da maior admiração. “É assim”, pensou, “que se trata de negócios; que diria esta grande personagem de Estado se ouvisse os tagarelas exaltados de há três dias?”

O ex-seminarista levou dois dias a chegar a Estrasburgo. Parecia-lhe que nada tinha a fazer nessa terra. Deu uma grande volta

“Se aquele diabo do abade Castanède me reconheceu, não é homem para perder facilmente o meu rasto... E que prazer para ele troçar de mim e fazer falhar a minha missão!”

O abade Castanède, chefe da polícia da congregação em toda a fronteira do Norte, não o tinha felizmente reconhecido. E os jesuítas de Estrasburgo, apesar de muito zelosos, não pensaram de forma alguma em observar Julião, que, com a sua condecoração e de sobrecasaca azul, tinha o aspecto de um jovem oficial muito satisfeito de si próprio.

## ESTRASBURGO

*Fascinação! Tens do amor toda a sua energia, todo o seu poder de suportar a desgraça. Só os seus prazeres encantadores, os seus doces gozos, estão para além da tua esfera. Eu não podia dizer ao vê-la dormir: é toda minha com a sua beleza de anjo e as suas doces fraquezas! Ei-la entregue ao meu poder, tal como o céu a fez na sua misericórdia, para encantar um coração de homem.*

Ode de Schiller

Obrigado a passar oito dias em Estrasburgo, Julião procurava distrair-se com ideias de glória militar e de dedicação à Pátria. Estaria apaixonado? Não sabia bem; na sua alma atormentada encontrava somente Matilde, senhora absoluta tanto da sua felicidade como da sua imaginação. Necessitava de toda a energia do seu carácter para se manter acima do desespero. Estava fora do seu poder pensar no que não tinha relação alguma com a menina de La Mole. A ambição, os simples sucessos de vaidade, distraíam-no antigamente dos sentimentos que a senhora de Rênal lhe inspirava. Matilde tudo absorvera; ao encarar o futuro encontrava-a por toda a parte.

De todos os lados, naquele futuro, Julião via a falta de êxito. Aquele ser que em Verrières era tão compenetrado de presunção, tão orgulhoso, caiu num excesso de modéstia ridícula.

Três dias antes teria morto com prazer o abade Castanède, e se em Estrasburgo uma criança questionasse com ele, teria dado razão à criança. Ao pensar de novo nos adversários, nos inimigos que encontrara na sua vida, achava sempre que ele, Julião, é que tivera razão.

É que tinha agora por implacável inimiga aquela imaginação poderosa, em tempos entretida sem cessar a pintar-lhe êxitos brilhantes para o futuro.

A solidão absoluta da vida de viajante aumentava o poder daquela negra

imaginação. Que tesouro não teria sido um amigo. “Mas”, dizia para consigo, “haverá algum coração que bata por mim? E, mesmo que tivesse um amigo, a honra não me ordenaria um silêncio eterno?”

Passeava a cavalo tristemente pelos arredores de Kehl; é uma vila à borda do Reno, imortalizada por Desaix e Gouvion Saint-Cyr. Um camponês alemão mostrava-lhe os riachos, os caminhos, as ilhotas do Reno, às quais a coragem destes grandes generais deu nomeada. Conduzia o seu cavalo com a mão esquerda e a direita segurava a soberba carta que orna as Memórias do Marechal Saint-Cyr. Uma exclamação de alegria fez-lhe erguer a cabeça.

Era o príncipe Korasov, o amigo de Londres que lhe tinha ensinado alguns meses antes as primeiras regras da alta fatuidade. Fiel a esta grande arte, Korasov, chegado a Estrasburgo, e há uma hora a Kehl, e que durante a vida nunca lera uma linha acerca do cerco de 1796, pôs-se a explicar tudo a Julião. O camponês alemão fitava-o com ar espantado, porque sabia o francês suficiente para distinguir as enormes tolices que o príncipe dizia. Julião, que estava a mil léguas do saber do camponês, olhava com espanto aquele belo rapaz e admirava a sua graça no montar.

“Que homem feliz,”, dizia para consigo. “Como as calças lhe ficam bem! Com que elegância os seus cabelos estão cortados! Ai! Se eu fosse assim, talvez, depois de me ter amado três dias, ela me não tomasse aversão.”

Quando o príncipe acabou de descrever o seu cerco de Kehl disse a Julião:

- Você tem o ar de um trapista. Exagera o princípio da gravidade que em Londres lhe incuti. O ar triste não pode ser de bom-tom; é um ar aborrecido que se deve ter. Se está triste é porque qualquer coisa lhe falta, qualquer coisa que não lhe saiu bem. É mostrar-se inferior. Se, ao contrário, estiver aborrecido, é porque aquilo que em vão tentou agradar-lhe é que é inferior. Compreenda, portanto, meu caro, como o engano é grave.

Julião atirou um escudo ao camponês, que os escutava de boca aberta.

- Bem - disse o príncipe -, há elegância, um nobre desdém! Muito bem! - E lançou o seu cavalo a galope. Julião seguiu-o, cheio de uma estúpida admiração.

“Ah! Se eu fosse assim ela não preferiria Croisenois!” Quanto mais a sua razão estava chocada com os ridículos do príncipe, tanto mais se desprezava por os admirar e se achava infeliz por não os ter. O tédio de si próprio não podia ir mais longe.

O príncipe achava-o, na verdade, triste.

- Ah! Meu caro - disse ao voltar para Estrasburgo -, teria você perdido todo o dinheiro, ou estará apaixonado por qualquer atrizita?

Os Russos copiam os costumes franceses, mas sempre a cinquenta anos de distância. Estão agora no século de Luís XV.

Estas brincadeiras sobre o amor fizeram vir lágrimas aos olhos de Julião. “Porque não consultarei este homem tão amável?”, disse para consigo de repente.

- Pois bem, meu caro - disse ao príncipe -, vê-me em Estrasburgo bastante apaixonado e mesmo abandonado. Uma mulher encantadora que mora numa cidade próxima atirou-me para aqui depois de três dias de paixão, e esta mudança mata-me.

Contou ao príncipe, com nomes supostos, as acções e o carácter de Matilde.

- Não acabe - disse Korasov -; para lhe dar confiança no seu médico vou terminar a confidência: o marido dessa jovem mulher tem uma grande fortuna, ou então talvez ela pertença à mais alta nobreza da terra. Fatalmente se orgulha de qualquer coisa.

Julião fez um sinal com a cabeça; já não tinha coragem para falar.

- Muito bem - disse o príncipe -, aqui estão três drogas bastante amargas que você vai tomar sem demora:

“1. Ver todos os dias a senhora... como é que lhe chama?

- Senhora de Dubois.

- Que nome! - disse o príncipe, desatando a rir -; mas, perdão, para si é sublime. Trata-se de ver todos os dias a senhora de Dubois; sobretudo, não lhe apareça frio e melindrado; recorde-se do grande princípio do nosso século: seja o contrário daquilo que esperam de si.

“Mostre-se tal como era oito dias antes de ser honrado com as suas bondades.

- Ah! Então estava tranquilo - exclamava Julião com desespero -; julgava ter piedade dela...

- A borboleta queima-se na candeia - continuou o príncipe -, comparação tão velha como o mundo.

“2. Vê-la-á todos os dias

“3. Fará a corte a uma mulher da sua sociedade, mas sem aparências de paixão, percebe? Não lhe escondo que o seu papel é difícil; representa uma comédia, e, se adivinharem que a representa, estará perdido.

- Ela tem tanto espírito e eu tão pouco! Estou perdido - respondeu tristemente.

- Não, você está somente mais apaixonado do que eu julgava. A senhora de Dubois está bastante entretida consigo própria, como todas as mulheres que receberam do céu ou muita nobreza ou muito dinheiro. Olha para ela, em lugar de olhar para si; portanto, não o conhece. Durante os dois ou três acessos de amor que sentiu pelo meu amigo, com grande esforço de imaginação, via no

Julião o herói que ela sonhara e não o que na realidade é...

“Mas, que diabo, tudo isto são coisas elementares meu caro Sorel; será você verdadeiramente um colegial?...”

“Por Deus! Entremos nesta loja: aqui está um colar preto encantador, parece ter sido feito por João Anderson, da Rua Burlington; dê-me o prazer de o comprar e de deitar para bem longe essa ignóbil corda preta que tem ao pescoço.

“A propósito - continuou o príncipe saindo da loja do primeiro sirgheiro de Estrasburgo: - a que sociedade pertence a senhora de Dubois? Santo Deus! Que nome! Não se zangue, meu caro Sorel, é mais forte do que eu... A quem fará você a corte?

- A uma mulher extraordinariamente caprichosa, filha de um comerciante de meias muitíssimo rico. Tem os mais lindos olhos do mundo e eu adoro-os; é, sem dúvida, uma das primeiras pessoas da terra; mas, no meio de todas as suas grandezas, cora ao ponto de se desconcertar se alguém fala de comércio ou de lojas. E, por pouca sorte, seu pai era um dos comerciantes mais conhecidos de Estrasburgo.

- Então, se se falar de indústria, já você tem a certeza - disse o príncipe, rindo - de que a sua beldade pensa nela e não em si. Esse ridículo é divino e muito útil; não o deixará ter o menor momento de loucura junto dos seus belos olhos. O êxito é certo.

Julião pensava na senhora de Fervaques, que vinha muito ao palácio de La Mole. Era uma bela estrangeira que casara com um marechal um ano antes da sua morte. Toda a sua vida parecia ter apenas o objectivo de fazer esquecer que era filha de um industrial, e, para ser qualquer coisa em Paris, pusera-se à cabeça da gente virtuosa.

Julião admirava sinceramente o príncipe. Quanto não teria dado para ter os seus ridículos! A conversa entre os dois amigos não tinha fim; Korasov estava encantado: nunca francês algum o tinha escutado durante tanto tempo. Dizia para consigo: “Consegui, enfim, fazer-me escutar, dando lições aos meus mestres!”

- Estamos, portanto, de acordo - repetia pela décima vez a Julião -; nem sombra de paixão quando falar à jovem beleza, filha do comerciante de meias de Estrasburgo, em presença da senhora de Dubois. Ao contrário, ao escrever-lhe: paixão ardente. Ler uma carta de amor bem escrita é um prazer soberano para uma mulher que se faz passar por virtuosa; é um momento de repouso. Não representa nenhuma comédia, ousa escutar o seu coração: portanto, duas cartas por dia.

- Nunca, nunca! - respondeu Julião, desanimado. - É mais fácil deixar-me

esmagar num almofariz do que compor três frases; sou um cadáver, meu caro, não espere nada de mim. Deixe-me morrer na berma da estrada.

- E quem lhe diz para compor frases? Tenho na minha mala seis volumes de cartas de amor manuscritas. Há para todos os caracteres de mulheres, até para as mais virtuosas. Não é verdade que Kalisky fez a corte em Richemond-la-Terrasse, a três léguas de Londres, à mais linda quakeress de Inglaterra?

Julião sentia-se menos infeliz quando às duas horas da manhã deixou o amigo.

No dia seguinte, o príncipe mandou chamar um copista e dois dias depois entregou a Julião cinquenta e três cartas de amor bem numeradas, adequadas à mais sublime e melancólica virtude.

- Não há cinquenta e quatro - disse o príncipe - porque Kalisky foi repudiado; mas que lhe importa ser desdenhado pela filha do comerciante de meias, visto que só quer actuar sobre o coração da senhora de Dubois?

Todos os dias montavam a cavalo; o príncipe estava encantado com Julião. E, não sabendo como testemunhar-lhe a sua amizade súbita, acabou por lhe oferecer a mão de uma das suas primas, rica herdeira de Moscovo.

- E uma vez casado - acrescentou - a minha influência e a condecoração que tem aí fá-lo-ão coronel em dois anos.

- Mas saiba que esta condecoração não foi dada por Napoleão.

- Que importa, não foi ele que a inventou? à grande distância das outras, é ainda a primeira de toda a Europa.

Julião esteve quase a aceitar; mas o seu dever chamava-o junto da tal importante personagem; ao deixar Korasov prometeu escrever. Recebeu a resposta à nota secreta que trouxera e correu para Paris; mas, mal se achou só dois dias seguidos, pareceu-lhe um suplício maior que a morte deixar a França e Matilde.

“Não casarei com os milhões que me oferece Korasov”, disse para consigo, “mas seguirei os seus conselhos.

“Afinal, a arte de seduzir é a sua especialidade; há quinze anos que só pensa nesse assunto, visto ter trinta. Não se pode dizer que tenha pouco espírito; é cauteloso e fino; o entusiasmo e a poesia são impossíveis àquele carácter: é um solicitador; mais uma razão para que se não engane.

“É preciso, vou fazer a corte à senhora de Fervaques. É capaz de me aborrecer um bocado, mas olharei para os seus olhos tão lindos e que tanto se parecem com os que neste mundo mais amor me tiveram. É estrangeira; é um carácter novo para observar. Estou louco, vou naufragar, devo seguir os conselhos de um amigo e não guiar-me por mim próprio.”

## O MINISTÉRIO DA VIRTUDE

*Mas, se gozo este prazer com tanta prudência e circunspecção, isto deixará de ser, para mim, um prazer.*

Lope da Vega

Mal regressou a Paris e ao sair do gabinete do marquês de La Mole, que pareceu ficar muito desconcertado com os despachos que lhe apresentavam, o nosso herói correu a casa do conde Altamira. à vantagem de ser condenado à morte aquele belo estrangeiro reunia muita gravidade e a felicidade de ser devoto; estes dois méritos e, sobretudo, a nobreza do conde agradavam muito à senhora de Fervaques, que convivia bastante com ele.

Julião confessou-lhe gravemente que tinha por ela uma grande paixão.

- É a mais pura e grande das virtudes - respondeu Altamira -; somente um pouco jesuíta e afectada. Há dias em que compreendo todas as palavras que emprega, mas não compreendo a frase completa. às vezes dá-me ideia de que não sei tão bem o francês como dizem. Estas relações farão com que o seu nome seja conhecido. Dar-lhe-ão peso na sociedade. Mas vamos a casa de Bustos - disse o conde Altamira, que era um espírito ordenado -; fez a corte à senhora marechala.

D. Diego Bustos pediu que explicassem demoradamente o caso, sem nada dizer, como advogado no seu gabinete. Tinha uma grande cara de monge com o bigode preto e uma gravidade sem igual; de resto, bom carbonário.

- Compreendo - disse por fim a Julião. - A marechala de Fervaques teve amantes, não teve? Tem alguma esperança de sucesso? Eis a questão. Isto é dizer-vos que, pelo meu lado, nada consegui. Agora, que já não estou melindrado, faço para comigo este raciocínio: às vezes ela está de mau humor e, como daqui a pouco lhe contarei, é vingativa.

“Não lhe acho esse temperamento bilioso que é próprio do talento e lança sobre todas as acções como que um verniz de paixão. Pelo contrário, é à sua maneira de ser fleumática e tranquila dos Holandeses que ela deve a sua beleza

rara e a sua fresca carnação.

Julião perdia a paciência com a fleuma inabalável do espanhol; de quando em quando, contra sua vontade, escapavam-lhe alguns monossílabos.

- Quer ouvir-me? - disse-lhe gravemente D. Diego.

- Perdoe à fúria francesa; sou todo-ouvidos! - exclamou Julião.

- A marechala de Fervaques é, portanto, muito dada ao ódio; persegue impiedosamente pessoas que nunca viu, advogados, pobres diabos de escritores que fizeram canções como Collé, sabe?

*Tenho a mania de amar Marotte, etc.*

E Julião teve de aguentar a citação completa. O espanhol gostava de cantar em francês.

Nunca esta divina canção foi escutada com tanta impaciência.

Quando acabou, D. Diego disse:

- A marechala fez com que fosse destituído o autor desta canção:

*Um dia o amor no cabaret.*

Julião estremeceu só com a ideia de que o outro ia cantá-la.

Contentou-se em analisar. Realmente era ímpia e pouco decente.

- Quando a marechala se encolerizou contra esta canção - continuou Bustos - observei-lhe que uma mulher na sua posição não devia ler todas as tolices que se publicam. Por mais progressos que façam a devoção e a gravidade, haverá sempre em França uma literatura de cabaret. Quando a senhora de Fervaques conseguiu que tirassem ao autor, pobre diabo a meio soldo, um lugar de mil e oitocentos francos, eu disse-lhe:

“Tome cuidado, atacou esse versejador com as suas armas e ele pode responder-lhe com as suas rimas: fará uma canção sobre a virtude. Os salões dourados serão vossos partidários, mas as pessoas que gostam de rir repetirão os seus epigramas.” Sabe o que me respondeu? “No interesse do Senhor, Paris inteiro ver-me-ia marchar para um martírio; seria um espectáculo novo em França. O povo aprenderia a respeitar as pessoas de categoria. Seria o mais belo dia da minha vida.” Nunca os seus olhos estiveram mais lindos.

- São soberbos! - exclamou Julião.

- Vejo que está apaixonado... Contudo - continuou gravemente D. Diego - não tem a constituição biliosa que leva à vingança. Mas, se gosta de prejudicar, é porque é infeliz; desconfio que há ali um sofrimento íntimo. Não será uma mulher complicada, farta do seu papel?

O espanhol fitou-o em silêncio, demoradamente.

- Eis toda a questão - acrescentou com gravidade -, e é nisso que poderá ter qualquer esperança. Reflecti bastante nisso durante os dois anos em que fui seu muito humilde servo. Todo o seu futuro, senhor apaixonado, depende deste grande problema: será uma mulher difícil, cansada do seu papel e má porque é infeliz?

- Ou então - disse Altamira, saindo do seu profundo silêncio - será o que eu disse vinte vezes: simplesmente vaidade francesa; é a recordação de seu pai, o famoso comerciante de panos, que fez a infelicidade desse carácter, por natureza taciturno e seco. Para ela só haveria uma felicidade: habitar Toledo e ser atormentada por um confessor que dia-a-dia lhe mostrasse um inferno aberto.

Quando Julião ia a sair D. Diego disse-lhe, sempre com ar grave:

- Altamira contou-me que é dos nossos. Um dia ajudar-nos-á a reconquistar a nossa liberdade, por isso o quero ajudar neste pequeno divertimento. É bom que conheça o estilo da marechala; aqui estão quatro cartas escritas pela sua mão.

- Vou copiá-las - exclamou Julião - e trago-as outra vez.

- E por si nunca ninguém saberá uma palavra do que dissermos?

- Palavra de honra, nunca!

- Assim Deus o ajude! - acrescentou o espanhol; e acompanhou silenciosamente até à escada Altamira e Julião.

Esta cena alegrou um pouco o nosso herói; quase que sorriu.

"E aqui temos o devoto Altamira," disse para consigo, "ajudando-me numa empresa de adultério."

Durante toda a grave conversa de D. Diego Bustos, Julião estivera atento às horas dadas no palácio de Aligre.

A do jantar aproximava-se; ia, portanto, tornar a ver Matilde!

Entrou em casa e vestiu-se cuidadosamente. "Primeira tolice", disse ele, descendo a escada, "é preciso seguir à letra o que o príncipe mandou."

Subiu para os seus aposentos e vestiu um fato simples de viagem. "Agora", pensou, "trata-se dos olhares." Eram apenas cinco e meia e jantava-se às seis. Lembrou-se de descer ao salão, onde não estava ninguém. Ao ver o canapé azul comoveu-se até às lágrimas; dentro em pouco as faces escaldavam-lhe. "É preciso dominar esta sensibilidade tola", disse para consigo, com irritação, "trair-me-ia." Para disfarçar pegou num jornal e passou três ou quatro vezes do salão para o jardim.

Sozinho, a tremer e bem escondido por um grande carvalho, ousou erguer os olhos até à janela da menina de La Mole.

Estava hermeticamente fechada; pareceu-lhe que ia cair e esteve muito tempo encostado à árvore; depois, cambaleando, foi ver a escada do jardineiro.

A corrente, que ele forçara em circunstâncias tão diferentes, não tinha sido arranjada. Arrastado por um movimento de loucura, Julião levou-a aos lábios.

Depois de ter vagueado durante algum tempo do salão para o jardim sentiu-se muito fatigado; foi um primeiro êxito que sentiu bastante. “O meu olhar estará apagado e não me trairá!” Pouco a pouco, os convivas chegaram à sala; nunca a porta se abriu sem que no coração de Julião houvesse uma enorme perturbação.

Sentaram-se à mesa. Matilde apareceu, enfim, sempre fiel ao seu hábito de se fazer esperar. Corou ao ver Julião; não lhe tinham dito que chegara. Seguindo a recomendação do príncipe Korasov, Julião olhou para as mãos dela; tremiam. Muito perturbado, também, por esta descoberta, ainda teve a felicidade de parecer apenas fatigado.

O marquês elogiou-o. A marquesa dirigiu-lhe a palavra um instante depois, cumprimentando-o pelo seu ar de fadiga.

Julião dizia para consigo a cada momento: “Não devo olhar muito para a menina de La Mole, mas o meu olhar também não deve fugir dela. É preciso parecer tal como na realidade era oito dias antes da minha desgraça...” Teve razão para ficar satisfeito com o êxito e ficou na sala. Pela primeira vez esteve atencioso para com a dona da casa, esforçando-se por fazer falar os outros e manter a conversa animada.

A sua delicadeza foi recompensada: às oito horas anunciaram a senhora marechala de Fervaques. Julião escapou-se e voltou, pouco depois, vestido com esmero. A marquesa ficou-lhe reconhecida por aquela prova de respeito e quis testemunhar-lhe a sua satisfação falando da sua viagem à senhora de Fervaques. Julião sentou-se perto da marechala, de forma que os seus olhos não fossem vistos por Matilde. Assim colocado, segundo todas as regras da arte, a marechala foi para ele objecto da maior admiração. Era com uma tirada sobre este sentimento que começava uma das cinquenta e três cartas com que o príncipe Korasov o presenteara.

A marechala anunciou que ia à ópera Cómica. Julião correu para lá; encontrou o cavaleiro de Beauvoisis, que o levou para o camarote dos senhores fidalgos da Real Câmara, justamente ao lado do da senhora de Fervaques. Julião fitou-a constantemente. “É preciso”, disse para consigo, ao voltar para o palácio, “que eu faça um diário deste cerco; caso contrário, esqueceria os meus ataques.”, Forçou-se a escrever duas ou três páginas sobre aquele assunto aborrecido, e, coisa admirável conseguiu, assim, quase não pensar na menina de La Mole.

Esta também conseguira quase esquecê-lo durante a viagem.

“Afinal é apenas um ser trivial”, pensava ela, “o seu nome recordar-me-á sempre a maior falta da minha vida. É preciso voltar de boa-fé às ideias vulgares de juízo e de honra. Uma mulher tem tudo a perder quando as esquece.” Mostrou-se, enfim, disposta a permitir a conclusão do acordo com o marquês de Croisenois, há tanto preparada. Este estava louco de alegria; teria ficado bastante admirado se lhe dissessem que no fundo da maneira de sentir de Matilde, que tão orgulhoso o tornava, havia resignação.

Todas as ideias da menina de La Mole mudaram ao ver Julião.

“Na verdade, é este o meu marido”, dizia para consigo, “se torno, de boa-fé, às ideias sensatas, evidentemente que é com ele que devo casar.”

Esperava ver um ar de infelicidade em Julião e ser por ele importunada; preparava as suas respostas; porque, com certeza, quando o jantar acabasse, tentaria dirigir-lhe quaisquer palavras. Longe disso, ele ficou na sala e o seu olhar nem sequer se voltou para o jardim. Deus sabe com que desgosto!

“Vale mais ter esta explicação imediatamente”, pensou Matilde; foi sozinha para o jardim, mas Julião não apareceu.

Matilde foi passear perto das portas envidraçadas do salão; viu-o muito ocupado a descrever à senhora de Fervaques os velhos castelos em ruínas que coroam as colinas das margens do Reno e que lhe dão tanto carácter. Começava a saber manejar a frase sentimental e pitoresca que em certos salões se chama espírito.

O príncipe Korasov teria ficado bem orgulhoso se estivesse em Paris; aquele serão corria exactamente como ele tinha previsto.

Teria aprovado a conduta que Julião manteve nos dias seguintes.

Uma intriga entre os membros do governo oculto ia dar ocasião a que se distribuíssem algumas condecorações. A senhora marechala de Fervaques exigia que o seu tio-avô fosse cavaleiro da ordem. O marquês de La Mole tinha a mesma pretensão para o sogro; reuniram os esforços e a marechala veio quase todos os dias ao palácio de La Mole. Foi por ela que Julião soube que o marquês ia ser ministro: oferecia à camarilha um plano bastante engenhoso para aniquilar a Carta, em três anos, sem provocar reacção.

Julião podia ter esperança num bispado, se o senhor de La Mole chegasse ao ministério; mas a seus olhos, todos os grandes interesses se tinham coberto com um véu. A sua imaginação divisava-os mais que vagamente e, por assim dizer, a distância. A terrível desgraça que fazia dele um maníaco mostrava-lhe todos os interesses da vida em relação à sua maneira de ser com a menina de La Mole. Calculava que depois de cinco ou seis anos da tática prudente conseguiria que ela o amasse outra vez.

Aquela cabeça tão fria tinha, como se vê, chegado a um estado de desvario completo. De todas as qualidades que em tempos o distinguiam restava-lhe apenas um pouco de firmeza.

Materialmente fiel ao plano de conduta ditado pelo príncipe Korasov, todas as noites se sentava perto da poltrona da senhora de Fervaques, mas era-lhe impossível achar palavras para lhe dizer. O esforço que fazia sobre si próprio para parecer curado aos olhos de Matilde absorvia todas as forças da sua alma. Estava perto da marechala como um ser quase inerte. Até os seus olhos, tal como acontece no extremo do sofrimento físico, tinham perdido todo o fulgor.

Como a maneira de ver da senhora de La Mole era sempre uma contra-prova das opiniões daquele marido que podia fazê-la duquesa, há alguns dias já que ela erguia até às nuvens o mérito de Julião.

## O AMOR MORAL

*There also was of course in Adeline  
That calm patrician polish in the address.  
Which ne'er can pass the equinoctial line  
Of any thing which Nature would express:  
Just as a Mandarin finds nothing fine,  
At least his manner suffers not to guess That  
any thing he views can greatly please.  
Don Juan. c. XIII, est. 84.*

“Há uma certa loucura na maneira de ver de toda esta família”, pensava a marechala. “Estão encantados com o seu padrezinho, que sabe apenas escutar, com uns lindos olhos, lá isso é verdade.”

Por seu lado, Julião achava que os modos da marechala eram um exemplo quase perfeito daquela calma patriciana que respira uma delicadeza exacta e ainda mais a impossibilidade de qualquer emoção viva. O imprevisto nos movimentos, a falta de poder sobre si próprio, teriam escandalizado a senhora de Fervaques quase tanto como a ausência de altivez diante dos inferiores.

A menor prova de sensibilidade teria sido, a seus olhos, como uma espécie de embriaguez moral que deveria fazer corar, e que é bastante nociva àquilo que uma pessoa de posição elevada deve a si própria. A sua grande felicidade era falar da última caçada do rei e o seu livro favorito era *As Memórias do Duque de Saint-Simon*, sobretudo a parte genealógica.

Julião sabia o lugar que, segundo a disposição das luzes, convinha ao género de beleza da senhora de Fervaques. Chegou com antecedência, mas ele tinha grande cuidado em voltar a sua cadeira de forma que não visse Matilde. Admirada com aquela constância em se esconder dela, um dia Matilde deixou o canapé azul e veio trabalhar para junto de uma mesinha que estava perto da poltrona da marechala. Julião via-a de perto, por baixo do chapéu da senhora de Fervaques. Aqueles olhos, que dispunham da sua sorte, assustaram-no, primeiro; em seguida, lançaram-no subitamente para fora da sua apatia

habitual; conversou, e muito bem.

Dirigia-se à marechala, mas o seu fim único era agir sobre a alma de Matilde. Animou-se de tal maneira que a senhora de Fervaques chegou a não compreender o que ele dizia.

Era um primeiro mérito. Se ele tivesse tido a ideia de o completar com algumas frases de mística alemã, de alta religiosidade e de jesuitismo, a marechala tê-lo-ia colocado imediatamente entre os homens superiores chamados para regenerar o século.

“Visto que tem tão mau gosto”, dizia para consigo a menina de La Mole, “que fala assim tanto tempo e com tal veemência à senhora de Fervaques, não o escutarei mais.” E durante o resto do serão cumpriu a sua palavra, ainda que com muito custo.

à meia-noite, quando pegou na vela da mãe para a acompanhar ao quarto, a senhora de La Mole parou na escada para fazer um elogio completo de Julião. Matilde acabou por ficar de mau humor; não podia dormir. Mas uma ideia acalmou-a: “O que eu desprezo pode ainda ser um homem de grande mérito aos olhos da marechala.”

Julião, por seu lado, agindo, sentia-se menos infeliz; os seus olhos caíram por acaso sobre a pasta de couro da Rússia onde o príncipe Korasov tinha metido as cinquenta e três cartas de amor com que o presenteara. Leu esta nota no fim da primeira página: Envia-se a número um oito dias depois do primeiro encontro.

“Estou em atraso!”, exclamou ele, “porque há muito que vi pela primeira vez a senhora de Fervaques.” Pouco depois começou a transcrever aquela primeira carta de amor; era uma homilia cheia de frases sobre a virtude e extraordinariamente maçadora; na segunda página teve a felicidade de adormecer.

Algumas horas depois o sol alto surpreendeu-o encostado à mesa. Um dos momentos mais difíceis da sua vida era quando, ao acordar todas as manhãs, se lembrava da sua infelicidade.

Naquele dia acabou a cópia da carta quase a rir. “Será possível”, dizia para consigo, “que tenha havido um rapaz capaz de escrever assim?” Contou várias frases de nove linhas.

Na parte de baixo do original viu uma nota a lápis:

O próprio é que leva estas cartas: a cavalo, gravata preta, casaca azul. Entrega-se a carta ao porteiro com ar contrito; profunda melancolia no olhar. Se se vê qualquer criada de quarto limpar os olhos furtivamente, dirigir a palavra à criada de quarto.

Tudo isto foi executado fielmente.

“O que faço é bem arriscado”, pensou Julião, ao sair do palácio de Fervaques, “mas tanto pior para Korasov. Ousar escrever é uma virtude tão célebre! Vou ser tratado por ela com o maior dos despezos, o que me divertirá imenso. No fundo, é a única comédia a que posso ser sensível. Sim, cobrir de ridículo esse ser odioso que se chama eu divertir-me-á. Se acreditasse em mim próprio cometeria qualquer crime só para me distrair.”,

Havia um mês que o mais belo momento da vida de Julião era quando guardava o seu cavalo na cavalaria. Korasov proibira-lhe expressamente, fosse sob que pretexto fosse, que olhasse a amante que o deixara. Mas o passo daquele cavalo, que ela tão bem conhecia, a maneira como Julião batia na porta da cavalaria para chamar um criado, atraíam às vezes Matilde atrás do reposteiro da janela. A musselina era tão fina que Julião via através dela. Olhando de certa maneira debaixo das abas do seu chapéu divisava o corpo de Matilde sem que os seus olhares se encontrassem.

“Ela não pode ver os meus olhos”, dizia para consigo, “portanto, não é olhar.”

à noite a senhora de Fervaques mostrou-se para com ele exactamente como se não tivesse recebido a dissertação filosófica, mística e religiosa que ele naquela manhã entregara ao porteiro com tanta melancolia. Na véspera o acaso revelara a Julião o meio de ser eloquente; colocou-se de modo a ver os olhos de Matilde. Por seu lado, esta, depois da chegada da marechala, deixou o canapé azul: era desertar da sua habitual sociedade. O senhor de Croisenois pareceu consternado com este novo capricho; a sua dor evidente tirou a Julião o que havia de mais atroz na sua infelicidade.

Este imprevisto na sua vida fê-lo falar como um anjo; e como o amor-próprio consegue imiscuir-se até nos corações que servem de templo à mais augusta das virtudes, a marechala disse para consigo, ao subir para a carruagem: “A senhora de La Mole tem razão. Este jovem padre é distinto. Com certeza que nos primeiros dias a minha presença o intimidou. De facto, todos os que se encontram nesta casa são bastante superficiais; vejo apenas virtudes ajudadas pela velhice e que tinham grande necessidade da algidez da idade. Este rapaz deve ter sabido ver a diferença; escreve bem; mas receio bastante que este pedido que me faz na carta de o esclarecer com os meus conselhos seja apenas, no fundo, um sentimento de que se ignora a si próprio.

“Contudo, quantas conversações começaram assim! O que me faz augurar bem desta é a diferença do seu estilo para o dos outros rapazes de quem li algumas cartas. É impossível não reconhecer unção, seriedade profunda e muita convicção na prosa deste jovem levita; é capaz de ter a meiga virtude de

Massillon.”

## OS MELHORES CARGOS DA IGREJA

*Serviços! Talentos! Méritos! Ora! Pertença a  
uma coterie.*

Telémaco

Assim, a ideia de um bispado estava pela primeira vez misturada com a de Julião na cabeça de uma mulher que tarde ou cedo devia distribuir os mais belos cargos da Igreja de França. Isto não teria impressionado Julião; naquele instante o seu pensamento não se interessava por qualquer coisa que fosse estranha à sua infelicidade actual: tudo a redobrava. Por exemplo, ver o seu quarto tornara-se-lhe insuportável. À noite, quando entrava com a vela, cada móvel, cada pequeno ornamento, pareciam-lhe ter uma voz para lhe anunciarem asperamente qualquer novo pormenor da sua desgraça.

Naquele dia disse para consigo, ao entrar, e com uma vivacidade que há muito não tinha: “Tenho um trabalho forçado; esperemos que a segunda carta seja tão aborrecida como a primeira.”

Era-o mais. O que copiava parecia tão absurdo que acabou por transcrever linha por linha sem pensar no sentido.

“É ainda mais afectada”, pensava, “que os documentos oficiais do Tratado de Minster, que o meu professor de diplomacia me fazia copiar em Londres.”

Só então se lembrou das cartas da senhora de Fervaques, cujos originais se esquecera de dar ao nobre espanhol D. Diego Bustos. Procurou-as; eram, na realidade, tão confusas como as do jovem fidalgo russo. Era tudo muito vago. Aquilo queria ao mesmo tempo dizer tudo e não dizer nada. “É harpa eólica do estilo”, pensou Julião. “No meio dos mais altos pensamentos sobre a morte, sobre o infinito, etc., a única realidade que vejo é um medo abominável do ridículo.”

Este pensamento que acabamos de abreviar foi repetido durante quinze dias seguidos. Adormecer transcrevendo uma espécie de comentário do Apocalipse, no dia seguinte ir levar uma carta com ar melancólico, guardar o cavalo na cavalaria, na esperança de divisar o vestido de Matilde, trabalhar, à

noite aparecer na ópera, quando a senhora de Fervaques não vinha ao palácio de La Mole, tais eram os acontecimentos monótonos da vida de Julião. Tinha mais interesse quando a marechala vinha a casa da marquesa; então podia entrever os olhos de Matilde por debaixo de uma aba do chapéu da senhora de Fervaques e era eloquente. As suas frases pitorescas e sentimentais começavam a tomar uma forma mais notável e ao mesmo tempo mais elegante.

Bem sentia que o que dizia era absurdo aos olhos de Matilde, mas queria impressioná-la com a elegância da dicção. “Quanto mais falso é o que digo mais lhe devo agradar”, pensava; e então, com uma afoiteza incrível, exagerava certos aspectos das coisas. Depressa compreendeu que para não ser vulgar aos olhos da marechala era preciso, sobretudo, não ter ideias simples e razoáveis. E continuava assim, ou abreviava os seus exageros consoante o êxito ou a indiferença que via nos olhos das duas grandes damas às quais tinha de agradar.

No conjunto, a sua vida era agora menos desagradável do que quando passava os dias na inacção.

“Mas”, dizia para consigo uma noite, “aqui estou transcrevendo a décima quinta destas abomináveis dissertações; as catorze primeiras foram entregues ao criado da marechala. Vou ter a honra de encher todos os compartimentos da sua secretária. Contudo, trata-me como se eu lhe não escrevesse! Qual será o fim de tudo isto? A minha constância aborrecê-la-á tanto como me aborrece a mim? Tenho de concordar que aquele russo, amigo de Korasov e apaixonado pela bela quakeress de Richmond, foi, no seu tempo, um homem terrível; não se pode ser mais importuno.”

Como todos os seres medíocres que o acaso põe em presença das manobras de um grande general, Julião não compreendia nada do ataque executado pelo jovem russo ao coração da inglesinha. As quarenta primeiras cartas eram apenas destinadas a fazer com que lhe perdoassem a audácia de lhe escrever. Era preciso fazer com que aquela meiga pessoa, que talvez se aborrecesse imensamente, contraísse o hábito de receber cartas um pouco menos insípidas do que a sua vida de todos os dias.

Uma manhã entregaram uma carta a Julião; reconheceu as armas da senhora de Fervaques e quebrou o lacre com uma pressa que dias antes lhe teria parecido impossível: era apenas um convite para jantar.

Correu a consultar as instruções do príncipe Korasov.

Infelizmente, o jovem russo tinha querido ser superficial como Dorat onde teria sido necessário ser simples e inteligível; Julião não conseguiu descobrir a posição moral que devia adoptar no jantar da marechala.

O salão era da maior magnificência, dourado como a Galeria de Diana, nas

Tulherias, com quadros a óleo nas paredes. Havia manchas claras nesses quadros. Julião, mais tarde, soube que os assuntos tinham parecido pouco decentes à dona da casa, que mandara corrigir os quadros. Século da moralidade!, pensou.

Na sala notou três pessoas que tinham assistido à redacção da nota secreta. Uma delas, o monsenhor bispo de..., tio da marechala, era quem distribuía os cargos eclesiásticos e, dizia-se, não sabia recusar nada à sobrinha. “Que passo imenso dei”, dizia para consigo Julião, sorrindo melancolicamente, “e como me é indiferente! Aqui estou a jantar com o famoso bispo de...”

O jantar foi medíocre e a conversa de fazer perder a paciência. “É o índice de um mau livro”, pensava Julião.

“Todos os maiores assuntos dos pensamentos dos homens aqui são orgulhosamente abordados. Se se escuta durante três minutos, pergunta-se a si próprio o que levará a palma, se a afectação do conversador, se a sua abominável ignorância.”

O leitor com certeza se esqueceu daquele homenzinho dado às letras, chamado Tanbeau, sobrinho do académico e futuro professor que, com as suas calúnias baixas, parecia encarregado de envenenar o salão do palácio de La Mole. Foi por esse homem que Julião teve a primeira ideia de que a senhora de Fervaques, apesar de não responder às suas cartas, via com indulgência o sentimento que as ditava. A negra alma do senhor Tanbeau sentia-se dilacerada ao pensar nos êxitos de Julião; “mas como, por outro lado, um homem de mérito, tal como um tolo, não pode estar ao mesmo tempo em dois lugares, se Sorel se torna amante da sublime marechala”, dizia para consigo o futuro professor, “ela colocá-lo-á em qualquer lugar eclesiástico rendoso e ficarei livre dele no palácio de La Mole.”

O senhor abade Pirard também fez a Julião longos sermões sobre os seus êxitos no palácio de Fervaques. Havia ciúme de seita entre o austero jansenista e o salão jesuítico, regenerador e monárquico da virtuosa marechala.

**MANON LESCAUT**

*Ora, desde que se convenceu da parvoice e estupidez do prior, ele conseguia bastantes vezes ter êxito, chamando preto ao branco e branco ao preto.*

Lichiemberg

As instruções do russo prescreviam, imperiosamente, nunca contradizer de viva voz a pessoa a quem se escrevia. Não se devia afastar, sob pretexto algum, do papel da mais estática admiração; as cartas partiam sempre deste princípio.

Uma noite, na ópera, no camarote da senhora de Fervaques, Julião gabava imenso o bailado de Manon Lescaut. A única razão que tinha para assim falar era achá-lo insignificante.

A marechala disse que aquele bailado era bem inferior ao romance do abade Prévost.

“Como!”, pensava Julião admirado e divertido. “Uma pessoa tão virtuosa gabar um romance!” A senhora de Fervaques, duas ou três vezes por semana, mostrava o mais completo desprezo pelos escritores que, por meio das suas obras vulgares, procuram corromper uma mocidade que, infelizmente, já está muito disposta aos desvaios dos sentidos.

- Neste género imoral e perigoso, Manon Lescaut - continuou a marechala - tem fama de ocupar um dos primeiros lugares. Dizem que as fraquezas e as angústias próprias de um coração criminoso são nele descritas com uma verdade profunda; o que não impede o vosso Bonaparte de dizer em Santa Helena que é um romance escrito para lacaios.

Estas palavras deram à alma de Julião toda a sua exaltação.

“Quiseram perder-me no conceito da marechala; contaram-lhe o meu entusiasmo por Napoleão. Este facto desagradou-lhe ao ponto de ceder à tentação de mo fazer sentir.” Esta descoberta divertiu-o toda a noite e fez que estivesse espirituoso. Ao despedir-se da senhora de Fervaques, no vestíbulo da

ópera, ela disse-lhe:

- Lembre-se, senhor, de que quem gostar de Bonaparte não deve gostar de mim; quando muito, pode aceitá-lo como uma necessidade que a Providência impôs. De resto, este homem não tinha a alma suficientemente flexível para sentir as obras-primas da arte.

“Gostar de mim!”, repetia Julião para consigo. “Isto não quer dizer nada, ou então quer dizer tudo. São estes segredos de linguagem que fazem falta aos nossos provincianos.” Pensou muito na senhora de Rênal, ao copiar uma carta enorme destinada à marechala.

- Como se explica - perguntou-lhe ela no dia seguinte, com um ar de indiferença que ele achou mal disfarçado - que me fale de Londres e de Richmond numa carta que escreveu ontem à noite, julgo eu, ao sair da ópera?

Ficou deveras embaraçado; tinha copiado linha por linha, sem pensar no que escrevia, e esquecera-se de substituir as palavras Londres e Richmond, que estavam no original, pelas de Paris e são Cláudio. Começou duas ou três frases sem conseguir acabá-las; sentia-se prestes a desatar a rir. Por fim, procurando as palavras, chegou a esta ideia:

- Exaltado pela discussão dos mais sublimes interesses da alma humana, a minha, ao escrever-vos, pode ter tido uma distração.

“Causo boa impressão”, disse para consigo, “portanto, posso poupar-me o aborrecimento do resto do serão.” Saiu a correr do palácio de Fervaques. À noite, ao tornar a ver o original da carta que copiara na véspera, depressa chegou ao ponto fatal em que o jovem russo falava de Londres e de Richmond. Ficou admirado ao achar aquela carta quase meiga.

Era o contraste da aparente superficialidade das suas palavras com a sublime profundidade, quase apocalíptica, das cartas que tinham feito com que se distinguisse. Era sobretudo o comprimento das frases que agradava à marechala; não era o estilo saltitante, posto em voga por Voltaire, esse homem imortal! Apesar de o nosso herói fazer todo o possível para banir uma cor antimonárquica e ímpia que não escapara à senhora de Fervaques. Rodeada de personagens eminentemente intelectuais, mas que, muitas vezes, nem sequer tinham uma ideia por noite, esta dama admirava-se imenso com tudo que se parecesse com uma novidade; mas, ao mesmo tempo, julgava-se no dever de se sentir ofendida com ela. Chamava a este defeito conservar a marca da superficialidade do século.

Mas tais salões só são bons para se frequentar quando se solicita qualquer coisa. Todo o aborrecimento desta vida sem interesse que Julião levava é, com certeza, partilhado pelo leitor. São os matagais da nossa viagem. Durante todo o tempo que o episódio de Fervaques usurpara a vida de Julião, a menina de La

Mole tinha tido necessidade de fazer um grande esforço para não pensar nele. Travavam-se na sua alma violentos combates. às vezes felicitava-se por desprezar aquela pessoa tão triste; mas, contra sua vontade, a conversa dele cativava-a. Sobretudo o que a espantava era a sua completa falsidade; não dizia uma palavra à marechala que não fosse uma mentira, ou, pelo menos, um abominável disfarce da sua maneira de pensar, que Matilde conhecia tão perfeitamente a respeito de quase todos os assuntos. Este maquiavelismo espantava-a. “Que profundidade!”, dizia para consigo. “Que diferença, comparado com os imbecis enfáticos ou os patifes vulgares, tais como o senhor Tanbeau, que usam a mesma linguagem!”

Contudo, Julião tinha dias horríveis. Era para cumprir o mais penoso dos deveres que todos os dias aparecia no salão da marechala. Os seus esforços para desempenhar esse papel acabaram por lhe tirar toda a energia da alma. Muitas vezes, de noite, ao atravessar o pátio enorme do palácio de Fervaques, só empregando toda a força do seu carácter e do raciocínio conseguia manter-se acima do desespero. “No seminário venci o desespero”, pensava ele, “e, contudo, que terrível perspectiva eu não tinha diante de mim! Tanto num como noutro caso jogava o meu destino, via-me obrigado a passar toda a minha vida no convívio íntimo com o que de mais reles e de desprezível há debaixo do céu. Na Primavera seguinte, apenas onze meses depois, era talvez o mais feliz dos rapazes da minha idade.”

Mas, muitas vezes, todos estes belos raciocínios nada podiam perante a horrível realidade. Todos os dias via Matilde ao almoço e ao jantar. Segundo as numerosas cartas que o senhor de La Mole lhe ditava, sabia-a em vésperas de casar com o senhor de Croisenois. Este já vinha duas vezes por dia ao palácio: os olhos ciumentos do amante abandonado não perdiam um único dos seus movimentos.

Quando julgava ter visto a menina de La Mole tratar bem o seu pretendente, ao voltar para o quarto não podia deixar de olhar as pistolas com amor.

“Ah! Eu teria mais juízo”, dizia para consigo, “se arrancasse as marcas da minha roupa e fosse para qualquer floresta solitária, a vinte léguas de Paris, acabar com esta vida detestável! Desconhecido na região, a minha morte ficaria ignorada durante quinze dias; e quem pensaria em mim depois deste espaço de tempo?”

Este raciocínio era muito sensato, mas no dia seguinte bastava aperceber, entre a manga do vestido e a luva, o braço de Matilde para o nosso jovem filósofo mergulhar em cruéis recordações, que, contudo, o prendiam à vida. “Pois bem”, dizia para consigo, “seguirei então até ao fim esta política russa. Como é que isto acabará?”

“Com respeito à marechala, com certeza que, depois de ter copiado estas cinquenta e três cartas, não escreverei mais nenhuma.

“Quanto a Matilde, estas seis semanas de uma comédia tão penosa ou nada mudarão na sua cólera ou dar-me-ão um momento de reconciliação. Santo Deus! Morreria de felicidade!” E não pôde terminar o seu pensamento.

Quando, depois de uma longa divagação, conseguia retomar o raciocínio, pensava: “Portanto, eu obteria um dia de felicidade depois do qual recommençariam os seus rigores fundados, infelizmente, sobre o pouco poder que tenho de lhe agradar, e não me restaria recurso algum: estaria arruinado, perdido para sempre... Que garantia me pode dar com um carácter assim? Ai! Falta com certeza elegância nos meus modos, a minha maneira de falar é pessoal e monótona. Santo Deus! Porque sou assim?”

## O TÉDIO

*Sacrificar-me às suas paixões é compreensível;  
mas a paixões que não se têm! ó triste século  
XIX!*

Girodet

Depois de ter lido, primeiro sem prazer, as longas cartas de Julião, a senhora de Fervaques começava a pensar nelas; mas havia uma coisa que a desolava: “Que pena que o senhor Sorel não seja na realidade um padre! Poderia ser admitido numa espécie de intimidade; com aquela condecoração e o fato quase burguês está-se exposta a perguntas mal-intencionadas; e que se há-de responder?”, Não terminava o seu pensamento; “qualquer amiga maliciosa pode supor, e até espalhar, que é um priminho subalterno, parente de meu pai, qualquer comerciante que a guarda nacional condecorou”.

Até ao momento em que vira Julião, o maior prazer da senhora de Fervaques tinha sido escrever a palavra marechala ao lado do seu nome. Em seguida, uma vaidade de pessoa vinda do nada, doentia e que se ofendia com tudo combateu um começo de interesse.

“Ser-me-ia tão fácil”, dizia para consigo, “fazer dele vigário-mor em qualquer diocese próxima de Paris! Mas senhor Sorel apenas e, ainda para mais, secretário do senhor de La Mole É desolador.”

Pela primeira vez aquela alma que receava tudo estava agitada por um interesse estranho às suas pretensões de posição e superioridade social. O seu velho porteiro notou que, quando lhe levava uma carta daquele lindo rapaz, que tinha um ar tão triste, tinha a certeza de ver desaparecer o ar distraído e descontente que a marechala tinha sempre o cuidado de tomar quando via aparecer um dos seus criados. O tédio daquele modo de viver, unicamente preocupado com o efeito a produzir no público, sem que no seu coração houvesse um prazer real com aquele género de êxito, tornara-se tão intolerável desde que pensava em Julião que bastava no serão da véspera ter passado uma hora com aquele estranho rapaz para que as criadas de quarto não fossem

maltratadas durante todo o dia. A sua reputação nascente resistiu a algumas cartas anónimas, muito bem redigidas. Em vão Tanbeau forneceu aos senhores de Luz, de Croisenois e de Caylus duas ou três calúnias bem imaginadas e que estes senhores sentiram prazer em espalhar sem terem verificado a veracidade das acusações. A marechala, cujo espírito não era feito para resistir a estes processos vulgares, contava as suas dúvidas a Matilde e era sempre consolada.

Um dia, depois de haver perguntado três vezes se havia cartas, a senhora de Fervaques decidiu subitamente responder a Julião.

Foi uma vitória do tédio. à segunda carta a marechala quase que parou ao sentir a inconveniência de escrever, pela sua própria mão, uma direcção tão vulgar: Para o senhor Sorel, em casa do senhor marquês de La Mole.

- É preciso - disse à noite a Julião, com um ar muito seco - que traga sobrescritos com a sua direcção.

"Estou feito amante criado de quarto", pensou Julião; e inclinou-se, sentindo imenso prazer em imitar Arsénio, o velho criado de quarto do marquês.

Nessa noite trouxe os sobrescritos e no dia seguinte, muito cedo, teve uma terceira carta. Leu cinco ou seis linhas do começo e duas ou três do fim. Eram quatro páginas de uma escrita bastante cerrada.

Pouco a pouco, tomaram o hábito agradável de escrever todos os dias. Julião respondia com as cópias fiéis das cartas russas e - é esta a vantagem do estilo enfático - a senhora de Fervaques não se admirava da pouca relação que as respostas tinham com as suas cartas.

Qual não teria sido a irritação do seu orgulho se o jovem Tanbeau, que se constituíra espião voluntário de tudo o que Julião fazia, pudesse contar-lhe que todas essas cartas eram deitadas por abrir, ao acaso, na gaveta de Julião!

Uma manhã o porteiro trouxe-lhe à biblioteca uma carta da marechala; Matilde encontrou este homem e viu a carta com a direcção escrita com a letra de Julião. Entrou na biblioteca quando o porteiro saiu; a carta estava ainda na borda da mesa; Julião, entretido a escrever, não a guardara ainda na gaveta.

- Isto é que eu não posso suportar! - exclamou Matilde, apoderando-se da carta. - Esquece-me completamente, eu que sou sua mulher. A sua atitude é horrível, senhor.

Ao dizer estas palavras, o seu orgulho, alarmado com a assustadora inconveniência daquela cena, sufocou-a; começou a chorar, e, pouco depois, Julião julgou que ela nem podia respirar.

Surpreendido, confuso, este não distinguiu bem como aquela cena era admirável e feliz para ele. Ajudou Matilde a sentar-se; quase se abandonava nos seus braços.

No primeiro momento em que se apercebeu deste movimento sentiu uma

alegria enorme. No segundo pensou em Korasov: "Posso perder tudo com uma palavra."

Os seus braços distenderam-se, tão penoso lhe era o esforço imposto. "Nem sequer devo permitir a mim próprio apertar contra o coração este corpo maleável e encantador; ou me despreza, ou me maltrata. Que terrível carácter!"

E, ao amaldiçoar o carácter de Matilde, amava-a cem vezes mais, parecia-lhe ter uma rainha nos braços.

A impassível frieza de Julião redobrou o desgosto de orgulho que dilacerava a alma da menina de La Mole. Esta estava longe de ter o sangue-frio necessário para lhe procurar nos olhos o que ele sentia por ela naquele instante. Não conseguiu resolver-se a olhá-lo; receava encontrar uma expressão de desprezo.

Sentada no sofá da biblioteca, imóvel e com a cabeça voltada para o lado oposto a Julião, sofria as maiores dores que o orgulho e o amor podem fazer suportar a uma alma humana. Em que atroz situação caíra!

"Estava reservado para mim, desgraçada que sou!, ver repudiar as mais atrevidas iniciativas; e por quem?", acrescentava o seu orgulho louco de dor, "por um criado de meu pai."

- Não suportarei - disse em voz alta.

E, levantando-se, furiosa, abriu a gaveta da mesa de Julião, colocada a dois passos perto dela. Ficou como que gelada de horror com oito ou dez cartas fechadas exactamente iguais à que o porteiro acabava de trazer. Em todas as direcções conhecia a letra de Julião, mais ou menos disfarçada.

- Com que então - exclamou, fora de si -, não só o senhor está bem com ela, mas ainda a despreza. O senhor, um insignificante, desprezar a senhora marechala de Fervaques! Ah! Perdão, meu amigo - ajoelhando-se -, despreza-me, se quiseres, mas ama-me; não posso viver privada do teu amor! - E caiu desmaiada.

"Aqui está, enfim, esta orgulhosa a meus pés!", disse para consigo Julião.

## UM CAMAROTE NA ÓPERA CÓMICA

*As the blackest sky Foretells the heaviest  
tempest.*

D. Juan, c.1, est. 73

No meio de todos estes grandes acontecimentos Julião sentia-se mais animado do que feliz. As injúrias de Matilde mostravam-lhe como a atitude indicada pelo russo estava a produzir efeitos. Falar pouco, agir pouco, eis o único meio de salvação.

Levantou Matilde do chão e, sem dizer nada, voltou a sentá-la no sofá. Pouco a pouco, as lágrimas começaram a rolar pelo rosto.

Para disfarçar, tirou-lhe das mãos as cartas da senhora de Fervaques; abriu-as lentamente. Teve um movimento nervoso bem acentuado ao reconhecer a letra da marechala. Voltava, sem as ler, as folhas dessas cartas; quase todas tinham seis páginas.

- Responda-me, ao menos - disse Matilde, por fim, com voz suplicante, mas sem olhar para Julião. - Sabe bem que tenho orgulho; é essa a desgraça da minha posição e mesmo do meu carácter, confesso. A senhora de Fervaques roubou-me, portanto, o seu coração?... Ela fez por si todos os sacrifícios a que esse amor fatal me arrastou?

Um silêncio pesado foi a resposta de Julião. "Com que direito,", pensou, "me pede ela uma indiscrição indigna de um homem de honra?"

A menina de La Mole tentou ler as cartas; mas as lágrimas não lho permitiram.

Há um mês que era infeliz, mas aquela alma altiva estava longe de confessar a si própria o que sentia. Só o acaso provocara aquela explosão. Durante um instante o ciúme e o amor tinham vencido o orgulho. Estava sentada no sofá, muito perto dele.

Julião via-lhe os cabelos e o pescoço de alabastro; durante um momento esqueceu o que devia a si próprio; rodeou-lhe o corpo com o braço e quase a apertou contra o peito. Ela voltou a cabeça para ele lentamente: ficou admirado

com a expressão de dor que havia nos seus olhos. Quase se não reconhecia a sua habitual expressão.

Sentiu as forças a abandoná-lo, tão difícil era o acto de coragem que impunha a si próprio.

“Daqui a pouco os seus olhos só exprimirão o mais frio desdém se eu me deixar arrastar pela felicidade de a amar.”

Entretanto, com uma voz apagada e palavras que tinha dificuldade em terminar, Matilde repetia-lhe quanto lastimava os passos que o seu demasiado orgulho pudera aconselhar.

- Também eu tenho orgulho - disse-lhe Julião com uma voz apagada, enquanto nas suas feições se revelava um grande abatimento físico.

Matilde voltou-se de repente para ele. Ouvir-lhe a voz era uma felicidade a cuja esperança quase renunciara. Naquele momento só se recordava da sua altivez para a amaldiçoar, e queria descobrir expressões desusadas, incríveis, para lhe provar até que ponto o adorava e se detestava a si própria.

- Foi precisamente por causa desse orgulho - continuou Julião - que me distinguiu durante aquele pouco tempo; foi certamente por causa daquela firmeza corajosa e que fica bem a um homem que neste momento me estima. Posso ter amor à marechala...

Matilde estremeceu; os olhos tomaram-lhe uma expressão estranha. Ia ouvir pronunciar a sua sentença. Este movimento não escapou a Julião, que sentiu a sua coragem enfraquecer.

“Ah!”, dizia para consigo, escutando o som das palavras vãs que a sua boca pronunciava como se fizesse um ruído alheio.

“Se eu pudesse cobrir de beijos essas faces tão pálidas e que o não sentisses!”

- Posso ter amor à marechala... - continuava, e a sua voz enfraquecia sempre - mas do seu interesse por mim não tenho prova alguma decisiva...

Matilde fitou-o; ele sustentou aquele olhar. Pelo menos teve esperança de que a sua fisionomia o não tivesse traído.

Sentia-se penetrado de amor até aos recantos mais íntimos do seu coração. Nunca a adorara até àquele ponto; estava quase tão louco como Matilde. Se esta tivesse tido sangue-frio e coragem para manobrar, ele ter-lhe-ia caído aos pés, desistindo de toda aquela falsa comédia. Julião teve força suficiente para poder continuar a falar. “Ah! Korasov”, exclamou interiormente, “porque não estás tu aqui! Que necessidade tinha de uma palavra tua para dirigir a minha conduta!” Durante este tempo a sua voz dizia:

- Mesmo que qualquer outro sentimento faltasse, o reconhecimento seria suficiente para me prender à marechala; foi indulgente para comigo, consolou-

me quando me desprezava!... Posso não ter uma fé ilimitada em certas aparências, extraordinariamente lisonjeiras, sem dúvida, mas talvez pouco duradouras.

- Ah! Meu Deus! - exclamou a menina de La Mole.

- Pois bem! Que garantia me dá? - continuou ele com um tom vivo e firme que parecia abandonar por um instante as forças prudentes da diplomacia. - Que garantia, que Deus me afiançará que a posição que parece disposta a restituir-me neste instante durará mais de dois dias?

- O excesso do meu amor e da minha infelicidade, se já me não ama... - disse-lhe ela, pegando-lhe nas mãos e voltando-se para ele.

O movimento que acabava de fazer tinha deslocado um pouco a sua romeira: Julião via-lhe os ombros encantadores. Os cabelos um pouco despen-teados evocavam-lhe uma recordação deliciosa...

La ceder. "Uma palavra imprudente", disse para consigo, "e faço com que recomecem os intermináveis dias passados no desespero. A senhora de Rênal achava razões para fazer o que o coração lhe ditava; esta rapariga de sociedade só deixa que o coração se lhe comova quando provou a si própria com boas razões que deve estar comovido." Num relance viu esta verdade e num relance também recobrou a coragem.

Retirou as mãos que Matilde apertava nas suas e, acentuando a atitude de respeito, afastou-se dela. A coragem de um homem não pode ir mais longe. Em seguida começou a reunir as cartas da senhora de Fervaques, que estavam espalhadas em cima do sofá, e foi com a aparência de uma delicadeza extrema e naquele momento tão cruel que acrescentou:

- A menina de La Mole dignar-se-á permitir-me que reflita em tudo isto?

Afastou-se rapidamente e saiu da biblioteca; ela ouviu fechar sucessivamente todas as portas.

"O monstro não se perturbou", disse ela para consigo. "Mas que digo eu? Monstro! Tem juízo, é prudente, é bom; sou eu que tenho mais culpas do que se imagina."

Esta maneira de ver persistiu. Matilde quase que se sentiu feliz naquele dia, toda entregue ao amor; parecia que aquela alma nunca tinha sido agitada pelo orgulho, e que orgulho!

Estremeceu de horror quando à noite no salão um laçoi anunciou a senhora de Fervaques; a voz daquele homem pareceu-lhe sinistra. Não pôde suportar a presença da marechala e, assim, afastou-se rapidamente.

Julião, pouco orgulhoso com aquela vitória tão custosa, receara os seus próprios olhares e não jantara no palácio de La Mole.

O seu amor e a sua felicidade aumentavam rapidamente à medida que se

afastava do momento da batalha; quase já se censurava.

“Como é que eu consegui resistir-lhe?”, dizia para consigo.

“E se ela deixasse de gostar de mim? Aquela alma altiva pode mudar de um instante para o outro, e tenho de concordar que a tratei de uma maneira terrível.” à noite sentiu que era absolutamente necessário aparecer na ópera Cômica, no camarote da senhora de Fervaques. Tinha sido expressamente convidado: Matilde saberia logo da sua presença ou da sua ausência pouco delicada. Apesar da evidência deste raciocínio, não teve coragem de se misturar com aquela sociedade senão depois de a representação começar. Se falasse perderia metade da sua felicidade.

Bateram dez horas; foi necessário mostrar-se. Por sorte, encontrou o camarote da marechala cheio de senhoras e teve de se colocar perto da porta, completamente escondido pelos chapéus. Esta posição salvou-o do ridículo; a entonação divina do desespero de Carolina no Matrimónio Secreto fez-lhe correr as lágrimas. A senhora de Fervaques viu essas lágrimas; faziam um tal contraste com a máscula firmeza da sua fisionomia habitual que a alma daquela grande dama, há muito saturada com tudo o que o orgulho tem de mais corrosivo, se sentiu comovida. O pouco que nela restava de um coração de mulher levou-a a falar. Naquele momento quis sentir o prazer de ouvir o som da sua voz.

- Viu as senhoras de La Mole? - disse-lhe ela. Estão nos camarotes de terceira.

Nesta altura Julião debruçou-se para a sala, encostando-se delicadamente sobre a parte da frente do camarote, e viu Matilde; tinha os olhos brilhantes de lágrimas.

“E contudo não é o dia de elas virem à ópera”, pensou, “que pressa!”

A menina de La Mole convencera a mãe a vir, apesar da inconveniência da fila do camarote que a complacência da direcção se apressara a oferecer-lhes. Queria ver se Julião passava aquela noite com a marechala.

## INTIMIDÁ-LA

*Ora aí está o milagre da vossa civilização! Do amor fizeste uma vulgaridade.*

Barnave

Julião correu para o camarote da senhora de La Mole. Os seus olhos encontraram primeiro o olhar lacrimoso de Matilde; chorava sem disfarce. Só ali estavam pessoas de menor categoria, a amiga que lhe oferecera o camarote e homens do seu conhecimento. Matilde pousou a mão em cima da de Julião; parecia ter esquecido todo o receio da mãe. Quase abafada pelas lágrimas, disse-lhe esta única palavra: Garantias!

“Ao menos, que eu lhe não fale”, dizia para consigo Julião, também bastante comovido e escondendo, conforme podia, os olhos com a mão, com o pretexto de que o incomodava o lustre que iluminava os camarotes de terceira ordem. “Se falo, ela não pode ter dúvidas do excesso da minha comoção e o som da voz trair-me-á; tudo se pode perder ainda.”

A sua luta interior era bem mais difícil do que de manhã. A alma tivera tempo para se comover. Temia ver Matilde firmar-se na sua vaidade. Embriagado de amor e de voluptuosidade, decidiu não falar. Quanto a mim, é uma das mais belas provas do seu carácter; um ser capaz de um tal esforço sobre si próprio pode ir longe, si fata sinant.

A menina de La Mole insistiu para que Julião fosse com elas para o palácio. Felizmente chovia muito. Mas a marquesa fê-lo sentar-se em frente dela, falou-lhe constantemente e não deixou a filha dizer nem sequer uma palavra. Parecia que cuidava da felicidade de Julião; este, não receando tudo perder com o excesso da sua emoção, entregava-se-lhe plenamente.

Ousarei dizer que, ao entrar no seu quarto, Julião se ajoelhou e cobriu de beijos as cartas de amor dadas pelo príncipe Korasov?

“Oh! grande homem, quanto te devo!”, exclamou arrebatadamente.

Pouco a pouco, voltou-lhe algum sangue-frio. Comparou-se a um general que acaba de ganhar uma grande batalha. “A vantagem é certa, imensa! Mas

que se passará amanhã? Num instante tudo se pode perder.”

Abriu com um gesto arrebatado as Memórias Ditadas em Santa Helena, por Napoleão, e durante duas longas horas forçou-se a lê-las; só os seus olhos liam; mas que importava?, obrigava-se a isso. Durante esta leitura estranha a sua cabeça e o seu coração, erguendo-se ao nível de tudo o que há de maior, trabalhavam sem ele dar por isso. “O seu coração é bem diferente do da senhora de Rênal”, dizia para consigo, mas não ia mais longe.

“Meter-lhe medo”, exclamou ele de repente, atirando o livro para longe. “O inimigo só me obedecerá enquanto tiver medo de mim. Então não ousará desprezar-me.”

Passeava no seu quartinho, embriagado de alegria. Na verdade, aquela felicidade era mais de orgulho do que de amor.

“Intimidá-la!”, repetia para consigo orgulhosamente, e tinha razão para estar ufano. “Mesmo nos seus momentos mais felizes, a senhora de Rênal duvidava sempre de que o meu amor fosse igual ao seu. Aqui é um demónio que eu subjugo; portanto, é preciso subjugar.”

Sabia bem que no dia seguinte, desde as oito da manhã, Matilde estaria na biblioteca; só apareceu às nove horas, cheio de amor ardente, mas com a cabeça a dominar o coração. Não se passou um único minuto em que não repetisse para si: “Tê-la sempre preocupada com esta grande dúvida: ele amar-me-á? A sua brilhante posição, as lisonjas de todos os que fazem a corte, já a ajudam demasiadamente a confiar em si própria.” Achou-a pálida, calma, sentada no sofá, mas não podendo, aparentemente, fazer qualquer gesto. Matilde estendeu-lhe a mão:

- Amigo, ofendi-te, é verdade; mas podes tu estar zangado comigo?...

Julião não esperava este tom tão simples. Quase se traiu.

- Quer garantias?, diga, meu amigo - acrescentou, depois de um silêncio que esperava que ele quebrasse. É justo. Rapte-me, partamos para longe... Ficarei perdida para sempre, desonrada... - Teve a coragem de retirar a mão da de Julião para com ela cobrir os olhos. Todos os sentimentos de reserva e virtude feminina tinham voltado àquela alma... - Pois bem! Desonre-me - disse, enfim, com um suspiro -; é uma garantia.

“Ontem senti-me feliz porque tive a coragem de ser severo para comigo próprio”, pensou Julião depois de um momento de silêncio. E teve suficiente força sobre o seu coração para dizer num tom glacial:

- Uma vez a caminho de Londres, uma vez desonrada, para me servir das suas expressões, quem me garante que continuará a amar-me? Que a minha presença na mala-posta lhe não parecerá importuna? Não sou um monstro; tê-la perdido na opinião do mundo será para mim uma desgraça. Não é a sua

posição no mundo que me constitui obstáculo, mas, infelizmente, o seu carácter. Poderá garantir a si própria que me ame daqui a oito dias? (“Ah! que ela me ame oito dias, oito dias apenas,” dizia baixinho para si, “e morrerei de felicidade. Que me importa o futuro, que me importa a vida? E esta divina felicidade pode começar imediatamente se eu quiser, só depende de mim!”)

Matilde viu-o pensativo.

- Sou então completamente indigna de si - disse ela, pegando-lhe na mão.

Julião beijou-a, mas no mesmo instante a mão-de-ferro do dever apertou o seu coração. “Se ela percebe quanto a adoro, perco-a.” E, antes de deixar os seus braços, retomara toda a dignidade de homem.

Naquele dia e nos seguintes soube esconder o excesso da sua felicidade; momentos houve em que até o prazer de a apertar nos braços recusava a si próprio.

Noutros instantes, o delírio da felicidade arrastava-o, apesar de todos os conselhos da prudência.

Era perto de um caramanchão de madressilvas, disposto para esconder a escada, no jardim, que costumava ir colocar-se para olhar de longe a persiana de Matilde e chorar a sua inconstância. Havia perto um grande carvalho cujo tronco o escondia dos olhos indiscretos.

Passando com Matilde neste mesmo lugar, que lhe recordava tão vivamente a sua desgraça, o contraste do desespero passado e da felicidade presente foi forte de mais para o seu carácter; as lágrimas inundaram-lhe os olhos e, levando aos lábios a mão da sua amiga, disse:

- Aqui vivia pensando em si; aqui, fitando aquela persiana, esperava horas inteiras pelo afortunado momento em que veria esta mão abri-la...

A sua fraqueza foi completa. Pintou-lhe com cores verdadeiras, que se não inventam, o excesso do seu desespero de então.

Curtas interjeições testemunhavam a sua felicidade actual, que terminara aquele desgosto atroz. “Que faço, santo Deus!”, exclamou, voltando a si de repente. “Perco-me!”

No seu alarme julgou ver já menos amor nos olhos da menina de La Mole. Era uma ilusão; mas a fisionomia de Julião mudou subitamente e cobriu-se de uma palidez mortal. Por um instante os olhos apagaram-se-lhe, e dali a pouco à expressão do amor mais verdadeiro e mais abandonado seguiu-se a de uma altivez não isenta de maldade.

- Que tem, meu amigo? - disse-lhe Matilde com ternura e inquietação.

- Minto - respondeu ele de mau humor - e minto a si. Censuro-me a mim próprio e, contudo, Deus sabe que a estimo para lhe não mentir. Ama-me, é-me dedicada e não tenho necessidade de fazer frases para lhe agradar.

- Oh! meu Deus! Então são frases todas as coisas maravilhosas que há dois minutos me está a dizer?

- Arrependo-me, querida amiga. Compu-las em tempo para uma mulher que me amava e me aborrecia... É o defeito do meu carácter; denuncio-me a mim mesmo, perdoe-me.

Lágrimas amargas inundavam as faces de Matilde.

- Logo que qualquer coisa me choca, tenho um instante de divagação forçada; a minha execrável memória, que neste momento maldigo, oferece-me um recurso, e abuso dele.

- Portanto, contra minha vontade, cometi qualquer acção que lhe desagradou? - disse Matilde com uma candidez encantadora.

- Um dia, recordo-me, passando perto destas madressilvas, colheu uma flor, o senhor de Luz tirou-Lha e deixou que ele ficasse com ela. Eu estava a dois passos.

- O senhor de Luz? É impossível - continuou Matilde com a altivez que lhe era natural. - Eu não faria isso.

- Tenho a certeza - disse Julião com vivacidade.

- Pois bem! É verdade, meu amigo - disse Matilde, baixando os olhos tristemente. Ela tinha a certeza de que há muitos meses não permitia uma tal coisa ao senhor de Luz.

Julião fitou-a com uma ternura inexprimível: "Não", disse para consigo, "não me tem menos amor."

À noite, a rir, ela censurou-lhe o seu gosto pela senhora de Fervaques:

- Um burguês amar uma mulher vinda do nada! Corações desta espécie são talvez os únicos que o meu Julião não poderá enlouquecer. Ela fez de si um verdadeiro peralvilho - dizia, brincando-lhe com os cabelos.

Durante o tempo em que se julgava desprezado por Matilde, Julião tornara-se um dos homens mais elegantes de Paris. Mas ainda tinha uma vantagem sobre as pessoas desta espécie: uma vez vestido, não pensava mais nisso.

Havia uma coisa que irritava Matilde: Julião continuava a copiar as cartas russas e a enviá-las à marechala.

**O TIGRE**

*Ai! Porque é que as coisas são assim e não de outra maneira?*

Beaumarchais

Um viajante inglês conta a intimidade em que vivia com um tigre; tinha-o domesticado e acariciava-o, mas tendo sempre em cima da mesa uma pistola carregada.

Julião não se abandonava à sua grande felicidade senão nos momentos em que Matilde não podia ler-lhe a expressão dos olhos. Cumpria com exactidão o dever de lhe dizer, de tempos a tempos, umas palavras duras.

Quando a doçura de Matilde, que observava com espanto, e a sua grande dedicação estavam quase a tirar-lhe o poder sobre si próprio tinha a coragem de a deixar bruscamente.

Matilde amou pela primeira vez.

A vida, que para ela sempre se arrastara a passo de tartaruga, agora voava. Como o orgulho tinha de transparecer de qualquer maneira, queria expor-se com temeridade aos perigos que o seu amor lhe podia fazer correr. Era Julião que se mostrava prudente; e era somente quando se tratava do perigo que ela não cedia à sua vontade; mas submissa e quase humilde com ele, mostrava ainda mais altivez para todos que em casa se aproximavam dela, pais ou criados.

À noite, na sala, no meio de dezenas de pessoas, chamava Julião para lhe falar em particular e durante muito tempo.

Tanbeau sentou-se um dia ao lado deles e ela pediu-lhe que lhe fosse buscar à biblioteca o volume de Omolet em que se descreve a revolução de 1688; e como ele hesitasse: "Mas não tinha pressa", acrescentou, com uma altivez insultuosa, que foi um bálsamo para a alma de Julião.

- Notou o olhar deste monstrozinho? - disse-lhe ele.

- O tio tem dez ou doze anos de serviço nesta sala, senão mandá-lo-ia expulsar imediatamente.

A sua maneira de ser para com os senhores de Croísenois, de Luz, etc., aparentemente delicada, não era menos provocante no fundo. Arrependia-se imenso de todas as confidências que fizera em tempos a Julião, tanto mais que não ousara confessar que exagerava as provas de interesse quase inocentes de que aqueles senhores tinham sido objecto.

Apesar das suas mais belas intenções, o seu orgulho de mulher impedia todos os dias de dizer a Julião: “E porque lhe falava a si que eu tinha prazer em descrever a fraqueza de não retirar a minha mão quando o senhor de Croisenois, pousando a sua sobre uma mesa de mármore, a vinha acariciar.”

Agora, mal algum desses senhores lhe falava durante alguns instantes, achava logo qualquer pergunta para fazer a Julião, e era um pretexto para o reter junto dela.

Compreendeu que ia ser mãe e disse-o com alegria a Julião.

- Agora ainda duvida de mim? Não é uma garantia? Sou sua esposa para sempre.

Esta notícia encheu Julião de um espanto profundo. Quase se esqueceu, ao princípio, da sua conduta. “Como é que hei-de ser voluntariamente frio e ofender esta pobre rapariga que se perde por mim?” Se ela aparecia com um ar adoentado, mesmo nos dias em que o bom senso lhe fazia ouvir a sua terrível voz, já não tinha coragem para lhe dirigir uma daquelas palavras cruéis tão indispensáveis, segundo a sua experiência, à duração do seu amor.

- Quero escrever a meu pai - disse-lhe um dia Matilde -; para mim é mais do que um pai: é um amigo; por isso acharia indigno de si e de mim procurar enganá-lo nem que fosse um instante.

- Santo Deus, que vai fazer? - disse Julião, assustado.

- O meu dever - respondeu, com os olhos brilhantes de alegria.

Era mais magnânima do que o seu amante.

- Mas expulsar-me-á vergonhosamente.

- Está no seu direito, é preciso respeitá-lo. Dar-lhe-ei o braço e sairemos pela porta principal, em pleno dia.

Julião, admirado, pediu-lhe que esperasse uma semana.

- Não posso - respondeu ela -, a honra fala, vi o meu dever e tenho de o seguir e imediatamente.

- Pois bem! Ordeno-lhe que adie - continuou ele. - A sua honra está salva, sou seu esposo. O nosso estado vai ser mudado com essa diligência fundamental. Também estou no meu direito. Hoje é quarta-feira; quarta-feira próxima é o dia em que o duque de Retz recebe; à noite, quando o senhor de La Mole voltar, o porteiro entregar-lhe-á a carta fatal... Só pensa em fazê-la duquesa, tenho a certeza disso; avalie o seu desgosto!

- Quer dizer: avalie a sua vingança?

- Posso ter piedade do meu benfeitor, ficar desolado por lhe causar um desgosto tão grande, mas não temo, nem temerei nunca, ninguém.

Matilde submeteu-se. Desde que anunciara a Julião o estado em que se encontrava era a primeira vez que ele lhe falava com autoridade; nunca a amara tanto. Era com prazer que a parte terna da sua alma aproveitava o pretexto do estado em que Matilde estava para evitar de lhe dirigir palavras cruéis. A confissão ao senhor de La Mole agitou-o profundamente. Iria ser separado de Matilde? Fosse qual fosse a dor com que ela o visse partir, um mês depois da sua partida pensaria ainda nele?

Tinha um horror quase igual pelas justas recriminações que o marquês podia dirigir-lhe.

À noite confessou a Matilde o segundo motivo do seu desgosto e, em seguida, desvairado pelo seu amor, fez também a confissão do primeiro. Ela mudou de cor.

- Na verdade, seis meses passados longe de mim seriam para si uma desgraça!

- Imensa, a única no mundo que eu encaro com terror.

Matilde sentiu-se feliz. Julião representara o seu papel com tal habilidade que conseguira fazer-lhe pensar que, dos dois, era ela que sentia maior amor.

Chegou a quarta-feira fatal. À meia-noite, ao voltar para casa, o marquês encontrou uma carta com a indicação de que devia abri-la ele próprio e somente quando estivesse sem testemunhas.

“Meu pai:

Todas as ligações sociais entre nós se romperam; restam apenas as da natureza. Depois de meu marido, sois e sereis sempre o ser que me será mais querido. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, penso no desgosto que vos causo, mas para que a minha vergonha não seja pública, para vos dar tempo para deliberar e agir, não posso demorar mais a confissão que vos devo. Se a vossa amizade por mim, que sei ser enorme, quiser conceder-me uma pequena pensão, irei instalar-me onde quiserdes, na Suíça, por exemplo, com meu marido. O seu nome é de tal forma obscuro que ninguém reconhecerá vossa filha na senhora Sorel, nora de um carpinteiro de Verrières. Aqui está o nome que me custou tanto a escrever. Por Julião receio a vossa cólera, tão justa na aparência. Não serei duquesa, meu pai; mas, ao amá-lo, já o sabia; porque fui eu a primeira a ter-lhe amor, fui eu que o seduzi. Veio-me de si uma alma demasiado elevada para prender a minha atenção no que seja ou me pareça vulgar. Foi em vão que no intento de vos agradar pensei no senhor de

Croisenois. Porque é que colocastes o verdadeiro mérito diante dos meus olhos? Vós próprio mo dissestes quando voltei de Hyères: “Este jovem Sorel é a única pessoa que me interessa., O pobre rapaz está tão aflito como eu, se é possível, pelo desgosto que esta carta vos causa. Não posso impedir que fiqueis irritado como pai; mas amai-me sempre como amigo.

Julião respeitava-me. Se às vezes me falava, era unicamente por causa do seu profundo reconhecimento por vós: porque a altivez natural do seu carácter leva-o a nunca responder senão oficialmente a tudo o que está de tal forma acima dele. Tem um sentimento vivo e inato da diferença das posições sociais. Fui eu, confesso-o, corando, ao melhor amigo, e nunca uma tal confissão será feita a outrem, fui eu que um dia no jardim lhe apertei o braço.

Passadas vinte e quatro horas depois desta carta porque vos irritareis com ele? A minha falta é irreparável. Se assim o quiserdes, serei a intermediária dos testemunhos do seu profundo respeito e do seu desespero por vos desagradar. Não o vereis, mas irei ter com ele onde ele quiser. Está no seu direito, é o meu dever: é o pai do meu filho. Se a vossa bondade quiser conceder-nos dez mil francos para vivermos, recebê-los-ei com reconhecimento: senão, Julião conta instalar-se em Besançon, onde se fará professor de latim e de literatura. Mesmo que venha de muito baixo, tenho a certeza de que se elevará. Junto dele não receio a obscuridade. Se houver uma revolução, tenho a certeza de que terá um dos primeiros papéis. Podereis dizer outro tanto dos que pediram a minha mão? Têm belas propriedades? Mas nisso não posso achar uma razão para os admirar. O meu Julião atingiria uma alta posição, mesmo no regime actual, se tivesse um milhão e a preparação do meu pai.”

Matilde, que sabia que o marquês era um homem impulsivo, escrevera oito páginas.

“Que fazer?, “dizia para consigo Julião, enquanto o senhor de La Mole lia a carta”, onde estão: 1.º, o meu dever; 2.º o meu interesse O que lhe devo é imenso; sem ele seria um patife da pior espécie, e não tão patife que não fosse detestado e perseguido pelos outros. Fez de mim um homem de sociedade. As minhas patifarias necessárias serão: 1., mais raras; 2., menos ignóbeis. Isto vale mais do que se ele me tivesse dado um milhão. Devo-lhe esta condecoração e o valor dos serviços diplomáticos consideráveis. Se pegasse na pena para fixar a minha conduta, que escreveria?”

Foi bruscamente interrompido pelo velho criado de quarto do marquês.

- O senhor marquês chama-o imediatamente, vestido ou não.

O criado acrescentou em voz baixa, caminhando ao lado de Julião:

- Está furioso, tome cuidado.

## O INFERNO DA FRAQUEZA

*Ao talhar este diamante, um lapidário inábil estragou-lhe algumas das suas mais belas facetas. Na Idade Média, que digo?, ainda no tempo de Richelieu, o francês sabia querer.*

Mirabeau

Julião foi encontrar o marquês furioso: talvez pela primeira vez na sua vida aquele fidalgo foi grosseiro; insultou Julião com todas as injúrias que lhe vieram à boca. O nosso herói ficou admirado, impaciente, mas a sua gratidão não ficou abalada. Que belos projectos há muito acalentados no fundo do seu pensamento o pobre homem via desmoronar num instante!

“Mas devo responder-lhe; o meu silêncio aumentaria a sua cólera.”, O papel de Tartufo forneceu a resposta.

- Não sou um anjo... Tenho-o servido bem, pagou-me com generosidade... Era-lhe muito grato, mas tenho vinte e dois anos... Nesta casa o meu pensamento só era compreendido por vós e por aquela amável pessoa...

- Monstro! - exclamou o marquês. - Amável! Amável! No dia em que a achou amável devia fugir.

- Tentei-o; foi então que lhe pedi para fugir para o Languedoque.

Cansado de percorrer furiosamente o aposento, o marquês, vencido pela dor, atirou-se para uma poltrona; Julião ouviu-o dizer para consigo a meia voz: “E contudo não é um homem mau.”

- Não, para si não o sou - exclamou Julião, caindo de joelhos.

Mas sentiu uma vergonha enorme de ter feito isto e levantou-se rapidamente.

O senhor de La Mole estava realmente desvairado. Ao ver este movimento, recomeçou com injúrias atrozes e dignas de um cocheiro. A novidade destas pragas era talvez uma distração.

- Pois quê!? A minha filha há-de chamar-se senhora Sorel! Pois quê! A minha filha não será duquesa! - Todas as vezes que aquelas duas ideias se lhes

apresentavam tão nitidamente, o senhor de La Mole ficava torturado e as reacções da sua alma eram mais desvairadas. Julião chegou a ter medo de que ele lhe batesse.

Nos intervalos em que estava lúcido e quando começava a acostumar-se à sua infelicidade dirigia ao secretário censuras quase razoáveis.

- Devia fugir, senhor... - dizia-lhe. - O seu dever era fugir... É o mais reles dos homens...

Julião aproximou-se da mesa e escreveu:

“Há muito tempo que a vida me é insuportável. Vou pôr-lhe termo. Peço ao senhor marquês que aceite, com a expressão de um reconhecimento ilimitado, as minhas desculpas pelo embaraço que a minha morte no seu palácio lhe possa vir a causar.”

- Peço ao senhor marquês que se digne ler este papel!... Mate-me - disse Julião -, ou mande-me matar pelo seu criado de quarto. É uma da manhã; vou passear no jardim, junto ao muro do fundo.

- Vá para o diabo! - gritou-lhe o marquês ao vê-lo sair.

“Compreendo”, pensou Julião, “não desgostaria de conseguir poupar a responsabilidade da minha morte ao seu criado de quarto... Que me mate, paciência, é uma satisfação que lhe ofereço... Mas, que diabo, gosto da vida... Devo conservá-la para o meu filho.”

Esta ideia, que pela primeira vez acudia à sua imaginação, ocupou-o completamente depois dos primeiros minutos de passeios preenchidos pelo sentimento do perigo.

Este interesse tão novo fez dele uma pessoa prudente.

“Preciso de me aconselhar para saber como hei-de lidar com este homem feroso... Não é razoável, é capaz de tudo. Fouqué está muito longe, de resto não compreenderia os sentimentos de um coração como o do marquês.

O conde Altamira... Mas terei a certeza de um eterno silêncio?

É preciso que o meu pedido de conselhos não seja uma acção que complique a minha posição. Ai!, resta-me apenas o sombrio abade Pirard... O seu espírito está diminuído pelo jansenismo... Um velhaco de um jesuíta conheceria melhor o mundo e seria mais o que eu preciso... O senhor Pirard é capaz de me bater mal eu lhe conte o crime.” O talento de Tartufo veio em seu socorro: “Pois bem, irei confessar-me a ele.” Tal foi a última resolução que tomou no jardim, depois de ter passeado durante duas longas horas. Já não pensava que podia ser surpreendido por um tiro de espingarda. O sono apoquentava-o.

No dia seguinte, muito cedo, estava já a várias léguas de Paris, batendo à

porta do severo jansenista. Ficou muito espantado ao ver que este se não surpreendia muito com a sua confiança.

- Talvez tenha censuras a fazer a mim próprio - dizia o abade, mais apreensivo do que irritado. - Pareceu-me ter adivinhado esse amor. A amizade que lhe tenho, desgraçado, fez com que não avisasse o pai...

- Que fará ele agora? - interrogou Julião com vivacidade.

(Naquele momento sentia verdadeira estima pelo abade e uma discussão teria sido para ele bastante penosa.)

- Vejo três possibilidades - continuou Julião: - 1., o senhor de La Mole pode mandar-me matar. - E contou a carta de suicida que deixara ao marquês; - 2., mandar-me matar pelo conde Norberto, que me desafiaria para um duelo.

- E aceitaria? - indagou o abade, erguendo-se, furioso.

- Não me deixou acabar. Certamente que eu nunca dispararia sobre o filho do meu benfeitor. 3., pode afastar-me. Se me disser: vá para Edimburgo, Nova Iorque, obedecerei. Então poderão esconder a situação da menina de La Mole, mas não suportarei que suprimam o meu filho.

- Será essa, não tenha dúvidas, a primeira ideia desse homem corrompido.

Em Paris, Matilde estava no auge do desespero. Falara com o pai às sete horas. Este mostrara-lhe a carta de Julião, por isso receava que ele tivesse achado nobre pôr fim à vida. "E sem meu consentimento?", dizia para consigo, com uma dor que era cólera.

- Se ele tiver morrido, morrerei - disse ao pai -, e vós sereis a causa da minha morte... Talvez vos regozijeis com isso. Mas juro à sua alma que primeiro porei luto e serei publicamente a senhora viúva Sorel. Mandarei os meus bilhetes de participação, contai com isso... Não me encontrareis nem indecisa nem cobarde.

O seu amor ia até à loucura. Por seu turno, o senhor de La Mole ficou interdito.

Começou a encarar os acontecimentos com algum raciocínio. Ao almoço Matilde não apareceu. O marquês ficou aliviado de um peso enorme, e sobretudo satisfeito ao notar que ela nada dissera à mãe.

Julião saltava do cavalo. Matilde mandou-o chamar e lançou-se-lhe nos braços, quase diante da criada de quarto.

Ele não ficou muito reconhecido com este entusiasmo.

Voltava muito diplomata e calculista da sua longa conferência com o abade Pirard. A sua imaginação apagara-se com o cálculo das possibilidades. Matilde, com as lágrimas nos olhos, contou-lhe que lera a sua carta de suicida.

- Meu pai quer reconsiderar, faça-me o favor de partir imediatamente para Villequier. Torne a montar e saia do palácio antes que se levantem da mesa.

E como ele continuasse com um ar admirado e frio teve uma crise de lágrimas.

- Deixa-me guiar os nossos assuntos - disse-lhe ela arrebatadamente, apertando-o nos braços. - Bem sabes que não é voluntariamente que me separo de ti. Escreve em nome da minha criada de quarto; que a direcção seja escrita com letra diferente. Eu escreverei cartas sem fim. Adeus! Foge.

Estas últimas palavras feriram Julião. Contudo, obedeceu. "É fatal", pensou, "que mesmo nos seus melhores momentos esta gente ache meio de me ofender."

Matilde resistiu com firmeza a todos os projectos prudentes de seu pai. Nunca quis estabelecer negociações sobre outras bases que não fossem: ser a senhora Sorel e viver pobremente com o marido na Suíça ou em casa do pai em Paris. Repelia para bem longe a proposta de um parto clandestino.

- Então começaria para mim a possibilidade da calúnia e da desonra. Dois meses depois do casamento irei viajar com meu marido e será fácil supor que o meu filho nasceu na época própria.

Apesar de primeiro ter sido acolhida com grande irritação, esta firmeza acabou por fazer vacilar o marquês.

Num momento de enternecimento disse-lhe:

- Aqui tens uma inscrição de dez mil libras de rendimento, manda-a ao teu Julião e ele que me ponha bem depressa na impossibilidade de a reaver."

Para obedecer a Matilde, que ele sabia gostar de mandar, Julião fizera quarenta léguas inúteis: estava em Villequier fazendo contas com os caseiros; esta generosidade do marquês fez com que voltasse. Foi pedir asilo ao abade Pirard, que, durante a sua ausência, se tornara o aliado mais útil de Matilde. Todas as vezes que o marquês o interrogava provava-lhe que qualquer outra solução que não fosse o casamento público seria um crime aos olhos de Deus.

- E por felicidade - acrescentava o abade - a sensatez do mundo está aqui de acordo com a religião. Com o carácter fogoso da menina de La Mole poder-se-ia contar com um segredo que ela não impunha a si própria? Não se admitindo a franca solução de um casamento público, a sociedade ocupar-se-á durante muito mais tempo com esse casamento desigual e estranho. É preciso dizer tudo de uma vez, sem aparência nem realidade do menor mistério.

- É verdade - disse o marquês, pensativo. - Dessa maneira, falar deste casamento depois de três dias será coscuvilhice de homem sem ideias. Seria preciso aproveitar de qualquer medida antijacobina do governo para deslizar incógnito em seguida.

Dois ou três amigos do senhor de La Mole pensavam como o abade Pirard. Mas, depois de tantos e tão belos raciocínios, a alma do marquês não podia

acostumar-se a renunciar à esperança daquele futuro que tinha previsto para a filha.

A sua imaginação estava cheia de manchas e falsidades de todos os géneros que ainda eram possíveis na sua mocidade. Ceder à necessidade, ter medo da lei, parecia-lhe coisa absurda e desonrosa para um homem da sua classe. Pagava caro agora os sonhos encantadores que há dez anos acalentava sobre o futuro daquela filha querida

“Quem o poderia prever?”, dizia para consigo. “Uma rapariga com um carácter tão altivo, com um talento tão grande, mais orgulhosa do que eu do nome que usa! Cuja mão lhe era pedida, há tanto, por tudo que há de mais ilustre em França!

“Há que renunciar a toda a prudência. Este século é feito para confundir tudo! Caminhamos para o caos.”

## UM HOMEM DE ESPÍRITO

*O prefeito, a cavalo, dizia para consigo: "Por que não serei ministro, presidente do conselho, duque? Eis como eu faria a guerra... Desta maneira lançaria os inovadores na prisão..."*

Le Globe

Não há argumento capaz de destruir o poder de dez anos de sonhos agradáveis. O marquês não achava razoável zangar-se, mas não podia resolver-se a perdoar. "Se esse Julião pudesse morrer acidentalmente...", dizia ele para consigo de vez em quando. Era assim que aquela imaginação entristecida achava algum alívio em prosseguir nas mais absurdas quimeras. Estas paralisavam a influência dos ajuizados conselhos do abade Pirard. Passou-se um mês sem que as negociações dessem um passo.

Naquele negócio de família, como nos da política, o marquês fazia resumos brilhantes com que se entusiasmava durante três dias. Então um plano de conduta não lhe agradava porque tinha o apoio dos bons raciocínios, mas os raciocínios não agradavam aos seus olhos enquanto não se apoiavam no seu plano favorito.

Durante três dias trabalhava com todo o entusiasmo e ardor de um poeta em levar as coisas até uma certa situação; no dia seguinte já não pensava nisso.

Primeiro, Julião ficou desconcertado com a lentidão do marquês, mas depois de algumas semanas começou a perceber que, naquele assunto, o senhor de La Mole não tinha nenhum plano estabelecido.

A marquesa e algumas pessoas da casa julgavam que Julião viajava na província tratando da administração das propriedades; estava escondido no presbitério do abade Pirard e via Matilde quase todos os dias: todas as manhãs ela ia passar uma hora com o pai mas às vezes estavam semanas inteiras sem falar do assunto que ocupava todos os seus pensamentos.

- Não quero saber onde está esse homem - disse-lhe um dia o pai. -

Mande-lhe esta carta. - Matilde leu:

“As propriedades do Languedoque rendem 20600 francos. Faço a doação de 10600 francos a minha filha e de 10000 francos ao senhor Julião Sorel. Está entendido que faço a doação das próprias propriedades. Diga ao notário para fazer dois actos de doação separados e de mos trazer amanhã, depois do que não há mais relações entre nós. Ah! senhor, como é que eu havia de esperar tudo isto?

O marquês de La Mole.”

- Agradeço-lhe muito - disse-lhe Matilde, alegremente. - Vamos fixar-nos no castelo de Aiguillon, entre Agen e Marmande.

Dizem que é uma terra tão bonita como a Itália.

Esta doação surpreendeu extraordinariamente Julião. já não era o homem severo e frio que conhecemos. O destino do seu filho absorvia extraordinariamente todos os seus pensamentos. Aquela fortuna imprevista e assaz considerável para um homem tão pobre fez dele um ambicioso. Via-se, tanto ele como a mulher, com trinta e seis mil libras de rendimento. Quanto a Matilde, todos os seus sentimentos eram absorvidos pela sua adoração do marido, porque era assim que o seu orgulho chamava a Julião. A sua grande, a sua única ambição, era fazer reconhecer o seu casamento. Passava a vida a exagerar para consigo a grande prudência que mostrara ligando a sua sorte à de um homem superior. O mérito pessoal estava em moda para ela.

A ausência quase contínua, os múltiplos negócios, o pouco tempo que tinham para falar de amor vieram completar os bons efeitos da hábil política em tempos inventada por Julião.

Matilde acabou por se impacientar por ver tão pouco o homem que chegara a amar realmente.

Num momento de mau humor escreveu ao pai e começou a sua carta como Otelo:

“Que eu tenha preferido Julião aos atractivos que a sociedade oferecia à filha do senhor de La Mole a minha escolha prova-o suficientemente. Esses prazeres de consideração e pequena vaidade para mim não têm valor. Há quase seis semanas que vivo separada de meu marido. É o bastante para vos testemunhar o meu respeito. Antes de quinta-feira próxima sairei de casa de meus pais. Os vossos benefícios enriqueceram-nos. Ninguém, a não ser o abade Pirard, sabe do meu segredo; irei para casa dele, casar-nos-á e uma hora depois

do casamento estaremos a caminho do Languedoque e só voltaremos a Paris quando nos der ordem. Mas o que me magoa o coração é que tudo isto vai ser pretexto para anedotas frescas contra mim e contra vós. Os epigramas de um público tolo não poderão obrigar o nosso excelente Norberto a desafiar Julião? Nesta circunstância conheço-o e sei que não terei poder algum sobre ele. Encontraríamos na sua alma algo de plebeu revoltado. Suplico-lhe de joelhos, meu pai! Venha assistir ao meu casamento na igreja do senhor Pirard, na próxima quinta-feira. A maldade das anedotas será adoçada e a vida da vossa filha única e a de meu marido asseguradas, etc., etc.”

Esta carta lançou a alma do marquês num estranho embaraço.

Afinal era preciso tomar uma decisão. Todos os pequenos hábitos, todos os amigos vulgares, tinham perdido a sua influência.

Nesta circunstância extraordinária imprimida pelos acontecimentos da mocidade retomou todo o seu poder. As infelicidades da emigração tinham feito dele um homem de imaginação. Depois de ter gozado durante dois anos uma fortuna imensa e todas as distinções da corte, 1790 lançara-o nas horríveis misérias da emigração. Esta dura escola transformara uma alma de vinte e dois anos. No fundo, estava mais desamparado no meio das suas riquezas actuais do que dominado por elas. Mas essa mesma imaginação que preservara a sua alma da gangrena do ouro lançara-o na louca paixão de ver sua filha com um belo título.

Durante as seis semanas que acabavam de decorrer tão depressa, levado por um capricho, o marquês quisera enriquecer Julião, porque a pobreza lhe parecia ignóbil, desonrosa para ele, senhor de La Mole, impossível no esposo da filha, e tinha-lhe atirado o dinheiro, como no dia seguinte a imaginação lhe derivava para outro lado, e lhe parecia que Julião ia ouvir aquela linguagem muda da generosidade de dinheiro mudar de nome, exilar-se na América, escrever a Matilde que morrera para ela. O marquês supunha esta carta escrita, seguia o seu efeito no carácter da filha...

No dia em que foi arrancado aos seus sonhos juvenis pela carta real de Matilde, depois de ter pensado durante muito tempo em matar Julião ou em o fazer desaparecer, sonhava em lhe conseguir uma brilhante fortuna. Faria com que ele adoptasse o nome de uma das suas propriedades; e por que não transferiria para ele o seu pariato? O senhor duque de Chaulnes, seu sogro, falara-lhe muitas vezes, desde que o filho único morrera em Espanha, no desejo de transmitir o seu título a Norberto... “Não se pode negar a Julião uma singular aptidão para os negócios, ousadia, talvez mesmo alguma coisa de brilhante”, dizia consigo o marquês, “mas no fundo deste carácter acho qualquer coisa que

me assusta. É a impressão que produz em toda a gente; portanto, há qualquer verdade nisto.”, (Quanto mais esta realidade era difícil de captar, tanto mais assustava a alma imaginativa do velho marquês.) “A minha filha dizia-mo muito habilmente outro dia (numa carta suprimida)”:

“Julião não se filiou em nenhum salão, em nenhuma sociedade. Não arranjou apoio algum contra mim, nem o mais pequeno recurso se eu o abandonar... Mas será isto ignorância do estado actual da sociedade?... Eu disse-lhe duas ou três vezes: a única candidatura real e proveitosa é a dos salões... Não, não tem o talento hábil e cauteloso de um procurador que não perde nem um minuto nem uma oportunidade... não é um carácter à Luís XI. Por outro lado, vejo-lhe as máximas menos generosas... Perco-me nelas... Repetirá ele para consigo essas máximas para servirem de dique às suas paixões? Uma coisa sobressai: perde a paciência com o desprezo; é assim que o seguro. Não tem a religião do nascimento fidalgo, é verdade, não nos respeita por instinto... É um defeito. Mas, enfim, a alma de um seminarista devia estar apenas impaciente com a falta de afazeres e de dinheiro. Ele, ao contrário, por preço nenhum pode suportar o desprezo.”

Apressado pela carta da filha, o senhor de La Mole viu a necessidade de se decidir. “Enfim, eis a grande questão: a audácia de Julião foi até ao ponto de fazer a corte à minha filha porque sabe que a amo acima de tudo e que tenho cem mil francos de rendimento?

“Matilde afirma o contrário... Não, o senhor Julião, é um ponto sobre o qual não quero deixar-me iludir.

“Teria havido amor verdadeiro, imprevisto? Ou, então, desejo vulgar de se elevar a uma bela posição? Matilde é perspicaz, sentiu logo que essa suspeita podia perder tudo junto de mim, por isso fez esta confissão: foi ela a primeira a lembrar-se de o amar...

“Uma rapariga com carácter tão altivo seria capaz de se esquecer a si própria até esse ponto... Apertar-lhe o braço no jardim, uma noite, que horror! Como se não tivesse cem meios menos indecentes para lhe dar a conhecer que o distinguia. Quem se desculpa, acusa-se. Desconfio de Matilde...” Naquele dia o discorrer do marquês era mais concludente do que o habitual. Contudo, o hábito resolveu-o. Decidiu ganhar tempo e escrever à filha. Porque se escreviam de um lado para o outro do palácio. O senhor de La Mole não ousava discutir com Matilde nem impor-se-lhe. Tinha receio de acabar tudo com uma concessão súbita.

“Tome cuidado em não fazer novas loucuras; aqui está um diploma de tenente de hussardos para o senhor cavaleiro Julião Sorel de La Vernaye. Bem vê o que faço por ele. Não me contrarie, não me interrogue. Ele que parta dentro de vinte e quatro horas para ser recebido em Estrasburgo, onde está o seu regimento. Aqui está um cheque para o meu banqueiro. Que me obedçam.”

O amor e a alegria de Matilde não tiveram limites; quis aproveitar a vitória e respondeu imediatamente:

“Se o senhor de La Vernaye soubesse tudo o que se digna fazer por ele, estaria a seus pés cheio de reconhecimento. Mas no meio desta generosidade meu pai esqueceu-se de mim; a honra da vossa filha está em perigo. Uma indiscrição pode causar uma nódoa eterna, que vinte mil francos de rendimento não apagariam. Só mandarei o diploma ao senhor de La Vernaye se me der a sua palavra que durante o próximo mês o meu casamento será publicamente celebrado em Villequier. Pouco depois dessa época que lhe suplico que não ultrapasse, vossa filha só poderá aparecer em público com o nome de senhora de La Vernaye. Quanto lhe agradeço, querido papá, por me ter salvo desse nome de Sorel, etc., etc.”

A resposta foi imprevista:

“Obedeça ou anulo tudo. Cuidado, jovem imprudente. Ainda não sei o que é o vosso Julião, e vós própria ainda o sabeis menos do que eu. Que parta para Estrasburgo e trate de andar direito. Daqui a quinze dias farei saber as minhas vontades.”

Esta resposta tão firme admirou Matilde. Não conheço Julião.

Estas palavras lançaram-na numa divagação que depressa acabou nas mais encantadoras suposições; mas ela julgava-as verdadeiras.

“O espírito do meu Julião não se revestiu com o mesquinho uniforme dos salões e o meu pai não acredita na sua superioridade precisamente por causa daquilo que a prova...”

“Contudo, se não obedço a esta veleidade de carácter, vejo a possibilidade de um escândalo público, que baixa a minha posição na sociedade e pode tornar-me menos agradável aos olhos de Julião. Depois do escândalo... pobreza durante dez anos. E a loucura de escolher um marido por causa do seu mérito não pode salvar-se do ridículo senão pela mais brilhante opulência. Se vivo longe de meu pai, na sua idade, pode esquecer-me... Norberto casará com uma

mulher amável, hábil: o velho Luís XIV foi seduzido pela duquesa de Borgonha...”

Decidiu-se a obedecer, mas absteve-se de comunicar a carta de seu pai a Julião; aquele carácter irritável podia deixar-se arrastar a qualquer loucura.

À noite, quando contou a Julião que ele era tenente de hussardos, a sua alegria não teve limites. Pode fazer-se dela uma ideia pela ambição de toda a sua vida e pela paixão que tinha agora pelo seu filho. A mudança de nome enchia-o de espanto.

“Afinal de contas”, pensava, “o meu romance acabou, e todo o mérito foi meu. Consegui fazer-me amar por aquele monstro de orgulho”, acrescentava ele, fitando Matilde, “o seu pai não pode viver sem ela, e ela sem mim.”

**UMA TEMPESTADE**

*Meu Deus, dai-me a mediocritade!*

Mirabeau

A sua alma estava absorta; mal respondia à viva ternura que ela lhe testemunhava. Ficava silencioso e sombrio. Nunca parecera tão grande, tão agradável, aos olhos de Matilde. Esta receava qualquer imponderável do seu orgulho que viesse estragar tudo.

Quase todas as manhãs via o abade Pirard chegar ao palácio. Por ele não podia Julião ter penetrado um pouco nas intenções de seu pai? O próprio marquês, num momento de capricho, não podia ter-lhe escrito? Depois de uma tão grande felicidade, como explicar o ar severo de Julião? Não ousava interrogá-lo. Ela não ousou! Ela, Matilde! A partir daquele momento houve nos seus sentimentos por Julião qualquer coisa de vago, de imprevisto, quase de terror. Aquela alma seca sentiu da paixão tudo o que pode sentir um ser educado no meio daquele excesso de civilização que Paris admira.

No dia seguinte, muito cedo, Julião estava no presbitério do abade Pirard. Cavalos da posta chegavam ao pátio com uma carruagem desengonçada, alugada na próxima estação da mala-posta.

- Uma carruagem destas já se não usa - disse-lhe o severo abade com ar desabrido. - Aqui estão vinte mil francos, com que o senhor de La Mole o presentearia; manda-lhe que os gaste durante o ano, mas procurando tornar-se o menos ridículo possível. (Numa tão grande quantia atirada a um jovem o padre via apenas uma provocação ao pecado.) O marquês acrescenta: "O senhor Julião de La Vernaye terá recebido esse dinheiro de seu pai, que é inútil designar de outra forma. O senhor de La Vernaye talvez julgue conveniente dar um presente ao senhor Sorel, carpinteiro em Verrières, que cuidou dele durante a infância..." Poderei encarregar-me desta parte do recado - acrescentou o abade. - Resolvi, enfim, o senhor de La Mole a transigir com aquele abade de Frilair, tão jesuíta. Não há dúvida de que o seu poder é maior do que o nosso. O reconhecimento implícito do vosso nascimento por esse homem que governa

Besançon será uma das condições tácitas do acordo.

Julião já não conseguiu dominar o seu entusiasmo; beijou o abade.

- Ora! - disse o abade Pirard, empurrando-o - que quer dizer esta vaidade mundana?... Quanto a Sorel e aos filhos oferecer-lhe-ei, em meu nome, uma pensão anual de quinhentos francos, que será paga a cada um enquanto eu estiver contente com eles.

Julião já estava frio e altivo. Agradeceu, mas em termos muito vagos e não se comprometendo a nada. "Será possível que seja filho natural de algum fidalgo exilado nas nossas montanhas pelo terrível Napoleão?" A todos os instantes esta ideia lhe parecia pouco provável... "O meu ódio a meu pai seria uma prova... e eu já não seria um monstro!"

Poucos dias depois deste monólogo, o décimo quinto regimento de hussardos, um dos mais brilhantes do exército, estava formado na praça de armas de Estrasburgo. O senhor cavaleiro de La Vernaye montava o mais lindo cavalo da Alsácia, que lhe custara seis mil francos. Fora recebido como tenente, sem nunca ter sido alferes senão sob as ordens de um regimento de que nunca ouvira falar.

O seu ar impassível, os olhos severos e quase maus, a sua palidez, o seu inalterável sangue-frio, começaram a sua reputação desde o primeiro dia. Pouco depois, a sua delicadeza perfeita e calculada, a sua habilidade no manejar das pistolas e das armas, que ele deu a conhecer sem grande afectação, afastaram a ideia de gracejar em voz alta a seu respeito.

Depois de cinco ou seis dias de hesitação, a opinião pública do regimento declarou-se a seu favor. "Neste rapaz há tudo", diziam os velhos oficiais folgazões, "excepto mocidade."

De Estrasburgo o nosso herói escreveu ao senhor Chélan, antigo cura de Verrières, agora de avançada idade:

"Deve ter sabido, com uma alegria de que não duvido, dos acontecimentos que levaram a minha família a enriquecer-me.

Aqui vão quinhentos francos, que lhe peço que distribua discretamente, sem mencionar o meu nome, aos infelizes, pobres agora como eu era antigamente, e que sem dúvida vós socorreis como em tempo me socorrestes."

Julião estava embriagado de ambição, e não de vaidade; contudo, dava grande parte da sua atenção à aparência exterior. Os seus cavalos, as suas fardas, as librés dos criados, eram mantidos numa correcção que teria feito honra a um fidalgo inglês. Tenente por favor há dois dias apenas, calculava já que, para comandar, como chefe, aos trinta anos, o mais tardar, como todos os

grandes generais, era preciso aos vinte e três ser mais do que tenente. Pensava apenas na glória e no filho. Foi no meio dos entusiasmos da mais desenfreada ambição que foi surpreendido por um jovem criado do palácio de La Mole que chegava com correio.

“Está tudo perdido”, escrevia-lhe Matilde, “venha o mais depressa possível; deserte, se for necessário. Mal chegue, espere-me num carro de aluguer, perto da pequena porta do jardim, no número... da Rua... Irei falar-vos; talvez possa introduzi-lo no jardim. Está tudo perdido, e receio bem que sem remédio; conte comigo, achar-me-á dedicada e firme na adversidade. Amo-o.”

Em alguns minutos Julião obteve uma licença do coronel e partiu de Estrasburgo à rédea solta; mas a horrível inquietação que o devorava não lhe permitiu continuar para além de Metz esta forma de viajar. Atirou-se para um lugar da mala-posta; e foi com uma rapidez quase incrível que chegou ao local indicado, perto da portinha do jardim do palácio de La Mole. A porta abriu-se e no mesmo instante Matilde, esquecendo todas as conveniências, precipitou-se-lhe nos braços.

Felizmente eram apenas cinco da manhã e a rua estava ainda deserta.

- Está tudo perdido; meu pai, receando as minhas lágrimas, partiu na noite de quinta-feira. Para onde? Ninguém o sabe. Aqui está a sua carta; leia.

E subiu para o carro com Julião.

“Eu podia perdoar tudo, excepto o projecto de vos seduzir por que sois rica. Aqui está, desgraçada rapariga, a horrível verdade. Dou-vos a minha palavra de honra que nunca consentirei num casamento com esse homem. Garanto-lhe dez mil libras de rendimento se quiser viver longe das fronteiras da França, ou melhor, na América. Lede a carta que recebi em resposta às informações que pedi. O imprudente tinha-me ele próprio dito para escrever à senhora de Rênal. Nunca lerei uma linha vossa relativa a este homem. Tenho-vos horror e a Paris também. Convido-vos a manter no maior segredo o que tem de acontecer. Renunciai francamente a um homem vil, e voltareis a encontrar um pai.”

- Onde está a carta da senhora de Rênal!? - disse friamente Julião

- Aqui. Só ta quis mostrar depois de estares preparado.

“O que devo à causa sagrada da religião e da moral obriga-me, senhor, à missão difícil que venho cumprir junto de vós. Uma regra que não pode falhar

ordena-me que neste momento prejudique o meu próximo, a fim de evitar um maior escândalo.

A dor que sinto deve ser dominada pelo sentimento do dever. É verdadeiro, senhor, que o comportamento da pessoa a respeito da qual me pede toda a verdade pode ter parecido inexplicável ou até mesmo honesto. Podem ter achado conveniente mascarar ou esconder uma parte da realidade. A prudência o impunha, tanto como a religião. Mas esse comportamento que desejas conhecer foi, de facto, extremamente condenável, mais ainda do que eu posso dizer. Pobre e ávido, foi com a ajuda da mais refinada hipocrisia, e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem procurou estabelecer-se e tornar-se alguém. Faz parte do meu penoso dever acrescentar que sou obrigada a acreditar que o senhor J... não tem princípio algum de religião. A minha consciência obriga-me a pensar que um dos seus meios para vencer numa casa é procurar seduzir a mulher que tenha maior influência. Com uma aparência de desinteresse, com frases de romance, o seu grande e único fim é chegar a dispor do dono da casa e da sua fortuna. Deixa atrás de si a desgraça e remorsos eternos, etc., etc.”

Esta carta, extraordinariamente comprida e meio apagada pelas lágrimas, era efectivamente da senhora de Rênal; estava escrita mais cuidadosamente do que o habitual.

- Não posso censurar o senhor de La Mole - disse Julião depois de ter acabado de ler -; é justo e prudente. Que pai quererá dar a sua filha querida a um tal homem? Adeus!

Saltou do carro e correu para a mala-posta, parada no fim da rua. Matilde, que ele parecia ter esquecido, deu alguns passos para o seguir; mas os olhares dos comerciantes que se dirigiam para as portas das suas lojas, e dos quais era conhecida, obrigaram-na a entrar precipitadamente para o jardim.

Julião partiu para Verrières. Durante aquele trajecto rápido não pudera escrever a Matilde, como tencionava. A sua mão deixava no papel apenas traços ilegíveis.

Chegou a Verrières um domingo de manhã. Entrou em casa do armeiro da terra, que o encheu de cumprimentos a respeito da sua recente fortuna. Era a novidade da região.

Julião teve dificuldade em lhe fazer compreender que queria um par de pistolas. Pediu ao armeiro para as carregar.

Soaram três badaladas; é um sinal bem conhecido nas aldeias da França, e que, depois dos diversos toques da manhã, anuncia o começo imediato da missa.

Julião entrou na igreja nova de Verrières. Todas as janelas altas do edifício estavam veladas com cortinas carmesim.

Julião achou-se a alguns passos atrás do banco da senhora de Rênal. Pareceu-lhe que ela rezava com fervor. Ao ver aquela mulher que o amara tanto, o seu braço tremeu de tal maneira que primeiro não pôde executar o seu desígnio. “Não posso”, dizia para consigo. “Fisicamente é-me impossível.”.

Neste momento o jovem clérigo que ajudava à missa tocou para a elevação. A senhora de Rênal baixou a cabeça, que durante um instante ficou quase inteiramente escondida pelas dobras do seu xaile. Julião já não a reconhecia tão bem; disparou sobre ela um tiro de pistola e não lhe acertou; disparou um segundo tiro; ela caiu.

**PORMENORES TRISTES**

*Não esperes fraqueza da minha parte. Vinguei-me. Mereci a morte e aqui estou. Reza pela minha alma.*

Schiller

Ficou imóvel, sem ver nada. Quando voltou um pouco a si, viu os fiéis que fugiam da igreja; o padre saía do altar. Julião pôs-se a seguir com passo lento algumas mulheres que saíam a gritar. Uma, que queria sair mais depressa do que as outras, empurrou-o rudemente e ele caiu. Os seus pés tinham-se embaraçado numa cadeira derrubada pela multidão; ao levantar-se sentiu que lhe apertavam o pescoço; era um polícia em grande uniforme que o prendia. Maquinalmente, quis recorrer às suas pistolas, mas já outro guarda lhe agarrava os braços.

Levaram-no para a prisão; entraram num quarto, algemaram-lhe as mãos e deixaram-no sozinho; a porta fechou-se sobre ele com duas voltas da chave; tudo isto se executou muito depressa e ele foi insensível a tudo.

- Estúpido, está tudo acabado! - disse, em voz alta, ao voltar a si... - Sim, dentro de quinze dias a guilhotina... ou matar-me daqui até lá.

O seu raciocínio não ia mais longe; parecia que lhe estavam a apertar a cabeça violentamente. Olhou para ver se alguém o estava a agarrar. Depois de alguns instantes, adormeceu profundamente.

A senhora de Rênal não tinha sido ferida mortalmente. A primeira bala furou-lhe o chapéu; fora quando se voltara que o segundo tiro foi disparado. A bala ferira-a no ombro, e, coisa espantosa, fora atirada de ricochete pelo osso do ombro, que contudo quebrou, contra um pilar gótico, do qual arrancou um enorme bocado de pedra.

Quando, depois de um penso longo e doloroso, o cirurgião, homem grave, disse à senhora de Rênal: "Respondo pela vossa vida como pela minha," ela sentiu-se profundamente aflita.

Há muito que desejava ardentemente a morte. A carta que lhe tinha sido

imposta pelo seu confessor actual e que escrevera ao senhor de La Mole dera o último golpe num ser enfraquecido por uma infelicidade constante. Esta desgraça era a ausência de Julião; ela chamava-lhe remorso. O director espiritual, jovem eclesiástico, virtuoso e fervente, há pouco chegado a Dijon, não estava enganado a esse respeito.

“Morrer assim, mas não por minha mão, não é um pecado”, pensava a senhora de Rênal. “Deus perdoar-me-á, talvez, o eu me regozijar com a minha morte.” Não ousava acrescentar: “E morrer com uma morte dada por Julião é o cúmulo da felicidade.” Mal o cirurgião saiu, bem como todos os amigos que tinham acorrido, mandou chamar Elisa, a sua criada de quarto.

- O carcereiro - disse-lhe corando muito - é um homem cruel. Com certeza que o vai maltratar julgando que isso me é agradável... Não posso suportar esta ideia. Você não poderia ir, como se fosse ideia sua, entregar ao carcereiro este embrulhinho que contém alguns luíses? Dir-lhe-á que a religião não permite que ele o maltrate... É preciso, sobretudo, que ele não fale do dinheiro que envio.

Foi a esta circunstância que Julião ficou devendo a humanidade do carcereiro de Verrières; continuava a ser aquele senhor Noiroud, firme partidário do governo, que em tempos vimos ficar muito assustado com a presença do senhor Appert.

Apareceu um juiz na prisão.

- Matei com premeditação- disse Julião -; comprei e mandei carregar as pistolas em casa de um armeiro. O artigo 1342.º do Código Penal é claro, mereço a morte, e espero-a.

O juiz, admirado com esta forma de responder, quis multiplicar as perguntas para fazer com que o acusado se comprometesse nas suas respostas.

- Mas não vê - disse-lhe Julião, sorrindo - que me confesso o mais culpado que me possa desejar? Vá, senhor, não lhe falhará a presa que persegue. Terá o prazer de me condenar. Poupe-me a sua presença.

“Tenho de cumprir um aborrecido dever”, pensou Julião, “devo escrever à menina de La Mole.”

“Vinguei-me”, dizia-lhe. “Infelizmente o meu nome aparecerá nos jornais, e não poderei escapar-me incógnito deste mundo.

Morrerei dentro de dois meses. A vingança foi atroz, tal como a dor de me separar de si. A partir deste momento proba-me de lhe escrever e de pronunciar o seu nome. Nunca fale de mim, mesmo ao meu filho; o silêncio é a única forma de me honrar. Para os homens em geral serei um assassino vulgar... Neste momento supremo permita-me que lhe diga a verdade: esquecer-me-á. Esta

grande catástrofe, a respeito da qual aconselho não fale a ninguém, esgotará por alguns anos tudo o que eu via no seu carácter de romanesco e aventureiro em demasia. Era feita para viver com os heróis da Idade Média; mostre um carácter firme como o deles. Que o que deve acontecer seja cumprido em segredo e sem a comprometer. Usará um nome suposto e não terá confidente. Se necessitar absolutamente do socorro de um amigo, deixo-lhe o abade Pirard. Não fale a ninguém mais, sobretudo a pessoas da sua classe: os de Luz, os Caylus.

Um ano depois da minha morte case com o senhor de Croisenois; ordene-lhe como seu esposo. Não me escreva, não responderei.

Muito menos mau do que ligo, segundo me parece, direi como ele: Deste momento em diante não direi palavra. Não me verão nem falar nem escrever; terão sido para si as minhas últimas palavras, como as minhas últimas adorações.

Julião”

Foi depois de mandar esta carta que, pela primeira vez, Julião voltou um pouco a si e se sentiu muito infeliz. Cada uma das esperanças da ambição teve de ser arrancada sucessivamente do seu coração por esta grande palavra: “Morrerei.” A morte, em si própria, não o horrorizava. Toda a sua vida fora apenas uma preparação para a desgraça, e nunca pensara em esquecer a que é considerada a maior de todas.

“O quê!”, dizia para consigo, “se dentro de sessenta dias eu tivesse de me bater em duelo com um homem hábil no manejo das armas, teria a fraqueza de pensar nisso sem cessar com a alma cheia de terror?”

Passou mais de uma hora a procurar conhecer-se bem a este respeito.

Quando viu claro na sua alma e que a verdade apareceu ante os seus olhos tão nitidamente como um dos pilares da sua prisão, pensou no remorso!

“Porque o terei? Fui ofendido de uma maneira atroz; matei, mereço a morte, e eis tudo. Morro depois de ter saldado as minhas contas com a humanidade. Não deixo nenhuma obrigação por cumprir. Não devo nada a ninguém; na minha morte a única coisa vergonhosa é o instrumento que há-de dar-ma: aos olhos dos burgueses de Verrières só isso basta, é verdade, para a minha vergonha; mas intelectualmente haverá coisa mais desprezível aos olhos deles: é lançar peças de ouro ao povo quando for para o suplício. A minha memória ligada à ideia do ouro, será resplandecente para eles.”

Depois deste raciocínio, que ao fim de um minuto lhe pareceu evidente, disse para consigo: “Nada mais tenho que fazer na terra.” E adormeceu profundamente.

Pelas nove da noite o carcereiro acordou-o ao trazer-lhe a ceia.

- Que dizem em Verrières?

- Senhor Julião, o juramento que fiz diante do crucifixo, no tribunal, no dia em que tomei conta do meu lugar, impede-me de falar.

Calava-se, mas ficava ao pé dele. Julião achou graça a esta hipocrisia vulgar. Pensou: "Devo-o fazer esperar bastante tempo pelos cinco francos que deseja para me vender a sua consciência."

Quando o homem viu a refeição acabar sem tentativa de sedução disse com ar doce e falso:

- A amizade que tenho por si, senhor Julião, obriga-me a falar; apesar de dizerem que é contra o interesse da justiça porque poderá servir para a sua defesa... O senhor Julião, que é bom rapaz, ficará satisfeito se eu lhe contar que a senhora de Rênal está melhor.

- O quê! Ela não morreu? - gritou Julião fora de si.

- O quê! Não sabia nada! - exclamou o carcereiro com ar estúpido, que dentro em pouco se tornou de cobiça feliz. - Será bem justo que o senhor dê alguma coisa ao doutor, que, segundo a lei da justiça, não devia falar. Mas para dar prazer ao senhor fui a casa dele e contou-me tudo...

- Enfim; o ferimento não é mortal - disse-lhe Julião, impaciente. - Juras-mo pela tua vida?

O homem, gigante de um metro e noventa de altura, teve medo e recuou para a porta. O nosso herói compreendeu que ia por mau caminho para chegar à verdade. Sentou-se outra vez e atirou um napoleão ao senhor Noiroud.

À medida que a narrativa daquele homem lhe provava que o ferimento da senhora de Rênal não era mortal sentia as lágrimas virem-lhe aos olhos.

- Saia! - disse-lhe bruscamente.

O outro obedeceu. Mal a porta se fechou, exclamou, caindo de joelhos e chorando copiosamente: "Santo Deus! Ela não morreu!"

Neste momento supremo era crente. Que importam as hipocrisias dos padres? Poderão roubar qualquer coisa ao que há de sublime e de belo na ideia de Deus?

Só então começou a arrepender-se do crime cometido. Por uma coincidência que lhe evitou o desespero, só naquele instante terminara o estado de irritação física e meia loucura em que estava mergulhado desde a sua partida de Paris para Verrières.

As suas lágrimas tinham uma origem generosa; não tinha dúvida alguma a respeito da condenação que o esperava.

"Portanto, ela viverá!", dizia para consigo. "Viverá para me perdoar e amar-me..."

Na manhã seguinte era bastante tarde quando o carcereiro o acordou:

- Tem com certeza um coração insensível, senhor Julião. Vim duas vezes e não quis acordá-lo. Aqui estão duas garrafas de excelente vinho que lhe manda o nosso cura, senhor Maslon.

- O quê, esse patife ainda aqui está?

- Sim, senhor, mas não fale tão alto que é capaz de se prejudicar.

Julião riu com vontade.

- Na situação em que estou, meu amigo, só você me poderá prejudicar se deixar de ser bondoso e humano... Será bem compensado - disse Julião interrompendo-se e tomando um ar imperioso, que foi logo justificado pelo donativo de uma moeda.

O senhor Noiroud contou outra vez, e com todos os pormenores, o que soubera a respeito da senhora de Rênal, mas não falou da visita da menina Elisa.

Aquele homem era vil e submisso o mais possível. Uma ideia atravessou a cabeça de Julião: "Esta espécie de gigante disforme pode ganhar duzentos ou trezentos francos, porque a sua prisão está quase sempre vazia; posso assegurar-lhe dez mil francos, se quiser fugir comigo para a Suíça... A dificuldade será persuadi-lo da minha boa-fé." A ideia de um longo colóquio a ter com um ser tão vil repugnou Julião.

Pensou noutra coisa.

à noite já não era ocasião. Uma carruagem de posta veio buscá-lo à meia-noite. De manhã, quando chegou à prisão de Besançon, tiveram a gentileza de o acomodar no andar superior de um torreão gótico. Classificou a arquitectura como sendo do começo do século xiv; admirou-lhe a graça e a leveza. Por um estreito intervalo entre duas paredes, para lá de um pátio profundo, via um panorama soberbo.

No dia seguinte foi interrogado, e depois, durante muitos dias, deixaram-no tranquilo. A sua alma estava calma. No seu caso só achava simplicidade: "Quis matar, devo ser morto."

O seu pensamento não se demorou mais neste raciocínio. O julgamento e o aborrecimento de aparecer em público, a defesa, considerava tudo isto como ligeiros embaraços, cerimónias aborrecidas nas quais bastaria pensar no próprio dia. O momento da morte também não o preocupou mais: "Pensarei nisso depois do julgamento." A vida não era nada aborrecida para ele. Via todas as coisas sob um novo aspecto.

Já não tinha ambições. Pensava raramente na menina de La Mole. Os seus remorsos ocupavam-no muito e apresentavam-lhe muitas vezes a imagem da senhora de Rênal, sobretudo durante o silêncio das noites, perturbado somente

naquele campanário elevado pelo canto do xofrango.

Agradecia ao céu não a ter ferido de morte. “Coisa espantosa!”, dizia para consigo, “julgava que com a sua carta ao senhor de La Mole ela destruía para sempre a minha felicidade futura, e menos de quinze dias depois da data dessa carta já não penso em tudo o que então me ocupava... Duas ou três mil libras de rendimento para viver tranquilo num país de montanhas como Vergy... Então era feliz... Não sabia o que era a minha felicidade!”

Noutros momentos levantava-se da cadeira em sobressalto. “Se tivesse morto a senhora de Rênal, matava-me... Tenho necessidade desta certeza para não causar horror a mim próprio.”

“Matar-me, eis a grande questão”, dizia para consigo.

“Estes juízes e formalistas, tão encarniçados contra o pobre acusado, que mandariam enforcar o melhor cidadão para agarrarem uma medalha... Subtrair-me-ia ao seu poder, às suas injúrias em mau francês, a que o jornal do departamento chamará eloquência...”

“Posso viver ainda cinco ou seis semanas, mais ou menos... Matar-me! Palavra de honra que não”, disse para consigo, alguns dias depois. “Napoleão viveu... De resto, a vida é-me agradável; esta estada é tranquila: não tenho aqui maçadores”, acrescentou rindo, e começou a escrever a nota dos livros que queria mandar vir de Paris.

## UM TORREÃO

*O túmulo de um amigo.*

Sterne

Ouviu um grande barulho no corredor; não era a hora de subirem à sua prisão; o xofrango voou aos gritos, a porta abriu-se, e o venerável cura Chélan, todo trémulo e de bengala na mão, lançou-se-lhe nos braços.

- Ah! Santo Deus! será possível, meu filho... Monstro! Deveria eu dizer.

E o bom velho não pôde acrescentar nem mais uma palavra.

Julião receou que ele caísse. Teve de o levar para uma cadeira. A mão do tempo pesara sobre aquele homem em tempos tão enérgico. O ex-aluno achou-o uma sombra do que fora.

Quando retomou o fôlego disse:

- Só anteontem recebi a sua carta de Estrasburgo, com os seus quinhentos francos para os pobres de Verrières; levaram-ma à montanha em Liveru, onde estou retirado em casa do meu sobrinho João. Ontem tive conhecimento da catástrofe... Oh! céus, será possível?! - E o velho já não chorava, tinha um ar aparvalhado e acrescentou maquinalmente: - Precisa dos seus quinhentos francos, trago-Lhos.

- Preciso de vos ver, meu pai! - respondeu Julião enternecido -; tenho dinheiro de sobra.

Mas não pôde obter resposta sensata. De vez em quando o senhor Chélan vertia algumas lágrimas, que lhe desciam silenciosamente pela face; depois olhava para Julião e ficava como que atordoado ao vê-lo pegar-lhe nas mãos e levá-las aos lábios. Aquela fisionomia, em tempos tão cheia de vivacidade e que com tanta energia mostrava os mais nobres sentimentos, já não saía do seu ar ridículo. Um homem com ar de camponês veio dali a pouco buscar o velho.

- É preciso não o fatigar - disse ele a Julião, que compreendeu que era o sobrinho. Esta aparição deixou Julião mergulhado numa angústia cruel que lhe afastava as lágrimas. Tudo lhe parecia triste e sem consolo; sentia o coração gelado no peito.

Estes momentos foram os mais cruéis que passou depois do crime. Acabava de ver a morte em toda a sua fealdade. Todas as ilusões de grandeza de alma e de generosidade se tinham dispersado como uma nuvem diante da tempestade.

Esta horrível situação durou várias horas. Depois do envenenamento moral são necessários remédios físicos e champanhe. Julião achar-se-ia cobarde se recorresse a eles.

Quase no fim de um dia horrível, passado completamente a passear no seu estreito torreão, exclamou: “Que louco eu sou! No caso de ter de morrer como qualquer outro é que o ver este pobre velho me devia lançar nesta tristeza horrível; mas uma morte rápida na flor dos anos põe-me precisamente ao abrigo desta triste decrepitude.”

Por mais raciocínios que fizesse, Julião achou-se comovido como um ser pusilânime, e por consequência infeliz com aquela visita.

Nele já nada havia de grandioso e rude, nada de virtude romana; a morte aparecia-lhe a grande altura e como coisa menos fácil.

“Será esse o meu termómetro,” disse para consigo. “Esta noite estou a dez graus abaixo da coragem que me é necessária para marchar para a guilhotina. Esta manhã tinha essa coragem. Afinal, que importa, contanto que me volte no momento necessário.” Esta ideia do termómetro divertiu-o e conseguiu, enfim, distrair-se.

No dia seguinte, ao acordar, teve vergonha do dia da véspera.

“A minha felicidade e a minha tranquilidade estão em jogo.”

Quase resolveu escrever ao procurador-geral para pedir que ninguém fosse admitido junto de si. “E Fouqué?”, pensou. “Se ele quiser vir a Besançon, que dor será a sua!”

Talvez há dois meses que não pensava em Fouqué. “Em Estrasburgo eu era um grande tolo, o meu pensamento não passava além da gola do meu casaco.”, A lembrança de Fouqué ocupou-o muito e deixou-o mais comovido. Passeava agitado.

“Decididamente, estou a vinte graus do nível da morte. Se esta fraqueza aumenta, mais valerá matar-me. Que alegria para os abades Maslon e para os Valenod se eu morrer como um insignificante!”

Fouqué chegou. Aquele homem simples e bom estava louco de dor.

A sua única ideia, se ainda pudesse ter uma ideia, era vender todos os seus bens para subornar o carcereiro e fazer com que Julião fugisse. Falou-lhe longamente da evasão do senhor de Lavalette.

- Fazes-me pena - disse-lhe Julião -; se o senhor de Lavalette estava inocente, eu sou culpado. Sem o querer, fazes-me pensar na diferença... Mas é

verdade que venderias todos os teus bens? - perguntou-lhe, tornando-se de repente observador e desconfiado. Fouqué, encantado por ver o seu amigo responder à sua ideia dominante, detalhou-lhe longamente, e por quantias aproximadas de cem francos, o que obteria de cada uma das suas propriedades.

“Que sacrifício sublime de um proprietário do campo!”, pensou Julião. “Quantas economias, quantas pequenas privações, que me faziam corar quando lhas via fazer, ele por mim sacrifica! Um daqueles elegantes que vi no palácio de La Mole, e que lêem René, não teria nenhum destes ridículos; mas excepto os que são muito novos e ainda ricos por herança, e que ignoram o valor do dinheiro, qual desses belos parisienses seria capaz de um tal sacrifício?”

Todos os erros de francês, todos os gestos vulgares de Fouqué, desapareceram; lançou-se-lhe nos braços. Nunca a província, comparada com Paris, recebeu mais bela homenagem. Fouqué, encantado com o momento de entusiasmo que via nos olhos do amigo, tomou-o como um consentimento para a fuga.

Este espectáculo do sublime tornou a dar a Julião toda a força que a aparição do senhor Chélan lhe tinha feito perder. “Era ainda bem novo; mas na minha opinião tinha uma bela figura! Em lugar de ir da ternura à astúcia, como a maior parte dos homens, a idade ter-lhe-ia dado facilidade em se comover, ter-se-ia curado de uma desconfiança louca... Mas de que valiam aqueles vãos vaticínios?”

Os interrogatórios tornavam-se mais frequentes, apesar dos esforços de Julião, cujas respostas tendiam a abreviar o assunto:

- Matei, ou pelo menos quis matar, e com premeditação - repetia todos os dias.

Mas o juiz era formalista acima de tudo. As declarações de Julião de forma alguma abreviaram os interrogatórios; o amor-próprio do juiz sentiu-se melindrado. Julião não soube que tinham querido transferi-lo para um horrível calabouço e que fora graças aos esforços de Fouqué que lhe tinham deixado o belo quarto a uma altura de cento e oitenta degraus. O abade de Frilair pertencia ao número dos homens importantes que encarregavam Fouqué da sua provisão de madeira para aquecimento. O bom comerciante conseguiu chegar junto do poderoso vigário-mor. E ficou encantado quando o senhor de Frilair lhe contou que, comovido com as boas qualidades de Julião e com os serviços que em tempos prestara ao seminário, tencionava recomendá-lo aos juizes. Fouqué divisou a esperança de salvar o seu amigo e, ao sair, dobrando-se até ao chão, pediu ao senhor vigário-mor para distribuir em missas, implorando a liberdade do acusado, a quantia de dez luíses.

Fouqué enganava-se extraordinariamente: o senhor de Frilair não era um

Valenod. Recusou e procurou mesmo fazer compreender ao bom camponês que faria melhor se guardasse o seu dinheiro.

Vendo que era impossível ser claro sem imprudência, aconselhou-o a dar aquela quantia em esmolas para os pobres prisioneiros, que de facto necessitavam de tudo.

“Este Julião é um ser estranho, a sua acção é inexplicável! E nada o deve ser para mim... Talvez seja possível fazer dele um mártir... Em todo o caso conhecerei o fim desta questão e acharei talvez uma ocasião de meter medo àquela senhora de Rênal, que me estima e no fundo me detesta... Talvez nisto tudo eu possa encontrar um meio de reconciliação estrondosa com o senhor de La Mole, que tem um fraco por este seminaristazinho.”

A instrução do processo tinha terminado algumas semanas antes e o abade Pirard partira de Besançon, não sem antes ter falado do misterioso nascimento de Julião, no próprio dia em que o desgraçado tentara assassinar a senhora de Rênal na igreja de Verrières.

Julião via entre ele e a morte apenas um acontecimento desagradável: era a visita de seu pai. Consultou Fouqué a respeito de escrever ao senhor procurador geral para ser dispensado de todas as visitas. Aquela expectativa desagradável de ver o pai, e sobretudo num tal momento, chocou profundamente o coração honesto do comerciante de madeiras.

Julgou compreender porque é que tantas pessoas detestavam profundamente o seu amigo. Por respeito pela desgraça, escondeu a sua maneira de sentir.

- Em qualquer caso - respondeu-lhe friamente -, essa ordem secreta não seria aplicada a teu pai.

## UM HOMEM PODEROSO

*Mas há tanto mistério nas suas maneiras e tanta elegância no seu porte! Quem será ela?*

Schiller

No dia seguinte de manhã abriram-se muito cedo as portas do torreão. Julião foi acordado em sobressalto.

“Ah! bom Deus”, pensou, “lá está o meu pai. Que cena desagradável!”

No mesmo momento uma mulher vestida de camponesa precipitou-se-lhe nos braços; custou-lhe a reconhecê-la. Era a menina de La Mole.

- Que maldade a tua, só pela tua carta soube onde estavas.

Aquilo a que chamas o teu crime, que é apenas uma nobre vingança que me mostra toda a altivez do coração que bate nesse peito, só me foi contado em Verrières...

Apesar das suas prevenções contra a menina de La Mole, que de resto ele não confessava a si próprio com clareza, Julião achou-a muito bonita. Como não havia de ver naquela maneira de agir e de falar um sentimento nobre, desinteressado, bem acima de tudo o que ousaria uma alma pequena e vulgar? Julgou ainda amar uma rainha, e, depois de alguns instantes, foi com uma rara nobreza de expressão e pensamento que lhe disse:

- O futuro desenhava-se bem claramente ante os meus olhos. Depois da minha morte tornava a casá-la com o senhor de Croisenois, que casaria com uma viúva. A alma nobre, mas um pouco romanesca, dessa viúva encantadora, admirada e convertida ao culto da vulgar prudência por um acontecimento estranho, trágico e grande para ela, dignar-se-ia compreender o mérito bem real do jovem marquês. Resignar-vos-ias a ser feliz com a felicidade dos outros: a consideração, as riquezas, a alta posição social... Mas, querida Matilde, se a vossa chegada a Besançon é suspeitada, será um golpe mortal para o senhor de La Mole e nunca perdoaria isso a mim próprio. Já lhe causei tanto desgosto! Hão-de dizer-lhe que acalentou uma serpente no seu seio.

- Confesso que não esperava tão frio raciocínio, tanta preocupação quanto

ao futuro - disse a menina de La Mole, meio zangada. - A minha criada de quarto, quase tão prudente como vós, tirou um passaporte para ela, e foi com o nome de senhora Michelet que viajei nas diligências.

- E a senhora Michelet conseguiu chegar facilmente até junto de mim?

- Ah! Continuas a ser o homem superior, aquele que distingui! Primeiro ofereci cem francos a um secretário do juiz que pretendia ser impossível a minha entrada neste torreão. Mas, depois de receber o dinheiro, esse homem honesto fez-me esperar, levantou objecções, cheguei a julgar que pensava em me roubar...

Parou.

- E então? - perguntou Julião.

- Não te zangues, meu Julião - disse-lhe ela, beijando-o. - Fui obrigada a dizer o meu nome a esse secretário, que me tomava por uma jovem operária de Paris, apaixonada pelo belo Julião... Na verdade foram estes os termos que empregou. Jurei-lhe que era tua mulher, e terei uma licença para te ver todos os dias.

“A loucura é completa”, pensou Julião, “não conseguiu impedi-la. Afinal de contas o senhor de La Mole é um tão grande fidalgo que a opinião pública saberá achar uma desculpa para o jovem coronel que vier a casar com esta encantadora viúva. A minha próxima morte apagará tudo.” E entregou-se com delícia ao amor de Matilde; era loucura, grandeza de alma, tudo o que há de mais estranho. Ela propôs-lhe seriamente matar-se com ele.

Depois destes primeiros entusiasmos, e quando ficou satisfeita por ver Julião, uma grande curiosidade apoderou-se-lhe de repente da alma. Examinava Julião que achava bem superior ao que imaginara. Bonifácio de La Mole parecia-lhe ressuscitado, mas mais heróico.

Matilde consultou os advogados mais notáveis, que ofendeu oferecendo-lhes muito cruamente o seu ouro; mas acabaram por aceitar.

Depressa chegou à conclusão de que, tratanto de coisas duvidosas e de grande alcance, em Besançon tudo dependia do senhor abade de Frilair.

Sob o nome obscuro de senhora Michelet teve primeiro invencíveis dificuldades para chegar junto do todo-poderoso congreganista. Mas o boato da beleza de uma jovem negociante de modas, louca de amor, e vinda de Paris até Besançon para consolar o jovem abade Julião Sorel, espalhou-se na cidade.

Matilde percorria sozinha a pé as ruas de Besançon, na esperança de não ser reconhecida. Em todo o caso não julgava inútil à sua causa produzir uma grande impressão no povo. A sua loucura ia até ao ponto de pensar em fazê-lo revoltar para salvar Julião quando fosse para a morte. A menina de La Mole julgava andar vestida simplesmente como convém a uma mulher cheia de dor;

mas andava-o de forma a atrair todos os olhares.

Era em Besançon objecto da atenção de toda a gente quando, depois de oito dias de solicitações, obteve uma audiência do senhor de Frilair.

Apesar de toda a sua coragem, as ideias do congreganista influente e de profunda e prudente perversidade estavam de tal forma ligadas no seu espírito que tremia ao bater à porta do paço episcopal. Mal podia andar quando teve de subir a escada que conduzia aos aposentos do primeiro-vigário-mor. A solidão do palácio fazia-lhe frio. "Posso sentar-me numa cadeira, e essa cadeira agarrar-me os braços; desaparecerei. A quem é que a minha criada de quarto há-de perguntar por mim? O capitão dos gendarmes terá cuidado em não agir, estou isolada nesta grande cidade!"

Ao lançar o primeiro olhar pelos aposentos sentiu-se tranquilizada. Primeiro tinha sido um laçao elegantemente fardado quem lhe abria a porta. O salão onde a mandaram esperar ostentava aquele luxo fino e delicado tão diferente da grosseira magnificência, e que em Paris só se encontra nas melhores casas. Logo que viu o senhor de Frilair dirigir-se para ela com um ar paternal todas as ideias de crime atroz desapareceram. Nem sequer achou nessa bela fisionomia a marca daquela virtude enérgica e um pouco selvagem tão antipática à sociedade de Paris. O meio sorriso que animava as feições do padre, que dispunha de tudo em Besançon, anunciava o homem de agradável convivência, o prelado instruído, o hábil administrador. Matilde julgou-se em Paris. Foram necessários apenas alguns instantes para o senhor de Frilair levar Matilde a confessar-lhe que era filha do seu poderoso adversário marquês de La Mole.

- Com efeito, não sou a senhora Michelet - disse-lhe ela, retomando toda a altivez do seu porte - e esta confissão custa-me pouco, porque venho consultar-vos, senhor, a respeito da possibilidade de conseguir a evasão do senhor de La Vernaye. Primeiro, é apenas culpado de uma leviandade; a mulher sobre a qual disparou está bem. Em segundo lugar, para subornar os subalternos, posso entregar imediatamente cinquenta mil francos e comprometer-me a dar o dobro. Enfim, o meu reconhecimento e o da minha família nada acharão impossível para quem tiver salvo o senhor de La Vernaye.

O senhor de Frilair parecia admirado ao ouvir este nome.

Matilde mostrou-lhe várias cartas do ministro da Guerra dirigidas ao senhor Julião Sorel de La Vernaye.

- Como vê, senhor, meu pai interessava-se por ele. Despousei-o em segredo, pois meu pai desejava que ele fosse oficial superior antes de declarar este casamento, um pouco estranho para uma La Mole.

Matilde notou que a expressão de bondade e de doce alegria se desva-

neciam rapidamente à medida que o senhor de Frilair fazia estas descobertas importantes. Uma astúcia misturada com falsidade profunda espalhou-se-lhe na fisionomia.

O abade tinha dúvidas, relia lentamente os documentos oficiais.

“Que partido posso tirar destas estranhas confidências?”, dizia para consigo. “Eis-me de repente em relação íntima com uma amiga da célebre marechala de Fervaques sobrinha toda-poderosa de monsenhor bispo de..., que faz os bispos de França. O que eu julgava afastado no futuro, apresenta-se de improviso. Isto pode levar-me à realização de todos os meus desejos.”

Primeiro, Matilde ficou assustada com a mudança de fisionomia daquele homem tão poderoso, com o qual se achava sozinha num aposento tão afastado. “Mas quê!”, disse ela para consigo, pouco depois, “a pior sorte não seria não ter causado impressão alguma no frio egoísmo de um padre saciado de poder.”

Fascinado por esta via rápida e imprevista que se abria ante os seus olhos para chegar ao episcopado, admirado com o talento de Matilde, durante um instante o senhor de Frilair não esteve na defensiva. A menina de La Mole viu-o quase a seus pés, ambicioso e perturbado até tremer nervosamente.

“Tudo se aclara”, pensou ela, “nada será impossível aqui à amiga da senhora de Fervaques.” Apesar de um sentimento de ciúme, ainda bem doloroso, teve a coragem de explicar que Julião era amigo íntimo da marechala e encontrava quase todos os dias em casa dela o monsenhor bispo de...

- Mesmo que se tirasse à sorte, quatro ou cinco vezes seguidas, uma lista de trinta e seis jurados por entre os notáveis habitantes deste departamento - disse o vigário-mor com o violento olhar da ambição e martelando as palavras -, considerar-me-ia com bem pouca sorte se em cada lista não tivesse oito ou dez amigos, e os mais inteligentes do grupo. Quase sempre terei a maioria, e até mais do que ela, para condenar; portanto, vê, minha senhora, com que grande facilidade posso conseguir a absolvição...

O abade parou, de repente, como que espantado com o som das suas palavras; confessava coisas que nunca se dizem aos seus profanos.

Mas, por seu turno, encheu Matilde de espanto quando lhe contou que o que admirava e interessava à sociedade de Besançon na estranha aventura de Julião é que, em tempos, inspirara uma grande paixão à senhora de Rênal e, durante bastante tempo, também a partilhara. O senhor de Frilair notou facilmente a grande perturbação que a sua narrativa produzia “Tenho a minha desforra!”, pensou. “Enfim, eis um meio para dominar esta mulherzinha tão decidida; receava não o conseguir.” O ar distinto e um pouco rebelde redobrava a seus olhos o encanto da rara beleza que via quase suplicante diante de si. Retomou todo o seu sangue-frio e não hesitou em revolver-lhe o punhal no

coração.

- Afinal, não ficaria surpreendido - disse ele com ar de quem não dá importância ao que está a dizer - se viéssemos a saber que foi por ciúme que o senhor Sorel disparou dois tiros de pistola sobre essa mulher em tempos tão amada. Seria preciso que ela não tivesse encantos, e desde há muito tempo que ela se encontrava muitas vezes com certo abade Marquinot, de Dijon, espécie de jansenista sem moral, como todos são.

O senhor de Frilair torturou voluptuosamente à sua vontade o coração daquela linda rapariga, cujo lado fraco descobrira.

Dizia, demorando sobre Matilde os seus olhos ardentes:

- Porque é que o senhor Sorel teria escolhido a igreja, se não fosse porque, precisamente naquele momento, o seu rival celebrava lá missa? Toda a gente concorda que o feliz homem que protege tem talento e, ainda mais, prudência. Não seria muito mais simples esconder-se nos jardins do senhor de Rênal, que tão bem conhece? Ali, quase com a certeza de não ser, nem visto, nem apanhado, nem suspeitado, podia matar a mulher de quem tinha ciúmes.

Este raciocínio, tão justo na aparência, acabou por fazer com que Matilde ficasse fora de si. Aquela alma altiva, mas saturada de toda a seca prudência, que na alta sociedade consideram um reflexo fiel do coração humano, não era feita para compreender depressa a felicidade de desprezar toda a prudência, felicidade que pode ser tão viva numa alma ardente.

Na alta sociedade de Paris, em que Matilde vivia, a paixão só bem raramente se pode despojar de prudência e é do quinto andar que se deitam da janela abaixo.

Por fim, o abade de Frilair teve a certeza do seu poder. Disse a Matilde (sem dúvida mentia) que podia dispor à sua vontade do Ministério Público, encarregado de promover a acusação contra Julião.

Depois de a sorte ter designado os trinta e seis jurados da sessão faria uma diligência directa e pessoal junto de, pelo menos, trinta jurados.

Se o senhor de Frilair não tivesse achado Matilde tão bonita, só lhe teria falado assim claramente na quinta ou sexta entrevista.

## A INTRIGA

*Castres, 1676. - Um homem acaba de assassinar a irmã na casa contígua à minha; este fidalgo já tinha cometido outro assassinato. O pai, fazendo distribuir secretamente quinhentos francos aos juízes, salvou-lhe a vida.*

Lock, Voyage en France

Ao sair do paço episcopal, Matilde não hesitou em mandar um correio à senhora de Fervaques; o receio de se comprometer nem um segundo a fez hesitar. Suplicava à sua rival que obtivesse uma carta para o senhor de Frilair escrita inteiramente pela mão de monsenhor o bispo de... Ia até suplicar-lhe que viesse ela própria a Besançon. Isto foi uma coisa heróica da parte de uma alma ciumenta e orgulhosa.

Seguindo o conselho de Fouqué, tivera a prudência de não falar a Julião das suas diligências. A sua presença, mesmo sem isso, já o perturbava bastante. A aproximação da morte tornava-o mais honesto do que fora durante toda a sua vida; tinha remorsos não somente para com o senhor de La Mole mas também para com Matilde.

“Pois quê!”, dizia para consigo, “tenho perto dela momentos de distracção e até de aborrecimento. Perde-se por minha causa e é assim que eu a recompenso! Afinal, serei um homem mau?”

Esta pergunta tê-lo-ia preocupado bem pouco quando era ambicioso; então, não vencer era, a seus olhos, a única vergonha.

O seu mal-estar moral junto de Matilde era tanto maior quanto neste momento lhe inspirava a mais louca e extraordinária das paixões. Ela só falava em sacrifícios estranhos que queria fazer para o salvar.

Exaltada por um sentimento de que se ufanava e que vencida todo o seu orgulho, desejaria não deixar passar instante algum da sua vida sem o preencher com qualquer diligência extraordinária. Os mais estranhos, os mais perigosos projectos para ela, enchiam as suas longas conversas com Julião. Os

carcereiros, bem pagos, deixavam-na à vontade na prisão. As ideias de Matilde não se limitavam ao sacrifício da sua reputação; pouco lhe importava dar a conhecer o seu estado a toda a sociedade. Deitar-se de joelhos para pedir o indulto de Julião diante do carro do rei a galope, chamar a atenção do príncipe arriscando-se mil vezes a ser esmagada, era uma das menores quimeras que sonhava aquela imaginação exaltada e corajosa. Por interferência dos seus amigos junto do rei tinha a certeza de ser admitida nos locais reservados do parque de Saint-Cloud. Julião achava-se pouco digno de tanta dedicação. Para dizer a verdade, estava fatigado de heroísmo. Teria sido sensível a uma ternura ingénua e quase tímida, enquanto a alma altiva de Matilde necessitava sempre de ter a ideia de um público e dos outros.

No meio de todas as suas angústias, de todos os receios pela vida daquele amante, ao qual não queria sobreviver, ela tinha uma necessidade secreta de causar admiração no público com o excesso do seu amor e a sublimidade dos seus empreendimentos.

Julião sentia-se de mau humor por não se comover com todo aquele heroísmo. Que teria sido se tivesse conhecimento de todas as loucuras com que Matilde acabrunhava o espírito dedicado, mas muito razoável e infinitamente limitado, do bom Fouqué?

Este não sabia o que havia de censurar na dedicação de Matilde, porque também teria sacrificado a sua fortuna e exposto a sua vida para salvar o amigo. Estava estupefacto pela quantidade de ouro distribuído por Matilde. Nos primeiros dias as quantias assim despendidas impuseram-se a Fouqué, que tinha pelo dinheiro a veneração de um provinciano.

Por fim descobriu que os projectos da menina de La Mole variavam com frequência e sentiu um grande alívio ao encontrar uma palavra para censurar aquele carácter tão fatigante para ele: ela era inconstante. Deste epíteto ao de cabeça leve, o maior anátema na província era apenas um passo.

“É estranho”, dizia para consigo Julião, um dia, quando Matilde saía da prisão, “que uma tão grande paixão de que sou objecto me deixe de tal forma insensível! E há dois meses adorava-a! É verdade que já tinha lido que a aproximação da morte nos desinteressa de tudo; mas é horrível sentirmo-nos ingratos e não podermos mudar. Sou, portanto, um egoísta?” E fazia a si próprio, a este respeito, as mais humilhantes censuras. A ambição tinha morrido no seu coração, uma outra paixão saíra das cinzas; ele chamava-lhe remorso, por ter tentado assassinar a senhora de Rênal.

De facto, estava perdidamente apaixonado por ela. Sentia uma felicidade estranha quando, deixado absolutamente só e sem receio de ser interrompido, podia entregar-se completamente à recordação dos dias felizes que passara em

Verrières e outras vezes em Vergy. Os menores incidentes desses tempos, tão depressa decorridos, tinham para ele uma frescura e um encanto irresistíveis. Nunca pensava nos seus êxitos em Paris; aborreciam-no. Estas disposições de espírito, que cresciam de dia para dia, foram em parte adivinhadas pelo ciúme de Matilde. Compreendia bem claramente que tinha de lutar contra o amor e a solidão. às vezes, pronunciava com terror o nome da senhora de Rênal. Via Julião estremecer. Daí em diante, a sua paixão não teve limites nem medida.

“Se ele morre, morrerei em seguida”, dizia para consigo com toda a boa-fé possível. “Que diriam os salões de Paris vendo uma rapariga da minha classe adorar a este ponto um amante destinado à morte? Para encontrar tais sentimentos é preciso voltar ao tempo dos heróis. Eram amores assim que faziam palpitar os corações do século de Carlos IX e Henrique III.”

No meio dos mais vivos entusiasmos, quando apertava contra o coração a cabeça de Julião, dizia para consigo, horrorizada: “Esta cabeça encantadora estará destinada a tombar? Pois bem!”, acrescentava, inflamada por um heroísmo que não era isento de felicidade, “os meus lábios, que se encostam aos seus lindos cabelos, estarão gelados menos de vinte e quatro horas depois.”

As recordações destes momentos de heroísmo e de terrível volúpia prendiam-na num abraço invencível. A ideia do suicídio, tão absorvente e até ali tão afastada daquela alma altiva, penetrou nela e em breve dominou-a com um poder absoluto. “Não, o sangue dos meus antepassados não esfriou ao descer até mim”, dizia para si Matilde, cheia de orgulho.

- Tenho um pedido a fazer-lhe - disse-lhe um dia o amante. - Confie o seu filho a uma ama de Verrières. A senhora de Rênal vigiará a ama.

- Isso que me pede é bem duro... - E Matilde empalideceu.

- É verdade, e peço-te mil vezes perdão - exclamou Julião, saindo da sua abstracção e apertando-a nos braços.

Depois de lhe ter secado as lágrimas, voltou ao seu pensamento, mas mais habilmente. Dera à conversa um jeito de filosofia melancólica, falava daquele futuro que tão cedo se ia fechar para ele.

- Temos de concordar, querida amiga, que as paixões são um acidente na vida, mas este acidente só se encontra nas almas superiores... A morte do meu filho seria, no fundo, uma felicidade para o orgulho da sua família, isto até os subalternos adivinharão. O abandono será a sorte desse filho da desgraça e da vergonha... Tenho esperança de que, numa época que não quero fixar, mas que contudo a minha coragem antevê, obedecereis às minhas últimas recomendações: casareis com o marquês de Croisenois.

- O quê, desonrada?!

- A desonra não poderá manchar um nome como o vosso. Sereis uma

viúva, e viúva de um louco. Eis tudo. Irei mais longe; o meu crime, não tendo de maneira nenhuma o dinheiro como móbil, não será desonroso. Talvez, nessa época, qualquer legislador filósofo tenha obtido dos preconceitos dos seus contemporâneos a supressão da pena de morte. Então, qualquer voz amiga dirá como um exemplo: “Olhem, o primeiro esposo da menina de La Mole era um louco, mas não um homem mau nem um celerado. Foi absurdo fazer tombar aquela cabeça...” Então a minha memória não será de modo algum infame; pelo menos depois de um certo tempo... A sua posição no mundo, a sua fortuna e, permita-me dizê-lo, o seu talento farão com que o seu esposo, o senhor de Croisenois, desempenhe um papel que, sozinho, não atingiria.

Só tem o seu nascimento e a sua bravura, e estas qualidades, sozinhas, que faziam um homem completo em 1729, são anacronismo um século mais tarde e só dão pretensões. São necessárias outras coisas para tomar uma posição de destaque entre a mocidade francesa.

“Socorrerá com o seu carácter firme e empreendedor o partido político em que lançar o seu esposo. Poderá suceder às Chevreuse e às Longueville de la Fronde... Mas, então, minha querida amiga, o fogo celeste que a alma neste momento terá esfriado um pouco.

“Permita-me dizê-lo - acrescentou ele, depois de muitas outras frases preparatórias -, daqui a quinze anos considerareis como uma loucura desculpável, mas, contudo, uma loucura, o amor que tivestes por mim... - Parou de repente e ficou pensativo. Estava de novo em frente daquela ideia tão chocante para Matilde. - Dentro de quinze anos a senhora de Rênal adorará o meu filho e vós tê-lo-eis esquecido.

## A TRANQUILIDADE

*Porque então era louco, é que hoje sou sensato.  
ó filósofo que só vês o instantâneo, como a tua  
visão é curta! A tua vista não foi feita para  
seguir o trabalho subterrâneo das paixões.*

Mme. Goethe

A conversa foi interrompida por um interrogatório seguido de uma confidência com o advogado de defesa. Estes momentos eram os únicos absolutamente desagradáveis de uma vida de incúria e de ternos devaneios. “Há assassínio e com premeditação”, disse Julião tanto ao juiz como ao advogado. “Lamento, senhores”, acrescentou ele, sorrindo, “mas isto reduz a pouca coisa a vossa tarefa. “

“Afinal”, dizia para consigo Julião, quando conseguiu ver-se livre dos dois, “tenho de ser corajoso e aparentemente mais corajoso que estes dois homens. Consideram o cúmulo dos males como o cúmulo dos pavores, esse duelo de resultado infeliz, com o qual só me preocuparei seriamente no próprio dia.

“É porque conheci uma desgraça maior”, continuou Julião filosofando consigo próprio. “Sofria de outra maneira durante a minha outra viagem a Estrasburgo, quando me julgava abandonado por Matilde... E poder dizer que desejei com tanta paixão esta intimidade perfeita que hoje me deixa tão frio!... De facto, sinto-me mais feliz sozinho do que quando essa rapariga tão linda compartilha da minha solidão...”

O advogado, homem de regras e formalidades, julgava-o louco e pensava, tal como o público, que tinha sido o ciúme que lhe pusera a pistola na mão. Um dia arriscou-se a dar a entender a Julião que esta alegação, verdadeira ou falsa, seria um excelente meio de defesa. Mas o acusado tornou-se de repente um ser apaixonado e incisivo.

- Pela sua vida, senhor - exclamou, fora de si -, nunca mais profira tão abominável mentira.

O prudente advogado naquele instante teve receio de ser assassinado.

Preparava a sua defesa, porque o momento decisivo aproximava-se. Besançon e todo o departamento só falavam desta causa célebre. Julião ignorava este pormenor. Pedira para não lhe falarem dessas coisas.

Naquele dia, Fouqué e Matilde tinham querido contar-lhe certos boatos públicos, muito próprios, na opinião deles, para dar esperanças. Julião fizera-os parar logo às primeiras palavras.

- Deixem-me com a minha imaginação. As vossas intrigazinhas, as vossas minudências da vida real, que mais ou menos me feririam, tirar-me-iam do céu. Morre-se como se pode; eu só quero pensar na morte a meu modo. Que me importam os outros? As minhas relações com eles vão ser cortadas bruscamente. Por favor, não me falem dessa gente: bem me basta ver o juiz e o advogado.

“De facto”, dizia para si, “parece que o meu destino é morrer a sonhar. Um ser obscuro como eu, certo de ser esquecido dentro de quinze dias, seria bem tolo, temos de o confessar, se representasse uma comédia...”

“É estranho, contudo, que eu só tenha aprendido a arte de gozar a vida depois de ver o seu termo tão perto de mim.”

Passava estes últimos dias a passear no estreito terraço do alto do torreão, fumando excelentes cigarros que Matilde mandara buscar à Holanda por um correio e sem suspeitar que a sua aparição era esperada todos os dias por muitos binóculos da cidade. O seu pensamento estava em Vergy. Nunca falava da senhora de Rênal a Fouqué, mas duas ou três vezes o amigo dissera que ela se restabelecia rapidamente, e estas palavras vibravam no seu coração. Enquanto a alma de Julião estava quase completamente absorvida pelo mundo das ideias, Matilde, ocupada com coisas reais, como compete a um coração aristocrata, soubera avançar a tal ponto a intimidade da correspondência directa entre a senhora de Fervaques e o senhor de Frilair que já tinha sido escrita a grande palavra bispado.

O venerável prelado que tinha a seu cargo a folha das mercês acrescentou numa carta à sobrinha: Esse pobre Sorel é apenas um estouvado, espero que no-lo tornarão a dar.

Ao ver estas linhas o senhor de Frilair exultou, já não tinha dúvidas em salvar Julião.

- Se não fosse esta lei jacobina que prescreveu a formação de uma lista de inumeráveis jurados, e que só tem o fim real de roubar toda a influência às pessoas de categoria, eu responderia pelo veredicto - dizia ele a Matilde na véspera de serem tirados à sorte os nomes dos trinta e seis jurados da sessão. - Também fiz absolver o cura N...

Foi com prazer que, no dia seguinte, entre os nomes saídos da urna, o

senhor de Frilair encontrou cinco congreganistas de Besançon, e, entre os estranhos à cidade, os nomes dos senhores Valenod, de Moirod e de Cholin.

- Primeiro disponho destes jurados - disse a Matilde. - Os cinco primeiros são máquinas. Valenod é meu agente, Moirod deve-me tudo e Cholin é um imbecil que de tudo tem receio.

O jornal espalhou no departamento o nome dos jurados, e a senhora de Rênal, com inexprimível terror de seu marido, quis ir a Besançon. O máximo que o senhor de Rênal conseguiu obter foi que ela se não levantaria da cama, para não ter o aborrecimento de ser chamada a testemunhar.

- Não compreende a minha situação - dizia o antigo presidente de Verrières -, sou agora liberal da defecção, como eles dizem; não há dúvida alguma de que esse malcriado do Valenod e o senhor de Frilair obterão do procurador-geral e dos juízes tudo o que possa ser-me desagradável.

A senhora de Rênal cedeu sem dificuldade às ordens do marido.

“Se eu aparecesse no tribunal”, dizia ela para consigo, “teria o ar de quem pede vingança.”

Apesar de todas as promessas de prudência feitas ao seu director espiritual e ao seu mando, mal chegou a Besançon escreveu pela sua própria mão a cada um dos trinta e seis jurados:

“Não aparecerei no dia do julgamento, senhor, porque a minha presença podia prejudicar a causa do senhor Sorel. Só desejo uma coisa no mundo, e com paixão: é que seja salvo. Não duvideis: a horrível ideia de que por minha causa um inocente foi levado à morte envenenaria o resto da minha vida e sem dúvida a abreviaria. Como poderíeis condená-lo à morte se eu vivo? Não, não há dúvida de que a sociedade não tem o direito de tirar a vida a ninguém, e sobretudo a uma pessoa como Julião Sorel. Toda a gente, em Verrières, lhe conheceu momentos de alucinação. Esse pobre rapaz tem inimigos poderosos, mas, mesmo entre os seus inimigos (e quantos não terá!), qual é o que põe em dúvida o seu admirável talento e a sua cultura profunda? Não é uma pessoa vulgar que ides julgar, senhor. Durante perto de dezoito meses conhecemo-lo piedoso, sensato, aplicado; mas, duas ou três vezes por ano, era atacado por excessos de melancolia que iam até à alucinação.

Toda a cidade de Verrières, todos os nossos vizinhos de Vergy, onde passamos o Verão, a minha família inteira, o próprio senhor subprefeito, farão justiça à sua devoção exemplar; sabe de cor toda a Santa Bíblia. Um ímpio ter-se-ia dedicado durante anos a aprender o livro santo? Meus filhos terão a honra de vos apresentar esta carta: são crianças, dignai-vos interrogá-los, senhor, dar-vos-ão a respeito desse pobre rapaz os pormenores que ainda seriam

necessários para vos convencer da barbaridade que seria condená-lo. Bem longe de me vingar, matar-me-íeis.

O que é que esses inimigos poderão opor a este facto? A ferida que resultou de um desses momentos de loucura que os meus próprios filhos notavam no seu preceptor é tão pouco perigosa que, após dois meses, me permitiu vir em diligência a Besançon. Se eu tiver conhecimento de que hesitais em subtrair à barbaridade das leis um ser tão pouco culpado, sairei do meu leito, onde me retêm unicamente as ordens do meu marido, e irei lançar-me a vossos pés.

Declarai senhor, que a premeditação não se verificou e não tereis a censurar a vós próprios o ter feito correr o sangue de um inocente, etc.”

## JULGAMENTO

*O país recordará durante muito tempo este processo célebre. O interesse pelo acusado subia até de excitação; porque o seu crime era estranho, e portanto não era atroz. E, ainda que o fosse, este rapaz era tão belo! A sua ascensão, tão depressa terminada, aumentava a piedade. Condená-lo-ão, perguntavam as mulheres aos homens seus conhecidos, e ficavam à espera da resposta.*

Sainte-Beuve

Enfim, raiou aquele dia tão receado pela senhora de Rênal e por Matilde.

O aspecto estranho da cidade redobrava o seu terror e não deixava sem emoção a alma firme de Fouqué. Toda a província tinha acorrido a Besançon para ver julgar aquela causa romanesca. Há vários dias que já não havia lugar nas hospedarias. O senhor presidente do tribunal era assediado com pedidos de bilhetes; todas as senhoras da cidade queriam assistir ao julgamento; apregoavam nas ruas o retrato de Julião, etc., etc.

Matilde tinha de reserva, para esse momento supremo, uma carta escrita inteiramente pela mão do monsenhor bispo de... Aquele prelado, que dirigia a Igreja de França e que nomeava bispos, dignava-se rogar a absolvição de Julião. Na véspera do julgamento, Matilde levou aquela carta ao todo-poderoso vigário-mor.

No fim da entrevista, como ela ia a sair lavada em lágrimas, o senhor de Frilair, saindo enfim da sua reserva diplomática, e quase comovido também, disse-lhe:

- Respondo pela declaração do júri. Entre doze pessoas encarregadas de examinar se o crime do vosso protegido está provado, e sobretudo se houve premeditação, conto seis amigos dedicados, a quem dei a entender que dependia deles a minha elevação ao episcopado. O barão Valenod, que eu fiz

presidente de Verrières, dispõe inteiramente de dois dos seus administrados, senhores de Moirod e de Cholin. Na verdade, a sorte deu-nos para este caso dois jurados de más ideias. Mas, apesar de exaltados liberais, são fiéis às minhas ordens nas grandes ocasiões e mandei-lhes pedir que votassem como o senhor Valenod. Tive conhecimento de que um sexto jurado, industrial, imensamente rico e tagarela liberal, aspira em segredo a um fornecimento do Ministério da Guerra, e, sem dúvida, não quererá desagradar-me. Mandei-lhe dizer que o senhor Valenod conhece a minha última palavra.

- E quem é esse senhor Valenod? - disse Matilde inquieta.

- Se o conhecêsseis não duvidaríeis do êxito. É um falador audacioso, imprudente, grosseiro, feito para enganar os tolos.1814 arrancou-o à miséria e eu vou fazer dele um prefeito. É capaz de bater nos outros jurados que não quiserem votar à sua vontade.

Matilde ficou um tanto tranquilizada.

À noite esperava-se outra discussão. Para não prolongar uma cena desagradável e que a seus olhos tinha resultado certo, Julião resolvera não falar.

- O meu advogado falará - disse ele a Matilde. Mesmo assim estarei tempo de mais posto como espectáculo diante dos meus inimigos. Estes provincianos ficaram chocados com a fortuna rápida que vos devo, e, pode crer, não haverá um único que não deseje a minha condenação, embora chorem como uns tolos quando me levarem ao cadafalso.

- Desejam ver-vos humilhado, isso é verdade - respondeu Matilde -, mas não os julgo tão cruéis. A minha presença em Besançon e o espectáculo da minha dor interessaram todas as mulheres; o seu belo rosto fará o resto. Se disser uma palavra diante dos seus juízes, todo o auditório se tornará seu partidário, etc., etc.

No dia seguinte, às nove horas, quando Julião saiu da sua prisão para ir para a sala grande do Palácio da Justiça, foi com grande dificuldade que os gendarmes conseguiram afastar a imensa multidão aglomerada no pátio. Julião tinha dormido bem, estava muito calmo e não sentia sentimento algum a não ser uma piedade filosófica por aquela multidão de invejosos que, sem crueldade, iam aplaudir a sua sentença de morte. Ficou muito surpreendido quando, retido mais de um quarto de hora no meio da multidão, foi obrigado a reconhecer que a sua presença inspirava ao público uma terna piedade. Não ouviu uma única frase desagradável. "Estes provincianos são menos maus do que eu julgava", pensou.

Ao entrar na sala do julgamento notou a elegância da arquitectura. Era um gótico puro, numa série de pequenas e lindas colunas cuidadosamente talhadas na pedra. Julgou-se em Inglaterra.

Mas, pouco depois, a sua atenção foi absorvida por doze ou quinze lindas mulheres que, colocadas em frente do banco do acusado, enchiam as três varandas por cima dos juizes e dos jurados. Ao voltar-se para o público viu que a tribuna circular por cima do anfiteatro estava cheia de mulheres; os seus olhos estavam brilhantes e cheios de interesse. No resto da sala a multidão era enorme; lutavam nas portas e as sentinelas não podiam conseguir silêncio.

Quando todos os olhos que procuravam Julião notaram a sua presença, ao vê-lo ocupar o lugar um pouco elevado reservado para o acusado, foi acolhido por um murmúrio de espanto e de terno interesse. Naquele dia parecia não ter vinte anos; estava vestido com grande simplicidade mas com uma elegância perfeita; os seus cabelos e a sua fronte eram encantadores; Matilde quisera assistir ela própria à sua toilette. A palidez de Julião era enorme. Mal se sentou no escabelo, ouviu dizer de todos os lados: "Meu Deus! que novo é!... Mas é uma criança... É bem melhor do que o retrato."

- Senhor acusado - disse-lhe o gendarme sentado à sua direita -, vê estas seis senhoras que ocupam a varanda? - e indicava-lhe uma pequena tribuna saliente por cima do anfiteatro onde estão sentados os jurados. - É a esposa do senhor prefeito - continuou o homem -, ao lado a senhora marquesa de M... Esta tem muita simpatia por si; ouvi-a falar ao juiz de instrução. Depois, é a senhora Derville.

- A senhora Derville! - exclamou Julião, e o rubor tingiu-lhe a face. "Ao sair daqui", pensou, "escreverá à senhora de Rênal." Ignorava a chegada desta a Besançon.

As testemunhas foram ouvidas depressa. Desde as primeiras palavras da acusação mantida pelo promotor-geral duas das senhoras sentadas na varanda, na frente de Julião, começaram a chorar. "A senhora Derville não se comove assim", pensou.

Contudo, apercebeu-se de que estava muito vermelha.

O promotor-geral fazia um discurso afectado em mau francês sobre a barbaridade do crime cometido; Julião observou que as vizinhas da senhora Derville tinham um ar de quem desaprova energicamente. Vários jurados, aparentemente do conhecimento dessas senhoras, falavam-lhes e pareciam sossegá-las. "Aqui está uma coisa que não deixa de ser bom augúrio", pensou Julião.

Até ali sentira-se penetrado de um puro desprezo por todos os homens que assistiam ao julgamento. A eloquência tola do promotor aumentou esse sentimento. Mas, pouco a pouco, a sua secura de alma desapareceu ante as provas de interesse de que evidentemente era objecto.

Ficou contente com a atitude firme do seu advogado. "Nada de frases",

disse-lhe em voz baixa quando este ia tomar a palavra.

- Toda a ênfase plagiada a Bossuet, de que ele usou contra si foi-lhe muito útil - disse-lhe o advogado.

Com efeito, mal falara durante cinco minutos, todas as “mulheres tinham o lenço na mão. O advogado, encorajado, dirigiu frases bastante fortes aos jurados. Julião estremeceu, sentia que estava quase a chorar. “Santo Deus! Que dirão os meus inimigos?”

Ia ceder à comoção que dele se apoderava quando, felizmente para ele, surpreendeu um olhar insolente do senhor barão de Valénod.

“Os olhos deste pedante estão flamejantes”, disse para consigo, “que triunfo para esta alma baixa! Mesmo que o crime só tivesse causado esta única circunstância, eu deveria amaldiçoá-lo. Sabe Deus o que ele dirá de mim à senhora de Rênal!”

Esta ideia apagou todas as outras. Pouco depois, Julião foi chamado a si próprio pelas provas de assentimento do público.

O advogado acabava de terminar o seu discurso. Julião recordou-se de que era conveniente apertar-lhe a mão. O tempo tinha passado rapidamente.

Trouxeram refrescos ao advogado e ao acusado. Só então Julião notou uma circunstância: mulher alguma abandonara a audiência para ir jantar.

- Palavra que estou morto de fome - disse o advogado -, e você?

- Eu também - respondeu Julião.

- Olhe, a esposa do senhor prefeito recebe também o seu jantar - disse o advogado indicando-lhe o varandim.

- Boa coragem, tudo vai bem.

A audiência foi reaberta.

Quando o presidente enunciava os requisitos deu meia-noite. O presidente foi obrigado a interromper; no meio do silêncio, da ansiedade geral, as badaladas do relógio encheram a sala.

“Eis o último dos meus dias que começa”, pensou Julião. Dali a pouco sentia-se dominado pela ideia do dever. Até então tinha contido a sua comoção e mantivera-se resolvido a não falar; mas quando o presidente do júri lhe perguntou se não tinha qualquer coisa a acrescentar ergueu-se.

Via diante de si os olhos da senhora Derville, que, à luz, lhe pareceram muito brilhantes. “Por acaso estará chorando?”, pensou.

“Senhores jurados:

O horror ao desprezo, que eu julgava poder afrontar no momento da morte, faz-me tomar a palavra. Senhores, não tenho a honra de pertencer à vossa classe, vedes em mim um camponês que se revoltou contra a humildade

da sua condição.

Não vos peço nenhuma mercê - continuou com voz firme. - Não me iludo, a morte espera-me; será justa. Atentei contra a vida da mulher mais digna de todos os respeitos, de todas as homenagens. A senhora de Rênal fora para mim como que uma mãe.

O meu crime é atroz e foi premeditado. Mereço, pois, a morte, senhores jurados. Mesmo que eu fosse menos culpado, vejo homens que, sem atenderem ao que a minha mocidade pode merecer de compaixão, quererão castigar em mim, e fazer-lhe perder para sempre a coragem, essa classe de rapazes que, nascidos numa classe inferior e de certo modo oprimidos pela nobreza, têm a felicidade de conseguir uma boa educação e a audácia de se misturar ao que o orgulho da gente rica chama boa sociedade. Eis o meu crime, senhores, e será castigado com tanta mais severidade quanto não serei julgado pelos meus iguais. Não vejo nos bancos dos jurados qualquer camponês enriquecido, mas unicamente burgueses indignados..."

Durante vinte minutos Julião falou neste tom; disse tudo o que tinha a pesar-lhe no coração; o promotor-geral, que aspirava aos favores da aristocracia, pulava na sua cadeira. Mas, apesar da forma um pouco abstracta que o acusado dera ao seu discurso, todas as mulheres choraram. A própria senhora Derville tinha o lenço nos olhos. Antes de acabar, Julião voltou a falar da premeditação, do seu arrependimento, do respeito, da adoração filial e sem limites que, nos seus mais felizes tempos, tinha pela senhora de Rênal... A senhora Derville deu um grito e desmaiou. Batia uma hora quando os jurados se retiraram para a sua sala. Mulher alguma abandonara o lugar, vários homens tinham lágrimas nos olhos. As conversas foram primeiro muito animadas; mas, pouco a pouco, com a demora da decisão do júri, a fadiga geral foi tornando a assistência mais calma. Aquele momento era solene; as luzes brilhavam menos. Julião, muito fatigado, ouvia discutir perto de si o caso de saber se aquela demora era de bom ou mau augúrio. Viu com prazer que todas as opiniões lhe eram favoráveis. O júri não voltava, e contudo nenhuma mulher saía da sala.

Quando bateram duas horas ouviu-se um grande movimento. A pequena porta da sala dos jurados abriu-se.

O senhor barão de Valenod avançou com passo grave e teatral, seguido por todos os jurados. Tossiu e depois declarou que em plena consciência a declaração unânime do júri era que Julião Sorel era culpado de assassinio, e de assassinio com premeditação; esta declaração significava a pena de morte que foi pronunciada um instante depois. Julião olhou para o seu relógio e recordou-se do senhor de Lavalette; eram duas horas e um quarto. "Hoje é sexta-feira", pensou.

“Sim, mas este dia é feliz para Valenod, que me condena... Sou vigiado demais para que Matilde possa salvar-me como fez a senhora de Lavalette... Portanto, dentro de três dias, a esta mesma hora, saberei o que devo pensar acerca do grande talvez.”

Neste momento ouviu um grito e foi chamado à realidade. As mulheres soluçavam em volta dele; viu que todas as fisionomias estavam voltadas para uma tribunazinha que havia no alto de um pilar gótico. Soube mais tarde que Matilde se escondera ali. Como o grito se não repetisse, toda a gente voltou a olhar para Julião, enquanto os gendarmes o faziam atravessar a multidão.

“Tentemos não dar motivo a esse patife do Valenod para se rir de mim”, pensou Julião. “Com que ar contrito e hipócrita pronunciou a declaração que implica a pena de morte, enquanto o pobre presidente do tribunal, apesar de ser juiz há muitos anos, tinha as lágrimas nos olhos ao condenar-me! Que alegria para o Valenod vingar-se da nossa antiga rivalidade junto da senhora de Rênal!... Portanto nunca mais a verei! Está assente... Um último adeus entre nós é impossível, sinto-o... Como me sentiria feliz se lhe pudesse dizer todo o horror que sinto pelo meu crime... apenas estas palavras: acho-me justamente condenado.”

Ao tornarem a levar Julião para a prisão meteram-no num quarto destinado aos condenados à morte. Ele, que habitualmente notava as mais pequenas circunstâncias, não reparara que não o tinham feito subir para o seu torreão. Pensava no que diria à senhora de Rênal se, antes do último momento, tivesse a felicidade de a ver. Pensava que ela o interromperia e queria logo às primeiras palavras poder-lhe pintar todo o seu arrependimento. “Depois de uma tal acção, como hei-de persuadi-la de que a amo unicamente a ela? Porque, enfim, quis matá-la por ambição ou por amor por Matilde.” Ao deitar-se achou lençóis de pano grosseiro. Os seus olhos abriram-se.

“Ah!, estou no calabouço”, pensou, “como um condenado à morte. É justo...”

“O conde Altamira contou-me que na véspera da morte Danton dizia com a sua voz grossa. É estranho: o verbo guilhotinar não pode conjugar-se em todos os seus tempos; pode dizer-se:

“Eu serei guilhotinado, tu serás guilhotinado, mas não se diz: “Fui guilhotinado. “Porque não,””, continuou Julião, “se há uma outra vida?... Se encontro o Deus dos cristãos, estou perdido: é um déspota, e como tal está cheio de ideias de vingança: a sua Bíblia só fala de castigos atrozes. Nunca o amei; nunca quis mesmo acreditar que o amassem sinceramente. Não tem piedade (e recordou várias passagens da Bíblia). Castigar-me-á de uma forma abominável...”

“Mas se encontro o Deus de Fénelon! Talvez me diga: “Muito te será perdoado porque muito amaste...”

“Terei eu amado muito? Ah! amei a senhora de Rênal, mas o meu comportamento foi atroz. Ai, como em outros casos, o mérito simples e modesto foi abandonado em troca das aparências brilhantes...”

“Mas, também, que perspectiva!... Coronel dos hussardos se tivéssemos guerra; secretário de legação durante a paz; em seguida embaixador... Porque dentro em pouco teria conhecimento dos negócios... E mesmo que eu fosse apenas um parvo, o genro do marquês de La Mole teria de temer qualquer rivalidade? Todas as minhas asneiras seriam perdoadas, ou antes contadas como méritos. Homem de mérito e gozando da mais larga vida em Viena ou em Londres...”

“O que não é precisamente, senhor, ser guilhotinado dentro de três dias.”

Julião riu com vontade deste aparte do seu espírito. “Na verdade o homem tem dois seres dentro de si”, ensou. Quem diabo havia de pensar neste comentário malicioso?

- Pois bem! Sim, meu amigo, guilhotinado daqui a três dias - respondeu ele ao interruptor. - O senhor de Cholin alugará uma janela a meias com o abade Maslon. Pois bem, qual destas duas dignas personagens roubará a outra no aluguer?

Esta passagem do Venceslau, de Rotrou, acudiu-lhe de repente:

**LADISLAU**

... A minha alma está preparada.

**O REI**, *pai de Ladislau*

O cadafalso também o está; vai lá pôr a cabeça.

“Bela resposta!”, pensou; e adormeceu. Alguém o acordou de manhã, estreitando-o fortemente.

- O quê! já? - disse Julião abrindo os olhos desvairados.

Julgava-se entre as mãos do carrasco.

Era Matilde. “Felizmente ela não me compreendeu.” Esta reflexão tornou a dar-lhe todo o seu sangue-frio. Achou Matilde mudada como se tivesse estado seis meses doente: realmente estava irreconhecível.

- Aquele infame Frilair traiu-me - dizia ela contorcendo as mãos; o furor não a deixava chorar.

- Não fiz uma bela figura ontem, quando tomei a palavra? - respondeu ele.

- Improvisava pela primeira vez na minha vida!

É verdade que também há a recear que seja a última. - Naquele momento, Julião agia sobre o carácter de Matilde com o sangue-frio de uma pianista hábil que toca piano... - Falta-me a vantagem de um nascimento ilustre, é verdade - acrescentou, mas a grande alma de Matilde elevou o seu amante até à sua altura. - Julga que Bonifácio de La Mole, se teria portado melhor diante dos seus juízes?

Matilde naquele dia estava terna sem afectação, como uma modesta rapariga que habitasse um quinto andar; mas não pôde obter dele palavras mais simples. Sem o saber, ele devolvia-lhe o tormento que ela muitas vezes lhe infligira.

“Não se conhecem as nascentes do Nilo”, dizia para consigo Julião, “ao olhar do homem não foi dado ver o rei dos rios no estado de simples ribeiro: da

mesma forma nenhum olhar humano verá Julião fraco, primeiro porque não o é. Mas tenho um coração fácil de comover; a mais vulgar palavra, se é dita com uma entoação de verdade, pode comover-me a voz e até fazer correr as minhas lágrimas. Quantas vezes os corações secos me desprezaram por este defeito! Julgavam que eu pedia misericórdia: eis o que é preciso não tolerar.

“Dizem que a recordação da sua mulher comoveu Danton aos pés do cadafalso; mas Danton dera força a uma nação de peralvilhos e impedira o inimigo de chegar a Paris... Eu sozinho sei bem o que poderia fazer... Para os outros sou, quando muito, um talvez.

“Se a senhora de Rênal aqui estivesse no meu calabouço, em lugar de Matilde, poderia eu responder por mim? O excesso do meu desespero e do meu arrependimento teria parecido aos olhos de Valenod e de todos os naturais desta terra o ignóbil medo da morte; são tão orgulhosos esses corações fracos que a sua posição financeira os põe acima das tentações! Vede, diriam os senhores de Moirod e de Cholin, que acabam de me condenar à morte, vejam o que é ter nascido filho de um carpinteiro! Pode-se tornar sábio, hábil, mas a coragem!... A coragem não se aprende. Mesmo com esta pobre Matilde, que chora agora ou antes que já não pode chorar”, disse ele, olhando os seus olhos vermelhos... e apertou-a nos braços: o espectáculo de uma dor verdadeira fez-lhe esquecer o seu silogismo... “Ela talvez tenha chorado durante toda a noite”, disse para consigo, “mas um dia que vergonha lhe não fará esta recordação! Considerar-se-á como desencaminhada, na sua mocidade, pelas baixas maneiras de pensar de um plebeu... O Croisenois é suficientemente fraco para casar com ela, e confesso que fará bem. Ela far-lhe-á desempenhar um papel, com o direito que um espírito firme e vasto nos seus desígnios tem sobre o espírito grosseiro dos homens vulgares.

“Ah! aqui está uma coisa engraçada: desde que devo morrer, todos os versos que durante a minha vida nunca fixei me acodem à memória. Será um sinal de decadência...”

Matilde repetia-lhe com uma voz apagada:

- Ele está ali na divisão contígua. - Por fim deu atenção àquelas palavras. “A sua voz é fraca”, pensou, “mas todo o seu carácter imperioso revela-se ainda na sua entoação.

Baixa a voz para não se zangar.”

- E quem é que está ali? - perguntou ele com doçura.

- O advogado, para que assine o recurso.

- Não recorro.

- Como? Não recorre - disse ela erguendo-se, com os olhos cintilantes de

cólera - e porquê, se faz favor?

- Porque, neste momento, sinto-me com coragem para morrer sem fazer com que se riam muito à minha custa. E quem me diz que daqui a dois meses, depois de uma longa permanência neste calabouço húmido, estarei igualmente bem-disposto? Prevejo entrevistas com padres, com o meu pai... Nada no mundo me pode ser mais desagradável. Morra-se...

Esta contrariedade imprevista despertou toda a altivez do carácter de Matilde. Não pudera falar ao abade de Frilair antes da hora em que abrem os calabouços da prisão de Besançon; e o seu furor recaiu sobre Julião. Adorava-o, e durante um bom quarto de hora ele tornou a encontrar nas suas imprecações contra o seu carácter, dele Julião, nos seus arrependimentos por o ter amado, toda aquela alma altiva que em tempos o tinha enchido de injúrias tão acerbas na biblioteca do palácio de La Mole.

- O céu devia à glória da tua raça ter-te feito nascer homem - respondeu-lhe ele.

“Mas quanto a mim”, pensou, “seria bem tolo se vivesse mais dois meses neste lugar nojento, em luta contra tudo o que a facção patricia pode inventar de infame e humilhante, e tendo por única consolação as imprecações desta louca... Pois bem, depois de amanhã de manhã bato-me em duelo com um homem conhecido pelo seu sangue-frio e por uma destreza notável...

Muito notável, diz o partido mefistofélico: nunca erra o seu golpe:

“Pois bem, seja como for.” (Matilde continuava a ser eloquente.) “Não, isso não”, disse para consigo, “não apelarei.”

Depois de tomar esta resolução recaiu no seu sonho... “O correio, ao passar, trará o jornal às seis horas como habitualmente; às oito, depois do senhor de Rênal o ter lido, Elisa, andando nos bicos dos pés, virá colocá-lo sobre o seu leito. Mais tarde ela acordará: de repente, ao ler, ficará perturbada; a sua linda mão tremerá; lerá até estas palavras:

Às dez horas e cinco minutos tinha cessado de existir.

“Chorará sentidamente, conheço-a; em vão eu quis assassiná-la, tudo será esquecido, e a pessoa a quem quis tirar a vida será a única que chorará sinceramente a minha morte.

“Ah!, isto é uma antítese!”, pensou, e durante um longo quarto de hora que durou a cena que lhe fazia Matilde só pensou na senhora de Rênal. Contra sua vontade, e apesar de responder de vez em quando ao que Matilde lhe dizia, não podia arrancar à sua alma a recordação do quarto de dormir de Verrières. Via o jornal de Besançon sobre a colcha de seda cor de laranja. Via aquela mão tão branca que o apertava com um movimento convulsivo; via a senhora de Rênal chorar... Seguia o sulco de cada lágrima naquele rosto encantador.

A menina de La Mole, não podendo obter nada de Julião, mandou entrar o advogado. Felizmente era um antigo capitão do exército de Itália de 1796, onde fora camarada de Manuel.

Para aparentar combateu, pró-forma, a resolução do condenado Julião; querendo tratá-lo com estima, expôs-lhe todas as suas razões.

- Aceito que se possa pensar como o senhor - acabou por lhe dizer o senhor Félix Vaneau, era o nome do homem de leis. - Mas tem três dias para apelar, e é meu dever voltar todos os dias. Se um vulcão se abrisse debaixo da prisão, daqui a dois meses, seríeis salvo. Podereis morrer de doença - disse ele fitando Julião.

Este apertou-lhe a mão.

- Agradeço-vos, sois um homem bom. Pensarei nisso. E quando Matilde saiu, enfim, com o advogado, ele sentia muito mais simpatia pelo advogado do que por ela.

Uma hora depois, quando estava a dormir profundamente, acordou sentindo caírem-lhe nas mãos lágrimas quentes. “Ah! outra vez Matilde”, pensou, meio acordado. “Fiel à sua teoria, vem atacar a minha resolução pelo lado dos sentimentos ternos.”

Aborrecido com aquela nova cena do género patético, não abriu os olhos. Os versos de Belfégor fugindo da sua mulher vieram-lhe à memória.

Ouviu um suspiro estranho; abriu os olhos: era a senhora de Rênal.

- Ah! torno a ver-te antes de morrer! Será uma ilusão? - exclamou ele lançando-se-lhe aos pés. - Mas perdão, minha senhora, a seus olhos sou apenas um assassino - acrescentou imediatamente, voltando a si.

- Senhor, venho pedir-vos que apeleis; sei que não o quereis... - Os soluços, abafaram-na, não podia falar.

- Perdoe-me.

- Se queres que te perdoe - disse-lhe ela erguendo-se e lançando-se-lhe nos braços -, apela imediatamente da tua sentença de morte.

Julião cobria-a de beijos.

- Virás ver-me todos os dias durante estes dois meses?

- Juro-to. Todos os dias, a não ser que o meu marido mo proba.

- Assino! - exclamou Julião. - Pois quê, perdoas-me? Será possível?

Apertava-a nos braços; estava louco. Ela deu um pequeno grito.

- Não é nada - explicou -, fizeste-me doer.

- O teu ombro! - exclamou ele começando a chorar. Afastou-se um pouco e cobriu-lhe a mão de beijos inflamados. - Quem mo teria dito, na última vez que te vi, no teu quarto em Verrières?

- Quem me teria dito então que eu escreveria ao senhor de La Mole aquela infame carta?

- Quero que saibas que te amei sempre, que só te amei a ti.

- Será possível? - exclamou a senhora de Rênal encantada. Encostou-se a Julião, que estava ajoelhado, e durante muito tempo choraram em silêncio.

Em nenhuma época da sua vida Julião tivera um momento assim.

Muito tempo depois, quando puderam falar, a senhora de Rênal disse:

- E aquela jovem senhora Michelet, ou antes, aquela menina de La Mole?... porque começo na verdade a acreditar nesse estranho romance...

- Só é verdadeiro na aparência - respondeu ele. - É minha mulher, mas não minha amada...

Interrompendo-se cem vezes um ao outro, conseguiram com grande dificuldade contar o que ignoravam. A carta enviada ao senhor de La Mole tinha sido escrita pelo jovem padre que dirigia a consciência da senhora de Rênal e em seguida por ela copiada.

- Que horror a religião me fez cometer! - dizia-lhe ela -; e ainda eu atenuei as passagens mais horríveis dessa carta.

O entusiasmo e a felicidade de Julião provavam-lhe como ele lhe perdoava. Nunca estivera tão louco de amor.

- E contudo julgo-me crente - dizia a senhora de Rênal continuando a conversa. - Creio sinceramente em Deus; creio, igualmente, e mesmo isto já me foi provado, que o crime que cometo é horrível, e mal te vejo, mesmo depois de teres disparado dois tiros contra mim... - E, neste momento, Julião, contra a sua vontade, cobriu-a de beijos.

- Deixa-me - continuou ela -, quero raciocinar contigo, com receio de o esquecer... Mal te vejo, todos os deveres desaparecem, sinto apenas amor por ti, ou antes, a palavra amor é fraca de mais. Sinto por ti o que devia sentir unicamente por Deus: uma mistura de respeito, de amor, de obediência... Na verdade, não sei o que me inspiras... Se me ordenasses que desse uma facada no carcereiro, o crime seria cometido antes que eu pensasse nele. Explica-me isto, bem claramente, antes que eu te deixe, quero ver claro no meu coração; porque daqui a dois meses deixar-nos-emos... A propósito: separar-nos-emos? - disse-lhe ela sorrindo.

- Retiro a minha palavra - exclamou Julião levantando-se -; não apelo da sentença de morte se, por envenenamento, punhal, pistola ou qualquer outra maneira, tu procurares pôr fim à tua vida.

A fisionomia da senhora de Rênal mudou de repente; a mais viva ternura deu lugar a uma reflexão profunda.

- Se morrêssemos imediatamente? - disse-lhe ela por fim.

- Quem sabe o que se encontra na outra vida? - respondeu Julião. - Talvez tormentos, talvez nada. Não podemos passar dois meses juntos, de uma maneira deliciosa? Dois meses são bastantes dias. Nunca terei sido tão feliz!

- Nunca terás sido tão feliz?

- Nunca - repetiu ele encantado -, e falo-te como se falasse a mim próprio. Deus me defenda de exagerar.

- Falares assim é dares-me uma ordem - disse ela com um sorriso tímido e melancólico.

- Pois bem! Juras, pelo amor que me tens, não atentar contra a tua vida por

meio algum, directo ou indirecto?.. Pensa - acrescentou ele - que é necessário que vivas para o meu filho, que Matilde abandonará aos criados logo que seja marquesa de Croisenois.

- Juro - retorquiu friamente -, mas quero levar o teu recurso escrito e assinado pela tua mão. Irei eu própria a casa do senhor procurador-geral.

- Tem cuidado, comprometes-te.

- Depois da iniciativa de te vir ver à prisão, sou, para sempre, em Besançon e todo o Franco Condado, uma heroína de comédia - disse ela com um ar profundamente aflito. - Os limites do austero pudor foram ultrapassados... Sou uma mulher com a honra perdida; é verdade que é por ti...

A sua entoação era tão triste que Julião beijou-a com uma felicidade completamente nova para ela. Já não era a embriaguez do amor, era o reconhecimento extremo. Via, pela primeira vez, toda a extensão do sacrifício que ela fizera.

Alguma alma caridosa informou, sem dúvida, o senhor de Rênal das longas visitas que sua mulher fazia à prisão, porque, ao fim de três dias, mandou-lhe a carruagem com a ordem expressa de voltar imediatamente para Verrières.

Aquela separação cruel começara mal o dia para Julião. Duas ou três horas depois avisaram-no de que um certo padre intriguista que, contudo, não conseguira progredir entre os jesuítas de Besançon, estava desde manhã, na rua, junto à porta da prisão. Chovia muito e, ali, este homem pretendia fazer de mártir. Julião estava mal disposto; aquela tolice comoveu-o profundamente.

De manhã já recusara a visita desse padre, mas este homem resolvera confessar Julião e criar nome entre as mulheres novas de Besançon com as confidências que depois pretendia dele ter recebido.

Declarava em voz alta que ia passar o dia e a noite à porta da prisão.

- Deus envia-me para comover o coração deste outro apóstata... - E já o povo, sempre curioso de assistir a cenas como esta, começava a agrupar-se.

- Sim, meus irmãos - dizia-lhes ele -, passarei aqui o dia e a noite, assim como todos os dias e todas as noites que se seguirão. O Espírito Santo falou-me, tenho uma missão do céu; sou eu que devo salvar a alma do jovem Sorel. Juntai às minhas as vossas orações, etc.

Julião tinha horror ao escândalo e a tudo o que podia chamar sobre si a atenção. Pensou em aproveitar o momento para se escapar do mundo, incógnito; mas tinha alguma esperança de tornar a ver a senhora de Rênal e estava perdidamente apaixonado.

A prisão estava situada numa das ruas mais frequentadas. A ideia daquele padre enlameado causando escândalo e fazendo com que se juntasse uma multidão torturava a sua alma. "E, com certeza, repete o meu nome a todos os

instantes!” Este momento foi mais penoso do que a morte.

Por duas ou três vezes chamou, com uma hora de intervalo, um carcereiro que lhe era dedicado para o mandar ver se o padre ainda estava à porta da prisão.

- Senhor, está de joelhos na lama - dizia-lhe sempre o carcereiro -; reza em voz alta e recita litânicas pela vossa alma...

“Que impertinente”, pensou o condenado. Neste momento, com efeito, ouviu um zumbido surdo: era o povo respondendo às litânicas. Para cúmulo de impaciência, viu o próprio carcereiro agitar os lábios repetindo as palavras latinas.

- Começam a dizer - acrescentou o homem - que é preciso que tenha o coração bem endurecido para recusar o socorro daquele santo.

- Oh! minha Pátria, que bárbara ainda és! - exclamou Julião, desvairado de cólera. E continuou o seu raciocínio em voz alta, sem pensar na presença do carcereiro.

“Aquele homem quer um artigo num jornal e ei-lo certo de o obter. Ah! malditos provincianos! Em Paris eu não estaria sujeito a todos estes vexames. Lá o charlatanismo está mais apurado.

“Mande entrar esse santo padre - disse por fim ao carcereiro, e o suor corria-lhe da testa em grandes bagas. O homem benzeu-se e saiu muito alegre.

Aquele santo padre era horrivelmente feio e estava enlameadíssimo. A chuva fria que caía aumentava a obscuridade e a humidade do cárcere. O padre quis beijar Julião e começou a falar-lhe com voz comovida. Era evidente a mais baixa das hipocrisias; nunca, em toda a sua vida, Julião se sentira tão encolerizado.

Um quarto de hora depois da entrada do padre, Julião viu que era um verdadeiro covarde. Pensava no estado de putrefacção em que o seu corpo estaria dois dias depois da execução, etc., etc.

Ia trair-se por qualquer sinal de fraqueza ou atirar-se ao padre e estrangulá-lo com a sua cadeia quando lhe acudiu a ideia de pedir ao santo homem para ir dizer por sua intenção uma missa de quarenta francos naquele próprio dia.

Ora, como era perto do meio-dia, o padre saiu precipitadamente.

Logo que ele saiu, Julião chorou muito, e chorou porque ia morrer. Pensou que se a senhora de Rênal estivesse em Besançon lhe confessaria a sua fraqueza...

No momento em que ele mais lamentava a ausência daquela mulher adorada ouviu os passos de Matilde.

“Na prisão a pior das desgraças é não se poder fechar a nossa porta”, pensou. Tudo o que Matilde lhe disse só o irritou.

Contou-lhe que, no dia do julgamento, o senhor de Valenod, tendo na algibeira a sua nomeação para prefeito, ousara troçar do senhor de Frilair e dar-lhe o prazer de condenar Julião à morte.

“Que ideia teve o nosso amigo - acaba de me dizer o senhor de Frilair - de ir acordar e atacar a pequena vaidade dessa aristocracia burguesa! Para que falar de casta? Indicou-lhes o que deviam fazer no seu interesse político: esses patetas não pensavam nisso e estavam quase a chorar. Esse interesse de casta veio mascarar aos seus olhos o horror de condenar à morte. Há que confessar que o senhor Sorel não tem prática nestes assuntos. Se não conseguirmos salvá-lo com o recurso do perdão, a sua morte será uma espécie de suicídio...”

Matilde não pôde dizer a Julião aquilo de que ela ainda não suspeitava: é que o abade de Frilair, vendo Julião perdido, julgava útil à sua ambição aspirar a tornar-se seu sucessor.

Quase fora de si, cheio de cólera inútil e de contrariedade, Julião disse a Matilde:

- Vá ouvir uma missa por mim e deixe-me um momento em paz.

Ela, a sofrer já do ciúme provocado pelas visitas da senhora de Rênal, e tendo acabado de saber da sua partida, compreendeu a causa do mau humor de Julião e começou a chorar.

A sua dor era verdadeira; ele via-o e ainda mais se irritava.

Tinha uma necessidade imperiosa de solidão, mas como conseguiu-la?

Por fim, Matilde, depois de ter tentado todos os meios para o comover, deixou-o sozinho, mas, quase no mesmo instante, apareceu Fouqué.

- Preciso de estar só - disse ele a este amigo fiel. E, como o visse hesitar, acrescentou: - Estou a escrever uma memória para o meu recurso... De resto... dá-me o prazer de não me falares nunca de morte. Se eu tiver necessidade de

quaisquer serviços particulares nesse dia, deixa-me ser eu a falar-te neles.

Quando conseguiu, enfim, a solidão, achou-se mais acabrunhado e mais covarde do que antes. As poucas forças que restavam àquela alma enfraquecida tinham-se esgotado a mascarar o seu estado de espírito à menina de La Mole e a Fouqué.

Perto da noite, ocorreu-lhe uma ideia consoladora. “Se esta manhã, no momento em que a morte me parecia tão feia, me tivessem chamado para a execução, os olhos do público teriam sido um agulhão de glória; talvez apenas no meu andar houvesse qualquer coisa de afectado, como a de um tímido enfatuado que entra num salão. Algumas pessoas clarividentes, se as houve entre estes provincianos, teriam podido adivinhar a minha fraqueza... mas ninguém a teria visto.”

E sentiu-se aliviado de uma parte da sua desdita. “Neste momento sou um covarde”, repetia para si, em voz alta, “mas ninguém o saberá.”

No dia seguinte esperava-o um acontecimento ainda mais desagradável. Há muito que seu pai anunciava a sua visita.

Naquele dia, antes de Julião acordar, o velho carpinteiro, de cabelos brancos, apareceu-lhe no calabouço.

Julião sentiu-se fraco, esperava as mais desagradáveis censuras. Para acabar de completar a sua situação difícil naquela manhã sentia acerbamente o remorso de não amar o pai.

“O acaso colocou-nos um perto do outro sobre a terra”, dizia para consigo, enquanto o carcereiro procedia à limpeza do cárcere, “e fizemos um ao outro, pouco mais ou menos, todo o mal possível. No momento da minha morte ele vem dar o último golpe.”

As severas censuras do velho começaram logo que ficaram sem testemunha.

O filho não conseguiu reter as lágrimas. “Que fraqueza indigna”, dizia para consigo, cheio de raiva. “Ele irá por toda a parte exagerar a minha falta de coragem; que triunfo para o Valenod e para todos os reles hipócritas, que reinam em Verrières! Em França são bem poderosos, reúnem todas as vantagens sociais. Até aqui eu podia, pelo menos, dizer: “Eles recebem dinheiro, é verdade, todas as honras se acumulam sobre eles, mas eu tenho a nobreza de coração.”

“E aqui está uma testemunha em que todos acreditarão e que certificará em toda Verrières, exagerando, que fui fraco perante a morte! Terei sido um covarde nesta prova que todos aceitam como decisiva.”

Julião estava quase desesperado. Não sabia como mandar o pai embora. E dissimular de maneira a enganar aquele velho tão perspicaz era, neste

momento, coisa acima das suas forças. O seu espírito encarava rapidamente todas as possibilidades.

- Tenho algumas economias! - exclamou ele de repente. Esta frase de génio transformou a fisionomia do velho e a posição de Julião.

- Como devo dispor delas? - continuou ele, mais tranquilo. O efeito produzido tirou-lhe todo o sentimento de inferioridade.

O velho carpinteiro ardia no desejo de não deixar escapar aquele dinheiro, uma parte do qual lhe parecia que o filho queria deixar aos irmãos. Falou durante muito tempo e acaloradamente. Julião pôde até gracejar.

- Pois bem! O senhor inspirou-me as disposições do meu testamento. Darei mil francos a cada um dos meus irmãos e o resto a si.

- Muito bem - respondeu o velho -, esse resto é-me devido: mas, visto que Deus fez a graça de comover o vosso coração, e quer morrer como bom cristão, convém pagar as vossas dívidas. Há ainda as despesas da vossa alimentação e da vossa educação, que eu adiantei e nas quais não pensais...

“Aqui está o que é o amor de pai!”, repetia para consigo Julião, com a alma desolada, quando, por fim ficou só. Pouco depois apareceu o carcereiro.

- Senhor, depois da visita dos parentes chegados, trago sempre aos meus hóspedes uma garrafa de bom champanhe. É um pouco caro, seis francos por garrafa, mas alegra o coração.

- Traga três copos - respondeu-lhe Julião com um entusiasmo infantil - e mande entrar dois dos presos que ouço passear no corredor.

O homem trouxe-lhe dois condenados reincidentes que se preparavam para as galés. Eram bandidos muito alegres, e realmente notáveis, pela finura, coragem e sangue-frio.

- Se me der vinte francos - disse um deles -, conto-lhe detalhadamente a minha vida. É perfeita...

- Mas vais mentir-me? - perguntou Julião.

- Não - respondeu ele. - O meu amigo que aqui está, e que tem inveja dos vinte francos, denunciar-me-á se eu disser falsidades.

A sua história era abominável. Revelava um coração corajoso onde havia apenas uma paixão: a do dinheiro.

Depois da partida daqueles homens Julião já não era o mesmo.

Toda a sua cólera contra si próprio desaparecera. A dor atroz, envenenada pela pusilanimidade que dele se apoderara desde a partida da senhora de Rênal transformara-se em melancolia.

“À medida que as aparências me fossem iludindo cada vez menos”, pensava, “iria vendo que os salões de Paris estão povoados de pessoas com a honestidade de meu pai, ou de patifes hábeis como esses condenados. Têm

razão; nunca os homens de sociedade se levantam de manhã com este pensamento pungente: “Como jantarei?” E gabam a sua probidade! E, chamados para serem jurados, condenam orgulhosamente o homem que roubou um talher de prata porque se sentia desfalecer de fome!

“Mas há uma corte? Trata-se de perder ou ganhar uma pasta ministerial? - as honradas pessoas de sociedade cometem crimes exactamente iguais aos que a necessidade de jantar inspirou a estes condenados às galés...

“Não há direito natural: esta frase é apenas uma antiga tolice bem digna do promotor-geral que outro dia me acusou, e cujo avô enriqueceu com uma confiscação de Luís XIV. Só há direito quando existe uma lei que possa impedir que se faça determinada coisa, sob pena de castigo. Antes da lei só o que há de natural é a força do leão ou a necessidade do ser que tem fome, que tem frio, numa palavra: a necessidade. Não, as pessoas a quem rendem honras são apenas ladrões que tiveram a felicidade de não serem apanhados em flagrante delito. O acusador que a sociedade lança sobre mim enriqueceu com uma infâmia... Eu cometi um assassinio, e sou justamente condenado, mas, comparando apenas com esta acção, o Valenod, que me condenou, é cem vezes mais nocivo à sociedade do que eu. Pois bem!”, acrescentou Julião tristemente, mas sem cólera, “apesar da sua avareza, o meu pai vale mais do que todos estes homens. Nunca me teve amor. Acabei por encher a medida desonrando-o com uma morte infame. Este receio de não ter dinheiro, esta opinião exagerada da maldade dos homens que se chama avareza faz-lhe considerar como um prodigioso motivo de consolação e de segurança uma quantia de trezentos ou quatrocentos luíses que lhe posso deixar. Um domingo, depois de jantar, mostrará o seu ouro a todos os invejosos de Verrières. “Por este preço - dir-lhes-á o seu olhar -, qual de entre vós não ficaria encantado por ter um filho guilhotinado?”

Esta filosofia podia ser verdadeira, mas era de natureza a fazer desejar a morte. Assim se passaram cinco longos dias.

Ele era delicado e meigo com Matilde, que vivia desesperada pelo mais acerbo dos ciúmes. Uma noite, Julião pensou seriamente em se matar. A sua alma estava enervada pela infelicidade profunda em que a partida da senhora de Rênal o lançara. Nada já lhe agradava nem na vida real, nem na imaginação. A falta de exercício começava a alterar-lhe a saúde e a dar-lhe o carácter exaltado e fraco de um jovem estudante alemão. Perdia aquela altivez viril que afasta, com uma praga enérgica, certas ideias pouco próprias que assaltam a alma dos infelizes.

“Amei a verdade... Onde está ela?... Por toda a parte hipocrisia ou, pelo menos, charlatanismo, até mesmo nos mais virtuosos, até nos maiores.” E os seus lábios tomaram uma expressão de repugnância... “Não, o homem não

pode confiar no homem.”

“A senhora de..., ao fazer um peditório para os seus órfãos pobres, dizia-me que um certo príncipe acabara de lhe dar dez luíses; era mentira. Mas, que digo eu? Napoleão em Santa Helena!... Puro charlatanismo, proclamação a favor do rei de Roma.

“Santo Deus! Se um tal homem, e ainda para mais quanto a desgraça o deve chamar severamente ao dever, se baixa até ao charlatanismo, que se deve esperar do resto da humanidade?...

“Onde está a verdade? Na religião... Sim”, acrescentou ele com o sorriso amargo do maior desprezo, “na boca dos Maslon, dos Frilair, dos Castanède... Talvez no verdadeiro cristianismo, em que não se pagaria nada aos padres, tal como não se pagava aos apóstolos!... Mas São Paulo foi compensado pelo prazer de mandar, de falar, de fazer com que falassem de si...

“Ah! se houvesse uma religião verdadeira... Que tolo que sou! Vejo uma catedral gótica, vitrais veneráveis; o meu fraco coração imagina o padre oficiando por detrás desses vitrais... A minha alma compreendê-lo-ia, a minha alma tem necessidade dele... Encontro apenas um pretensioso com cabelos sujos... salvo os enfeites, um cavaleiro de Beauvoisis.

“Mas um verdadeiro padre, um Massillon, um Fénelon...”

Massillon sagrou Dubois. As Memórias de São Simão estragaram-me Fénelon; mas, enfim, um verdadeiro padre... Então as almas ternas teriam no mundo um ponto de reunião... Não estaríamos isolados... Esse bom padre falar-nos-ia de Deus. Mas que Deus? Não o da Bíblia, pequeno déspota cruel e cheio de sede de vingança... mas o Deus de Voltaire, justo, bom, infinito...”

Sentiu-se agitado por todas as recordações daquela Bíblia que sabia de cor... “Mas como é possível, sendo três juntos, acreditar nesse grande nome: Deus, depois do abuso terrível que dele fazem os nossos padres?

“Viver isolado! Que tormento!...”

“Estou a tornar-me louco e injusto”, disse para consigo Julião, batendo na testa. “Aqui neste cárcere estou isolado; mas na terra não vivi isolado; tinha a poderosa ideia do dever. O dever que me era prescrito com ou sem razão... Foi como o tronco de uma árvore sólida à qual me apoiava durante a tempestade; vacilava, estava agitado. Afinal, era apenas um homem... mas não era levado.

“É o ar húmido deste calabouço que me faz pensar no isolamento...”

“E para quê ser ainda hipócrita ou maldizer a hipocrisia? Não é nem a morte, nem o cárcere, nem o ar húmido; é a ausência da senhora de Rênal que me oprime. Se, em Verrières, para a ver, fosse obrigado a viver semanas inteiras escondido nas caves da sua casa queixar-me-ia?

“A influência dos meus contemporâneos é que vence”, disse ele em voz

alta e com um riso amargo. “Falando sozinho comigo próprio, a dois passos da morte, ainda sou hipócrita... Oh! século XIX!

“Um caçador dispara um tiro de espingarda numa floresta, a sua presa cai, ele corre para a agarrar. O seu calçado bate num formigueiro de dois pés de altura, destrói a habitação das formigas, atira-as para longe, bem como aos seus ovos... As mais filósofas das formigas não poderão nunca compreender esse corpo negro, imenso, horrível... a bota do caçador que de repente penetrou na morada delas com uma incrível rapidez, e precedida de um ruído pavoroso, acompanhado de centelhas de um fogo avermelhado.

“... Assim a morte, a vida, a eternidade, coisas muito simples para quem tivesse órgãos suficientemente vastos para as conceber...

“Uma mosca efémera nasce às nove horas da manhã nos grandes dias de Verão, para morrer às cinco horas da tarde; como é que ela podia compreender a palavra noite?

“Dai-lhe cinco horas de vida a mais, ela verá e compreenderá o que é a noite.

“Assim, eu morrerei aos vinte e três anos. Dai-me mais cinco anos de vida para viver com a senhora de Rênal...”

Pôs-se a rir como Mefistófeles. “Que loucura discutir estes grandes problemas!

“1. Sou hipócrita como se estivesse aqui alguém a ouvir-me;

“2. Esqueço-me de viver e de amar, quando me restam tão poucos dias de vida... Ai!, a senhora de Rênal está longe; talvez o marido a não deixe mais voltar a Besançon e continuar a desonrar-se.

“Eis o que me isola, e não a ausência de um Deus justo, bom, todo-poderoso, sem maldade, sem avidez de vingança...

“Ah!, se existisse... ai!, cairia a seus pés. Mereci a morte, dir-lhe-ia; mas, Deus grande, Deus bom, Deus indulgente, restitui-me aquela que amo!”

A noite ia muito adiantada. Depois de uma hora ou duas de um sono calmo chegou Fouqué.

Julião sentia-se forte e resolutivo como um homem que vê claro na sua alma.

- Não quero fazer a esse pobre abade de Chas-Bernard a partida de o mandar chamar - disse ele a Fouqué.

- Durante três dias não poderia comer. Mas procura-me um jansenista amigo do senhor Pirard e inacessível à intriga.

Fouqué esperava isto com impaciência. Julião desonerou-se correctamente de tudo o que se deve à opinião pública na província. Graças ao senhor abade de Frilair, e apesar da má escolha do seu confessor, o prisioneiro era no seu cárcere o protegido da congregação; com mais habilidade teria podido fugir. Mas o mau ar da prisão produzira o seu efeito e o seu raciocínio enfraquecia. Sentiu-se ainda mais feliz quando a senhora de Rênal voltou.

- O meu primeiro dever é para contigo - disse-lhe ela beijando-o. - Fugi de Verrières...

Julião não tinha amor-próprio quando se tratava dela; contou-lhe todas as suas fraquezas. Ela foi boa e encantadora para ele.

À noite, mal saiu da prisão, mandou vir a casa da tia o padre que se agarrara a Julião como uma presa; como ele queria apenas ganhar prestígio junto das jovens da alta sociedade de Besançon, a senhora de Rênal encarregou-o facilmente de ir fazer uma novena na abadia de Bray-le-Haut.

Nenhuma palavra pode exprimir o excesso e a loucura do amor de Julião.

À força de dinheiro e usando e abusando da influência da tia, devota conhecida e rica, a senhora de Rênal obteve licença para o visitar duas vezes por dia.

Ao saber disto, os ciúmes de Matilde exaltaram-se até ao desvairamento. O senhor de Frilair confessara-lhe que o seu poder não chegava ao ponto de afrontar todas as conveniências para conseguir que ela visitasse o seu amigo mais de duas vezes por dia. Matilde mandou seguir a senhora de Rênal a fim de saber todos os passos que ela dava. O senhor de Frilair esgotava todos os recursos de um espírito bastante hábil para lhe provar que Julião era indigno dela.

No meio de todos estes tormentos ainda o amava mais, e quase todos os dias lhe fazia uma cena horrível. Ele queria portar-se até ao fim como um homem honesto para com aquela rapariga que tão estranhamente compromete-

tera; mas, a todos os instantes, o amor desordenado que tinha pela senhora de Rênal arrastava-o. Quando, inventando explicações, não conseguia chegar a persuadir Matilde da inocência das visitas da sua rival, dizia para consigo: “Agora o fim do drama deve estar bem próximo; é uma desculpa para mim, se não sei dissimular melhor.”

A menina de La Mole teve conhecimento da morte do marquês de Croisenois. O senhor de Thaler, esse homem tão rico, tivera o atrevimento de fazer apreciações desagradáveis a respeito do desaparecimento de Matilde; o senhor de Croisenois foi-lhe pedir para as desmentir: o senhor de Thaler mostrou-lhe cartas anónimas que lhe eram dirigidas, cheias de pormenores ligados com tanta arte que foi impossível ao pobre marquês não se aperceber da verdade.

O senhor de Thaler fez apreciações grosseiras. Louco de cólera e dor, o marquês exigiu tais satisfações que o milionário preferiu um duelo. A estupidez triunfou; e um dos homens mais dignos de serem amados foi morto com menos de vinte e quatro anos.

Esta morte causou uma impressão estranha e doentia na alma enfraquecida de Julião.

- Pobre Croisenois - dizia ele a Matilde -, foi realmente bem razoável e bem honesto para connosco; devia odiar-me na ocasião das vossas imprudências no salão da senhora vossa mãe e procurar ter uma questão comigo; porque o ódio que se segue ao desprezo é habitualmente terrível.

A morte do senhor de Croisenois modificou todas as ideias de Julião a respeito do futuro de Matilde; empregou vários dias a provar-lhe que devia aceitar a mão do senhor de Luz. “É um homem tímido, não muito hipócrita”, disse-lhe ele, “e que sem dúvida vai ser um candidato. Com uma ambição mais sombria e mais perseverante que a do pobre Croisenois, e sem ducados na família, não levantará dificuldade alguma para casar com a viúva de Julião Sorel.”

- É uma viúva que despreza as grandes paixões - replicou Matilde friamente - porque viveu o suficiente para ver, depois de seis meses, o seu amante preferir uma outra mulher, origem de todas as suas desgraças.

- Sois injusta; as visitas da senhora de Rênal facultarão frases estranhas ao advogado de Paris encarregado do meu recurso; pintará o assassino honrado com as atenções da sua vítima. Isto pode fazer efeito, e talvez um dia me vejais assunto de qualquer melodrama, etc., etc.

Um ciúme furioso, impossível de vingar, a continuidade de uma infelicidade sem esperança porque, mesmo supondo Julião salvo, como tornar a conquistar o seu coração. E a vergonha e a dor de amar mais do que nunca

aquele infiel, tinham lançado a menina de La Mole num silêncio triste, a quem nem os cuidados solícitos do senhor de Frilair, nem a rude franqueza de Fouqué, conseguiam arrancá-la.

Julião, excepto nos momentos usurpados pela presença de Matilde, vivia de amor e quase sem pensar no futuro. Por um estranho efeito dessa paixão, quando ela é extrema e sem fingimento algum, a senhora de Rênal partilhava quase a sua despreocupação e doce alegria.

- Antigamente - dizia-lhe Julião -, quando eu poderia ter sido tão feliz durante os nossos passeios nos bosques de Vergy, uma fogosa ambição arrasava a minha alma para as regiões da fantasia. Em lugar de apertar contra o meu coração este braço encantador que estava tão perto dos meus lábios, o futuro roubava-me a tua presença; eu estava entregue aos inúmeros combates que teria de travar para conseguir uma fortuna colossal... Não, eu morreria sem conhecer a felicidade se não tivesses vindo visitar-me a esta prisão.

Dois acontecimentos vieram perturbar esta vida tranquila. O confessor de Julião, apesar de ser jansenista, não ficou ao abrigo de uma intriga dos jesuítas, e, contra sua vontade, tornou-se seu instrumento.

Um dia veio dizer ao prisioneiro que, se não caísse no horrível pecado do suicídio, devia fazer todas as diligências possíveis para obter o seu perdão. Ora, como o clero tinha muita influência no Ministério da Justiça de Paris, um meio fácil se apresentava: era preciso fazer uma conversão estrondosa.

- Estrondosa - repetiu Julião. - Ah! apanho-o, também a si, meu padre, representando comédia como um missionário.

- A vossa idade - continuou gravemente o jansenista -, a simpática fisionomia que a Providência vos deu, o próprio motivo do vosso crime, que continua inexplicável, as heróicas diligências que a menina de La Mole faz a vosso favor, tudo, enfim, até a espantosa amizade que por vós mostra a vossa vítima, tudo contribuiu para fazer de vós o herói das jovens de Besançon. Por vós, tudo esqueceram, até a política... A vossa conversão ressoaria nos seus corações e deixaria neles uma profunda impressão. Podeis ser de uma utilidade enorme para a religião, e eu não devo hesitar pela frívola razão de os jesuítas, neste caso, procederem como eu estou procedendo! Assim mesmo, nesta circunstância particular, que escapa à sua capacidade, ainda seriam nocivos! Que não seja assim... As lágrimas que a vossa conversão fará chorar anularão o efeito corrosivo de dez edições das obras de Voltaire.

- E que me restará se eu me desprezar a mim próprio? - respondeu friamente Julião. - Fui ambicioso, não quero censurar-me; procedi conforme as conveniências de ocasião. Agora vivo o dia-a-dia, mas diante da minha terra sentir-me-ia muito infeliz se me abandonasse a qualquer cobardia...

Julião foi muito mais sensível ao outro incidente, causado pela senhora de Rênal. Não sei que amiga intrigante conseguira persuadir aquela alma ingênua e tão tímida de que era seu dever partir para Saint-Cloud e ir lançar-se aos pés do rei Carlos X.

Fazia o sacrifício de se separar de Julião, e, depois de um tal esforço, dar um espectáculo que noutros tempos lhe teria parecido pior do que a morte já não era nada a seus olhos.

- Irei ao rei, confessarei em voz alta que és meu amante: a vida de um homem, e de um homem como Julião, deve sobrepor-se a todas as considerações. Direi que foi por ciúme que atentaste contra a minha vida. Há numerosos exemplos de pobres rapazes salvos, nestes casos, pela humanidade do júri ou pela do rei...

- Deixo de te ver e faço com que fechem a minha prisão - exclamou Julião - e no dia seguinte mato-me de desespero, se não me jurares que não fazes diligência alguma que nos dê a ambos em espectáculo ao público. Esta ideia de ir a Paris não é tua. Diz-me o nome da intriguista que ta sugeriu... Sejamos felizes durante os poucos dias desta curta vida. Escondamos a nossa existência; o meu crime é evidente de mais. A menina de La Mole tem grande influência em Paris. Acredita que ela faz tudo o que é humanamente possível. Aqui na província tenho contra mim todas as pessoas ricas consideradas. A tua diligência azedaria ainda mais essas pessoas ricas e sobretudo moderadas, para quem a vida é coisa tão fácil... Não demos razão para que riam os Maslon, os Valenod e mil outras pessoas que valem mais do que eles.

A má atmosfera do cárcere tornava-se insuportável para Julião. Por felicidade, no dia em que anunciaram que tinha de morrer, um belo sol alegrava a natureza e ele sentia-se corajoso.

Caminhar ao ar livre foi uma sensação deliciosa, como o passeio em terra para o navegador que andou muito tempo no mar. "Vamos, tudo vai bem", disse para consigo, "não me falta a coragem."

Nunca aquela cabeça tinha sido tão poética como no momento em que ia tombar. Os doces instantes que em tempos vivera nos bosques de Vergy voltavam todos ao seu pensamento e com uma energia extraordinária.

Tudo se passou simplesmente, convenientemente, e da sua parte sem afectação alguma.

Na antevéspera dissera a Fouqué:

- Quanto à emoção, nada posso afiançar; este calabouço é tão frio, tão húmido, e dá-me tais momentos de febre que nem me reconheço; mas de medo não, não me verão empalidecer.

Manobrara antecipadamente para que, na manhã do último dia, Fouqué

raptasse Matilde e a senhora de Rênal.

- Leva-as na mesma carruagem - dissera-lhe. - Arranja-te de maneira que os cavalos da mala-posta vão sempre a galope. Cairão nos braços uma da outra, ou então mostrarão um ódio mortal. Em qualquer dos casos, as pobres mulheres distrair-se-ão um pouco da sua dor terrível.

Exigira da senhora de Rênal o juramento de que viveria para cuidar do filho de Matilde.

- Quem sabe? Talvez tenhamos ainda sensações depois da nossa morte - dizia ele um dia ao amigo. - Gostaria de repousar, visto que é esta a palavra própria naquela pequena gruta da grande montanha que domina Verrières. Várias vezes, e já to contei, me retirei de noite para aquela gruta e, olhando ao longe as mais ricas províncias da França, a ambição inflamou a minha alma: nesse tempo era a minha paixão... Enfim, tenho amor a essa gruta e não se pode discordar de que esteja situada de forma a causar inveja à alma de um filósofo... Pois bem! Esses bons congreganistas de Besançon fazem dinheiro com tudo; se souberes manobrar, vender-te-ão os meus despojos mortais.

Fouqué conseguiu conduzir com êxito este triste assunto.

Velava de noite, sozinho, no quarto, perto do corpo do seu amigo, quando viu entrar Matilde. Poucas horas antes deixara-a a dez léguas de Besançon. Tinha o olhar e os olhos alucinados.

- Quero vê-lo - exclamou ela.

Fouqué não teve coragem para falar, nem para se erguer. Apontou-lhe com o dedo um grande casaco azul estendido no sobrado; dentro dele estava embrulhado o que restava de Julião.

Ela lançou-se de joelhos. Sem dúvida, a recordação de Bonifácio de La Mole e de Margarida de Navarra deu-lhe uma coragem sobre-humana. As suas mãos trémulas abriram o casaco.

Fouqué desviou os olhos.

Ouviu Matilde andar precipitadamente no quarto. Acendia várias velas. Quando teve força para olhar, viu que ela tinha colocado sobre uma mesinha de mármore, diante de si a cabeça de Julião e a beijava na testa...

Seguiu o amante até ao túmulo que ele escolhera. Um grande número de padres escoltavam o caixão e, sem ninguém saber, sozinha na sua carruagem fechada, Matilde levou sobre os joelhos a cabeça do homem que tanto amara.

Chegados assim até ao ponto mais elevado de uma das altas montanhas do Jura, no meio da noite, naquela pequena gruta magnificamente iluminada por grande número de círios, vinte padres celebraram o ofício dos mortos. Todos os habitantes das pequenas aldeias da montanha atravessadas pelo cortejo fúnebre tinham-no seguido, atraídos pela singularidade daquela

estranha cerimónia.

Matilde apareceu no meio deles, com longos vestidos de luto, e, no fim dos ofícios, mandou-lhes atirar alguns milhares de moedas de cinco francos.

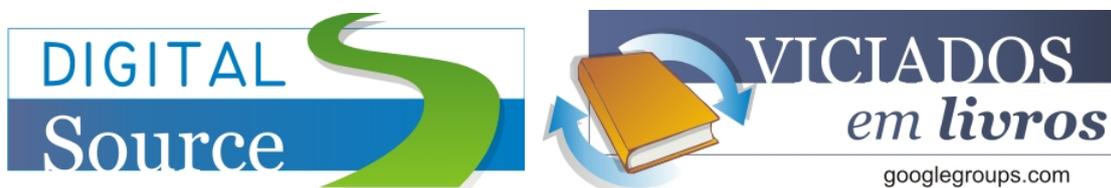
Ao ficar só com Fouqué, quis amortilhar com as suas próprias mãos a cabeça do seu amante. Fouqué quase enlouqueceu de dor.

Os cuidados de Matilde fizeram com que aquela gruta selvagem fosse ornamentada com mármore ricamente esculpido em Itália.

A senhora de Rênal foi fiel à sua promessa. Não procurou de forma alguma atentar contra a sua vida; mas, três dias depois da morte de Julião, morreu beijando os filhos.

## NOTA FINAL

O inconveniente do reino da opinião pública, que aliás vem da liberdade, é que se imiscui naquilo em que não tem que intrometer-se; por exemplo: a vida particular. Daí vem a tristeza da América e da Inglaterra. Para evitar tocar na vida privada, o autor inventou uma pequena cidade, Verrières, e, quando necessitou de um bispo, de um júri, de um tribunal, colocou tudo isto em Besançon, onde nunca esteve.



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

[http://groups-beta.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros)